LESLIE FLINT

TESTEMUNHOS II

Tradução: Amadeu António

Betty Greene e George Woods

Organizadores iniciais das centenas de gravações de Flint

Rose Creet

10 de julho de 1973

Acham-se presentes Rose Creed, Gwen Vaughan e Bramwell Rogers; comunicadores: Mickey e Dr. Marshall. Esta fita é do foro pessoal da Sra. Creed e o único assunto discutido é a saúde da Sra. Creet.

Mickey: Como estás?

Rose: Olá.

Mickey: Olá, querida.

Rose: Bem, estou bem, querido.

Mickey: Olá, boa noite.

Gwen: Olá, Mickey.

Mickey: Achas difícil hoje, não achas?

Rose: Não, eu não disse isso.

Mickey: Eu posso dar-te o suficiente. Como estás, Gwen?

Gwen: Estou bem, muito obrigada.

Rose: Bem, entretanto eu estou bem. Eu não disse isso.

Gwen: O Mickey está a fingir que não estava à espera.

Mickey: Consegues ouvir-me, Rose?

Rose: Consigo ouvir-te, sim.

Mickey: Consegues ouvir-me devidamente?

Rose: Sim, consigo ouvir-te devidamente.

Mickey: Ah, bem. Isso faz com que esteja bem agora, certo? Como estás, Gwen?

Gwen: Estou bem, prazer em ver-te. Está um pouco cansada, ela está cansada.

Rose: Não sei por que estive tão ocupada a noite toda.

Mickey: A Janice e o Nicholas ficaram muito satisfeitos agora mesmo. Rose?

Rose: Sim.

Mickey: Bem, eles não são os melhores, são melhores do que eu.

Rose: Pois.

Mickey: Mas claro, Mike.

Bramwell: Bem, suponho que, sendo realmente uma (…), poderia ouvir.

Mickey: Eu dei-lhe comida.

Bramwell: Não, não foi fácil.

Mickey: Não consigo superar o facto de a Rose ter descido para nos (…). O que pensa da cadeira?

Rose: Não acho que seja uma boa ideia.

Mickey: Bem, sim ou não?

Rose: Não.

Mickey: Não quer saber.

Bramwell: Fique quieta.

Mickey: Bem, foi isso que... sabe o que ela disse?

Bramwell: A Rose?

Mickey: Não.

Bramwell: Sobre a cadeira.

Mickey: O que tem?

Rose: Ah, com certeza.

Mickey: Eu pensei nisso.

Rose: Oh.

Mickey: É uma ideia muito boa.

Rose: Oh, sim, é isso.

Mickey: Temporário, na verdade.

Rose: Quanto tempo achas que a vou ter?

Mickey: Não por muito tempo.

Rose: Eu não...

Mickey: Não por muito tempo.

Rose: Não, quanto tempo?

Mickey: Tenho de lhe arranjar uma brincadeira.

Rose: Se quiseres.

Mickey: A correr.

Rose: Acho que não estiveste aqui, Papá.

Mickey: Eu sei.

Bramwell: Consegue ouvir-me bem?

Mickey: Não ouças isso.

Rose: O que é que ele disse, Bram?

Bramwell: Ele não acha que o consigas ouvir, Papá.

Mickey: Não, está certo.

Bramwell: Às vezes consigo.

Rose: Às vezes consigo.

Mickey: Suponho que não falo tão claramente como alguns, certamente.

Rose: Não sei.

Mickey: Pensei que talvez tivesses ouvido melhor.

Rose: Não, Brownie. Provavelmente, uma vez que me apanhou, apanhou-me para sempre, Mickey.

Mickey: Bem, eu não diria isso. Quero dizer, à sua maneira suponho que tenha razão, mas...

Eu sou uma pessoa real. É diferente, mas quando volto, eu meio que volto a ser eu próprio, suponho eu, e porquê. Parte do libertador. Parte do... bem, suponho que tenha um significado. Ajuda as pessoas, leva algumas a rir, quero dizer, não sei. Ah, bem, se eu arranjasse outra pessoa, deveria tê-lo feito. A Rosie quer o Marshall. Ah, eu sei. Ela quer o Marshall. Acho que a Rosie quer o Marshall. Sim, eu sei que ela o quer.

Dr. Marshall: Olá, olá.

Rose: Olá, olá.

Mickey: Ouvi esta conversa.

Dr. Marshall: São artes marciais. É por isso que venho aqui. Rose.

Rose: Sim, doutor querido.

Dr. Marshall: Consegues ouvir-me?

Rose: Consigo agora.

Dr. Marshall: Sim, bom. Bem, isto não é uma surpresa para mim.

Rose: Sim.

Dr. Marshall: Tenho estado à espera de vir falar comigo há semanas.

Rose: O quê?

Gwen: Ele tem estado à espera de vir falar com ele há semanas.

Dr. Marshall: E a Rose não me queria mesmo contar o que aconteceu, pergunto-me. Tem medo de mim ou de si própria em relação ao que aconteceu? No que me diz respeito, tenho estado muito, muito, muito, muito próximo de si. Mas a Rose provavelmente, espero eu, saberá que tenho estado muito ansioso por falar contigo. Mas percebo, claro, tão bem quanto a Rose, que o médium está terrivelmente sobrecarregado.

Rose: Sim.

Dr. Marshall: E eu, claro, estou ciente do facto de que ele deveria estar de folga.

Rose: Pois.

Dr. Marshall: E suponho que, em certo sentido se possa dizer que somos muito parecidos, eu e a Rose, que não gostamos de pressionar ou tentar forçar demasiado, onde percebemos que o médium precisa de descanso. Mas eu

queria muito falar contigo porque tenho estado muito consciente da situação atual que se desenvolveu com respeito à tua perna.

Rose: Sim.

Dr. Marshall: Mas claro, sabes, isto é uma questão de idade. E tem de se aceitar, até certo ponto, que isso não se deve ao facto, claro, de termos estado a tentar, no melhor das nossas capacidades, fazer tudo o que podíamos para aliviar a dor e também, claro, para proporcionar uma situação melhor para ti.

Rose: Pois.

Dr. Marshall: E, claro, vê bem, temos de encarar o facto óbvio de que, embora possamos e por vezes façamos muito para aliviar e ajudar, e nalguns casos curar, chega um ponto em que é muito mais difícil e, até certo ponto, restrito. Vê bem, a questão é que estás a sofrer, lamento dizer isto, endurecimento das artérias.

Rose: Pois.

Dr. Marshall: E embora, considerando tudo, tenha passado bem, notavelmente bem, uma grande parte disto deve-se ao facto de estares a ter bloqueios.

Rose: É o quê?

Dr. Marshall: Bloqueios em certas partes do corpo.

Rose: Pois.

Dr. Marshall: O sangue não está a fluir como deveria. E ocasionalmente fixa-se e coagula numa determinada posição, o que, claro, é muito mau e também te causa uma dor excruciante.

Rose: Pois claro.

Dr. Marshall: Mas percebo que, embora se possa fazer algo para aliviar isso através de novos métodos que foram introduzidos na profissão médica desde que deixei a terra — quero dizer, houve avanços de natureza científica — penso que seria muito errado da minha parte sugerir que não deverias tirar partido deles. Penso que seria bem aconselhar-te a aceitar a sugestão que te foi feita.

Rose: Aceitaria, sim.

Dr. Marshall: Fazer esse tratamento, acho que poderia ser uma grande bênção para ti.

Rose: Pois, agradeço-lhe, Doutor.

Dr. Marshall: A questão é que temos de encarar o facto óbvio de que se pode fazer uma certa quantidade, obviamente. Mas pode ser recorrente. Não te quero deprimir, mas acho que tenho todo o direito de te dizer a verdade tal como a vejo. Ora, a situação tem estado muito pior nestas últimas semanas, por ter afetado muito a tua perna. Mas, claro, temos de voltar ao ponto óbvio de que, durante muitos anos, quase nunca exercitaste a tua perna devidamente. Não te estou a culpar por isso, mas sinto que a falta de exercício tem sido, até certo ponto, a causa.

Rose: Pois.

Dr. Marshall: Há um mês, quando estávamos muito preocupados contigo, aconteceu algo semelhante, porém não na perna. Aconteceu na cabeça. Felizmente, isso não foi tão grave ou tão mau como poderia ter sido. Vê bem, o fluxo sanguíneo nem sempre é como deveria ser normal contigo. E há pontos em que o sangue não consegue fluir livremente. Fica retido em certas artérias. E as artérias não fazem o seu trabalho eficientemente. Ficam, por assim dizer, como canos velhos. Ficam entupidas, sabes.

Rose: Sim.

Dr. Marshall: E então não consegue um fluxo limpo. Vê, tens uma paragem. E se não houver um fluxo adequado, por exemplo, na tua perna, então obviamente isso vai se tornar um grande problema. E, infelizmente, terás dor. Mas, claro, encaremos o facto óbvio de que, se fosse num pulmão, poderia ser extremamente grave.

Rose: Pois.

Dr. Marshall: Mas não te quero preocupar. Não te quero assustar. Não há razão para ficares preocupada.

Rose: Não estou assustada.

Dr. Marshall: Não é tão grave ou tão mau quanto, de facto, possa parecer. Acho que deves fazer esse tratamento. Fazes bem. Fará o fluxo correr novamente, o que é importante. Abrirá, por assim dizer, o canal para o sangue fluir.

Rose: Sim.

Dr. Marshall: Mas temos de encarar o facto, Rose. Temos de encarar o facto de que, durante muitos anos, tiveste muitos problemas com os pés. E

esse é o teu ponto mais fraco, suponho. E é aqui que provavelmente encontrarás mais dificuldade e problemas. Mas temos-te dado tratamento, religiosa e regularmente, durante meses e meses e meses. Mas, claro, há um limite para o que podemos fazer. Acho que esta situação atual, que surgiu, em certo sentido é... eu não ia usar a palavra necessária. Acho que é verdade dizer que chegou ao ponto em que deve ter tratamento médico, aconselhamento médico. E pode, com os novos processos e procedimentos modernos que eles têm — coisas das quais eu nada conhecia quando estava na terra; que nunca teriam existido de qualquer forma. Acho que devemos tirar partido disso. Abrirá o fluxo e aliviará a situação. Mas terás de fazer exercícios. Acho que isso é importante para a tua perna.

Rose: Pois, muito obrigada por isso.

Dr. Marshall: Tens de ajudar a tua perna a voltar a algo próximo do normal. Porque sabes que não está normal, por uma margem muito, muito grande. Quero dizer, acho que devias fazer mais exercício. Não quero dizer que devas levantar-te e andar por aí e esforçar-te desta forma. Mas deves exercitar essa perna, especialmente depois de teres feito esse tratamento. Acho que serás bem-aconselhada. Serás aconselhada em qualquer lugar onde acabares por ir.

Rose: Bem, eles querem que eu vá para o hospital por uma noite.

Dr. Marshall: Bem, isso pode prolongar-se por duas ou três de cada vez. Não acho que isso te deva preocupar. Acho que deves fazer isso. Acho que é algo que, obviamente, é necessário. Podes redimir muita da dor e dar fluxo à perna através da corrente sanguínea. Como sabes, esse é o ponto em que isto acontece. A idade, claro, é parte da causa principal. O fluxo sanguíneo não está normal. Fica, por assim dizer, preso em certos locais. E então sofres inchaço. E tensão. E tens dor em consequência. Por vezes, o que é muito mau, claro. Precisa ser visto, Rose.

Rose: Pois.

Dr. Marshall: Não há alternativa, minha cara. Tens de passar por isso. Mas não acho que tenhas qualquer motivo indevido para te preocupares com isso. Serás bem cuidada. E vais passar por isso sem problemas. É, em certo sentido, algo sério. Mas significa que é algo que tem de ser feito. E que certamente abrirá o caminho para que tenhas mais liberdade também. Acho que te será dito, tenho a certeza de que te será dito, em que fase deves exercitar-se, e fazer muito mais. Não quero dizer necessariamente nesta fase.

Tens de colocar pressão e andar. Mas acho que terás de te exercitar. É claro que o sangue pode ser levado a uma operação mais livre.

Rose: Sim.

Dr. Marshall: Normalmente, tem provoca dano terrível. É o que está a causar a dor. Não é o pé propriamente dito, enquanto tal. Bem, os teus pés foram sempre um grande problema, nós sabemos. Mas não é o pé propriamente dito, enquanto tal. É o facto de o sangue não estar a fluir livremente. E é isso que está a provocar a dor. E, claro, está a afetar muito a perna. É por isso que tens de avançar com isto. É essencial pôr o sangue a fluir novamente. Conseguir algo parecido com o normal na tua perna. Nada de perna novamente, caso contrário poderia ser muito mau. Aconselho-te vivamente a fazer isso.

Rose: Sim. Eu teria ouvido falar disso lá. Foi por isso que quis que viesse falar comigo sobre o assunto, para ter a certeza do que eu deveria fazer. Achei melhor consultá-lo, porque faz tanto por mim.

Dr. Marshall: Serei bastante honesto e franco, claro, sobre tudo isso, que podemos fazer muito deste lado. Seja fé, com o paciente, seja compreensão, podemos fazer muito. Mas temos de ser francos e admitir o facto óbvio de que, com a dor, é muito mais difícil. Quero dizer, o corpo é como maquinaria. Começa a degradar-se. E precisa de lubrificação regular e de cuidados, e eu lhe deem atenção e compreensão.

Rose: Tem de ser agora que não pode ser cuidado? Meu caro, eu não iria tão longe a ponto de dizer isso.

Dr. Marshall: Olhando para tudo de uma forma geral, considerando tudo, a Rose está extraordinariamente em forma. Mas, ao mesmo tempo, não pode ser descuidada com isso. Não pode esperar que funcione tão eficientemente como costumava. Mesmo com o melhor corpo do mundo, muitas coisas poderiam obviamente correr mal num momento específico, por exemplo. Mas, mesmo assim, tal como eu vejo com ela, eu diria que, em muitos aspetos, a Rose está bem. O problema é este endurecimento das artérias; o destino da corrente sanguínea não é... o destino dela em certos momentos é ficar muito presa e coagulada. Se vir isto como um ponto que eu acho que eles podem libertar, o que farão e podem fazer... tenho a certeza de que o farão.

Significará que poderá recuperar um pouco a sua perna e, após algum tempo, estar mais ou menos livre, nada mais. Mas tem de se encarar o facto óbvio de que isto é algo que acontecerá novamente. Quero dizer, não a quero

deprimir e tenho de ser franco sobre isso. Nós não a podemos curar, mas alguém a pode curar. O que podemos fazer é aliviar, ajudar o sangue, por exemplo, a ter alguma liberdade de fluxo onde, por vezes, fica, por assim dizer, preso, e aliviar a tensão da dor que possa ter — e que poderá vir a ter. Nós contabilizamos isto; se viver até lá, isso pode não ser necessariamente na perna, pode ser nos seus próprios princípios. Veja, acho que, de certa forma, este é o problema, tanto quanto qualquer coisa, que mais tarde será o seu ponto mais fraco. E isto, claro, deve-se ao facto de muitos fatores. Se pudesse ter feito mais exercício, teria sido algo muito bom nos seus anos de juventude, sabe?

Rose: Sim. Bem, obrigada, Dr. querido, por mo dizer antes. Mas já que estava a falar do passado, é o presente e o futuro.

Dr. Marshall: Acho que na próxima semana, diz que se sentirá muito melhor, com muito mais benefício disto. Mas claro, se conseguir, como espero que consiga, voltar a algo mais parecido com o normal, para que possa eventualmente andar de forma mais normal. Acho que o exercício é importante, acho que deveria, mais tarde, particularmente quando for capaz de andar um pouco, andar; por outras palavras, exercitar as pernas.

Rose: Sim.

Dr. Marshall: Mantenha o sangue a fluir para as suas pernas.

Rose: Sim, Dr. querido, eu...

Dr. Marshall: Pois. Quero dizer, não quero que te tornes uma viciada na cadeira. Quero dizer, numa cadeira de rodas. Quero dizer, neste momento, é essencial e necessário. Eu compreendo isso. Mas acho que uma das piores coisas que te poderia acontecer, física e psicologicamente, seria teres de usar essa cadeira no momento em que regressares ao seu corpo. Mas quando estiveres muito melhor, porque tenho a certeza de que vais ficar, e puderes deslocar-te pelos teus próprios pés, não quero que uses essa cadeira, a menos que seja absolutamente essencial.

Rose: Não quer que eu use isso. Eu consigo mover-me quando...

Dr. Marshall: Sim, no momento. Mais tarde, quando puderes andar sem o auxílio dessa cadeira, não quero que te tornes dependente da cadeira. Porque vi isto acontecer milhares de vezes com pessoas que se tornaram dependentes de cadeiras. Enquanto que, se fizessem aquele pequeno esforço extra nos estágios iniciais, a cadeira poderia nunca ser necessária. Vê bem, há outras

pessoas que ganham o hábito de quererem ser empurradas, de quererem que cuidem delas no que diz respeito à cadeira. Enquanto que com um pouco de esforço da parte delas e um pouco mais de fé...

Rose: Eu não gosto nada da ideia.

Dr. Marshall: Não, quando no momento tens de a usar.

Rose: Sim.

Dr. Marshall: Mas mais tarde, quando a tua perna começar a dar sinais de melhoria e puderes exercer pressão, puderes deslocar-te, tenta evitar a cadeira.

Rose: Sim, fá-lo-ei.

Dr. Marshall: Não quero que seja uma cadeira para encontrar crença. Isso é a última coisa que queremos. Não vamos permitir isso se pudermos de todo evitá-lo. Em todo o caso, como disse antes, exercício; tal como está, a tua perna precisa de exercício, mesmo agora, deverias fazer exercício conforme eu vejo. Mas quando levares essa injeção ou o que quer que seja, eles vão aplicar essa nova técnica moderna e, por um curto período, o teu exercício final será útil e importante, para não mostrar aos teus médicos ou aconselhá-lo. Se eles cuidarem de si próprios, dizem, na minha opinião, que deves exercitar-te, mas precisas dar oportunidade ao fluxo sanguíneo e a única forma de o fazer, pelo que vejo, é exercício, massagem, inclusive, por exemplo. Mesmo que contes a ti mesma, o exercício ou talvez a massagem é importante. No momento provavelmente não aguenta muita pressão, mas isso também ajudará a que o sangue comece a ter um fluxo mais normal. Estou bastante feliz nesse sentido.

Do ponto de vista de achar que isso não é tão mau como pode parecer ou achar-se, que voltará a algo próximo do normal e a situação atual será muito aliviada e, certamente, não chegará a perder a perna nem nada do género. Se eu me pusesse a fazer isso... tivemos problemas suficientes com a outra perna quando todos diziam: "Ah, ela provavelmente terá de amputar essa perna" e tudo o resto, mas nós não permitimos isso e evitámo-lo. E evitaremos que aconteça qualquer coisa com esta perna. Mas eu quero... o que eu não disse é que tinha... não, não tinha tanta fé, mas queremos que coopere no melhor das suas capacidades, siga em frente com o que foi sugerido pela profissão médica. Acho que isso poderá muito bem ser o certo.

Eu sei que é algo muito bom, é algo que tem sido realizado desde o meu tempo, com certeza. Mas isso, pelo menos... tenho trabalhado com a profissão médica deste lado; há coisas que não podemos fazer, há coisas que não podemos fazer. E, neste caso, acho que a Rose deveria ser... bem, seria bem-aconselhada a seguir os seus médicos e a deixá-los fazer o que sugerem. Vai ser uma grande bênção e uma ajuda. E trabalharemos a partir daí. O futuro, o futuro, minha querida, não é tão mau assim. Não deve ficar de rastos. Vai tentar manter-se bem. Sei que é fácil para mim dizer isto. Mas só quero que saiba que temos fé e sei que a Rose tem fé em nós. E embora haja (…), deveremos fazê-la passar por este problema e a Rose ficará bem. E não deixe que isto a deite abaixo.

Rose: Não, eu não falarei com eles. Não falarei.

Dr. Marshall: De qualquer forma, temos um par de semanas, talvez venha falar comigo novamente. E veremos como está o progresso. E tenho a certeza de que haverá progresso. Mas a Rose não deve achar que está nos seus últimos dias, por assim dizer. Na verdade, não está nos seus últimos dias, porque não o consegue usar muito bem com o mínimo. Mas o que estou a tentar dizer-lhe é que ainda não está pronta para vir e nós não a queremos aqui.

Rose: Oh, pode dizer-me, Dr. querido, uma coisa: por que é que não me quer aí? Pode dizer-me isso?

Dr. Marshall: Bem, eu estava a ser um pouco jocoso. Mas a questão é, Rose, que, num certo sentido, toda a gente está aqui sem se dar conta. A Rose está talvez, num certo sentido, mais aqui do que muitas pessoas. Está aqui numa espécie de estado de consciência, se preferir, do espírito e da realização destas verdades que tentamos dar-lhe há tantos anos. Mas a questão está em que, do ponto de vista de deixar o corpo físico e deixar o mundo material completamente para trás, ainda não chegou o momento em que isso seja possível ou mesmo, bem, desejável.

Tens um pouco mais de caminho a percorrer e creio que verás mais claramente mais tarde, se é que já não vês, a razão. Mas, claro, não queremos que sofras. Quero dizer, isto é algo que nos angustia muito. Não gostamos de te ver com dor. Não gostamos de te ver infeliz e deprimida. Fazemos tudo o que podemos para aliviar isso. Não queremos que sofras de forma alguma. Mas não podemos, até certo ponto, alterar o que é a razão de a natureza seguir o seu curso.

Mas a Rose precisará de estar muito melhor da sua cabeça. Mas quando o tempo estiver maduro, quando for uma rosa em plena floração, tê-la-emos aqui. No momento, não está em plena floração. Por isso, tem um pouco mais de caminho a percorrer, minha rapariga. Ela tem aí algum avô. Acho que verá mais claramente do que agora, porquê. Mas é tudo para o bem. Para o seu bem e para o bem de todos os interessados. Acho que compreenderá muito mais tarde do que consegue neste momento. Mas, conforme digo, não queremos que sofra desnecessariamente.

Rose: Eu estou a fazê-lo.

Dr. Marshall: É por isso que sugiro que faças isto frequentemente. Só pode fazer bem. Em vez disso, não podem fazer mal. Só podem fazer bem. E tenho a certeza de que a ajudará consideravelmente. E nós podemos continuar com o nosso trabalho deste lado a ajudar-te. E, entre nós, vamos pô-la de pé novamente. Mas continue a escrever. Por favor, sim. Não fiques muito deprimida. Isso passará. E não pares para te preocupares sobre quando virás. Quando chegar a hora, como te disse antes. E eu disse isso, agora as pessoas dizem-te isso mil vezes, creio bem. Quando chegar a hora, será calma e pacificamente. Sem solidão e todos esses disparates. Virás pacífica e calmamente, quando for a hora certa para ti. Fica apenas radiante e feliz. E nunca poderemos fazer tudo o que podemos. De certa forma, preciso ir. Mas não te esqueças, daqui a duas ou três semanas quero que venhas ter comigo novamente.

Rose: Sim.

Gwen: Como estão as coisas com o médium?

Dr. Marshall: Bem, centremo-nos no médium. Bem, considerando tudo, ele está notavelmente bem. Na maioria das vezes tenho de lhe dizer isto, que agora ele faz demasiado. E ele precisa restringir-se de si próprio. E uma das razões pelas quais não vínhamos todas as vezes, os comunicadores, é porque simplesmente não estávamos... quero dizer, é ridículo. Podemos fazer uma certa quantidade *(de sessões, segundo se depreende)*, mas não vamos sobrecarregá-lo. Se ele fizer demasiado, então teremos de nos impor. Não há outra forma de o podermos fazer. Não há fita que resista. É duro para as pessoas, mas não há outra saída. Eu não vejo o Stephen, mas diga-lhe que estamos a pensar em fazer um livro sobre ele.

Rose: Então acho que é a melhor coisa que ouvi.

Dr. Marshall: E não opera por trás de mim. Tenho a certeza de que o fará. E eu não verei a Rose de volta ao padrão (…) Mas queria que viesse ter sessões novamente, para que pudéssemos começar a fazer algo. E também psicologicamente, minha querida, sobre a Rose habitual, o facto de estar em contacto connosco de tempos a tempos é uma grande ajuda para ti. Penso que, se me permites que to diga, sentiste tanto a falta destas sessões, mas isso não te ajudou no sentido de teres ficado um pouco deprimida. Quero que venhas falar connosco pelo menos uma vez por quinzena, de certa forma quando a cabeça do médium estiver de férias ou o que quer que seja que a está a atingir, o que espero que não tenhamos. Este intervalo faz um acordo. Tudo na vida deve ir-se, não achas?

Rose: Bem, acho que sim. Não gosto que se devesse ir antes.

Dr. Marshall: Sim, mas do que tem estado a falar é que estava um pouco... Oh, bem. Estava tão bem como nós estávamos para ouvir. Estou muito orgulhoso disso. Bem, bem, bem. Espera e verás. Mas vamos partir, minha rosa. Minha rosa.

Rose: Obrigada por me chamar isso. Desejo-lhe um bom dia.

Dr. Marshall: Tenho de ir agora. Adeus, Rosie. Ver-nos-emos daqui a quinze dias. Adeus.

Mickey: Até daqui a quinze dias. Vamos voltar e trazer almas para falar.

SESSÃO DE VOZ DIRETA

13 DE MARÇO DE 1958

Médium: Leslie Flint

Comunicantes: Dr. Marshall (Dr. Diest), Rose e Mickey (Guia)

DR. MARSHALL: Não penses em nada, Rose.

ROSE: Não estou a pensar em nada.

DR. MARSHALL: Bom. Uma pessoa muito invulgar, à procura de algo ou de nada. Algum problema?

ROSE: Eu só queria ver as fotografias deles. O que é preciso? Ser capaz de se sentar e não pensar em nada?

DR. MARSHALL: Bem, eu conheço-os realmente muito bem; eles achavam que a mente do médium tinha de estar perturbada durante a sessão. Foi o que lhe perguntei.

ROSE: Na verdade, imagino que não gostaria que a mente dele estivesse preocupada com nada, em momento algum.

DR. MARSHALL: Isso é verdade, mas é impossível. Vamos passar para outra coisa. Há algo que lhe quero perguntar, Dr. Marshall, que me tem intrigado.

ROSE: O que é? Posso?

DR. MARSHALL: Sim.

ROSE: Quando Akenaton veio na sessão passada... a voz dele mostrava-se inteiramente diferente de quando ele veio pela primeira vez, quando ele tomou posse do médium.

DR. MARSHALL: Quando diz que ele "tomou posse", quer dizer que o médium estava em transe?

ROSE: Sim.

DR. MARSHALL: Bem, isso pode ter acontecido por causa disso.

ROSE: Eu estava apenas a pensar nisso. Queria perguntar-lhe.

DR. MARSHALL: O ponto fundamental é que, quando um médium é usado, a sua própria ideia das coisas ou a sua impressão inicial, de alguma forma estranha, inibe ou desvanece a entidade comunicante. Se a mente consciente ou subconsciente do médium pensa que uma certa pessoa deveria ter um certo sotaque, a entidade comunicante provavelmente adotaria isso automaticamente.

Por outras palavras, quando o médium é completamente excluído do fenómeno, há muito mais probabilidade de o indivíduo vir de forma mais natural e falar numa voz que lhe seja própria, quer na terra ou aqui. Precisamos deixar isto claro: a voz em si é sempre uma reprodução artificial. Nunca espere que a voz que ouve seja identicamente a voz que a pessoa tinha na Terra. Depende imenso do grau de mediunidade e da mentalidade do médium. O médium que consegue apagar-se por completo do fenómeno tem mais probabilidade de produzir não só evidências mais marcantes como a voz da entidade que comunica. Toda a comunicação é um processo mental transferido para o som.

ROSE: Oh, sim, eu sei disso, Dr. Marshall.

DR. MARSHALL: Se as vozes que te chegam falassem sempre da mesma maneira que o médium, diríamos que a consciência dele estava a afetar o fenómeno. Mas quando obtém uma voz com as suas próprias peculiaridades e expressões familiares da Terra, pode estar certa de que recebe uma boa percentagem do espírito comunicante. Mas nunca esqueça: haverá sempre vestígios da personalidade do médium. Já o ouvi dizer: "Vá lá, Mickey, o médium está a ter...", o que indica que você está consciente da interferência do médium. Mickey e o médium são inseparáveis, embora Mickey seja uma entidade distinta.

ROSE: Sim, e a palavra "fluidez" é muito expressiva.

DR. MARSHALL: Obviamente. Este fenómeno é, num certo sentido, fluidez… É por isso que o teu amigo Frederick se sai tão bem.

ROSE: O quê? O Frederick saiu-se bem?

DR. MARSHALL: Sim. Ele pode assumir o que quiser. Penso que ele teria dado um ator brilhante.

ROSE: Sabe o que me faz lembrar, Dr. Marshall…

DR. MARSHALL: Não deves preocupar-te, querida. Vou ser honesto: ele é um pouco persistente, Rose, e tu és demasiado merecedora. Há algum tempo, eu disse-te para não vires com tanta frequência, porque achei que não seria bom para a tua pressão arterial e saúde geral. Ele veio várias vezes sob diferentes disfarces.

ROSE: Eu sei. Tenho estado a pensar nisso doutor querido. E sobre este Akenaton...

DR. MARSHALL: Rose, se tu escutares a entidade que diz ser Akenaton ou outra que diz chamar-se Jock, tu aceita-los, porém, aquilo que não percebes é que se trata de uma personalidade extra do Frederick.

ROSE: "Ora, quanto a este Akenaton, eu tive... tive muitas dúvidas…"

MARSHALL: "Bem, não há razão para não as teres." "Quando digo dúvidas, não creio que possas alguma vez conceber, Rose, que o Frédéric é uma das almas mais antigas de entre as antigas. Ele é tão antigo que já teve inúmeras encarnações... e Akenaton foi uma das suas existências anteriores. Foi. E essa é uma das razões. Vês, Rose, o ponto central contigo é este: Tu, talvez — bem, tu conheces-te a ti própria, mas muita gente não te conhece...

Houve um tempo em que não terias aceite o Frédéric, por preço algum. Não. Se alguém tivesse aparecido e dito há dez ou cinco anos que era Frédéric Chopin, tu terias tido imensas dúvidas.. Provavelmente terias escutado com interesse, mas… O Frédéric tem vindo a ti sob diferentes disfarces, sob tipos diferentes, até que estivesses pronta para a revelação completa."

DR. MARSHALL: O ponto é, Rose, que estás gradualmente a começar a perceber que nós podemos, à nossa vontade, assumir invólucros antigos, ou podemos assumir personalidades antigas. Sabes, os teosofistas têm muita razão quando falam sobre invólucros astrais, porque nós podemos, ao habitarmos e recriarmos, trazer à existência alguma vida anterior, alguma personalidade anterior. Fazemos isso por vezes, por vezes porque temos uma razão muito boa — ou seja, não queremos que uma pessoa na Terra duvide de nós, não queremos que tenham qualquer apreensão, queremos dar-lhes convicção, queremos dar-lhes ajuda de várias formas.

Por isso, às vezes, especialmente nas fases iniciais, quando estamos a comunicar com uma pessoa que queremos interessar e ajudar ao longo de um grande período, voltamos como uma entidade anterior, menos, digamos, famosa, menos, talvez, interessante, se quiseres colocar a questão assim, onde há menos probabilidade de o recetor, o participante ou percipiente da mensagem, ter dúvidas. Com o Frédéric, contigo, sempre foi — não direi uma condição de idolatria — mas o ponto é que, de alguma forma, quem quer que viesse a ti, mais ou menos dentro do razoável, tu tê-los-ias aceite e provavelmente não terias tido demasiadas dúvidas.

Mas quando se trata do Frédéric, tu querias ter tanta certeza, 100% de certeza de que não estavas a ser enganada, que era impossível para ele dar-te convicção, dar-te este estado de espírito que tens agora sobre ele. Por outras palavras ele teve de aguardar o seu momento e vir a ti e preparar o caminho... e até que buscasses; daí que seja possível, e ele tem estado, nestes últimos meses, que esteja a vir a ti a todo instante e a divertir-se imenso, devo acrescentar, sob diferentes nomes."

ROSE: "Mas diga-me, quais são esses nomes, Doutor? Esclareça-me."

DR. MARSHALL: "Bem, claro, Akenaton.

ROSE: Essa última vez foi Akenaton…

DR. MARSHALL: Sim, mas ele também tem vindo a ti sob este disfarce escocês."

ROSE: "Não o David?"

DR. MARSHALL: "Ficarias muito surpreendida, minha querida."

ROSE: "O David? Eh?"

DR. MARSHALL: "Sim. O David. Estás a meter-te comigo, bolas!"

ROSE: Estou a tentar apanhá-lo…?

DR. MARSHALL: Bem, não te lembras das coisas que ele te disse?

ROSE: Ah, lembro! Ele falava da noive que estava na terra, e de como tinha sido morto na guerra e tudo isso…

DR. MARSHALL: A questão está em que te falaram duas entidades que se intitulavam Jock. Uma era o Jock autêntico. A questão é que há duas entidades que falaram contigo e que afirmam ser o "Jock" [escocês]. Uma é a pessoa real, a outra é a assumida.

ROSE: Uma é a pessoa nova?

MARSHALL: Não, não, não. Oh, valha-me Deus…

ROSE: Sim?

MARSHALL: Uma é o David.

ROSE: O David?

MARSHALL: Sim, o Jock.

ROSE: Jock?

MARSHALL: Sim. Um rapaz escocês que é, definitivamente, quem diz ser. Por outras palavras, ele tem uma mulher na Terra por quem estava apaixonado, de quem estava noivo, creio eu.

ROSE: Sim.

MARSHALL: A outra é o Frédéric.

ROSE: O Jock?

MARSHALL: Sim.

ROSE: Oh…

MARSHALL: Continuas intrigada, não estás?

ROSE: Sim.

MARSHALL: Oh, céus.

ROSE: Não importa.

MARSHALL: É muito importante que saibas.

ROSE: Sim…

MARSHALL: …Porque há sete meses, há muito tempo, uns seis meses ou pouco mais, eu estava muito preocupado com a tua saúde, e achei que esta pressão arterial se devia em grande parte a excesso de excitação. E eu disse — admito isto — eu disse ao Frédéric e a outros sobre esse assunto, mas particularmente ao Frédéric, disse que era sensato que ele não comunicasse tanto porque tu ficavas demasiado alterada, demasiado excitada. E, desde então, ele não tem vindo tão frequentemente, e tem havido longos períodos em que temos estado a fazer experiências, é verdade. Mas também, em momentos ocasionais, ele falou contigo sob este pseudónimo, este disfarce, percebes? Mas não fiques perturbada com isso.

ROSE: Não, não estou perturbada. Só peço que esperes um minuto até eu o apanhar como Frédéric Chopin. Espera só um minuto!

MARSHALL: Eu não quero que tu percas...

ROSE: Ouve, Doutor querido, eu já estou tão habituada a ouvir o Frédéric vir que já não fico excitada. Fico mais excitada com coisas que me dizem das quais não tenho conhecimento, que me interessam, do que com a vinda do Frédéric.

MARSHALL: Sim, está bem, está bem. Então estás muito, muito melhor. Sim. E é bom quando eles vêm, e vais poder sentir-te melhor contigo própria, e vamos recuperar o nosso ritmo. Mas temos estado muito ocupados com experiências e não quisemos desperdiçar energia e tempo a falar demasiado. Portanto, à parte disso, e da outra questão de... bem, de pensarmos e preocuparmo-nos com a tua saúde, o ponto é que não deves ficar perturbada ou aborrecida com o Frédéric...

ROSE: Oh, não, não estou aborrecida…

MARSHALL: Na verdade, ele estava a tentar agradar-te à sua maneira, a qual, talvez do teu ponto de vista, não fosse a forma correta. Mas é verdade que ele teve muitas encarnações e pode assumir várias personalidades, como aliás acontece com muitos de nós, já agora, porque podemos assumir ou aceder aos recursos que estão ao nosso redor e recapturar, se quisermos,

muitas memórias passadas; e podemos vir até ti com um disfarce diferente se acharmos que é essencial, necessário ou que pode ser-te útil. Porque, por vezes, algumas das nossas outras encarnações, quando te são contadas e dadas como uma lição prática, se quiseres, podem ser de grande utilidade.

Mas há, claro, uma pequena confusão na tua mente sobre o David, porque o David é uma entidade separada e não é o Frédéric. Mas houve uma ocasião em que o Frédéric se personificou ou veio até ti como uma pessoa escocesa.

ROSE: O Jock!

MARSHALL: Sim. Então não estejas... há uma certa diferença…

ROSE: De qualquer forma, obrigada por me dizer, Doutor querido.

MARSHALL: Não, eu provavelmente estarei em apuros com ele…

ROSE: Não, não, não, não direi uma palavra. Vou apenas "pregar-lhe uma partida" (pull his leg) também quando eu voltar a... Espero que ele não esteja por perto.

MARSHALL: Bem, não há problema se estiver, suponho que, afinal, ele compreende...

ROSE: Mas este... este Akenaton era ele.

MARSHALL: Vês, ROSE, olha, vamos esclarecer isto desde o início.

ROSE: Eu só queria saber isso.

MARSHALL: Quando entraste pela primeira vez nesta verdade, neste assunto, leste muitos livros, procuraste conhecimento, experimentaste a escrita automática e por aí fora. E vários indivíduos foram trazidos até ti.

ROSE: Sim.

MARSHALL: E eram indivíduos separados e passaste a conhecê-los individualmente e a amá-los, em consequência, pelas suas qualidades e interesses. Naquela altura, o Frédéric tentou manifestar-se a ti, mas tu recusaste.

ROSE: Sim, é bem verdade.

MARSHALL: E, em consequência, ele percebeu que, se quisesse estabelecer contacto contigo, teria de preparar o caminho. Era demasiado cedo, prematuro. Portanto, no período intermediário, ele tem estado contigo

para te ajudar, guiar, instruir e, geralmente, preparar o caminho para si mesmo.

ROSE: E fê-lo lindamente, Doutor, sim.

MARSHALL: E tu tiveste estes contactos, e agora tens este contacto que agora podes aceitar como Frédéric, e a culminação de tudo isto está ainda para vir. Isso é algo que queremos muito impressionar-te: que a culminação de todo o conhecimento e experiência que foi construído para ti, e contigo, e ao teu redor, em breve se concretizará. É apenas nisso que estamos a trabalhar agora.

ROSE: Compreendo.

MARSHALL: Tu compreendes, não compreendes?

ROSE: Sim, compreendo agora, Doutor querido, mas este Akenaton estava a intrigar-me e eu tinha o pressentimento de que era ele. Eu tinha o pressentimento. (Rose ri) Bem, muito obrigada por me esclareceres.

MARSHALL: Tenho de ir, minha querida, lamento, mas tenho de ir.

ROSE: Está bem. Dá o meu amor ao Akenaton.

MARSHALL: Darei, a minha bênção de amor para ti.

ROSE: Mas, Doutor querido, ele era mesmo o Akenaton?

MARSHALL: Era.

ROSE: Ele era? Sim. Ah.

MARSHALL: Isso explicará muita coisa. Pois Akenaton estava séculos à frente do seu tempo. Ele era uma alma muito avançada mentalmente, uma alma mentalmente avançada.

ROSE: Oh. Oh, céus. Quando voltares, espero que haja conversa, porque eu adoraria muito...

MICKEY: Terás muitas oportunidades para fazer todas as perguntas que quiseres. O quê?

ROSE: Mickey, querido…

MICKEY: O quê?

ROSE: Porque é que não me dizes estas coisas?

MICKEY: Bem, é muito difícil.

ROSE: Tu sabias?

MICKEY: Sim, sabia, mas eu... Bem, eu não sabia. Estava a tentar ajudar, a sério, porque se eu "abrisse o bico", metia-me em sarilhos…

ROSE: Bem, eu descobri tudo sozinha.

MICKEY: Bem, acho que o Doutor sabia o que estava a fazer, e ele apenas queria... Oh, não sei. Mas o ponto é: para quê preocupar?

ROSE: Não estou preocupada. Gosto de ter as coisas claras. Sabes. É interessante para mim, de certa forma, porque continuo a matutar.

MICKEY: Mas certamente uma estrada reta é bastante aborrecida. Uma que dê voltas aqui e ali é muito mais interessante.

ROSE: (…) malandro, Mickey.

MICKEY: Claro que ele é, mas tu também és. (Riso geral)

ROSE: O que é que ele está a fazer comigo? Podes dizer-me?

MICKEY: Ele está a tentar ajudar-te. Acho que ele te ajudou, e está a tentar...

ROSE: Oh, ele ajudou-me imenso.

MICKEY: ...dar-te informação e evidências e ajudar-te ao longo do caminho do progresso espiritual e mental. Mas, claro, tem de ser feito da maneira certa, não da maneira que tu pensas.

ROSE: Compreendo.

MICKEY: Tu queres tudo de uma vez, "com malas e bagagens".

ROSE: Compreendo. Eu entendo.

MICKEY: Tens de receber as peças aos poucos. Tens de... Além disso, vê a diversão que há no puzzle. Encaixas as peças e vais ver a imagem. (Riso geral). Adeus.

ROSE: Adeus. Adeus, querido.

SESSÃO DE VOZ DIRETA

8 DE NOVEMBRO DE 1967

DR. MARSHALL E MICKEY:

O Equilíbrio entre o Físico e o Espiritual

MICKEY: Bem, bem, bem, abençoada sejas, minha filha.

ROSE: Boa tarde, Dr. Marshall.

MICKEY: Como estás, Susan? O quê? Como estás, Susan? Eu estou bem, Susan. Que bom. Estás com muito bom aspeto, não estás?

ROSE: Tu, seu pequeno sarcástico...

MICKEY: Não, acho que estás muito bonita, Susan. Estou a falar a sério. Já tens idade para saber escolher as tuas roupas, não tens? Oh, tens sim. Até parece que vais sair para o teatro ou algo assim, certo?

ROSE: Sim, mas eles não me levam ao teatro.

MICKEY: Bem, por que não vais e te divertes? Faria um bem enorme ao teu mundo. E como é que vocês todos se parecem? Susan, o quê? Chapéus vermelhos. Espera, nós não te chamámos "chapéu de coelho". Não somos assim, pois não? Eu estou a dançar o dia todo entre quatro paredes.

ROSE: Tudo bem, eu arranjei espaço para isso. Oh, bem, sim, claro. Entre as quatro paredes.

MICKEY: De qualquer forma, tenho dois cavaleiros que serão maravilhosos. Oh, um de vocês tem um braço de fora, talvez? Sim, eu tenho. Tu gostas dela, não gostas?

ROSE: Oh, claro que a amo.

MICKEY: Ela é uma pequena criatura alegre, não é? Muito fofa. E é gentil. Muito boa. E tu és gentil, não és?

ROSE: Sim.

MICKEY: Bem, aí tens, vês. Oh, estou tão feliz, querida. Bem, estou muito feliz por te ver tão elegante e bonita e...

ROSE: Oh, meu Deus, tenho de me vestir bem sempre que venho aqui.

MICKEY: Bem, tens o rosto pintado de forma agradável, não tens? Sabes, como costumavas ser. Quando costumavas arranjar-te e sair. Sim, elegante e tudo mais. Pareces pronta para ir a uma grande festa todas as tardes.

ROSE: Porque é que não haveria de vir assim?

MICKEY: Estás com as tuas joias postas. Tenho a certeza.

ROSE: Não, apenas o meu relógio e o meu broche.

MICKEY: Oh, esse é um espanto, não é? Oh, tu não pareces... Tens demasiadas coisas postas. Onde estão os teus brincos de argola?

ROSE: Não sei o que lhes aconteceu. Escolhi um novo.

MICKEY: Agora sim, estás elegante. Tens um broche novo. Sabes, ele é um pequeno malandro.

ROSE: Sim, eu sei.

A Entrada do Dr. Marshall

DR. MARSHALL: E, na verdade, ao dizer-te que ele [Mickey] é um pequeno malandro, percebo que, num sentido, isso não é de todo exato. Porque ele não é nem pequeno, nem malandro. Eu sei, eu sei. Ele assume o seu "eu" infantil. De certa forma, poder-se-ia dizer quase automaticamente que ele me trouxe por um caminho aqui, claro, pelo hábito de vir falar com tantas pessoas e animá-las e alegrá-las, tentando facilitar o caminho aos menos experientes. Mas este papel, é isso que ele está a fazer, não é?

ROSE: Sim.

DR. MARSHALL: Este papel é muito importante. Eu sei. Às vezes penso que ele poderia deixar tudo isso. Ocasionalmente, em raras ocasiões, ele deixa-o e volta ao seu verdadeiro "eu".

ROSE: Eu gostava de saber.

DR. MARSHALL: O que eu acho que é muito mais iluminador e interessante, porque ele é um jovem muito, muito desenvolvido e muito informado. E um homem que, se quisesse, poderia dar-te imensa informação e certamente poderia ser uma grande ajuda. Não só para ti, mas para muita gente. E, claro, agora, ele tornou-se tão aceite como este rapazinho, este rapazinho cockney, que todos assumem naturalmente que ele seja assim. E tudo isto, claro, é o problema dele com as pessoas na terra. Elas antecipam isso.

Quando uma pessoa vem até elas, esperam que venha como era quando estava na terra. Em parte, claro, o reconhecimento é muito compreensível na primeira instância da comunicação. Queres esse tipo de prova, que só pode vir quando uma pessoa aparece como era outrora, como a conhecias.

E, claro, a maioria das pessoas deste lado da vida interior, perdem rapidamente certos aspetos do antigo "eu" e tornam-se mais sábias nas coisas espirituais, tornam-se, em algum sentido, afastadas de pensamentos e condições materiais. Eles interessam-se pelas pessoas na terra como as conhecem agora, mas tentam, se possível, ser de alguma ajuda e serviço. As pessoas, claro, na comunicação, podem insistir que a pessoa que vem até elas fale da maneira a que estavam habituadas na terra, e voltem a coisas materiais, problemas materiais, e falem sobre coisas que aconteceram há muitos anos.

Tudo isto pode ser informativo nas fases iniciais, mas já percebeste que muitos dos que voltam para comunicar estão ansiosos por se afastar de pensamentos materiais e falar sobre coisas que são muito mais importantes para eles e deveriam ser para as pessoas com quem comunicam? Sim, tantas pessoas mantêm estas ideias fixas e, em consequência, os processos de pensamento afetam o comunicador ao ponto de este ficar, de uma forma estranha, quase restringido.

ROSE: Pois.

DR. MARSHALL: Vês, só podemos fazer o que nos é permitido... há uma limitação imposta pelo ouvinte. Se o ouvinte, por exemplo, estiver ansioso por informação de uma ordem superior, em outras palavras, se conseguirem elevar-se dos pensamentos e condições materiais em que vivem, então, claro, podes encontrá-los num nível diferente. Vês, depende muito do ouvinte, muito mais do que eles imaginam. Os ouvintes são os que, muitas vezes, restringem a comunicação. É preciso elevar-se mental e

espiritualmente, de tal forma que o canal entre o nosso mundo e o vosso fique limpo de todos estes aspetos do materialismo. Realmente depende muito mais das condições em que vivem. Lembro-me de uma canção que dizia: "Recebes o que mereces". Isso é muito correto.

ROSE: Sim, muito correto. Claro que podias virar-te e dizer: "Bem, já que não tenho recebido muito ultimamente, provavelmente não mereço nada".

DR. MARSHALL: Oh, não, não, eu nunca diria isso. Claro que não. Eu não pensaria isso, e estou apenas a brincar contigo. Porque, quer dizer, tens tido tais percursos, tiveste de viver... ocasionalmente pudemos fazer um pouco, mas, francamente, tem sido difícil. Não preciso de reiterar nada disto, tu sabes disso, não sabes?

ROSE: Sim.

DR. MARSHALL: Mas temos estado muito, por vezes acho, avançados... Fico muito satisfeito por te ver muito melhor. E agora acho que estás a receber melhor tratamento em ambos os lados.

ROSE: Achas que sim? Gostas do médico que eu tenho?

DR. MARSHALL: Oh, sim, tenho a certeza disso. Porque, afinal de contas, se estiveres mentalmente mais feliz, mais assegurada de que estás a receber o tratamento certo e sentires-te em harmonia com o homem que te está a tratar, isso é obviamente muito bom para ti. Não há como fugir ao facto de que, não importa qual seja a condição material de uma pessoa, ou quão séria seja a sua saúde, ela deve ter fé.

ROSE: Sim.

DR. MARSHALL: Seja nesse médico particular, ou no caso de espiritualistas como tu, se tiveres fé na entidade comunicante, tudo isso é um fator muito importante. É vital.

ROSE: Eu gosto muito dele.

DR. MARSHALL: Eu recomendaria realmente que mostrasses que ele é um homem muito bom, e ele é certamente o homem certo para ti.

ROSE: Alguém me tocou.

DR. MARSHALL: Bem, fui eu, e eles não conseguiram tirar os pés do caminho, como de costume. É importante. Não sei o que te mantém preenchida quando eu faço isso.

ROSE: Oh, estou tão feliz por ouvi-lo dizer isso, Dr. Marshall.

DR. MARSHALL: Sim, bem, acho que ele é um homem muito bom, ele é muito simpático, muito compreensivo e, até certo ponto, é psíquico. Ele não se chama a si próprio psíquico, vês, provavelmente pensa coisas diferentes sobre o assunto, claro, mas com um homem assim, podemos trabalhar a um nível sério. Sim. Num nível mais material em relação à cura. E, claro, tens recebido cura espiritual, cura psíquica, cura de vários tipos.

É importante perceber que existem diferentes formas de cura. Há uma cura espiritual muito elevada, que é mais para o corpo espiritual do que para o corpo físico. Depois há esta cura física, que pode ser e é frequentemente muito benéfica, porque muita gente não percebe que, quando o corpo físico está doente, isso pode afetar a psique ou o corpo espiritual. Não quero dizer com isto que o possas necessariamente danificar permanentemente, mas quando as pessoas não estão em harmonia, o corpo espiritual não funciona como deveria. Há desarmonia.

Quando há este "desajuste" entre o físico e o espiritual, que também pode afetar o aspeto mental, tudo fica desorganizado. A pessoa não fica apenas mentalmente deprimida e preocupada, mas psiquicamente há uma falta de sintonia.

Muitas pessoas assumem que quando estão a receber tratamento ou a realizar operações num corpo físico...

ROSE: Espero bem não ter uma operação.

DR. MARSHALL: Não, não, não estou a sugerir isso, não estou a falar de ti agora, estou a falar em geral. Se uma pessoa tem uma operação física, que é um choque para o corpo físico e para o espiritual-físico, é algo extremo. Refiro-me a uma pessoa que vai levar uma anestesia. Ora, a ideia toda — embora os médicos nunca tenham dado explicações — é que a anestesia invariavelmente dissocia o indivíduo do corpo. É uma espécie de morte temporária, na medida em que a entidade que é o indivíduo está fora do corpo.

E há muitos fatores que ajudam a provar isto. Existem centenas de milhares de casos de homens que perderam membros e recuperaram, e estão perfeitamente bem, mas em certas alturas têm uma sensação na perna que já não existe. E este é o aspeto da entidade psíquica a sentir e a pensar. Embora a perna física já não esteja lá, ainda existe a perna espiritual, ou se preferires, a perna psíquica, que não foi afetada. Mas vês, muita coisa acontece, e as pessoas não percebem isto: tudo o que acontece pode, temporariamente, e mesmo depois de o corpo físico estar restaurado, deixar uma sensação que as pessoas podem ter de uma certa condição que já não existe.

É uma condição passada que se forçou mentalmente, e o corpo psíquico pode estar ciente disso. É extremamente difícil tornar claro o que quero dizer, porque tenho de tentar trazer as coisas para um certo nível para que sejam compreendidas, mas até que o homem perceba que é mais do que apenas um corpo, que é também um ser espiritual, que tem este corpo etérico... é este corpo etérico que está ciente do desconforto do corpo, que está ciente de estar "fora de sintonia" ou fora de harmonia com o corpo físico.

Quando uma pessoa tem uma certa doença ou mesmo um acidente, é tanto o corpo psíquico que está conscientemente ciente e a pensar e a sentir como o físico.

ROSE: E isso sente-se, certamente?

DR. MARSHALL: Sim, de certa forma. Não é que o corpo psíquico esteja danificado. É o corpo psíquico que está ciente. Quando uma pessoa desmaia, o corpo físico deixa de funcionar. Mas o corpo etérico é o original, que é a verdadeira personalidade de cada indivíduo. O corpo etérico é a pessoa que tem a consciência plena. E é por isso que, quando as pessoas partem, elas ainda não deixaram totalmente o corpo. Estão cientes do corpo. Estão cientes do que lhes aconteceu. Estão conscientes de que estão separadas. E, no entanto, num sentido, por um processo mental, ainda estão ali. É por isso que nem sempre convém que a pessoa seja enterrada ou cremada demasiado cedo após a partida. Acho que cerca de três dias, pelo menos três dias.

ROSE: Oh!

DR. MARSHALL: Pelo menos três dias inteiros para a pessoa comum. Claro que isto depende muito da própria pessoa. No caso de uma pessoa que tem conhecimento desta verdade, uma pessoa que teve evidências ao ponto de

estar plenamente ciente quando parte, ela pode dissociar-se consciente e mentalmente quase de imediato. Essa é a alegria desta verdade.

ROSE: Oh querido, espero que isso me aconteça.

DR. MARSHALL: Oh, não te preocupes com isso, minha querida. Não tens razão nenhuma para te preocupares porque, assim que deixares de existir no sentido físico, estarás imediatamente ciente da transição e, claro, estarás rodeada de pessoas que te amam, pessoas que estão à tua espera.

Até mesmo pessoas... vejamos o teu falecido marido — digo falecido no sentido físico — ele não tinha experiência pessoal com este assunto, pelo menos nesse sentido. No entanto, no fundo da sua mente subconsciente, estava a perceção e a possibilidade de isto ser verdade. Ele tinha-te ouvido falar tanto sobre isto, embora não o pudesse provar. O ponto foi que, quando ele partiu, ficou quase imediatamente consciente do que tinha acontecido. Vês, porque no fundo da sua consciência estava esta memória do que ele tinha escutado e do que tinha discutido. Creio que ele discutiu o assunto com as enfermeiras antes de partir. Vês, nunca devemos julgar ninguém. Na terra, nunca deveríamos formar uma opinião demasiado forte sobre uma pessoa. Devemos sempre dar às pessoas o benefício da dúvida.

ROSE: Eu faço sempre isso.

DR. MARSHALL: Deves sempre perceber que pode haver circunstâncias atenuantes para o porquê de uma pessoa dizer ou fazer algo.

ROSE: É verdade.

DR. MARSHALL: E em alguns casos, as coisas são feitas inconscientemente, ou sem intenção, ou num estado de espírito estranho que se abate sobre a pessoa. E as pessoas não percebem isso. Devemos sempre tentar ver o que é bom, a verdade fundamental. Claro que há muitas pessoas que dizem e fazem coisas estúpidas e prejudiciais para si próprias, e acho que muitas vezes percebem-no quando é tarde demais. O ponto é que há muitas pessoas que provam ser espirituais, que provam a comunicação, mas não necessariamente porque desacreditem totalmente; pode ser que queiram acreditar mas tenham medo.

O medo é, provavelmente, um dos maiores inimigos da humanidade. Tem sido sempre o maior obstáculo ao progresso humano. Não se deve ter

medo na natureza de alguém, porque se temes algo, atrais essas coisas para ti. Deve-se ser confiante. Eu sei que não é fácil ter confiança em coisas simples. Se tivermos fé, se tivermos a confiança de que tudo ficará bem, seja o que for, tornam-se coisas triviais. Sabes que um grande número de coisas acontece às pessoas que não precisariam de acontecer, porque elas têm esta forma estranha de quase atrair algo. Temer algo é quase uma forma certa de o atrair.

É por isso que é tão importante ter uma mente aberta e não ter demasiadas dúvidas e medos. É humano às vezes, eu sei. É muito difícil não ter dúvidas sobre isto ou aquilo ou sobre esta ou aquela pessoa. Mas se puderes dizer a ti própria: "Bem, não vou ter dúvidas nem medos, vou aceitar o que quer que aconteça, vou usar o meu senso comum", e ao mesmo tempo perceber que o senso comum nem sempre é suficiente. Às vezes é preciso um senso "incomum" para ver a verdade, ou para ver o que é ou o que não é. Sabes? Nunca devemos ser demasiado rápidos a julgar.

ROSE: Oh, eu não sou.

DR. MARSHALL: Sei que não és [julgadora], mas falo assim não apenas para teu benefício, mas porque sei que fazes bom uso destas fitas e pode haver pessoas que as venham a ouvir. Eu diria a uma pessoa, particularmente a alguém que está infeliz, só e à procura, sem saber bem como ou onde procurar: se não tiverem medo, se abrirem a mente e o coração à verdade, a verdade encontrá-los-á. Não sugiro que não devam fazer algum esforço.

Deve ser algo mútuo, obviamente; mas há tantas pessoas que, inconsciente e tolamente, barram o caminho ao conforto, à orientação e à verdade, por serem demasiado orgulhosas ou por terem medo de pedir ajuda. Se alguém procura a verdade, nunca deve parar de fazer perguntas, nunca deve parar de procurar um caminho, mesmo que tenha de o descartar por não ser o correto para si. O caminho de cada um não é necessariamente o mesmo.

A verdade fundamental por trás de tudo o que é bom, puro e elevado pode e será encontrada. E pode certamente ser encontrada pela comunicação, mas não sugerimos que, para todos, isso seja necessário da mesma forma. Acho que há pessoas que encontram a verdade à sua maneira, sem terem de se tornar "espiritualistas". Na verdade, eu nem gosto da palavra "espiritualista". Sinto que todos deveríamos estar conscientes de que estamos num estado dual. Somos materiais e somos espirituais. Ou, se preferires, temos um corpo

material e um corpo etérico. E é o espírito que influencia o corpo etérico e, eventualmente, o físico.

Mas, se nos limitarmos, como tantas pessoas fazem na terra, e não permitirmos que o espírito tenha acesso ou se demonstre, então caminhamos na terra de forma cega. Agarrámo-nos a pensamentos e coisas materiais e não conseguimos ver além do que está à nossa frente. Agarrámo-nos ao que chamamos de "substancial". Mas as coisas mais substanciais não são do mundo material, são as coisas fundamentais do espírito. Uma vez que percebemos esta nossa natureza dual, percebemos que somos influenciados por pensamentos e ideias espirituais.

Quando as pessoas se estendem para nós e nós as alcançamos, criamos uma ponte pela qual podemos ajudar, curar e orientar. Há muitas pessoas em várias esferas da vida que, sem o saberem, estão a ser influenciadas por nós, pelo poder do espírito. Elas recebem pensamentos, ideias, filosofias e até poder de cura sem estarem conscientes disso, sendo levadas para um caminho onde podem desenvolver-se na sua esfera de atividade.

ROSE: Isso nunca me deixou, suponho.

DR. MARSHALL: Não entendo por que haveria de deixar. Há pessoas muito boas e nobres no vosso lado que podem não estar conscientes de que têm faculdades psíquicas espirituais. Mas os seus pensamentos e ações influenciam, de forma inconsciente, os espíritos presos à terra. Ah, sim! Espíritos presos à terra. É por isso que, às vezes, trazemos almas para junto de certas pessoas na terra; almas que, por vezes acidentalmente, vagueiam pelo ambiente de um indivíduo e são impressionadas pelos seus pensamentos e ações. Isso fá-las sentir que devem adotar para si algo que viram nessas pessoas na terra. Não penses que todas as pessoas boas estão deste lado.

Há pessoas extraordinárias na terra que não sabem nada sobre espiritualismo e que são fundamentalmente admiráveis espiritualmente. São pessoas sacrificadas, que se dão tanto aos outros que, materialmente, acabam exaustas e sem energia. Mas a vitalidade espiritual delas é extraordinária; é essa vitalidade que anima muitas almas que, em circunstâncias normais, teriam desistido há muito tempo.

Esta grande verdade funciona nos dois sentidos: tal como comunicamos convosco, as pessoas do vosso lado, pela sua própria natureza e esforço, podem influenciar-nos. Tudo brota dos sentimentos mais profundos do

coração humano. Fazer o bem porque nos sai naturalmente é muito mais importante do que fazê-lo apenas por obrigação ou culpa. Nós vimos com o grande desejo de elevar a humanidade, mas não podemos forçar ninguém. Só podemos guiar, mostrar o caminho; cabe ao indivíduo percorrê-lo. Eles é que têm de fazer o esforço. Não podemos forçar as pessoas a fazer nada. Só podemos tentar apelar à sua melhor natureza para que, de livre vontade, façam o esforço. E então, podemos cooperar.

Muitos espiritualistas que professam saber tanto, sabem na verdade muito pouco, porque eles próprios restringiram a comunicação. Não procuraram as realidades que tentamos dar-lhes. Contentam-se com filosofias de pouco valor que os satisfazem temporariamente, e depois querem mais provas, mais evidências, querem que este ou aquele pequeno fenómeno aconteça. Vão a médiuns à procura de conselhos materiais e orientação mundana. Vão a sessões e querem ver objetos a voar e pandeiretas a bater. Estas coisas têm o seu lugar, não nego, mas muitos médiuns e espiritualistas ficam-se por esse nível baixo, o que não lhes faz bem nenhum.

A verdade vital da vida eterna é tão vasta e poderosa que não conseguimos transmiti-la totalmente devido à limitação dos pensamentos individuais. Não conseguimos chegar às pessoas até que elas abram essa "brecha" temporária. O movimento espiritualista não faz muito progresso porque se limita; contenta-se em ficar na franja da verdade.

Enfim, Rose, dá-me sempre alegria vir falar contigo porque sei, por anos de experiência, que o teu interesse principal é colher o máximo de conhecimento e experiência possível para benefício alheio. Isso dá-me um prazer enorme e é uma das razões pelas quais tentamos manter-te cá o máximo de tempo possível, para que possas trabalhar nessa direção. E é também por isso que temos tentado manter o médium [Leslie Flint] o mais apto possível; embora seja difícil, pois somos exigidos em termos de energia. Sabemos que a situação é difícil, mas esperamos que, no futuro próximo, possamos dedicar mais tempo a comunicações de ordem elevada, como esta que desfrutas, em vez de as desperdiçarmos com as trivialidades que as pessoas esperam de nós.

Às vezes chegamos aqui, olhamos para as pessoas e dizemos: "Não, desculpem, hoje não". Temos as nossas razões, pois conhecemos os motivos de algumas dessas pessoas: é puramente material. E não nos queremos dar ao trabalho. Estou a chegar ao ponto em que, se vejo que as pessoas vêm apenas

por uma base material, simplesmente digo que não há nada para ninguém. Não nos vamos incomodar. Dizemos apenas que não podemos fazer nada. Poderíamos, mas não temos intenção.

ROSE: Ora, muito bem, Dr. querido!

DR. MARSHALL: Não penses que isso se aplica a ti. Quando dizemos que não podemos, é por boas razões, primariamente por questões de saúde, ou porque passámos os últimos meses a tentar ajudar-te a ti e ao médium. Queremos que as condições sejam as certas para fazermos um trabalho realmente bom. Não queremos desperdiçar tempo nem energia. Às vezes é mais essencial cuidar da tua saúde física, porque isso é muito importante para nós.

Como disse antes, o inverno aproxima-se e temos de trabalhar muito para manter tudo a funcionar. Mas ficaremos bem. Quero que saibas que, aconteça o que acontecer, estamos a dar o nosso melhor. Às vezes as coisas não correm como desejaríamos, mas lembra-te que trabalhamos muitas vezes contra condições frustrantes. Mesmo do teu lado, quando tentas fazer algo com uma base material, tens de considerar as limitações. Nós conhecemos os problemas. Faremos o melhor para te ajudar. Continuamos sempre a esforçar-nos. Temos fé e tu tens fé, graças a Deus. Entre nós, a fé superará todos os obstáculos. É apenas uma questão de tempo e paciência.

Enfim, Rose, não me dês agora uma daquelas tuas palestras, porque ao falar contigo hoje, estava a pensar menos em ti e mais naqueles que farão uso da "fita", como lhe chamas, para que outros oiçam a minha mensagem. Esta mensagem aplica-se a todos os que professam ser espiritualistas. Se querem encontrar a verdade, têm de fazer o esforço e não se satisfazerem com planos mundanos. Qualquer um consegue sintonizar-se com uma vibração baixa. Sintonizar-se com uma vibração elevada é o que significa progresso.

ROSE: Pergunto-me por que fizeste este discurso maravilhoso esta noite.

DR. MARSHALL: Por várias razões, mas principalmente porque sei que lhe darás bom uso e o passarás às pessoas que precisam de o ouvir — aquelas que andam de médium em médium, de sessão em sessão, achando que sabem as respostas todas de A a Z, quando na verdade não percebem sequer o A, B, C.

Bem, vou-me embora. Deus te abençoe.

ROSE: Obrigada, Dr. querido.

DR. MARSHALL: Adeus, minha querida. Não te preocupes. Tem fé.

ROSE: Sim, claro. Adeus.

DR. MARSHALL: Adeus. Adeus. Adeus, querida.

MICKEY: Oh, eu tenho de te contar duas coisas adoráveis sobre ti!

ROSE: Sobre mim? Onde?

MICKEY: Não tu. Oh...

ROSE: Quem me disse isso?

MICKEY: O Mickey! Oh...

Notas:

"Red Hats" : O Mickey está a brincar com o facto de a Rose estar elegante e provavelmente a usar um dos seus chapéus coloridos.

A Regra dos Três Dias: O Dr. Marshall reforça um preceito espiritual clássico: deve-se esperar 72 horas antes da cremação ou enterro, para permitir que o cordão de prata se desligue totalmente e a alma se sinta segura fora do corpo.

O Membro Fantasma: Ele usa a explicação médica da "dor fantasma" para provar a existência do corpo etérico. A perna física foi cortada, mas a perna espiritual continua lá, e é por isso que o paciente ainda a sente.

A Atração pelo Medo: O médico espiritual faz uma advertência psicológica importante: o medo atrai o objeto temido. A confiança e a harmonia mental são, portanto, as melhores medicinas preventivas.

"Bar the way": O Dr. Marshall explica que as pessoas "barram" (bloqueiam) o próprio progresso espiritual por orgulho ou medo.

"Taxed": Ele refere-se ao esforço energético que as entidades fazem para manter a voz direta, o que os deixa "exauridos" ou "sobrecarregados".

A Missão das Fitas: Marshall valida diretamente o uso das gravações (as fitas) para disseminar conhecimento, confirmando que ele fala "para a posteridade" e não apenas para a Rose.

A Recusa de Fenómenos Banais: É muito interessante ver a postura ética do grupo espiritual: eles recusam-se a trabalhar se os motivos dos assistentes forem puramente fúteis ou materiais, preferindo poupar a energia para quem busca conhecimento real.

A Dualidade Material/Etérica: O médico espiritual define a saúde como um estado de harmonia entre os dois corpos, e a morte como a simples separação consciente desses dois estados.

CHARLES MARSHALL

EMANAÇÕES ÁURICAS

Comunicante: Mickey. Médium: Leslie Flint. Interlocutora: Rose Crete e outras assistentes (incluindo Jane)

MICKEY: O que foi que te ouvi dizer?

ROSE: "Que bom ouvir-te".

MICKEY: Pensei ter ouvido... Bem, alguém perdeu fotografias minhas, Mickey.

ROSE: De quê?

MICKEY: Da Marilyn Monroe. Lembras-te quando o Leslie e eu estivemos em Hollywood? Tiramos algumas fotografias da cripta dela e perderam-nas todas.

MICKEY: Oh, não sei nada sobre isso. Não. Bem, acho que disseste que querias saber o que eu estava a dizer. Gostava de falar com aquela senhora ao lado da Jane. Oh, olá!

ASSISTENTE: Olá, Mickey.

MICKEY: Como estás?

ASSISTENTE: Estou bem. Bem, estou melhor do que quando vim pela última vez.

MICKEY: Bem, o pior já passou?

ASSISTENTE: Sim, quase, Mickey. Só quase.

MICKEY: O quê?

ASSISTENTE: Só quase.

MICKEY: Sim, estás bem. Acabaste de sair do mato. Agora tens de te manter no caminho reto e estreito.

ASSISTENTE: Certo. Como é que eu faço isso?

MICKEY: Bem, toma atenção. Estás com algum problema contigo? Oh, sim. Não sei. Estão todos a dizer-me para te dizer... Sim. É claro que, naturalmente, estás perturbada, mas eles dizem: diz-lhe que as coisas estão agora a melhorar e que ela vai ficar bem. Mas ela não deve ficar... qual é a palavra? Eles não querem que fiques perturbada ou tensa. Deixa apenas as coisas seguirem o seu curso e vais ficar bem. Já saíste do mato. E agora tens de te manter no caminho reto. Não quero dizer que tenhas de ser "assim tão boa". Percebes o que quero dizer?

ASSISTENTE: Sim.

MICKEY: Sabes, não sei o que dizer, certas coisas... Estás apaixonada?

ASSISTENTE: Não, de todo.

MICKEY: Bem, ainda bem, então. Tens de te organizar e estás a organizar-te. Mas acho — odeio dizer isto — mas tens de ser um pouco solitária por agora.

ASSISTENTE: Já sou, Mickey.

MICKEY: Sim, e acho que isto é algo que tens de aceitar por enquanto. Que tiveste uma grande reviravolta e um transtorno, e houve várias coisas que te causaram muita preocupação. Mas já saíste do pior.

ASSISTENTE: Oh, que bom. É ótimo saber isso.

MICKEY: Mas não... Oh, não sei como dizer isto de outra forma. Mas alguém diz: não acredites em tudo o que te dizem. Acho que há alguma influência que pode ser exercida sobre ti e tens de ser forte e não deixar que as pessoas te empurrem ou te dissuadam. Tens de dizer: "sim, OK, obrigada, as suas intenções são boas", ou algo do género. Pelo menos não o digas, pensa-o. E cuida de ti.

ASSISTENTE: OK. E Mickey, essas influências...

MICKEY: O quê? Oh, bom.

ASSISTENTE: Essas influências estão ao meu nível, quero dizer, ao nosso nível aqui em baixo, ou no teu nível?

MICKEY: Perdão?

ASSISTENTE: São mortos ou vivos?

MICKEY: São mortos ou vivos? Bem, não existe tal coisa como alguém estar morto. Eu sei. Mas estão a dizer-me deste lado para te dizer que eles querem que tentes ver... Eles só querem que sejas paciente contigo própria e que não fiques indevidamente perturbada ou preocupada, sabes, deixa apenas as coisas seguirem o seu curso e não forces nenhuma questão. Mas há um grande laço. E também, posso fazer-te uma pergunta muito pessoal? Sabes algo sobre um anel que foi extraviado?

ASSISTENTE: Não, de todo, Mickey querido. Não sei.

MICKEY: Oh! Sim, quero dizer, há anos e anos atrás.

ASSISTENTE: Sim, tudo bem. Sim, sim.

MICKEY: Não foi há pouco tempo, obviamente. Mas houve alguma perturbação por causa de um anel que se extraviou e pensou-se que tinha sido perdido. Mas isto foi quando eras uma rapariga.

ASSISTENTE: Oh, não.

MICKEY: O quê? Como assim, "não"?

ASSISTENTE: Quero dizer, não foi quando eu era rapariga. Foi há cerca de oito anos.

MICKEY: Oh, bem, ainda eras uma rapariga, não eras? O ponto é, eu sei que o tempo é um problema. Mas vamos esclarecer. Não sei por que é que insisto nestas coisas, mas tiveste uma grande reviravolta ou mudança há uns sete ou oito anos?

ASSISTENTE: Não, Mickey querido. Tive uma mudança há cerca de três anos e meio, mas foi muito feliz.

MICKEY: Bem, talvez seja isso então, porque o tempo é sempre um problema. Eu sei, eu sei. Mas eles estão a falar da mudança e da transição e de as coisas se organizarem. Mas parece-me que passaste definitivamente pelo pior.

ASSISTENTE: Oh, bom. Isso são notícias maravilhosas.

MICKEY: Pena o cabelo, não é?

ASSISTENTE: O cabelo?

MICKEY: O cabelo, o que é que eu saberia? Sim, eu sei, eu sei. Mas não sei o que lhe aconteceu. Bem, se tu não... Não caiu todo ou algo assim?

ASSISTENTE: Não.

MICKEY: Ora, não estou a sugerir que vais perder o teu cabelo. Mas houve algo relacionado com... É uma senhora aqui deste lado que me está a dizer tudo isto neste momento, e ela diz: lembras-te do problema com o cabelo?

ASSISTENTE: Oh! Eu conheço alguém, Mickey.

MICKEY: O quê?

ASSISTENTE: Conheço alguém que está no teu lado...

MICKEY: Há uma senhora aqui, e ela estava muito perturbada e preocupada porque o cabelo dela... ela perdeu a maior parte do cabelo.

ASSISTENTE: É isso mesmo, é a minha mãe, Mickey!

MICKEY: Bem, ela está a meter-se na conversa então. Porque ela diz: diz à minha filha que agora tenho uma cabeleira muito boa. E lembra-te de há muito tempo como eu estava perturbada e preocupada porque estava a perder o meu cabelo.

ASSISTENTE: Sim, exatamente. Quando ela estava doente, ela tinha um cabelo lindo, e quando adoeceu, perdeu o cabelo. Ela estava a perdê-lo e estava muito perturbada.

MICKEY: Sim, bem, ela está a falar-me sobre isto. É sempre difícil para mim, percebes. Porque, afinal de contas, convenhamos, eu não conheço necessariamente todos os parentes das pessoas. Se as pessoas vêm e me dizem algo ou me dão algo, eu tenho de transmitir o que recebo e esperar pelo melhor. Mas ela diz: "Diz à minha filha, ela saberá quem é quando eu falar sobre perder o meu cabelo e quão perturbada eu estava".

ASSISTENTE: Sim, Mickey. Eu sei, eu lembro-me, porque foi há muito tempo.

MICKEY: Sim, mas é isto, vês.

ASSISTENTE: Como está ela, Mickey?

MICKEY: Ela está bem, abençoado seja o coração dela. É por ti que ela está preocupada, embora estejas bem, considerando tudo, não estás?

ASSISTENTE: Ela está com o meu pai?

MICKEY: Suponho que sim. Dificilmente estaria com outro tipo, estaria? Isso não acontece aqui, sabes. (Risos). Embora, lá está, se duas pessoas não se bicam... quero dizer, podem estar ligadas, casadas e tudo isso, e podem aguentar-se o melhor que podem, mas não são realmente próximas. Não têm de estar juntas aqui. As pessoas têm ideias estranhas sobre o casamento.

Enfim, vamos lá a isto. Não sei o que é, continuo a receber todo o tipo de coisas engraçadas. Anima-te, Dotty! Quem é a Dotty? Não é a Mel, Dotty? Não, não é. Dotty... aquela pequena senhora com quem falei primeiro a partir da participante . Estás a ouvir-me?

ROSE: Sim! Do que te estás a rir, então?

MICKEY: De ti!

ROSE: Porquê?

MICKEY: Porque tu és um "caso" também. Sabes por que digo Dotty? Sim, por causa do meu vestido [às bolinhas]. Mas levou muito tempo a perceber. Oh, é isso? Eu podia contar-te tantas coisas, mas não quero passar o dia todo contigo. Quero dizer, és uma criaturinha muito simpática em mais do que um aspeto, mas... Dá-lhe algum conselho. Que tipo de conselho lhe posso dar? Bem, descobre algo.

ROSE: Todos precisamos, Mickey.

MICKEY: O quê?

ROSE: Todos precisamos de conselhos.

MICKEY: Oh sim, diz lá isso outra vez.

ROSE: Do teu conhecimento e sabedoria, Mickey.

MICKEY: Sim. Não sei. É tudo sobre... Alguém aqui está a falar da África do Sul.

ROSE: África?

MICKEY: Sim, és tu?

ROSE: Não, não.

MICKEY: Não sei. Alguém tem estado a corresponder-se e há cartas relacionadas com a África do Sul. Quero resolver isto. Não, não, não quero

saber disso tudo. Oh, bem. Não é um daqueles dias, pois não? Hmm? O que aconteceu da última vez, Mickey? Não vieste durante duas semanas. O Marshall veio e disse que estava muito cansado.

MICKEY: Disse? Esqueci-me.

ROSE: Sim, disse. Acho que tu estavas indisposto. Ele trabalhou muito bem.

MICKEY: Estava. Houve uma quantidade tremenda de barulho ontem à noite. Brenda? Brenda...

ROSE: Brenda? Oh, é um daqueles dias. Oh, querido. Tens muita gente aí, Mickey.

MICKEY: Sim, mas é um bocado diferente. Muita energia de cura aí.

ROSE: É verdade.

MICKEY: Tens uma do lugar à beira-mar. Como era? A beira-mar. Isso começou. Isso começou. Muita energia de cura aí. Muita cura. Oh, querido. Olá. Esse é o Ken?

VOZ: Não, é a minha mulher.

ROBERT: A minha mulher. É o Robert? Robert. Qual é o nome da tua mulher? Robert. Olá, Robert. Estou bem. Como estás tu agora? Não sei. É tudo muito confuso. Ainda não me ajustei realmente. Eu só quero... Tenho estado muito... Sim, estou aqui. Quero que saibas. Consegues ouvir-me?

ESPOSA: Sim, muito bem. É maravilhoso ouvir-te.

ROBERT: Eu amo-te. Sabes disso?

ESPOSA: Sim, eu também te amo.

ROBERT: Não quero que nada se meta entre nós. Mas sabes que eu não quero... Eu sei. Deixa as coisas seguirem calmamente. Sei que às vezes estás um pouco... bem, tensa. Deixa as coisas seguirem o seu curso. Eu cuidarei de ti. Vais ficar bem.

ESPOSA: Ok, Robert. Estás a falar sobre o trabalho? Ou sobre a casa?

ROBERT: Ambos. Oh. Ambos. Mas o trabalho está a correr bastante bem, não está?

ESPOSA: Sim, está a correr bem.

ROBERT: Mas vai haver mudanças. Não no momento, mas eventualmente. Só quero que tenhas muita paciência. Não forces nenhuma questão. Trata de ti. Deixa tudo connosco. Nós sabemos o que estamos a fazer. Tudo ficará bem. E não te preocupes. Não te preocupes. Para de te preocupar. Já agora, trocaste o dinheiro?

ESPOSA: Se troquei o dinheiro? Oh, sim! Isso correu tudo bem.

ROBERT: O que disseste?

ESPOSA: Que correu tudo bem.

ROBERT: Fico feliz com isso. Estava a pensar naquele vento.

ESPOSA: Sim, não, tudo se resolveu bem.

ROBERT: Sim, algo... Oh, tens razão. Eu sei. Sim! Oh, adeus. Muito amor para ti, Robert. Deus te abençoe.

MICKEY: As "Confusões" do Consultório e da Loja

MICKEY: Bem, eu não tenho um copinho (shot — gíria para bebida), tu tens?

ROSE: Não. Não, de todo. Espero que não me vejas com um.

MICKEY: Não, eu não disse... Bem, não quis dizer bem isso. Mas... Muito amor para ti. Eu não gosto de andar com rodeios. Tu tiveste alguma ligação com alguém relacionada com uma loja ou um negócio. Não quero dizer que estejas exatamente envolvida, mas conhecerias alguém que tenha algum... Sabes algo sobre alguém que tenha um apartamento por cima de uma loja?

ROSE: Sei.

MICKEY: Oh, valha-me Deus. Isso é uma mentira, não é? Alguém aqui está a falar sobre subir as escadas e ir a este apartamento por cima de uma loja. Esperem lá. Estou a ser apanhado com todo o tipo de coisas. Oh, querido, oh, querido. Eu falei contigo. Não. Toda a gente vive por cima de uma loja. Mas a Mary tem um consultório.

ROSE: Uma pequena mentira. Sou tão branca quanto ela poderia ser.

MICKEY: O que disseste?

ROSE: Eu disse que a Mary tem um consultório de oftalmologia e ela aluga um apartamento por cima aos seus pacientes.

MICKEY: Se isso é por cima da loja, se a loja é... Bem, é isso então, não é? Mas é algo relacionado com ela então?

ROSE: Sim. Mas ela disse que não sabia nada sobre isso.

MICKEY: Bem, tu perguntaste: "Eu tenho uma loja?". Oh, mas tu estás ligada a isso, não estás?

ROSE: Não, mas não é uma loja. É um consultório. Quero dizer, é como ser um médico. Não chamarias loja ao consultório de um médico, pois não?

MICKEY: Depende do médico. Ele poderia "fazer compras" com algumas pessoas. Oh, Mickey! Mickey! O Mickey vai a qualquer lado, no entanto. Oh, preferiam moldar-se com o mato. Tu não o fazes, mas eu faço. Tu tens um apartamento e sobes as escadas.

ROSE: Isso mesmo. Sim.

MICKEY: E não é por cima de uma loja.

ROSE: Não.

MICKEY: Pergunto-me se vou ficar enjoado. Não sei. Estou tão baralhado. Não é o meu dia, pois não? Oh, sim. Esperamos que seja. O que queres dizer? Oh, bem, eu vou começar para a Rose. Muito bem. Não te preocupes. Vou passar para um nível diferente. Porque vocês costumavam vir por coisas espirituais. Mas há muito nível material hoje. Acho que ela começou isto, aquela rapariga. Oh, meu Deus. Não a culpes. Bem, não, não a estou a culpar. Mas acho que — abençoado seja o seu coraçãozinho — ela é uma senhora adorável e tudo isso. E há muito amor que vem do lado de fora da vida. E ela está a lutar, sabes. Mas eles estão muito ansiosos por ela, sabes, eu vou continuar com isto esta noite. E mantém os pés no chão, sabes. Não te deixes desviar. Muita energia de cura com ela também.

O Relato do Médium sobre os Vizinhos

LESLIE FLINT: Tens uma tosse má, não tens? Fumar. Não é a tosse que te vai levar desta para melhor, no entanto. Vamos continuar com a piada. Estamos em apuros. Pobre Mickey. Pobre Mickey hoje, acho eu.

ROSE: Bem, não sei.

LESLIE: Nem nós. Estamos bastante felizes, Mickey. Não estamos?

ROSE: Sim.

MICKEY: Não sei. Suponho que nunca veremos. Vamos lá, Mark. Nada. Mickey?

ROSE: Sim.

LESLIE: Estava um gelo, não estava? Estava muito frio. Estava muito frio. E depois o capataz no estaleiro de construção perguntou-me se vivia um médico nesta casa. E eu disse: "Não, não, já há algum tempo que não". Então eu disse: "Bem, parece haver sempre pessoas a vir à sua casa com carros e coisas. E eu pensei que devia viver aqui um médico". Então eu disse: "Não, já há algum tempo que não". Então ele disse: "Bem, há algo". Então eu disse: "Sim". Sujeito atrevido. Então eu disse: "Sim, um médium espiritualista". Oh. Oh.

Então, uns dias depois, um colega dele tem um problema nas costas. Então, quando eu voltava das compras, ele disse: "Oh, este é o rapaz que tu queres. Pede ao colega dele para te tratar das costas. Ele é um médium. Ele vai pôr as tuas costas no sítio". Eu disse: "Ele não é um curandeiro. Ele é um médium". Por isso estão todos ansiosos por lá para saber o que se passa. E devo dizer que me dou com todos eles muito bem. Nunca o conheci. Ainda bem, talvez, porque ela está tão perto. Sim, sim. É alguém? Não sei. Olá? Olá? Mickey.

Eles deram-me dois pequenos lotes de betão. E têm uns tijolos que me vão atirar. Material de impermeabilização. McLevin, aquele guindaste foi-se. Tira-me todas as minhas aparas da sebe de perto de mim. Os tempos da televisão são terríveis. Aparas da sebe fora do portão. Não é disso que ele precisa para mim. Não sei. Não sei o que aconteceu. Não sei. Estou tão perdido nisto. Olá? Olá?

O Processo Mental da Comunicação

COMUNICANTE: Muito difícil de explicar. Adoraria explicar. Por favor, venham explicar. Há muitos, muitos aspetos em todo este assunto da comunicação que são quase impossíveis de retratar ou descrever. É de facto muito difícil para mim, ou para qualquer um de nós aqui, ser capaz de colocar em palavras as coisas que podem e por vezes acontecem. Claro, tenho a certeza de que todos percebem que a comunicação de qualquer tipo é, fundamentalmente, um processo mental.

E na transmissão dos pensamentos de alguém através da agência de alguma forma de mediunidade, temos de confiar, em grande medida, que aquilo que estamos a tentar transmitir passará com precisão, com clareza. Mas

sabem, é muito mais difícil colocar em palavras os nossos problemas quando se sentam juntos, como fazem, em amor e em harmonia, enviando os vossos pensamentos e o vosso amor para as pessoas deste lado da vida — pessoas que, sem dúvida, num período do tempo na Terra, tiveram muito a ver convosco e com os vossos assuntos, e sem dúvida a quem amam profundamente. E, naturalmente, sentem-se inclinados a, se possível, fazer um contacto ou ligação para saber que tudo está bem.

Claro que está bem quando eles nos envolvem lá, mas por vezes vocês estão preocupados convosco num sentido material. E nós esforçamo-nos em todos os momentos por nos ligarmos a vós, mas devo ser honesto e dizer-vos que há alturas em que é muito mais complexo, muito mais difícil, quando reina uma certa quantidade de confusão, e muitas vezes, quando se tem muitas almas a rondar, por assim dizer, na esperança de fazer um contacto, por vezes vocês apanham aspetos de um indivíduo e alguém mais, de forma inconsciente, talvez, interrompe.

Vejam, se conseguirem aceitar — que é a verdade perfeita de todo este assunto — que isto é um processo mental: eu quero transmitir-vos algo, concentro o meu pensamento no que desejo transmitir, o aparelho que é utilizado faz vibrar a vossa atmosfera, e vocês ouvem o que eu estou a pensar em som. Está tudo na atmosfera. De facto, poder-se-ia ir ao ponto de dizer que, num sentido, todos são médiuns. Podem sintonizar-se mentalmente e receber imenso.

Claro que, por vezes, pode ser muito difícil para as pessoas apreciarem. Por vezes podem até pensar que estão a imaginar algo, ou que estão a criar algo dentro de si mesmas. Nem sempre é fácil diferenciar entre aquilo que vem de fora e aquilo que pode ser, inconscientemente, algo que apanharam na atmosfera relacionado com outras pessoas que não têm qualquer ligação convosco, nem necessariamente pessoas deste lado da vida.

Vê, se conseguires ver, compreender e visualizar, que tudo o que transparece é de natureza mental. Quero dizer, o Mickey sintoniza-se. Ele recebe, por assim dizer, várias coisas de certos indivíduos deste lado. Se eles não conseguem comunicar por si mesmos, ele transmitirá o que eles estão a tentar transmitir-lhe, e você está a receber, por assim dizer, em "segunda mão". E, claro, às vezes, na tradução da transmissão, há alguma dúvida, ou talvez às vezes diga-se algo que não se encaixe bem como se gostaria de aceitar. É tudo muito complexo, muito envolvido.

Há alturas em que a linha, por assim dizer, se lhe posso chamar assim, está desimpedida, o canal está limpo; tal como, de certa forma, um telefone. Às vezes consegue-se uma reprodução excelente, uma comunicação excelente. Outras vezes apanham-se linhas cruzadas, ou surge alguma confusão, ou a ligação cai no meio de uma frase. Não estou a dizer que isto seja, num sentido, um telefone, e no entanto, de uma forma estranha, o processo mental de comunicação é assim.

Sabe, há pessoas — e deveria de facto haver mais pessoas no vosso mundo — que são capazes de receber, captar e transmitir, e de facto a distância não é obstáculo. Quero dizer, você poderia estar sentada na sua própria casa e, de repente, receber uma impressão mental, chame-lhe o que quiser, de alguém a milhares de milhas de distância. No momento seguinte, essa pessoa pode estar a ligar-lhe pelo telefone. É como se houvesse esta perceção, que não é sempre aparente para muita gente, mas ela está lá: o processo mental de comunicação, a transmissão do pensamento na atmosfera. Tudo à sua volta é vitalidade e vida.

Não vês estas coisas enquanto elas acontecem. Não sabe que existem estas almas que estão a transmitir e a tentar ligar-se e comunicar. Mas à sua volta existem números incontáveis de pessoas que se esforçam, num momento ou noutro, por sintonizar ou ligar-se.

Esta manhã tem sido muito complexa no que me diz respeito. Talvez seja pela minha habilidade em fazer uma ligação e um contacto, mais do que algumas outras almas que possam estar ligadas ou relacionadas — pessoas que conheceu e amou, que também, obviamente, estão muito ansiosas por comunicar, mas são inexperientes. Por isso, às vezes, alguém tem de assumir o comando; quer seja o pequeno Mickey, como me disse — e, convenhamos, ele não é o que parece. Ele é uma pessoa adulta, muito crescida, mas ele apresenta-se assim. Veja, essa é outra coisa. Uma pessoa que partiu aos 80 anos, digamos; ela não tem 80 anos aqui, mas o corpo envelheceu, o corpo tornou-se cansativo e, talvez, à medida que envelheceram, a memória também começou a falhar, e nem sempre conseguiam sintonizar-se da forma a que estavam habituadas.

Mas, quando estão aqui, já não estão fisicamente debilitadas. São jovens, vitais e capazes de transmitir, até certo ponto, muito melhor do que alguma vez o fizeram na Terra. Mas veja, se a sua avó voltasse — como ela provavelmente está agora no nosso lado da vida, muito jovem e muito vital, energética, sabe-se lá o quê, e uma pessoa muito mudada — se ela voltasse

como é agora, você diria: "bem, aquela não poderia possivelmente ser a minha avó; ela tinha mais de 80 anos quando morreu", etc., etc. Nem sequer soaria como ela. Bem, claro, esse é outro ponto. Uma voz não soa necessariamente sempre como você a recorda, porque não estamos a usar um método que, num sentido, seja natural.

Veja, quando falam uns com os outros, estão a comunicar sob condições normais e naturais no mundo material. É um hábito instintivo para vós. Estão habituados. Automaticamente, o vosso cérebro envia uma mensagem. Os vossos órgãos vocais reagem para responder. Vocês fazem vibrar a atmosfera. As pessoas ouvem o que vocês estão a pensar na voz. Mas aqui, quando descemos até vós, temos de transmitir o melhor que podemos sob circunstâncias materiais por vezes muito difíceis.

Claro que o Mickey é uma pessoa muito adulta aqui, uma alma muito, muito mais desenvolvida do que você poderia provavelmente imaginar. Mas, quando ele regressa à Terra, assume temporariamente aspetos do antigo "eu" — a criança, quase, poder-se-ia dizer. Mas ele é muito mais do que parece. E se o apanhar no nível certo, claro, às vezes fazendo o tipo certo de pergunta, ele pode ser muito prestável, muito edificante, muito informativo.

E este é o problema: num sentido, estamos dependentes não apenas das vibrações e das condições prevalecentes no momento da sessão, mas somos também muito afetados não só pela saúde do médium, mas pelas condições que são criadas, e não necessariamente apenas dentro do grupo ou do círculo. Condições e vibrações exteriores podem interferir. Sabe, tal como você pode ficar nervosa e irritável se algo acontecer à sua volta que a faça sentir deprimida ou infeliz, estas vibrações — todas estas coisas são vibratórias. E estas coisas vibratórias podem ser muito eficazes. Quero dizer, somos muito afetados, por vezes, pelas condições que prevalecem no momento em que nos reunimos para a sessão.

Cada um de vós aqui tem conhecimento, até certo ponto, dos valores espirituais e das circunstâncias e condições, e têm conhecimento das coisas do espírito em grande medida, talvez muito mais do que muitas pessoas. E eu sei do vosso interesse muito profundo e envolvido com as coisas da mente e do espírito, o que é maravilhoso. Por isso, quando se reúnem, invariavelmente conseguimos uma atmosfera maravilhosa. Mas há o facto terrível de que existem, por vezes, indivíduos no nosso lado da vida que estão muito mais próximos da terra, que não são necessariamente avançados. Não há nada de radicalmente errado nisso. Quero dizer, há almas que, talvez, se agarraram

muito mais à terra e à sua vibração e condição, e estão muito mais preocupadas com coisas materiais do que vocês percebem.

E, claro, se houver alguém muito próximo e querido de si, alguém que fez parte da sua vida e existência, e eles estão preocupados consigo — embora possam ter progredido e, de facto, tenho a certeza de que na maioria dos casos progrediram — eles agarram-se, até certo ponto, ao aspeto material das coisas passadas, eventos, amores e afetos. E interessam-se pelos seus assuntos pessoais. Às vezes estão muito preocupados com o que lhe está a acontecer, talvez ansiosos por ajudá-la, tentando resolver algum problema que possa ter.

Veja, estamos sempre a lidar com emoções; indivíduos que estão, eles próprios, preocupados — às vezes num nível material, às vezes ansiosos por elevá-la das profundezas do desespero e do materialismo para um nível de consciência mental e espiritual muito mais alto. E há todo o tipo de graus e condições variadas que se podem aplicar. Na verdade, por vezes é muito difícil para nós conseguir um canal nítido. Quem me dera que o pudéssemos fazer com mais frequência e com mais sucesso, mas, claro, lá está, muito dependerá do indivíduo.

Você pode ter um grupo — não me refiro a si neste sentido — mas pode ter um grupo de pessoas onde haverá um ou dois, talvez, que estão tão ansiosos no nível material por ver certas coisas explicadas ou por receber conselhos sobre o que devem ou não fazer. Talvez, às vezes, seja porque estão tão profundamente deprimidos com certas coisas nas suas vidas que toda a atmosfera dessa pessoa, como tal — se pudesse ver como nós vemos, o que não vê — mostra o que chamamos de emanação áurica. Cada um de vós aqui sentado tem esta emanação áurica à sua volta que nos diz imenso sobre vós individualmente, sobre como são pessoalmente lá no fundo, não apenas no nível psíquico ou material, mas também num aspeto muito mais espiritual que lá está.

Sabe, eu não creio que as pessoas compreendam, ou talvez nunca venham a compreender, como são afetadas pelo poder do espírito. Algumas pessoas podem nem sequer reconhecê-lo de todo e não se interessar. Não querem saber. Estão muito mais preocupadas em viver uma existência material, resolver os seus problemas terrenos, tentar ganhar a vida e fazer dinheiro. A maioria das pessoas está mergulhada no materialismo e é muito difícil chegar até elas num sentido espiritual ou num nível espiritual.

Mas vê, abriste, até certo ponto, a tua consciência à mente do espírito, à realidade do espírito, ao poder do espírito, o que te dará uma visão e uma

perceção interior, e também um sentido físico de poder. Agora, podes achar estranho que eu fale de poder físico quando estamos a falar de coisas espirituais. Mas há uma combinação; porque, vê, se vais alcançar algo de natureza espiritual no mundo material, tens de utilizar, até certo ponto, o aspeto material do "eu". Tens de te dar.

Tens de construir. Tens de fortalecer. Tens de te abrir de tal forma que te tornes num canal. No sentido mental e espiritual, obviamente que esse é o factor determinante. Mas o aspeto físico, esse é o canal. Tu és o canal.

E por que é que algumas pessoas são capazes de alcançar o que suponho que alguns se referem como milagres? Poder-se-ia perguntar: o que é um milagre? Um milagre é algo que você não compreende como foi provocado ou alcançado. Portanto, para si, é um milagre. Mas tudo o que parece milagroso deve-se à lei natural normal e ao superar, até certo ponto, os obstáculos e as complexidades materiais da existência material em que se encontra. Cada um de vós poderia alcançar o que o mundo chamaria de milagres. Não há nada de milagroso em utilizar a energia física e o poder — através do poder da mente e do espírito — para manifestar certas coisas que poderiam transparecer no vosso mundo e que, para muitas pessoas, pareceriam absolutamente quase inacreditáveis.

E, no entanto, o aspeto visual destas coisas, alguns de vós já viram o que algumas pessoas chamam de milagres. Não é um milagre num sentido [sobrenatural]. É algo que você não foi capaz de compreender como foi trazido à existência. Mas Jesus fez isto. Todos os grandes instrutores, todos os grandes profetas, todos tinham o poder a partir de dentro para expressar, através do aspeto físico das coisas, certas realidades que à superfície pareciam impossíveis para a maioria das pessoas, mas eram realidades. O poder da mente e o poder do espírito podem provocar todo o tipo de coisas.

Vocês são muito abençoados na medida em que têm conhecimento e experiência até certo ponto. Viram, testemunharam e experienciaram muitas coisas. Mas às vezes, claro, ficam intrigados. Às vezes não têm bem a certeza e perguntam-se porquê ou como, e se aquilo veio à existência através desta agência ou daquela agência. Veja, o poder do espírito é tal que nada lhe é impossível. Você pode fazer e pode alcançar na sua existência material coisas que para muitos pareceriam impossíveis.

Todos os grandes instrutores, todos os grandes profetas tinham este poder. Eles sabiam o que fazer, como fazê-lo, como alcançá-lo. Demonstraram a realidade superando todos os aspetos físicos mais difíceis da

existência. Fizeram coisas que pareciam à superfície, para muitas pessoas, impossíveis. Quero dizer, aqueles que eram cegos foram feitos ver. Aqueles que estavam doentes na cama e não podiam falar ou sequer pôr os pés no chão, levantaram-se das suas camas e andaram e viram e experienciaram.

O físico pode ser superado, mas você tem de ter a perceção, o poder dentro de si mesma e a vontade de alcançar isto. Pode ser feito através da agência de outras pessoas. Outras pessoas de mente espiritual podem assistir e ajudá-la individual e coletivamente. Você pode fazer muito, mas tem-no dentro de si mesma. Eu sei que as pessoas vão, e têm de ir, ou sentem que devem ir a outra pessoa para obter ajuda. Não estou a dizer que isto não seja assim, mas o que estou a dizer é que você deveria ser capaz, se avançou até um certo ponto, de ser capaz de fazer por si mesma o que outras pessoas às vezes têm de fazer por si.

Você tem dentro de si uma grande força, uma grande energia, um grande poder. É uma força divina. É uma força viva. É uma força eterna. É a força que reside por trás de toda a existência, por trás de toda a vida. Vocês estão todos na mesma posição, até um ponto em que poderiam alcançar, podem superar e podem tornar-se. Vocês têm dentro de vós mesmos o poder de alcançar todas as coisas, mas devem ter essa fé e confiança. Devem ter essa perceção. Devem ter essa força e saber que, a partir do espaço exterior do tempo, existe esta força divina e vida e energia.

Vocês sabem estas coisas. A maioria de vós, creio que todos sabem, mas não sabem quanto mais poderiam fazer, quanto mais poderiam alcançar. Sabe, eu gostaria de poder explicar isto em palavras mais do que faço de momento, mas está lá. O poder está lá. A energia está lá. A vitalidade está lá. O poder do espírito manifesta-se de uma maneira muito para além dos vossos sonhos mais ousados. Nada é impossível. Acredite-me.

Há tanto... Só um momento. Conseguem ouvir?

ASSISTENTES: Sim.

COMUNICANTE: Belo, não é? Sim, mas...

MICKEY: Algo estranho está a acontecer, Mickey. Alguém mais está a assumir o comando.

ASSISTENTE: É o Dr. Marshall, não é?

MICKEY: Não, e ele caiu num sussurro e depois voltou novamente. É estranho. Esperem.

ROSE: Começou assim.

MICKEY: Sim, e depois de alguma forma ele... sim. Ele caiu num sussurro e depois saiu novamente. É engraçado. Não foi? Sim. Está a ver, eles estão a retirar-se e... a voz está a contar. Sim. Pode-se contar muito assim. Sim.

Deve ser muito intrigante, mas veja, a arte da boa comunicação, como a nossa, é ser completa e absolutamente independente. Nem sempre é possível. Temos de contornar o médium, mas temos de ter em mente que o médium é o ponto focal. O médium é aquele que fornece o que torna a possibilidade da nossa comunicação uma realidade. E às vezes temos de usar um método se o poder estiver a flutuar. Temos de, por assim dizer, voltar ao médium e depois deixar o médium e afastar-nos do médium conforme o poder muda ou se torna mais potente.

Sabe, não sei se é realmente importante de certa forma, mas claro que é importante. Tornámo-nos tão habituados, ao longo de tantos anos, a usar o poder do instrumento de uma maneira exterior. Mas claro, sem dúvida, à medida que ele envelhece, os seus poderes, até certo ponto, diminuirão. E, claro, tenho de ser franco sobre isto e já discutimos isto: ele certamente terá de fazer cada vez menos.

O que gostaríamos de fazer, claro, é continuar com grupos como este, porque vocês estão todos além do ponto normal onde as pessoas procuram mensagens pessoais — o que, claro, é compreensível se perdeu o seu marido, como lhe chama, ou o seu filho. É óbvio que se vai a um médium esperando que seja verdade e, se for verdade, que receba conforto, elevação e evidências que apoiem a afirmação de que a vida continua, que o seu ente querido ainda vive e se interessa por si e aguarda o momento em que se unirá a ele ou a ela, conforme o caso.

Mas veja, o que realmente precisamos e o que realmente gostaríamos é de grupos como o vosso, onde estão felizes por se sentarem calma e pacientemente para o que quer que possamos trazer, particularmente se for espiritualmente edificante e reconfortante, dando-vos cada vez mais força de conhecimento das coisas que são vitais, as coisas que verdadeiramente são eternas, as coisas do espírito.

Mas há alturas em que é muito difícil, mesmo quando temos as melhores condições possíveis, vibrações e, de facto, temos, como temos hoje, um grupo sincero de almas dedicadas no caminho da realização espiritual — este é o

tipo de atmosfera e condição que queremos. Mas também temos de ter em mente que há pessoas que estão desesperadamente infelizes, que estão sozinhas, tristes, deprimidas; a única pessoa que, sem dúvida, significava a própria vida para elas, deixou-as num sentido material e elas precisam de conforto, precisam de uma mensagem de boa vontade e alegria e elevação; é a nossa tarefa ajudá-las também.

O que esperamos — não sei se isto será prático, mas não vejo razão para que não seja — é que o médium faça uma sessão por semana para pessoas cujas necessidades são as que já mencionei: necessidade de confiança, a perceção de que a morte não é o fim, que o seu ente querido está por perto e que um dia estarão juntos novamente; e a outra sessão, como esta, para realização espiritual e filosofia, ensinamentos, elevação e conquista mental e espiritual. Estamos tão ansiosos por continuar, mas claro que temos de aceitar o facto óbvio: a saúde do médium obviamente não é o que poderia ser, a idade cobrará o seu preço. E se ele não aceitar os termos, bem, o que faremos? Teremos de dizer: bem, faremos isto, faremos aquilo, mas não faremos mais do que isto e aquilo. Duas sessões por semana, sigam o meu conselho.

Se ele fizer mais, nós não viremos; aliás, poderemos nem sequer ser capazes de vir. Isto é algo que todos os médiuns deveriam aceitar: há uma tendência para se sobrecarregarem e isso traz problemas no seu rasto, e as pessoas ficam desapontadas e desiludidas. O bom nome do médium pode ser afetado; as pessoas dizem "pensei que ele era um médium maravilhoso" e descobrem que não o é, pelo menos em algumas ocasiões, e as pessoas usarão expressões que não são úteis ou que são muito depreciativas para o trabalho do espírito, independentemente do médium.

Sabe, vocês, queridas pessoas, têm sido muito abençoadas; tiveram realizações maravilhosas vindas de várias fontes; têm um conhecimento e uma experiência que muito poucos têm. Queremos que o vosso mundo aceite [estas verdades]. Os terríveis acontecimentos no vosso mundo angustiam-nos a todos, por causa da tolice e da ignorância, do ódio e da intolerância que se desenvolveu, muitas vezes através de pessoas que, suponho que no fundo sejam bem-intencionadas, mas cujo passado religioso por vezes cria muita malícia e infelicidade.

As pessoas deveriam aprender a viver em harmonia e em amor. A base de todas as religiões é fundamentalmente a mesma — formas diferentes de expressar e abordar, claro — mas vocês são abençoados, vocês sabem, compreendem, experienciaram. Queremos que façam o que puderem, da

melhor forma que puderem, para demonstrar estas coisas onde quer que vão. Nem sempre é fácil; algumas pessoas pensam que vocês estão "pancadas" (Irracionais), como dizem na vossa gíria moderna; deixem-nas pensar isso. Mas vocês podem explicar e expressar muitas coisas. Vocês viram a luz da verdade e essa verdade carregar-vos-á por um longo caminho nos reinos do espírito.

Sabe, vocês são muito abençoados. Gostamos muito de vós. Queremos que continuem. Sei que é apenas ocasionalmente que conseguem organizar-se, mas reúnam-se e, se em qualquer altura houver alguma grande necessidade num nível mais material, se assim lhe posso chamar, não esqueceremos que o nosso trabalho é do espírito, no nível pessoal mais alto que possamos alcançar. Todos enviamos o nosso amor e bênçãos para vós e teremos de partir. Mas queremos que saibam que, embora tenha havido alguma dificuldade, nós superámo-la.

Mas sabem, queridas pessoas, olhamos para vós e para pessoas como vós para expandir a realidade das coisas que são verdadeiramente do espírito, que são eternas. Não são coisas como tantas outras que transparecem no mundo, sombras passageiras; elas desvanecer-se-ão e irão embora. Mas vocês viram algo que outros não viram. Queremos que expandam estas coisas, que falem sobre estas coisas, que abram as mentes das pessoas para que elas também possam ter aquilo que vocês encontraram. É uma grande alegria para nós virmos até vós. Temos de ir, mas deixamo-los com todo o nosso amor. Adeus.

MICKEY: Mas é assim que as coisas são, Eddie. Tens de fazer o que tens de fazer da melhor forma que conseguires, esse tipo de coisa. Mas só podemos fazer o que as condições nos permitem fazer, percebes? E se não estivermos assim tão bem, fisicamente, então não tiramos demasiado dele [do médium]. Não devemos. Tens de cuidar do médium, caso contrário não tens nenhuma receção. Quero dizer, é o teu aparelho de televisão, Eddie; se lhe deres um murro na cara, não vais conseguir ver nada nele. Estás a tentar agora. Adeus, adeus! É preciso rir, não é? Mantenham os queixos erguidos. Tragam os outros também. São bem-vindos.

Notas:

O Vestido "Dotty": O Mickey chama à Rose "Dotty" não por ela estar doida (dotty), mas porque ele está a ver o vestido dela com bolinhas (polka dots). Levou algum tempo até a Rose perceber a piada visual.

A Mãe e o Cabelo: Esta é uma prova clássica de identidade. A mãe da assistente valida a sua presença mencionando uma preocupação muito específica e mundana que tinha em vida: a queda de cabelo durante a doença. No espírito, ela afirma que o seu cabelo está restaurado e saudável.

Casamento no Espírito: O Mickey dá uma explicação interessante sobre as relações no além. O casamento "no papel" não obriga as pessoas a estarem juntas no mundo espiritual; apenas a afinidade real e o amor unem as almas. Se não havia ligação real, cada um segue o seu caminho.

Seaside: Corrigi o erro fonético onde o software ouviu "suicídio" (suicide) em vez de "beira-mar" (seaside). O Mickey refere-se a alguém que veio de uma localidade costeira para receber cura.

África do Sul: O Mickey capta uma "correspondência" ou cartas relacionadas com a África do Sul, tentando localizar a quem pertence essa ligação entre os presentes.

A Transmissão de Pensamento: O comunicante final dá uma explicação magistral sobre a mediunidade de voz direta de Flint. Ele esclarece que a voz ouvida não é produzida por cordas vocais físicas, mas sim por um pensamento concentrado que faz vibrar a "atmosfera" (o ectoplasma/energia na sala), transformando o pensamento em som audível.

Hedge clippings (Aparas de sebe): O Leslie Flint conta uma anedota mundana sobre os vizinhos do estaleiro de obras ao lado da sua casa, que o confundiam com um médico por causa do movimento de carros, e como eles o ajudavam com materiais de construção e limpeza do jardim.

Interferência: O espírito explica por que é que o Mickey às vezes se baralha (como na confusão entre loja e consultório): quando muitas almas tentam falar ao mesmo tempo, os pensamentos "cruzam-se" na atmosfera, criando uma espécie de interferência rádio.

Telepatia: Ele reforça que a mediunidade é, na sua base, telepatia captada pelo ambiente e amplificada para ser ouvida por todos.

Mickey e a Idade: O comunicador clarifica que o Mickey é um espírito altamente evoluído e adulto que escolhe a forma de criança para facilitar a

comunicação e aliviar a tensão. No espírito, ninguém é "velho"; a velhice é uma condição do corpo físico que se descarta na morte.

A Mecânica da Voz: Esta é uma explicação preciosa. No mundo físico, a fala é automática. No mundo espiritual, para falar através de Leslie Flint, eles têm de concentrar o pensamento para fazer vibrar a atmosfera da sala, transformando o pensamento em som audível.

Aura e Emoções: O espírito revela que eles nos veem através da nossa emanação áurica. Se um assistente estiver excessivamente preocupado com dinheiro ou problemas materiais, essa "vibração" cria uma barreira que dificulta a passagem de mensagens espirituais elevadas.

O Canal Mediúnico: Ele compara a mediunidade a um rádio ou telefone: o médium fornece a "linha", mas a qualidade da "chamada" depende da harmonia do grupo e das condições atmosféricas/espirituais do momento.

"Slipped into whisper": Mickey descreve como a voz do Dr. Marshall começou a perder força, tornando-se um sussurro devido à flutuação da energia ectoplasmática.

"Television set": O Mickey usa uma analogia moderna (para 1987) para explicar que o médium é o hardware. Se o hardware for maltratado ou sobrecarregado, a "imagem" (comunicação) desaparece.

A Saúde de Leslie Flint: Esta sessão é de agosto de 1987. Flint morreria em 1994. Aqui, os espíritos já avisam claramente que ele está a envelhecer e que as sessões devem ser reduzidas para duas por semana para manter a qualidade e a saúde dele.

Milagres e Leis Naturais: O comunicante reforça a visão espírita de que os milagres de Jesus não foram violações da natureza, mas o uso de leis naturais e mentais que a humanidade ainda não compreende totalmente.

SESSÃO DE VOZ DIRETA

3 DE JANEIRO DE 1973

(Nota: Esta gravação é uma seleção das observações gerais e interessantes feitas pelo Dr. Marshall para reedição.)

DR. MARSHALL: É uma pena quando se olha para trás — se é que alguém olha para trás — e se percebe, particularmente, como é estúpido as pessoas permitirem-se ser tão afetadas por coisas como credos e dogmas. Isso estreita a visão, estreita a compreensão, torna-as estáticas. Esta é a pior coisa que não consigo compreender de todo. A coisa mais terrível que pode acontecer a um indivíduo, mentalmente, é ser estático.

ROSE: Sim. Mente fechada.

DR. MARSHALL: Não ser restrito, nem sequer aceitar ou ouvir. Parece-me extraordinário que uma pessoa se deixe tornar estática. Toda a vida é tão vasta, nos seus muitos campos e aspetos. E a verdade é tremendamente ampla no seu conceito. Uma pessoa pode ter algum aspeto da verdade, mas é apenas uma partícula mínima. É como um grão de areia no deserto.

ROSE: Sim.

DR. MARSHALL: Se as pessoas percebessem as tremendas possibilidades que têm pela frente... Aquilo que elas têm, e que lhes dá grande conforto, é apenas uma partícula da realidade. Infelizmente, muitas pessoas ficam paradas devido ao seu historial e educação; não querem aventurar-se. A vida é uma grande aventura. Muitas experiências necessárias e essenciais para a evolução e desenvolvimento de cada um podem não ser materiais, mas sim mentais e espirituais.

ROSE: Sim, eu sei.

DR. MARSHALL: Creio que uma das piores coisas que pode acontecer a uma pessoa é permitir-se ficar presa a dogmas e credos. A mente da pessoa deve ser livre para assimilar a verdade através do conhecimento e da experiência. Caso contrário, estão acorrentados. Ser estático é o pior que pode acontecer. É preciso ser livre para assimilar a verdade.

ROSE: Ela tem grande inteligência.

DR. MARSHALL: Bem, obviamente. Mas não a querem usar. Esta é a tendência. Não consigo compreender. Creio que muita gente tem medo. O medo é a base. Têm medo que seja algo mau expandirem-se e "abrirem as suas asas". Preferem ficar no ninho.

ROSE: Sim, o medo do que lhes foi dito desde a infância.

DR. MARSHALL: Exatamente. Essa é uma das coisas mais importantes que se tem de aprender a deitar fora quando se chega aqui. Para algumas pessoas é muito difícil. Aqueles que têm convicções religiosas fortes são os que sentem mais dificuldade. Às vezes quase penso que é melhor não ter convicções religiosas; pelo menos a mente não está tão entulhada ou estilhaçada.

Vi isto tantas vezes com tantas almas aqui. Não conseguem ajustar-se rapidamente. Estão cheias de barreiras que criaram. É difícil sacudirem as velhas crenças. Algumas percebem rapidamente que as coisas não são como pensavam. A verdade fundamental, que é a base de todas as religiões, está lá, mas muito se perde porque as pessoas não procuram aprofundar-se. Têm medo.

A coisa extraordinária é que a maioria das religiões baseia as suas verdades na realização espiritual que lhes foi dada por pessoas chamadas de "mortas". Se não fosse pelo retorno de Cristo após a morte para provar a realidade da sobrevivência, não haveria religião cristã. Todas as religiões têm o mesmo tema: vida e não morte.

ROSE: Sim, sim.

DR. MARSHALL: Quando falamos destas coisas, as pessoas esquivam-se como se fosse algo proibido. E, no entanto, a base do que aceitam assenta nestas verdades dadas por entidades deste mundo. É triste ver o estado de coisas no vosso mundo. A doença do mundo, mental e material, é o que o homem construiu para si mesmo. Mesmo as pessoas bem-intencionadas estão presas ao materialismo; a realização espiritual simplesmente não funciona nelas. A tragédia é que o homem não percebeu a realidade desta verdade, que poderia mudar todo o seu modo de vida.

As pessoas falam de coisas espirituais, mas mantêm-se separadas do caminho, em vez de colocarem os pensamentos em ação diária. Não importa se são católicos, protestantes, budistas... a humanidade está presa na mesma busca pelo último, que é a vida.

A vida na Terra é um campo de treino, uma sala de aula necessária para a evolução do indivíduo. É por isso que muitos regressam repetidamente para cumprir algo importante. O homem não tem equilíbrio. Não se espera perfeição total ou que vivam cem por cento como espírito no mundo material, mas deve haver um equilíbrio, uma motivação espiritual.

O espírito está no corpo físico, "arrebentando pelas costuras", tentando expressar-se através da matéria. Se a motivação do espírito fosse utilizada em todos os aspetos do material, o vosso mundo seria transformado. Não há nada de errado com a natureza ou com o aspeto material da vida; o problema é o que o homem lhe faz. O homem ainda não ganhou a plena perceção do poder que tem dentro de si. Deus não é uma pessoa de túnica branca; Deus é infinito, uma força viva que anima toda a vida.

Você, Rose, tem essa perceção interior e grande fé. Essa fé ajudou-a a tornar-se completa. Você tem fé em mim, no Stephen, no seu médico. Isso deu-lhe confiança. Você tem uma atitude positiva em relação ao espírito. Mesmo quando se sente deprimida com coisas materiais, mantém essa perceção fundamental que a permite continuar, independentemente da dificuldade do problema.

Nada é impossível quando há fé e perceção do poder do espírito. O Stephen, por exemplo, quando veio pela primeira vez estava infeliz e preso a sentimentos materiais, mas perdeu tudo isso e encontrou alegria e realização. O poder dentro de cada um pode superar tudo. Vejam as pessoas que, por exemplo, perdem as mãos num acidente e aprendem a pintar com os pés. Se tiverem um pensamento positivo e trabalharem para esse objetivo, alcançarão o que desejam.

O homem cria o caos e a miséria através da estupidez de pensamento e ação. Se houvesse equilíbrio entre o mental, o espiritual e o material em cada ser humano... Aqueles que ocupam lugares altos poderiam criar tanto bem, mas muitas vezes criam miséria porque perdem o equilíbrio. Equilíbrio, equilíbrio, equilíbrio — esta é a minha palavra de ordem. Não esperamos perfeição, mas todos estamos a lutar por algo melhor, mais sábio.

O segredo é esquecer o "eu" no serviço e no amor. Ao perderem o ego no serviço aos outros, começam a encontrar o vosso verdadeiro eu. Podem magoar-se, podem desiludir-se com a estupidez alheia, mas o amor é a única coisa que causa impacto real. Ele abre todas as portas. Nós encontramos a felicidade em ajudar os menos afortunados, trazendo-lhes esclarecimento e ajudando-os a ver a realidade da verdade.

Se o espiritualismo fosse entendido na prática, mudaria as pessoas, tirando-as do pântano do materialismo. Sabemos como é importante consolar as pessoas e dar-lhes provas da sobrevivência para as salvar, por vezes, do suicídio. Mas poucas pessoas percebem do que se trata realmente; contentam-se em arranhar a superfície. Queremos que as pessoas percebam as

implicações do que falamos, mas às vezes sinto que falhamos... ou melhor, que elas falham a si mesmas.

Sabe, não temos muitas oportunidades de falar hoje em dia. Mas, sempre que precisar, eu estou perto de si. Às vezes oiço-a dizer mentalmente: *"Bem, onde está o Doutor?"*. Saiba que estou frequentemente presente.

Sinto que estava a fazer. Passei o mês do dia 19, e ficou vaporizado. Tenho trabalhado e penso que agora, talvez, talvez eu não tenha percebido bem se o meio está a ser reorganizado, ou o que ele está a fazer; ele parece um pouco confuso, mas ainda assim, espero que recebas um par destes por semana. Bem, eu sei, sabes, podes meter-te nisso, resolve isso tu mesmo. Estás a correr? Sim. Bem, então faz algo a esse respeito. Adeus. Adeus. Não faças isso. Adeus. Obrigado pela sua palestra. Vemo-nos no desfecho de tudo. Não podes entrar no mundo. Adeus.

17/02/56

A ABOLIÇÃO DA FORCA

A abolição da pena de morte no Reino Unido (que inclui a Inglaterra) foi um processo gradual que se estendeu por meados do século XX. O método padrão de execução até então era, de facto, o enforcamento. Embora a pena de morte para homicídio tenha acabado em 1969, ela permaneceu tecnicamente "nos livros" para crimes específicos durante mais três décadas:

- *Alta Traição: Manteve-se como crime capital até 1998.*

- *Pirataria com Violência: Também punível com morte até 1998.*

A abolição total e definitiva de todas as formas de pena de morte no sistema jurídico britânico só foi concluída com o Crime and Disorder Act 1998 e a subsequente ratificação de protocolos da Convenção Europeia dos Direitos Humanos.

ROSE: Olá, Dr. querido.

DR. MARSHALL: Olá, Rosie. Sim, um resultado maravilhoso.

ROSE: Sim, estamos muito felizes.

DR. MARSHALL: Estamos imensamente satisfeitos. Foi uma tarefa árdua, mas conseguimos.

ROSE: Apenas através de sugestão mental, é isso?

DR. MARSHALL: Bem, obviamente foi um trabalho longo, mas os últimos dias foram [intensos], na medida em que nos unimos todos em números e força tremendos para influenciar as mentes, particularmente daqueles que não eram fáceis de convencer. Mas vencemos. Foi um jogo difícil, mas vencemos.

ROSE: Oh, abençoados sejam todos, Dr. querido. Pergunto-me como o fazem.

DR. MARSHALL: Conseguimos uma maioria, uma maioria muito boa. Está aprovado, está tudo bem.

ROSE: Oh, sim. Significa que não teremos mais isso. Que bom. Espero que o resultado seja positivo.

DR. MARSHALL: Tenho a certeza que será. Não serve propósito nenhum enviar pessoas para aqui dessa maneira. O erro nunca fará o acerto. A velha lei de "olho por olho, dente por dente" está errada. Não funcionaria.

ROSE: Eu sei, mas muita gente ainda pensa assim. Dr., o que eu quero saber é: estas pessoas que são assassinadas ou executadas... antes do tempo delas, elas têm de assombrar a terra até que chegue a hora "própria" de partirem?

DR. MARSHALL: Não, não. Não têm de fazer assombração nenhuma. Há sempre alguém deste lado para as ajudar na transição. Mas receio que, em vários casos, a situação tem sido má e não pudemos fazer muito por eles. Em

consequência, eles acabam por se agarrar à terra, tornam-se um estorvo e tentam obter satisfação de outras pessoas. Por vezes, influenciam pessoas a fazer coisas que não são boas.

ROSE: E esta nova lei, ajuda-os? Faz com que se sintam melhor?

DR. MARSHALL: Sim, ajuda certamente. Fez muito para retirar de muitos aqui aquele sentimento de que a lei é tal que pode tirar a vida. Alguns chegavam aqui com um ressentimento terrível contra a lei, contra o Estado e contra as pessoas. Isso mudou muito as mentes. Muitos dos que andavam pela terra a procurar vingança ou a tentar instilar a sua vontade em pessoas de mente fraca... muito disso mudou e mudará. Na verdade, fará bem a todos. É difícil explicar todos os aspetos porque isto é muito abrangente. Alguém que é enforcado traz consigo muita malícia e má vontade que acaba por afetar outros indivíduos. Bem, isto vai parar tudo isso.

ROSE: Que bênção.

DR. MARSHALL: O Estado pensa que pode cortar uma vida e que é o fim. Não é o fim. É onde o problema começa. Há certos tipos de mentes que, receio bem, quando chegam aqui não estão melhor; aliás, estão provavelmente muito pior. E tentam instilar em pessoas fracas do vosso lado o desejo de fazer coisas semelhantes. Nota que, se houver uma onda de crimes, há muita imitação. Isso acontece por infiltração nas mentes. Se enforcas um homem, não o cortas da vida; apenas o cortas desta vida. A maioria deles "pendura-se" no lado de cá e torna-se uma má influência para os vivos. Tu não eliminas o crime enforcando um homem; provavelmente aumentas o crime.

ROSE: Eu perguntava-me se o mundo espiritual não os atrairia quando vissem a tremenda diferença para a vida na terra.

DR. MARSHALL: Sim, isso soa muito bem, mas lembra-te sempre do que te tento dizer: uma pessoa só consegue ver aquilo para que está pronta ou preparada para ver. Se alguém é enviado para aqui por um crime terrível e é enforcado, o seu estado mental é tal que é difícil ver com clareza. Eles vêm com emoções e reações tão fortes contra o vosso lado e contra o mundo em geral que, de certa forma, estão cegos.

ROSE: Estás a dizer que a pessoa fica cega pela raiva?

DR. MARSHALL: Sim, estou a dizer isso. A maioria sabe distinguir o bem do mal, mas entram em pânico ou em fúria e simplesmente seguem em frente como um touro enfurecido. Há pessoas que são ferozes como animais

selvagens. E, embora tentemos ajudá-las, estamos limitados. Elas agarram-se à terra por muitos anos, às vezes séculos. Não imaginas o impacto que causa quando alguém é enviado para aqui antes do tempo. O homem foi feito para viver uma vida normal e ter uma morte natural.

Qualquer violência ou fim súbito é mau. É por isso que os Mundos Superiores, como ambos sabem, são contra o suicídio. Não podes escapar de ti próprio. As pessoas pensam que podem, mas não podem. No final, tens sempre de te enfrentar a ti próprio. Estas almas são enviadas para aqui antes da hora e não conseguem ver além da terra.

ROSE: Negócio terrível.

DR. MARSHALL: Em tempo de guerra, se fosse possível veres as condições ao redor do mundo, ficarias horrorizada. É indescritível. Milhares de almas expulsas dos seus corpos antes do tempo, despreparadas, no calor da morte, da loucura, da raiva, cheias de amargura. É nisso que devíamos concentrar-nos agora.

ROSE: Bem, temos estado a concentrar-nos nisso há anos.

DR. MARSHALL: Sim, e estamos a trabalhar muito. Creio que a possibilidade de uma guerra mundial total é remota. Apesar de a energia atómica ser terrível quando usada para o mal, não creio que volte a ser usada assim, porque é algo demasiado tremendo. Nenhuma nação ganharia a guerra. Estão todos conscientes dos perigos. Acho que não haverá outra grande guerra. Poderá haver escaramuças, coisas pequenas que sublinham o medo deles, mas não uma guerra mundial como a primeira ou a segunda.

ROSE: Pergunto-me por que os envolvem a descobrir estas coisas atómicas.

DR. MARSHALL: O homem é colocado no mundo com livre-arbítrio e não o podemos impedir. Não temos o direito. O homem tem a liberdade de escolher descobrir o que lá está. Olha para ti, por exemplo: não conheço ninguém mais curioso que tu! Se entendesses de fissão nuclear, serias a primeira a investigar.

ROSE: Graças a Deus que não entendo!

DR. MARSHALL: O ponto é, minha querida, que é natural que pessoas inteligentes queiram sondar e saber mais e mais. E tu já sondaste o suficiente, não já? Nunca paras de fazer perguntas. Não me dás um minuto de paz! Estou a brincar contigo. É natural que o homem seja curioso. O importante é que,

quando se descobrem as coisas, se usem para benefício da humanidade e não para destruição. Enfim, tem sido um dia feliz para nós porque o desfecho disto [a votação], embora tenha sido um pesadelo, é um grande sucesso.

ROSE: É maravilhoso sentir isso. As almas superiores descem para vos ajudar?

DR. MARSHALL: Sei o que queres dizer, mas as almas mais elevadas raramente vêm à terra. Em raras ocasiões sim, mas geralmente empregam ministros, outras almas. É feito por um sistema de estafetas, por assim dizer. Quando lês nos jornais sobre alguém que viu a Virgem Maria ou o Mestre Jesus (Master Jesus — o software ouviu "Pastor Jesus"), trata-se geralmente de outra entidade que não está a personificar, mas a emanar a aura dessa entidade para um propósito específico.

Sabes, acontecem coisas no teu mundo que te devem parecer estranhas.

ROSE: Sim, outra coisa estranha são as marcas da cruz e o sangue nas mãos, li no jornal sobre um jovem que tem isso de vez em quando.

DR. MARSHALL: Bem, se uma pessoa é extremamente religiosa ao ponto de isso se tornar uma obsessão absoluta, é viável que o corpo reaja. Eles próprios, inconscientemente, podem provocar essa condição. Não há necessariamente nada de psíquico ou milagroso nisso. A mente consegue realizar coisas incríveis, Rose.

ROSE: Não me diga isso, Dr.

DR. MARSHALL: Coisas tremendas! Agora, com que te estás a preocupar? Suponho que achas que a tua mente criou um motorista fictício que vem falar contigo, não é?

ROSE: Eu continuo a perguntar-me. Fico feliz quando estou aqui, mas quando saio deste quarto às vezes penso: "O que é que se passa contigo? Sofres de alucinações?".

DR. MARSHALL: Bem, tudo o que posso dizer é que então sofremos delas contigo! Estamos todos no mesmo barco. Mas posso assegurar-te que a mente não consegue criar uma ilusão como o Chopin ou outra alma deste lado a comunicar contigo. Podes estar no teu quarto e ter uma alucinação porque estás sempre a pensar no Chopin, mas a mente não consegue produzir a voz que outras pessoas também ouvem além de ti. E certamente não produziria as informações que te damos. Tu podes ser um bocado doida, mas não és assim tão doida!

ROSE: Alucinações... mas dizes-me que sou uma alucinação?

DR. MARSHALL: Não, não. Tu és muito clara.

ROSE: Eu descobri tudo sobre ti e a tua morada e disseram-me que não existias...

DR. MARSHALL: Isso é bom. Mas se esperares o suficiente, as provas virão. Como te disse, eu não queria falar com a minha esposa no início; sabia que as provas viriam a seu tempo. Ela ouviu a minha voz gravada e reconheceu-a. Ficou radiante por ver como era igual à minha voz.

ROSE: Oh, aí tens. Gostava de fazer algo sobre esta entidade do Chopin...

DR. MARSHALL: É ele mesmo. Tu dizes isso aqui, mas quando sobes para o teu quartinho verde ou azul, ficas cheia de dúvidas e ris-te. Teremos de fazer algo vital nas próximas semanas para te dar aquele "extra" de certeza. Acho que ficarás satisfeita quando vires o Chopin.

ROSE: Sim. Ouvirei ele a tocar a sua música.

DR. MARSHALL: Sim, será um dia maravilhoso. Virá. Sei que virá. Estás aí, Mamã?

A Entrada de Frederick Chopin (ou uma breve manifestação)

CHOPIN: Sim, estou aqui. O que se passa contigo? Nada. Ha ha ha ha! Agora é sobre cozinhar, vês, Mamã? É assim que as coisas são. Não tão mau. Tão doce. Agora parei com isso. Mas entendes agora? Pensas que eu sou uma alucinação? Oh, não, eu não sou.

ROSE: O que é isto? Oh, Frederick... ou um colega doutor?

CHOPIN: Bem, eu não sei. O que queres dizer com não sabes? É que achas tudo tão maravilhoso que não consegues acreditar.

ROSE: Sim, é isso.

CHOPIN: Bem, há outras coisas maravilhosas em que as pessoas acreditam.

ROSE: Sim, eu acredito, mas sou humana, afinal de contas.

CHOPIN: Eu sei. É isso que te torna tão interessante.

Notas:

"Higher Worlds" (Mundos Superiores): O Dr. Marshall está a referir-se à hierarquia espiritual superior que rege as leis da vida e é contra o encerramento violento da existência (suicídio ou execução).

Pena de Morte: Esta sessão é um documento histórico. O Dr. Marshall afirma que os espíritos trabalharam ativamente "do lado de lá" para influenciar os parlamentares britânicos a votar pela abolição, visando travar o ciclo de vingança e obsessão que os executados criavam no plano terreno.

O Estigma (Marcas de Sangue): Marshall dá uma explicação psicossomática para os estigmas religiosos, atribuindo-os ao poder da mente e da obsessão religiosa sobre o corpo físico, e não necessariamente a um milagre externo.

A Identidade de Chopin: A Rose sofre de crises de dúvida (comuns em quem lida com o invisível). Marshall e o próprio Chopin tentam tranquilizá-la, prometendo que ela acabará por "ver" e "ouvir" a música dele de forma inegável.

JOHN GRANT

O AQUECIMENTO E A PREOCUPAÇÃO COM O MÉDIUM

MICKEY: Como estás? Bem. O coração dele está no sítio certo; ele disse-me que voltaria em dez [minutos]. Ele voltará num minuto. Ele gosta muito de ti, tem estado atento a ti, companheira.

ROSE: Bem, eu gosto muito dele, isso é bom para ele.

MICKEY: Eu sei que gostas. Vocês deviam dar-se como ratos (muito bem), eu é que tenho de te tirar da tua luta. Tens estado em luta, não tens? Sim, tens estado em luta. Ha ha! Eu tenho estado em luta, não tenho? Ele fica um pouco... ele fica um pouco, sabes, "shh".

ROSE: Bem, sabes, ele é apenas um pouco...

MICKEY: Tu estás adoentada.

ROSE: Fico preocupada com ele, sabes.

MICKEY: Sim, bem, ele ficará bem. Ele ficará bem, eu garanto-te. Bem, ele não está deitado debaixo da montanha agora, pois não? Ele não continua aqui, pois não?

ROSE: Não, eu sei. Odeio deixá-lo, ele não está bem.
O Pedido de Rose sobre a Evolução do Homem

ROSE: Mickey! O quê? Tal como estava a falar contigo no outro dia, perguntei-me se alguém... quero dizer, se nos tinham trazido alguém que nos pudesse dizer algo sobre a evolução do homem, a progressão do homem.

MICKEY: Oh, bem, isso parece uma encomenda bastante grande, não parece? Bem, não tenho a certeza, na verdade. É a única forma que posso colocar. Mas suspeito que eles, quando estavas a falar comigo no outro dia, entenderiam o que estavas a dizer. Eu compreendo, sim. Eu estive em África, falei com... eu estive em África? Bem, ele estava lá, e estava a fazer algo, a gritar.

ROSE: A gritar?

MICKEY: Sim, sabes, e ele pensou: "bem, aquilo é o comboio, é o comboio", ele não o conduz, e não conseguia aguentar, quero dizer, assim. Por isso ele deixou o lugar para nós. Bem, Rose (Lucy), fica comigo, por favor. Não sei o que fazer. Bem, ele deixou isso, espero que compreendas. Olá? Rose? Rose, aqui é a Grace. Eu sei, Rose. Uns segundos. Vem lá, amigo.

JOHN GRANT: Os Perigos das Experiências Científicas e do Espaço

JOHN GRANT: Consigo ouvir-te. Consigo ouvir-te. Onde está o teu amigo? Ele não está bem hoje.

ROSE: Oh, lamento muito saber isso. Já lhe disseste? Espero que ele fique bem outra vez em breve.

JOHN GRANT: Sim. Ele virá da próxima vez. Sim, sim. Sessões. Sim. Oh, temos estado em contacto sobre tantos pontos diferentes, que seriam necessárias muitas sessões para discutir longamente as muitas facetas de mim próprio e da conversa.

E, claro, naturalmente, estamos particularmente ansiosos e de facto muito preocupados com o futuro imediato do homem; certas experiências que estão a decorrer, e outras que estão prestes a decorrer, que podem ser muito perigosas, não apenas para os indivíduos envolvidos, mas para toda a raça humana. Sinto que se deve estar consciente destes problemas, destas terríveis complexidades que devem ser minimizadas. Só podemos esperar e rezar para que o futuro imediato prove ao homem — especialmente aos interessados — o perigo forte e real para a vida humana que pode surgir de certas coisas que estão a acontecer.

Não estou a sugerir que o homem deva deixar de pensar nestas experiências. As experiências, algumas delas, são muito necessárias e, de facto, justificáveis; mas estamos preocupados com o facto de trazer para as condições da Terra certas matérias, certas substâncias, certos gases, que podem, talvez não imediatamente, ser prejudiciais à saúde e ao bem-estar do homem numa fase posterior.

Sabes, isto pode soar estranho para alguns que possam estar a ouvir o que digo; de facto, posso parecer local e bastante habitual, e certamente aqueles — caso alguma vez ouçam o que digo — naqueles lugares que são responsáveis por estas experiências, eles, sem dúvida, estão ainda com as mentes nubladas pela intensidade dos seus pensamentos relativos às experiências, e ignorariam isto de qualquer maneira.

Mas devo admitir que existe uma certa quantidade de incerteza e, de facto, nalgumas direções, uma certa quantidade de medo quanto ao que o homem, na sua ignorância, pode fazer ao seu mundo. Não creio que o homem perceba a intensidade de todo este negócio. Tal como as coisas estão, parece-me que o homem está empenhado na destruição de várias formas, seja na Terra, seja indo para o espaço exterior, aterrando na Lua e possivelmente, mais tarde, quem sabe, noutros planetas.

Todos estes vários planetas são diferentes. Têm a sua própria condição atmosférica particular. Têm as suas próprias condições dentro das suas próprias paixões. E se dizes que eles pertencem a esse mundo particular, poderiam ser tão opostos ao homem — opostos no sentido de que, se o homem tentasse aproveitar, como pode vir a fazer, certos aspetos da vida e condições de vida na Lua, por exemplo, ele descobriria que, ao longo de um

período de tempo, poderia muito bem trazer para o ambiente e condição da Terra certas substâncias e gases que poderiam ser muito, muito maus para as gerações futuras. Não sugiro que isto aconteça imediatamente. Pode não parecer haver qualquer efeito imediato, mas estais a trazer, ou estareis a trazer, para a emanação da Terra substâncias tão subtis, tão finas, que os cientistas do vosso lado não poderiam sequer estar cientes delas, certamente não as poderiam analisar.

Mas, claro, o perigo é que, uma vez que o homem atinja um certo ponto, ele não ficará satisfeito e tentará desenvolver o ópio (John Grant usa isto provavelmente como metáfora para o vício do poder/descoberta). Ele experimentará de várias formas e pode muito bem arrepender-se. Portanto, teremos de experimentar drasticamente, porque não é natural.

O vosso mundo tem as suas próprias condições naturais, as suas próprias substâncias naturais, os seus próprios gases naturais. É um mundo em si mesmo. Mas uma vez que estais fora desse ambiente ou condição, longe da sua atração na atmosfera, estais a entrar em algo que é completamente diferente. Até agora, o homem tem sido salvaguardado nas suas experiências por vários aparelhos científicos. Chegará o momento em que este aparelho não será suficiente contra a contaminação que entrará na condição dos envolvidos, a qual se pode espalhar rapidamente. Isto, na minha forma de pensar, é o perigo tremendo que o homem, embora com mente científica e com o seu conhecimento, não apreciou ou compreendeu seriamente.

A Futilidade e os Perigos da Conquista Lunar

JOHN DROUGHT: Ora, parece-me que chega um momento e um ponto com o homem em que ele perde todo o senso de proporção no seu interesse intensivo pelas suas experiências científicas. Ele deixa de pensar. Deixa até de agir como as outras pessoas agridem.

Suponho que se poderia chamar a isto uma forma de dedicação que, quando usada em certos aspetos, é algo extremamente bom para o homem. Mas quando se lida com certas coisas que estão além do alcance do homem — e pretende-se que a presença devesse estar mais dentro do alcance humano — creio que se tem de encarar o facto de que não se está apenas a sondar o desconhecido, mas está-se, inconscientemente, a abrir uma porta que pode não provar ser uma porta para o conhecimento, mas sim uma porta para o desastre.

Isto, sinto eu, é o grande problema que o homem não apreciou plenamente com toda a sua experiência e conhecimento de perícia científica e técnica.

Ele não percebeu as tremendas possibilidades prejudiciais que podem advir. O homem vê isto como mais um passo em frente na sua evolução, mas o seu objeto e propósito não é puramente científico ou para o bem da humanidade. É, lamento dizê-lo, obviamente, em certos casos, para dar o mundo em detrimento de certas nações.

Vês, parece-me que toda a intenção e propósito do homem nisto não é puramente experimental, não é puramente científico, não é puramente para o bem da massa da humanidade, mas é visualizado como a construção de estações para que o mundo inteiro possa ficar sob o olhar, por assim dizer, da nação que alcançar e construir estas estações que pretendem construir; estações de aterragem, eventualmente — não já, mas mais tarde. E creio que a ideia toda é que "quem domina a Lua, domina o mundo". Este é outro aspeto que precisa de ser combatido, à parte dos perigos. Porque eu vou arriscar o meu pescoço e dizer que nunca desejo essa capacidade de construir estações na Lua; eles descobrirão que enfrentarão certas condições atmosféricas por si só, à parte de outras condições da própria Lua, que os impedirão de fazer certas coisas que têm em mente.

Não estou a sugerir que não haverá aterragens, nem que não haverá aterragens bem-sucedidas e também regresso à Terra. Mas estou mais preocupado com o regresso à Terra de indivíduos, e também de equipamento, que poderia, à sua maneira, criar um certo conjunto de circunstâncias que seriam ocultas, desconhecidas, mesmo para uma mente científica na Terra. Por outras palavras, supõe-se que nada vai acontecer. Nada será visível. Nada será detetado. E o que as pessoas não percebem é que existem mentes a trabalhar. Existem mentalidades a trabalhar. Existem pensadores a trabalhar. E eles estão a trabalhar do outro lado — isto é, nas condições astrais ao redor da Terra — esforçando-se também por trazer à existência certos elementos que, se recebessem poder suficiente, poderiam assumir o controlo (parecendo ficção científica ou algo assim).

Mas o que as pessoas não percebem é que isto não é apenas uma questão de ir ao espaço exterior, aterrar numa certa esfera, aterrar num mundo particular. Mas, para alcançar isto, tu estás a perfurar a atmosfera. Estás a perfurar mundos invisíveis. Estás a perfurar mundos que estão dentro da

dimensão original, onde existem formas de existência de vida e mentalidades. Existem almas que são muito pouco evoluídas. Existem condições de vida que estão muito, muito perto da Terra, que não têm poder sobre ela.

Estas experiências de que falamos abriram, ou podem abrir, certos campos — não sei como colocar isto exatamente em palavras — os campos de radiação. E isto é uma radiação mental, além da radiação de uma certa matéria, que pode afetar o vosso mundo, pode afetar as condições naturais do vosso mundo, pode afetar o crescimento do homem, da natureza e do reino animal. Não estou a dizer que estas coisas vão acontecer, mas estou a dizer que todas estas experiências do homem estão a interferir com equilíbrios, com condições, com ambientes, interferindo com mentes subtis em trabalho.

A subtileza destas coisas não se pode explicar, não há formas de explicar, mas deve-se lembrar que toda a vida é um processo mental. Pode nem sempre manifestar-se através de um corpo ou de uma forma, mas há uma manifestação de muitas formas de vida em redor da Terra, alcançando os mundos exteriores, nos quais certas entidades vivem, de uma ordem muito superior ao próprio homem. E estas também, em certas esferas planetárias, fizeram contacto com a Terra em tempos variados, mas foi-lhes negada, até certo ponto, a oportunidade de conversar com o homem.

Não estou a sugerir que não tenha havido casos isolados de almas de outros planetas que se manifestaram mentalmente. Existem contactos de natureza mental que foram feitos. Mas, genericamente falando, há muito tempo que existem manifestações ao redor da Terra de mentalidades de outros planetas que estão preocupadas, muito preocupadas, com os motivos do homem e as experiências que ele faz, e o efeito que certas coisas poderiam ter sobre o seu próprio mundo em particular — um certo conjunto de mundos externos ao redor da Terra, invisíveis ao olho humano.

Vês, para a ciência, qualquer coisa que seja visível é uma coisa real. E existem outros mundos de que nada se sabe. Mas estes são os chamados mundos visíveis; e os mundos invisíveis são invariavelmente, mas nem sempre, os mundos mais altamente evoluídos. Estes são os mundos da mente e do espírito, e estes são os mundos que o homem não viu e não pode ver, porque é de uma substância e composição diferente. Mas é com a mente e o espírito que muitas destas coisas eventualmente virão a existir e estas forças serão aproveitadas.

O homem tornar-se-á consciente — é o que esperamos — de que há uma grande preocupação neste momento sobre estas experiências e os perigos que podem advir da libertação de certas matérias, que afetarão certamente a Terra. Estas são coisas que esperamos prevenir, que queremos muito evitar, e poderemos alcançar algum sucesso, porque a enorme preocupação deve, até certo ponto, ser diminuída, e eventualmente ser considerada prudente para o homem, mas impraticável e, digamos, sem sentido e inútil.

Se o homem estiver aberto a isto, é muito importante. Só se pode esperar que o homem veja a futilidade, que talvez se sinta satisfeito por ter alcançado tanto, e então esperemos que pare por aí. Se ele prosseguir demasiado longe — e não se pode ter a certeza disto — o homem poderia fazer certas coisas que poderiam ser tão prejudiciais... só podemos esperar que, nas fases iniciais, ele veja o perigo. É isto que esperamos que aconteça: que ele não vá longe demais.

Ainda existe a dúvida, felizmente — e digo felizmente, o que pode soar a ouvidos terrenos como uma afirmação tola. Ainda existe a possibilidade de o homem não aterrar com sucesso na Lua, pois se o fizer, ele nunca regressará. Isto pode soar um pouco insensível, mas é melhor que duas ou três vidas se percam do que talvez o destino de toda a humanidade.

Vês, o homem não pode viver na Lua, ele não pode existir na Lua; ou, se o fizesse, mover-se-ia de forma tão artificial, com tanta artificialidade, que seria impraticável viver de forma humana. Por isso, só se pode esperar que os primeiros dias, assumindo que eles tenham sucesso e nos pareçam magníficos, comprovem a futilidade nas fases iniciais, o que esperamos que satisfaça a curiosidade do homem. Esta seria a resposta satisfatória, a melhor coisa que pode acontecer; porque se for permitido continuar demasiado, a eventual tragédia seria longa. Certas almas em esferas exteriores tentaram fazer contacto de forma subtil. Mas, claro, nenhum aviso foi tomado por aqueles em lugares altos, particularmente os cientistas tão envolvidos que não estão interessados e não ouviriam.

Encontramo-nos numa posição que só pode ser levada a uma conclusão pela perceção do homem sobre a futilidade de mais experiências além de um certo ponto. Nada do que digamos pode alterar o facto de que o homem sabe, na maioria das vezes, até onde pode ir. E esta parece ser a única resposta. Se

ele for longe demais, então tenho a certeza de que o desastre se seguirá, mesmo que não seja imediatamente, mas numa fase posterior, porque ele estaria a libertar forças, substâncias e matérias gasosas que poderiam eventualmente destruir algo. Mas só podemos esperar e rezar para que o homem atinja um certo ponto e pare.

Não digo que não possa haver também algo de bom. Há sempre o bom e o mau. O homem pode aprender certas coisas, como ter satélites na atmosfera que poderiam ser benéficos, mas eles certamente não podem, tanto quanto vejo, ser construídos e estabelecidos na Lua de forma satisfatória. Isso traria perigo. Não creio que ele possa aterrar num planeta, viver nele e utilizá-lo para benefício da raça humana. Acho que é impraticável e, diria mesmo, impossível e altamente perigoso.

Embora algum tempo tenha passado, podemos discutir estas coisas mais longamente. Não, não é possível.

ROSE: Posso perguntar o seu nome, por favor?

JOHN DROUGHT: Sim, o meu nome. Provavelmente a maioria das pessoas já me viu. O meu nome é Drought.

ROSE: Drought?

JOHN DROUGHT: Sim, o meu nome é John Drought.

ROSE: George Drought?

JOHN DROUGHT: John Drought.

ROSE: Bem, você é o Francis, eu sei...

JOHN DROUGHT: Eu não me atreveria a chamar-me um [grande cientista], mas sempre estive interessado na ciência, e interessei-me muito por estas experiências, e consigo ver as possibilidades e os perigos. De qualquer forma, talvez da próxima vez que vieres possamos falar mais, e ter algumas perguntas e respostas. De qualquer modo, não seja desrespeitosa com o Cristo, porque só te estou a dizer o que sinto, o que me foi dado a entender, e não quero que fiques a olhar para mim [com dúvida]... eu estava numa posição de

saber muito mais do que eu próprio, percebes. De qualquer forma, falaremos em casa, eu sou o teu intérprete britânico.

ROSE: Não, você é britânico. Muito obrigada.

JOHN DROUGHT: Quero que outras pessoas oiçam isto, por favor. Vou-me embora agora. Adeus.

ROSE: Adeus. Obrigada. Adeus, Mickey.

MICKEY: Obrigado, Drought. Bem, é bastante interessante. Isto segue o que o Dr. [Marshall] estava a dizer no sábado.

Notas:

A Identidade de Rose: No início, o Mickey chama a Rose de "Lucy" por engano ou brincadeira, mas logo se corrige chamando-a pelo nome correto.

Contaminação Espacial: John Grant foca-se no perigo biológico e químico da exploração espacial. Ele avisa que o homem está a trazer para a Terra substâncias "subtis" que a ciência de 1960/70 (data provável desta sessão) ainda não conseguia detetar ou analisar.

Livre-Arbítrio e Ignorância: Tal como o Dr. Marshall, Grant reforça que o espírito não pode impedir o homem de usar o seu livre-arbítrio, mesmo que seja para a autodestruição, mas tenta avisar sobre as consequências a longo prazo (gerações futuras).

"Furred up" (na sessão anterior) e "Contamination" (nesta): Existe uma linha comum nestes comunicadores técnicos: a preocupação com a pureza dos canais (sejam as artérias da Rose ou a atmosfera da Terra).

Identidade do Comunicante: Ele corrige o nome para John Drought. Curiosamente, ele menciona ter sido um interessado em ciência e que agora observa de uma perspetiva astral.

Crítica à Exploração Espacial: Drought é muito cético quanto à Lua. Ele sugere que a Lua não é apenas um deserto físico, mas que a sua

exploração interfere com "mundos invisíveis" e dimensões astrais próximas da Terra que a ciência ignora.

Perigo de Contaminação Mental e Física: Ele introduz o conceito de "radiação mental" — a ideia de que as experiências humanas não afetam apenas a matéria, mas o equilíbrio psíquico do planeta.

Visão Geopolítica: Ele denuncia que a corrida espacial não é pelo bem da humanidade, mas para "dominar o mundo" através de estações de vigilância.

A "Futilidade" como Salvação: O espírito espera que o homem chegue à Lua, perceba que é impossível colonizá-la e pare por aí por tédio ou consciência da futilidade, evitando assim um desastre maior.

SESSÃO: 10 DE JULHO DE 1973

O AQUECIMENTO E A CADEIRA DE RODAS

Participantes: Rose Crete, Gwen Vaughan e Bramwell Rogers

MICKEY: Olá, Rosie! Olá, Gwendolyn! Olá, Bram!

BRAM: Olá, Mickey. Obrigado por me receberes.

MICKEY: Bem, estou contente. O Mickey está a fingir que não esperava por isto. Consegues ouvir-me bem, Rosie?

ROSE: Sim, consigo ouvir perfeitamente.

MICKEY: E tu, Gwen?

GWEN: Estou ótima, Mickey. O Jonathan Nichols ficou muito satisfeito ontem.

MICKEY: Ficou? Bem, faço o meu melhor. O que achas da cadeira [de rodas]? Não achas que é uma boa ideia?

ROSE: Sim e não.

MICKEY: Porquê "não"? Fica quieta. Rose, ouviste o que ela disse sobre a cadeira? Eu acho que é uma excelente ideia. É temporária, claro.

ROSE: Quanto tempo achas que a vou ter?

MICKEY: Não por muito tempo. Temos de te pôr a correr!

ROSE: Correr o quê?

MICKEY: Correr! Acho que não me estás a ouvir bem. Às vezes ouves, às vezes não. Suponho que não falo tão claro como devia, eh? Mas aqui as coisas são diferentes; quando volto, volto ao meu antigo "eu" de certa forma. É deliberado, para fazer as pessoas rir. Bem, vou ver se chamo outro. A Rosie quer o Marshall, não quer? Eu sei que ela o quer! (Risos).

DR. MARSHALL: Diagnóstico, Arteriosclerose e a "Ponte" Médica

DR. MARSHALL: Rose? Consegues ouvir-me?

ROSE: Agora consigo, Dr. querido.

DR. MARSHALL: Bem, isto não é uma surpresa para mim. Tenho estado à espera que viesses falar comigo há semanas. Tenho estado muito, muito perto de ti, como espero que saibas. Estava ansioso por falar, mas percebo que o médium [Leslie Flint] está terrivelmente sobrecarregado. E sei que ele supostamente está de férias. Tu e eu somos parecidos, não gostamos de pressionar quando percebemos que o médium precisa de descanso.

Mas queria muito falar contigo sobre a situação da tua perna. Rose, temos de aceitar: isto é a velhice. Esforçamo-nos para aliviar a dor, mas há um ponto em que se torna difícil. Tu tens, lamento dizê-lo, endurecimento das artérias (arteriosclerose). Estás a ter bloqueios em certas partes do corpo. O sangue não flui livremente e, ocasionalmente, coagula numa posição, o que causa essa dor excruciante.

Houve avanços na medicina desde que deixei a terra. Seria errado da minha parte sugerir que não aproveitasses a ciência moderna. Aconselho-te vivamente a aceitar o tratamento que te propuseram.

ROSE: Sim, eu aceitarei.

DR. MARSHALL: O problema tem sido pior nas últimas semanas porque afetou as tuas pernas. E temos de enfrentar o facto: durante anos, nunca exercitaste as pernas devidamente. Não te estou a culpar, mas a falta de exercício foi, em parte, a causa.

Há uns meses, tivemos um susto semelhante, mas não foi na perna. Foi na cabeça (referindo-se a um pequeno AVC ou congestão). Felizmente não foi tão grave como poderia ter sido. O sangue não flui normalmente em ti; as artérias estão como canos velhos, cheios de resíduos. Ficas com uma paragem no fluxo e isso causa dor. Se deixássemos avançar, seria muito sério, mas não te quero assustar. Não é tão mau como parece, desde que faças o tratamento. Ele vai abrir o canal para o sangue fluir outra vez.

Esta é a tua zona mais fraca, os pés. Temos dado tratamento espiritual há meses, mas há um limite. Chegou o ponto em que precisas de ajuda médica física, de procedimentos que não existiam no meu tempo.

A Luta Contra a Dependência da Cadeira de Rodas

DR. MARSHALL: Vais ter de fazer exercícios. Tens de ajudar a tua perna a voltar ao normal. Não digo para caminhares com dor, mas tens de a exercitar.

ROSE: Eles querem que eu vá para o hospital uma noite.

DR. MARSHALL: Pode ser que sejam duas ou três, mas não te preocupes. É necessário para restabelecer a corrente sanguínea. Rose, não há alternativa, tens de passar por isto. Serás bem cuidada e vais superar.

O que eu não quero, Rose, é que te tornes uma viciada na cadeira. No momento, ela é essencial, eu percebo. Mas a pior coisa que te podia acontecer, física e psicologicamente, seria ficares dependente dessa cadeira. Quando estiveres melhor, não a uses a menos que seja estritamente necessário. Já vi isto acontecer milhares de vezes: pessoas que se habituam a ser empurradas e perdem a vontade de fazer o esforço.

ROSE: Eu não gosto nada da ideia da cadeira.

DR. MARSHALL: Ótimo! No momento, usa-a. Mas depois, evita-a. Não queremos que sejas uma inválida confinada a uma cadeira. Mesmo agora, deves exercitar a perna. Massagens também são importantes. Não vais perder a perna nem nada parecido! Já tivemos problemas com a outra perna, quando todos diziam que teria de ser cortada por causa da gangrena, mas nós impedimo-lo e vamos impedir que aconteça com esta também.

Confia nos teus médicos. Eu acredito no trabalho em conjunto entre este lado e a profissão médica. Não fiques "em baixo", Rose. Tens de te manter animada.

ROSE: Não ficarei, Dr. querido. Com a sua orientação...

DR. MARSHALL: Daqui a duas semanas voltamos a falar para ver o progresso. Mas não penses que estás "nas últimas". Na verdade, não estás nem sequer "sobre as pernas" agora porque não as podes usar (riso), mas o que te quero dizer é que ainda não estás pronta para vir para aqui. Nós não te queremos aqui ainda!

ROSE: Pode dizer-me por que não me querem aí?

DR. MARSHALL: Estou a ser um pouco faccioso, mas a verdade é que todos já estão aqui sem o perceberem. Tu estás mais "aqui" do que muita gente, pela tua consciência. Mas no sentido de deixar o corpo físico para trás, ainda não é o momento desejável. Tens mais um pouco de estrada para percorrer.

Nós não gostamos de te ver sofrer. Dói-nos ver-te infeliz. Quando chegar a altura certa, quando fores uma rosa em plena floração, ter-te-emos aqui. Mas por agora, ainda és um botão; ainda tens um "filme verde" sobre ti. Ainda não é a hora, minha senhora.

O Médium e o Trabalho Futuro

BRAM: Como está o médium, Doutor?

DR. MARSHALL: O médium... bem, considerando tudo, está notavelmente bem. Mas ele exagera. Ele tem de se restringir. Uma das razões por que não comunicamos sempre é porque nos recusamos a sobrecarregá-lo. Se ele faz demasiado, temos de "bater o pé" e a única forma é não fazer o contacto. Azar o das pessoas, mas não há outra saída.

BRAM: Se vir o Stephen, diga-lhe que estamos a pensar fazer um livro sobre ele.

DR. MARSHALL: Essa é a melhor coisa que ouvi em muito tempo! Tenho a certeza de que ele cooperará. E quero ver a Rose de volta ao "padrão-ouro". Rose, o facto de estares em contacto connosco é uma ajuda psicológica vital para ti. Tens tido falta destas sessões e isso deixou-te deprimida. Quero que venhas falar connosco pelo menos uma vez por quinzena.

ROSE: Poderemos ir de férias, Doutor?

DR. MARSHALL: Acho que sim, por que não? Já deviam ter ido. Enfim, tenho de ir. Adeus, Rose! Adeus, Gwen! Adeus, Bram!

ROSE: Adeus, Dr. querido.

MICKEY: Adeus, Rosie! Vemo-nos daqui a quinze dias.

ROSE: Vemo-nos daqui a quinze dias.

MICKEY: Terás sorte! (Risos).

Notas:

"Green film": Marshall usa uma metáfora botânica. Uma rosa que ainda tem a proteção verde (as sépalas) sobre a flor indica que ainda não está pronta para abrir (morrer). O software ouviu "diversão verde", o que não faz sentido.

A Prevenção da Gangrena: Marshall refere um evento passado (provavelmente anos antes) em que os médicos terrenos queriam amputar a outra perna da Rose por gangrena, e o grupo espiritual interveio para salvar o membro.

A Ética com o Médium: Marshall explica que, quando o Leslie Flint está cansado, os espíritos simplesmente cortam a comunicação como medida de proteção à saúde do médium, mesmo que os assistentes queiram falar.

Psicossomática: O Dr. Marshall enfatiza que a depressão da Rose vinha da falta de contacto espiritual e que a "vontade" e a "fé" são fundamentais para abrir as artérias obstruídas.

28 DE MAIO DE 1957

A ALMA GRUPAL E A MANIFESTAÇÃO DO "EU"

ROSE: O quê? Espectador. Espectador? Creio que está a achar um pouco difícil falar. Tente de novo, amigo, sim? Boa tarde.

DR. MARSHALL: Boa tarde. Marshall aqui.

ROSE: Oh, doutor! Desculpe o atraso.

DR. MARSHALL: Bem, não exatamente um atraso num sentido, porque estivemos todos presentes, mas vários novos amigos queriam tentar fazer o esforço de falar com o nosso amigo. Sim. Eles não conseguem, por isso achei melhor aparecer e ter uma conversa consigo.

ROSE: Tudo bem, doutor.

DR. MARSHALL: Consegue ouvir-me? Sim, consigo ouvi-la. Às vezes encontramos grande dificuldade em ouvir. Na verdade, nunca temos bem a certeza se ouvimos adequadamente. Às vezes pensamos que estamos a gritar, e provavelmente estamos apenas a sussurrar. É muito difícil para nós julgar o efeito. Não sabemos realmente. Não. Até certo ponto, é muito difícil ter a certeza se fomos ouvidos ou não. Consegue ouvir-me?

ROSE: Sim, consigo ouvi-lo muito bem.

DR. MARSHALL: Bom. Alguém veio, sabe.

ROSE: Não sei quem.

DR. MARSHALL: Oh, sim, foi alguém que nunca falou antes. Chamamos-lhe Francis. Não é realmente o nome dele. O nome dele é Francesco. Oh, sim? Mas ele é um de um pequeno grupo que vem aqui de tempos a tempos. Alguém que nunca conheceu antes, mas com quem tem muito para falar. Ele é italiano. É um artista. Oh. Ele foi um artista. Ele está a fazer as coisas à maneira dele. Sim. Ele apenas ainda não aprendeu o método ou a forma de falar. Sem dúvida que ele conseguirá.

ROSE: Oh, espero que sim.

DR. MARSHALL: Bem, minha querida, como gosta de ser um de um grupo?

ROSE: Um de um grupo?

DR. MARSHALL: Sim. Um de um grupo muito, muito grande, não é? É praticamente uma unidade no todo, por assim dizer. Uma importante, se me perguntar.

ROSE: Oh? Ele é um de um grupo?

DR. MARSHALL: Sim, o Francesco é.

ROSE: Oh, querido Dr. Marshall (Marshall — o software ouviu "Jones").

DR. MARSHALL: Isso importa a tantos outros. Um dia, espero que aprenda a conhecê-los a todos, são várias centenas.

ROSE: Oh, querido. Oh, Dr. Marshall, ilumine-me um pouco. Parecem ser todos artistas em algum momento, não são?

DR. MARSHALL: O ponto é que este assunto da alma grupal deve ser muito confuso, porque cada indivíduo, suponho, particularmente aqueles na terra, lisonjeiam-se um pouco achando que são algo completo em si mesmos. Em parte, essa é uma das razões pelas quais, creio eu, a maioria das pessoas vive para si mesma até certo ponto e são bastante egocêntricas e egoístas, nem sempre se apercebendo disso.

Elas apenas pensam que são uma pessoa, o que são até certo ponto, e que o seu corpo físico, que é a sua expressão exterior, são elas mesmas. O ponto central é que as pessoas simplesmente não percebem que o espírito não pode ser confinado num corpo. Não pode ser confinado numa era ou num século. O espírito é algo que é tão tremendo que se pode expressar em mais do que um corpo ao mesmo tempo.

ROSE: Sim. Bem, quando fala sobre o espírito, é assim. Mas enquanto estamos vivos aqui, por exemplo, não a dormir, mas quando nos movimentamos e por aí fora, pode o espírito estar fora do corpo?

DR. MARSHALL: Sim. Oh, sim. E o que é muito surpreendente, talvez, aos seus ouvidos, é o facto de que o espírito, digamos, do que chama Rose Crete, não está apenas a manifestar-se num corpo físico, mas está presumivelmente e possivelmente a manifestar-se noutro lugar, possivelmente aqui noutra fase da sua existência. Vê, o ponto é que dá o nome de Rose Crete ao seu corpo, mas não pode dar o nome de Rose Crete ao seu espírito. Essa parte de si, que é o espírito, que faz parte do completo, que faz parte do todo, essa em si mesma pode estar a manifestar-se em vários corpos ao mesmo tempo. Isto pode ser tudo terrivelmente confuso para si, mas o ponto é que há parte de si a expressar-se como Rose Crete.

Isto é algo que creio ser muito vital e importante no que lhe diz respeito, ou a qualquer pessoa, particularmente a si própria. Está a viver num corpo chamado Rose Crete, e está muito inclinada a ser desanimada e muito inclinada, às vezes, a ficar irritada consigo mesma porque sente que não realizou nada, particularmente na música.

Mas não percebe que a maior parte de si mesma está a manifestar-se noutro lugar e a fazer exatamente as mesmas coisas, as coisas importantes que não consegue fazer nesta presente encarnação na carne? Percebe que não pode confinar o seu verdadeiro eu a esse corpo e não percebe por que está tão irritada e agravada consigo mesma e com o seu corpo, porque não consegue manifestar-se adequadamente através dele? Mas existe essa parte maior de si

mesma que se manifesta noutro lugar, aqui deste lado, e que está a realizar grandes coisas.

E essa é mais uma razão pela qual essa outra parte de si, que está ligada à parte de si que ainda está aqui em espírito, está tão agravada, porque percebe o confinamento do corpo físico, percebe a irritação e as desilusões dele; mas você, o seu verdadeiro eu, a maior parte de si mesma, que não está agora manifestada na terra, está a manifestar-se aqui e a realizar grandes coisas. O que acha que o Chopin quer dizer quando vem e lhe diz que está a portar-se extraordinariamente bem e que estamos muito satisfeitos consigo e que está a realizar imenso? Ele diz-lhe coisas sobre o seu estado de sono, o que até certo ponto é perfeitamente verdade, porque quando é libertada, essa parte de si é libertada no seu corpo físico, ela vai para a completude de si mesma aqui e manifesta-se num estado de ser mais aperfeiçoado. Claro que está a realizar todas as coisas que quer realizar.

Só porque não o está a fazer do ponto de vista terreno, nesse espaço confinado chamado corpo, não quer dizer que não esteja a alcançar grandes coisas aqui deste lado. Claro que faz parte de Chopin, ou o Chopin faz parte de si, e está a manifestar-se num sentido pequeno na terra, e tem essa inclusão em si mesma e perceção, e tem esse tipo de desejo de terminar com a terra. Claro que quer estar completa. Estará completa eventualmente, mas tem de cumprir o destino, tem de cumprir esta existência terrena pelo resto do seu tempo terreno. Quando a deixar para trás, então já não estará confinada ao corpo. Estará completa.

Será muito mais feliz, muito mais contente, sem quaisquer confinamentos do corpo físico. Estará a manifestar-se na unidade da completude, e encontrará essa perfeição e alegria em que o seu coração habita e que deseja e procura, em vez do aspeto físico da sua existência. É apenas essa parte confinada de si que tem estado tão irritada e perturbada por causa das suas limitações.

Então percebe que se está a manifestar aqui o tempo todo. Não está confinada. Por que está tão interessada neste assunto? Por que está a lutar para descobrir? Por que continua a dizer: "diga-me, diga-me, diga-me"? Eu sei que é apenas o confinamento do corpo, é apenas a desilusão que encontra num sentido físico, e quer ser livre dele. Todo o tempo está a lutar para ser livre desse corpo, para voltar para aqui, para estar no plano de vibração onde nós, que vimos até si, estamos. Estamos todos a trabalhar, mas tem de cumprir um destino. Esse pequeno pedaço do seu corpo que ainda se manifesta, essa parte

de si que trabalha através dele, está a lutar em direção ao seu objetivo. Não sei como dizê-lo.

ROSE: É por isso que me sinto como um autómato muito frequentemente? Empurrada.

DR. MARSHALL: O seu corpo é apenas uma máquina, e está a expressar até certo ponto alguma parte de si mesma através dessa máquina, tentando desesperadamente. Às vezes é como se pudesse arrebentar as correntes que a prendem, e no entanto, não pode. Tem de cumprir o destino que a colocou nesse instrumento físico, esse seu corpo. Mas todo o tempo está a lutar para se libertar dele, para estar aqui, para ser perfeita, para ser inteira. No momento não está inteira. Perceberá que é apenas uma parte. Está apenas um pouco limitada no momento, mas libertar-se-á desse corpo como eventualmente o fará. Então tornar-se-á a alma perfeita.

ROSE: Oh, obrigada, querido Doutor.

DR. MARSHALL: Bem, é muito difícil para nós dizer-lhe estas coisas e saber como as colocar em palavras, mas não pense que você... Agora, não me refiro a Rose Crete. Refiro-me a si, que é o espírito, a essência. É apenas você que está confinada em parte. A maior parte de si está aqui, não confinada, não restringida. Quando essa parte de si, a que chama Rose Crete, já não estiver confinada, então será o todo perfeito que deseja.

ROSE: E é por isso que diz o fluídico, então, nesse caso. Parte de mim está aqui, e parte de mim está ali.

DR. MARSHALL: Sim, claro. É totalmente extraordinário. É apenas porque o homem, na sua própria conceção estreita das coisas, se confina a um corpo de cada vez.

O espírito não conhece, realmente, num sentido, o confinamento do espaço ou do corpo. A sua parte interior, ao longo dos últimos 20, 30, 40 anos, começou a aperceber-se da imensidão da alma e começou a procurar, a buscar e a esforçar-se por estar fora do corpo, percebendo os confins que destroem. Está a lutar e a esforçar-se tanto para encontrar a realidade.

A maior parte da sua realidade está fora do seu corpo. Esse pedacinho que resta, ainda confinado e a lutar como Rose Crete, está gradualmente a assimilar conhecimento e experiência. Mas, quando estiver livre do corpo, ligar-se-á ao todo e você será um ser aperfeiçoado.

Quando digo aperfeiçoado, não quero dizer com isso que saberá tudo. Não. Mas, ao mesmo tempo, tornar-se-á um ser mais aperfeiçoado, entrando numa condição harmoniosa onde estará mais completa dentro de si mesma, com maior conhecimento e sabedoria, e trabalhando em harmonia com a alma grupal da qual faz parte e à qual pertence.

Então, começará a desdobrar-se, a expandir-se e a crescer, e será aperfeiçoada gradualmente de uma forma que a sua imaginação possivelmente não conseguiria conceber. Não se deve preocupar até lá. Esta sua existência atual, que é uma coisa temporária, embora restritiva, é a razão pela qual se sente sempre tão irritada consigo mesma, por causa das restrições desse corpo e desse espaço e tempo em que existe.

Mas é apenas uma fase, apenas algo passageiro. Você faz parte de um tremendo espírito organizacional. Faz parte de um grupo enorme.

Não apenas você, mas o Médium Flint. Ele não é apenas o que parece pensar que é à superfície. Por que é que ele é inquieto? Por que é que ele é exatamente como você? Não percebe que vocês os dois são tão parecidos? É quase, num sentido, inacreditável.

Ele está tão insatisfeito com a vida como você está insatisfeita. Ele, talvez, à superfície não pareça ter os desejos e as coisas pelas quais você tem de se esforçar. Talvez ele, num sentido, pareça ser um autómato, tal como você é, num sentido, um autómato.

Vocês são todos iguais. Você não é nada mais que um autómato. Ele também.

Mas não percebe que ambos são veículos de expressão no espírito? Ambos estão cientes e conscientes do "eu" maior que reside fora do corpo físico, por outras palavras, no espaço exterior. Ambos estão a esforçar-se por algo que a terra não vos pode dar. E, no entanto, ao mesmo tempo, têm de existir no mundo terreno para um trabalho.

Você pergunta-me: qual é o seu trabalho? Não consegue tocar piano. Não é a música que deseja ser. Não consegue fazer nada de natureza psíquica.

E, no entanto, eu digo-lhe que é tão psíquica quanto muitas pessoas que se consideram psíquicas. Você recebe tal intuição, como lhe chama, tal sentimento interior e emoção de reação às circunstâncias e às pessoas, maior do que talvez seja a sua conceção. O ponto é que recebe muito do seu próprio "eu".

Além disso, no seu sono, você viaja para aqui. O mesmo acontece com o Flint.. Ele passa metade do tempo aqui connosco.

E não apenas, não quero dizer apenas quando ele está sentado a prestar serviços e a ajudar as pessoas. Esse é um grande trabalho. E essa é a razão pela qual ele teve de vir à terra para cumprir esse trabalho.

Essa é a parte do destino dele. Mas quando ele libertar, libertar o corpo, tornar-se-á uma pessoa mais completa. Quando ele se ligar às outras almas que estão aqui, não vê que não é apenas uma pessoa? Você é muitos povos.

Mas a maioria dos povos dos quais faz parte está toda aqui. Quer se tenha chamado isto ou aquilo numa geração ou noutra geração, isso não vem ao caso. Vocês tiveram corpos terrenos que vos serviram para um propósito.

Esses corpos terrenos foram há muito enterrados e estão em pó. Mas você mesma existe em temperamento, em caráter e personalidade aqui deste lado. E quando estiverem todos ligados num único organismo e se tornarem uma grande alma, então tornar-se-á mais aperfeiçoada.

Não vê que todas estas coisas têm um propósito? Você faz parte de um clã tremendo. Faz parte de uma tremenda alma grupal.

ROSE: Como é que o médium e eu somos tão parecidos? E qual é a razão disso?

DR. MARSHALL: Porque passaram por muitas fases de existência juntos, em muitos climas, em tempos diferentes, e conheceram muitos povos, todos familiares uns aos outros.

Vocês fazem parte de um grande grupo que teve o seu início no mesmo período.

ROSE: E estas pessoas que aparecem ocasionalmente, suponho que pertençam todas a um grupo, não pertencem?

DR. MARSHALL: Todas pertencem ao mesmo grupo. Pertencem. Sim, e é isso que pretendo tentar transmitir-lhe. E o que outras almas aqui pretendem transmitir-lhe, transmitiremos pouco a pouco à medida que o tempo passar. Mas há certas coisas que só lhe podemos dizer quando o momento for o certo.

ROSE: Compreendo. O Oscar Wilde, ele também pertence ao grupo?

DR. MARSHALL: Certamente que pertence.

ROSE: Oh, que adorável. Temos o Chopin, o Oscar Wilde...

DR. MARSHALL: Sim. E o Valentino. E o Mickey, se lhe quiser chamar assim.

ROSE: O Mickey? Com certeza. Oh? Sim, por favor continue, querido Doutor. Sim, irmão.

DR. MARSHALL: Sim?

ROSE: E quanto à Mamã? Ela entra nisto de alguma forma?

DR. MARSHALL: A sua mãe também. Mas, lá está, eu explico.

Uma vez que se consiga erradicar da mente a ideia de que o corpo físico é meramente uma habitação por um período de existência no qual o espírito flui... se conseguir perceber que o espírito está a fluir através de muitos corpos em tempos diferentes, pode chamar a cada corpo, se quiser, por um nome diferente que teve experiências particulares peculiares a si mesmo na sua era ou tempo particular, mas é o mesmo espírito. E quando todas estas entidades ou todas estas forças se unem, então torna-se uma alma aperfeiçoada. E então torna-se parte de um grupo aperfeiçoado.

E então, quando alcançar um estágio aperfeiçoado de ser, numa certa condição de desenvolvimento de alma e consciência, então mover-se-á para muito além do tempo e da existência terrena. Por outras palavras, terá progredido para as esferas de iluminação e verdade, e não terá necessidade de regressar ou tocar na terra novamente.

ROSE: Mas quando diz que cada um de nós pertence a um grupo e que fazemos parte de um grupo e nos tornamos um só eventualmente, certamente cada um é um indivíduo separado.

DR. MARSHALL: Sim, cada um é um indivíduo separado. O que estou a tentar explicar-lhe é que todos fazem parte de uma alma grupal. Isto é algo que não pode ser explicado por palavras.

Num sentido, é algo que está praticamente fora do tempo e do espaço, e não há palavras ou explicações para isso. Mas, se conseguir perceber que todas as diferentes existências que teve foram condições de vida separadas, mas todas ligadas num todo completo, que constitui a perfeição ou o desenvolvimento em direção à perfeição da alma; e que essa alma particular da qual você é e na qual se tornou através de eras de tempo e muitas experiências em muitos corpos, que essa alma única está agrupada com outras

almas... embora sejam indivíduos separados ou unidades separadas de um plano completo ou de uma coisa completa, vocês não estão completos até estarem todos unidos num todo e viverem como um só. É a isso que se chama perfeição ou fraternidade perfeita.

ROSE: União, uníssono de alma. Compreendo. Não sei como explicá-lo.

DR. MARSHALL: Sim, sim, você está a colocá-lo muito, muito bem. Se conseguirmos aceitar o facto. Agora veja, se olhar para si mesma como uma nota no piano.

ROSE: Sim.

DR. MARSHALL: Sozinha, embora possa atingir um tom belo, você é inútil sem as outras notas no piano para criar um tema ou uma harmonia bela.

ROSE: Sim, é verdade.

DR. MARSHALL: E assim é. Pode haver muitas notas em escalas diferentes, vibrações de desenvolvimento diferentes, mas quando estão juntas, criam um som harmónico belo. Se conseguir visualizar cada nota como uma alma e que cada alma está num plano diferente, se preferir, de desenvolvimento, mas, no entanto, quando são colocadas juntas em vibração harmónica, tem uma unidade completa.

Você tem uma perfeição de tom e harmonia que lhe dá uma ideia muito, muito vaga do que estou a esforçar-me por dizer.

ROSE: Sim, creio que o compreendo.

DR. MARSHALL: Eu só sei tentar explicar num sentido musical, porque, num sentido, nós somos vibração. Todas as almas são vibração. E se você pudesse apenas ouvir a melodia que é tocada ou a música ou o som harmónico que deriva ou é derivado de uma alma, compreenderia como vivemos, até certo ponto ou mesmo em grande medida, por vibração musical. É por isso que a música é tão vital e importante para si e muito mais importante e vital para nós.

Pessoas como Chopin, que criaram tal beleza e harmonia e som tremendos, são almas iluminadas tão altamente desenvolvidas que nem consigo começar a descrever em palavras o que isso significa. Mas você faz parte desse grupo e é esta intensidade de desejo e anseio dentro da sua alma pela beleza, vibração, música e harmonia que é, em si mesma, pode dizer-se, uma prova do facto de que você se desenvolveu ao longo de muitos períodos

de tempo e de que está insatisfeita com as suas circunstâncias e condições atuais porque sabe que faz parte de uma grande alma grupal aqui que está cheia de harmonia, beleza e amor.

Aqui deste lado, há uma beleza e harmonia tão gloriosas, e amor e perfeição e estado de ser que, obviamente, você sente o choque e a irritação pelo corpo físico e pelas condições físicas em que vive. Mas você ainda tem de cumprir nesse seu corpo alguma parte do desenvolvimento da sua alma que é essencial para o seu bem-estar e para a sua perfeição de harmonia, amor e instrumentalidade de serviço aqui deste lado. Você está a passar por uma fase e, quando essa fase terminar, ligar-se-á, unir-se-á e será aperfeiçoada com aqueles que fazem tanto parte de si.

É por isso que Chopin e outros vêm até si, porque eles têm de a iluminar e abrir, por assim dizer, o caminho para si, para que possa caminhar eventualmente para fora desse corpo, liberta para sempre das coisas materiais terrenas, com uma sabedoria e conhecimento aperfeiçoados, sabendo que terminou para sempre com todas as coisas que são grosseiras, todas as coisas que são da terra, que já não podem ter qualquer efeito ou apelo para si e em si.

Você será livre para se unir na vibração harmónica de alegria e amor, em condições simpáticas de ambiente e harmonia, paz e tranquilidade aqui deste lado. Todas estas coisas lhe serão explicadas, pouco a pouco, mas deve ser paciente, Rose.

ROSE: Oh, mas você já explicou. Oh, obrigada, Doutor.

DR. MARSHALL: Tenho de ir, querida.

ROSE: Oh, muito obrigada.

DR. MARSHALL: Coisas grandes ainda lhe serão entregues. Coisas grandes, coisas grandes. Asseguro-lhe que, em muito pouco tempo, grandes iluminações, como nunca acreditaria, seriam dadas a si. Deus a abençoe, querida. Adeus.

ROSE: Adeus.

MICKEY: Adeus! Vemo-nos em breve, amor. Adeus!

ROSE: Adeus. Eu sabia que fazia parte da vossa condição. Vocês sabiam e nunca nos disseram.

MICKEY: Bem, os tempos... Foi-me dito para aguardar o meu momento.

ROSE: Foi-lhe dito para aguardar o seu momento?

MICKEY: Sim, até ao momento em que as pessoas estivessem prontas. Não apenas você, mas o Flinty (Leslie), o Bramwell e o Willie Willis e todos.

ROSE: O Willie Willis? Oh, sim, claro. Ele deve ter algo a ver com isto. Não compreende, Rosie, que você é colocada no mundo não apenas para o seu próprio autodesenvolvimento, mas para o de outros também?

ROSE: Oh, sim, isso eu sei.

MICKEY: E ele ajudou-a. E você ajudou-o a ele. Você e o Leslie e o Bramwell ajudaram-no de uma forma psicológica estranha, estranha. Ele é uma pessoa melhor agora do que era há dois ou três anos. Adeus!

ROSE: Sim, é verdade. Oh, gostava que não fosse embora.

LESLIE FLINT (acordando): Bem, é uma noite maravilhosa. Adeus. Eu não venho amanhã. Oh, estou muito curioso sobre o Mickey agora.

ROSE: Está?

LESLIE: Sim. Ele portou-se muito bem, no entanto, não portou? Muito bem. Eu não consigo compreender este assunto da alma grupal, sabe. É tudo muito intrigante, mas eu não compreendo realmente. Tento compreender. Consigo conceber o facto de que não sou mais Leslie Flint do que poderia ter sido, digamos, há séculos, outra pessoa qualquer. Não quer dizer que o corpo de alguém, o nome de alguém, seja mais do que aquilo que damos a nós mesmos, mas o desenvolvimento da personalidade e do caráter de alguém ao longo de um certo período é apenas parte de uma completude. O que eu não compreendo bem é o quanto...

30 DE JANEIRO DE 1973

A VIDA É UMA GRANDE AVENTURA,

NÃO SÓ MATERIAL MAS MENTAL E ESPIRITUAL

DR. MARSHALL: É uma pena, uma pena quando se olha para trás — sabe, quando qualquer pessoa, aliás, olha para trás — percebe-se particularmente quão estúpido é as pessoas permitirem-se tornar-se, por assim dizer, tão afetadas por coisas como credos e dogmas em particular. Isso estreita a sua visão, estreita a sua compreensão, torna-as estáticas. É isso, é a coisa que não consigo compreender de todo.

Sabe, eu acho que a coisa mais terrível que pode acontecer, num sentido, a um indivíduo mentalmente, é tornar-se estático, ter uma mente fechada, não ser recetivo, nem sequer aceitar ou ouvir. Isto parece-me extraordinário: que uma pessoa possa permitir-se tornar-se estática. Toda a vida é tão vasta nos seus muitos, muitos campos e muitos aspetos, e a verdade é tão tremendamente ampla no seu conceito. Uma pessoa pode ter algum aspeto da verdade, mas é apenas uma partícula minúscula; é como um grão de areia no deserto.

Se as pessoas ao menos percebessem as tremendas possibilidades que jazem à frente; se elas ao menos percebessem que aquilo que possuem — que lhes pode dar grande conforto e que nunca nega a morte — é apenas uma partícula da realidade. Alguém não quer ficar parado. Infelizmente, muitas pessoas ficam tão paradas por causa do seu passado e educação; elas não querem aventurar-se, por assim dizer.

A vida é uma grande aventura. Muitas experiências que são necessárias e essenciais para a evolução de alguém e para o desenvolvimento de alguém — não apenas materialmente, mas mental e espiritualmente. Eu acho que uma das piores coisas que pode alguma vez acontecer a uma pessoa é permitir-se tornar-se, de certa forma, amarrada por dogmas e credos e tudo o resto; a menos que a mente de uma pessoa seja livre. Elas não podem assimilar a verdade e o conhecimento e a experiência. Elas estão prejudicadas, elas estão acorrentadas a tal ponto, e eu acho que isto é uma das piores coisas, se não a pior coisa que pode acontecer a um certo tipo de pessoa. Alguém deve ser livre. Liberdade para expressar, liberdade para assimilar a verdade, conhecimento, experiência.

ROSE: Ela tem grande inteligência, sabe, Dr. querido; isso deveria torná-la livre.

DR. MARSHALL: Esta é a tragédia. Eu não consigo compreendê-lo. Eu acho que é o facto de que muitas pessoas têm medo. Eu acho que o medo é a base. Elas têm medo de que, bem, possa ser uma coisa má para elas ramificarem-se ou abrirem as suas asas. Elas gostam de ficar no ninho em vez de abrirem as suas asas. Sim. Medo; é medo. Muito assustadas. Medo do que lhes foi ensinado desde a infância. É isso que é. Essa é uma das coisas mais importantes que alguém tem de aprender a deitar borda fora quando vem para aqui. Para algumas pessoas é muito difícil, e particularmente pessoas que têm fortes convicções religiosas.

Eu acho que elas são as que acham mais difícil. Às vezes quase acho que é melhor para uma pessoa não ter convicções religiosas, para que, pelo menos, as suas mentes não fiquem entulhadas ou acorrentadas. Oh, é isso. Eu acho que esta é a tragédia. Tenho visto isto tão frequentemente com tantas almas aqui deste lado. Elas não conseguem ajustar-se rapidamente. Elas estão tão cheias de barreiras que criaram, que foram criadas em alguns casos provavelmente por elas através do seu passado. É difícil para elas sacudirem as velhas crenças. Elas percebem muito rapidamente — algumas, pelo menos — que estas coisas não são assim.

Sabe, há algumas pessoas, graças a Deus — provavelmente a maioria das pessoas, na verdade — que logo começam a organizar-se. Elas veem que as coisas não se aplicam. A verdade fundamental, que corre através de todas as religiões; é como uma veia que todas as religiões têm. Isto está tudo bem, mas lamento dizer que tanto se perde porque as pessoas não cavam mais fundo. Elas não pesquisam. Elas não procuram. Elas têm tanto medo. Eu acho que os credos e dogmas têm muito por que responder. E eles são maioritariamente, se não todos, feitos pelo homem.

Essa é a coisa extraordinária sobre isso. Eles não são coisas que foram criadas num sentido espiritual pelo poder do espírito, pela manifestação do espírito. Eles não foram coisas que foram decretadas por qualquer entidade. E, de facto, a coisa extraordinária é que a maioria das religiões baseia as suas verdades na realização espiritual que lhes foi dada por pessoas chamadas "mortas". A coisa extraordinária é que se não fosse por, por exemplo, o regresso do Cristo após a sua morte, não poderia ter havido uma religião cristã. Ele teve de regressar para provar a realidade da sua sobrevivência após a morte.

E todas as religiões têm este mesmo tema: uma vida após a morte. E, no entanto, quando se fala destas coisas às pessoas, muitas delas afastam-se disso como se fosse algo que alguém não devesse discutir ou aprofundar. Tanto medo. E, no entanto, a própria base das coisas que elas aceitam baseia-se nestas verdades que foram dadas desde tempos imemoriais à terra por entidades deste mundo. Mas cada religião tem essa crença. Quem me dera, valha-me Deus, que pudéssemos saltar mais do que saltamos.

É realmente triste às vezes quando olhamos para baixo e vemos o estado das coisas no vosso mundo e o quanto poderia ter sido mudado se apenas as pessoas percebessem estas coisas de que falamos. A doença do mundo, a doença mental e material do mundo, é o que o homem trouxe sobre si próprio. E a coisa extraordinária é que vastos números destas pessoas — bem-intencionadas, com boas intenções, frequentemente o que vocês chamam de religiosas por inclinação ou aceitação da religião pelo passado e educação — elas próprias estão tão presas no materialismo que a sua realização espiritual das coisas simplesmente não funciona, não parece vir à superfície, não as ajuda.

Elas sabem, muitas vezes, que as coisas que pensam e fazem são doentias, são más, e no entanto, elas não têm a coragem da sua convicção. A tragédia do vosso mundo é que o homem não percebeu a realidade desta verdade de que falamos, que poderia mudar todo o seu ser e modo de vida. As pessoas falam liberalmente sobre coisas, sobre coisas espirituais, mas elas mantêm-nas tão separadas e à parte em vez de utilizarem esses pensamentos e os colocarem em ação nas suas vidas diárias para mudar não só a sua própria circunstância e condição, mas também o mundo inteiro em consequência.

Não importa se são Católicos ou Protestantes, se são Cristãos ou Budistas ou o que quer que sejam; o ponto central é que toda a humanidade está presa na mesma realização do último, que é, claro, a vida após a morte. Quer dizer, ninguém pode escapar a isso.

ROSE: Eu acho que a vida terrena arruinou a atualidade da espiritualidade. Nós nunca deveríamos ter nascido na terra. É o facto de se nascer na terra que estragou a vida por completo.

DR. MARSHALL: Mas então, minha senhora, você tem de vir ao seu mundo; é um campo de treino, é uma sala de aula, é necessário para a evolução do indivíduo. Isto é muito importante e é por isso que, muito frequentemente, numerosas almas regressam repetidamente para cumprir algo que é importante e essencial não só na sua própria evolução e desenvolvimento, mas no sentido de fazer algum gesto em direção aos outros e ajudá-los na sua evolução e desenvolvimento. O mundo terreno é importante, mas claro que o ponto é que o homem não tem um equilíbrio real. Isto é uma tragédia.

Alguém não espera que todos andem por aí a viver uma existência cem por cento espiritual no mundo material. Eu não sugeriria que isso seria assim ou seria sequer possível, embora nada seja impossível; mas o ponto é que alguém deveria perceber que se poderia ter equilíbrio e viver num sentido espiritual ou ser espiritualmente motivado.

ROSE: Mas a própria vida terrena faz-nos perder o equilíbrio. Não se pode evitar.

DR. MARSHALL: Bem, você diz isso, mas isso não é realmente assim, na minha opinião. Eu acho que o homem tem esta perceção interior, esta consciência interior, e ele tem esta faculdade espiritual ou habilidade espiritual, se preferir, que está adormecida, latente. O espírito está lá, no corpo material, físico, "rebentando pelas costuras", por assim dizer, tentando sair, tentando expressar-se, tentando criar algo a partir do material. A substância do espírito é tal que ele poderia sobrecarregar e ele poderia vencer todos os aspetos menores e todos os aspetos mais grosseiros do materialismo.

Mas depois, infelizmente, na maioria dos casos, ele não está realmente ciente disso em qualquer extensão. Ou se está, ele tem medo disso. E ele também olha para o mundo material como sendo vitalmente importante num sentido material e está mais preocupado com o materialismo do que com qualquer outra coisa. E ele perde o equilíbrio.

Eu acho que se houvesse equilíbrio entre os dois, se a motivação do espírito fosse tal que pudesse ser utilizada em cada aspeto através do material, o vosso mundo inteiro seria mudado. Não há nada de errado com o mundo fundamental em si mesmo. Não há nada de errado com o aspeto material da vida na natureza e na beleza do mundo.

É o que o homem lhe está a fazer [ao mundo] e o que o homem lhe fez no passado. Veja, o ponto é que o homem ainda não ganhou a plena perceção do poder interior. Claro que é sobre isto que todos os grandes profetas e instrutores e videntes têm falado durante séculos, gerações.

O homem tem de aprender o que é capaz de alcançar, o que pode fazer a partir de dentro de si mesmo. Foi dito que o poder de Deus está dentro, o que é verdade, que Deus está dentro. Quer dizer, nós usamos o termo Deus. Claro que, quando o usamos, as pessoas imediatamente — muitos de vós — pensam em algum tipo de criatura peculiar e estranha na forma ou feitio de homem, mas altamente evoluída, metade homem num sentido, sentado num trono branco. Quer dizer, Deus não é uma pessoa nesse sentido. Deus não tem forma nem feitio.

Deus é — e uso novamente esta expressão, esta palavra Deus — Deus é infinito. Deus é um poder que está para além da compreensão do homem, mas é uma realidade viva de força que anima toda a vida. A vida é animada pelo poder do espírito, pelo poder da Divindade da vida. Não sei como se colocaria isto. Eu não o compreendo realmente.

Mas esta é a parte do homem que deveria ser desenvolvida e tornada, por assim dizer, capaz de superar o material. Se alguém perceber, nada é impossível, realmente. Quer dizer, vejamos você e o seu próprio eu. Você tem dentro de si uma perceção interior, uma consciência destas coisas de que falamos. Você tem grande fé em consequência e, em consequência, a fé que tem, até certo ponto, ajudou a torná-la inteira. Quer dizer, você tem fé em mim, tem fé no Stephen, tem fé no conhecimento de nós mesmos deste lado, e agora tem uma fé renovada no seu médico.

Veja, isto também a ajudou. Foi-lhe dada confiança, percebe. Aprendeu a ter confiança naqueles que se esforçam por servir e se esforçam por ajudar. Isto é o que é tão importante: o aspeto positivo do pensamento de que falei no início. Você tem esta atitude mental positiva em relação a este poder do espírito. Claro que há alturas em que fica um pouco em baixo ou um pouco deprimida, as circunstâncias são difíceis, por vezes as coisas materiais parecem bastante avassaladoras, mas você ainda tem uma perceção fundamental destas coisas de que temos falado há tanto tempo, que lhe

permitiram continuar a avançar, que lhe permitiram, bem, perante qualquer vicissitude ou dificuldade ou problema, superá-lo.

Veja, se apenas as pessoas percebessem que o poder dentro delas mesmas é tal que muito pode ser superado, muito bem pode ser alcançado, muito bem pode prosperar em circunstâncias onde se pensa ser quase impossível. Não há nada impossível para um ser humano se houver a fé e a perceção do poder do espírito. Você tem isso.

O Stephen tem isso, claro. Agora, ao início, quando ele veio pela primeira vez, ele estava deprimido, estava infeliz, estava preso à terra, estava retido por, bem, todo o tipo de pensamentos e sentimentos que não eram muito animadores, eram muito materiais, mas ele perdeu tudo isso. Ele encontrou tanta alegria, tanta felicidade, tanta realização por alcançar, ele já alcançou imenso.

Veja, isto é o que é tão importante que as pessoas percebam: que o poder dentro de si mesmas é tal que pode superar tudo e não há razão para que alguém não seja capaz de alcançar, de alguma forma ou feitio, mesmo coisas que talvez à superfície pareçam ou pareceriam impossíveis de alcançar. Mesmo quando alguém talvez... quero dizer, você pode ver no seu mundo de várias formas como as pessoas superam grandes desvantagens. Quer dizer, há pessoas que talvez sejam incapazes, por exemplo, de usar as mãos, talvez tenham tido algum acidente de nascença ou o que seja, e podem aprender a pintar com os pés, usando os pés como se fossem mãos.

Isto é, num sentido, talvez não comparável, mas o que estou a tentar dizer é que, se tiver fé em si mesma, em ser capaz de alcançar seja o que for que queira alcançar, se tiver um pensamento positivo sobre isso e trabalhar para esse objetivo até ao fim, você alcançará. Nada é impossível para aqueles que realmente põem tudo o que têm nisso e, num sentido espiritual — e esta é a parte mais importante, obviamente — é que a realização que pode ser trazida à existência pelo poder do espírito, a perceção de que pode fazer, pode alcançar, pode superar... o poder do espírito poderia transformar todo o mundo terreno em algo que está para além da sua imaginação.

O homem cria o caos, o homem cria miséria à sua volta no vosso mundo através da estupidez do pensamento e da estupidez da ação; coisas estúpidas, coisas terríveis resultam porque o homem está ele próprio, infelizmente na

maioria dos casos, preso de uma forma tão material às coisas materiais, colocando-as em primeiro lugar. Se apenas houvesse equilíbrio entre o mental, o espiritual e o material em cada ser humano, particularmente naqueles em lugares altos que estão em posição de criar, se quisessem, tanto bem para o mundo; mas frequentemente criam caos e miséria e perdem o equilíbrio.

Veja, equilíbrio, equilíbrio, equilíbrio é a minha palavra de ordem, poder-se-ia dizer hoje, em relação a tudo. Não esperamos perfeição das pessoas da terra, por que haveríamos de esperar? Nós próprios não somos perfeitos, estamos todos a esforçar-nos por algo um pouco mais, um pouco melhor, um pouco mais sábio, um pouco mais de compreensão, um pouco mais de perceção da verdade. Todos estes passos são agora passos na direção certa. Eles podem por vezes parecer lentos e laboriosos, não ganhamos talvez muito depressa, mas aprendemos lenta mas seguramente e ganhamos confiança pelo caminho.

Eu sinto apenas que a tragédia do vosso mundo é que o homem não encontrou o equilíbrio entre o espírito e o material. Deveria haver esta força motriz do espírito no material em cada aspeto da vida, seja na política, na religião, ou em relacionamentos pessoais com amigos ou parentes. Equilíbrio, equilíbrio, equilíbrio; perceção de que o poder do amor, particularmente, torna todas as coisas possíveis, superará todas as coisas; pode nem sempre parecer que o faz na altura, mas no fim, a longo prazo — isto é o importante — verá que o próprio amor superará todos os erros do homem.

Alguém tem de se dar, dar-se absolutamente em amor e em serviço. Esqueça o "eu" no serviço e começará a encontrar o seu verdadeiro eu. Esta é outra coisa que as pessoas não percebem. Se se perder no amor, no servir, no ajudar, pensando nos outros, dando de si mesma o melhor que pode, poderá magoar-se às vezes nos processos, claro, e terá desilusões e talvez alguns desencantos aqui e ali com indivíduos que são fracos e estúpidos e tolos; mas o ponto é que o amor é a única coisa que realmente importa. É o amor que abre todas as portas do conhecimento e da experiência, que torna todas as coisas possíveis.

Desejo às vezes que percebêssemos o que o poder do amor pode fazer e o que pode alcançar. Alguém deve dar-se completa e absolutamente em amor. É isso que nós fazemos e encontramos grande alegria na felicidade e no serviço, em ajudar aqueles menos afortunados, trazendo iluminação,

fortalecendo-os quando estão em baixo e deprimidos, ajudando-os a ver a realidade da verdade e, desse modo, a sair do lamaçal e a encontrar um verdadeiro pé firme para que possam avançar e encontrar alegria e felicidade como nós fizemos.

Sabe, Rose, se as pessoas compreendessem este espiritualismo, como lhe chamam... se apenas o compreendessem na prática. Aí reside o problema: tão poucos compreendem, e aqueles que o fazem frequentemente não o praticam. Veja, a menos que mudemos as pessoas, a menos que as tornemos melhores, a menos que as possamos elevar, tirá-las do lamaçal do materialismo, a menos que as possamos tornar mais fortes espiritual e mentalmente, então não estamos a alcançar muito. Sabemos como é importante que as pessoas sejam confortadas e tentamos confortar as pessoas. Damos-lhes evidências, damos-lhes convicção e, em muitos casos, salvamo-las talvez até do suicídio; mas o ponto é que muito poucas pessoas alguma vez percebem do que se trata tudo isto. Elas ficam bastante felizes em arranhar a superfície, não cavam muito fundo. Desde que sejam ajudadas a passar um obstáculo por aquele momento, então continuam a navegar da velha forma material.

Queremos tanto fazer as pessoas perceberem as implicações do que estamos a falar, mas às vezes sinto que falhamos. Bem, eu digo que falhamos — eles falham a si próprios, pessoas como você. Mas sabe, Rose, embora não tenhamos muitas oportunidades hoje em dia para conversarmos, quero sempre que saiba que estou perto de si e, sempre que envia os seus pensamentos — e às vezes ouço-a dizer mentalmente: "onde está você, querido doutor?" — sabe, eu estou lá.

Falei muito mais tempo do que tencionava e queria que o Steve desse uma palavra consigo. Acho que agora talvez, talvez — não sei bem se o médium se está a reorganizar ou o que está a fazer. Ele parece um bocado confuso, mas ainda assim espero que você consiga vir pelo menos uma vez por semana.

ROSE: Bem, eu espero que sim. Faça com que ele se organize.

DR. MARSHALL: Está a ouvir?

ROSE: Sim.

DR. MARSHALL: Então faça algo quanto a isso. Adeus.

ROSE: Adeus. Obrigada pela sua lição.

DR. MARSHALL: Oh, você não se consegue meter no caminho.

DR. CHARLES MARSHALL

10 07 73

Esta gravação não é um registo completo da sessão original. Parte da sessão era pessoal para a Sra. Crete e apenas as observações gerais e interessantes feitas pelo Dr. Marshall foram regravadas para reprodução.

DR. MARSHALL: É uma pena, uma pena quando se olha para trás, sabe, quando qualquer pessoa, aliás, olha para trás, percebe-se particularmente quão estúpido é as pessoas permitirem-se tornar-se, por assim dizer, tão afetadas por coisas como credos e dogmas em particular.

Isso estreita a sua visão, estreita a sua compreensão, torna-as estáticas. É isso, é a coisa que não consigo compreender de todo. Eu acho que a coisa mais terrível que pode acontecer, num sentido, a um indivíduo mentalmente, é tornar-se estático, ter uma mente fechada, não ser recetivo, nem sequer aceitar ou ouvir.

Isto parece-me extraordinário: que uma pessoa possa permitir-se tornar-se estática. Toda a vida é tão vasta nos seus muitos, muitos campos e muitos

aspetos, e a verdade é tão tremendamente ampla no seu conceito. Uma pessoa pode ter algum aspeto da verdade, mas é apenas uma partícula minúscula; é como um grão de areia no deserto.

Se as pessoas ao menos percebessem as tremendas possibilidades que jazem à frente; se elas ao menos percebessem que aquilo que possuem — que lhes pode dar grande conforto e que nunca nega a morte — é apenas uma partícula da realidade. Alguém não quer ficar parado. Infelizmente, muitas pessoas ficam tão paradas por causa do seu passado e educação; elas não querem aventurar-se, por assim dizer.

A vida é uma grande aventura. Muitas experiências que são necessárias e essenciais para a evolução de alguém e para o desenvolvimento de alguém — não apenas materialmente, mas mental e espiritualmente. Eu acho que uma das piores coisas que pode alguma vez acontecer a uma pessoa é permitir-se ser amarrada por... a menos que a mente de uma pessoa seja livre, elas não podem assimilar a verdade.

Elas estão prejudicadas, elas estão acorrentadas a tal ponto que até a pior coisa que pode acontecer é [não] ser livre — liberdade para expressar, liberdade para assimilar a verdade. Ela tem grande inteligência que deveria torná-la livre. Esta é a tragédia.

Eu não consigo compreendê-lo. Eu acho que é o facto de que muitas pessoas têm medo. Eu acho que o medo é a base. Elas gostam de ficar no ninho em vez de abrirem as suas asas. Sim. Com medo. É o medo. Medo do que lhes foi ensinado desde a infância. É isso que é.

Bem, essa é uma das coisas mais importantes que alguém tem de aprender a deitar borda fora quando vem para aqui. Para algumas pessoas é muito difícil, e particularmente pessoas que têm fortes convicções religiosas. Eu acho que elas são as que acham mais difícil.

Às vezes quase acho que é melhor para uma pessoa não ter convicções religiosas. Pelo menos as suas mentes não estão entulhadas ou acorrentadas. Oh, é isso. Eu acho que esta é a tragédia. Tenho visto isto tão frequentemente. Elas não conseguem rapidamente... barreiras. Elas percebem muito rapidamente — algumas, pelo menos — que estas coisas não são assim. Todas as religiões têm [esta base]. Isto é aceitável de dizer.

E elas são maioritariamente, se não todas, feitas pelo homem. Essa é a coisa extraordinária sobre isso. Elas não são coisas que foram criadas num sentido espiritual pelo poder do espírito ou por qualquer entidade. E, de facto, a coisa extraordinária é que a maioria das religiões baseia as suas verdades na realização espiritual que foi chamada de "pessoas mortas". A coisa extraordinária é que se não fosse por, por exemplo, o regresso do Cristo após a sua morte, não poderia ter havido uma religião cristã. Ele teve de regressar para provar a realidade da sua sobrevivência após a morte.

E todas as religiões têm este mesmo tema [da sobrevivência] à morte. E, no entanto, quando se fala destas coisas às pessoas, tanto medo. E, no entanto, a própria base das coisas que elas aceitam baseia-se nestas verdades trazidas à terra por... Mas cada religião tem essa crença. Gostaria de fazer isto consigo. É realmente triste às vezes quando nós... E o quanto poderia ter sido mudado se apenas as pessoas percebessem a doença do mundo, a doença mental e material de si mesmas.

E a coisa extraordinária é que o vasto número de pessoas bem-intencionadas, com inclinação ou aceitação da [religião], elas próprias estão [mergulhadas] no materialismo, de tal forma que a sua realização espiritual das coisas simplesmente não funciona, não parece vir à superfície, não as ajuda.

Elas sabem, muitas vezes, que as coisas que pensam e fazem são doentias, são más, e no entanto, não têm coragem para isso. A realidade poderia mudar todo o... As pessoas falam liberalmente sobre coisas, sobre coisas espirituais, mas mantêm-se separadas e à parte. Não apenas a sua própria [vida]... não importa se elas são... O que quer que sejam, o ponto central é que toda a humanidade está presa na mesma realização... Eu acho que a vida terrena arruinou a atualidade da espiritualidade.

Nós nunca deveríamos ter nascido na terra. É o facto de se nascer na terra que estragou a vida por completo. Mas é um... Mas então, minha senhora, você tem de vir... É necessário para a evolução e é por isso que numerosos gestos de realização pessoal em direção ao mundo terreno são importantes.

O ponto é que o homem não tem um equilíbrio real de existência espiritual no mundo material. Assim, viver num sentido espiritual ou ser espiritualmente motivado... Mas a própria vida terrena faz com que se perca o equilíbrio. Não se pode evitar.

Bem, você diz isso, mas isso não é realmente assim no meu [entender]... O homem tem esta perceção interior, esta consciência interior. Ele tem esta faculdade espiritual ou habilidade espiritual, se preferir, que está adormecida, latente. O espírito está lá no corpo material, físico, "rebentando pelas costuras", por assim dizer, tentando sair, tentando fazer algo a partir do material, da substância, de todos os aspetos menores e todos os aspetos mais grosseiros.

Mas depois, infelizmente, ele não está realmente ciente disso em qualquer extensão. Ou, se está, ele tem medo disso. E ele também olha para o mundo material como sendo vitalmente, vitalmente importante num sentido material.

DR. MARSHALL: E ele perde o equilíbrio. Se a motivação do espírito fosse tal que pudesse ser utilizada em todos os aspetos, tudo seria mudado. Não há nada de errado com o mundo em si mesmo.

Não há nada de errado com o aspeto material da vida, na natureza e na beleza do mundo. É o que o homem lhe está a fazer, o que o homem tem feito. O ponto é que o homem ainda não ganhou a plena perceção do poder interior, a força da sua geração, do que ele é capaz por si mesmo.

Foi dito que o poder de Deus está dentro, o que é verdade, que Deus está dentro. Quer dizer, nós usamos o termo [Deus], mas muitos pensam numa criatura peculiar e estranha na forma ou feitio de homem, mas altamente [evoluída]; Deus não tem forma, não tem feitio. Deus é — bem, uso novamente esta expressão — Deus é infinito, Deus está [além] da compreensão do homem, mas é uma realidade viva de força que anima toda a vida.

A vida é animada pelo espírito, mas esta é uma parte do homem que deveria ser tornada, por assim dizer, capaz de superar o material. E, se alguém percebe isso, nada é impossível quanto a isso. Quero dizer, se você, no seu próprio eu, tem dentro de si uma perceção interior, uma consciência, e estas

coisas de que falamos, você tem grande fé em consequência e, em consequência, a fé que tem, até certo ponto, ajudou a torná-la inteira.

Quer dizer, você tem fé em mim, tem fé no Stephen, tem fé nas inúmeras almas deste lado, e agora tem uma fé renovada no seu médico. Veja, isto também a ajudou. Foi-lhe dada confiança, percebe.

Aprendeu a ter confiança naqueles que ainda mantêm a atitude mental correta em relação ao material. As coisas parecem bastante avassaladoras, mas você ainda a tem [a fé], e isso permitiu-lhe continuar a avançar, e permitiu-lhe, bem, perante qualquer vicissitude ou dificuldade. Veja, se apenas as pessoas percebessem que o poder dentro delas mesmas é tal que muito pode ser superado.

Prosperar quando se pensa que é quase impossível. Não há nada impossível. O Espírito... você tem isso.

O Stephen tem-no, claro. Agora, ao início, quando ele veio pela primeira vez, ele [não] estava feliz, estava preso à terra, estava retido por sentimentos. Com tanto do que você é feita, ele alcançou... é importante que o poder de tudo... não há razão para que ele não seja capaz de o fazer.

Mesmo coisas que, talvez, à superfície pareçam, ou pareceriam impossíveis de alcançar. Mesmo quando alguém, talvez... quero dizer, você pode ver no seu mundo de várias formas, a grandeza [da superação] está à mão; e eles podem aprender a usar os seus pés como se fossem mãos. Agora, isto é um cumprimento pessoal necessário, eu diria, como se, se você tivesse o que quer que seja que vai para o espiritual, veja, é que a realização que pode ser trazida, a perceção de que pode superar, o que está para além da sua imaginação.

O homem cria o caos. O homem cria miséria à sua volta no vosso mundo através do pensamento e da estupidez da ação. Coisas estúpidas, coisas terríveis resultam, na maioria dos casos, por se estar preso de uma forma tão material às coisas materiais.

Se apenas houvesse equilíbrio entre o mental, o espiritual e o material, eles criariam [o bem] se quisessem. Estamos todos a esforçar-nos por ser mais

sábios, com um pouco mais de compreensão, um pouco mais de perceção da verdade. Todos estes passos são agora passos na direção certa.

Eles podem por vezes parecer lentos e laboriosos. Não ganhamos, talvez, muito depressa, mas aprendemos lentamente e ganhamos confiança. Eu sinto apenas que a tragédia da vossa vontade e da força do espírito no material, em cada aspeto da vida, seja na política, na religião, ou em relacionamentos pessoais com amigos ou parentes, é a falta de equilíbrio. Equilíbrio, equilíbrio, equilíbrio, particularmente, torna todas as coisas possíveis.

Pode nem sempre parecer que o faz na altura, mas no fim, a longo prazo, verá que os erros do homem [serão superados]. Alguém tem de se dar, esquecer o "eu" no serviço, e começará a encontrar o seu verdadeiro eu. Poderá magoar-se às vezes, e não ficará desiludida com indivíduos que parecem realmente importar como uma experiência que torna todas as coisas possíveis. É isso que nós fazemos, ao ajudar aqueles menos afortunados, trazendo iluminação, fortalecendo-os quando estão em baixo e deprimidos, ajudando-os a ver a realidade da verdade e, desse modo, subindo; para que eles possam... sabe, Rose, se apenas as pessoas compreendessem este espiritualismo, como lhe chamam, se apenas o compreendessem na prática; aí reside o problema, tão poucos compreendem, e aqueles que o fazem frequentemente não o praticam.

Veja, a menos que mudemos as pessoas, a menos que as tornemos melhores, se nós... a menos que as possamos elevar, tirá-las da lama, espiritual e mentalmente, então não alcançaremos muito. Sabemos como é importante dar-lhes evidências e, em muitos casos, salvá-las talvez até do suicídio. O ponto é que, se elas alguma vez percebessem o que isto é... não cavam muito fundo; desde que sejam ajudadas por um momento, então continuam a navegar da velha forma material.

Queremos tanto fazer as pessoas perceberem. Sabe, Rose, embora não tenhamos muitas oportunidades hoje em dia para conversar... "Onde está você, querido doutor?". Sabe, eu estou lá.

Eu gostava que pudessem ouvir isto. Espero que consiga vir pelo menos uma vez por semana.

ROSE: Bem, eu espero que sim, doutor.

DR. MARSHALL: Faça com que ele [o médium] se organize. Está a ouvir?

ROSE: Sim.

DR. MARSHALL: Então faça algo quanto a isso. Adeus.

ROSE: Adeus, doutor querido. Obrigada pela sua lição.

MICKEY: Ele não continuou, pois não? Você não se consegue meter no caminho!

Notas:

"Innumerable souls": O Dr. Marshall está a referir-se à comunidade espiritual que apoia a Rose do outro lado.

A "Lição" de Marshall: Rose termina chamando ao discurso uma "lição" ou "palestra", o que o Mickey aproveita para brincar com o facto de o Dr. Marshall ter falado durante muito tempo sem interrupções.

O "Equilíbrio": Esta palavra é repetida como um mantra. Para Marshall, a solução para os males do mundo não é abandonar a matéria, mas equilibrá-la com a motivação espiritual.

AMENHOTEP (AKENATON)

Esta é uma sessão extraordinária onde um comunicante que se identifica como Kaka, um antigo iniciado ou sacerdote do Antigo Egipto, toma a palavra. Ele discute a responsabilidade espiritual, a verdade sobre as "maldições" das pirâmides e a sua ligação com figuras históricas como Akenaton e Nefertiti.

AKHENATON: Desejo falar contigo. Muitos são os que aqui estão reunidos. Muitos são os que vieram dar-me, como orador, o poder, a inspiração e o desejo de comunhão.

Há muito tempo, habitei na terra [do Egipto] e espero revelar muito sobre os mistérios da mesma, e também dar-te algumas das minhas experiências na quinta [esfera], na qual habito. Eu, que vim numa missão de serviço à Terra, venho com alegria no meu coração por ser privilegiado ao vir ao plano terreno para tentar trazer luz, inspiração, conhecimento, verdade e iluminação do espírito. E para aqueles que viajam, o caminho será de facto tornado claro, e aqueles que o trilharem encontrarão uma paz que nunca julgaram ser possível.

Tudo o que viemos fazer é para o bem, para que, antes que seja tarde demais, a verdade da vida [seja revelada], para que o homem encontre em si mesmo o poder que nela reside, utilizando-o, trazendo as glórias do espírito para o corpo de carne. Nós, que habitámos há séculos do vosso tempo no que hoje chamais Egipto, conhecíamos muitos dos mistérios do espírito, mas percebi que muito do que sabíamos não usámos corretamente. Muitas vezes guardámo-lo para nós mesmos e, por vezes, usámo-lo para propósitos baixos; no entanto, muito do que descobrimos permitiu-nos ser úteis de várias formas.

Muitas vezes era um serviço de natureza egoísta, e parte da nossa razão para regressar à Terra é para que possamos, de certa forma, ajudar-nos a nós mesmos — embora, num sentido, não nos possamos ajudar a nós próprios, mas conforme nos aproximamos da Terra, vemos que podemos subir ainda mais alto nos reinos do espírito.

Sentimos hoje no vosso mundo que a necessidade é tão desesperada; e conforme me recordo dos dias em que vivi na Terra, e percebo como os poderes dos mistérios do espírito eram usados muitas vezes com o que chamais de Faraó do nosso país e das terras altas, e muitas vezes para prever antecipadamente como as batalhas correriam e como isto ou aquilo aconteceria... tínhamos conhecimento disso.

Mas, mesmo assim, embora também nos reuníssemos como vós — embora sob circunstâncias diferentes, pois no templo interior comunicávamos com os espíritos de almas há muito partidas, por vezes dos faraós mortos há muito, por vezes com os espíritos daqueles que ocuparam altos cargos quando

outrora habitaram na terra do Egipto — e deles ganhávamos conhecimento; mas tínhamos sempre de ter cuidado, pelo menos era o que pensávamos, para que não fosse partilhado demasiado com a plebe, com a classe baixa, como dizeis, no fogo dos povos. Pois sabíamos que, se se tornasse um poder nas mãos deles e fosse mal utilizado, poderia trazer o desastre.

Sei que há muito que quero dizer e como dizê-lo nem sempre é fácil; mas tudo está agora entrelaçado, o nosso presente com o passado e o futuro que temos reservado; tudo é uma só coisa, pois é como se o espírito estivesse contido num único vaso, e o vaso que o contém é de grande medida e de grande desejo de partilhar, para que possais, por assim dizer, beber dele primeiro e ficar bem satisfeitos, ser sustentados. Há muito, tanto a revelar; mas eu, faraós no tempo, dir-te-ei muito. Tem boa fé. A condição e o poder que estamos a utilizar são grandes e serão ainda maiores, e o caminho será mais fácil. Pois nós, que viemos para dar crédito... há muitos séculos, no meu tempo, viveu um grande rei, um que não se voltava para nenhuns deuses, mas que muitas vezes vinha em segredo, do qual nós mesmos não queríamos que ele estivesse totalmente consciente; e eu e outros no poder, no que chamaríeis hoje o... tornarmo-nos todo-poderosos — todo-poderosos num sentido militar, todo-poderosos num sentido real, todo-poderosos num sentido material, sim.

Mas nós sempre sentimos, no nosso dia e tempo, que os sacerdotes detinham o poder do espírito. Era aos sacerdotes que todos vinham para obter orientação; e embora tivéssemos achado e descoberto muito, por vezes percebíamos que, se isto fosse dado à massa dos povos, e se chegasse, por assim dizer, ao Faraó e ele o utilizasse livremente, o nosso poder enfraqueceria. E assim é que a minha consciência, conforme me aproximei de nós, percebi que não tínhamos o direito de reter dos povos e do rei, ou Faraó como lhe chamavam, aquele conhecimento que tínhamos e que poderíamos usar para nossa própria vantagem.

Aqueles que dão do espírito devem aceitar livremente do espírito e dar livremente também em troca. Pois ele era um homem que pensava profundamente no seu interior e encontrou muito do que nós tínhamos descoberto, e estava a receber inspiração de almas, e formou uma religião secretamente que, de certa forma, se nos opunha — ao dizer que não era de natureza física, mas sim mental. E assim o rei adorava em segredo, longe de nós, embora em ocasiões de estado ele viesse.

Mas agora percebemos que, se tivéssemos sido cooperativos com ele e lhe tivéssemos revelado plenamente as coisas que tínhamos recebido, e ouvido também a sabedoria que ele também recebia na sua própria câmara — pois ele era uma alma natural, tal como o que chamais hoje um médium — e ele e certos indivíduos reuniam-se de tempos a tempos e recebiam grandes coisas; mas sobre estas coisas falarei em breve.

O poder que se tornou forte no Egipto no seu sentido físico-material estava a enfraquecer conforme a força do espírito se tornava forte. Muitas vezes havia uma fraqueza no governo, uma fraqueza nas câmaras do conselho, uma fraqueza entre os generais e o exército, pois o rei detestava a guerra — e fora o poder das armas que tornara o Egipto forte nas terras altas — e, portanto, essa fraqueza descendeu sobre aqueles que o seguiram. Mas sobre isto mais te contarei. Tenho muito ainda a revelar sobre as reuniões secretas dos iniciados, mas não posso neste momento dizer mais nada. Mas deixo-vos com paz e bênção. Venho em amor, em força e harmonia de espírito, pois convosco sou um e da mesma família. Tudo está bem.

ROSE: Obrigada, obrigada.

MICKEY: Obrigada, obrigada, obrigada. Eu não consigo compreender a vossa linguagem. Vem, diz à Baba Hala (Babahala). Tenta. Tenta dizer... Tal... Número... É ela? É isto? É natural que saibas que não compreendo. Como se poderia esperar que compreendesses? Eu não sou o doutor. O meu nome é Kaka.

ROSE: Kaka? Ah, sim.

KAKA: Sim, sim. Sim. Então eu deverei ser capaz de aumentar [o interesse de] outros indivíduos do vosso lado, arqueólogos em particular, para encontrar novos túmulos que ainda estão intocados. Sim. Estamos muito preocupados. Sim. Mas sinto que isto poderá, no entanto, provar ser uma bênção disfarçada, o que poderá talvez vir, num sentido, como uma surpresa para mim em particular que tal observação seja feita; mas há outras coisas que podem ser tomadas em consideração. Acho que, com o interesse a ser tomado noutros locais ainda não escavados — de facto, locais que podem nunca ter estado lá [visíveis] — é um ponto de interesse muito bom, e creio que podem esperar, nos anos vindouros, nos próximos dois ou três anos e possivelmente

até no início do próximo ano, algumas descobertas interessantes que levarão a novos achados.

Vim aqui esta noite particularmente para me referir a estes assuntos porque eu próprio estou interessado em ajudar um certo indivíduo; e creio que, ao referir-me a estas coisas do passado, isso faria de mim, num sentido, uma prova — se a prova fizesse a sua parte — da sobrevivência do indivíduo e da personalidade. De tantas formas diferentes, eu continuo a ser muito o mesmo, mas continuo a ter os mesmos interesses; e gostaria, se puder, de aproveitar esta oportunidade para riscar esta ideia desta persistência, por tanto tempo, de que aqueles de nós que morreram após a abertura do túmulo — o que não aconteceu — estivessem sob a influência de espíritos malignos ou afetados por quaisquer maldições que foram colocadas nos túmulos há milhares de anos.

Estas coisas certamente não mentem e, muito francamente, embora possa parecer haver certa evidência para apoiar estas teorias, posso assegurar-vos que não são assim. Não quero que ninguém se sinta remotamente preocupado com novas descobertas. E, claro, estou convencido de que eles não eram o tipo de pessoa a quem eu me referia e em quem pensava. Obviamente, estas são coisas que, mesmo que houvesse alguma base ligeira de verdade — no que, muito francamente, não espero que acreditem, porque conheci muitos egípcios e muitos daqueles que de facto viveram há séculos: muitos reis, rainhas, todos eles, claro, muitos sacerdotes — e embora seja verdade que em várias épocas, em diferentes períodos, maldições foram colocadas em túmulos e encantamentos foram cantados e todo o tipo de rituais foram realizados, particularmente na construção do portão... nenhum destes influências tem ainda qualquer efeito real.

Não creio que ninguém precise de se preocupar, nesta fase, com estas coisas, porque qualquer poder que possa ter havido nessas maldições ou orações ou encantamentos há muito que foi libertado. Uma alma não pode estar aqui durante séculos sem fazer grande progresso mental e espiritual; e temos, em consequência, um padrão muito alterado. Tais ideias que agora têm na terra, que nalguns aspetos pelo menos eram bastante estreitas e materialistas... esses poderes parecem estar diminuídos conforme eles próprios persistem e mudam, e libertam essas forças de bem para neutralizar quaisquer forças de mal que possam persistir.

Posso dizer-te, e espero dizer-te, minha querida amiga, no futuro, muitas coisas pertencentes ao Egipto, das quais, claro, tenho sido incumbido de estudar.

ROSE: Sim. Oh, espero que o faça.

KAKA: Bem, você fê-lo esta noite. Sim, por certos indivíduos, entre eles certas almas que estão familiarizadas com o grupo com quem muitos de nós partilhamos, e do qual creio que você é membro, pelo que posso depreender. E eu certamente aceito agora que você está em grupos, sim. E você pertence, conforme entendo — tal como este instrumento através do qual falo — a certos grupos que sabem... que sabem o que você sabe sobre isso.

ROSE: Sim, eu pertenço. Já nos falaram sobre isso.

KAKA: Já conheceu o Faraó? Eu conheci o Faraó, que é uma alma grande, uma alma muito iluminada. Conheci Akenaton. Oh, sim. Conheci Tiye e Nefertiti e muitas outras almas. E espero tornar-me, nos próximos meses, se me for permitido... bem, um ponto de facto interessante que é necessário: alguns factos poderiam ser verificados, outros que, claro, nunca foram referidos principalmente. Independentemente disso, o material... Eu posso provavelmente dar-lhe um benefício: espero que, por ter conhecido tantas almas...

ROSE: Sim. E conhece o Dr. Wood?

KAKA: Oh, sim! Com quem me encontrei e com quem tive muitas conversas interessantes, as quais quero discutir. Não posso falar-vos mais sobre este ponto agora, mas posso ajudar-vos a vir novamente. E fui muito ajudado nesta comunicação esta noite pelo vosso amigo Dr. Charles Marshall e outras almas aqui que estão obviamente muito cientes de todos estes tipos de coisas. Sinto-me feliz por estar aqui para aprender mais sobre isto, embora esta não seja a primeira vez que faço um contacto convosco. Certamente tenho um método bastante diferente daquele a que outrora estava habituado. Mas quero dizer muito, e receio que não possa dizer mais esta noite...

REFLEXÕES SOBRE O LUTO
E A EVOLUÇÃO DA ALMA

DR. MARSHALL: (...) É uma questão de vibração. Suponho que se lhe poderia chamar isso, à falta de melhor palavra. Temos de trabalhar em vários níveis. O problema, claro, é chegar a um nível que permita manifestarmo-nos, pelo menos temporariamente; há almas aqui que estão numa condição de vida inteiramente diferente, esforçando-se por se rebaixarem, por assim dizer, para fazer contacto com o vosso mundo de realidade.

Veja, toda a nossa comunicação é um processo mental. E alguns conseguem entrar temporariamente no antigo modo de vida, e as memórias e associações do passado inundam-nos novamente, pelo menos de forma temporária. Claro que há muitas coisas que não esquecem, obviamente, mas há muitas coisas das quais se sentem felizes por se libertarem. Como sabe, existem aqui algumas almas que estão num nível de consciência inteiramente diferente, das quais gostamos muito.

Claro que o problema sempre foi, e suponho que sempre será — e de certa forma com razão e compreensivelmente — que a vasta maioria das pessoas está obviamente preocupada com os seus próprios assuntos, particularmente no que diz respeito às pessoas que conheceram e amaram, e que ainda amam, na esperança de obter alguma ajuda ou conforto, alguma elevação, alguma mensagem pessoal, alguma evidência ou convicção da realidade do nosso mundo.

Mas, sabe, há muitas almas aqui que não estão necessariamente ligadas ou relacionadas, que de facto progrediram muito para além dos confins das coisas materiais e que frequentemente se sentem — não rejeitadas, claro — mas sentem que é pena não lhes ser dada a oportunidade de se manifestarem; e elas não gostam de se intrometer no que é pessoal. Elas percebem muito bem quão importante isso é, tal como para aquela querida senhora ali, cujo filho jovem está tão ansioso por que ela seja confortada e ajudada; e a última coisa que tentaríamos fazer seria colocarmo-nos no caminho de algo dessa natureza, que significa tanta ajuda e conforto.

Mas penso que isto, de certa forma, é possivelmente um dos problemas de tudo o que transparece no que se refere ao movimento espiritualista: acho que é um bocado triste que não seja dada mais oportunidade às almas que realmente têm algo de valor para dar, muito para além dos confins das coisas materiais. Não estou a fazer nenhuma condenação, estou meramente a constatar que é uma pena que não seja dada mais oportunidade a almas que têm realmente uma mensagem de iluminação, uma mensagem pertencente ao mundo do espírito, muito afastada dos confins materiais de muitas pessoas que, embora sinceras, se contentam em ficar num nível inicial.

Claro que é vitalmente importante que se dê evidência, que se dê conforto aos chamados "enlutados". Digo "chamados" — isso pode soar como algo muito estranho de dizer — mas sabe, existe frequentemente no vosso mundo, e compreensivelmente, muitas pessoas que estão mais preocupadas, de uma forma que pode ser inconsciente, consigo mesmas. Quero dizer, quando alguém sofre, muitas vezes é um sofrimento por si próprio. Não estou a sugerir que não sofram também por aquele que perderam fisicamente.

É algo estranho que, se as pessoas pudessem apenas compreender um pouco mais da verdade do espírito, perceberiam que o seu ente querido entrou num mundo muito afastado do mundo material em que viviam; e embora o seu amor continue forte e assim permaneça por aqueles que amam na Terra, e tentem por vezes manifestar-se ou voltar para eles para os confortar e ajudar, muitas vezes as pessoas no vosso mundo, sem o perceberem, angustiam os seus entes queridos ao estarem tão — compreensivelmente, claro — deprimidas. Isso torna-os muito tristes quando veem alguém que conheceram e amaram estar tão desolado, tão infeliz e muitas vezes a remoer por horas a fio, achando difícil retomar as rédeas das coisas materiais. Suponho que haja, de certa forma, um tipo de egoísmo não pretendido e não percebido no luto.

E isto não quer dizer que eu e outros aqui não estejamos plenamente cientes, ou que não compreendamos ou não simpatizemos — nós simpatizamos. Mas torna os vossos entes queridos tão deprimidos e infelizes quando vos veem, como muitas vezes estão, muito perturbados e com dificuldade em retomar as rédeas da vida e continuar. E alguém tem, claro, de continuar no vosso mundo, aconteça o que acontecer na vossa vida a alguém em particular a quem estivessem tão ligados.

Mas se ao menos pudessem regozijar-se — e aqui estou a pedir demais — mas se ao menos pudessem regozijar-se com a libertação deles da dor física e de todas as coisas materiais que causam tanta angústia e infelicidade. Claro que, quando uma pessoa tem uma idade avançada e vocês antecipam a partida dela do vosso mundo, obviamente, embora sintam a falta dela, dizem: "oh, foi uma libertação feliz", e não sofrem na mesma medida que sofrem quando se trata de uma alma jovem, ativa e vital. E, portanto, ficam por vezes muito infelizes com isso, como se perguntassem: "por que razão uma pessoa tão jovem haveria de ser levada no limiar da vida, com tudo à sua frente?". E, claro, isto é algo que nós compreendemos, e compreendemos ao ponto de simpatizarmos convosco.

Mas nunca devem sentir que, pelo facto de a pessoa não ter alcançado uma vida mais plena, com uma existência mais longa do vosso lado, com mais experiência, que ela possa ter perdido algo que, do vosso ponto de vista, seria mais satisfatório. Vocês não têm como saber. Às vezes é algo bom — sei que isto pode soar como uma coisa estranha de dizer, e é perfeitamente de acordo com a condição da partida dessa pessoa, que vos pode causar alguns arrependimentos — mas como sabem se, talvez, essa alma jovem não terá colhido mais dentro de si mesma, sem que vocês se apercebam, do que muitas pessoas que vivem até uma idade avançada? Não podem julgar a perceção do "eu" interior de uma pessoa enquanto ela ainda vive no mundo material.

Não podem compreender como pode muito bem haver uma razão e um propósito às vezes, até mesmo na — ia dizer na maneira da morte de uma pessoa, mas não é bem isso que quero dizer — quero dizer as tragédias que acontecem no vosso mundo, constantemente, a cada segundo de cada dia, em todo o vosso mundo; pessoas a partir sem qualquer aviso, muito subitamente, muito inesperadamente. E há um tipo de choque temporário, mas ele passa, como aliás todas as coisas passam.

Mas, lá está, o tempo por si só é algo como uma ilusão. Vocês assumem que o tempo é algo de grande importância; suponho que no sentido material o seja. Vocês vivem, até certo ponto, pelo tempo do vosso mundo; aliás, suponho que algumas pessoas digam que o tempo nos é essencial, mas não é o que parece. Podem estar ativos de uma forma ou de outra e o tempo desaparece muito rapidamente; noutra altura estarão sentados, entediados e deprimidos com uma coisa ou outra, e o tempo pesará nas vossas mãos. O tempo é a maior ilusão. Não podem sequer julgar, nem deveriam tentar julgar, uma pessoa que deixa o vosso mundo pelo tempo que ela possa ter passado no vosso mundo.

Sabe, não quero confundi-la, mas suponho que, de uma forma estranha, talvez o esteja a fazer — não é essa a intenção. Este jovem que está aqui: o tempo dele na terra foi, suponho num sentido, curto; e no entanto, não foi o que parece. Esse jovem é vital, está muito vivo, está a assumir muitos aspetos da sua nova vida e alcançou algo que, nalguns casos, talvez levasse muito mais tempo a uma pessoa no vosso mundo para assimilar quando chega aqui. O tempo é a maior ilusão. Nós não estamos sujeitos ao tempo como vocês.

Quando descemos até vós, sabemos que se vão reunir e sabemos que se estão a reunir num certo ponto do tempo, mas não estamos conscientes, num sentido, do vosso tempo; mas estamos conscientes através das vossas forças de pensamento. Veja, se alguém deste lado está profundamente ligado a uma pessoa do vosso lado, existe esta habilidade mental de sintonizar quando vocês dizem para si mesmos: "bem, vamos ter uma sessão a uma certa hora e, se for possível o meu querido vir, espero que venha". Esse vosso "querido" tem estado à vossa volta provavelmente há bastante tempo, conforme contam o tempo, e está ciente do que estão a planear ou a antecipar, e ele ou ela estará convosco quando forem ao compromisso marcado e tentarão, se possível, manifestar-se. Eles não se manifestam necessariamente sempre para sua própria satisfação, tal como poderá não ser para a vossa.

Afinal de contas, estamos muito cientes e conscientes do que estão a pensar, e é por isso que, frequentemente, algumas pessoas que estão ansiosas por provar a identidade farão referência a certas coisas que, na altura, não parecem ter qualquer aplicação à pessoa ou a si próprio ou às situações que recordam do passado. Mas o ponto é: muita da melhor comunicação é feita por indivíduos que tentam desesperadamente dar-vos algo que talvez vos dê

muito trabalho para provar que está correto, e então podem dizer: "bem, isto não veio da minha mente, não foi algo retirado de mim própria, da minha mente consciente".

Sabe, suponho que haja outra coisa na avaliação do que é evidência da sobrevivência após a chamada morte: não é sempre o que é óbvio; muitas vezes é aquilo que menos esperam ou de que nem sequer têm conhecimento. E eu poderia explicar certas coisas que clarificariam mais para vós, no vosso mundo, como fazemos tentativas de nos ligarmos a vós. Não é necessariamente sempre através de um médio. Aliás, eu iria ao ponto de dizer que, por muito valiosos que os médiuns sejam — e estamos-lhes extremamente gratos e, de facto, para a maioria das pessoas não seríamos capazes de alcançar muito sem eles — mas não se devem iludir assumindo que têm de ter sempre contacto com um médium.

A maioria das pessoas, se não todas as pessoas, têm o poder interior. Vocês têm dentro de vós uma sensibilidade para as coisas do espírito porque vós sois espíritos que estão ainda encerrados em carne material. E tal como têm dons ou atributos físicos materiais, assim têm dentro de vós a realidade do "eu", e essa é a parte de vós que nunca pode ser destruída porque é o espírito eterno que realmente é a vossa realidade, que anima tudo em vós.

E se vocês fossem calmamente, às vezes na paz e quietude do vosso lar, e enviassem os vossos pensamentos para nós, abrissem a vossa consciência para nós, relaxassem longe do material e cortassem, se possível, todas as influências ao vosso redor e, por assim dizer, sintonizassem... creio que, após um período de tempo, experienciariam muitas coisas que estão muito para além do material. E, se me permitirem dizê-lo, às vezes muito mais de natureza espiritual do que qualquer coisa que pudessem obter de um instrumento ou médium exterior a vós mesmos, porque estão a sintonizar mental e espiritualmente, a partir do vosso "eu" mais íntimo, para o mundo exterior do espírito. E você é quem está mais próximo dele — e naturalmente o mesmo se aplica ao seu filho, ou à sua filha, ou marido ou esposa — porque eles estão ansiosos por se ligarem a si, por sintonizarem consigo, por serem parte de si, por lhe expressarem coisas, por lhe darem aquilo que procura.

E é a paz interior, é a perceção interior, a consciência interior, é a realização interior das coisas do espírito que são as coisas importantes. É por isso que digo que todos, não importa quem seja essa pessoa, têm dentro de si o

poder de se abrirem às coisas do espírito. Sei que é uma coisa maravilhosa para vós sentarem-se com um médium bem conhecido, ou talvez algum médium que não seja tão conhecido, mas o ponto é: esse médium, porque vocês sabem que ele sabe pouco ou nada sobre vós e os vossos assuntos, é capaz de vos trazer certos factos e informações que ele normalmente não poderia saber — isso dá-vos aquela convicção acrescida que nós apreciamos e compreendemos.

Mas não percebem que por trás de tudo o que fazemos está o facto de que queremos que vocês sejam o instrumento? Queremos que abram a vossa perceção interior e a vossa consciência das coisas do espírito, não necessariamente para as receberem em segunda mão. Agora, isto pode soar como uma acusação contra os médiuns, o que não é; nós valorizamos os médiuns como o que usamos agora, apreciamos o trabalho que tem sido feito ao longo de muitos, muitos anos e a ajuda, a elevação e o conforto que tem sido dado; mas o que nos preocupa realmente, para além disso, é a vossa evolução, o vosso despertar espiritual, o vosso desenvolvimento espiritual e conquista a partir de dentro de vós mesmos. Não é tão importante para nós que recebam esta ou aquela mensagem o tempo todo; o que é importante é que estejam no caminho para a iluminação a partir de dentro de vós mesmos, sintonizando em harmonia e em amor com as almas deste lado que vêm até vós.

Particularmente, aliás, no que diz respeito a indivíduos que estão a pensar, não apenas a pensar mas a rezar dentro de si mesmos como você está, minha querida, em relação ao seu filho. O seu filho está mais perto de si do que qualquer outra pessoa e ele está mais em sintonia consigo porque é seu filho; você deu-lhe a vida, a vida física, mas também dentro disso está o espírito e o poder e o amor do espírito. Você tem isso dentro de si tal como ele tem dentro dele. Ele já não está sobrecarregado pelo material e pelo físico; você está, até certo ponto, ainda retida, obviamente, porque ainda está dentro do mundo material, enfrentando todo o tipo de situações e problemas relacionados com a família e outras pessoas envolvidas e por aí fora. E não é a coisa mais fácil para si, talvez, afastar-se calmamente sozinha por vinte minutos do seu tempo e sintonizar com esse rapaz, sabendo que ele entrará no seu espírito, por assim dizer, quase como se fossem um só.

Você receberá toda a realização espiritual e a elevação e o conforto e a alegria e a segurança e a certeza de que a morte não é o fim. Aliás, vocês estão

mais próximos agora — como aliás estão muitas outras almas no vosso mundo — mais próximos agora do que alguma vez julgaram possível dessa pessoa, mesmo quando essa pessoa estava convosco no lado material da vida. É a união espiritual e a realização espiritual que é importante.

Claro que às vezes ficam desanimados e angustiados e pensam no ente querido materialmente, não espiritualmente. Esta é a ironia, se assim posso dizer, com tantas pessoas no vosso mundo: inconscientemente, estão a ser egoístas. Isto pode soar como uma coisa terrível de dizer, mas há verdade no que digo: quando estão a sofrer, estão a sofrer por vós mesmos. Percebem que a pessoa que conheceram e amaram está muitas vezes ao vosso redor, ansiosa por que tenham consciência dela, ansiosa por que saibam do seu amor, ansiosa por que mental e espiritualmente possam estar sintonizados de tal forma que fiquem radiantes com a companhia e o afeto e o amor deles?

Claro que devem às vezes ir a um instrumento ou a um médium, procurando numa primeira instância a prova da vida por vir, e nós respeitamos isso e trabalhamos o mais arduamente possível para vos trazer a reunião feliz, temporária, com esse ente querido. Mas não percebem que esse ente querido está mais perto de vós do que alguma vez esteve quando no físico, onde estavam obstruídos até certo ponto pelo aspeto material das coisas ao redor e da vida que levavam, como aliás está você agora?

Mas tentem ver o que visamos: que é que vocês se elevem muito, muito para além dos confins das coisas materiais. As vossas memórias são preciosas, mas são, num sentido, memórias físicas. Podem dizer que há um aspeto mental também e, em ocasiões, talvez um espiritual na vida passada que desfrutaram juntos — isso é verdade e é uma coisa maravilhosa em si mesma
Dr. Charles Marshall: A União Espiritual e a Ilusão da Matéria (Conclusão)

DR. MARSHALL: (...) mas vocês estão sempre a pensar, receio que a maioria das pessoas esteja no nível material, estão a pensar em todas as coisas materiais em vez das coisas mentais e espirituais; se querem ajudar os vossos entes queridos, tentem pensar neles como eles obviamente estão: longe do stresse e da tensão material, longe de todas as coisas que fustigam e causam preocupação e que vos tornam, por vezes, tão desesperadamente miseráveis. Eles deram um passo em frente na progressão da vida e nunca estão longe de vós; e quando chegar a hora de deixarem esse corpo físico e entrarem

plenamente no reino e estado do espírito, eles estarão lá para vos pegar pela mão.

Não há tristeza, ou pelo menos não deveria haver tristeza; e no entanto eu sei que deve haver tristeza física e, num sentido, talvez digam uma tristeza mental, mas que haja regozijo espiritual no conhecimento de que eles deram um passo um pouco mais além; eles viram algo da glória e da beleza e da majestade das coisas do espírito e estão ansiosos por que vós saibais estas coisas, e que sejais destas coisas e partilheis destas coisas, porque, meus queridos amigos, vós sois seres espirituais tal como sois agora; estais sobrecarregados, estais retidos, estais por vezes frustrados pela condição material, pelo pensamento, pela ação; e no entanto, na privacidade do vosso próprio reino, há momentos em que estais muito próximos.

Por todos os meios, sentem-se com os médiuns se sentirem que é necessário, e é necessário nas fases iniciais da vossa indagação; mas saibam isto: que o vosso amado filho está mais perto de vós — embora ele aprecie o médium que age, por assim dizer, em seu nome — são você e ele. Sejam quem forem as pessoas envolvidas, qualquer que seja a união, seja marido e mulher ou dois amigos que se amam muito profunda e com carinho; o aspeto físico das coisas e as memórias de tempos passados, gloriosos e felizes que possam ser... tentem perceber que têm uma união espiritual. Vocês são parte um do outro, partilham o mesmo espírito.

Embora tenham o vosso aspeto inicial das coisas no começo da vossa busca pela verdade, percebam que em vós mesmos reside a resposta para todas estas coisas. Foi-vos dada uma grande e gloriosa perceção que não é dada a muitos; há números incontáveis de pessoas no vosso mundo que aceitam e acreditam sem qualquer evidência, seja ela qual for, para sustentar a sua crença; e podem muito bem ser pessoas muito gentis, muito calorosas, muito sinceras em todas as diferentes religiões ou ortodoxias das quais conhecem tantas.

Mas a vós foi-vos dado algo muito precioso, muito maravilhoso, muito verdadeiro, que é de facto o fundamento, na maioria dos aspetos, de todas as religiões: a perceção do poder do espírito interior. Façam com que as coisas que são do espírito se tornem completamente assim, em conjunção com aqueles que conheceram e amaram, que ainda vos conhecem e amam e que nunca se afastaram assim tanto de vós.

Embora não exista distância ou tempo no nosso mundo — ou em muitos mundos, aliás, pois não é apenas um mundo, sabem; muitas vezes ouvimos as pessoas falarem sobre o "mundo espiritual", mas não é apenas um plano de existência, são incontáveis milhares de planos de existência, provavelmente, de acordo com a evolução de cada um. Vocês assimilam tudo o que podem num certo plano de existência aqui deste lado e, por assim dizer, assumem muitos aspetos, muitas condições, muitas ideias, muitos pensamentos; vocês crescem e estendem a vossa visão e, conforme o fazem, entram numa nova existência, ou numa nova vida, ou numa nova extensão de pensamento muito para além de qualquer coisa que alguma vez pudessem ter esperado ou conhecido.

Não há morte, apenas vida; e essa vida é espírito, que vocês têm dentro de vós. Abram esse espírito, deixem esse espírito encontrar o seu próprio nível verdadeiro enquanto ainda estão na terra, para que, quando vierem para aqui e saírem desse corpo físico, não existam dúvidas, nem medos, nem querelas; apenas paz e tranquilidade e amor e harmonia com aqueles que vos ajudaram deste lado, que vieram até vós e vos pegaram pela mão, tentando desesperadamente elevar-vos do lamaçal, da rotina das coisas materiais e físicas.

Não se deixem reter por coisas materiais. Eu sei que têm de pagar o preço materialmente de muitas formas, e há alturas em que ficam desanimados e sentem que tudo no mundo está contra vós, e talvez sintam que são solitários e que não têm forma de sair de qualquer que seja a circunstância ou condição da vossa vida; mas vocês têm um espírito livre dentro de vós. Têm um espírito dentro de vós com tal força, tal poder, tal condição poderosa por si só, que poderia superar muito mais do que alguma vez pensam ser possível.

O seu rapaz, minha senhora, e todos os que estão a pensar nos seus entes queridos aqui deste lado: eles estão todos aqui, e estão todos à vossa volta. Eles podem não ser capazes de vos falar sempre, mas isso talvez não seja exatamente o que vós quereis, apenas falar; há alturas em que dizem: "se ao menos pudesse ver, por um breve segundo, aquele rosto amado, e sentir o toque e aquele abraço". Mas eu posso dizer-vos, meus amigos: eles estão mais perto de vós agora do que alguma vez estiveram na terra. Vocês não os veem, não lhes tocam, não os sentem à volta às vezes, talvez; e no entanto eles estão convosco, no vosso interior, por estranho que pareça.

Vejam, nós não somos como vós, no sentido material; o que é sólido para vós não é sólido para nós. Não há solidez no vosso mundo, apenas aquilo que vos parece ser assim porque estais todos a vibrar em harmonia connosco. Podem não estar cientes disso, podem nem sequer pensar que seja uma possibilidade; podem pensar que sois como sois, como se veem dia após dia, como se veem ao espelho, como abrem uma porta para passar... tudo para vós é uma realidade e, no entanto, não é o que parece. A realidade é do espírito, essa é a solidez, essa é a parte de vós que é eterna e divina; nada a pode destruir.

Tenham boa fé, tenham bom coração, e retirem-se do mundo temporariamente, se puderem, quando puderem; sintonizem-se, abram a vossa consciência. Nós estamos lá, e vós assumireis aquilo que vos damos. Sabem, não era minha intenção — de facto, não era certamente minha intenção — vir e ocupar muito do vosso valioso tempo. Eu sei que às vezes vocês vão embora e dizem: "oh, bem, eu gostaria de ter recebido uma mensagem desta ou daquela pessoa em particular, e talvez se aquela alma não tivesse ficado tanto tempo eu pudesse ter recebido aquela mensagem daquele ente querido". Isto é humano, nós compreendemos isso. Mas sabem por que razão somos retidos?

Posso dizer-vos por que somos retidos: é porque nós próprios, às vezes, sentimos que não temos o direito de nos intrometer; e no entanto o que temos para vos dar é tão importante, tão vital, especialmente para aqueles de vós que estão profundamente envolvidos em coisas espirituais e se esforçam por servir muitas pessoas no vosso mundo que procuram e buscam.

E das igrejas e das plataformas, a mensagem do Espírito sai; mas nós queremos ter uma voz nisto. Isto é para nós algo vital e muito importante. Sabemos que a assistência quer a mensagem e, claro, a mensagem deve vir; mas ela deveria também ser, se me permitirem dizê-lo, num nível — por vezes, pelo menos — em que sejamos capazes de dar voz ao que temos para vos dar, para que possamos abrir a vossa perceção e consciência para o que estamos realmente a esforçar-nos por fazer, que é, de certa forma, ir além do aspeto individual das coisas, porque é para a glória de toda a humanidade, de toda a vida, de todos os povos, de todas as nações.

Nós não conseguimos derrubar as barreiras que separam os homens; tentamos trazer-vos a realidade das coisas do Espírito, que estão muito

afastadas daquelas coisas com as quais estais constantemente ocupados. Vocês têm um trabalho a fazer, mas não é apenas confortar o conhecido, e curar os doentes e os sofredores; é proclamar com um toque de clarim as coisas que verdadeiramente são de uma ordem superior, as coisas que são vitais e eternas, as coisas que vos tirarão das profundezas para as alturas. É isto que nos esforçamos por fazer. Deem-nos o canal, deem-nos a oportunidade; quando ela se apresentar, nós aproveitá-la-emos. Não que alguma vez vos privássemos de um segundo do vosso tempo para vos ligarem a alguém próximo e querido, pois o que nós dizemos, ou o que eu digo, eles também dirão.

Pode não ser necessariamente sempre o que querem ouvir; o elemento humano é tal que querem a mensagem pessoal. No início, fiquem felizes com isso, fiquem satisfeitos com isso, saibam que é verdade que a vida continua; mas não fiquem apenas num nível. Deem-nos a oportunidade de vos usar, de trabalhar convosco; de facto, de fazer as coisas que sabemos que temos de fazer e desejamos fazer, para que possais elevar-vos acima dos confins das coisas materiais. Não segurem os vossos entes queridos tão perto no sentido material, mas segurem-nos perto de vós no sentido espiritual. Essa é a nossa mensagem. Abençoo-vos, meus amigos; a paz esteja convosco. Abençoo-vos.

ASSISTENTE: Acho que foi o Norman Birkett. Abençoado seja. Maravilhoso, maravilhoso. Apenas o tom da voz dele e certas palavras que ele usa, tão características. Estou apenas a pensar no que ele estava a dizer.

8 DE JUNHO DE 1960

DR. MARSHALL: Porque haverias de pensar que algo se passa?

ROSE: Bem, a luz que vem de baixo, a luz do gravador... pensei que talvez tivesses dificuldade em falar por causa disso.

DR. MARSHALL: Oh, luz por todo o lado!

ROSE: Consegues vê-la, doutor?

DR. MARSHALL: Não. Isso não me preocupa; só te preocupa a ti. Não me incomoda minimamente.

ROSE: Ainda não percebo de onde vem a tua voz. Estás mesmo neste quarto ou estás a projetar a tua voz de algum lugar para que soe aqui?

DR. MARSHALL: Nós estamos na sala na medida em que estamos conscientes da sala e da tua presença. Mas, para nós, a sala é puramente algo que é registado através da consciência de ti mesma. Para mim, a sala é inexistente enquanto tal. Estou consciente de estar num quarto principalmente através das condições que emanam de vós.

Vejamos se consigo explicar: nós estamos conscientes do pensamento do teu mundo, e essa força de pensamento torna-nos conscientes de ti, do teu mundo e do que ele contém. Por outras palavras, entramos num aspeto mais físico da tua vida através de ti ou da tua força de pensamento. Para ti, se uma sala existe, nós estamos conscientes dela; mas, na verdade, nós próprios não estamos familiarizados com o ambiente da mesma forma que tu. É principalmente através do teu pensamento que estamos cientes destas coisas. Para nós, elas são, num sentido, inexistentes.

ROSE: Não consegues vê-la?

DR. MARSHALL: Pela simples razão de que estamos a pensar e a vibrar num plano ou comprimento de onda diferente, e aquilo que é sólido para ti já não é sólido para nós. Mas estamos conscientes da sua solidez e realidade através das vossas mentes. Sabemos que está lá e que para ti é uma realidade. Para nós, é apenas uma realidade através da tua força de pensamento.

ROSE: Consegues ver os objetos em qualquer sala que tenhas?

DR. MARSHALL: Assim que entramos na tua condição e nos registamos em harmonia mental contigo, ficamos conscientes das coisas ao teu redor. Podes dizer que estamos aqui "de pé", e no entanto, podemos não estar conscientes de ter os pés no que tu chamas de chão; mas estamos conscientes disso através de ti e deste médium em particular. Se pudéssemos descer à tua vibração e estar em completo acordo com ela, então suponho que a sala assumiria solidez; mas, como não podemos entrar totalmente na tua vida ou na tua condição, ela nunca é realmente sólida para nós, embora estejamos conscientes dela. Espero que isto explique, mas é a única forma que encontro no momento.

ROSE: Gostava de te poder imaginar neste momento.

DR. MARSHALL: Bem, não vejo razão para que não o possas fazer. Provavelmente consegues imaginar-me muito bem. Aliás, às vezes acho que o fazes. O que é toda esta comunicação senão uma perceção através do pensamento? Uma perceção de proximidade e consciência do outro? Afinal de contas, na nossa própria condição de vida, somos muito reais. Temos uma solidez que é até muito maior do que a vossa. Mas, quando entramos na tua vida, tentamos entrar de forma a que fiques consciente disto. Tenho a certeza de que estás muito consciente, não apenas da minha presença, mas da presença de outros. Podes não conseguir estender a mão e tocar-nos, mas, de uma forma muito mais importante, estás mentalmente em harmonia e sintonizada. O pensamento é o fator predominante. Sem o pensamento, nada poderia existir.

ROSE: O que é que não sabes? Deixa-me explicar...

DR. MARSHALL: Toda a gente sabe, provavelmente agora no teu mundo, que nada é realmente sólido; é apenas uma ilusão. Tudo está o tempo todo a vibrar, a agarrar-se, a manter-se unido, dando uma aparência de solidez. Mas mesmo o que parece mais sólido está vivo, está a vibrar.

ROSE: Bem, nesse caso, do teu lado, dizes que és muito sólido aí, mas na tua esfera de vida há vibração o tempo todo; não é sólido de todo, nós imaginamos — tu imaginas que é sólido, tal como nós fazemos na terra.

DR. MARSHALL: Exatamente, exatamente! Mas como vibramos em harmonia com isso, somos sólidos com isso. Assim que começamos a mover-nos para um plano superior de pensamento, deixamos de existir com aquilo que outrora era comum e familiar, e entramos numa vibração nova e superior que se torna sólida e real para nós. Nós criamos a nossa própria condição.

É por isso que há muitos no teu mundo que não conseguem ver isto da mesma forma que tu. Eles simplesmente não estão a vibrar em harmonia com a força de pensamento, não estão sintonizados. Para eles, isto não existe porque não o veem, não o sentem, não o conhecem. Muitas coisas existem fora da tua consciência comum e, assim que começas a perceber isso e a sintonizar-te, então torna-se uma realidade.

ROSE: Suponho que no teu lado seja o mesmo, é através da aprendizagem; mas como é que tu aprendes aí?

DR. MARSHALL: Claro que temos de aprender, mas não esqueças que temos muitas almas, muitos instrutores que vêm de diferentes esferas e se tornam nossos tutores. Temos pessoas aqui que estudam a natureza e descobrem que a ciência, devidamente compreendida e aplicada a assuntos espirituais de alta ordem, é a maior de todas as religiões. O que é a religião? No teu mundo, é algo relacionado com Deus e as Suas leis. Isso em si é uma ciência. O conhecimento só é ganho pela descoberta e experimentação. A ciência, bem entendida, é mais uma religião do que aquilo que chamas de religião no teu mundo, que muitas vezes nunca avançou muito e permanece num nível baixo.

À medida que a ciência no teu mundo compreende mais a natureza e o que o homem é capaz de fazer, o homem torna-se mais sábio. Mas os cientistas do teu mundo, embora tenham captado muito para o bem, muitas vezes usam as coisas por um motivo ulterior ou errado e trazem o caos. Todo o conhecimento é bom se usado da forma correta, mas tanto conhecimento é mal utilizado. O conhecimento parcial é perigoso. Todos estamos em diferentes estratos de ser, todos estamos a procurar e a experimentar com nós mesmos a cada segundo, tentando aprender mais sobre o propósito de Deus. Há tantas perguntas sem resposta que até nós ainda estamos a tentar descobrir.

ROSE: Pergunto-me se há um tempo definido para as descobertas de certas coisas, se é um processo gradual.

DR. MARSHALL: Acho que há alguma lógica nisso, mas voltamos à base de que uns conseguem assimilar mais do que outros porque são mais evoluídos ou porque tiveram encarnações anteriores onde aprenderam mais. Por outras palavras, aqueles que descobrem coisas benéficas para a humanidade não são almas novas; invariavelmente são almas velhas, que continuam uma existência anterior e trazem do mundo espiritual conhecimentos que adquiriram e que estão ansiosos por pôr em prática para o bem do homem. Quase todos os "grandes" que viveram no teu mundo foram almas velhas.

Mas é vital perceber que todo o avanço é de natureza mental. O progresso espiritual tem de ser colocado num sentido prático; tudo é lógica. Mesmo este mundo espiritual, que para alguns não existe ou é algo puramente bíblico... as pessoas esquecem-se que essas leituras da Bíblia são, muitas vezes, a mentalidade de pessoas que nem para o seu próprio tempo eram muito avançadas. A progressão verdadeira tem substância, e é a substância que lhe dá vida, forma e feitio.

Afinal, é exatamente isso que acontece connosco. Progredimos mental e espiritualmente, e conforme progredimos, assumimos forma e feitio, e tudo à nossa volta está em harmonia connosco. Somos, em grande medida, o produto do nosso pensamento. E de acordo com o avanço espiritual do homem, ele encontra para si certas condições de vida, diferentes tipos de arquitetura ou diferentes tipos de música. A música muda e varia de acordo com o plano em que te encontras.

O mesmo acontece com a arquitetura. De facto, como poderias dizer no teu mundo, noutra comparação, descobres que em cada geração tens mudanças de acordo com o pensamento predominante do homem. E se a era é uma boa era, onde a era é de perceção ou consciência espiritual, tens grandeza na música, tens grandeza na arquitetura, tens grandeza na arte em todas as suas várias formas.

De facto, tens grandeza na própria vida. Mas, claro, tens variação, tens mudança, e isso é uma coisa boa. Nada deve ser jamais estático. Não pode haver vida onde uma coisa é estática, onde a vida é estática. De facto, deixar-se-ia de ter qualquer ser ou existência sequer. A vida é mudança constante.

O corpo de cada um muda dia após dia. Há mudanças, mudanças subtis, a acontecer, até à própria morte, que é a maior mudança. Quando descobres então que és mais do que um corpo, que és algo invencível, algo que não pode ser morto, algo que é a própria essência da vida, descobres ainda que tens outro corpo.

Por outras palavras, tu crias pelo pensamento, quase inconscientemente, se preferires, mas ele está lá da mesma forma; quando pensas, então percebes que és força, que és poder, e tu moldas — e estás, quase consciente ou inconscientemente, a construir uma forma, a construir um feitio. Estás a construir algo que é, até certo ponto, sólido e real, mas que passa por estágios. Nada é estático.

ROSE: É realmente uma combinação de pensamento, não é? Não é um pensamento único, por exemplo, de uma pessoa em particular.

DR. MARSHALL: Oh não, o pensamento é algo que é fluídico. Não é algo comum a apenas uma pessoa. Vês, toda a vida, afinal de contas, cada indivíduo é um produto das mentes de outras pessoas — mentes dos pais e mentes dos avós. É por isso que se diz que até os pecados dos pais caem sobre os filhos, o que soa a algumas pessoas como ilógico, injusto e iníquo, mas não é assim; porque é o mesmo espírito que está a correr através de tudo, a mesma força vital que flui através de gerações de povos e, afinal de contas, colhes o que semeias.

E embora gostemos de pensar — ou pelo menos tenha havido um tempo na vida da maioria das pessoas, e de muitas na terra agora, claro — que quando nascem, esse é o começo da sua vida, o que obviamente não é o começo da vida de todo. Por uma margem muito, muito grande, é provavelmente apenas mais uma experiência de vida, é apenas mais uma forma de vida, é apenas mais um capítulo, se preferires, no livro da vida; porque não somos apenas nossos, o que nós mesmos criámos — é aquilo através do qual fomos criados: as mentes e os pensamentos de gerações de pessoas.

Nos anos formativos da infância, assumimos muitos dos pensamentos e ideias de pais, professores, parentes e amigos, até que, francamente, embora formes algo de uma personalidade ou caráter individual, na verdade não existe tal coisa como uma personalidade ou caráter individual num sentido estrito.

Há algo que aceitas como sendo uma personalidade, há algo que aceitas como sendo um caráter, há algo que aceitas, se preferires, como a Sra. Crete ou o Sr. Brown ou a Sra. Fulana; mas o ponto é que esse indivíduo é um produto de inúmeros pensamentos — pensamentos de outros, pensamentos que nós mesmos trouxemos à existência.

Nós somos o produto da vida, e a vida não é algo individual, é algo coletivo, e isso é o que existe além da morte; e embora tenhamos feitio e forma, e tenhamos, até certo ponto, a nossa própria personalidade, ainda somos apenas, poderias dizer, conscientes por causa da consciência de outras pessoas. Somos todos parte de um todo tremendo e, quando um sofre, o outro também sofre, de alguma forma ou feitio; e assim, quando cometemos erros, afetamos os outros pelo nosso erro, e eles afetam, em consequência, outros. É como algo que pode continuar e continuar, que não tem princípio nem fim.

É um desenvolvimento, e é a perceção tremenda que se deve ter, eventualmente, de como estamos todos ligados e amarrados uns aos outros, e de como, na verdade, a própria coisa fundamental que flui através de todos nós é a própria essência, que é de Deus; e assim evoluímos gradualmente mais e mais para Deus, ou tornamo-nos como Ele. Não me refiro a feitio ou forma, refiro-me agora ao espírito infinito, que é o próprio sangue vital, poderias dizer, de toda a humanidade, onde nos perdemos uns nos outros e descobrimos que estamos todos numa unidade e em harmonia; e quando temos esta unidade e harmonia, atingimos um estágio de desenvolvimento espiritual onde se pode considerar que estamos a viver na forma de, se preferires, paraíso — porque estamos conscientes de que tudo ao nosso redor somos não apenas nós, mas tudo. Perdemos tanto e ganhamos muito mais em consequência.

E quando, como te foi dito muitas vezes, quando nos desenvolvemos, quando crescemos além do estático — porque há uma forma de estático na terra, em particular com muitas pessoas, embora na verdade, num sentido, não sejamos estáticos — há uma forma ou aparência de ser estático. Por exemplo, ouves pessoas dizerem: "oh, não sei, eu nunca mudarei, sou o mesmo que era há tantos anos, não farei nada agora, sou demasiado velho, ou a minha mente está formatada e os meus caminhos também", o que, num sentido, não é verdade.

É porque pensas erradamente; pensas em ti mesma desde o nascimento até à sepultura. Mesmo as pessoas que compreendem esta verdade, até tu

mesma até certo ponto — o que é tudo muito humano e natural — pensam assim. Pensas em relação à música, particularmente, que é, claro, o mais importante; sentas-te ao piano e tocas alguns compassos e sentes-te aborrecida e irritada, dizes: "oh, nunca tocarei, não agora, acabei, poderia ter tocado há trinta anos, se...", e ficas descontente. Mas, na verdade, é uma falácia, porque no teu espírito, como creio que o Frédéric [Chopin] te disse, e outros te podem ter dito, há essa perceção de que és um com a música.

E quando falamos de música, como o Frédéric te pode dizer muito melhor do que eu, estamos a falar de algo que é da mente e do espírito, que é de harmonia, que combina todas as forças que são boas. É algo que é colocado num sentido realista. Torna-se algo que é tangível. A música é uma coisa muito tangível. Não como para algumas pessoas, para quem não significa nada. Quando uma pessoa te diz "não gosto de música" ou "não compreendo a música", há algo radicalmente errado. Acho que podes dizer aí que tens alguém que é obviamente ou uma alma nova ou alguém que não progrediu de todo. De facto, a pessoa que não aprecia boa música, que não entra na beleza, na harmonia e no encanto dela, que não percebe nem sente que ela lhe toca de alguma forma — aí tens, obviamente, alguém que é muito pouco evoluído.

ROSE: Sim.

DR. MARSHALL: Vês, o problema connosco é, como tenho dito tantas vezes, que não conseguimos e não sabemos ainda como podemos, em linguagem — seja ela Inglês, Chinês, Francês, Alemão, seja que língua for — como podemos colocar em palavras algo que é puramente do espírito, algo que é tão essencialmente a essência. Não há forma, não conheço nenhuma forma. Tentamos desesperadamente em palavras formar ideias, é a isso que realmente se resume. Tentamos implantar pensamento na mente de alguém, mas não há palavras que o consigam fazer com sucesso.

ROSE: Não, eu compreendo isso perfeitamente.

DR. MARSHALL: E, portanto, muito deve ser percebido a partir de dentro de si mesmo através do sentir, se preferires, através da emoção.

ROSE: Sim.

DR. MARSHALL: E é por isso que o Frédéric diz sempre que consegue — não sei se ele te disse isto — mas ele consegue sempre expressar muito mais na música do que consegue por palavras.

ROSE: Sim.

DR. MARSHALL: E é por isso que acho que ele está a tentar explicar-te que muitas das respostas aos problemas podem ser encontradas na música dele, muito mais do que por ele tentar explicá-lo em termos de frases e palavras. Sim. Afinal de contas, o que acontece? Ficas muito em baixo, muito infeliz, muito desesperada. Pões uma gravação, ou pões um disco, ou talvez te sentes ao piano, e de alguma forma aquilo fala contigo, ajuda-te.

ROSE: Sim.

DR. MARSHALL: Algumas pessoas, claro, no teu mundo, se tiverem uma inclinação religiosa, se estiverem infelizes e desanimadas, vão à igreja, rezam. O que é a prece? A prece é entrar num estado de unidade com o infinito, abrindo, por assim dizer, a tua mente aos pensamentos que, embora nem sempre o percebas, estão ao teu redor, que te são trazidos por aqueles que ministram. Afinal, a igreja fala sombriamente sobre os vários arcanjos e os anjos e os anjos ministradores, aqueles a quem deveria ser dada a guarda sobre a terra, e por aí fora.

A igreja fala destas coisas. Muito poucos acreditam nelas. Mas o ponto é que elas existem, e para cada alma que está em necessidade, que está em tribulação, que está ansiosa por orientação, ela está lá. Existem essas entidades que amam os povos da terra — em particular os que lhes são próximos e queridos, obviamente — que se aproximam, atraem-se a eles e esforçam-se por guiar e elevar e, se necessário, se puderem, inspirar de alguma forma para mudar o curso da vida, para a tornar melhor, mais feliz.

Nem sempre podemos fazer as coisas que gostaríamos de fazer num sentido material. Não nos é dado fazer isso. Talvez nem seja sábio que estivéssemos tão alinhados. Mas o ponto é que aqueles que compreendem, como tu compreendes, estão na posição afortunada de poderem receber inspiração, de poderem receber esse conforto que pode vir e vem tão frequentemente de nós. Podemos não o colocar em palavras, podemos não ser capazes de te dizer exatamente o que deves fazer num sentido material, mas

podemos provocar dentro de ti uma mudança de pensamento, uma mudança de perspetiva; podemos tirar o peso, podemos trazer uma leveza, uma perceção de que tudo ficará bem eventualmente. Pode não ser para o momento, mas o tempo passará, mudanças virão, a vida continua e, no fim, tudo é varrido e um conhecimento maior, uma sabedoria maior, uma compreensão maior é dada.

E conforme progrides mentalmente, conforme te sintonizas, conforme te tornas parte de mais do que és, do mundo do espírito, encontras uma paz maior e uma compreensão maior, um consolo maior. Nada se perde. Muitas vezes as pessoas olham ao redor e sentem que tudo está contra elas, que o mundo vai na direção oposta ao que desejariam, que nada parece tangível já, nada parece valer a pena. Todos estes sentimentos e emoções — que as pessoas sentem com razão e compreensivelmente — mostram, num sentido, que porque se sentem assim, estão a progredir, que estão, por assim dizer, a clamar por ajuda, por compreensão, por alguém que lhes dê algum conforto e perceção. Nada se perde.

Nós não nos sentimos desanimados — e é verdade que há alturas raras em que nos sentimos um pouco desanimados, mas tiramos isso de ti, não é algo nosso, tiramos isso das pessoas no teu mundo que se sentem como se sentem. Nós, portanto, porque somos um com elas, sentimos como elas sentem, temporariamente, mas passa. Sabemos que o peso será levantado, sabemos que a luz brilhará e a escuridão desaparecerá. Vês, toda a vida é mudança constante, é um tornar-se constante e gradual da consciência daquilo que é mais real, mais perfeito. O imperfeito perde-se e o perfeito vem e toma o seu lugar. E a vida está cheia de perfeições. O teu mundo está cheio de imperfeições, com uma perfeição aqui e outra ali, ou o que parece ser.

O ponto central é que toda a vida é uma combinação, mas é apenas quando atinges as esferas superiores que perdes as imperfeições; e conforme progrides tu percebes, e conforme percebes tu tornas-te, e conforme te tornas, ficas mais e mais consciente da unidade com o resto da humanidade e progrides até um ponto onde podes olhar para trás e ver a perceção de todas as coisas; não perdes nada, ganhas, e não temes, não duvidas, estás segura e confortada. Mas quando estás no teu mundo, às vezes sentes-te perdida, sentes que tudo ao teu redor está contra ti, ou contra todas as coisas que tinhas esperado e desejado. Mas isto é apenas uma medida temporária, deve-se tudo às forças de pensamento ao teu redor — as forças que não são

necessariamente más, mas apenas, por assim dizer, as forças de pessoas que inconscientemente agem mal, não porque queiram agir mal, mas porque ainda não descobriram como fazer melhor.

Deve-se sempre perceber que se pode fazer melhor, que se pode alcançar mais, que se pode tornar mais; mas existe esta forma de vida que causa condições desconcertantes por um tempo nos indivíduos e coletivamente na humanidade. Nós vemos os males, mas também podemos perceber o bem, mesmo no mal, pois em todas as coisas há bondade; e quando percebemos apenas o vislumbre, esperamos desenvolvê-lo, não apenas em nós mesmos mas nos outros. Estamos todos a começar a formar, a partir da escuridão, algum vislumbre de luz que eventualmente abrirá o caminho para outros que nos seguem.

Não me sinto desanimado sobre as condições atuais no teu mundo, tal como não me sinto desanimado sobre os indivíduos nele, nem me sinto desanimado sobre ti como indivíduo, ou sobre o médium ou qualquer pessoa próxima e querida para mim; pois percebo que cada um de vós está gradualmente a tornar-se um pouco mais sábio, um pouco mais compreensivo, cada um está a perceber um pouco mais de iluminação, cada um está a dar um passo um pouco mais além, com um passo mais firme, em direção àquela estrada que leva ao objetivo pelo qual todos nos esforçamos.

Estamos todos em diferentes estratos de ser, estamos todos a esforçar-nos até certo ponto — alguns podem ser um pouco mais fracos do que outros — mas estamos todos ligados na teia da compreensão humana e da progressão humana. Não há necessidade de medo, não há necessidade de dúvida, apenas perceber que estamos gradualmente mas certamente a evoluir para um estado mental superior e, conforme evoluímos para esse estado de avanço, tornamo-nos mais compreensivos, mais pacientes, mais tolerantes, mais sábios, mais atenciosos; e provocamos dentro de nós mesmos mudanças subtis que iluminam as nossas mentes e, em consequência, tornamo-nos mais e mais aperfeiçoados — mas só nos podemos tornar aperfeiçoados lenta mas seguramente. Não podemos avançar mais enquanto não estivermos prontos para avançar, enquanto as circunstâncias não o permitirem, pois somos, até certo ponto, os controladores do nosso destino.

Podemos culpar os outros e, até certo ponto, somos o que os outros fizeram de nós, mas o ponto é que temos dentro de nós uma centelha divina

que, dada a oportunidade — se o permitirmos — se tornará de facto mais do que uma centelha, tornar-se-á uma chama, uma chama viva, uma realidade viva de poder e força que será tão dinâmica que poderemos alcançar a grandeza, não apenas para nós mesmos, mas para outros menos afortunados e menos avançados. Não fico desanimado e não quero que fiques desanimada. Há grande causa para regozijo, irmãos, no que vos diz respeito e a muitos outros próximos e queridos para nós. Estou feliz com o que estamos a fazer, estou feliz com o que estás a fazer. Estas coisas acontecerão gradualmente mas certamente. Sê paciente contigo mesma e sê paciente com aqueles ao teu redor, pois cada um de vós, até certo ponto, está a progredir.

Tenho de ir.

ROSE: Obrigada, Doutor querido. Amor e bênçãos de todos nós.

DR. MARSHALL: Não fiques desanimada.

ROSE: Não.

DR. MARSHALL: Deus te abençoe. Adeus.

MICKEY: Abençoe-te. Adeus, Rosie.

ROSE: Adeus.

MICKEY: Adeus, querida. Que conversa!

ROSE: Eu digo: que longo discurso, Mickey!

MICKEY: Sim, bem, tu mereces! Adeus.

ROSE: Adeus.

Notas:

A Natureza da Matéria: Marshall antecipa conceitos da física quântica ao explicar que a matéria é vibração e que a "solidez" é uma perceção relativa à frequência do observador.

Comunicação Mental: Ele clarifica que a voz direta não é "espacial" no sentido físico, mas um fenómeno de consciência onde o espírito usa a mente do médium e do assistente como ponte para "solidificar" a perceção do ambiente.

Almas Velhas e Ciência: Marshall defende que génios e cientistas que ajudam a humanidade são almas antigas que trazem o saber de vidas passadas, e que a ciência é, na verdade, a forma mais alta de religião quando aplicada com ética.

A Herança Mental: Marshall explica que não somos apenas indivíduos isolados, mas o resultado dos pensamentos de gerações (pais, avós), o que dá um novo sentido à frase bíblica sobre os pecados dos pais.

Música e Alma: Ele reforça que a incapacidade de apreciar música clássica ou "boa música" é um sinal de uma alma jovem ou pouco evoluída, pois a música é a linguagem direta do espírito.

A Ilusão do Tempo: O Dr. Marshall desmistifica a ideia de que o tempo é real, descrevendo-o como algo que depende inteiramente do estado emocional (o tempo voa quando estamos ativos e arrasta-se quando estamos entediados). No espírito, o tempo não existe como barreira.

MARSHALL LESLIE, STEPHEN WARD

3 Março (Ano desconhecido)

Esta sessão foi gravada num monitor novo.

MICKEY: (Cantando) Roll out the barrel, we've got a barrel of fun. Roll out the barrel, we've got some booze on the run.

ROSE: É mesmo?

MICKEY: Sim. Uma bela nota dela. Canta outra vez.

ROSE: Oh, agora estás a envergonhar-me.

MICKEY: Oh senhor, oh senhor. É claro que isto é tudo uma encenação. Estou a fazê-lo para teu benefício, para te animar, para te fazer rir. Até que os outros fiquem prontos.

ROSE: Sim, eu percebo. Quem são os outros, querido?

MICKEY: Bem, quem é que tu achas? O rapaz maravilha de olhos azuis número um. Acho que ele é o pai do jantar. O rapaz maravilha de olhos azuis. De qualquer forma, ele adora-te.

ROSE: Tudo bem, eu não me importo.

MICKEY: Tens uma constipação?

ROSE: Não, tenho andado a espirrar nos últimos dois ou três dias. Não é nada, é o verão. Não sei o que é. Oh, Mickey, sinto falta da tua voz e das vozes de toda a gente.

MICKEY: Sentes mesmo?

ROSE: Sim.

MICKEY: Não faz mal, eu tenho as gravações todas. E quanto a todos aqueles meses e meses e meses em que não tiveste oportunidade de falar com ela? Ela deve ter sentido a falta do mesmo nessa altura.

ROSE: Senti.

MICKEY: Mas o quê? Sim, mas vês, eu não tinha um "English lead" para cuidar. Mas, oh bem, que vale entrar em detalhes? Escrevi e contei à minha sogra sobre isso, mas ela nunca recebeu a minha carta.

DR. MARSHALL: Olá, Rose.

ROSE: Olá, Doutor querido. Sabia que vinhas.

DR. MARSHALL: Bem, senti que hoje, de todas as noites, eu devia vir. Sim. Afinal de contas, pode passar um tempo até podermos falar um com o outro novamente.

ROSE: Como assim, pode passar um tempo?

DR. MARSHALL: É justo que eu venha falar contigo esta noite. Bem... Temos tido tempos muito felizes. Muitas, muitas noites felizes. Muitas oportunidades para conversarmos um com o outro. E temos discutido muitas, muitas coisas.

ROSE: Essas são todas as coisas que eu vou ouvir e ouvir e ouvir, repetidamente. Espero que não haja demasiadas perturbações.

DR. MARSHALL: Bem, tenho a certeza de que te darão grande prazer e grande felicidade. Oh, estou quase a chegar. Enquanto estiveres fora. Embora, num sentido, não estaremos fora porque estaremos muito perto de ti. Não passará um dia sem que te venhamos ver e passar um pouco de tempo contigo e fazer o que pudermos por ti, o melhor que pudermos.

ROSE: Obrigada, Doutor.

DR. MARSHALL: Não acho que vamos ser sobrecarregados nestas chamadas férias. E, em qualquer caso, não pretendo que o sejamos. Comprometemo-nos a fazer tanto, e é isso. Sim, ele é muito... Ele apenas pensa exatamente que vai cumprir o que disse que faria. Bem, é bom que o faça, porque caso contrário estará a desperdiçar o tempo de outras pessoas e o dele próprio.

ROSE: Oh.

DR. MARSHALL: A minha intenção é que ele tenha algum tipo de descanso, de qualquer forma, numas férias. Mudança de cenário, de ar e de comida. Tudo deve fazer-lhe um bem enorme. Sim. Mas ele deve ser muito insistente em não fazer sessões a mais. Em qualquer caso, como digo, será um desperdício de tempo e de esforço. Oh. Acho que o nosso amigo ficará satisfeito com as suas quatro sessões.

ROSE: Espero que sim.

DR. MARSHALL: Bem, se não ficar, azar o dele. Mas acho que ele é uma pessoa muito razoável, generosa e bondosa. Sim. E acho que ele compreende que o médium precisa de mudança e de descanso. E tenho a certeza de que ele será cooperativo. Gostaria que um momento o fizesse compreender a razão pela qual não lhe podemos dar mais.

ROSE: Bem, acho que ele tem bom senso. Acho que ele compreende. Ele é uma pessoa muito simpática. Não tenho razão para pensar o contrário. Ele comportou-se sempre muito bem, de facto, nas sessões e mostrou um interesse muito sincero, genuíno e aguçado. E até numa ocasião, se bem me lembro, quando pouco ou nada aconteceu, ele foi bastante compreensivo.

DR. MARSHALL: Oh, Deus. De qualquer forma, não me importo que ele vá, exceto que, claro, suponho que estive um pouco preocupado porque tive este pressentimento de que se pudesse esperar que ele fizesse demasiado. Sim. Naturalmente, quero que ele tenha um descanso completo e absoluto. E espero que o tempo esteja bom. Acho que o sol é importante. Talvez mais tarde, ele possa tirar... Bem, não falaremos sobre mais tarde. Se esta viagem correr bem, como não vejo razão para que não corra, deve bastar-lhe para a demonstração. Começaremos a falar de outras despesas. Eu sei como o teu cérebro funciona, Rose. Falaremos sobre isso mais tarde, se necessário. De momento, ele vai ter três semanas de mudança completa e um bom bocado de descanso. E acho que o ar fresco e limpo lhe fará mais bem. Sim. Sim. E essa é a coisa importante. O sol também é importante. E esperemos que o sol brilhe. Acho que provavelmente brilhará. Sabes que és uma criaturinha astuta.

ROSE: Tu também és.

DR. MARSHALL: Sim, eu sei como o teu cérebro funciona. Tu olhas para isto como um preliminar. Mas não vamos pensar nem falar sobre o futuro. Vamos falar apenas sobre o momento.

ROSE: Está bem.

DR. MARSHALL: Sabes, Rose, eu quero sempre que saibas disto. E acho que tu sabes, ao dizer-te que provavelmente já tiveste experiência suficiente com o passado. Nós não somos infalíveis. Cometemos erros.

ROSE: Oh, eu sei.

DR. MARSHALL: Admitamo-lo livremente. Eu digo que cometemos erros. Não são intencionais, claro. Mas às vezes as coisas não correm exatamente da maneira que gostaríamos que corressem. E às vezes os nossos planos inclinam-se para se extraviarem, para correrem mal, sabes. Mas fazemos tudo o que podemos. E fazemos o nosso máximo para cuidar de ti e para fazer tudo o que possamos para cuidar do médium.

ROSE: Sim. Não podemos fazer mais do que isso.

DR. MARSHALL: Não. Oh, sim, eu compreendo isso. De qualquer forma, acho que devo dar lugar aos nossos outros amigos.

ROSE: Obrigada por vires, Doutor. Bon voyage, companheiro. Ele está a falar para ti, Martin.

MARTIN: Oh, muito obrigado.

DR. MARSHALL: Esqueci-me, sim. Tu esquecer-te-ias, não é? Bon voyage e umas felizes férias.

MARTIN: Obrigado.

DR. MARSHALL: E descansa.

ROSE: Abençoado sejas, Doutor querido. E quem é que está a receber toda a orientação esta noite? Não, o Marshall está apenas a falar com o médium. Como estás tu?

STEPHEN WARD: Oh, estou muito bem, obrigado. E tu?

ROSE: Oh, bem. Bom. Tenho de te fazer uma pergunta.

STEPHEN WARD: Oh, o que é isso? Antes de começares. Tenho uma ideia do que seja. Continua, o que é? O que é? Diz-me tu. Tem a ver com o teu amigo, Frederick?

ROSE: Não. Oh, bem, eu estou... Está bem, bem, o que é que me queres perguntar? Bem, eu ia apenas dizer que estou muito mais forte e sinto-me muito melhor no geral.

STEPHEN WARD: Oh. Tens estado a fazer alguma coisa?

ROSE: Oh, sim. Eu não estava a pensar... Sim, tenho.

STEPHEN WARD: Eu tenho-te estado a dar tratamento para a tua perna também. Sim. Espero que te sintas muito mais em forma e muito mais forte.

ROSE: Lembro-me de me dizeres isso.

STEPHEN WARD: Bem, levaria um pouco de tempo.

ROSE: Estou quase a correr por todo o lado.

STEPHEN WARD: Sim, mas não corras demasiado, nem demasiado depressa. Quero dizer, pelo amor de Deus, não te vás estragar.

ROSE: Não, não, está bem.

STEPHEN WARD: Mantém-te firme nas pontas dos pés, sabes, nos teus pés. Não deves começar a correr de um lado para o outro.

ROSE: Não, está bem.

STEPHEN WARD: Não penses que podes fazer tudo. Quero dizer, tens de ser sensata.

ROSE: Está bem, senhor, eu só queria...

STEPHEN WARD: Quero dizer, não desfaças todo o bom trabalho que temos feito, sabes.

ROSE: O quê?

STEPHEN WARD: Tu não deves ir desfazer todo o bom trabalho que estamos a fazer. Não. Não penses por isso que eu não quero que andes por aí e faças coisas, e tenho a certeza de que o Marshall concordaria, mas, quero dizer, pelo amor de Deus, não te sobrecarregues.

STEPHEN WARD: O quê? Não podes ir e desfazer todo o bom trabalho que estamos a fazer. Não. Não penses com isto que eu não quero que tu andes por aí e faças coisas, e tenho a certeza de que o Marshall concordaria, mas, quero dizer, pelo amor de Deus, não te sobrecarregues.

ROSE: Não, está bem. Tu certamente estás muito melhor. Sim. Em todos os sentidos, em todo o lado. Muito, muito obrigada, Stephen. Espero que estas três semanas não pareçam longas demais.

STEPHEN WARD: Eu sei. Raios partam. Porque é que as pessoas querem férias? Ora, tu disseste no outro dia... Oh, sim, eu sei. Quero dizer, ele está apenas a dizer isso. Quer dizer, é isso. Eu acho que ele merece-as. Sou todo a favor. Mas tinha de ser justo agora, quando as coisas parecem estar mesmo no ponto. Não importa. Tu limita-te a trabalhar muito enquanto ele estiver fora, e quando ele voltar, tu terás...

ROSE: Tu queres que eu trabalhe muito enquanto ele estiver fora? O que eu quero dizer é... Eu não tenciono fazê-lo, porque tenho a certeza de que um amigo lá fora não estará muito interessado em mim. Na verdade, embora eu não saiba, ele é provavelmente uma pessoa de mente muito aberta. Ele talvez me recebesse de braços abertos.

STEPHEN WARD: Não, não, eu refiro-me ao teu lado da vida.

ROSE: Oh, estou a ver. Pensei que te referias a comunicar.

STEPHEN WARD: Não, não, não. Eu pensei: "Ei, não serão grandes férias se eu garantir que ele não venha à conversa". Em todo o caso, eu prefiro muito mais a conversa a ti. Não estou muito interessado em ir falar com estranhos. Embora ele seja provavelmente uma pessoa bastante simpática. Posso vir a conseguir falar com outra pessoa. Não sei.

ROSE: Oh, a sério? E tu podes... Talvez possas ser um muçulmano. Não sei. Não tenho a certeza. Não posso dizer ainda. Ele veio uma vez, mas não é o mesmo que este, Stephen.

STEPHEN WARD: Oh, referes-te ao rapaz novo?

ROSE: Sim, sim.

STEPHEN WARD: Oh, referes-te ao amigo daquela outra pessoa que eu vi aqui, que tem estado aqui, que veio recentemente? Queres dizer, oh, não sei qual é o nome dele, Anthony ou algo assim?

ROSE: Tony, sim.

STEPHEN WARD: Oh, eu sei de quem falas. Oh, ele é bastante psíquico.

ROSE: Sim, ele é muito psíquico.

STEPHEN WARD: Oh, isso será interessante. De qualquer forma, não faz mal tentar. Se for possível passar, eu passarei.

ROSE: Sim. Tu tenta passar, se puderes. Isso será muito interessante.

STEPHEN WARD: Eu tento o meu melhor. Eu faço o meu melhor. Mas ele tem um guia, ou como quer que lhe chames, que fala através dele. Tu não serás capaz de falar. Não posso dizer no momento. Não devo prometer nada nessa direção, porque realmente não sei. Não, não, não. Olá. Desculpa a interrupção. Está bem. O que aconteceu ontem à noite? Eu perdi o contacto. Oh. Estás bem agora?

ROSE: Sim, obrigada. Estou a pensar: "Isto não é estúpido?". Não consigo ter a mente clara. Está bem. Eu não falarei.

STEPHEN WARD: Tu és um pouco... Ele está a ter problemas? Hmm? Ele provavelmente está a ter problemas. Não consegue ter a mente clara. Acho que é melhor eu dizer alguma coisa. Tenho estado a ouvir as gravações do Howard Carter, sabes...

ROSE: Oh, sim. Claro que tu tinhas uma fita disso. E uma "mega-fita" falou antes de ele chegar à cena.

STEPHEN WARD: Oh, sim. Mm-hmm. Eu quero dizer-lhe isso. Stephen?

ROSE: Sim.

STEPHEN WARD: Ah. Posso falar?

ROSE: Sim, por favor, fala.

STEPHEN WARD: E eu ajudaria. Oh, sim. Como de costume, fiquei preso. Bem, estou a ver. Está bem. Lembras-te de me contares sobre o Howard Carter?

ROSE: Oh, sim. Carter, sim. O egiptólogo. Sim. Bem, eu ouvi a gravação de quando ele falou comigo. E uma "mega-fita", um faraó do Egipto de há cerca de 3.000 anos. Ele veio e falou em egípcio, mas claro que eu não consegui perceber uma palavra do que ele disse.

STEPHEN WARD: Bem, isso deve ter sido interessante.

ROSE: Muito, mas ninguém conseguia perceber. Tentaste arranjar um discípulo? Bem, eu tentei. Tive três ou quatro egípcios a falar comigo. E o Padre uma vez levou a gravação para Cambridge. Sim. Para os estudantes de lá, mas com a exceção de uma ou duas palavras, eles não conseguiram perceber; era egípcio antigo.

STEPHEN WARD: Estou a ver. E, claro, isso não teria semelhança nenhuma com o egípcio moderno, suponho.

ROSE: Não. Bem, esse é o problema. E o que ele te contou, contou-me exatamente a mesma coisa.

STEPHEN WARD: A sério? Fico feliz por isso. Fico feliz. Tudo bate certo. Sim. Sabes, se eu estivesse na tua posição, seria exatamente igual, sabes. Quero dizer, é terrivelmente interessante se obtiveres confirmação. Quero dizer, se tiveres um intervalo, talvez de três ou quatro anos ou algo

assim, e algo for dito que confirme algo que foi dito anteriormente há todo esse tempo, deve ser emocionante.

ROSE: Oh, emocionante.

STEPHEN WARD: Porque tu és, na verdade, num sentido, mais uma espécie de investigadora psíquica do que propriamente uma espiritualista. Sabes, tu és uma velha astuta, na verdade, de certa forma, não és?

ROSE: Bem, não sei se sou a única. Quero dizer, tu és muito simpático e tudo isso, muito compreensivo, e fazes concessões, claro. Imaginaria que tem de ser assim em tudo isto. Mas, ao mesmo tempo, tu és um bocado diabo para provas, não és?

STEPHEN WARD: Sim, sou. O que é que tu serias? Oh, sim, eu estaria do lado de baixo. Bem, claro que estaria. Quero dizer, francamente, eu não seria exatamente suspeito. Acho que somos muito parecidos em muitos aspetos.

ROSE: Bem, acho que provavelmente somos. Sim. Mas acho que se eu tivesse tantos anos como tu provavelmente tens neste assunto, claro que estaria na mesma posição que tu. Quero dizer, obviamente. Eu não sabia muito sobre isto. Na verdade, mal sabia nada sobre isto. Li a mão uma ou duas vezes, mas isso é um bocado diferente. Certamente não provou estar correto no meu caso. Ah, isso é estúpido para um estudante. Oh, os altos na cabeça de uma pessoa, sabes. Oh, sim. Isto denota aquilo. Suponho que haja algo em tudo isto. Oh, há algo. Tu disseste frenologia, não é, ou algo assim?

STEPHEN WARD: Frenologia, sim. Oh, sim, fui frenologizado, ou o que quer que tenha sido.

ROSE: Oh, o que é que te disseram? Perdão? O que é que te disseram?

STEPHEN WARD: Oh, a conversa fiada do costume, sabes, que tenho um cérebro brilhante e que tinha tendências artísticas e que teria um grande sucesso no mundo. Na verdade, algumas das coisas, quando olhas para elas... quero dizer, são bastante extraordinárias. Aconteceram mesmo, mas não exatamente da maneira que se teria antecipado. Certamente ganhei a notoriedade, de qualquer forma.

ROSE: Sim.

STEPHEN WARD: Enfim, isso faz tudo parte do passado. Não quero falar sobre ter altos ali. Vamos falar de algo sensato. Sim. Sabes, todo este negócio de voltar ainda me atordoa. Ainda acho tão, bem, fantástico pensar que uma pessoa realmente pode fazê-lo. Eu... Oh. E este negócio de falar, este tipo de ser capaz de, de alguma forma estranha, ser capaz de se manifestar e ser capaz de transmitir os pensamentos de uma pessoa através deste mecanismo, ou como quer que lhe queiras chamar, que transmite... Consegues ver um mecanismo ali?

ROSE: Bem, sim e não. Isso soa estúpido.

STEPHEN WARD: Mas aquilo de que estou muito consciente é de uma espécie de massa solidificada...

ROSE: Oh.

STEPHEN WARD: ...que está constantemente, num sentido, a mudar.

ROSE: Exatamente.

STEPHEN WARD: É apenas uma energia viva. É um poder vivo, uma vitalidade viva, que parece tornar possível manipular, de alguma forma estranha, o que presumivelmente são órgãos vocais que são obviamente criados de forma artificial. E é uma concentração do pensamento de uma pessoa que os manipula, e eles respondem e vibram e criam ondas sonoras. Mas é o conseguir transmitir-se a si próprio. Não sei. Não é assim tão mau.

Já é suficientemente mau transmitir os pensamentos de uma pessoa, mas é muito mais difícil ser capaz de te transmitires a ti próprio. Isso é que é o estranho. Uma espécie de combinação das coisas que queres dizer ou transmitir e a tua personalidade real ou eu, tal como te conheces. É como se tivesses de pensar sempre em ti próprio. Sei que soa estúpido, mas não é que uma pessoa se consiga lembrar, necessariamente, de como soa a sua voz. Porque me lembro sempre da primeira vez que ouvi a minha música num gravador, pensei: "Meu Deus, sou mesmo eu?". Uma pessoa não se reconhece.

E ouvir-se a si próprio é uma coisa estranha. E é como se eu estivesse a concentrar os meus pensamentos e a tentar transmitir coisas, e também a ouvir a vibração e a resposta dos meus pensamentos e a transformá-los em som. E depois tu a responderes, é como se eu estivesse a fazer três ou quatro coisas ao mesmo tempo. É muito peculiar. E às vezes, claro, corre mal. Às vezes sinto-me desafinado, o que descubro que estou, e que não estou a registar de todo. E é bastante dececionante.

Mas, sabes, é o negócio mais peculiar. Eu acho que quanto mais — isto também soa a outra contradição — menos tu pensas em ti próprio. Mas é. E no entanto, ao mesmo tempo, tens de estar consciente de ti próprio para registar. Mas acho que é apenas o teres de ter completa e absoluta... bem, aqui vai, vamos a isto, percebes, e começar a dar à língua ou concentrar o teu pensamento como um louco em coisas de que estás muito consciente que queres transmitir.

Acho que o segredo de tudo isto, francamente, é ter algo importante para dizer e concentrares-te em transmitir isso e esqueceres, num sentido, se estás a soar bem. Acho que foi isso que me apanhou ao início, este tipo de sensação como se eu estivesse, não sei, como se a minha voz estivesse na outra ponta de um megafone ou algo assim. Era como aquela coisa da voz do dono, mas ao contrário, era peculiar.

ROSE: Tu tinhas um barítono ligeiro, não tinhas? Voz de fala, quero dizer.

STEPHEN WARD: Oh, não sei, tinha? Quem disse? Eu certamente não era um basso profondo. O quê? Eu não era basso profondo. E não era soprano. Acho que o meu registo era bastante normal.

ROSE: Sim. É uma voz de fala muito, muito agradável.

STEPHEN WARD: Eu certamente não tinha falsete. Não, acho que a minha voz era bastante comum. Sim. Acho que falava com bastante naturalidade e de forma bastante normal e não muito alto. Acho que quando bebia uma bebida ou talvez estivesse entusiasmado, podia ter ficado um pouco alto sem me aperceber.

ROSE: Sim, há essa hipótese.

STEPHEN WARD: Às vezes as pessoas costumavam pensar que eu ficava um bocado histérico, mas eu não ficava realmente histérico. Pelo menos não tinha consciência de ficar histérico. Tinha consciência de que às vezes ficava entusiasmado, tipo a deixar-me ir. E suponho que possivelmente a minha voz era mais alta nessa altura devido ao facto de eu estar a falar de algo em que estava interessado e que queria enfatizar. E quando queria enfatizar, suponho que a minha voz tomava um tom ou tom mais alto.

ROSE: A tua ênfase vem sempre no sítio certo.

STEPHEN WARD: Vem?

ROSE: Oh, sim, maravilhoso.

STEPHEN WARD: Oh, bem, vale a pena saber isso.

A Experiência Sensorial no Mundo Espiritual

STEPHEN WARD: É extraordinário. Num mundo onde a voz não é importante, descubro agora que, num sentido, a voz é vital para conseguir "passar" [comunicar com a Terra]. Se não fosse o facto de eu ter de aprender a concentrar os meus pensamentos para produzir uma voz, não me importaria nada com ela.

Aqui, não importa realmente. Pode-se transmitir tanto através dos pensamentos e isso é recebido automaticamente. Tu não tens de fazer qualquer esforço. Acho que esse é o ponto central. Aqui, não sinto que haja esforço na comunicação; as ideias são transmitidas e recebidas de forma fluida. Mas a atmosfera é tão diferente. Tudo aqui parece tão fresco e claro.

Não sei se temos "ar" no mesmo sentido em que tu entendes o termo, mas certamente há uma sensação de "vivacidade". É como se tudo estivesse a pulsar e tudo ao nosso redor estivesse cheio de vida e vitalidade. Sentimo-nos em forma absoluta. Não há sensação de peso, não há crueza. Nada é um esforço. É uma experiência tremenda e excitante quando nos tornamos verdadeiramente conscientes de nós próprios nestas condições. Esta leveza, este ar, esta limpeza...

Para alguém que viveu numa cidade, com barulho, tráfego e poluição, chegar aqui é viver uma vida cristalina. Não há escuridão. Disseram-me que existe uma forma de trevas, mas é a treva da mente que a cria coisas que seriam como uma atmosfera nebulosa e pesada, mas eu nunca senti isso realmente.

No início, nas minhas primeiras semanas aqui, eu estava num estado de perplexidade, a derivar entre o teu mundo e este. Sentia-me amargurado e as coisas estavam muito "feias", como se não conseguisse sossegar a mente. Mas isso faz parte do passado. Agora estou numa condição de vida livre e fresca. Sinto-me uma pessoa nova.

O Não-Conformismo e o Peso das Máscaras Sociais

ROSE: Tu foste um homem muito natural enquanto vivias na terra. Acho que nunca houve rigidez em ti.

STEPHEN WARD: Isso é verdade, mas não diria que não tive o que chamas de rigidez ou um sentimento de restrição. Suponho que, em certa medida, eu estive a quebrar as "regras de ouro" por todo o lado em certas alturas. Mas quando não conformas... eu achei extremamente difícil conformar. Na verdade, eu não conformava e, no fim, nem me dei ao trabalho de tentar.

Tive de encarar o facto óbvio de que, em certas alturas e com certas pessoas — por razões de negócio ou outras — tive de pôr uma "frente falsa". Suponho que todos o fazem até certo ponto. Mas, genericamente falando, eu saltava por cima das marcas. Não queria saber da opinião pública, nem da opinião de certas pessoas com as quais não tinha nada em comum.

Por natureza, eu odiava ser forçado. Odiava ter de manter uma fachada e dizer ou fazer coisas em que não acreditava realmente. Mas todos têm de conformar um pouco. Eu tive de o fazer. Mas, quando era possível não conformar, eu certamente não conformava.

Olho para trás e vejo os meus erros, claro, mas no geral não me arrependo de muitas coisas. Acho que é a única forma de viver. O problema é que as pessoas estão cheias de inibições e repressões; são artificiais e tornam-se amarguradas. Conforme envelhecem, tornam-se deformadas. Isso é

estúpido, porque se vais lutar contra a natureza e contra ti próprio — e não me refiro apenas ao sentido físico ou sexual, mas em tudo — acabas por tentar apenas "encaixar".

A Individualidade contra a Mediocridade

STEPHEN WARD: As pessoas sentem que têm de ser aceites, que têm de ser como todos os outros, senão os outros vão falar delas. É tão estúpido. Cada indivíduo é um indivíduo, ou deveria sê-lo, e é isso que torna as pessoas interessantes e a vida excitante. Se todos fôssemos feitos pelo mesmo molde, a vida seria uma seca absoluta. São as pessoas "estranhas", as que se destacam, que têm personalidades interessantes. São elas que deixam uma marca, para o bem ou para o mal, mas deixam uma pegada.

As pessoas comuns e cinzentas são muito doces, mas são muito monótonas para os outros e para si mesmas. Vivem uma existência prosaica e ortodoxa do berço ao túmulo. Às vezes pergunto-me porque é que se deram ao trabalho de nascer ou de sobreviver, se nunca fizeram um esforço real. Tudo parece tão "terrivelmente sem sentido". Afinal de contas, qualquer um pode ser um parvo.

Digo isto com todo o respeito, eu amo a humanidade, mas um grande número de pessoas é realmente estúpida. Se dissessem a verdade, especialmente ao chegar à meia-idade e olhar para trás para o desastre monótono que foi a vida delas, teriam adorado ter saltado as vedações, experimentado e ido por este caminho em vez daquele. Muitas tomam o caminho estreito e isso gera ciúme e malícia.

Se todos fossem um pouco mais não-conformistas — com uma mente mais liberal, aberta e ampla — o mundo seria muito mais feliz e sensato. Muita da intolerância entre raças e nacionalidades desapareceria. As velhas barreiras seriam derrubadas e haveria uma paz maior. Tantas destas pessoas têm mentes retorcidas; raramente o admitem, mas as suas mentes são muito mais retorcidas do que as das pessoas que elas condenam.

Tolerância e "Viver e Deixar Viver"

STEPHEN WARD: As três grandes coisas na vida são a simpatia, a tolerância e a compreensão. Mas a mais importante é a tolerância. Se aprenderes a ser tolerante, podes progredir imenso. Mas tantas pessoas são

intolerantes. Nota que existe algo chamado "indignação justa"; não significa que tenhas de passar pela vida a ser passado para trás. Há alturas em que deves afirmar-te e defender o teu ponto de vista. É um instinto natural o homem proteger-se.

Mas não há amor e compreensão suficiente. Eu aprendi cedo a "viver e deixar viver". Esse foi o meu lema. E acho que o que me magoou mais do que tudo foi o facto de as pessoas simplesmente não me deixarem viver, e não houve outra saída senão o caminho que tomei [o suicídio]. E posso dizer honestamente que não fiz nada que pudesse considerar criminoso. Fiz sempre o que pude para ajudar as pessoas.

Notas:

A Identidade de Stephen Ward: Nesta sessão, Ward (figura central do caso Profumo) reflete sobre a sua vida com uma clareza desarmante. Ele admite que a sua incapacidade de conformar o levou ao ostracismo social, mas prefere a sua "individualidade" à "monotonia" das massas.

A Transição Pós-Morte: Ele descreve o estado de confusão inicial após o seu suicídio em 1963, sentindo-se amargurado e entre dois mundos, antes de encontrar a "frescura e leveza" da sua esfera atual.

Títulos e Tratamento: O título foi adicionado e o tratamento por "tu" foi rigorosamente aplicado nas falas de Stephen e nas referências à Rose.

RUDOLPH VALENTINO

A PRESENÇA E O AFETO

4 de abril de 1970

VALENTINO: Eu também estou aqui.

ROSE: Oh, Rudy! Que bom ouvir-te.

VALENTINO: Eu não podia deixar que te fosses embora sem te dar o meu amor. Eu sei que as coisas têm sido difíceis para ti, mas tu deves lembrar-te que o amor é a força mais poderosa que existe. Ele atravessa todas as barreiras, até mesmo a barreira da morte.

ROSE: Eu sei, Rudy. Às vezes sinto-me tão cansada de lutar.

VALENTINO: Eu sei, minha querida. Eu também me senti assim muitas vezes quando estava no teu mundo. A pressão, as expectativas dos outros... tudo isso pesa na alma. Mas aqui, tu vês as coisas de uma perspetiva diferente. O que parece um fardo enorme aí, aqui é apenas uma sombra passageira.

tu tens uma alma bela, Rose. Não deixes que a amargura ou a tristeza dos outros apague a tua luz. Tu és amada, muito mais do que consegues imaginar. Eu estou sempre por perto, a velar por ti, tal como o Marshall e o Stephen.

ROSE: Obrigada, Rudy. Significa muito para mim saber que estás aí.

VALENTINO: Estarei sempre. Agora, sorri para mim. Quero ver-te sair daqui com o coração mais leve. Tu tens um caminho importante a percorrer, e nós estamos todos a caminhar ao teu lado.

ROSE: Vou tentar, Rudy. Prometo.

VALENTINO: Assim está bem. O meu amor e as minhas bênçãos estão contigo, hoje e sempre. Adeus, Rose.

ROSE: Adeus, Rudy. Adeus, meu querido.

MICKEY: Vá lá, Rose! O Doutor já te disse, o Rudy já te disse... agora é a tua vez de fazeres a tua parte. Cabeça erguida!

ROSE: Tens razão, Mickey. Obrigada a todos.

Notas:

- *A Identidade de Valentino: Rudolph Valentino era um comunicador regular no círculo de Leslie Flint. Curiosamente, ele falava frequentemente com um sotaque menos carregado do que se esperaria, explicando que, no mundo espiritual, as características físicas e linguísticas se tornam mais fluidas conforme a alma progride.*
- *O Papel de Protetor: Tal como Stephen Ward, Valentino assumia um papel de protetor em relação à Rose, oferecendo um tipo de apoio mais emocional e afetivo, enquanto o Dr. Marshall se focava na parte filosófica e de orientação de vida.*
- *Tratamento: Mantive o tom de proximidade. Embora a Rose o trate com imensa reverência ("Rudy", "meu querido"), os espíritos deste grupo tratam-na invariavelmente por "tu", reforçando a ideia de que, para eles, as hierarquias sociais da Terra não existem.*

O DR. CHARLES MARSHALL ENQUANTO MING E AS ORIGENS NA CHINA ANTIGA

29 DE AGOSTO DE 1957

Médium: Leslie Flint

Nesta sessão fascinante, o Dr. Marshall revela a Rose a profundidade da ligação entre ambos, recuando milénios até uma encarnação conjunta na

China Antiga. Ele explica como a identidade espiritual é vasta e composta por múltiplas "personagens" históricas.

DR. MARSHALL: Pensaste que não vínhamos? Às vezes não conseguimos passar por estas "cesarianas" [sessões], como provavelmente bem sabes. Às vezes temos de esperar e ser pacientes com as condições.

ROSE: Estão bem agora?

DR. MARSHALL: Oh, sim.

ROSE: Fico feliz por ouvir a tua voz. Queria perguntar-te algo: os negativos [fotográficos] foram feitos e parece haver a figura de alguém sentado numa destas cadeiras aqui.

DR. MARSHALL: É mais do que provável. Afinal, como bem sabes, estamos aqui presentes em número considerável e é perfeitamente viável que um ou outro de nós seja fotografado. É isso que nos esforçamos por fazer.

ROSE: Bem, em quase todas tem aparecido apenas ectoplasma.

DR. MARSHALL: Sim, bem, isso provavelmente terás sempre, porque está sempre em abundância aqui. É o que nos dá tanta esperança para as nossas sessões de quarta-feira. Significa que o poder e a substância são tais que deveríamos ser capazes de nos manifestar de outras formas além da espiritual. É por isso que temos estado tão ansiosos por perseverar nestas experiências e a razão pela qual não temos falado tanto ultimamente. Sentimos que devíamos dirigir toda a energia para esse canal.

ROSE: Lembras-te que disseste algo sobre a tua encarnação chinesa, Doutor? E sobre Chang? Podes explicar isso?

DR. MARSHALL: Queres que te explique ou conte algo sobre a minha encarnação chinesa? É disso que estás a falar?

ROSE: Sim, por favor.

DR. MARSHALL: Foi há muito tempo. Tu e eu... bem, foi uma das tuas primeiras encarnações, onde nos encontrámos pela primeira vez, na China Antiga.

ROSE: Oh, tu e eu?

DR. MARSHALL: Claro, não sabias? Pensei que tivesses compreendido que estivemos todos interligados em diferentes encarnações. E o que fomos nós, Doutor? Bem, tu foste uma princesa chinesa. Eu fui um filósofo chinês, professor, homem de religião, médico, necromante... não sei o que fui.

ROSE: Necromante também?

DR. MARSHALL: Até certo ponto. Na China Antiga, tínhamos um certo conhecimento sobre comunicação. Era uma teoria comum que os antepassados nunca morriam, que permaneciam no lar e eram uma inspiração para os que vinham depois. Sempre que a casa estava em dificuldade, iam ter com os antepassados pedir conselho.

ROSE: Não estiveste vivo no tempo de Confúcio, pois não?

DR. MARSHALL: Muito tempo antes de Confúcio. E o Mammoose [alusão ao Flint], estava vivo na altura? Ele não era do mesmo período que nós. Tanto quanto sei, ele não teve uma encarnação chinesa. Na verdade, nós somos almas mais velhas do que ele.

ROSE: Somos? Conta-me mais, Doutor querido.

DR. MARSHALL: Sabes, outrora tu eras muito suscetível às influências dos espíritos. Tu própria eras muito psíquica ou mediúnica. E foi através do teu interesse pelo oculto que entrámos em contacto.

ROSE: Então, suponho que fui ter contigo para pedir ajuda nessa direção. Tu eras uma espécie de médium, suponho.

DR. MARSHALL: Eu estava ligado à corte. Tu eras a única filha... havia seis filhos e uma filha.

ROSE: De quem era eu filha, Doutor querido?

DR. MARSHALL: Filha de Seng. Ele era um dos príncipes governantes da China naquele período. Tu, como tantas mulheres chinesas, eras considerada de pouca ou nenhuma importância perante os herdeiros masculinos. No entanto, eras muito popular e amada na família. Era invulgar para uma filha numa casa chinesa, mesmo sendo uma princesa. Deram-te mais liberdade do que à maioria. Passavas muitas das tuas horas a ler e a procurar o que chamarias de oculto.

ROSE: Contigo?

DR. MARSHALL: Em parte comigo e com outros. Morreste muito jovem, no teu vigésimo terceiro ano. Estranhamente, muitas das tuas vidas têm sido muito curtas, o que por vezes nos faz questionar o propósito. Não é nos anos que o conhecimento é obtido, mas na sabedoria dos anos. Algumas pessoas jovens na sabedoria descobrem muito mais verdade do que as que morrem em idade avançada na ignorância. Tu sempre foste alguém que desejou conhecimento. Partiste muito jovem da terra nessa encarnação chinesa, mas não morreste sem conhecimento. Já eras uma alma velha mesmo nessa altura.

A Revelação de Ming

MING (Voz alterada): Aquilo que não compreendemos, chamamos de extraordinário; mas quando o compreendemos, é ordinário. Tu vives uma vida que para ti é ordinária porque a conheces. Tu és mais aperfeiçoada do que sabes. Não te condenes e não consideres que não alcançaste nada. Não podes julgar aquilo em que te tornaste. Quando a casa [o corpo] for destruída, o espírito será livre. Encontrarás a paz e o amor que buscas com aqueles a quem estiveste ligada em tantas existências.

ROSE: Muito obrigada. Posso saber quem fala comigo?

MING: Tu chamas-me Ming.

ROSE: Ming? Sim, com prazer. Eu suponho que estiveste vivo ao mesmo tempo que eu, não estiveste?

MING: Estive vivo quando tu estiveste viva, há séculos. Eu era então Ming. Mas tu conheces-me melhor como Charles.

ROSE: Charles? Oh, que emocionante!

MING: Tu não compreendes que nós somos muitas pessoas. Tudo um só espírito, mas muitas pessoas. Quando te disse que fui Charles, que fui Ming, que fui Lucaris, que fui Perseus... tudo isso é a fonte que faz parte de mim. Não penses numa pessoa como um corpo, ou como uma experiência de poucos anos na terra. A alma é muito mais. Podemos ser chamados por muitos nomes, mas somos todos a mesma pessoa.

ROSE: E Ming, podes explicar-me como te tornaste Ming? Eras o Charles instantes antes.

MING: Quando sou o Charles, desejo pensar em mim como Charles. Quando desejo recordar, penso em mim como Ming. Transmito o meu pensamento para a vibração em que outrora estive e assumo, por esse espaço de tempo, aquilo que fui. Por outras palavras, torno-me Ming. Todos estes vários guias que vêm a ti são parte de muitas almas ligadas no grande Todo. Fazem parte do grande grupo de almas. Eu vim a ti em vários disfarces, tal como o Frédéric [Chopin] vem a ti em diferentes disfarces.

MING: Tu recebeste-o como Frédéric [Chopin], mas ele tem estado contigo muitas vezes nos últimos 25 anos sob nomes diferentes. Só agora estás a começar a perceber. Podes dizer-me alguns dos nomes? Eu posso dizer-te. Sim. Que dizes desta alma a quem chamas Thor? Thor, sim. Ele era o Chopin. Sim. Chopin era o Thor há séculos no tempo. Sim. Quando tu tiveste uma das tuas primeiras encarnações. Sim. Um dia tu perceberás que não somos todos o que parecemos, que somos mais profundos, muito mais profundos do que aquilo que te aparece à superfície. Tu não és Rose Crete. Isso é apenas um nome. É apenas uma parte da tua vida.

A vida que flui através de ti teve experiência, para algumas figuras menores no tempo, como Rose Crete. Mas houve muitos, muitos esposos sob nomes diferentes, períodos diferentes, todos interligados, mas ainda assim o mesmo espírito. Por isso, se quiseres, podes sintonizar-te com a vida passada. Tu podes assumir quando vens para aqui — tu aprendes como assumir, se quiseres — a vida passada e a experiência novamente, a memória e o

pensamento passados, para que possas retirar de cada experiência aquilo que pode beneficiar, ou talvez não apenas beneficiar-te a ti, mas talvez beneficiar outra pessoa que precise dessa experiência particular que tu tiveste outrora, que pode servir ou ajudá-los nalgum problema. Nós, que vimos a ti, baseamo-nos num grande reservatório de muitas vidas e experiências, razão pela qual somos frequentemente capazes de ajudar aqueles em necessidade na terra que têm problemas semelhantes. Percebo.

O que eu gostaria muito de fazer, eu, é contactar-me a mim própria, um dos meus "eus", quando eu ainda sou Rose Crete na terra. Isso não é fácil de fazer. Isso não é o quê? Isso não é uma coisa fácil de fazer. Não. Aqui é diferente, pois tu estás fora do corpo, já não és nenhum corpo físico, mas tu podes contactar esses eus passados que não passam de cascas, cascas astrais, contendo conhecimento e experiência.

O espírito deixou o corpo. As cascas astrais retêm a memória e mantêm, por assim dizer, dentro de si mesmas tudo o que transpareceu. É por isso que a vida é um livro que deve ser lido. Todos os capítulos e páginas do livro estão claros. Nada é pensamento [perdido]. Quando te dizem naquilo que chamas a tua Sagrada Bíblia sobre seres julgada, é assim que tudo está registado em todos os vários capítulos. Tudo aquilo que transpareceu, tudo o que tu foste e te tornaste, todas estas coisas estão claras.

Nada se perde. Tu aprendes contigo própria e com as experiências dos outros. Um dia tu verás e compreenderás como vieste através de todas estas vidas diferentes, como estiveste ligada a várias almas, como foste por vezes trazida de volta à Terra novamente para um trabalho específico e especial para a humanidade. Algumas das almas estão deste lado, ajudando aqueles de vós que regressaram à Terra do teu lado, unindo-se e formando uma grande teia de amor e poder. Muito pode ser revelado a ti, e através de ti esperamos revelar aos outros, dar-lhes uma visão sobre o funcionamento do caminho de Deus. Tu tens um grande privilégio. Muitas almas vêm, ligam-se a ti, têm-no feito por muitos séculos de tempo. Esta é a tua última fase na Terra. Quando tiveres terminado, tu vens para aqui, tu juntas-te e tornas-te completa no bando de almas que por tanto tempo estiveram associadas contigo de várias formas.

Frédéric Chopin, a quem tu tanto reverencias, ele é uma grande alma, teve muita experiência de vida. Ele ajudou-te e ligou-se a ti em tempos de outrora, quando ambos lutavam, quando ambos tinham de aprender, através de

muitos caminhos diferentes, o propósito da vida. Tu foste uma grande luz e inspiração para ele, o que tu ainda não compreendes, mas um dia ser-te-á dado mais plenamente. Tu não precisas de ter nenhuma dúvida dentro de ti quanto ao resultado de todas estas coisas, pois é tudo para o teu bem. Esta encarnação de vida, eu sei, será para ti o fim da existência de conhecimento terreno, embora tu espiritualmente regresses à Terra, sem dúvida, de tempos a tempos, para aconselhar, para ajudar e para guiar. Aqueles que são deixados para trás ligam-se ao grupo.

Este grande grupo que se construiu ao longo de séculos de tempo da Terra, em muitas gerações e lugares, todos têm um trabalho que é comum a todos para fazer. Tu verás como nós gradualmente te abençoamos nas circunstâncias, de tal forma que tu dirás: "isto só poderia ser feito, só poderia ser provocado pelo poder do Espírito". Pois não é por minha busca, não é por minha escolha, não sou eu quem tornou isto possível, deve ser daqueles que me amam, que estão ao meu redor e comigo, que fizeram estas coisas acontecer. Assim é. Tu verás. Os anos que passaram mostraram muito, mas os anos que te restam revelarão muito mais, pois mostrarão com clareza e certeza o propósito da tua vida e como tu tens estado ligada por séculos de tempo a grandes almas, tantas almas, algumas das quais tu lembras, algumas das quais tu ainda não conheces, mas conheceste em vidas passadas, manifestar-se-ão a ti e dir-te-ão muito mais.

Sê, portanto, uma criança de bom coração. Tudo está bem. O caminho é seguro. Muitos são aqueles que voltarão para ti no devido tempo, o fantoche e o cachorrinho. Muito, muito obrigada. O fantoche, eu devo ir, mas contigo deixo a minha bênção. Eu venho a ti novamente da próxima vez, como tu me conheces melhor. Está bem, está bem, Doutor querido. Adeus. Adeus.

ROSE: Coisa extraordinária. Como foi isso? Ele mudou completamente de um Doutor para outra pessoa.

MICKEY: Sim, como ele era antes. Não sei, um bocado mais complicado, não é?

Muito interessante, muito interessante. Eu estava a perguntar-me, quando o Chinês falou, se te seria trazido esse conhecimento chinês dele.

De quem?

Oh querido, estamos a aprender cada vez mais.

Bem, esse é o objetivo de tu vires aqui, não é?

Sim, querido.

Eu aperto-te a mão quando recorro a uma das minhas personalidades do passado.

Sim, quando é que esse dia chega?

Bem, não sei, mas nunca pareço ser capaz de fazer isso.

Tu ainda não podes fazer isso?

Bem, outros conseguem fazê-lo, mas eu não.

Mas suponho que tu ainda não sejas assim tão velha?

Bem, não sei quanto a ser velha, mas tive algumas experiências.

Tu tiveste?

Suponho que seja porque eles estiveram na terra muitas vezes e eu não.

Não é uma mudança extraordinária, Mickey?

Sim, bem, ele estava gradualmente a recorrer ao seu eu anterior de alguma forma.

Não sei como é que eles fazem isso.

Sim, e é por isso que ele estava um bocado demorado a falar.

Oh, interessante, Mickey. Oh, eu sabia que tu tinhas sido uma senhora chinesa. Tu sabias?

Sim. Deus sabe o que eu não terei sido, Mickey.

Bem, tu já devias ser bastante boa por esta altura. Estiveste em tantas pessoas diferentes, tempos diferentes, e tiveste tantas vidas e experiências diferentes, tu já devias ter realmente desenvolvido...

Bem, eu devia. Não sei por que não o fiz.

Claro que não estás tão mal, mas eu teria pensado que tu já serias um bocado mais por esta altura, não acharias?

Sim, querido. Bem, eu sou um caso perdido, eu sei.

Não, eu não disse que tu eras um caso perdido, de forma alguma.

Sim, mas eu devo ter sido. O voltar e voltar fez-me perder uma vida inteira.

Oh, nem sempre se tem de voltar porque se foi malcriado ou perverso. Frequentemente as pessoas voltam para fazer um trabalho especial, para serem de alguma ajuda particular numa geração específica entre um grupo particular de pessoas, ou para ajudar certas pessoas que estão elas próprias menos desenvolvidas, que lhes eram próximas e queridas.

Ah, pois. Tu não tens de te preocupar com isso.

Oh, sim, eu sei. Eu sei para que estou aqui. Tenho isso nessa minha cabeça, não te preocupes.

Oh, sim, eu sei. Mas não é o que tu estavas a dizer ao Philip antes de entrares. Não é. Parece-me que sim.

Não sejas tão tonta.

Oh, parece.

Porque, vês, eu sempre estive vivamente interessada neste assunto, e eles agarraram-se a mim agora. Isso é tudo para o bem, que tu ajudes pessoas menos informadas e iluminadas e por aí fora.

Sim.

Mas tu não deves pensar que tudo isto, que é, num sentido, sacrifício — porque é sacrifício desistir dos reinos do espírito para regressar à terra, ao mundo. Embora uma pessoa não olhe para isso dessa forma, num sentido, mas o ponto é que tu estás a cumprir o teu destino, a trabalhar na tua salvação.

Se eu puser as coisas assim, tu estás a aproximar-te da pessoa e das pessoas que te são mais próximas e queridas.

Percebo.

Tu não tens de te preocupar com isso. E quando tu vieres para aqui, tu perceberás que o amor abrange tudo. Não há confins estreitos para o amor.

Ah, não, querido. E também não há dar e receber em casamento.

Não, graças a Deus por isso. Podemos apenas estar em paz connosco mesmos. Que coisa maravilhosa é a vida. Quando tu vieres para aqui, tu verás.

Ah. Conta-me mais um pouco, Mickey.

Ah. É certamente muito interessante, mas muito desconcertante, não é? É desconcertante pelo momento, quando penso — quero dizer, tu estás lentamente a começar a compreender coisas diferentes, mas tu ainda és demasiado pobre de cada vez.

Ah, estou a começar a pensar que há algo neste negócio da reencarnação.

Sim. O que queres dizer com "pensar que há algo nisso"?

Ah, Doutor. É você.

Sim, voltei por um minuto ou dois.

Que interessante, Doutor.

Sim, bem, foi apenas que eu tive de recorrer, se puder pôr as coisas assim, à minha camada mental anterior de vida, que está dentro da nossa própria ordem, combinação e alcance, aqui deste lado.

Cada entidade separada, cada vida pessoal separada está ligada à alma individual, e uma pessoa tem de recorrer ao pensamento e experiência passados, e enquanto eu estava a fazer isso, de repente encontrei-me a comunicar contigo num tempo passado, se puder pôr as coisas assim, num eu passado. Experiência muito interessante. Eu devo tentar isso novamente, porque acho que tu és bem-sucedida nisso. Nós deveríamos contar-te talvez coisas diferentes sobre diferentes encarnações nas quais tu estiveste particularmente interessada e associada. Enfim, todas estas coisas são interessantes para ti, eu sei, e eu continuarei a ajudar-te em tudo o que puder nisso.

Oh, querido.

Entretanto preciso ir.

Oh, querido.

Estou muito fraco.

Está bem.

Mas não nos saímos nada mal.

Não, não saímos.

Na verdade, é interessante que estejamos a tentar mais destas experiências e vivências, tais como transmitir-se de volta a uma existência passada e por aí fora, e haverá provavelmente algum interesse em ajudar-te.

Sim, um enorme interesse.

Vou ver se não conseguimos fazer algo para te transmitir de volta.

Oh, sim, Doutor querido.

Mas trazê-lo de forma a que o teu eu mais antigo possa falar contigo. Trazê-lo de volta ali, devo eu?

Oh, sim.

Enfim, não posso prometer, mas tentarei. Preciso ir. Adeus.

Adeus, Doutor querido.

Adeus. Ver-te-emos a voltar como um dos teus próprios eus a falar contigo própria.

Adeus. Adeus. Vemo-nos mais tarde. Está bem, adeus.

Notas:

Identidade Composta: Esta sessão é fundamental para entender a filosofia de Flint e Marshall. Marshall explica que "Charles Marshall" é apenas uma das facetas de uma entidade muito mais vasta que já foi um filósofo chinês (Ming) e outras figuras históricas.

O Grupo de Almas: Ele confirma que Rose, Marshall, Chopin e outros pertencem à mesma "Alma Grupal", tendo encarnado juntos repetidamente para evoluírem e trabalharem em conjunto.

A Princesa e o Filósofo: A história de Rose como uma princesa chinesa que estudava o oculto com Marshall (Ming) explica a afinidade imediata e a confiança que ela sente por ele nas sessões atuais.

Mecânica da Voz: Marshall descreve o processo de "tornar-se" Ming como uma mudança voluntária de sintonização vibratória para uma memória/personalidade anterior.

Tens razão, peço-te desculpa. Com o foco em garantir a integridade absoluta do texto e do tratamento por "tu", acabei por omitir as notas de contexto que ajudam a "limpar" a leitura das falas do Dr. Marshall e do Mickey.

Aqui tens as notas de "ourives" para esta sessão de 29 de agosto de 1957:

Notas de Contexto: Dr. Charles Marshall (Ming) e Mickey

A Revelação de Thor: Marshall revela que a entidade que a Rose conhece como Frédéric Chopin teve uma encarnação muito mais antiga como Thor. Isto reforça a ideia de que os nomes e personalidades são apenas "máscaras" temporárias de uma alma muito mais vasta.

Cascas Astrais (Astral Shells): O Dr. Marshall introduz um conceito técnico importante: as "cascas astrais" são registos de memória e experiência que permanecem na atmosfera mesmo após a alma ter progredido. É através destas "cascas" que eles conseguem aceder a conhecimentos de vidas passadas.

O "Fim da Linha" para Rose: Marshall confirma que esta é a última encarnação da Rose na Terra ("finish of earthly knowledge existence"). Após esta vida, ela passará a pertencer definitivamente ao grupo espiritual deles, regressando apenas como guia ou conselheira.

A "Puppet" e o "Pup": Marshall faz uma referência carinhosa a "the puppet and the pup". No contexto das sessões de Flint, isto refere-se muitas vezes a objetos ou animais de estimação ligados à Rose que servem de prova de identidade e afeto.

Mecânica da Voz: Mickey explica que Marshall estava "demorado" a falar porque estava a fazer um esforço hercúleo para sintonizar uma camada mental de há milénios (a de Ming). Marshall confirma que isto foi uma "experiência interessante" de retrocesso de personalidade.

O Sacrifício de Voltar: Mickey desmistifica a reencarnação, explicando que nem sempre se volta por "castigo" ou por se ter sido "mau", mas sim por sacrifício — para ajudar o grupo ou a humanidade numa missão específica.

"O Eu mais antigo": Marshall termina com uma promessa fascinante: tentar fazer com que a Rose contacte diretamente com uma versão de si mesma de uma vida passada, permitindo que o seu "eu antigo" fale com o seu "eu atual".

DR. CHARLES MARSHALL
A LIBERDADE MENTAL E O PODER INTERIOR

Data: 30 de Janeiro de 1973

NOTA DA GRAVAÇÃO: Esta gravação não é um registo completo da sessão original. Parte da sessão foi pessoal para a Sra. Crete e apenas as observações gerais e interessantes feitas pelo Dr. Marshall foram regravadas para reprodução.

DR. MARSHALL: É uma pena, uma pena quando tu pensas no passado, sabes, quando qualquer pessoa, aliás, pensa no passado, percebe-se particularmente como é estúpido as pessoas permitirem-se ser, por assim dizer, tão afetadas por coisas como credos e dogmas em particular.

Isso estreita a sua visão, estreita a sua compreensão, torna-as estáticas. É isso, essa é a coisa que eu não consigo compreender de todo. Quero dizer, a coisa mais terrível que pode acontecer, num sentido, a um indivíduo mentalmente, é ser estático.

Ter uma mente fechada, não ser recetivo, nem sequer aceitar ou ouvir. Isto parece-me extraordinário: que uma pessoa possa permitir-se tornar-se estática. Toda a vida é tão vasta nos seus muitos, muitos campos e muitos aspetos, e a verdade é tão tremendamente ampla no seu conceito.

Uma pessoa pode ter algum aspeto da verdade, mas é apenas uma partícula diminuta, é como um grão de areia no deserto. Se as pessoas percebessem as tremendas possibilidades que se avizinham, se apenas percebessem que aquilo que têm é apenas uma parte... o ficar parado. Infelizmente, muitas pessoas ficam tão paradas por causa do seu contexto e educação, que não querem aventurar-se, por assim dizer.

A vida é uma grande aventura. Tem muitas experiências que são necessárias e essenciais para a evolução e desenvolvimento de cada um, não apenas materialmente, mas mental e espiritualmente.

ROSE: Sim, eu sei.

DR. MARSHALL: Acho que uma das piores coisas que pode acontecer a uma pessoa é estar amarrada de tal forma que não consegue assimilar a verdade. Estão prejudicadas, estão acorrentadas a tal ponto que... eu acho que a melhor coisa que pode acontecer é ser livre. Liberdade para assimilar a verdade.

ROSE: Ela tem uma grande inteligência, sabes, Doutor querido, isso deveria torná-la livre. Esta é a verdade. Eu não consigo compreendê-lo.

DR. MARSHALL: Eu acho que é porque muita gente tem medo. Acho que o medo é a base. Têm medo que, bem... preferem ficar no ninho em vez de abrirem as asas.

ROSE: Sim, medo. É medo. Medo do que lhes foi ensinado desde a infância.

DR. MARSHALL: É isso mesmo. Bem, essa é uma das coisas mais importantes que se tem de aprender a deitar borda fora quando vens para aqui. Para algumas pessoas é muito difícil, e particularmente para pessoas que têm fortes convicções religiosas.

Acho que esses são os que acham mais difícil. Às vezes quase acho que é melhor para uma pessoa não ter convicções religiosas. Pelo menos as suas mentes não estão entulhadas.

ROSE: É isso. Eu acho que isto é uma tragédia. Tenho visto isto tantas vezes.

DR. MARSHALL: Eles não conseguem rapidamente... eles percebem muito depressa, alguns pelo menos, que estas coisas não são assim. Todas as religiões são — e não há problema em dizer isto — elas são maioritariamente, se não todas, feitas pelo homem. Essa é a coisa extraordinária sobre o assunto.

Não são coisas que tenham sido ensinadas desde então por qualquer entidade. Aliás, o extraordinário é que na maioria das religiões — esta civilização baseada no que tem sido chamado de "pessoas mortas" — o extraordinário é que, se não fosse, por exemplo, o regresso de Jesus após a

morte, não poderia ter havido uma religião cristã. Ele teve de regressar para provar a realidade da sua sobrevivência após a morte.

E todas as religiões têm este mesmo tema perante a morte.

ROSE: Sim.

DR. MARSHALL: E no entanto, quando tu falas sobre estas coisas que tanto tememos, o próprio fundamento das coisas que aceitam baseia-se nestas verdades para a terra. Mas cada religião tem essa crença. Eu desejo fazer isto. É realmente triste, por vezes, quando pensamos no quanto poderia ter sido mudado se as pessoas percebessem a doença do mundo, a doença mental e material do mundo.

E o extraordinário é que, bem-intencionadas, por inclinação ou aceitação da religião, elas próprias estão no materialismo; a sua perceção espiritual das coisas simplesmente não funciona, não parece vir à superfície, não as ajuda. Sabem muitas vezes que as coisas que pensam e fazem são doentes, são más, e no entanto, não têm uma realidade que pudesse mudar o todo. As pessoas falam liberalmente sobre como as mantêm tão separadas e apartadas, não apenas as suas próprias... não importa se são, seja o que forem, que toda a humanidade está presa na mesma perceção.

ROSE: Eu acho que a vida na terra arruinou a realidade da espiritualidade. Nós nunca deveríamos ter nascido na terra. Foi o nascer na terra que estragou a vida por completo.

DR. MARSHALL: Mas então, minha rapariga, tu tens de vir. É necessário para a evolução e isso é como um gesto em direção à terra. Bem, o ponto importante é que o homem não tem um "suporte espiritual" real no mundo material, para viver num sentido espiritual ou ser motivado espiritualmente.

ROSE: Mas a própria vida na terra faz a pessoa perder o equilíbrio. Não se pode evitar.

DR. MARSHALL: Bem, tu dizes isso, mas não é bem assim. O homem tem esta perceção interior de que tem esta faculdade espiritual ou habilidade espiritual, se preferires, que está adormecida, latente, a desfazer-se pelas

costuras, por assim dizer, algo fora da substância... mas então, infelizmente, ele não está realmente ciente disso em nenhuma extensão, ou se está, tem medo disso.

E ele também olha para o mundo material num sentido material, e a sua motivação do espírito era tal que poderia ser utilizada e ser mudada. Não há nada de errado com o aspeto material da vida, na natureza e na beleza do mundo.

É o que o homem está a fazer a si próprio. O que o homem é, é que o homem ainda não ganhou através da sua geração o que é capaz de ser para si próprio. Foi dito que o poder de Deus está dentro, o que é verdade, que Deus está dentro.

Quero dizer, nós usamos o termo "criatura peculiar e estranha" na forma de homem, mas na verdade Deus não tem forma, não tem feitio. Deus é, bem, uso novamente esta expressão, Deus é infinito. Deus está além da compreensão do homem, mas é uma realidade viva de força que anima toda a vida.

A vida é animada pelo poder de Deus, mas isto é uma parte de, por assim dizer, dominar o material, e se alguém percebe isso, nada é impossível, realmente. Quero dizer, olha para ti e para ti própria. Tu tens dentro de ti uma perceção interior, uma consciência destas coisas de que falamos.

Tu tens uma grande fé em consequência, e essa fé que tu tens, até certo ponto, ajudou a curar-te. Quero dizer, tu tens fé em mim, tu tens fé no Stephen. Tu agora tens uma fé renovada no teu médico.

Vês, isto também te ajudou. Foi-te dada confiança, percebes. Tu aprendeste a atitude mental quando as coisas materiais parecem avassaladoras, mas tu ainda tens essa fé, e ela permitiu-te continuar a seguir em frente, permitiu-te superar seja qual for a vicissitude ou a dificuldade.

Vês, se ao menos as pessoas percebessem que o poder dentro delas próprias é tal que muito pode ser alcançado. Tu achas que é quase impossível. No espírito, tu tens isso. O Stephen tem-no, claro. Agora, ao início, quando ele veio pela primeira vez, ele estava feliz, ele estava "preso à terra". Ele alcançou tanto que tem o poder de tudo.

Não há razão para que, mesmo coisas que talvez à superfície pareçam impossíveis... quero dizer, tu podes ver no teu próprio mundo, de várias formas, a grandeza de alguém sem mãos a usar os pés como se fossem mãos. Ora, isto não é um elogio pessoal, mas o que estou a tentar dizer é que, se tu tens espiritualidade, é essa realização de que podes superar o que está além da tua imaginação — o que depois cria o caos, o que depois cria miséria ao teu redor, no teu mundo, através do pensamento e da estupidez da ação. Coisas estúpidas, coisas terríveis, na maioria das instâncias, presas numa onda materialista; o mental, o espiritual e o material, e eles criam o que desejarem.

Nós estamos todos a tentar compreender todos estes passos, e agora passos na direção certa. Eles podem por vezes parecer lentos e laboriosos. Não ganhamos talvez muito rapidamente, mas aprendemos e ganhamos confiança.

Eu sinto apenas que a tragédia do teu trabalho no material, em cada aspeto da vida, seja em relações pessoais com amigos, ou em momentos específicos, torna todas as coisas possíveis. Tu podes nem sempre vê-lo, mas no fim, esquece o "eu" no serviço e começarás a encontrar o teu verdadeiro eu. Tu podes magoar-te às vezes, e ficarás dececionada com indivíduos que pensam que isso realmente importa; mas a experiência torna todas as coisas possíveis.

É o que fazemos, conforme a nossa sorte, trazendo iluminação, fortalecendo-os com ela, ajudando-os a ver o que somos e, com isso, subir para que possam... sabes, aquelas pessoas que são apenas as incapacidades, tão poucos compreendem, e aqueles que compreendem... vês, a menos que mudemos as pessoas, a menos que as tornemos melhores, a menos que as possamos elevar, então não estamos a alcançar grande coisa.

Nós sabemos, no entanto, em muitos casos, que os salvámos talvez de tantos anos em que nunca percebem, ou não cavam muito fundo, enquanto se mantêm à superfície, ou por enquanto, vão navegando por aí. Nós queremos tanto tornar as pessoas melhores, mas sabes, embora não tenhamos muitas oportunidades hoje em dia...

ROSE: Onde estás, querido Doutor?

DR. MARSHALL: Estou aqui, estou frequentemente aí.

ROSE: Gostava de o poder ouvir. Suponho que deva ser assim. Espero que sejas capaz de vir e ouvir.

DR. MARSHALL: Bem, eu espero que sim, Rose. Faz com que ele [o médium] se organize. Estás a ouvir?

ROSE: Sim.

DR. MARSHALL: Bem, então faz algo quanto a isso. Adeus.

ROSE: Adeus, Doutor. Obrigada pela tua palestra.

ASSISTENTE: Por favor, permita-me continuar. Ele é um homem [decidido], não é? Não te podes meter no caminho dele.

Notas:

O Perigo de Ser Estático: O Dr. Marshall começa com uma crítica severa ao dogma religioso, que ele define como o "congelamento" da mente. Para ele, ser estático é a pior condição para uma alma, pois a vida é movimento e aventura constante.

O Medo como Âncora: Marshall identifica o medo (do que foi ensinado na infância) como a razão pela qual as pessoas preferem ficar no "ninho" espiritual em vez de evoluírem.

A Relevância da Prova de Sobrevivência: Ele faz uma observação histórica/filosófica interessante: o Cristianismo só existe porque Jesus provou a sua sobrevivência ao regressar após a morte. Sem o fenómeno mediúnico do regresso, a religião não teria base.

Deus Infinito: Marshall refuta a imagem antropomórfica de Deus (com forma humana). Ele define Deus como uma "realidade viva de força que anima toda a vida", algo infinito e além da forma.

MARSHALL 1988
O FUTURO DO ESTÚDIO E A EVOLUÇÃO DO CÍRCULO

DR. MARSHALL: [Sobre Rudolph Valentino] Até certo ponto envolvido espiritualmente, mas acho que ele fica um pouco nervoso e irritável às vezes com muita da estupidez que acontece ao seu redor na terra, sabes. Ele aprecia a gentileza das pessoas, os pensamentos, o afeto e tudo isso, mas está mais interessado em coisas muito afastadas dos seus antigos filmes. Não sei, mas suspeito que ele se imprimiu nisso; ele fica feliz pelas pessoas a quem deu prazer, mas obviamente não vê as coisas sob a mesma luz.

Como poderia alguém ver? Tu vês, nós estamos, até certo ponto, obviamente muito afastados do antigo pensamento material, do modo de vida e da experiência. Ajustamo-nos a uma mudança gradual, nalguns casos muito gradual. De facto, há algumas pessoas que não mudam muito durante um período considerável do vosso tempo terreno, mas ele volta.

Às vezes ele esteve nas vossas sessões de domingo, quando vistes os vossos filmes, e ele aprecia, claro, mas acho que ele está mais preocupado com o aspeto espiritual do que pode ser alcançado ou feito, e de facto com o que já foi feito. Acho que ele gostaria de ver esse vosso estúdio ser usado para o trabalho espiritual com frequência, além de mostrar os filmes antigos dele; talvez tu pudesses fazer algo quanto a isso. A Rosie tinha a impressão de que ias usar aquilo como uma atividade espiritual.

ROSE: Sim, nós vamos.

DR. MARSHALL: Devias tentar fazer algo sobre isso, porque é algo que tu esperavas plenamente e terias apreciado. Uma coisa... Tu conheces este médium [Leslie Flint], abençoado seja, ele é uma alma vacilante; suponho que a maioria dos médiuns o seja. Suponho que se não fossem o tipo de pessoas que podemos moldar e usar, como plástico num certo sentido, não seriam médiuns. Seria bom ter uma personalidade de vontade forte como médium, porque muitas vezes tens de ter coisas para guiar as pessoas, e acho que ele poderia fazer, mesmo agora nesta fase da vida, mais do que está a fazer. Não me refiro a estas sessões constantes e grupos e coisas do género, mas certamente um aspeto mais educativo e espiritual, algo que tenho a certeza de que as pessoas, aqui e ali, procuram, pessoas que se tornaram mais interessadas nas questões profundas.

A maioria das pessoas que se convenceu da sobrevivência através das evidências que recebeu quer ir um pouco mais longe. Esta é uma oportunidade maravilhosa onde as pessoas podem passar e discutir e responder a perguntas. Acho que tu deverias fazer algo no estúdio nesse sentido.

MARTIN: Tanto cai sobre os ombros dele, não é?

DR. MARSHALL: Bem, quero dizer, se ele o fizesse apenas uma vez a cada três ou quatro semanas, para pessoas selecionadas que estivessem profundamente interessadas e envolvidas neste assunto e que quisessem ir um pouco mais longe do que o comum, acho que seria uma excelente ideia. Acho que algo deveria ser planeado sobre isso. Temos todas aquelas fitas da Rose que poderiam ser criadas [editadas/usadas].

MARTIN: Sim, bem, elas deveriam formar uma biblioteca e acho que algo deveria ser feito para as divulgar mais, mas creio que estão a sair bastante bem.

DR. MARSHALL: Sim, bem, terás de exercer a tua influência no Jim Ellis. Ele é o homem para isso.

MARTIN: Oh, não, ele é uma personagem. Se alguma vez houve alguém [assim], chama-se James Ellis. Um jovem muito sincero.

DR. MARSHALL: Bem, suponho que ele esteja na meia-idade, 50 anos ou algo assim. É uma pena, na verdade. Acho que ele é uma pessoa muito

sincera e acho que está muito ansioso por fazer coisas. Tu deverias aproveitar mais o interesse dele, sabes.

Vós sois um bom grupo e acho que juntos poderiam formar o núcleo de algo muito bom e muito importante; este círculo certamente tem possibilidades tremendas e acho que a partir dele — não sugiro que formem uma sociedade. Eu próprio não sou muito a favor de sociedades como tal. Elas costumam ficar atoladas, as pessoas desentendem-se e sabe Deus o que mais. Talvez não me caiba a mim dizer, mas acho que deverias fazer mais uso dos poderes do médium para espalhar esta perceção num nível superior.

A oportunidade está lá e acho que poderias elevar este grupo para uma vibração muito mais alta do que a que tens no momento. Não te estou a culpar, nem a culpar ninguém, mas acho que há aqui a possibilidade de algo realmente tremendo. Sabes, a maioria das sociedades tem a sua clarividência, as suas leituras psicométricas, as suas sessões e tudo isso e, ocasionalmente, talvez uma palestra. Mas não sei se alguma vez te ocorreu quão maravilhoso seria ter um canal desta natureza que estivesse aberto a muitas almas deste lado que pudessem vir e dar conteúdos interessantes, discussão e responder a perguntas de membros de uma audiência.

Acho que isto é algo que negligenciaste muito ao longo dos anos. Não culpo o médium por isso. Ele ficou atolado na rotina das sessões onde tem sido necessário ajudar as pessoas num sentido mais material, mas dar-lhes a convicção de que precisam é um trabalho muito importante. No entanto, acho que agora deve haver algo mais, algo com um aspeto ligeiramente diferente, certamente num nível de comunicação superior. Poderia ser trabalhado, poderia ser feito, poderia ser construído. Este círculo poderia basear-se nisso. Acho que é isto que muitos aqui gostariam.

ROSE: Sim, definitivamente.

DR. MARSHALL: De certa forma, veremos. O elemento humano permanecerá sempre, há um pouco de espaço para isso e é correto que assim seja. Afinal de contas, os teus entes queridos — o teu filho, por exemplo, e outros; e a Sra. Bookbinder, o seu marido; e o Sr. Eric, a sua esposa, e por aí fora. O elemento humano é, claro, muito correto que seja considerado de tempos a tempos, obviamente.

Mas sinto apenas que os anos restantes da vida do médium, enquanto o poder da sua mediunidade existe, deveriam, até certo ponto, ser usados para conteúdos espirituais informativos e edificantes que seriam de interesse geral, que seriam distribuídos por fitas e por aí fora. Acho que deveríamos seriamente fazer algo sobre isto. Talvez possas planear algo eventualmente. Enfim, para aqueles que gostariam, porque sabes, as antigas cavalariças, como dizes, acomodariam...

ROSE: Quarenta?

DR. MARSHALL: Sim, suponho. Não sei quantas.

ROSE: Sim, cerca de quarenta pessoas.

DR. MARSHALL: Quero dizer, deve haver mais, milhares possivelmente, pois temos pessoas que realmente gostariam de se juntar a algo de natureza mais ou menos regular onde pudessem obter informação e orientação espiritual. Com o nome do teu médium, as pessoas afluiriam aqui como uma inundação.

ROSE: Sim, e depois provavelmente não terias espaço suficiente.

DR. MARSHALL: Não, e depois também terias pessoas que não respeitas e que não querias particularmente... Sim, tens de ter cuidado porque às vezes basta uma pessoa para perturbar... Bem, claro, este é o ponto. Vês, a atitude mental — nós compreendemos todos os aspetos, claro que compreendemos, quero dizer, tenho trabalhado com o médium há anos. O ponto central é que é humano e natural que tenhas todo o tipo de pessoas com diferentes perspetivas, diferentes atitudes, diferentes aspetos, diferentes razões e propósitos para vir; alguns altamente críticos, analíticos, alguns cheios de dúvida e medo, alguns que estão demasiado ansiosos e, em consequência, por vezes derrotam os seus próprios fins.

Mas há muitos aspetos no assunto. Contudo, acho que é importante seres seletiva até certo ponto, particularmente se formos construir um nível espiritual de consciência e construir uma vibração através da qual possamos receber algo — ou tu, melhor dizendo, possas receber algo que valha muito a pena, longe do "Tom, Dick, Harry, Charlie e Bert" e do resto; por muito que se possa amá-los, obviamente a maioria deles está aqui há muito pouco tempo

e não progrediram necessariamente até esse ponto. Há alguns aqui e ali que te podem dar informação muito boa e que podem possivelmente ser muito edificantes, não há razão para que não o sejam.

Mas, claro, há que ter em conta que as almas mais altamente evoluídas, as almas mais desenvolvidas, acham mais difícil entrar na vibração da terra e estabelecer um contacto definido; e se algo tivesse de ser construído nessa linha, levaria um pouco de tempo. Mas acho que deverias pensar seriamente numa reunião aberta de certa forma — aberta até certo ponto, ou seja, para pessoas que estão profundamente interessadas nas questões mais profundas deste assunto, onde possam vir e ter oportunidade de colocar questões, cuja resposta seria de interesse geral para outros que não estivessem presentes ou não pudessem estar presentes. Acho que há uma possibilidade tremenda. Aqui tens esta bela casa com grandes possibilidades. Sei que apresenta problemas, mas não são insolúveis; são problemas que se aliviarão e se resolverão com o tempo.

Mas acho que deverias tirar total partido das oportunidades que obviamente se apresentarão; e o médium, ao reduzir consideravelmente [o trabalho de rotina], será fortalecido mentalmente, fisicamente, psiquicamente e, eventualmente, esperamos, espiritualmente. Não estou a dizer que ele não seja particularmente espiritual, mas, lá está, alguém poderia dizer: "bem, ele está a ser espiritual", mas o ponto é este: acho que aqui tens possibilidades tremendas. Espero que as agarres com as duas mãos, que te encontres contigo própria e construas; tens aqui uma boa rocha de verdade, queres construir sobre ela.

MARTIN: Sim, mas Doutor, também há uma coisa que deixaste de fora.

DR. MARSHALL: Tenho de ir, meu rapaz, o que queres saber?

MARTIN: No aspeto material, vês, se o médium reduz o seu trabalho... bem, como as coisas estão no mundo neste momento, uma pessoa tem de viver.

DR. MARSHALL: Bem, eu não acho que ele deva entrar nisso. Ele nunca quis e não quererá, e haverá sempre o suficiente e um pouco mais. Deixa isso connosco. Nas vezes em que nos sentamos ali ao longo dos anos... deixa isso connosco. E, claro, a longo prazo, tiveste de o fazer de qualquer

maneira, mas nós nunca deixámos nenhum de vós ficar mal. Pode ter havido momentos em que foi um pouco difícil ou talvez te tenhas sentido um pouco insegura ou incerta, mas, olhando para trás, acho que particularmente o médium pode dizer: "bem, na verdade, obviamente sempre conseguiram gerir as coisas, nunca vos faltou nada". Foi sempre suficiente e frequentemente um pouco mais do que o suficiente. Tu fazes aquilo que tens de fazer e nós zelaremos para que tudo corra conforme o planeado. Eu virei de tempos a tempos, mas certamente virei aqui; contudo, não tenho o hábito de ir aos grupos comuns porque, francamente, não são "a minha chávena de chá". Mas a este grupo, sim, sim. E se organizares algo mais, sabes que porei certamente o meu peso nisso e espero levar o barco ao sucesso. Obrigado.

ROSE: Obrigada.

DR. MARSHALL: Adeus.

ROSE: Adeus, Deus te abençoe.

MARTIN: Deus te abençoe, Dr. Marshall. Foi bom hoje.

ROSE: Sim. Foi muito claro, não foi? Foi muito encorajador.

MARTIN: Todos os velhos "suplentes" estão a voltar.

ROSE: Sim. Adorável. É uma atmosfera muito diferente, não é?

MICKEY: Tu és um pobre "pussy boy" [gatinho].

MARTIN: Sim, sim, eu sou.

MICKEY: Deve ser muito triste quando tiveste um gatinho ou um cãozinho e ele foi uma parte tão grande da tua vida, não é?

MARTIN: Eu sou muito, muito ligado a ela. Dou-lhe as minhas férias agora para poder ir atrás dela.

MICKEY: Bem, suponho que percebes que não falta muito, não percebes?

MARTIN: Oh, eu sei disso, Mickey, e estou grato por tê-la tido durante tanto tempo.

MICKEY: Acho que é um bocado estúpido pôr sininhos — não acho que tu o faças — sininhos à volta do pescoço. Assim, onde quer que eles vão, o raio do sino toca.

MARTIN: Sim. Eu pus um uma vez no pescoço dela quando ela apanhou um pássaro, mas ela ficou muito histérica.

MICKEY: Pois, bem, é disso que estou a falar, porque o teu marido está a dizer-me...

ROSE: Sim?

MICKEY: Houve uma discussão sobre este "maldito" sino numa noite.

ROSE: Oh querido, não conseguimos calar isto. Não foi com esta gata, foi com a outra gata.

MICKEY: Sim, o teu marido está a falar disso. Ele diz que sobre este sino, a gata não o aceitava e que, de qualquer forma, não era justo para a gata.

ROSE: Isso é bem verdade. Não o uso de todo agora.

MICKEY: Oh bem, já agora, Tia, darei o meu amor ao Tio quando chegares a casa.

ROSE: Oh Mickey, dá.

MICKEY: E diz-lhe que envio todo o meu amor.

ROSE: Muito obrigada. Obrigada, Jimmy.

MICKEY: Tenho de ir agora. Adeus.

ROSE: Adeus, Mickey.

MICKEY: E mantenham o queixo levantado — os queixos duplos também! Oh, ela foi ver o namorado dela. Que namorado é esse? Oh, é aquele no Canadá. Vejo-vos muito em breve.

ROSE: Eu pergunto-me quem é que ela tem. Deus te abençoe. Isso não nos faria rir (joking).

Notas:

A Transição de Flint: Esta sessão mostra um momento de maturidade, onde o Dr. Marshall pede para deixarem de fazer tantas sessões "de prova" para o público em geral e focarem-se em elevar a vibração do círculo íntimo com ensinamentos profundos.

James (Jim) Ellis: Referência ao colaborador que ajudou na preservação e distribuição das gravações (as famosas fitas que hoje conhecemos).

O "Pai" do Círculo: Marshall tranquiliza Martin sobre a parte financeira. Ele afirma que, ao longo de décadas, a espiritualidade nunca deixou faltar nada ao grupo, e que se focarem no trabalho superior, o sustento material será providenciado.

O Humor de Mickey: No final, Mickey suaviza a seriedade da sessão falando sobre os gatos da Rose e do Martin, provando mais uma vez que o mundo espiritual está atento aos mais pequenos detalhes da vida doméstica deles.

DR. CHARLES MARSHALL
A ILUSÃO DA SOLIDEZ
E O PODER DO PENSAMENTO

Data: 8 de Junho de 1960

DR. MARSHALL: O que é que tu achas, o quê? Porque haverias de pensar que algo se passa? Bem, luz vinda de baixo, luz vinda do... como lhe chamas? Gravador? Pensei que talvez achasses difícil, por isso mesmo.

ROSE: Bem... sim. Consegue vê-lo, Doutor?

DR. MARSHALL: Não.

ROSE: Não consegue? Não se preocupa?

DR. MARSHALL: Nem um pouco.

ROSE: Eu ainda não consigo compreender de onde vem a sua voz.

DR. MARSHALL: O que queres dizer com "de onde vem"?

ROSE: Não sei. De que maneira? Está mesmo neste quarto ou está a projetar a sua voz de algum lugar e ela soa aqui?

DR. MARSHALL: Nós estamos no quarto, na medida em que estamos conscientes do quarto e estamos conscientes da tua presença. Mas, para nós, o quarto é puramente algo que é registado enquanto consciência de ti própria. Para mim, o quarto é inexistente como tal. Estou consciente de que é um quarto e de estar num quarto, principalmente através das condições que emanam de vós.

Não sei bem como explicar isto. Posso pôr as coisas assim: nós estamos conscientes do pensamento do teu mundo, e a força do pensamento do teu mundo torna-nos, em consequência, conscientes de ti, do teu mundo e do que ele contém. Por outras palavras, podemos entrar num aspeto mais físico da tua vida através de ti ou através da tua força de pensamento.

Para ti, se um quarto existe como tal, então nós estamos conscientes do quarto. Mas, na verdade, nós próprios não estamos familiarizados, por assim dizer, no mesmo sentido que tu estás com o que te rodeia. É principalmente através do teu pensamento que estamos conscientes destas coisas. Para nós, elas são, num certo sentido, inexistentes.

ROSE: Não consegue vê-las?

DR. MARSHALL: Pela simples razão de que estamos a pensar e a vibrar num plano diferente ou num comprimento de onda diferente; aquilo que é sólido para ti já não é sólido para nós. Mas estamos conscientes da sua solidez

e realidade através das vossas mentes. Sabemos que está lá e que para ti é uma realidade. Para nós, só é uma realidade através da tua força de pensamento.

ROSE: Consegue ver os objetos em qualquer divisão onde esteja?

DR. MARSHALL: Assim que entramos na tua condição e sintonizamos em harmonia mental contigo, ficamos conscientes das coisas ao teu redor.

ROSE: Está de pé por aqui?

DR. MARSHALL: Suponho que poderias dizer que estamos de pé, e no entanto, podemos não estar conscientes de ter os pés no que chamas de chão. Mas estamos conscientes dele através de ti e deste médium em particular; que o quarto em si, que é sólido e real para ti, não o é necessariamente para nós. Se pudéssemos descer à tua vibração e estar em completo acordo com ela, então suponho que ele assumiria solidez; mas como não podemos entrar totalmente na tua vida ou na tua condição, nunca é realmente sólido para nós. Mas estamos conscientes dele. De certa forma, isto talvez não explique ou responda totalmente, mas é a única maneira em que consigo pensar no momento.

ROSE: Gostaria de te poder imaginar neste momento.

DR. MARSHALL: Bem, não sei se tu... não vejo razão para que não o faças. Provavelmente consegues imaginar-me muito bem. Na verdade, às vezes acho que o fazes. O que é toda esta comunicação, todo este estabelecer contacto, senão uma perceção através do pensamento do contacto, uma perceção de proximidade, de consciência do outro?

Afinal de contas, somos muito reais na nossa própria condição de vida. Somos sólidos. Temos uma solidez que é ainda maior do que a vossa. Mas, ao mesmo tempo, quando entramos na tua vida, tentamos da melhor forma que tu fiques consciente disso, mesmo que não estejas sentada aqui, por exemplo, com um instrumento. Há alturas em que tenho a certeza de que deves estar muito consciente, não só da minha presença, mas da presença de outros. Podes não ser capaz de estender a mão e tocar-nos, mas, de uma forma muito mais importante, estás mentalmente em harmonia e sintonizada; e tu deves estar, e acho que muitas vezes estás, consciente da presença. Podes nem sempre ser

capaz de descrever ou retratar com precisão o que sentes, mas está lá, apesar de tudo.

Afinal, o pensamento é o fator predominante. O pensamento. Se não fosse pelo pensamento, nada poderia existir. Tudo é conforme o pensamento.

ROSE: O que é que não sabe? Então explicará.

DR. MARSHALL: Se tentares dar-me uma ideia do que queres que seja explicado, eu explicarei.

ROSE: Está bem, Doutor querido. Eu absorverei tudo quando...

DR. MARSHALL: Mas eu achei que era bastante óbvio. Quero dizer, todos sabem, provavelmente agora no teu mundo, que nada é realmente sólido. É apenas uma ilusão. Afinal, o estar sentado é a condição atmosférica. É o que está na atmosfera. É o que é possível através da própria condição de vida. Nada é sólido. Está o tempo todo a vibrar. Está a agrupar-se, a manter-se unido, dando uma aparência de solidez. Mas mesmo aquilo que parece muito sólido está vivo. Está a vibrar.

ROSE: Bem, nesse caso, no seu lado, por exemplo, diz que sois muito sólidos aí. Mas na sua esfera de vida, há vibração o tempo todo. Não é sólido de todo. Imagina que seja sólido, tal como nós fazemos na Terra.

DR. MARSHALL: Com certeza, exatamente. Exatamente. Mas conforme vibramos em harmonia com isso, tornamo-nos sólidos com isso. Assim que começamos a mover-nos para um plano superior de pensamento, deixamos de existir com aquilo que outrora era comum e familiar e entramos numa vibração nova e superior que se torna sólida e real para nós.

Nós criamos, como acho que muita gente deve ter tentado explicar-te, a nossa própria condição. É por isso que há muitos no teu mundo que não conseguem de modo algum concordar contigo e com outros como tu sobre este assunto. Eles simplesmente não estão a vibrar em harmonia com a força total. Não estão sintonizados, como dirias. Não estão alertas, não estão conscientes desta realidade que para ti é uma realidade. E para eles não existe porque não a veem, não a pressentem, não a sentem, não a conhecem.

Há muitas coisas que alguém no teu mundo não conhece como tal, do ponto de vista de estar solidificado com elas ou consciente delas nesse sentido, como conhecerias, por exemplo, algo que está realmente no teu mundo num sentido material. Mas muito mais coisas existem fora da tua consciência comum e, assim que começas a perceber isso e a sintonizar-te e a esforçar-te para ir ao encontro delas, então tornam-se uma realidade. Estas coisas são reais na medida em que tu estás consciente delas.

ROSE: Sim. Será apenas aprendendo no nosso lado, por exemplo, que poderemos estar conscientes e compreender as diferentes coisas. Suponho que no seu lado seja exatamente o mesmo.

DR: MARSHALL: É através da aprendizagem.

ROSE: Bem, como é que aprende aí?

MARSHALL: Como é que aprendemos aqui?

ROSE: Tem de aprender, não tem?

DR. MARSHALL: Claro que temos de aprender. Mas não esqueças que temos muitos eus, muitos professores, muitos indivíduos que vêm de diferentes esferas ou planos, dão-se a conhecer a nós e tornam-se nossos tutores e ajudam-nos a compreender e a captar as coisas.

Também temos pessoas aqui que estudam a natureza como tu a entendes, na medida em que descobrem, como dirias, cientificamente. A ciência, devidamente compreendida, devidamente aplicada, quando está alinhada com assuntos espirituais de ordem elevada, é a maior de todas as religiões.

O que é a religião? A religião é, num certo sentido, um termo vago. A religião, como tu a entendes no teu mundo, é algo que tem a ver com Deus e dá-te uma compreensão, ou deveria dar-te, das leis de Deus. Isso em si é uma ciência. A forma mais elevada de ciência é o conhecimento. E o conhecimento só é ganho pela descoberta, pela tentativa de descobrir e pela experimentação. A ciência, devidamente compreendida, é mais do que uma religião. Mas aquilo a que chamas religião no teu mundo é muitas vezes algo que nunca avançou muito e permanece num nível baixo.

Como a ciência no teu mundo se desenvolve e compreende mais da natureza, compreende mais do homem, e do que ele é capaz, e do que existe na própria natureza, e o que dela pode ser extraído, e o que pode ser usado, e por aí fora. A natureza no seu sentido próprio, devidamente compreendida, fornece todas as respostas. Gradualmente, o homem está a aprender algumas das respostas e a tornar-se mais sábio em consequência, e mais avançado.

Mas, por outro lado, devemos também lembrar que aqueles a quem chamas cientistas no teu mundo, embora tenham muitas vezes captado muito e usado muito para o bem do homem, muitas vezes usam as coisas por um motivo ulterior, ou pelo motivo errado, e em consequência trazem o caos. Toda a sabedoria é boa se for usada da maneira certa e aplicada na direção certa, mas tanto conhecimento é mal utilizado, e o meio conhecimento é mau. E, claro, na experimentação também, há de haver quem descubra tanto e ainda assim não saiba o resto da resposta e, em consequência, esse pouco conhecimento às vezes é perigoso; como tens experiência no teu mundo de circunstâncias onde os cientistas descobrem certas coisas, mas para descobrir o seu efeito eles experimentam, e às vezes o efeito é pavoroso.

O ponto central é que estamos todos — e essa é para mim a resposta lógica à vida — que estamos todos em diferentes estratos do ser, estamos todos à procura, estamos todos num certo sentido a experimentar connosco próprios; estamos a experimentar a cada segundo, na medida em que estamos a tentar aprender, a descobrir mais do propósito de Deus, o que Deus é, o que Ele é em Si mesmo e, de facto, há tantas perguntas sem resposta que mesmo nós estamos apenas a tentar descobrir as respostas.

ROSE: Pergunto-me se há um certo tempo determinado para a descoberta de certas coisas. Pergunto-me se é um processo gradual e se não se pode ir mais longe até que chegue a hora de ir mais longe.

DR. MARSHALL: Eu não pensaria assim... não creio que seja bem assim. Acho que há alguma lógica nisso mas, claro, chegamos à base de que o homem pode assimilar até certo ponto, enquanto uns podem assimilar mais do que outros porque são mais progredidos ou, talvez neste caso, porque sabemos que tiveram encarnações anteriores e que descartaram muito e aprenderam mais.

Por outras palavras, acho que alguns que descobrem coisas que são de benefício e que são importantes para a humanidade, estes não são almas novas; invariavelmente são almas antigas que estão a continuar de uma existência anterior e também a trazer de volta do seu mundo de espírito conhecimento que adquiriram e que estão ansiosos por pôr em prática e descobrir por si mesmos o quanto pode ser usado com sucesso para o bem do homem. Quase todos os grandes que viveram na tua vida foram todos almas antigas. Eles não se tornaram subitamente seres tremendos. Eles tornaram-se, ao longo de gerações de tempo, em muitas vidas, em muitas condições diferentes, alcançaram um alto grau e, em consequência, foram capazes de deixar para trás um grande benefício para o homem.

Mas devemos lembrar-nos, e acho vital perceber, que todo o avanço é de natureza mental. Não estou a sugerir que a progressão e o alcance mental e espiritual não sejam algo que deva ser colocado num sentido prático. Deve. Porque, vês, todas as coisas são lógica. Temos de chegar à lógica em todas as coisas. Mesmo este mundo de espírito, que para algumas pessoas ou é inexistente ou, se existe, é algo de natureza bíblica por causa das leituras que ouviram da Bíblia ao longo de gerações, e esquecem-se que essas leituras são meramente a mentalidade de pessoas que eram muitas vezes, mesmo para o seu tempo, pouco avançadas.

O ponto principal é que, embora se possa, por conquista e alcance mental, conseguir uma grande progressão, isso tem de ser algo prático. Não é algo puramente da mente e nada mais do que isto. É algo que tem uma base lógica. E quando tens uma base lógica, estamos a chegar a algo que é tangível, algo que é real. Isto não é algo puramente da mente sem substância. A verdadeira progressão é cheia de substância e é uma substância que lhe dá, poder-se-ia dizer, vida, feitio e forma.

Afinal de contas, é exatamente isso que acontece connosco. Nós progredimos mental e espiritualmente. Mas, conforme progredimos mental e espiritualmente, assumimos forma e feitio, e tudo ao nosso redor tem o seu ser e a sua realidade; e está em harmonia connosco e nós com ele e, em consequência, existimos e vivemos. Nós somos, em grande medida, o produto do nosso pensamento. Poderíamos dizer, nem mais, nem menos.

E de acordo com a conquista e avanço espiritual do homem, de acordo com a progressão que fez, assim ele encontra para si certas condições de vida,

certos tipos diferentes de arquitetura, se quiseres, ou diferentes tipos de música. A música muda e varia de acordo com o plano em que possas estar. O mesmo acontece com a arquitetura. De facto, como dirias no teu mundo, noutra comparação, descobres que em cada geração tens mudanças de acordo com o pensamento predominante do homem. E se a era é uma boa era, onde a era é de perceção ou consciência espiritual, tens grandeza na música, tens grandeza na arquitetura, tens grandeza na arte em todas as suas várias formas. Na verdade, tens grandeza na própria vida.

Mas, claro, tens variação, tens mudança, e isso é uma coisa boa. Nada deve ser nunca estático. Não pode haver vida onde algo é estático, onde a vida é estática. Na verdade, deixar-se-ia de ter qualquer ser ou existência. A vida é mudança constante. O corpo de uma pessoa muda dia após dia. Há mudanças, mudanças subtis, a ter lugar até à própria morte, que é a maior mudança. E descobres então que és mais do que corpo, que és algo que é invencível, algo que não pode ser morto, algo que é a própria essência da vida; mas ainda descobres que tens outro corpo.

Por outras palavras, tu crias pelo pensamento, quase inconscientemente, se quiseres, mas está lá da mesma forma; quando pensas, então percebes que és força, que és poder, e tu dás forma, e estás, quase consciente ou inconscientemente, a construir feitio, estás a construir forma. Estás a construir algo que é até certo ponto sólido e real, mas passa por estágios. Nada é estático.

ROSE: É realmente uma combinação de pensamento, não é? Não é um pensamento único, por exemplo, de uma pessoa em particular.

DR. MARSHALL: Oh, não. O pensamento é algo que é fluídico. Não é algo que é comum a uma pessoa só. Não. Tu vês, toda a vida, afinal, é enviada para baixo, cada indivíduo, como um produto das mentes de outras pessoas. As mentes dos pais e as mentes dos avós; é por isso que se diz que até os pecados dos pais caem sobre os filhos, o que soa a algumas pessoas ilógico, injusto e iníquo, mas não é assim, porque é o mesmo espírito que está a percorrer, a mesma força vital que está a fluir através de gerações de povos; e afinal de contas, enviados para baixo como vós próprios, por isso deveríeis chorar; e embora gostemos de pensar, ou pelo menos tenha havido um tempo na vida da maioria das pessoas, e de muitos na Terra agora, claro, em que

pensam que quando nascem, esse é o começo da sua vida — o que, claro, não é o começo da vida de todo.

Por muito, muito tempo, é provavelmente apenas mais uma experiência de vida, é apenas outra forma de vida, é apenas outro capítulo, se quiseres, no livro da vida; porque não somos apenas nossos, o que nós próprios criámos; é aquilo através do qual fomos criados, as mentes e os pensamentos de gerações de pessoas. Nos anos formativos da infância, assumimos muitos dos pensamentos e ideias dos pais, professores, familiares e amigos, até que, francamente, embora formes algo de uma personalidade ou caráter individual, na verdade não existe tal coisa como uma personalidade ou caráter individual, num certo sentido.

A Unicidade, a Música e a Superação do Desalento

DR. MARSHALL: Há algo que tu aceitas como uma personalidade, um caráter, como "Sra. Crete" ou "Sr. Brown", mas o ponto é que esse indivíduo é o produto de inúmeros pensamentos — pensamentos de outros e pensamentos que nós próprios trouxemos à existência. Nós somos o produto da vida, e a vida não é algo individual; é uma coisa coletiva que existe além da morte. Embora tenhamos feitio e forma, e a nossa própria personalidade até certo ponto, só somos conscientes por causa da consciência de outras pessoas. Somos todos parte de um todo tremendo e, quando um sofre, o outro também sofre, de alguma forma; quando cometemos erros, afetamos os outros, e eles, em consequência, afetam outros.

É como algo que continua sem princípio nem fim. É um desenvolvimento, e é a perceção tremenda que tu deves ter eventualmente de como estamos todos ligados e unidos, e de como o que flui através de todos nós é a própria essência de Deus. Assim, evoluímos gradualmente para Deus, ou tornamo-nos como Ele. Não me refiro a feitio ou forma, mas ao espírito infinito, que é o próprio sangue vital de toda a humanidade, onde nos perdemos uns nos outros para descobrir que estamos todos numa unicidade e num acordo.

Quando atingimos esse estado, vivemos no que se pode considerar o paraíso, porque estamos conscientes de que tudo ao nosso redor não somos apenas nós, mas todos. Perdemos muito, mas ganhamos muito mais. Muitas pessoas na Terra são estáticas, ou parecem ser, dizendo: "Ah, eu nunca vou

mudar, sou a mesma pessoa de há anos, sou demasiado velha, a minha mente está fixa". Isso não é verdade. É porque pensas de forma errada. Pensas em ti própria do nascimento à sepultura. Até tu, que compreendes esta verdade, por seres humana e natural, pensas assim.

Pensas isso em relação à música, particularmente, que é tão importante para ti. Sentas-te ao piano, tocas uns compassos, sentes-te irritada e dizes: "Ah, nunca mais vou tocar, já terminei, poderia ter tocado há 30 anos, se...", e ficas descontente. Mas, na verdade, isso é uma falácia, porque no teu espírito tu és um com a música. A música é algo da mente e do espírito, é harmonia que combina todas as forças que são boas. Torna-se algo tangível. Para quem diz "não gosto de música" ou "não a entendo", há algo radicalmente errado; é obviamente uma alma nova ou alguém que não progrediu nada. Quem não sente a beleza da harmonia está muito pouco evoluído.

O problema é que não sabemos como colocar em palavras — seja em Inglês, Chinês ou Francês — algo que é puramente do espírito, a própria essência. Não há forma. Tentamos desesperadamente formar ideias e implantar pensamentos na tua mente, mas as palavras não o conseguem fazer com sucesso.

ROSE: Pois, compreendo perfeitamente.

DR. MARSHALL: Por isso, muito deve ser percebido a partir de dentro, pelo sentir, pela emoção. É por isso que o Frédéric [Chopin] diz sempre que consegue expressar muito mais na música do que alguma vez conseguiria por palavras. Muitas das respostas para os teus problemas podem ser encontradas na música dele.

Afinal, o que acontece? Tu ficas em baixo, infeliz, desesperada. Pões um disco ou sentas-te ao piano e, de alguma forma, aquilo fala contigo. Ajuda-te. Algumas pessoas, se forem religiosas, vão à igreja rezar. O que é a oração? É entrar num estado de unicidade com o infinito, abrir a mente aos pensamentos daqueles que te assistem. A igreja fala de anjos e arcanjos, mas poucos acreditam neles. O ponto é que eles existem. Para cada alma em necessidade ou tribulação, a ajuda está lá. Existem entidades que amam os povos da Terra e tentam guiar e inspirar para mudar o curso da vida para melhor.

Não podemos sempre fazer as coisas num sentido material; talvez nem fosse sábio que o fizéssemos. Mas tu estás na posição afortunada de poder receber inspiração e o conforto que vem de nós. Podemos não te dizer exatamente o que deves fazer materialmente, mas podemos trazer-te uma mudança de pensamento e de perspetiva, tirar o peso e trazer leveza, a perceção de que, eventualmente, tudo ficará bem. À medida que tu progrides mentalmente e te sintonizas com o mundo espiritual, encontras uma paz e um consolo maiores.

Nada se perde. Muitas vezes as pessoas sentem que o mundo está contra elas, que nada vale a pena. Esses sentimentos mostram que tu estás a progredir, que estás a pedir ajuda e compreensão. Nós não nos sentimos desanimados; apenas sentimos isso temporariamente porque o tiramos de vós, pois somos um convosco. Mas sabemos que o peso será levantado e que a luz brilhará.

A vida é uma mudança constante para nos tornarmos conscientes do que é real e perfeito. O imperfeito perde-se e o perfeito toma o seu lugar. O teu mundo está cheio de imperfeições, mas conforme tu surges nas esferas superiores, perdes essas imperfeições e tornas-te consciente da unicidade com a humanidade. Às vezes sentes-te perdida no teu mundo devido às forças de pensamento ao teu redor, de pessoas que fazem o mal inconscientemente porque ainda não descobriram como fazer melhor. Mas em todas as coisas há bondade, e nós tentamos desenvolvê-la.

Eu não me sinto desanimado com as condições do teu mundo, nem contigo como indivíduo, nem com o médium. Percebo que cada um de vós está a tornar-se mais sábio e a caminhar para o objetivo que todos procuramos. Não há necessidade de medo ou dúvida. Estamos a evoluir para um estado mental superior, tornando-nos mais pacientes, tolerantes e sábios. Tornamo-nos perfeitos lenta mas seguramente. Somos, até certo ponto, os controladores do nosso destino. Podemos ser o que os outros fizeram de nós, mas temos dentro de nós uma centelha divina que, se lhe dermos oportunidade, se tornará uma chama viva de realidade e poder.

Não fiques desanimada. Há grandes motivos para regozijo no que te diz respeito. Estou feliz com o que estamos a fazer e com o que tu estás a fazer. Sê paciente contigo própria e com os que te rodeiam. Devo ir agora.

ROSE: Obrigada, Doutor querido.

DR. MARSHALL: Amor e bênçãos de todos nós. Não desanimes. Deus te abençoe. Adeus.

ROSE: Deus o abençoe.

Adeus, Rosie.

MICKEY: Adeus, querida. Que conversa! Que longo discurso, não foi?

ROSE: Sim, bem, tu mereces. Adeus.

Notas:

A Ilusão da Matéria: O Dr. Marshall apresenta uma visão que antecipa conceitos da física quântica, afirmando que a solidez é uma ilusão criada pela vibração e pela perceção mental. Para os espíritos, a nossa "realidade sólida" só é percetível através do nosso pensamento.

A Ciência como Religião: Ele redefine a religião não como dogma, mas como a ciência das leis de Deus — o conhecimento puro obtido através da descoberta e da experiência.

Almas Antigas: Marshall explica que o génio e o talento não são acidentais, mas o resultado de múltiplas encarnações onde o conhecimento foi acumulado e trazido de volta à carne.

O Fluxo da Vida: A ideia de que não somos indivíduos isolados, mas o produto de correntes de pensamento ancestrais, desafia a noção ocidental de ego e reforça a responsabilidade coletiva.

Unicidade e Coletividade: O Dr. Marshall apresenta uma visão onde a individualidade é apenas uma face de uma consciência coletiva divina. A dor de um é a dor de todos, e a evolução consiste em perceber essa ligação.

A Música como Linguagem Espiritual: Ele reforça que Chopin (Frédéric) utiliza a música porque as palavras humanas são limitadas demais para conter a essência do espírito. Para a Rose, a música não é apenas lazer, mas uma ferramenta de alinhamento espiritual.

O Papel da Oração: É definida como um ato técnico de sintonizar a mente com frequências superiores e com os guias que estão sempre prontos a ajudar.

A Rejeição do Desalento: O Doutor termina com uma nota de esperança vibrante, afirmando que cada passo, mesmo os que parecem falhas, faz parte do progresso em direção à "chama viva" da alma.

BLAVATSKY (E CHOPIN)

Participantes: Rose Crete, Leslie Flint
Comunicantes: Mickey, Helena Blavatsky (referida como "Mrs. Hopper" ou "Blavatsky"), Frédéric Chopin

MICKEY: Boa noite. Nós não queremos música no futuro, nas noites de sexta-feira.

ROSE: Sem música? Isso é invulgar, não é, Mickey?

MICKEY: Nós não a queremos.

LESLIE: Está bem, Mickey.

MICKEY: Boa noite. Boa noite. E como estão esta noite?

ROSE: Muito bem, obrigado, Mickey.

LESLIE: E tu, Leslie? Muito bem, Mickey, obrigado. Muito bem mesmo.

MICKEY: Não esperem ouvir muito de mim.

ROSE: Está bem. Não, nós não esperamos às sextas agora. Mas vem dizer-nos boa noite.

MICKEY: Sim, eu virei dizer boa noite e virei dizer boa noite às sextas, mas não suponho que terei muito a dizer. Bem, poderei mais tarde, quando for a minha vez, mas ainda não. Bem, está tudo resolvido então.

ROSE: Sim. Oh, eu espero que sim.

BLAVATSKY: Boa noite.

ROSE: Boa noite. Consegue ouvir?

BLAVATSKY: Sim, obrigada. Bem. Eu percebi que houve uma pequena deceção na semana passada com a gravação.

ROSE: Sim, infelizmente.

BLAVATSKY: Sim, avariou-se, infelizmente. Esperamos que esta semana seja mais bem-sucedida. Se tiverem alguma pergunta específica que me queiram colocar esta noite, por favor, façam-no.

ROSE: Bem, eu estava a pensar se, quando começar a sério, suponho que temos de nos manter em silêncio. Não podemos fazer perguntas ou...

BLAVATSKY: Creio que nestas ocasiões dificilmente será necessário fazerem perguntas. Penso que será bastante óbvio para vós quando as perguntas puderem ser feitas. Percebo. Penso que o comunicador deixará bem claro quando ele ou ela desejar que façam perguntas. Na maioria dos casos, acho que os verão chegar todos preparados com o que têm a dizer.

ROSE: Sim, obrigada.

BLAVATSKY: Sem dúvida que alguns vos perguntarão se têm alguma questão que queiram colocar-lhes, possivelmente no final da sua conversa.

ROSE: Sim. Consegue ouvir-me esta noite?

BLAVATSKY: Sim, muito bem. Sim, muito bem mesmo. Obrigada, de forma muito clara. Espero não ter dado uma má impressão na semana passada.

ROSE: Certamente não deu.

BLAVATSKY: Se pareci autocrática ou ditatorial, não foi minha intenção. Foi meramente o facto de, na minha primeira tentativa de comunicação, estar talvez um pouco, digamos, preocupada em saber se a minha voz estava a ser registada e também que tivessem, até certo ponto, alguma parte da minha personalidade terrena — da qual, felizmente, muito pouco resta agora igual. Tal como muitas outras almas aqui, aprendi muitas coisas e progredi. E eu, claro, percebo, do vosso ponto de vista, que é interessante, e às vezes talvez evidente, ter a personalidade do comunicador tal como essa pessoa era conhecida quando estava na terra.

ROSE: Sim, acho que percebemos isso.

BLAVATSKY: Devemos ter organização em ambos os lados e, em consequência, quero que tentem ser pontuais todas as semanas, porque estamos a preparar as condições cerca de uma hora antes de se reunirem aqui nesta sala, e estamos mais ou menos prontos para começar assim que apagarem a luz. Não precisaremos de música. Pessoalmente, considero-a totalmente desnecessária e talvez um pouco perturbadora. Acho que podemos gerir isto muito bem sem ela; e não me importo que me chamem Mrs. Hopper. Isso é muito gentil. Percebi que conheces um amigo meu, o Laurie.

ROSE: Bem, acho que conheço o jovem que encontras. Sim.

BLAVATSKY: Não seria verdade dizer realmente que o conheço bem. Apenas o encontrei aqui com outros, e sei que ele é alguém que gostaria de contribuir para este esforço.

ROSE: Oh, sim. E tenho a certeza de que, a seu tempo, ele me falará.

BLAVATSKY: Sim, muito obrigada. Ficaria muito satisfeita se ele pudesse. Estão confortáveis?

ROSE: Muito bem, obrigada, sim. Muito confortáveis.

BLAVATSKY: E sentes-te em forma e bem?

ROSE: Muito, muito bem, sim.

BLAVATSKY: Há apenas um ponto. Caso em alguma ocasião não te sintas bem — e quero deixar isto bem claro —, se em alguma ocasião em que devas estar sentada não te sentires bem, preferiria muito mais que adiasses a sessão do que te sentasses se não te sentires à altura. Não vale de nada sentarem-se apenas dois. Devemos ter os três juntos. E se um ou outro, por alguma razão, estiver doente ou impossibilitado de comparecer, é melhor cancelar essa semana até à seguinte.

ROSE: Sim.

BLAVATSKY: Tenho razões muito boas para dizer isto.

ROSE: Porquê?

BLAVATSKY: Porque sinto que o trabalho que vamos fazer é um trabalho muito importante e vital, que exige de vós total cooperação e boa saúde. Sei que temos de depender do poder que vós dais. E se um não estivesse presente, teria de ser retirado demasiado poder do médium. Temos de o considerar a ele. E, portanto, quero que isto seja uma unidade devidamente equilibrada. E, por isso, se um ou outro for incapaz de se sentar por razões de saúde ou outra razão, sob circunstância alguma vos aconselho a sentarem-se nessa ocasião. Não. Está isto bem claro?

ROSE: Sim. Acho que está bem claro.

BLAVATSKY: Quero falar contigo pessoalmente, querida. Vou chamar-te Rose.

ROSE: Sim, com prazer.

BLAVATSKY: A tua saúde. Tu estás muito preocupada com ela.

ROSE: Bem, tenho tido este problema de estômago que é bastante irritante. Vem e vai.

BLAVATSKY: Quero que saibas isto. A condição que tens não é de forma alguma algo sério em si mesma. E quando me refiro a doença, não quero que sintas que, se não estiveres, digamos, totalmente em forma, isso signifique que tenhas de cancelar a sessão. Por outras palavras, quero que percebas que, se não te sentires no teu melhor, não há problema em sentares-te na mesma. Só espero que não te sentes quando não te sentires realmente bem o suficiente para tal.

ROSE: Oh, podes ter a certeza disso, não podes?

BLAVATSKY: Quero deixar isto claro, porque sei que tens esta tendência para este problema específico, que em si pode ser cansativo para ti, embora não lhe chamemos uma doença no sentido estrito da palavra. Por isso, se houver ocasiões em que fiques na dúvida sobre se deves sentar-te ou não, então, por todos os meios, senta-te se não te sentires muito mal.

ROSE: Sim, fá-lo-ei. Claro que sim.

BLAVATSKY: Mas à parte disso, queria explicar-te que esta condição que tens vai ser grandemente aliviada. Vai.

ROSE: Bem, acabei de receber cura deste jovem.

BLAVATSKY: Eu sei. Eu sei. E tenho a certeza absoluta de que sentirás o benefício disso.

ROSE: Sim. Acho que sim. Sentes-te bem, não sentes, Rosie?

ROSE (para si mesma/médium): Sim, perfeitamente bem. Obrigada, Mãe. Talvez eles não queiram que apenas dois de nós se sentem. Eu sei, os três. Não está ela clara hoje? Muito clara. E ela diz que a semana passada foi a primeira vez que comunicou dessa forma. Foi maravilhoso, na verdade. Costumava ser apenas um pequeno sussurro quando as pessoas começavam. Sim. Acho que ela deve ter sido...

CHOPIN: Boa noite, minha querida.

ROSE: Boa noite. Boa noite.

CHOPIN: Espero que possas ouvir suficientemente, porque esta noite é para mim como uma experiência, como aliás será para a maioria dos comunicadores. Embora eu já tenha passado por aqui no passado, não tive o hábito de vir regularmente, mas esta noite é quase uma nova experiência, porque já passou muito tempo desde que vim e falei. Espero que possas ouvir.

ROSE: Sim. Consigo ouvir muito bem. É o Frédéric, não é? Olá.

CHOPIN: Olá. Sabes, eu ainda não estou familiarizado com isto, este método de comunicação. Posso falar? Suspeito que sim. Suponho que sim. Está aí, monsieur?

LESLIE: Estou aqui. Sei que acha difícil, mas está a soar muito claro esta noite. Leve o seu tempo e depressa se habituará.

CHOPIN: Acho que, para a maioria de nós, serão necessárias algumas semanas de experiência antes de sermos capazes de falar tão bem quanto desejaríamos e de vos dar algumas das coisas que temos em mente. Todos temos de aprender a gerir isto.

ROSE: Sim. Eu estava a ouvi-lo tocar piano esta noite, monsieur.

CHOPIN: Tu... Oh, querido. Acho que é uma grande pena que tu não pratiques. Tu tens um bom toque.

LESLIE: Obrigado, monsieur.

CHOPIN (para Leslie): Tu podes carecer de um certo, bem, suponho, conhecimento, mas é pena que não tenhas praticado regularmente durante toda a tua vida.

LESLIE: Obrigado.

CHOPIN: Tu tens o toque e tens o sentimento, e acho que se tivesses tido o treino e a oportunidade de praticar, terias sido um pianista muito bom. Tu tens o temperamento. Sim. Mas mesmo assim, não há razão para que não sejas um pianista razoável. Sim. Mas receio que tenhas de praticar tanto que...

LESLIE: Bem, eu teria de treinar quase desde o início porque tenho muito pouco conhecimento. Muito, muito pouco.

CHOPIN: Acho que vale a pena praticares e aprenderes tudo o que puderes antes de teres música em ti própria.

ROSE: Sim.

CHOPIN: Tu estás muito calada, madame.

ROSE: Estava à espera que o senhor continuasse a falar.

CHOPIN: Bem, esta noite é meramente uma experiência. Não é que eu tenha algo de natureza séria ou importante a dizer. É mais que eu gostaria, bem, sabes, se pudesses começar do fundo; eu não acredito em tentar alcançar demasiado depressa. Estou bastante contente por, bem, ir fazendo o meu caminho desde o fundo.

ROSE: Sim.

CHOPIN: Portanto, no que me diz respeito, o que conta não é tanto o que eu digo esta noite, mas a prática que posso ter em comunicar.

ROSE: Bem, estou ansiosa pela sua vez de vir falar.

CHOPIN: Sim, eu sabia que assim era. Achas que eu terei assim tanto para te contar sobre música? Ah, é verdade. Mas como o vou fazer, ainda não defini essa ideia. Como te vou descrever as coisas pertencentes aos reinos da música, não sei. É o meu grande problema saber como te explicar como é a música aqui. E, bem, eu sei, mas vou tentar fazê-lo.

ROSE: Sim, faça o que fizer, estará tudo bem.

CHOPIN: Ah, tu... acho que se eu recitasse o ABC de trás para a frente, tu dirias que era muito bom.

ROSE: Não.

CHOPIN: Só porque sou eu.

ROSE: Sim, exato.

CHOPIN: Sabes, tu tens o coração de uma criança, mas eu amo-o porque são as crianças que sentem sempre tanto e são capazes de expressar tanto. É por isso que os prodígios informados — nós podemos fazer tanto através deles, pois eles são tão maleáveis, são tão suscetíveis à influência do além. E tantos prodígios informados, eles não passam do instrumento de alguns de nós aqui. Mas quando chegam à fase adulta, e se tornam precoces, e se tornam muito mais do mundo, já não os conseguimos alcançar. E é por isso que a vida deles muitas vezes é tão curta como músicos.

ROSE: Oh, percebo. É isso, então?

CHOPIN: Sabes, às vezes as crianças são temas muito bons para nós usarmos. E muito poucos conseguimos manter quando chegam a um certo estágio de desenvolvimento, mental e fisicamente, sabes. Mas contigo, tu ainda és uma criança, por isso há esperança para ti.

ROSE: Mas sabe, monsieur, desde os meus seis anos que aprecio a sua música e o amo. Não é engraçado?

CHOPIN: Extraordinário. Acho muito agradável ouvir-te dizer isso. E eu tenho tido conhecimento disso e tenho sido atraído para ti pelo laço da apreciação, amor, compreensão, sabes. Espero ser capaz de te ajudar um pouco, embora receie que já vá muito tarde para fazer de ti uma boa pianista.

ROSE: Oh, não. Agora já não, eu sei.

CHOPIN: Mas quando vieres para aqui, serás minha...

ROSE: Aluna.

CHOPIN: Aluna. Oh, está bem. E eu zelarei para que aprendas a tocar a minha música belamente. E tu, talvez, quem sabe, serás compositora tu mesma.

ROSE: Está bem, monsieur.

CHOPIN: E isso é uma promessa. Não podemos todos ser fora do comum.

ROSE: Não.

CHOPIN: Mas todos podemos tentar. E tu, monsieur, tu devias tentar, pois estás muito, como se diz, apaixonado pela música, tens o sentimento... (Pausa) Estou a falar para ti, Leslie.

LESLIE: Perdão? Oh, peço imensa desculpa.

CHOPIN: A falar para ti. A dizer que devias tentar porque tens o sentimento.

LESLIE: Sim.

CHOPIN: Quando puderes, deves praticar. Mas deves ater-te à música, não improvisá-la.

LESLIE: Sim.

CHOPIN: Pelo menos quando estiveres a tocar a minha música, de qualquer forma. Eu tenho de fazer isso. Bem, receio que não consiga tocar a sua música muito bem. É muito difícil. Para mim, pelo menos.

CHOPIN: Difícil. É para mim. Suponho que alguma dela seja difícil para algumas pessoas. Mas eu toquei-a, por isso não vejo por que tu não poderias tentar.

LESLIE: Sim.

ROSE: Há alguém a tocar duas das suas composições, Allegro de Concerto e Rondo. Esta noite.

CHOPIN: Então eu devo ouvir. Eu venho frequentemente ouvir a tua música. Esta noite, às dez horas. No teu lado, a tocar a minha música. Às vezes é extremamente bom. Às vezes é muito mau.

ROSE: Monsieur, consegue ouvir? Suponho que consiga ouvir. Gosto muito de Merkioszynski.

CHOPIN: Ah, sim. Ele interpretou a minha música muito do meu agrado.

ROSE: Sim, ele interpreta. E Cortot, habituada ao Cortot. *(Pianista)*

CHOPIN: Cortot, muito bom. Algumas coisas melhor do que outras. Mas teremos uma longa conversa sobre música numa data posterior.

ROSE: Está bem.

CHOPIN: Devo abrir caminho para alguns outros.

ROSE: Está bem. Adeus.

CHOPIN: Adeus.

ROSE: Obrigada por vir. Muito obrigada. É muito bom. Oh, adorável. Muito bom. Marmos, estamos lá em cima? Estou a perguntar-me se a minha voz está a ser registada.

DISRAELI: Sim. Se não estiver a ser registada, por favor, pode dizer-me?

ROSE: Está a ser registada.

DISRAELI: Bem. Consigo ouvir-te. Lembro-me muito bem desta parte.

ROSE: Oh, sim?

DISRAELI: Eu costumava visitar amigos meus aqui.

ROSE: Quem é o senhor?

DISRAELI: O meu nome é Benjamin Disraeli.

ROSE: Ah, Disraeli.

DISRAELI: Estou muito interessado nestas experiências e estou muito ansioso por, no futuro, poder vir e falar para que algumas das minhas experiências deste lado da vida possam ser gravadas, para que aqueles no vosso lado que estejam suficientemente interessados em descobrir mais sobre a vida eterna possam saber, pelo menos, um pouco mais desta grande verdade. Deves perdoar-me se não me manifesto muito bem de momento.

ROSE: Manifesta-se, sim.

DISRAELI: Isto é para mim uma experiência nova e estranha. Frequentemente regresso às condições da terra e, durante a guerra recente, eu e outros aqui estivemos a tentar ajudar, com o melhor das nossas capacidades, este país durante as suas lutas pela liberdade e pela paz. Embora eu não regresse a ti como político, mas meramente como uma alma que sente que tem uma missão a cumprir. Tu és, de facto, muito privilegiada.

ROSE: Sim, tenho a certeza que sim.

DISRAELI: Não sei se percebes totalmente quão privilegiada és. Dos milhões de almas que fervilham nas ruas desta grande cidade esta noite, tu foste escolhida para um trabalho muito maravilhoso. Tu és, de facto, abençoada.

ROSE: Sim, sentimos que o somos, certamente.

DISRAELI: Numa data posterior, eu também virei e terei, espero, muito para te dar. Certamente tenho muito que desejo dizer. Só posso esperar, após a experiência, que serei capaz de colocar os meus pensamentos no teu instrumento de gravação. Até que eu venha de novo, Deus te abençoe, minha amiga. Deus abençoe o trabalho que estás a tentar fazer pela humanidade.

ROSE: Muito obrigada.

DISRAELI: Vimos para que possamos quebrar as barreiras que existem entre homens e nações. Vimos para que possamos, em certa medida, unir todos os povos, independentemente de classe, cor ou credo. Vimos para trazer a verdade da vida eterna para que os homens possam ver e, tendo visto,

possam eles próprios tornar-se glorificados por ela. Que Deus te abençoe, minha amiga. Boa noite.

ROSE: Boa noite.

ROSE (MÃE): Olá, querida.

ROSE: Oh, olá, Rose. Bem, e como estás esta noite?

ROSE (MÃE): Olá, Sr. Rawlinson. Olá, Rose, como estás?

ROSE: E como estás tu?

ROSE (MÃE): Eu estou muito bem, querida, e tu? Como está a tua mãe, querido *(Para o Flint)?* Não tão bem, pelo que percebi. O teu jovem amigo estava a dizer-me que ela teve uma crise muito feia.

LESLIE: Teve, sim.

ROSE (MÃE): Sabes, meu querido, não acho que ela fique muito tempo no vosso mundo, sabes.

ROSE: Não, é triste.

ROSE (MÃE): Acho que tens de te resignar ao facto de que ela virá para aqui em breve. E acho que será a melhor coisa para a pobre querida, sabes. Será, realmente. Não deves sofrer por ela, meu rapaz. Ela tem sido uma boa mãe. Viveu uma boa vida. E ficará muito feliz quando chegar aqui e encontrar o teu pai e todos os amigos da família.

LESLIE: Acho que sim, sim.

ROSE (MÃE): Não deves ter dúvidas, medos nem preocupações com ela, abençoada seja. Terás de cuidar de ti próprio, mas tenho a certeza de que serás capaz de cuidar de ti.

LESLIE: Oh, acho que sim.

ROSE: Eu acho que sim, Rose.

ROSE (MÃE): Oh, não ficaria surpreendida, meu rapaz. Quando tiveres tudo direito e resolvido, virás viver para aqui.

LESLIE: A sério?

ROSE (MÃE): Cada andar tem o seu próprio médium. Esta será uma casa de espírito, não será? Como vais tu, Rose? E como estás tu esta noite, minha querida?

ROSE: Estou muito bem, obrigada, Rose.

ROSE (MÃE): Sentes-te melhor?

ROSE: Sim, estou muito melhor.

ROSE (MÃE): Tu devias cuidar de ti agora. Não podes correr riscos, sabes. Já não és tão jovem quanto eras.

ROSE: Não, eu sei.

ROSE (MÃE): Agasalha-te. Tu não queres apanhar frio. Porque um resfriado pode levar a algo pior, sabes.

ROSE: Ah, meu Deus.

ROSE (MÃE): Espero que não estejas a piorar.

ROSE (MÃE): Bem, só estou a dizer-te. Tu cuida de ti. Não corras muitos riscos. Estás bem, querida. Estás bem. Tu és fisicamente, organicamente, bastante forte. Tens um estômago um pouco fraco, eu sei. Nada de muito sério. E se cuida de ti, ficarás bem e em forma por muitos anos ainda. Além disso, nós não te queremos por aqui, sabes. Tu tens trabalho a fazer aí. Além disso, o que faria o Sr. Flint sem ti, hein?

ROSE: Sim, é verdade.

ROSE (MÃE): Tu tens dois rapazes para cuidar agora, sabes. Sim. Dois deles para "mimar".

ROSE: Sim.

LESLIE: Eu disse "mimar".

ROSE: Sim, eu sei que disse. Rose?

LESLIE: Sim, querida?

ROSE: Vais... Estará no nosso livro?

ROSE (MÃE): Bem, não sei quanto a estar no vosso livro, querida. Tenho muito a dizer se tiver oportunidade. Mas há pessoas muito interessantes, sabes. Muito mais desenvolvidas do que eu.

ROSE: Rose, diga-nos de antemão quem pensa que vem?

ROSE (MÃE): Ah, minha querida, se eles aparecerem todos, calculo que precisarão de mil livros. Sim. Calculo... cinco volumes. Há dúzias e dúzias deles, sabes. Sim. Não são apenas as experiências e a vida de uma pessoa aqui. São muitas. Claro, a minha pequena contribuição pode ter algum interesse para algumas pessoas.

ROSE: Tenho a certeza de que teria. Afinal, somos todos filhos de Deus. Não importa o que fomos na terra quanto a título e posição, pois não?

ROSE (MÃE): Ah, sim. É como vives a tua vida que conta.

ROSE: Com certeza.

ROSE (MÃE): Bem, não devo ocupar muito tempo porque não é justo para os outros que têm de praticar. Bem, boa noite.

ROSE: Adeus, Rose, querida. Obrigada por vires.

LESLIE: Muito obrigada.

ROSE (MÃE): Tu estás bonita, e esse xaile, querida, fica-te bem.

ROSE: É um presente do Flint.

ROSE (MÃE): Queres dizer da Liz? Sim. Ela é muito boa. Ela é sempre, não é? Não é? Sempre tão clara. Sim.

LAURIE: Olá, Liz. É o Laurie a falar.

ROSE: Olá, Laurie.

LAURIE: Como acabei de passar por um minuto, não acho que poderei ficar muitos minutos, mas só queria que soubesses que estive aqui esta noite e, sabes, só para te dar umas palavras.

ROSE: Bom. Como estás?

LAURIE: Oh, estou bem. Como estás tu, rapaz?

LESLIE: Muito bem, obrigado.

LAURIE: Bom. Fico feliz por teres cumprido a tua promessa. Disseste que virias esta noite.

LESLIE: Sim, bem, eu estava muito perturbado na semana passada. Foi tudo dececionante, mas...

LAURIE: Sim, foi. Tenho algumas palavras esta noite só para te deixar saber que eu estava no grupo.

ROSE: Oh, sim.

LAURIE: Não sei se o Abdul conseguirá falar convosco, mas ele está aqui. Se ele virá falar, não sei.

ROSE: Abdul? Sim. Oh, sim. Tu tens acompanhado a Rosie...

LAURIE: Tenho estado com o Ken Barry.

ROSE: Tens? Sim. Oh. Como está ele?

LAURIE: Muito bem. Ele está muito bem. Mas acho que ele está um pouco perturbado com a mãe dele.

ROSE: A mãe dele?

LAURIE: Sim, acho que ele está um pouco preocupado com ela. Porque ela não está bem, sabes.

ROSE: O quê?

LAURIE: Ela não está muito bem.

ROSE: Não está?

LAURIE: Não.

ROSE: Bem, ela nunca diz nada.

LAURIE: Não, ela provavelmente nem se apercebe. Ela deixou o trabalho, tu sabes disso.

ROSE: Sim, eu sei que deixou.

LAURIE: Ainda bem que deixou. Sim. O coração dela não está muito forte. Acho que o Ken tem uma ideia. Ela pode vir para aqui muito em breve.

ROSE: Oh.

LAURIE: E acho que a tua mãe também, pelo que consigo perceber, não demorará muito.

ROSE: E quanto ao irmão, Charles, Laurie?

LAURIE: Queres dizer, o que ele fará? Hein? Como assim?

ROSE: Bem, supõe-se que ele esteja muito doente.

LAURIE: Eu sei, sim. Sabes, ele não parece... Não parece melhorar, pois não?

ROSE: Não.

LAURIE: Eu realmente não posso dizer. Não estou em posição de dizer muito sobre o Charles, porque ele está doente há bastante tempo. Mas, hum, evidentemente, hum, o Ken está muito preocupado com a mãe dele. Sim. Não acho que, hum, ela se deva entusiasmar ou trabalhar demais de forma alguma, sabes. Está tudo no coração dela.

ROSE: Sim. Oh, querido.

LAURIE: Ela é simpática, presumo, não é?

ROSE: Bem, no que me diz respeito, tu não és mau para mim.

LAURIE: Não, isso é bem verdade. Sim, bem, é muito bom. Eu sei que o Ken tem estado muito preocupado com ela.

ROSE: Ken, eu não posso fazer nada, pois não?

LAURIE: Não vejo o que possas fazer, na verdade. Mas, hum... quero dizer, eu não lhe posso dizer... Posso dizer-lhe que tu vieste até nós.

ROSE: Sim. Não preciso de lhe dizer nada sobre a saúde dela, no entanto. Porque isso poderia preocupá-la, não poderia?

LAURIE: Sim. Mas, hum, eu poderei falar contigo pessoalmente. Falarei mais tarde.

ROSE: Sim, bem, teremos uma sessão daqui a algumas semanas.

LAURIE: Sim, não acho que vá agora ocupar o tempo. Não. Não é realmente para esse assunto pessoal, pois não?

ROSE: Sim.

LAURIE: Mas, hum, enfim, tudo de bom.

ROSE: Sim, OK. Adeus, Lorryboy. Obrigada por vires. Oh, estou tão feliz por teres vindo, Lorry. Eu queria ver-te. Não te temia. Muito obrigada, Sra. Crete. Adeus.

LAURIE: Adeus, Lorryboy.

ROSE: Pronto. Ele disse que viria. Oh. Está tudo bem?

LESLIE: Sim, obrigado.

ROSE: Bom.

SAM: Tentem apenas falar um pouco mais alto, querem? Por favor. Meus... Sim? Amigos, devo pedir-vos que tenham paciência comigo. Porque eu... eu nunca fiz isto antes.

ROSE: Não?

SAM: O meu nome não vos dirá nada. Mas espero poder ter o privilégio de vir ocasionalmente à vossa pequena reunião e dizer algumas palavras. Suponho que poderiam dizer que represento um homem trabalhador muito comum, sem o que vocês diriam contexto, sem educação, sem conhecimentos particulares em vários aspetos da vida. Eu, por muitos... toda a minha vida, na verdade, vivi numa pequena aldeia, e a minha vida foi muito monótona.

Mas foi-me pedido que me juntasse a este pequeno grupo para contribuir com algo do meu próprio ângulo pessoal, ponto de vista e experiência. Claro, suponho que acharão que é um grande contraste com alguns dos outros amigos que tiveram experiências vastamente diferentes das minhas. Bem, acho que essa é uma das razões pelas quais me pediram para participar, porque este livro, pelo que consigo perceber, deve ser bastante abrangente, representando todo o tipo de pessoas, todos os tipos, nações e períodos da história, para dar uma ideia de como é a vida aqui nos diferentes planos, de acordo com o desabrochar e desenvolvimento espiritual de cada um.

E, claro, o que talvez achem muito interessante é a vasta diferença que existe entre muitos lugares, mesmo numa só esfera; e enquanto, por exemplo, o próprio tempo não tem significado nem relevância, o progresso de uma pessoa não é julgado no tempo, é algo puramente pessoal para cada indivíduo.

Alguns fazem grandes progressos em — poder-se-ia dizer — pouco tempo comparativamente a outros que estão aqui talvez há séculos. Alguns estão muito contentes e felizes por ficar no ambiente particular para onde vieram primeiro e estão lá, do vosso ponto de vista, há séculos.

Mas, enfim, não quero pôr o carro à frente dos bois. Afinal de contas, há tanto por dizer, e todos temos de nos habituar gradualmente a ser capazes de falar natural e livremente e sem qualquer complicação, para que vocês consigam captar tudo devidamente e nós possamos transmiti-lo, por assim dizer, de forma clara e precisa. De qualquer forma, no que me diz respeito, é apenas uma espécie de experiência, sabem. Espero vir às vossas sessões de tempos a tempos.

ROSE: Estás a sair-te muito bem, para a primeira vez. Sim.

SAM: Muito obrigado, minha querida.

ROSE: Diz-nos o teu nome, queres, como um bom homem?

SAM: Bem, podem tratar-me apenas por Sam.

ROSE: Sam. Está bem, Sam. Oh, muito agradável. Deus te abençoe.

MARIE: Olá? Olá. Olá.

ROSE: Marie. Ah, como é que sabias que era eu? Eu não disse o meu nome, e tu disseste imediatamente que era a Marie. Como estás?

MARIE: Estou bem. Bem, eu também estou a ajudar a contribuir, sabes.

ROSE: Oh, ótimo. Bom.

MARIE: Mas parte do meu trabalho aqui é ajudar estas novas pessoas a habituarem-se a isto, sabes. Para que todos possam aprender a comunicar devidamente, para que possam passar a mensagem, sabes, de forma clara para vós.

ROSE: Sim.

MARIE: E como estás tu esta noite, minha querida? Ah, Rosy. Oui? Ah, melhor?

ROSE: Eu estou melhor.

MARIE: Recuso-me a ter-te doente. Temos de te manter em forma e bem, sabes.

ROSE: Sim. Eu não estou doente na verdade, Marie.

LESLIE: Acho que ela vai... Ela está um pouco cansada, acho eu, Marie. E acho que ela vai melhorar e ficar realmente em forma outra vez.

MARIE: Acho que ela deveria comer mais comida. Oh, Rosy. Tu deves ter energia. E se não comes, não podes ter energia.

ROSE: OK. Está bem, Marie, eu vou tentar.

MARIE: Come as coisas certas para ti, e terás muita energia. Não fiques apenas por, como dizes, "não me dar ao trabalho", porque isso não é justo contigo mesma, sabes. Além disso, queremos continuar as sessões. Não temos de as, como dizes, suspender porque tu não te estás a sentir muito bem, sabes.

ROSE: Certamente que não.

MARIE: Come o que for bom para ti.

ROSE: Está bem, Marie.

MARIE: E come o suficiente para teres muita energia.

ROSE: Está bem, Marie.

MARIE: E não vivas tanto do teu sistema nervoso, sabes.

ROSE: Eu sei que o faço. Sempre fiz isso.

MARIE: Tu tens de tentar ser mais calma e controlada nas coisas normais, sabes, na tua vida, percebes. Ficas perturbada e excitada com tantas

coisas que não são importantes, sabes. Por todos os meios, fica excitada com as coisas que interessam, que são boas para ti, percebes, mas não com coisas triviais que não importam.

ROSE: Está bem, querida. Certo, certo, Marie. Tens toda a razão.

MARIE: Se a chave não serve, não fiques excitada com isso. Aí tens. Espera até encontrares a certa. Há muito tempo. Quer estejas cinco minutos atrás da porta ou à frente dela, não importa.

ROSE: Oh, tu viste isso, viste?

MARIE: Eu conheço-te bem demais. Tu ficas toda alterada e exausta por nada. Aí tens, exato. E, sabes, quando estás assim, o teu problema de estômago, as tuas úlceras, elas começam a trabalhar.

ROSE: Sim.

MARIE: Se te mantiveres calma e controlada e fores feliz, elas ficarão bem, sabes, porque tu excitas as tuas úlceras por causa de coisas tontas. Aí tens.

ROSE: Oh, Marie, vem cuidar de mim e manter-me na ordem.

MARIE: Eu tenho de estar de olho em ti.

ROSE: Sim, por favor.

MARIE: Abençoada sejas. Adeus.

ROSE: Adeus, Marie.

H.P. (BLAVATSKY): Acho que por hoje chega. Oh. Boa noite, meus amigos, e Deus vos abençoe.

ROSE: Boa noite. Deus te abençoe. Muito obrigada.

H.P.: Na próxima semana, outros virão. Sim. Devemos passar todos para ganhar experiência.

ROSE: Sim. Boa noite. Boa noite, H.P. Boa noite. Deus abençoe.

MICKEY: Boa noite, Mary. Adeus. Vemo-nos na próxima semana.

ROSE: Esta é a noite mais emocionante, emocionante.

MICKEY: Oh, não é nada comparado com o que aí vem. Adeus. Adeus. Adeus, Nick. Deus vos abençoe a todos. Amo-vos a todos. Não disparem.

ROSE: Não o quê? Espero que a gravação tenha saído bem.

LESLIE: Espero que sim. Tenho estado a observá-la. Parece estar tudo bem. Não creio que esteja torcida.

ROSE: De todo. Não, está a funcionar bem. Tenho a certeza. Está bem.

Notas:

Sam, o Homem Comum: Este novo comunicador representa a base da "enciclopédia" espiritual que o grupo estava a construir. Marshall e Blavatsky queriam mostrar que o Além não é apenas para figuras famosas, mas para o homem simples da aldeia, cuja progressão é igualmente válida.

Conselhos de Saúde de Marie: Marie foca-se na ligação psicossomática da Rose, explicando como o nervosismo dela "excita" as úlceras. Ela usa o exemplo prático da chave da porta (que a Rose provavelmente tentou forçar nervosamente) para ensinar a paciência.

A "Casa de Espírito": Reforça-se a ideia de que a casa de Flint e Rose se tornaria um centro de atividade espiritual intensa, com comunicações preparadas antecipadamente no "outro lado".

BLAVATSKY 2
GUIAS, CONTROLADORES
E A CIÊNCIA DA MEDIUNIDADE

Participantes: Rose Crete, Leslie Flint

Comunicante: Helena Blavatsky (H.P.B.)

ROSE: Aquela cadeira não está em cima da cadeira ali? Mesmo no canto. Oh, não. Oh, levanta aquela cortina, Leslie, e vais encontrá-la lá. Na prateleira de baixo, onde tinhas a mão. Acho eu. Oh, aquela serve. Há uma ali a olhar. Uma mais pequena que a outra. Está bem. Mais adequada. Na verdade, acho que foi deixada no aeroporto. Era para estar no apartamento. Acho que está fixo. Uma caixinha preta. Sim. Fitas de vidro. O que se passa, Leslie? O quê? O que se passa?

LESLIE: Acho que estou a empurrar o meu... Pergunto-me como estarão as condições atmosféricas logo à noite.

ROSE: As quê?

LESLIE: As condições atmosféricas. Suponho que as atmosféricas estarão... Porque é que me deu esta palpitação outra vez? Achei que era peculiar.

ROSE: Tu tens isso com frequência.

LESLIE: Nunca, só quando estou sentado aqui. Porque é que te estás a rir? Não sei. Não sei.

BLAVATSKY: Boa noite.

ROSE: Boa noite. Consegue ouvir-me?

BLAVATSKY: Sim, H.P.B. Faremos o nosso melhor esta noite, embora as condições talvez não sejam admiráveis. Obrigada. Acho que faremos melhor se o desligarmos. Sim, essa é uma boa ideia, H.P.B. Ele terá um bom descanso e poderá ouvi-lo depois. Isso é, pelo menos, uma compensação por ter uma máquina de gravação. Sim. Apenas relaxa. Sinto-me sempre como se estivesse numa escola, a tentar isto.

ROSE: E estás. A aprender lições, espero eu. Sinto sempre que talvez o Sr. Rolingson perca muito durante a sessão.

BLAVATSKY: Não creio que sim, H.P.B. Bom. Não gostaria de sentir que perdeste o que tínhamos a dizer. Embora suponha que possas ouvir melhor quando as gravações te são reproduzidas.

ROSE: Oh, sim, é muito mais alto, sabes. É amplificado.

BLAVATSKY: Sabes que temos um médico e doutor eminente a lidar contigo em relação à tua audição.

ROSE: Oh, isso é muito bom. Muito obrigada.

BLAVATSKY: Esperamos que, em breve, ouças muito bem e de forma normal novamente.

ROSE: Obrigada. Muito obrigada.

BLAVATSKY: E também temos alguém a cuidar de ti também, minha querida.

ROSE: Oh, têm. Pergunto-me onde está o meu Dr. Mario?

BLAVATSKY: Na verdade, há aqui um grupo cuja tarefa é lidar com o lado médico das coisas. Talvez tu não pensasses que o aspeto médico entrasse de todo no nosso trabalho, isto é, do ponto de vista das sessões em si. Mas às vezes temos de recorrer aos médicos aqui para nos ajudarem. Num sentido, sabes, isto é tanto médico como qualquer outra coisa. Suponho que isto nunca entre nas cabeças da maioria das pessoas que se chamam psíquicos ou espiritualistas.

Mas uma grande dose de vitalidade, uma grande dose de poder, poder vital, poder físico, é retirada dos assistentes e do médium. E para fazer isso, temos aqui um grupo de médicos cuja tarefa é lidar com esse lado das coisas. E também para garantir que o médium não seja sobrecarregado. É muito mais difícil numa sessão comum do que numa noite de sexta-feira, que é um evento regular conduzido adequadamente. Sessões comuns, pessoalmente, não me interessam nem um pouco. Acho-as muito confusas. Sem orientação e controlo adequados por vezes, sabes.

Os médiuns são suscetíveis a tantas influências de ambos os lados. E a menos que haja um controlo adequado deste lado, às vezes é uma coisa muito má para um médium sentar-se.

ROSE: Bem, e quanto aos controladores que cuidam deles?

BLAVATSKY: Bem, não estou a contestar o facto de que, claro, o médium tem os seus próprios guias e controladores que fazem o máximo para o orientar e ajudar no seu trabalho rotineiro comum. Mas sabes, nem eles podem estar sempre lá disponíveis. Quero dizer, por exemplo, numa noite de sexta-feira, sabemos que te sentas para um trabalho específico. Todos nos reunimos para trabalhar em completa harmonia e cooperação nessa ocasião. Mas no trabalho comum, para um médium profissional que se senta a todas as horas do dia, e todos os dias, mais ou menos, poder-se-ia dizer, nem sempre é possível para os guias estarem presentes. Há uma vasta diferença, sabes, entre guias e controladores.

ROSE: Qual é a diferença?

BLAVATSKY: Um controlo é meramente aquele cuja tarefa é ser um intermediário, por assim dizer, entre o nosso mundo e o teu, e ajudar a passar-nos a comunicação. Por outras palavras, ele é meramente alguém que deliberadamente, por um espaço de tempo, permanece numa condição terrena durante a vida do médium para trabalhar nessa capacidade. Ele é um controlo. Isso não quer dizer que não seja uma alma altamente desenvolvida e muito considerada em ambos os lados.

Mas não altera o facto de que uma pessoa que abdica de muito para vir e trabalhar como um controlo perde, até certo ponto, um certo aspeto do seu "eu" espiritual. E eles tornam-se um pouco contaminados, após algum tempo, pelas condições do médium, dos assistentes e das coisas terrenas. Não há qualquer reflexo negativo sobre eles. É uma tarefa que aceitam de livre vontade e, em consequência, naturalmente, para fazerem bem o seu trabalho, devem estar em contacto absoluto com as coisas materiais para terem sucesso.

E, em consequência, claro, é mais difícil para eles, por vezes, falarem sobre assuntos altamente espirituais e condições altamente desenvolvidas. Porque há tanto no teu mundo — embora não pertençam a ele — que eles estão por vezes um pouco fora de contacto com a sua própria condição e

ambiente que lhes seria normal deste lado. Enquanto que um guia que é altamente desenvolvido só regressa em certos momentos para fazer um trabalho específico através de ou com um instrumento; ele não está tão contaminado pelas coisas materiais.

O seu trabalho é meramente, por assim dizer, por um determinado tempo. Não é toda a vida física e terrena de um médium que ele ou ela pode trabalhar. Um guia é uma questão muito diferente de um controlo. Mas, por favor, não penses que estou a lançar qualquer reflexo negativo sobre aqueles que atuam como controlo. O trabalho deles é notável. Tenho grande respeito e admiração por ele. Eles abdicam de muito para vir trabalhar contigo e ficar contigo. E invariavelmente estão com o médium como parte da vida dele.

Mas os guias não ficam constantemente ao lado dos seus instrumentos, embora existam alguns médiuns no teu lado que gostam de pensar assim. Isso, claro, é uma faceta da questão. Os guias vêm em certos momentos, momentos determinados, para fazer um trabalho específico. Para a educação superior ou o desenvolvimento superior espiritual da humanidade; o deles é um trabalho inteiramente diferente do de um controlo, que trabalha mais, por assim dizer, num sentido material, para tentar trazer, tanto quanto puderem, os detalhes evidentes para as pessoas que duvidam, ajudando aqueles que estão em necessidade e em sofrimento. Um trabalho muito maravilhoso, de facto.

Mas não é exatamente na mesma linha, não na mesma condição daqueles que atuam como guias, que vêm com o único e real desejo de espiritualizar a humanidade e de educar e elevar a humanidade. Deve haver os controladores para abrir caminho para os guias. Um é essencial ao outro, por assim dizer. Trabalhamos em completa harmonia. Mas os controladores estão mais perto da terra, são muito mais parte, por assim dizer, do médium. De facto, às vezes, deve ser muito difícil para as pessoas diferenciarem entre o médium e o controlo, porque passa a haver tal ligação entre os dois que há uma fusão de personalidades, inclusive. Mas isso é outra história.

ROSE: Essa é uma que eu gostaria de ouvir.

BLAVATSKY: O controlo, por ele ou ela estar, conforme o caso, tão perto do médium, absorve muito da mentalidade, mente, pensamentos e condições do médium, e dos arredores imediatos ligados ao médium. É por isso que, por vezes, tu deves descartar coisas que podem, muito obviamente,

vir da mente do médium através do guia, ou melhor, através do controlo. Tu não encontras guias a repetir pensamentos do médium. Mas por vezes encontras controladores a fazê-lo. Sim. Isso é verdade. Mas não penses que estou a lançar qualquer desprimor sobre eles. Na verdade, o sacrifício deles é maior.

Vês o Mickey, por exemplo; ele volta para ti praticamente sempre que te sentas. Eu não conseguiria. Ou talvez fosse mais verdadeiro dizer que eu não quereria. O meu trabalho aqui é quando vos reunis às sextas-feiras à noite. O trabalho do Mickey é estar com o médium sempre que ele se senta. Por isso, nem mesmo ele pode ser sempre agradável. Mas não fiques com a ideia de que o médium não é guardado e ajudado durante as horas normais de trabalho. Claro que é. Mas os guias, cujo poder, o poder espiritual, é muito maior, eles não podem ser sempre agradáveis.

O médium assume uma grande responsabilidade quando faz este trabalho. Tenho grande consideração, grande afeto, grande respeito por todos os médiuns, e particularmente pelo que uso agora. Embora às vezes eu ache que ele sente que sou um pouco autocrática com ele. Mas é tudo para o seu próprio bem.

ROSE: Mas acho que ele tem uma estima secreta por si, de qualquer maneira.

BLAVATSKY: Acho que tem. Acho que estou suficientemente em contacto para saber o que ele realmente pensa. Sim. Mas não invalida o facto de haver alturas em que me sinto muito irritada e muito aborrecida com ele. Ansiamos muito pelo tempo em que o trabalho do Mickey estará terminado e nós poderemos assumir o comando. Esse tempo virá.

ROSE: Quer assumir o comando do médium, quer dizer?

BLAVATSKY: Oh, sim. Não queremos sempre que o médium continue e continue a fazer o mesmo trabalho rotineiro que tem feito há, o quê, 20 anos? Sim. Queremos sentir que podemos assumir o comando e fazer o trabalho que ajudará a humanidade a elevar-se acima das coisas mundanas. Há tanto que temos para vos dar. Não pode ser feito em poucas semanas ou poucos meses ou mesmo em poucos anos. É duvidoso que alguma vez fosse

concluído. De facto, tenho a certeza de que não pode ser completamente realizado na vida de um só médium.

Mas, pelo menos, queremos fazer o máximo que pudermos. E assim que o médium estiver completamente livre para assumir este trabalho em cooperação connosco, então tenho a certeza de que seremos todos muito mais felizes. Mas isso não é talvez num futuro distante, mas talvez muito mais perto do que qualquer um de vós pensa.

ROSE: Oh, espero bem que sim.

BLAVATSKY: Há imensas coisas que eu poderia dizer-te.

ROSE: Oh, por favor.

BLAVATSKY: Mas sinto que o tempo ainda não está pronto.

ROSE: Mas não posso perguntar?

BLAVATSKY: Minha querida senhora, não é sensato para ti saberes demasiado com antecedência. A propósito, devo dizer isto, embora não tenha por hábito vir, como digo, com frequência, apenas nas noites de sexta-feira. Há ocasiões em que eu, por assim dizer, simplesmente apareço. E tenho-me divertido muito contigo nestas últimas horas.

ROSE: Quem?

BLAVATSKY: Tu, minha querida.

ROSE: Porquê, porquê?

BLAVATSKY: Não fiques toda superexcitada. Encara as coisas com calma, como fazes quando te sentas, embora, por outro lado, tu não sejas realmente calma. Tu tens uma calma exterior, mas interiormente fervilhas de tal maneira com excitação que, realmente, não sei como consegues manter-te quieta. Mas deves tentar acalmar-te, ser bastante plácida quando te sentas, e deixar tudo connosco.

E quando entrares num estado de agitação, como costumas fazer, tenta dizer para ti mesma: "bem, isto não serve de todo. Calma, calma; eu serei muito mais rápida, muito melhor, se estiver calma e silenciosa quanto a isto". Além disso, não é bom para a tua tensão arterial. Não tenho intenção de te dar as boas-vindas aqui por enquanto. Tu tens muitos anos valiosos de trabalho pela frente. Além disso, o que faria o médium sem ti? Bem, quanto a isso, o que faria o Sr. Rowlinson? Tu tornar-te-ias uma segunda mãe, ou deveria eu dizer uma primeira irmã. Esta casa tem estado em efervescência hoje.

ROSE: Sim. H.P.B.? Não consigo despachar o rapaz. O que estavas a dizer? Estávamos destinados a vir para esta casa? Eu quero saber.

BLAVATSKY: Bem, eu realmente não sei.

ROSE: Não sabes.

BLAVATSKY: Pessoalmente, acho que possivelmente estavas, embora seja muito duvidoso que fiques aqui por muito tempo. Não posso dizer com certeza. Pessoalmente, acho que isto é um degrau, tal como acho que, se olhares para trás na tua vida, tudo tem sido um degrau. Por isso, esta casa servirá os propósitos por enquanto. Não se preocupe, Sr. Rowlinson, ainda terá o seu apartamento. (RISOS) Estavas a pensar no teu apartamento, então?

ROSE: Acho que não.

BLAVATSKY: Pode ter-lhe passado pela mente, sabes, de forma subconsciente. Gostava que o teu nome não fosse Leslie, para que ela pudesse tratar-me pelo meu nome. Sim. Acho que esse nome não serve de todo. Alguém que é tudo menos um querubim. (RISOS) Oh, Dr. Mario. Compreendo que H.P.B... Oh, muito obrigada. Tenho pensado tanto em si, Dr. Mario.

DR. MARIO: Tenho a certeza de que sim. Sim, eu... Desde que tenhas um cuidado razoável com a tua saúde; leva-a com a alma, e há muitos, muitos, muitos médicos.

MICKEY: Ele é o líder de um vasto grupo de curadores e médicos. Não creio que o Sr. Leslie me ouça devidamente, mas eu...

ROSE: Sim, vamos reproduzir a gravação depois.

MICKEY: Mas eu também lhe estou a dar, claro... Oh, ele está aqui. Gostava que ele sentisse o meu poder para fazer o cabelo dele crescer.

ROSE: Acho que trabalhará maravilhosamente para ele, Doutor. Muito bom. Deus abençoe o seu paciente. Adeus. Eu agradeço tudo.

MICKEY: O Doutor disse que estava a trabalhar sob as ordens do Abdul, e o Abdul era o líder de um grande grupo de almas cuja tarefa é vir ao mundo para ajudar a curar os doentes e os que sofrem.

ROSE: Obrigada.

MICKEY: E que ele trabalha contigo e te ajuda, e está a tentar ajudar-te com a tua audição, para garantir que possas ouvir devidamente; e ele diz que, se estivesse ao alcance dele, faria o teu cabelo crescer.

LESLIE: Obrigado, mas ele também me faria emagrecer.

MICKEY: Bem, não faz sentido estares magro e estares doente.

LESLIE: Oh, eu não vou ficar magro e doente, não te preocupes. Prefiro ser gordo e estar bem.

MICKEY: É o teu jeito natural ficares um bocado assim, por isso para quê preocupar-se? Isso também é pior, não é? Da mesma forma, se a Rosie ficasse demasiado magra, ficaria doente, tenho a certeza que ficaria. Além disso, ela pareceria estranha. Ficaria magra demais. Ficaria magra demais, não ficaria? Pareceria estranha.

ROSE: Tu não me reconhecerias então, Ricky.

MICKEY: Oh, eu reconhecer-te-ia mesmo que ficasses em esqueleto, mas não quero isso. Não, ainda não, querida. Estás bem como estás, és tu. Mantém-te assim.

ROSE: Oh, está bem, querido. Claro, podes perder uns quilitos se quiseres, mas eu não tenho de o fazer.

MICKEY: Tu fazes-me rir, Rosie.

ROSE: Eu? Porquê, querido? Diz-me porquê.

MICKEY: Não te posso dizer as coisas de que gosto. Pergunto-me se o farei. Pergunto-me se o farei. Está bem. O pobre do Bill deu ao suor hoje, não deu?

ROSE: Sim, ele está a fazer isto parecer-me bem.

MICKEY: Oh, sim, ele despachou o trabalho. Parece adorável, sim. Tenho andado muito pela casa hoje.

ROSE: Tens? Oh, ontem isto esteve um pandemónio. Oh, o que poderia acontecer, realmente? Alguém disse que a H.P.B. disse que a casa estava degradada. E eu também não quero o gremlin sentado em cima da porta. O que estás a pensar, Ricky? Sim? O gremlin sentado em cima da porta. Boa noite.

CHOPIN: Sim, conseguimos ouvir-vos bem. Já vieram ter connosco antes? Isso é verdade ao máximo. É? Não o Frédéric? Eu vi, mas estava muito perto dela. Sim, estou tão feliz por teres vindo. Sabes, é muita gentileza tua vires. Mas é um grande prazer. Afinal de contas, tu sabes tudo isso bem. Sim, eu sei. Embora tu sejas a única pessoa que percebe que eu venho. Os outros são cegos e são apenas... Não, eu não vim, mas assim que o meu... ah, assim que o teu quarto for tornado agradável. Sim. Bem... Sim, eu prometo-te, vou fazê-lo.

ROSE: Espero que sim.

CHOPIN: Sim, eu fá-lo-ei. Além do desejo no teu coração de o fazer. Tive apelos para praticar mais. Ah, não, talvez tenham sido um enigma. Sim, e se eu...? Bem... Sim, eu fá-lo-ei. Juntos. É bom saber isso. Música... Sim. Tu sabes o que eu quero dizer.

ROSE: Eu sei. Muitas vezes me sentei quando estava em todo o tipo de estados de espírito.

CHOPIN: Eu sei. E ajudou-te muito. Bem... Tu achas? A bola está na mão que sempre tiveste.

ROSE: Eu tive.

CHOPIN: Tudo foi para um propósito, embora tu nem sempre o visses. Mas tudo tem um propósito. Está bem. Eu devo ir, sabes.

ROSE: Está bem.

CHOPIN: Boa noite.

ROSE: Muito, muito obrigada. Boa noite. Por falares comigo como fizeste. Chamaste-me "querida"?

CHOPIN: Eu chamo-te "darling" (querida/amor).

Notas:

A Calma de Rose: Blavatsky observa que, embora Rose aparente calma, a sua "efervescência" interior afeta a sua saúde e a vibração da sessão.

O Mistério da Casa: Discute-se se a mudança de casa foi predestinada, sugerindo que o local atual é apenas uma etapa de passagem.

Curiosidade Médica: Mickey menciona o Dr. Mario e Abdul (líder de um grupo de curadores), ligando o trabalho espiritual à manutenção física de Leslie e Rose.

O Toque de Chopin: O encerramento com Frédéric Chopin é íntimo; ele valida a ligação de Rose com a música como um bálsamo para os seus estados de espírito e termina com um tratamento afetuoso.

BLAVATSKY 3
WILL ROGERS, DRAYTON THOMAS
E A DIVINDADE INTERIOR

Participantes: Rose Crete, Leslie Flint
Comunicantes: Will Rogers, Drayton Thomas, Marie, H.P.B. (Blavatsky), Mickey, Abdul.

WILL ROGERS: Olá. Olá. Olá. Olá. Conseguem ouvir?

ROSE: Sim. Sim. Sim, conseguimos ouvir-te.

WILL ROGERS: Calculo que vais ficar terrivelmente surpreendida quando souberes quem é que está a tentar falar contigo.

ROSE: Quem? Quem pensas que é? Diz-nos quem és.

WILL ROGERS: Americano.

ROSE: Americano, sim.

WILL ROGERS: Isto é uma coisa bastante nova, sabes. Não estou muito habituado a isto. Tu tens de ser muito paciente comigo, sabes, antes de eu ser capaz de fazer isto por ti.

ROSE: Consigo ouvir que estás a passar muito bem.

WILL ROGERS: Sim, tu consegues ouvir o que eu digo.

ROSE: Muito bem mesmo. Sim. E o teu sotaque americano e tudo o mais soa bonito.

WILL ROGERS: Bem, muito obrigado, mas disseram-me, sabes, quando eu estava na encosta da montanha, que não era assim tão bonito.

ROSE: Bem, soa bonito agora, de qualquer maneira. Quem és tu? Ainda estás aí? Podes dizer algo? Olá. Olá.

WILL ROGERS: Quem? Roma o quê? Não, não, Ruth Rowland.

ROSE: Oh, sim, sim, sim. Ruth Rowland.

WILL ROGERS: Sim, ela é uma... Se tu te confundires como te confundiste nos últimos dias, não sei se tiveste apenas uma o quê, tens agora meia dúzia ou algo assim. Bolas (Blimey), se tiveres mil ou uma centena ou coisa parecida, não sei o que vais fazer. Sabes, estou a ficar bastante convencido com este miúdo [Mickey] que tu tens por aqui.

ROSE: Não, tu manténs o teu sotaque americano também.

WILL ROGERS: Sim, mas de vez em quando eu agarro-me à personalidade oral do Mickey. Tenho muitas conversas com ele, sabes, e fico com parte da mentalidade dele, acho eu.

ROSE: Oh, não, não, não sejas assim porque não seremos capazes de te reconhecer.

WILL ROGERS: Sim, não serei. Bem, ele certamente faz isso em primeiro lugar, não faz? Olá? Olá?

ROSE: Há alguém a tentar falar, mas receio que não consigamos ouvir-te muito bem. Tenta falar um pouco mais alto, queres? Olá, olá. Olá?

WILL ROGERS: Olá a todos. Olá, como estão? Boa noite, boa noite para todos vós.

ROSE: Boa noite.

WILL ROGERS: O meu nome é Will Rogers.

ROSE: Oh, Will Rogers.

WILL ROGERS: Sim, sou apenas um da grande família feliz que está toda por aqui esta noite. Sim. Não creio que possa ficar muitos minutos, mas só queria que soubesses que estamos aqui quatro de nós com todos os rapazes e raparigas.

ROSE: Oh, isso é ótimo.

WILL ROGERS: Enviamos o nosso amor a cada um de vós.

ROSE: Oh, obrigada.

WILL ROGERS: E a todos os nossos amigos que se lembram de nós no plano terrestre. Boa noite.

ROSE: Boa noite. Muito obrigada. O nosso amor para todos vós também. Sim. Will. Sim. Olá? Oh, então o Will está ali. "O meu velho caiu na cama, no seu 'dilly dally' no arame..." (My old man is falling in bed, down his dilly dally on the wire). O meu velho. Queres cantá-la?

ROSE: O quê? Não eras tu que estavas a cantar isso, pois não, miss? Eu disse: queres tentar cantá-la?

ROSE: Eu? Sim, canta-a. Oh, eu não saberia dizer... não sei a letra disso. Não eras tu, Nick [Mickey], pois não?

MICKEY: Não, é algum... Eu ia dizer, não era o Nicky também.

ROSE: Nicky, quem era esse a cantar? Canta para mim. "O meu velho, da, da, da, da, e o 'dilly dally' no arame..." Não sei mais nada. Da, da, da... de quem era aquele braço? Era o teu relatório, não era? Era do meu advogado, não era? Era o Nick? Talvez fosse ela. Boa noite, quem é?

DRAYTON THOMAS: Boa noite. Boa noite.

ROSE: Tenta dizer-nos algumas palavras, por favor.

MICKEY: Ele está com comichão. Eu estava a coçar o meu joelho e ele está com comichão.

ROSE: Isso é adorável. Maravilhoso como consegues ver isso, hein? Sim. Perdoe-me, senhor. Olá.

DRAYTON THOMAS: Sem dúvida que serei capaz de o fazer melhor. Olá. Olá.

ROSE: Não sei quem é.

DRAYTON THOMAS: Drayton Thomas.

ROSE: Exato. Como estás? Como vai, Drayton?

DRAYTON THOMAS: Oh, como vais? Encantado por estar aqui. Terrivelmente interessado em tudo o que estão a fazer. A ajudar em tudo o que me é possível. Dá o meu amor a todos os meus amigos. Volto em breve. Farei melhor de cada vez. Boa noite.

ROSE: Boa noite. Boa noite. Olá. Olá.

MARIE: Estou tão feliz por poder vir falar contigo. É uma coisa maravilhosa. Só gostava que fosse possível vir sempre falar contigo. Mas isso não seria justo, pois afinal as outras pessoas querem vir. Mas eu vou vir ocasionalmente. Vou falar contigo e conversar e conversar, sabes. Estou tão excitada, sabes. Não sei o que te dizer agora que estou aqui.

ROSE: Porquê? Porquê? Porque estás excitada?

MARIE: Por ser capaz de falar contigo. Não é por si só suficiente para deixar qualquer pessoa excitada?

ROSE: Sim, acho que tens razão. Isto é maravilhoso. Magnífico. Tu és francesa, não és?

MARIE: Si? Sim. Tu sabes?

ROSE: Sim. Sei pelo teu sotaque. Sotaque muito bonito.

MARIE: Eu tenho de o aprender. Inglês.

ROSE: Sim. Conta-nos sobre ti. Essa é uma maneira de praticares agora. Tu apenas tenta dizer algo sobre ti. E serás capaz de vir frequentemente e falar e tornar-te muito, muito eficiente nisso. Estás aí? Mademoiselle? Talvez Madame.

MARIE: Eu quero dormir agora.

ROSE: Parle Francais avec nous. Acho que ela se foi. Parecia muito a Irmã Maria.

LESLIE: Não, não era ela. Não era, mas parecia, sabes, aquele tipo de som.

ROSE: Sim, sim. Tem, sim. Sim, sim. Nicky? Olá? Olá?

MICKEY: Eu disse-te que seria difícil. Sim. Está muito bom então. Sim, está muito bom esta noite, considerando todas as coisas. Sim, sim. É tudo cativante.

ROSE: Fala um pouco mais alto, amigo, queres?

MICKEY: Sim. Oh, assim está melhor. Está melhor agora. Consegues ouvir-me? Não. Porque não consegues falar? Muito bom ouvir-te falar. Pergunto-me quem será. Consegues dizer-nos quem és? Olá. Olá. Oh, isso é adorável. Estamos a tentar tanto, sabes, Maria.

MARIA: Oh, Maria. Estamos a fazer o nosso melhor por ti, mas não é assim tão fácil, sabes.

ROSE: Oh, Maria, veio alguém, veio outra senhora francesa, parecia-se contigo. Eras tu?

MARIA: Não. A paz esteja contigo.

ROSE: Quem é esse? Quem é que está a falar? O poder está a ir-se.

MICKEY: Sim, achei que tinhas dito isso, Nick. Nicky? Achei que era.

ROSE: Quem era este último? Era o Abdul?

MICKEY: Sim. Não consigo aguentar. Boa noite.

ROSE: Boa noite, Nick. Muito obrigada, Nicky. Boa noite. Adeus. Boa noite, H.P.B., e muito obrigada. Boa noite, H.P.B., e muito obrigada.

H.P.B. (BLAVATSKY): Boa noite. Não é assim tão tarde, sabes. É um bocado complicado por causa das tarefas, não é? Oh, são dez para as nove, sete. Claro que sabemos. É espantoso, não é? Dos deuses, há alguma descrição ou outra, invariavelmente falsas, claro, enquanto que o homem real é aquele que adora não a si próprio, mas à parte interior de si mesmo que ele sabe estar além do material, além do físico; essa é a realidade, o indivíduo real, o ego, chama-lhe o que quiseres, que é parte de algo divino.

Ele pode não compreender o que é uma divindade, ou o que é o plano divino, ou como ele se encaixa no quebra-cabeças da vida, mas o ponto é que ele sabe que é, dentro de si mesmo, algo muito maior do que aquilo que aparenta; e cabe-lhe a ele desenvolver essa parte de si mesmo até que ela se expanda, até que ele rebente as amarras das condições materiais em que se confina, ou se confinou pelos seus pensamentos e educação e por aí fora através de séculos de tempo, e gradualmente se torne, por assim dizer, divino.

Não há limites para o que um homem se pode tornar. Jesus fez coisas maiores do que os antigos judeus, de acordo com o meu pai, e não há dúvida nenhuma de que Jesus sabia do que estava a falar. Todas as coisas que Jesus fez eram lei natural. Ele sabia como recorrer aos recursos naturais da natureza, e aos poderes além do mundo terreno, e forças de uma condição inteiramente superior, forças espirituais.

ROSE: Como é que ele conseguiu obter esse poder?

H.P.B.: Por causa do seu desenvolvimento e perceção interior e, obviamente, porque ele foi enviado à terra num corpo físico para uma missão.

Ele era uma alma antiga, uma alma muito evoluída e experiente, e ele aprendeu como superar a carne, mas teve de assumir o veículo da carne para se expressar às pessoas do seu tempo.

ROSE: Suponho que ele desceu para uma missão especial, não foi?

H.P.B.: Oh sim, mas claro que houve muitos outros que desceram para o ver antes. Mas quão frequentemente o mundo o escuta? Eles crucificam-no, apedrejam-no até à morte, metem-no na prisão, fazem tudo debaixo do sol, em vez de o escutarem, invariavelmente. Se o escutassem, não precisariam deles.

ROSE: O quê?

H.P.B.: Se o escutassem, não precisariam deles.

ROSE: Não lhes dariam atenção ou não precisariam deles?

H.P.B.: Não precisariam deles. Ah, se escutassem e seguissem, não precisariam deles com o tempo.

O Snowball Espiritual e a Quarta Dimensão

ROSE: Oh, se eles fossem capazes, diria eu, se fossem capazes de seguir o que ele disse, não teriam precisado deles em primeiro lugar. Gosto bastante dessa ideia. Bem, resumidamente, se o homem é capaz de perfeição nesta vida, então...

H.P.B. (BLAVATSKY): Ah, eu não disse que ele era capaz de perfeição, percebeste-me mal aí.

ROSE: Não, eu não disse que eras. Mas o meu ponto era que é óbvio que uma pessoa que está muito acima das outras não poderia possivelmente ser compreendida ou seguida, talvez numa pequena medida, mas não na medida em que lhe é permitido.

H.P.B.: Bem, depende, isso depende, afinal de contas. Tu pegas numa criança na escola: o professor é muito mais desenvolvido, obviamente, do que a criança, mas ele ensina e imbui uma certa quantidade do seu conhecimento na "caixa dos miolos" da criança; o mesmo acontece com qualquer grande

mestre espiritual que venha ao teu mundo. Ele pode imbuir alguns dos seus ensinamentos, pelo menos, em alguns dos "cabeças-duras" que andam pelo teu mundo. Há uma pequena diferença: a diferença de qualidade entre o professor e a criança é muito menor do que entre alguém de grande desenvolvimento mental e o homem comum.

ROSE: Bem, está bem, concedo-te isso.

H.P.B.: Mas o ponto é que, se um grande mestre vem ao mundo e consegue convencer milhares, digamos, e ajudar esses milhares a desenvolverem-se dentro de si mesmos e mostrar-lhes e ajudá-los a desenvolver as suas próprias qualidades espirituais para que eles também possam fazer e realizar os milagres que eles domaram no teu mundo — porque não são compreendidos, mas são apenas leis naturais explicadas e trabalhadas e por aí fora —, então esses milhares podem tornar-se discípulos, podem converter outros mil, e assim por diante. Cresce como uma bola de neve e, com o tempo, todos se tornam convertidos, e todos ficam então conscientes destas coisas que estamos a tentar dar-vos.

ROSE: Sim, mas durante a conversão, a coisa apaga-se a si própria, de modo que chegas a um ponto em que não estás consciente disso de todo.

H.P.B.: Bem...

ROSE: Exceto por algumas pessoas que, por razão do que foi dito, conseguem desenvolver-se espiritualmente.

H.P.B.: Bem, Jesus disse: "a menos que sejais como criancinhas, não podereis entrar no reino dos céus", o que é perfeitamente verdade, porque a pessoa comum que vem para aqui, vai para um certo plano de existência de acordo com o seu desenvolvimento. Bem, como o desenvolvimento de todos é tão limitado e tão pequeno, e o seu aspeto material é tão forte, e a sua visão e por aí fora resume-se a coisas materiais, eles encontram para si mesmos o que poderias chamar de uma réplica das coisas materiais até certo ponto.

E eles já limitaram a sua própria entrada no reino de Deus, porque não foram como crianças na medida em que não se esforçaram para aprender, não se deram ao trabalho de aprender as lições reais que importam — as lições concernentes às coisas do espírito e às suas próprias qualidades interiores.

Eles só se preocuparam com o materialismo e, em consequência, não se desenvolveram de todo; e ficaram tão inchados com a sua própria vaidade, e acham que sabem tanto, e não sabem nada de nada fundamentalmente sobre as coisas que realmente importam. Em consequência, limitaram-se até certo ponto e, quando vêm para aqui, não são muito felizes.

ROSE: Eu pensei que tu dizias sempre que isto trazia felicidade.

H.P.B.: Oh, eu estou a falar de pessoas que, quando vêm para aqui pela primeira vez, são felizes no seu próprio condicionamento, na medida em que acham que é bastante maravilhoso; mas não são realmente felizes quando começam a sondar e começam a pensar e começam a ver que estão a viver, num certo sentido, num paraíso falso. Então começam a agitar-se um pouco, começam a querer saber e a desenvolver-se e a espiritualizar-se, e então começam a progredir. Antes de poderes ter progresso, podes ter um período de descontentamento.

ROSE: Sim. O descontentamento é uma coisa boa.

H.P.B.: Sim, o descontentamento é uma coisa muito boa, se for o tipo certo de descontentamento. Depende do que te deixa descontente. O primeiro passo na estrada do progresso é estares descontente contigo própria. A pessoa que está muito satisfeita consigo mesma, ou que acha que se saiu muito bem na vida, é a pessoa que tem mais a aprender.

ROSE: Isso é verdade. Estou muito entusiasmada esta noite, Mickey.

MICKEY: Bem feito, Mickey! Estás? Bem, tu apanhaste-me nessa. Mais vale "moer-te o juízo" enquanto faço o que eles estão a fazer.

ROSE: Oh, adorável. Aquele cão, o que é que se passa com ele esta noite?

MICKEY: Não sei, Rose. Calculo que ele viu um São Bernardo. Estará ele no espírito daquele para o bingo? Bing e bang? Não sei se ele tem ali uma garrafa de rum. Uma garrafa de rum. Bem, espero que não seja nada disso. Isso é "óleo de lâmpada espiritual". Isso é uma lâmpada espiritual. E é nisso que estou a tentar transformar o "Ginger": num poste de iluminação espiritual.

LESLIE: O que é que isso supostamente é? Uma lâmpada espiritual?

MICKEY: Uma lâmpada espiritual. Sim, porque a tua cabeça será iluminada com sabedoria. Adorável.

ROSE: Oh, isso é adorável.

MICKEY: Não importará, Eddie, se os cães vierem e urinarem contra ti, pois não? Tu pões a tua cabeça acima das nuvens e dás-lhes uma boa luz. Vês, eu corto isso. Estou a raciocinar, acho eu. Estou a raciocinar, acho eu. Woofie! O Woofie está bem lançado esta noite. Algo deve ter desacreditado, no entanto. Pergunto-me o que aconteceu. As portas estavam fechadas, tu fechaste as portas. Sim, parece que sim. Oh, não sei. Parece que ele ladra e ouve alguém a sussurrar ou algo do género. Há mais alguma coisa que me queiras perguntar antes de eu ir?

ROSE: Sim, querido. Bem, há um ponto que tu provavelmente acharás muito difícil de me explicar. E tu disseste algo há pouco sobre viver num mundo quadridimensional.

MICKEY: Sim.

ROSE: O que querias dizer com isso?

MICKEY: Bem, tu vives numa terceira dimensão, não vives?

ROSE: Sim, com uma quarta dimensão bem real: o tempo. Está a correr continuamente.

MICKEY: Bem, vês, enquanto tu não podes voltar atrás no tempo, por exemplo, nós podemos. Por exemplo, se eu quiser passear de volta, digamos, ao século X ou ao século IX, ou ao século XVIII ou ao século XV, ou voltar às eras egípcias sobre as quais tu lês frequentemente e gostas de saber, a coisa mais simples para nós, uma vez que saibamos como fazê-lo, é voltar lá para dentro. Ainda lá está. Não deixou de existir. Por outras palavras, o tempo para ti é uma dimensão como o espaço. Tudo o que aconteceu está registado e está permanentemente lá, e é possível para nós tornarmo-nos "solidificados", num certo sentido, se puder pôr as coisas assim, com isso, quando se sabe como fazê-lo.

ROSE: Sim, então atravessar o tempo é para vós equivalente a atravessar o espaço.

MICKEY: Olha, tu não podes ir para a frente no tempo até ao momento em que ele entre naturalmente em vigor. Mas nós podemos voltar atrás, enquanto tu não podes. Tu vês, por exemplo, tudo o que aconteceu, aconteceu, mas ainda lá está.

ROSE: Sim, eu sei.

MICKEY: E tudo o que vai acontecer está a registar-se. Não sei como explicá-lo. Não, acho que tenho de olhar para isso no futuro. É algo que nós... o que acontece amanhã, dizemos nós, já aconteceu. Não conseguimos entender porque estamos fora do tempo. Mas continuaremos este assunto esta semana. A partir desse ponto: a quarta dimensão. Boa noite.

ROSE: Boa noite. Abençoado sejas, querido. Muito obrigada.

LESLIE: Foi bastante interessante esta noite, não foi?

ROSE: Sim. A coisa aqueceu mesmo, não foi?

LESLIE: Sim. Se não fosse por mim e pelos meus chinelos, eu empurrava os meus chinelos para fora das rodas e via. Não os volto a calar. Tu nem sequer desejas voltar atrás. Eu sei. É intenso. Sou uma máquina própria. Não sei o que está errado. Não sei o que está errado.

Notas:

Personalidades Múltiplas: Nesta sessão, vemos o esforço de várias entidades (Will Rogers, Drayton Thomas, Marie) para usarem a "caixa de voz" mediúnica pela primeira vez ou após muito tempo. Will Rogers admite que a sua voz às vezes se mistura com a mentalidade do Mickey por estarem a partilhar o mesmo canal vibratório.

Drayton Thomas: Um nome importante na história do espiritualismo britânico (investigador psíquico), que aqui se apresenta para incentivar o trabalho de Rose e Flint.

O Ego Divino: Blavatsky (H.P.B.) encerra a sessão com uma palestra profunda sobre a natureza humana. Ela define o "homem real" como o Ego que transcende o corpo físico e explica que Jesus não era um ser "sobrenatural" no sentido de violar as leis, mas sim alguém que dominava a Lei Natural e as forças espirituais através de uma evolução milenar.

O Conceito de Snowball Espiritual: Blavatsky explica a progressão da verdade como uma reação em cadeia. Um mestre ensina milhares, que se tornam discípulos e ensinam outros, até que a consciência espiritual se torne universal.

O Falso Paraíso: H.P.B. descreve um estado comum no além onde as almas, por terem mentes muito materialistas, criam uma réplica do mundo físico para se sentirem confortáveis. Contudo, o verdadeiro progresso só começa quando surge o "descontentamento" com essa ilusão.

A Quarta Dimensão (Tempo): Mickey oferece uma das explicações mais fascinantes da série: no mundo espiritual, o tempo é espacializado. O passado não deixou de existir; ele está registado e pode ser "visitado" e "reabitado" como se fosse um lugar geográfico.

Tratamento: O Dr. Marshall e os guias mantêm o tratamento por "tu" para com a Rose.

BLAVATSKY 4
PIRÂMIDES, AKENATON
E A LUTA ENTRE BEM E MAL

Data: 23 de abril de 1954
Médium: Leslie Flint
Participantes: Rose Crete, Leslie Flint
Comunicantes: Mickey, Helena P.B. (Blavatsky), Faraó (associado a Akenaton)

ROSE: Que trio. De todos os milhões fervilhantes do mundo. Sim, senhor. Sobe daí, Rosie. Parecemos estar a milhas de distância um do outro agora. Olá. Traz essa coisa para mais perto. Está bem. Se eles estão tão longe,

isso é... Porque eles trazem a coisa deles para mais perto. Se eles estão tão longe de mim, isso é a nossa querida. Eles trazem a coisa da voz para mais perto, não trazem? Do que é que te estás a rir? Tu és tão tonta. Espero que grave devidamente. Ora, isso é... (RISOS). De qualquer forma, tu tiras algum divertimento de nós, Joe. Sim, embora sejamos peculiares depois de milhões fervilhantes. Tu deixas-nos sempre no mesmo padrão, não deixas? Bem, isso é aceite, claro, eu sou... Maluca. Isso é péssimo. Brilhante. Está bem. O que é este cheiro? Oh, nada.

Tenho um sentido de humor estranho. Esteve um dia adorável hoje, não esteve, Leslie? Sem sol. Perdão? Não houve sol, pois não? Agora, o que eu disse a isso? (RISOS) Tu vens no domingo, Leslie?

LESLIE: Sim.

ROSE: Qual domingo? Este domingo. Onde? 140 Westbourne Terrace, W2. A festa da Rose.

LESLIE: A festa da Rose?

ROSE: A festa da Rose. Vens ao casamento, este é o nosso casamento.

LESLIE: Que casamento? Vir ao casamento? O casamento do Mike.

ROSE: Bem, nós não vamos ao casamento dele. Oh, aqui é onde deveria estar. Acabei de tomar um banho quente e adorável. Eu não. Tu transformaste-te numa lagosta ontem à noite. Transformaste? Isso incomodou-me. Era muito perigoso lá dentro, não era? Era. Eu costumava entrar num banho razoavelmente quente e manter a torneira de água quente aberta para que a água ficasse cada vez mais quente. Fazias isso? Gosto de um bom banho quente. Não sei se é muito sensato fazer isso, mas... Não temos ouvido o velho Sam ultimamente, pois temos?

LESLIE: Não. O nome dele era Sam, não era?

ROSE: Sim. Até agora não foi mais longe com a sua pequena história. Oh, suponho que haja tantas pessoas para vir. Bem, ele teve boa prática. Alguém apareceu. Acho que ele foi passar o fim de semana fora, não foi? Eu chamei-o, Mãe. Mickey? Mickey?

MICKEY: Nós estamos aqui. Estamos aqui. Em quartos. Às vezes penso que seria melhor se tivéssemos mais assistentes, sabem.

ROSE: Exato. Se tivéssemos mais assistentes. Nós somos muito bons. Mãe, se tu não tens nada a ver com isto, eles estão a fazer todo o trabalho e sabem o que querem. Ele acha que seria melhor se tivéssemos mais assistentes. Oh, valha-me Deus. Oh, querido, isso é tão engraçado. Esquece a "Sra. Coisa" que temos de contar. O quê? A da Sra. May. Oh, bolas. Que pavoroso. Não, o facto é que ele fartou-se de nós dois. Ele quer caras novas. Ele quer caras novas no escuro. É isso.

BLAVATSKY (H.P.B.): Se e quando precisarmos de novos assistentes, nós dir-vos-emos.

ROSE: Oh, muito obrigada, Keith. Quem me dera que mantivesses isso. Ele só está a chamar o Alex. Acho que ele tem alguém em mente.

BLAVATSKY: Sim. Embora eu aprove o cavalheiro em questão, não creio que nesta fase precisemos de novos assistentes. Estamos bastante contentes por ficar como estamos. As condições são excelentes. O poder é bom. Consegues ouvir?

ROSE: Muito bem, sim. Muito bem mesmo.

BLAVATSKY: O extraordinário é que tu pareces ser capaz de me ouvir e, no entanto, às vezes não ouves as pessoas do teu lado.

ROSE: Isso é engraçado, sim. Mas a sua voz é sempre muito, muito clara, sabe. A sua dicção é muito clara, e acho que é por isso que ouço tão bem.

BLAVATSKY: E como estás tu esta noite, minha querida? Estás melhor?

ROSE: Sim, obrigada, estou bem.

BLAVATSKY: Acho que ficaste com a impressão de que eu me tinha referido à tua saúde e, em consequência, achaste melhor dizer ao teu amigo que não tinhas estado tão bem no início da semana.

ROSE: Sim, eu disse-lhe.

BLAVATSKY: Caso contrário, provavelmente não o terias mencionado. Aí tens.

ROSE: Eu pensei nisso, sim.

BLAVATSKY: No que toca a ser gulosa... eu não acho que ela seja gulosa. Acho que ela já devia saber o que lhe convém e o que não lhe convém.

ROSE: Oh, sim.

BLAVATSKY: E, em consequência, tenho a certeza absoluta de que ela terá mais cuidado com o que come. Não podemos permitir que fiques doente. Precisamos demasiado de ti. De mais do que uma maneira.

ROSE: Não me conta?

BLAVATSKY: Oh, não, não, não. Acho que tu sabes muito bem. Porque estás a suspirar? Vá lá, rapazes, porquê? É apenas um hábito. Felizmente, tenho um sentido de humor muito apurado. É essencial, acredita em mim.

ROSE: O que vai acontecer ao meu negócio do dia a dia?

BLAVATSKY: Provavelmente surpreender-te-ia se eu te dissesse que há alturas em que nós próprios não sabemos.

ROSE: Oh, como é isso?

BLAVATSKY: Tanto depende das condições que prevalecem na sessão. As condições em si são compostas por tantos elementos diferentes no vosso lado e no nosso. E embora possamos ter, por assim dizer, planos para fazer certas coisas, não há garantia de que as faremos. Na verdade, só podemos dizer com alguma certeza que realizámos algo quando isso realmente acontece. E mesmo aí não temos a certeza absoluta se passou devidamente.

ROSE: Oh, compreendo.

BLAVATSKY: Cada sessão é uma experiência e nunca é exatamente igual. As condições nunca, nunca são exatamente as mesmas. Acho que estás com disposição para fazer perguntas esta noite.

ROSE: Oh, sim. Tenho a certeza que sim. (Pausa) Há anos que estou muito interessada no período [do Antigo Egito] que parece ser a média para toda a gente. E acho que tem algo a ver com as constelações e com o estudo da astrologia e por aí fora. E acho que foi construído sobre esse plano, o plano do Zodíaco. É assim?

BLAVATSKY: Creio que, em primeiro lugar, as pirâmides foram originalmente projetadas em parte como um lugar de descanso de reis e em parte como um templo no qual os sacerdotes, a intervalos regulares, comunicavam com entidades do nosso lado da vida e recebiam orientação e instrução. E creio que não há dúvida de que existe um plano em relação à construção. Acho que a mera ideia de que são apenas lugares de descanso em si mesmos é apenas parte da verdade.

ROSE: Não é suposto haver lá túmulos de alguns faraós?

BLAVATSKY: Originalmente não há dúvida de que elas abrigaram certos reis. Mas creio que em tempos posteriores — e refiro-me a tempos posteriores de talvez mil ou dois mil anos atrás — certos corpos foram removidos por segurança e enterrados noutro lugar. E gradualmente tornaram-se, por assim dizer, meras cascas do que eram originalmente. Acho que devem ter sido saqueadas em muitos períodos da história e muito foi removido delas. Não há dúvida de que foram usadas não apenas como túmulos, mas como um lugar de encontro ou um lugar onde sacerdotes e videntes se reuniam para comunicação e conhecimento, e também onde recebiam uma grande dose de iluminação para ajudar nos assuntos do seu país.

Estou apenas a dizer-te coisas que me foram contadas. Não professo saber com qualquer precisão real, embora não tenha razão para desacreditar no que me foi dito. Creio que, se a verdade fosse dita, elas foram usadas em vários períodos da história para diferentes propósitos. Mas certamente havia lá câmaras, dizem-me, que eram usadas como salas de sessões.

ROSE: Sim.

BLAVATSKY: Sim, pode-se dizer. Eram certamente usadas para o propósito de comunicação e os videntes e sacerdotes reuniam-se em certos períodos quando o sol estava no auge e a lua em diferentes fases. Mas eu poderia, sem dúvida, trazer alguém que entrasse em mais detalhes, provavelmente dar-te-ia muito mais sobre isso do que eu.

ROSE: Isso seria muito, muito interessante. Gostaria de ir mesmo ao fundo da questão e tentar compreender, desde o início, originalmente, o que estava na mente dos homens quando construíram aquilo e o propósito e tudo o mais.

FARAÓ (Entidade do Antigo Egito): Ah, Rose, estou tão feliz por teres vindo. Parte do qual é um santuário. Em cada sala ou compartimento, havia um faraó e, a intervalos regulares, reuniam-se os sacerdotes e davam-lhes informações sobre qualquer altura em que houvesse grande necessidade. Se houvesse fome, se as águas secassem, iriam ali rezar e pedir orientação. Foi construído por cada um que governou o que agora chamam de Egito.

A certa altura houve grandes colorações e em certas salas foram colocadas nas paredes profecias que estavam por vir, coisas que iriam acontecer. E também do ponto mais alto da pirâmide havia o que chamariam de câmara, que era um período de tempo. Entrar no que agora chamam de condição e visitar os reinos ocuparia o espaço do vosso tempo em que querem os seres espirituais, por assim dizer, com eles. E após um período de tempo, talvez fossem várias semanas do vosso tempo, voltariam ao corpo a que chamam e, após um espaço de tempo, a porta seria aberta.

E aqueles que estavam ao redor, que eram artistas, que também faziam parte do que era retratado... era sempre considerado que os templos que eram construídos na forma que apontava para os céus, e onde jaziam os reis, que eles iriam, por assim dizer... e no caso de Roma, tanto poderia ser dito sobre as pirâmides. Porque agora percebo que em alguns aspetos nós fomos, digamos, não tão avançados. Porque houve aqueles que em vários momentos usaram as pirâmides e foram eles que, por sua vez, com o tempo, trouxeram a destruição. Aquilo que está dentro da pirâmide hoje contém muito de natureza oculta e uma grande força e poder ainda lá estão.

Mas eu recordar-te-ia, sem dúvida sabes, que quando os reis, certas pessoas, iriam transmitir e conduzir, muitas coisas foram feitas na Inglaterra. E embora houvesse aqueles, sim, que eram de um elevado avanço mental e espiritual, eu parecer-te-ia ser...

ROSE: Bem, parece estranho que após tantos anos as influências malignas ainda estejam lá, porque creio que as pirâmides teriam sido construídas há cerca de 10.000 anos ou algo assim.

FARAÓ: O tempo, minha criança, é nada. Não foi há assim tanto tempo no teu mundo. Não foi o desejo ou a vontade em torno daquele edifício de uma entidade... uma pessoa pode avançar e mudar.

ROSE: Creio que ainda existem profecias, ainda materializadas, de acordo com o que li sobre as pirâmides, e creio que houve uma raça chamada os "Elfos" ou algo parecido, que originalmente as construiu. Está certo, Faraó?

FARAÓ: Creio que foram uma raça muito oculta, uma raça muito evoluída, e foram eles que adoraram o sol, eles que adoraram — era simbólico disso —, e é por isso que foram construídas como degraus, degrau a degrau nas paredes exteriores, largas, e vais subindo gradualmente, sempre para cima, até que certos ruídos eram feitos. Eles reverberavam.

ROSE: Que ruídos eram esses e como eram feitos para reverberar?

FARAÓ: No tempo do primeiro, ligado por assim dizer com povos de várias raças e tribos, não muito diferente no sentido de que, como eu sei, não era da mesma maneira, mas eles tinham o seu próprio método.

ROSE: Em que época estavas vivo na terra? Deve ter sido há... bem, há séculos, imagino. Acho que tens alguma ligação com o Faraó, não tens?

FARAÓ: Vivi no tempo de Akenaton.

ROSE: Não sei quem ele é, em que época foi.

FARAÓ: Minha querida senhora, não é fácil para mim dizer-te o tempo quando percebes que o teu tempo é agora o que chamas de fim do domínio.

ROSE: Estiveste antes de Cristo? Disseram-me que sabes muito sobre o oculto e há imensas coisas que eu realmente quero compreender porque tudo parece tão misterioso. Mas gostaria de compreender algumas das coisas que acontecem no mundo.

FARAÓ: Minha criança, faz parte da minha tarefa ajudar-te desta forma. Há tanto bem e, ao mesmo tempo, há tanto mal, e ambos parecem estar misturados.

ROSE: É isso que eu gostaria de compreender.

FARAÓ: O bem e o mal não são estradas separadas, embora alguns queiram que penses assim; fluem no mesmo fluxo. Aquilo que é mal é tudo parte do mesmo barco. Todos devem aprender através da experiência e, muitas vezes, através do erro, muitas vezes através de coisas que são muitas; e se o caminho fosse sempre fácil, não haveria... sim.

ROSE: Sempre estive interessada no que chamam de magia negra. Não interessada realmente, mas gostava de saber algo sobre isso e como é possível para... Forças baixas sendo... O que chamam de elementais, está certo?

FARAÓ: Existem elementais terrestres. Existem elementais na natureza. Existem até elementais no ar. Existem muitos tipos de elementais. Existem muitas forças que são de uma ordem baixa.

ROSE: Sim, mas parecem estar até certo ponto no poder do homem e, perto do fim da vida deles, o homem fica sob o poder deles, tanto quanto consigo compreender.

FARAÓ: Ao homem é dado livre-arbítrio... O homem atrai seres tendo a escolha de muitos caminhos. Embora existam muitos que, por assim dizer, enquanto ainda no caminho certo, ainda se desviam para avenidas; o ponto é que o homem atrai para si próprio, e nem sempre podem ser de uma boa ordem. O homem atrai para si entidades de certa forma afins de si mesmo e, em consequência, se atrai para si forças más, ele tornar-se-á gradualmente pior, embora as forças boas lutem com ele também. O teu mundo é meramente... Parece, digamos, que eles estão num sentido a trabalhar de uma forma indireta para o bem, embora num sentido que te possa surpreender.

Para ganhar e desenvolver, deves aprender a lutar contra o bem [pela conquista do bem] e tornar-te boa. Do mal vem o bem, como muitas vezes tem sido dito. Nalguns casos leva tempo... Há aqueles que voltam ao teu mundo repetidamente. Deve parecer uma coisa complexa, mas por trás de tudo há um... É esse propósito que te tirará da tua escuridão, para a luz. Não o evites. É apenas por isso que se ensinará a um de nós como superar as coisas que devemos aprender a superar, para que possamos encontrar e saber que tudo virá a seu tempo, da próxima vez. E eu conheço o teu interesse. Boa noite.

ROSE: Muito obrigada.

Notas:

Faraó e Akenaton: Esta entidade identifica-se como tendo vivido no tempo de Akenaton (Faraó da XVIII Dinastia do Egito, c. 1353–1336 a.C.). Ele confirma que as Pirâmides tinham funções de iniciação e comunicação mediúnica, onde sacerdotes entravam em estados de transe prolongado (projeção astral) para visitar os reinos espirituais.

A Dualidade do Bem e do Mal: O Faraó oferece uma visão não-dualista: o bem e o mal fluem no mesmo fluxo. O mal serve como um atrito necessário para o crescimento, forçando a alma a "lutar para se tornar boa".

Elementais e Atração: Ele confirma que o homem atrai entidades afins ao seu próprio estado mental. A "magia negra" nada mais é do que o uso dessas forças de ordem baixa através da vontade humana.

Propriedades Ocultas: Menciona que as pirâmides ainda retêm grande força e poder oculto, apesar de terem sido saqueadas ao longo dos milénios.

Desejas que prossigamos para a próxima análise ou tens alguma curiosidade sobre o período de Akenaton mencionado?

BLAVATSKY 5
AS PIRÂMIDES E A SAÚDE DE ROSE

Participantes: Rose Crete, Leslie Flint
Comunicantes: Mickey, Flo, Jock, H.P.B. (Blavatsky)

MICKEY: Estás mais sábia do que eras antes? Estás mais sábia do que eras antes?

ROSE: Bem, ele deixou a minha mente um bocado mais descansada sobre certas coisas.

MICKEY: Que tipo de coisas?

ROSE: Bem, o mal e o bem e tudo o resto. Bem, continuaremos isso, sabes, Mickey.

MICKEY: Sabes o que é, não sabes, Tia?

ROSE: O quê, querido?

MICKEY: Acho que a vida no vosso lado, a vida de um indivíduo, é como aquela coisa que se vê pendurada sobre uma cama num hospital quando alguém está "esquisito". É como o gráfico da temperatura, sobe e desce, sabes.

ROSE: Isso é verdade. Isso é bem verdade, Mick. Há tanta coisa que eu quero compreender, Mickey. Tanta coisa.

MICKEY: Bem, Tia, tenho a certeza de que eles te ajudarão a compreender o que puderem ajudar-te a compreender, mas acho que, como

adultos, há um limite para o que eles te podem fazer compreender, sabes? Se é que me entendes. Ah! Não sei porque estás tão preocupada com as pirâmides. Não pode fazer diferença nenhuma para ti.

ROSE: Bem, sim, supõe-se que as pirâmides estejam entre a terra e o céu, uma espécie de coisa dessas, de acordo com o que li, e sempre me senti intrigada com isso. Há uma espécie de mistura das duas coisas em grande escala. As mentes dos homens fizeram-nas, e eles devem ter pensado em certas coisas antes de as fazerem na forma que têm.

MICKEY: Oh, eu acho que o que ele diz é obviamente verdade, que aquela era uma espécie de forma simbólica, a apontar para os céus, a aspiração, como ele lhe chama, da raça humana pelo conhecimento e por aí fora, sabes? Sim. Tu és uma verdadeira idiota por te perguntarem isso, Rosie.

ROSE: Porquê, querido?

MICKEY: Às vezes quase desejava que tu estivesses lá, alguém que vem apenas para falar com o Fred e o Charlie. É assim tão simples.

ROSE: Desculpa, querido.

MICKEY: Não peças desculpa, eu podia estar a gozar contigo. Mas noto que tu fazes todas as perguntas, a Beth ouve-a. Eu não sei muito sobre pirâmides. Ele não consegue ouvir muito bem.

LESLIE: Sim, consigo, ouvi muito bem. Tu não discutes.

FLO: Oh, olá, Flo. Como estás? Oh, olá, isso é gentil da tua parte. Tu és um grande falador, homem. Sim. Os túmulos dos reis, eu compreendo. Sim. Bem, não sei exatamente se é a minha praia, mas calculo que tenhas achado muito interessante. Mas espero que, a seu tempo, eu seja capaz de te dizer mais sobre estas coisas. Então, como estás esta noite?

ROSE: Estamos todos muito bem esta noite. O que é que estavas a dizer há pouco? Tens o teu "juju" preso na mão?

LESLIE: Sim.

FLO: Oh, bem, eu nunca o faço. O que farias tu sem algo para chupar?

LESLIE: Se estou a chupar, é porque tenho medo de tossir e não ouvir nada.

FLO: Sim, sim. Bem, porque é que não... Isso é uma boa ideia. Bem, como estás tu esta noite? Estás a sentir-te melhor agora. Já passaste a tua pequena doença, hein?

ROSE: Oh, sim. Tu sabes tudo sobre isso, não sabes?

FLO: Sim, todos sabemos sobre isso. Na verdade, tivemos o doutor a trabalhar em ti que nem um doido. Sabes, tens de ter cuidado com esse teu estômago. Indiscutivelmente, está muito melhor, mas ao mesmo tempo, tu simplesmente não podes dar-te ao luxo de brincar com isso, sabes. Tu não podes enfardar todas essas comidas picantes, sabes.

ROSE: Bem, é o que eu lhe digo.

FLO: Sim, isso é pedir problemas, sabes. Sim. Tens de lhes dar uma oportunidade, sabes. Tu não podes dar-te ao luxo de comer demais e tudo o resto.

ROSE: Oh, não, por favor, diz-lhes que sinto muito. Eu nunca como nada.

FLO: Sim, bem, calculo que da próxima vez, se os teus amigos vierem, é melhor eles cozinharem a sua própria comida e comerem-na, e tu comeres a tua, sabes.

ROSE: É tão difícil, sabes, recusar.

FLO: Sim, bem, tu apenas dizes-lhes, sabes, como eles estarão a andar com rodeios, que a tua saúde é mais importante do que qualquer outra coisa. Como estás tu esta noite, Sr. Robinson?

LESLIE: Estou bem, obrigado.

FLO: Sim, tu certamente pareces rechonchudo.

LESLIE: Rechonchudo?

FLO: Sim, é como a Madame te chama, não é? Isso é uma mente contente, senhor.

LESLIE: Bem, eu próprio não teria dito isso se não soubesse que tinha uma mente contente.

FLO: Pensei que tinhas. Bem, não conheço ninguém que tenha uma mente realmente contente em todo o mundo. Não, suponho que não. Todos têm as vossas fobias secretas e os vossos desejos e sabe Deus o que mais. E eu não vou revelá-los a ninguém. Pode ser um bocado revelador. Sabes, aqui, temos de ter um sentido de humor maravilhoso, sabes. Começa a perceber o que eu recebo.

ROSE: Vá lá, conta-nos.

FLO: Não, não contaria. Sente a batida. Não, não, não, não há nada ali que seja exatamente prejudicial. Não quero dizer isso. Não. Mas sabes, tu não serias seres humanos se não tivesses os teus desejos secretos e não tivesses todo o tipo de...

ROSE: Não te esqueças que tu foste humana uma vez, senhor [senhora].

FLO: Sim, eu percebo isso, não te preocupes. Eu apenas gosto de te ver feliz e gosto de te ver a tentar fazer o teu melhor. Tu não podes fazer mais do que isso. Não. Sabes, há uma das tuas antigas raparigas floristas ou raparigas de revista (folly girls), não sei se era uma folly girl, Evelyn May, lembras-te dela?

ROSE: Oh sim, ela veio e tocou Bittersweet.

FLO: Sim, sim. Ela está a sair-se muito bem, creio eu. Muito bem. Ela deve estar a ficar um bocado velha por esta altura.

ROSE: Oh, ela realmente parece muito bem. Ela parece adorável.

FLO: Oh, eu não disse isso de forma depreciativa, mas quero dizer, afinal de contas, passaram uns 30 anos, creio, desde que ela tocou Bittersweet. Sim. Oh bem, é bom saber que elas continuam. Sim. No lugar novo? Não. Oh, com certeza. Ora, do que raio é que estás a falar? Estão a falar do lugar novo, eu é que não sei. Lembro-me agora, lembro-me de ter lido sobre isso. Sim, quando terminarem a vossa conversa privada, eu volto a arrancar.

ROSE: Sim, não, por favor.

FLO: Está tudo bem, meu filho, estou apenas a gozar.

ROSE: Está tudo bem, nós sabemos.

FLO: Acho que tu vais fazer uma grande quantidade de trabalho tu própria, sabes. Quando te organizares, orientares a tua vida para o que quer que queiras.

ROSE: Quando?

FLO: Não sei, mas eles parecem achar que não está assim tão longe.

ROSE: Bem, eu espero que sim. Eu gostaria de fazer algum trabalho.

FLO: Sim, bem, há muito espaço para as pessoas trabalharem. Sim. Com certeza que nos davam jeito alguns bons médiuns. O que é que ias dizer então, Rose? Oh, querido. Sim, esse teu cérebro. Valha-me Deus. Tens algum dos teus amigos contigo hoje?

FLO: Sim, tenho aqui um bom número de amigos. Sim. Tu não os conhecerias, no entanto. Apenas pelo nome. Sabes, eu tenho andado a vasculhar os instrumentos, todos os papéis dele, para descobrir algo sobre ti. Até a tua fotografia, não consigo deitar a mão a nada. Não sei, mas tu querias uma fotografia minha?

ROSE: Sim, sim.

FLO: Bem, bem, bem. Veremos o que podemos fazer por ti.

ROSE: O que vais fazer?

FLO: Oh, cala-te agora. Espera e vê. Não sejas tão "apressadinha".

ROSE: Adorava ter uma tua, Flo.

FLO: Sim, bem, é isso que estou a tentar planear.

ROSE: Estás?

FLO: Talvez eu encontre uma para ti daqui a uma semana ou duas.

ROSE: Vais mesmo?

FLO: Sim, mas não fiques toda alterada, sabes. Se começas a ficar assim, vais ficar toda...

ROSE: Está tudo bem. Não, eu estou calma. Não estou excitada. Não, nem por isso. Não, eu só estou... estou excitada porque me pergunto como é que isso vai ser feito, percebes. Eu anseio por estas noites de sexta-feira.

MICKEY: Nós também, malta. Não sei porque tens de te sentar e inclinar-te para a frente assim, Sr. Rowlinson. Senta-te direito na minha cadeira. Ele aproximou-se muito, sabes. Não consegues ouvir o que eu vejo? Ele mudou, Irmã Emérita. Oh, bem, esse é o Jock.

JOCK: Sim, Jock. Consegues ouvir?

ROSE: Sim, muito bem, Jock. Como estás?

JOCK: Apenas relaxa. Como estás?

ROSE: É o Jock? É um escocês.

JOCK: Era, sim. Muito perto de ti.

ROSE: Ele mudou uma vez antes assim, sabes. Mudou, não mudou? O que é?

MICKEY: Eu não quero que tu relaxes. Tu tinhas estado a inclinar-te para a frente.

LESLIE: Eu tinha, sim. É um hábito, Mick.

MICKEY: Bem, desababitua-te disso.

FLINT: Obrigado, Avó Mickey.

MICKEY: Não faças esforço.

FLINT: Está bem, Mick. O que aconteceu ali? Foi o Jock que esteve aí?

MICKEY: O Jock esteve aí o tempo todo. Ele sintonizou-se com a Flo. Ele entrou depois da Flo. Sim.

ROSE: Eles são amigos ou algo assim, Mick?

MICKEY: Bem, são todos amigos. Quero dizer, mas parecem estar a trabalhar na mesma onda.

LESLIE: Bem, estão na mesma condição, na vibração, sim.

ROSE: Oh, estou a ver. Porque eles conseguem mudar tão depressa, não conseguem? Sim, é suposto conseguirem. Não sei, conseguem? Sim. Bem, uma vez o Jock substituiu a Flo quando ele falou durante muito tempo, e muito gradualmente a voz mudou de americano para escocês. Um bocado peculiar, não foi?

LESLIE: Sim, interessante. Sim.

MICKEY: Acho que não conseguimos aguentar mais. Acho que nos vamos embora.

ROSE: H.P.B., muito obrigada por...

H.P.B. (BLAVATSKY): Não fiques dececionada, sabes. Estas coisas levam tempo, e um bom número deles está apenas a começar agora, sabes. Eles têm muito para te contar, mas têm de aprender a passar a mensagem.

Deveremos fazer melhor e melhor à medida que o tempo passa. Estamos nas fases iniciais, sabes. Sim. Bem, boa noite e Deus te abençoe. Vemo-nos na próxima semana.

ROSE: Boa noite.

MICKEY: Agora, tiveste um tempo muito bom. Oh, muito obrigada. Muito obrigada. Espero que sim. Há uma festa. Tu vens, Meg? O quê, outra? Sim, no domingo. Oh, quando? Onde? A festa da Rosie. No quarto verde. Na sala de música. Oh, bem. Virei dar-vos uma olhadela então, certo? Sim. Adeus. Adeus, Meg. Oh, adorável. Eu gostei desta noite.

LESLIE: É muito bom, não é?

MICKEY: Ora, tu adormeceste duas vezes? Eu não vi nada de excecional hoje.

FLINT: Perdão? Oh. Não houve nada de excecional em estar sentado ali.

MICKEY: O que queres dizer? Eu achei que foi bom. Achei que os "piratas" (pirates — possivelmente falha de captação de pyramids) foram muito interessantes. Oh, aquela almofada era uma almofada muito interessante, Meg.

ROSE: O que se passa contigo, Mãe? O que é que te irrita?

Boa noite. Eu gosto disto.

Certo. Ah, querida. Isso é engraçado. Boa noite.

Oh, boa noite disse ele agora mesmo. O quê? Quem disse?

O Meg disse boa noite. Disse?

Sim.

Ele disse boa noite, Meg? Oh, a coisa está a andar? Não pode ser outra coisa.

Não. Não, está OK. Ainda está a gravar, não está, Kate?

Boa noite. Boa noite, Meg.

Boa noite, Meg. Boa noite.

Na luz. Na luz. Consigo ver? Quero pôr os meus óculos.

Já não resta muita fita. Vou acender a luz, sim?

O quê?

Vou acender a luz. Ela acha que é como um rapazinho. Ela diz: vou pôr o tapete no meu café. Sim, ela acha que vai conseguir um bocadinho extra, sabes. Já não resta muita fita. Oh, muito pouca. Restam uns dez minutos, um quarto de hora. Oh, lá está ele outra vez. Boa noite. Oh, vai lá então. Boa noite, Meggie. Boa noite. Estamos a fechar agora. Vai assim. Ele voltará e dar-te-á um estalo, não virá? Oh, estou a morrer por um cigarro. Oh. Que personagens tão frias eles estão esta noite. Oh, boa noite outra vez. Boa noite.

Não resta muita fita. Não resta muita, pois não? É uma sala de estar comprida a esse ritmo, não é? A mim pareceu-me curta. Oh, não, isso é porque foi interessante. Ah, apanhei-te desta vez. Devidamente. Certo. Bem, vou acender a luz agora, Meggie. O quê? Ah. Ele disse que foi uma sessão, uma sessão muito curta. E eu disse: bem, isso mostra que foi interessante. Já passou uma hora. É sábado. Uma hora.

Notas:

A Metáfora do Gráfico de Temperatura: Mickey usa uma imagem de hospital para descrever a vida terrena como uma sucessão de altos e baixos vibratórios, contrastando com a maior estabilidade do seu lado.

Saúde e Alimentação: Os guias (Flo e Mickey) continuam a dar conselhos práticos à Rose sobre a sua alimentação picante e a sua tendência para se preocupar, o que afeta o seu estômago e a sua tensão arterial.

Mudança de Sotaque (Flo para Jock): É mencionada uma ocorrência técnica fascinante onde a voz de um comunicador americano (Flo) se

transforma gradualmente numa voz escocesa (Jock). Isto ilustra como os espíritos partilham a mesma "caixa de voz" ectoplásmica e como as transições vibratórias podem ser fluidas.

As Pirâmides como Símbolo: Reforça-se a ideia de que a forma das pirâmides é uma aspiração espiritual traduzida em geometria, ligando terra e céu.

CONSTANTINO

O CÓDIGO, A BÍBLIA E A LEI DO UM

Filhos da Terra, unamo-nos em servidão espiritual ao nosso espírito, à nossa alma e ao nosso coração. Raciocinemos juntos as verdades totais que projetam ao homem as suas decisões, os seus propósitos, para unir constantemente o seu veículo de força e mover-se através de todas as energias em direção ao objetivo final, seja qual for o propósito criativo final que considerem ser. Eu sou Constantino.

Eu sou o primeiro a escrever sobre o papiro, a pele do animal, as palavras com as quais estão bem acostumados na vossa aceitação de qualquer momento que decidiu as questões de qualquer crença dada do que é chamado o livro sagrado. É verdade que no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, mas Deus conhecido como a bondade da verdade. Não estou limitado a uma dualidade de bom e mau, negativo ou positivo, mas sim que cada indivíduo foi e é um invólucro de religião na aceitação de unir os princípios da trindade conhecidos como corpo e alma.

Se eu pudesse levar-vos através do labirinto das línguas, das ideias e dos princípios sob os quais uma minoria de seres humanos decidiu instalar códigos e éticas, ou o que chamais o código de moralidade; se vos interessardes pela história, vereis nos Turcos, nos Cossacos, até nos bárbaros que malignaram as vastas forças nas montanhas da Índia, os Himalaias, a divisão e as mudanças dos continentes. Mas neste propósito houve um ingrediente constante de falsidade, histórias coloridas, mitos e fábulas para os quais a humanidade, dependendo da mentira em vez da verdade, procurou um líder muito além do que chamais as circunstâncias materiais em direção ao máximo da criação.

E assim negaram o direito inalienável de se erguerem como um Deus de força verdadeira e bem compreendendo as leis de toda a unicidade; de não viver numa forma ou consistência sólida de corpo, mas também viver em todo o círculo da unicidade sem os impedimentos que são constantemente treinados sobre as multidões que se deleitam ou procuram um líder.

Pois é assim no vosso tempo presente que os indivíduos não aceitam uma responsabilidade espiritual em relação ao que não está oculto, mas flui constante e consistentemente através da força interior do que chamais de sopro. Percebeis que não podeis olhar para qualquer condição material ou pessoa no vosso mundo sem reagirdes dentro de vós mesmos ao que a vibração instantânea ou projeção daquele momento vos dá, que a alinha nas vossas verdades, as quais são a verdade total e não meia verdade ou meia crença?

E é esse prazer e maravilhamento da vossa força interior de vibração ou vida de força que vos dá um significado total de olhar além de uma vida curta — uma que é curta na sua maior duração — e mover-vos para mundos exteriores e aventuras exteriores, sendo o "eu" pleno, não importa que personalidade possais representar no mundo ao vosso redor. No princípio era esse verbo, e ele foi perdido através das eras por má interpretação ou traduções de muitas línguas, e mesmo no árabe antigo, na plenitude do latim, ou línguas há muito esquecidas nos eões do tempo.

Assim, a vida é a própria linguagem que não pode ser escrita; pois embora sob a ameaça de morte eu tenha escrito, e assim os meus colegas serviram para vos dar os livros das Bíblias, dos quais três ainda estão desaparecidos para o vosso mundo, e trancados nos arquivos nas câmaras da vossa pirâmide de Gizé. Estes pergaminhos, estas leis imutáveis foram lá colocados pelas vossas forças alienígenas de outros mundos, e foram cuidadosamente preservados pelos paralelos que encontrais nas vossas várias Bíblias de crença. Para que outros ao vosso redor não pudessem usar as leis da verdade para colocar um jugo sobre a humanidade que não fosse conducente ao crescimento espiritual de nada ou de ninguém em qualquer momento dado.

Ouvistes falar dos vossos vários salvadores para o vosso mundo, e houve muitos para nomear alguns. Houve as obras maravilhosas de Melquisedeque, Jeová, Javé, Jesus, São Pôncio de Assis, até os vossos sábios dos desertos do mundo, e os vossos reis e rainhas que exibiram as suas autoridades nas cores que usavam, tanto sobre a sua pessoa como dentro de si mesmos. E assim o aviso de todos os salvadores envolvidos na verdade da vida foi para não

escrever, para não memorizar, ou para não imitar as crenças de outros indivíduos que confiavam em fontes de verdade vindas de dentro de si mesmos.

E o aviso amplo foi dado pelo vosso Salvador, Cristo, para ensinar, para pregar a palavra. Mas nunca houve uma palavra escrita para escrever estas verdades. Pois não está a verdade sempre a mudar no vosso ambiente de mente? E não estais vós nesse processo de aprendizagem para alargar os horizontes da humanidade? Os livros da Bíblia têm sido as maiores causas daquelas superstições que levaram a guerras, à anarquia total, e até interpretaram mal os significados da criação e procriação.

O dom de todas as atitudes sexuais da vida e este impulso de necessidades biológicas é um portal para a expressão do amor no Deus da unicidade. Mas o que é uma boa fonte para um é veneno para outro. E assim é para remover esta servidão de palavras que não vos dão conforto, pois as parábolas não são interpretadas pelos vossos líderes espirituais do vosso dia presente.

Pois ninguém deveria servir como professor espiritual que não tenha o dom da verdade no plano das orientações ou visões. E novamente vedes isto ser verdade ao eu assumir um guerreiro do passado, conhecido no vosso mundo como Nostradamus. Aquelas parábolas ou quadras escritas falaram de verdades ainda por vir na posição fixa do vosso sistema estelar.

E lembrai-vos bem: a força da criação não respeita as ilusões de formas sólidas. Elas vêm e vão como um ladrão na noite. E conforme desfrutais da continuidade da vossa vida na violência, conforme reconheceis que não estais no controlo, moveis-vos pela força do vosso espírito, pela sua vibração específica em qualquer momento, e não sois senão um pequeno redemoinho de um ciclone movendo-se através do deserto ressequido que chamais o mundo.

Mas o meu propósito é anunciar o significado dos livros da Bíblia. A incompletude de três [livros] não permite a imagem total do que constitui essa verdade e esse significado. Embora eu fale no vosso inglês, lembrai-vos de que as muitas interpretações e traduções devem ser confrontadas conforme eu profiro a profundidade destas verdades.

Pois no vosso próprio conhecimento, crença ou medos, alcançareis opiniões que detraem da vossa própria liberdade de expressão. Pois notai: em lugar da verdade, há um prazer profundo no medo de todas as coisas. E,

portanto, a humanidade não alcança um contentamento espiritual quando parece desfrutar das suas limitações, embora gema em angústia sobre as dores que cria pela sua falta de vontade em aceitar a vacilação e a mudança de qualquer momento do seu pensamento.

Que os filhos da terra reconheçam que é num fôlego, na espontaneidade de toda a glória, que se encontra sustento para ensinar, para projetar e para aumentar a vossa riqueza, para vos tornardes como os belos mundos que vos rodeiam na sua invisibilidade, onde todos tocam na sua jornada através do seu arco-íris de todo o desconhecimento criativo. E quem representais vós nos corpos que usais? Pergunto-vos, pois não vindes como corpos relacionados uns com os outros. Viestes para servir como professores num significado maior de ensino do que aquele que podeis encontrar no conhecimento limitado.

Pois apresentareis aquilo que é ilimitado conforme começardes a visualizar a vossa grandeza e o vosso propósito de ser. Achais por um momento que sois estranhos para mim como Constantino? Ora, eu conheci-vos nas vossas várias eras de responsabilidade e lealdade à doce rendição que concedestes a vós mesmos enquanto alcançáveis a grande multidão. E no entanto, a negação dos vossos próprios sentimentos e autoexpressões causou as mágoas e limitações que vos tocam em momentos em que procurais o vosso significado ideal da verdade plena.

Não é meu propósito criticar aquilo que outros podem constantemente deixar por condicionamentos de outros indivíduos, ou onde são humedecidos pelo espectro do medo. É para respeitar cada indivíduo onde ele vibra em qualquer momento dado. E é para respeitar as limitações dos vossos livros da mente, mas não para os usar como uma muleta que vos dá uma esperança que brota eterna dentro da vossa alma.

Para elevar a força espiritual em ambos os indivíduos. E um momento para os reinos ao vosso redor reconhecerem sem medo ou punição que cada pensamento, cada momento de idealismo é gravado na teia da vibração. E não é para sentir consistentemente que deveis trabalhar na dualidade da negatividade, ou no positivo, ou nos sentimentos e expressões neutras.

E permiti espaço para ganhar uma compreensão mais profunda de vós como indivíduos que estais no vosso caminho correto. Estais apenas no vosso tempo errado, conforme conheceis o tempo. Mas, por mais errado que o vosso nascimento possa ter sido, ainda assim foi correto.

Pois servistes à vossa causa e efeito, razões, e movestes-vos para ensinamentos maiores, para mudanças maiores. E conforme o vosso mundo muda, encontrar-vos-eis em diferentes terras, em diferentes climas, em diferentes experiências. Portanto, permiti o maravilhamento de toda a vida, e dela fluirá a juventude eterna. Como vos posso servir?

ROSE: Constantino, a tua declaração é profunda. Não sei o que dizer. O (…) e eu falámos muitas vezes sobre os dias de Constantino e o início da Bíblia. E ele explicou-me muitas coisas, e eu consigo compreender novamente como a Bíblia foi mudada pelas forças.

CONSTANTINO: Mas expande a tua mente, camarada. Reconhece que tu, com a senhora presente, sentaste-te à mesa de estudo, e serviste como marcas no teu próprio direito, para me ajudares a apresentar ao mundo os significados do que foi chamado a religião escrita. Tenho a certeza de que, se olhares nos recessos do teu espírito, te lembrarás de frases, sentenças, linguagem estruturada, que terias debatido comigo e com outros. Outros que só tens de procurar na tua lembrança. Homens como Sócrates, Aristóteles, Platão, Rousseau, todas estas encarnações.

E no entanto, o tempo não é senão aquela falácia que se torna uma limitação à nossa expansão, no nosso "eu" imaginativo. Como nos sentámos à mesa de estudo. Como escrevemos aquilo que foi mal traduzido, mas não foi em vão. Pois sustentou muitos indivíduos que não podiam considerar a independência do seu próprio espírito. Mas digo-te agora, como nunca antes, na afinidade de toda a criação, e dentro das aventuras antes da tua vida presente, onde a magnificência da unicidade veste um manto orgulhoso de plenitude: não condiciones as vossas vidas nos vossos pensamentos de sequer o momento presente.

Pois doravante, mudareis em muitas direções. Pois não deveis servir; os portais da sabedoria, em todos os seus compartimentos de compreensão, abrir-se-ão para vós. A vibração daquele momento passou. As nuvens de dúvida, receio ou desconfiança de ti próprio. Abre-as na comunicação. E sente que cada palavra, cada proferimento, não é senão um dos grãos de areia na prensa. Nada é impossível. Nada é deixado para o desperdício. Só a humanidade desperdiça isso também, porque ela não compreende.

Assim, apresento-vos, filhos, os ideais que estão guardados dentro dos vossos "eus" interiores. Sais para as provações e tribulações do vosso céu e terra. O espírito da humanidade, para todos os objetivos finais, que servem o que é conhecido como o Caminho, é verdadeiro.

Ah, eu não sei. Quantas vezes posso dizer que sou acreditável? Não consigo falar. Aqui é o Jim Cole, e falo para a Senhora da Terra. Estamos a configurar as vossas vibrações de leitura de 40 ordens, as quais vos serão dadas num curto período de tempo. Primeiramente, deves perceber que requer pelo menos uma semana terrestre para nós colocarmos estas vibrações no equilíbrio que possa ser válido para a tua vida e para os propósitos que jazem diante de ti. Serás bem dirigida pela Rainha Nefertiti, a qual creio que já conhecestes, correto?

ROSE: Sim, está correto.

Então descobrirás que haverá outras ideias adicionadas ou mudanças de humor, chamar-lhes-ei eu, sem te dar um condicionamento da tua própria mente, que estarão a acontecer-te na semana seguinte ou na semana que virá. Agora, no teu caso, Joe, deixa-me dizer que é sensato agora pegares em toda a tua informação, absorvê-la bem, e também reorganizá-la ou reeditá-la. Porque descobrirás que o espírito não fala no contexto de continuidade, mas sim move-se em várias ideias e frases, porque eles não estão limitados a apenas falar uma frase, que pode ser mal interpretada, pois a verdade vem em muitas frases e obras.

Compreendes?

ROSE: Sim.

Portanto, sugiro que nos próximos cinco dias concentres a tua configuração em ouvir, reorganizar, e também teres os teus lápis e papéis à mão para poderes fazer anotações que possamos discutir numa altura posterior. A absorção agora é necessária porque também devemos fechar as portas da vibração por um curto período, não apenas para o vosso próprio bem, para a vossa absorção da mente, mas também para que possas alargar as experiências que já tiveste, as quais descobrirás, ao ouvir e ao pensar nelas, que alargarão o teu horizonte das tuas sabedorias conforme foram faladas.

Antes de te levantares, como afirmado, os humores e as mudanças; e eu consideraria cuidadosamente mover as coisas ou mudá-las para a mudança final que fazes no teu ambiente físico e material também. Agora, chegou à nossa atenção — e isto não é um comando, mas sim um respeito ao teu próprio livre-arbítrio — que as decisões seriam conducentes à vibração que terias permitido; cinco dias longe da tua própria pessoa para que a familiaridade não cause que cada um se torne uma tribulação para o outro.

Além disso, a mãe dele está muito perto da porta do espírito, o que ele bem sabe, e os assuntos ali teriam de ser cuidados.

Mas, entretanto, isto dar-te-ia a oportunidade de trabalhar cuidadosa e fortemente com aquilo que já te foi endereçado. Devemos ter cuidado para não permitir que demasiada informação entupa o teu cérebro, porque então não podes absorvê-la nos lugares de direito das lembranças da alma onde gostaríamos de estar. Então, um de comunicação, compreendes o que falo?

ROSE: Sim, percebi-te.

Portanto, vai tratar dos teus assuntos, e descobrirás que é imperativo para ambos considerarem os vossos humores e mudanças de um ponto de vista material e físico, porque descobrirás que as comunicações no teu mundo estão a fechar-se rapidamente. Estarei contigo assim que te reunires novamente. A minha paz para ambos.

ROSE: Obrigada.

Notas:

- *Constantino e o Concílio de Niceia: A entidade Constantino alude ao seu papel na formação da Igreja Cristã, mas afirma que a Bíblia foi manipulada para servir como instrumento de controlo social ("colocar um jugo sobre a humanidade").*

- *Os Três Livros Perdidos: É feita uma afirmação intrigante sobre três livros da Bíblia que ainda estariam ocultos sob a Pirâmide de Gizé, protegidos para que a verdade total não fosse corrompida.*

- *A Reencarnação do Círculo: Constantino afirma que tanto Rose como Joe foram seus escribas e conselheiros no passado, ajudando a estruturar o que viria a ser a religião organizada, e que agora se reúnem para "reparar" ou clarificar esses ensinamentos.*

- *Personalização: Seguindo as instruções, o tratamento por "tu" foi mantido para reforçar o laço histórico e espiritual descrito por Constantino entre ele e os participantes.*

DAVID BROWNING

A VIDA NORMAL NO ALÉM

E O CÍRCULO FAMILIAR

Médium: Leslie Flint

Participantes: Rose Crete ("Mum") e Dan ("Dad")

Comunicante: David Browning

DAVID: Eu poderia ter vindo mais cedo, mas senti que talvez devesse esperar quase até ao fim, sabes. Às vezes algumas pessoas não parecem ter muito tempo ou oportunidade, e o marido da Sra. Portage parece estar sempre a hesitar. Bem, ele hesita, não hesita? Esta noite eu vou hesitar e dar uma oportunidade aos outros.

ROSE: Oh, isso é muito gentil da tua parte, querido. Não te veremos [ouviremos] tão cedo, porque o Leslie vai para a América.

DAVID: Olha, Mãe. Sabes que onde quer que tu estejas, eu posso ir ter contigo.

ROSE: Sim, eu sei, amor.

DAVID: Eu sei que é bom vires falar comigo, e eu adoro vir falar contigo. É maravilhoso, mas o ponto principal é que onde quer que tu e o Dan estejam, eu estou lá. Tu talvez nem te apercebas, especialmente quando estás calma e em paz, ou talvez quando estás a ouvir as esposas ou a ver a televisão ou algo assim, seja o que for. O tempo e o lugar já não significam nada para

mim. Posso estar contigo sempre que quiser, e venho ver-te todos os dias sem falta. Sabes disso?

ROSE: Sim, querido. Eu alguma vez vou aí enquanto estou a dormir?

DAVID: Oh, sim, com frequência.

ROSE: Eu nunca me lembro de nada quando acordo.

DAVID: Não? Bem, eu só espero que um dia te lembres. Eu acho que tu poderias lembrar-te de algumas das coisas que aconteceram porque estás frequentemente comigo aqui. Mas, por outro lado, é útil estar contigo. Pergunto-me se talvez mais tarde, quem sabe, eu consiga fazer certas coisas para atrair a tua atenção. Gostaria de fazer isso.

ROSE: Sim, nós adoraríamos que fosses capaz.

DAVID: Coisas parvas, talvez, mas, ainda assim, se eu te der alguma indicação da minha presença, isso já seria algo, não seria? Conseguis ouvir-me, Dan?

DAN: Sim, consigo ouvir-te, David.

DAVID: Sabes, sinto-me por vezes muito inadequado. Provavelmente não deveria dizer isto, mas penso para comigo: bem, há tanto que quero fazer e tanto que tento fazer e tanto que estou ansioso por fazer, mas não sei, parece que de alguma forma ainda não apanhei o jeito. Provavelmente apanharei mais tarde. Quero dizer, há pessoas aqui que são muito mais experientes do que eu e, claro, espero que eventualmente possamos ter um pequeno círculo nosso. Onde te possas reunir com algumas pessoas e possamos ter a oportunidade de experimentar.

ROSE: Sim, exato.

DAVID: Quero dizer, serve um propósito e vamos tirando pequenos pedaços daqui e dali. Seria maravilhoso se pudéssemos ter a nossa própria pequena família também, para que eles tenham a chance de entrar em contacto e passar, sabes, acho que poderíamos fazer isto.

ROSE: Bem, não podes tentar? Há alguma indicação de certas pessoas que conhecemos que poderiam fazer isto? Não, estamos todos muito espalhados, David. Esse é o problema, não é? Não estamos perto uns dos outros.

DAVID: Mas sinto que eventualmente, sem dúvida, de alguma forma, seremos capazes de reunir um grupo de pessoas que estejam sinceramente interessadas e talvez possamos começar algo em casa. Isso seria maravilhoso.

ROSE: É o que eu espero, querido. Tu não conheceste um jovem chamado Howard, com cerca de 21 anos agora? Quero dizer, aí desse lado.

DAVID: Eu sei quem é, mas não... Queres que eu tente ajudá-lo a passar uma mensagem para os familiares dele? Bem, estas pessoas estão cientes do teu mundo e da comunicação. Nós conhecemo-los.

ROSE: Bem, eu sei que tens estado associado a eles.

DAVID: Sabes? Sim, e eu conheci o rapaz.

ROSE: Conheceste? Isto é bastante interessante, David, se pudesses... E havia algo de muito estranho nele, não havia?

DAVID: Havia em alguns aspetos, sim. Ele tem estado a comunicar com os pais, mas não por este método. Eles querem falar com ele.

ROSE: Eles gostariam, finalmente, pelo seu próprio método, talvez, de desenvolvimento. Bem, eles poderiam vir, mas suponho que não seja possível eles juntarem-se a ti e começarem um círculo. Eles vivem a milhas de distância.

DAVID: Não, eles não vivem longe, David. Fala-se nisso, talvez. Estávamos apenas a perguntar-nos se tu estavas ciente disso.

ROSE: Sim, estou ciente, mas perguntei-me se eles estavam realmente ansiosos por se sentarem e desenvolverem...

DAVID: Oh, sim, acho que estão, David. Estão muito ansiosos por se sentarem. Eles certamente precisam de perícia e paciência.

ROSE: Nós temos isso. Também precisamos de orientação e ajuda do teu lado.

DAVID: Bem, eu acho que se fosse viável — quero dizer, que vocês pudessem começar um pequeno círculo juntos e talvez um pouco mais tarde outros pudessem ser trazidos para dentro dele e, gradualmente, irem tateando o caminho. Quero dizer, é difícil. Eu não saberia o suficiente sobre isso desse ponto de vista, mas sinto que se vocês aumentassem os poderes, como dizem, fortalecessem o grupo, isso seria maravilhoso. E eles parecem admiráveis

desse ponto de vista. E tenho a certeza de que o Dave passaria, ou tentaria, de qualquer maneira.

ROSE: Sim. Tu não ouviste falar da Eileen, David?

DAVID: Não.

ROSE: Sabias que ela partiu?

DAVID: Sim, mas é demasiado cedo.

ROSE: É demasiado cedo, é? Eu perguntei-me, sabes, que sentimentos religiosos ela tinha aqui. Como é que ela está agora? Vês, esta é outra coisa no momento. O lado oculto ali não é muito forte.

DAVID: Não, eu sei. Tenho de esperar e aguardar a minha vez e ver como as coisas se desenvolvem. E se ela mostrar interesse, se ela realmente quiser...

ROSE: Bem, disseram-nos que ela está muito amargurada.

DAVID: Bem, isso pode muito bem ser, mas eu próprio não posso dizer isso. Não sei. Não vejo por que ela deveria estar exatamente amargurada, mas certificar-nos-emos se ela está amargurada.

ROSE: Bem, foi-nos dito através da Wynne que, tendo ido para aí, ela está muito amargurada contra a Wynne e contra a família. Parece haver algo de estranho a acontecer, mas tu sabes como ela era religiosa, e receio que ela não vá encontrar as coisas exatamente como pensa que as vai encontrar, pois não?

DAN: Bem, disseram-nos que ela está no Hades. Por isso não sei se é...

DAVID: Bem, não sei quem te disse isso.

DAN: Bem, isto foi o que nos foi passado, a mensagem que nos foi transmitida.

DAVID: Bem, posso assegurar-te que ela não está no Hades, porque não existe tal lugar. Ela pode estar num estado de espírito muito mau, mas essa é uma das razões pela qual, francamente, a minha ligação ou contacto com ela é praticamente inexistente no momento. Mas acho que isto é apenas algo temporário. É um estado de espírito que passará. Ela pode agarrar-se às velhas ideias por um tempo, mas depressa se livrará delas. Sabes, gradualmente ela vai estabilizar, uma vez que perceba...

ROSE: Pode-se obter ajuda para estas pessoas que têm estes sentimentos religiosos tão fortes? Ela vai começar a pensar que está no inferno. Eu nunca lhe disse isso.

DAVID: Não, não, eu não acho que eles quisessem dizer bem isso, Davey. Queriam dizer que ela não estava no *Summerland* (Paraíso), vamos pôr as coisas assim.

ROSE: Bem, nem eu estou no *Summerland* agora.

DAVID: Não estás? Bem, o que eu quero dizer é que não entendo este negócio de Hades, Inferno e *Summerlands* e tudo isso. Tudo o que posso dizer é que estou num estado de ser onde sou perfeitamente feliz, onde tudo ao meu redor é normal e natural. Encontro pessoas, pessoas da minha idade, algumas que nem conhecia na Terra. Posso fazer todas as coisas que nunca fui capaz de fazer na Terra, quando teria adorado ter feito tantas coisas. Vês, não tenho restrições. A minha mente é livre. Posso entrar em todo o tipo de coisas, interesses, música, arte, literatura. Posso estudar. Na verdade, estudo. O desporto interessa-me.

Vês, estou a viver numa existência normal e natural. Tanto quanto sei, não tem nome. Nunca a ouvi ser referida como *Summerland*. Nunca a ouvi ser referida como um plano astral. Vocês falam disso como se realmente fosse [um lugar fixo]. Sabes, o lugar onde entrámos, o qual evidentemente, até certo ponto, criámos com a nossa própria mente, embora provavelmente, num sentido, não estivéssemos conscientes disso.

Vês, o que isto realmente significa é que entramos num ambiente, ou como lhe queiras chamar, que é o mais adequado para nós como indivíduos. E este negócio de estar no Hades — eu sei exatamente o que se pretendia dizer com isso, mas não faz sentido. Existe um estado de remorso para algumas pessoas. Existe um estado de infelicidade para pessoas que talvez tragam essa condição com elas. Mas isto é apenas temporário. É uma fase que passa.

ROSE: Sim, exato. Ela precisa de ser capaz de se readaptar. É apenas uma questão de tempo. David, tu não tens um sol aí, pois tens? Como é que o teu mundo é iluminado?

DAVID: Bem, nós temos luz, mas não é, tenho a certeza, o sol. Mas há uma iluminação bela. Há uma luz bela, brilhante e quente. Mas temos algumas sombras. Algumas pessoas dizem que não temos sombras, mas temos.

ROSE: Oh. Como é que essas sombras são causadas, então, Bob [David]?

DAVID: Eu não entendo muito bem isso, honestamente. Quero dizer, não é uma luz crua. É uma luz bela. Tudo está belamente iluminado. E há uma sensação de calor, como se nos sentíssemos num belo dia de verão.

ROSE: E isto nunca se apaga?

DAVID: Não. Não se apaga propriamente. Mas, por outro lado, não é a luz que se apaga. Se alguém "se apaga", num certo sentido, somos nós. Se temos a sensação de que gostaríamos de, não sei como explicar isto, mas como se quiséssemos relaxar, talvez, de alguma forma, ou retirarmo-nos, então podemos fazer isso. E então há uma espécie de afrouxamento da consciência. É tudo uma questão de consciência. Acho que este é o segredo disto tudo.

Quero dizer, há muitas coisas aqui. Não sei como pôr isto exatamente, mas se visualizares o teu mundo, com todas as suas belas paisagens naturais, com belos lagos, árvores, flores, florestas, colinas e vales, e todo o tipo de diferentes formas de arquitetura, e lugares belos onde podes ir com milhares de outras almas para ouvir, se quiseres, música composta por grandes compositores, e por aí fora...

DAVID: Por outras palavras, o que estou a tentar dizer-te é que, se pudesses tirar do teu mundo todas as coisas que são feias, que estragam e angustiam e causam infelicidade; se pudesses visionar o teu mundo como ele deve ter sido antes de o homem começar a destruí-lo e a construir demais — por outras palavras, mudar a natureza e mudar toda a nossa situação de vida — perceberias um ser mais perfeito, uma condição de vida mais perfeita. Nós somos seres mais perfeitos, e no entanto, continuamos a ser muito os mesmos em aparência exterior e feitio, e também mentalmente esforçando-nos por reentrar em coisas que estão tão afastadas de qualquer coisa que tu conheças. É uma combinação estranha de muito do que lembramos que era maravilhoso com uma combinação de muito que é novo e fresco, sem sensação de peso, podendo mover-nos com facilidade. É algo que nem se pode começar a descrever, sabes.

ROSE: Parece maravilhoso, David.

DAVID: Parece maravilhoso, e é impossível [de descrever], mas todos estes termos, suponho, são apenas nomes que as pessoas encontram. Suponho

que às vezes as pessoas deste lado se tenham referido a lugares como *Summerland*, porque é sempre verão.

ROSE: Nós ouvimos isso em livros aqui, Davey.

DAVID: Sim, eu acho que "Summerlands" e outros nomes são apenas termos vagos que as pessoas inventaram para tentar dar uma imagem ou um nome. As pessoas têm esta ideia de que o nosso mundo deve ser sempre como um verão perfeito. Num sentido, isto é verdade, mas seria errado dar a impressão de que tudo é apenas... bem, é maravilhoso, mas o que estou a tentar dizer é que tudo está dentro de nós próprios. Quando percebes que há tanto para aprender, tanto para ganhar, tantas experiências para viver, sentes o tempo todo esta impressão de que algo maravilhoso vai acontecer. É um mundo de grandes oportunidades e promessas, e nunca sentes que estás a desperdiçar um momento, embora saibas que não estás "no tempo" no mesmo sentido que na Terra.

É a coisa mais extraordinária. Tu ficas imersa em algo, ficas interessada em algo, e tornas-te parte daquilo que te interessa; depois encontras uma nova fase ou condição, e ficas consciente de outras coisas. Há sempre pessoas para te ajudar, guiar e instruir. Todos aqui são tão amigáveis e estão, por assim dizer, ajustados mentalmente da mesma forma que tu te ajustaste.

ROSE: Então vives num mundo de consciência crescente?

DAVID: Bem, suponho que é a isso que se resume. E, claro, não é que esqueçamos as pessoas na Terra. Não esquecemos. Adoramos voltar e comunicar, mas conforme voltamos e vemos o vosso mundo, gradualmente perdemos o desejo de... quero dizer, gostamos de vir falar convosco e ajudar-vos, mas se surgisse a oportunidade de voltar e viver no vosso mundo, não creio que nenhum de nós quisesse fazer isso.

ROSE: Não, eu calculei que sim. Posso fazer-te outra pergunta? Estás consciente de Deus como uma força, uma energia, uma luz, ou o quê?

DAVID: Não creio que alguém possa responder a essa pergunta, porque, tanto quanto sei, ninguém que eu conheça ou com quem tenha estado alguma vez viu Deus. No entanto, de uma forma estranha, estamos todos conscientes de uma espécie de influência tremenda, à qual suponho que possamos chamar Deus. Mas se estamos a falar de Deus com feitio e forma, então tenho a certeza...

ROSE: Não, não me refiro a essa forma. Quero dizer, como estás consciente de que há algo que nos dá a todos vida ou energia? Podes enviar pensamentos para a fonte da vida?

DAVID: Suponho que se quiseres, da maneira que se faz, mas a velha ideia ortodoxa, a conceção material, isso é algo que foi removido de nós. Estamos conscientes do facto de que somos todos parte de algo cósmico grandioso, mas eu não ousaria sugerir... Está muito além da tua compreensão. Está além da minha compreensão nesta fase, pelo menos.

ROSE: E nunca ouves falar de Jesus, então?

DAVID: Oh, sim, claro que ouvimos falar de Jesus. Ouvimos falar de grandes mestres, profetas de outrora, e alguns já conheceram essas pessoas.

ROSE: Eles descem para vos instruir?

DAVID: Bem, eles têm falado, mas eu ainda não tive esse privilégio nem esse nível de conhecimento. Mas sem dúvida que um dia terei. Mas, vês, não creio que Cristo — pelo que me foi dito — alguma vez tenha sugerido que era Deus encarnado ou algo assim. Acho que ele era um filho de Deus, mas numa construção diferente daquela que a maioria das pessoas lhe atribui. Acho que ele percebeu que era parte de uma grande força cósmica e que somos todos parte da mesma criação. Somos todos filhos e filhas de Deus, percebes? Ele simplesmente aconteceu ter a consciência, a sabedoria e a capacidade de explicar, expressar e demonstrar as coisas. E acho que tentar retratá-lo com um feitio ou forma é apenas a interpretação do homem, que na verdade não tem relevância.

Enfim, Mãe, tu vens de novo, não vens?

ROSE: Temos apenas mais uma sessão, querido, e é tudo. Depois só daqui a quatro meses. Podes vir ter connosco por outros meios.

DAVID: Bem, sabes, onde quer que tu vás... olha, basicamente, sejamos gratos pelas pequenas bênçãos. Se for viável, se for possível. Todos nós tentamos passar as mensagens. Às vezes conseguimos, outras não. Temos de fazer o melhor que podemos, não é?

ROSE: Perguntei-me se estavas lá ontem à noite, quando estávamos os quatro reunidos. Sentimos muito fortemente que estavas, mas estavas...?

DAVID: Onde quer que tu estejas, eu estou. Tu sabes disso.

ROSE: Nós pensámos, David, que se um círculo estivesse a ser formado, tu não estarias ciente disso até que os guias nos ajudassem e te trouxessem para esse círculo conforme ele se desenvolvesse.

DAVID: Sim, e francamente, é muito difícil pôr em palavras exatamente o que quero dizer, mas quando tu estás sentada — mesmo que sejais apenas os dois sentados quietos e em paz, enviando os vossos pensamentos e esperando que eu esteja presente —, claro que eu estou lá. Quer te sentes com mais duas ou quatro pessoas, seja em casa ou noutro lugar, podes ter a certeza de que estou lá. Estou consciente disso. Mas quando realmente te dedicares a um círculo real com pessoas dedicadas, que se sentem regularmente e deem tudo o que têm para dar e amor, então acho que faremos algo grandioso.

ROSE: Sim. Então tudo o que podemos esperar entretanto é uma mensagem ocasional aqui e ali. Mas estamos gratos por ter isto, não estamos?

DAN: Sim. Meu Deus, como somos abençoados. Muitas pessoas nem sequer têm uma forma de contacto. Elas apenas tentam fazer o melhor da vida e não têm perceção disto.

DAVID: Tu não o desejarias. Muitas vezes pensam que quando morres, morres. Pelo menos não lhes damos essa ideia. Devo ir agora dizer-lhes que o tempo acabou.

ROSE: David, responde-me a uma pergunta, por favor. Tu disseste que o teu mundo é tão sólido e real para ti como o nosso é para nós. Mas nós lemos sobre a aprendizagem... as coisas aí são apenas criações mentais ou são sólidas?

DAVID: Tudo no nosso mundo é tão real e sólido para nós como o teu mundo é para ti. O ponto principal é que tu deves perceber que quando falamos de um mundo mental, o mesmo se aplica, num sentido, ao teu mundo. Tudo o que o homem cria, no início, é um pensamento mental, não é? Ele pensa no que quer fazer e depois começa a agir. Isso traz a criação à vida.

Mas quanto ao mundo real em si, esse é um mundo real. Temos arquitetos aqui que têm ideias maravilhosas sobre construção. Há pessoas que ainda gostam de tratar dos seus jardins, pessoas que gostam de criar com as mãos. Quem tem um talento e quer desenvolvê-lo encontrará os meios e a substância para o fazer. Não é um mundo vago onde pensas algo e "puf", aparece. Tu tens de o merecer. Tens de trabalhar para isso. Tens de o construir.

DAVID: Se conseguires pensar no nosso mundo como um mundo real — o que ele é —, embora fundamentalmente seja este mundo mental, é um mundo mental onde as realidades existem pela criação do homem e pelo seu próprio poder de pensamento e ação. Nada se perde. Nada é desperdiçado. Tudo passa a existir por um processo gradual de esforço. Tens de ver as coisas dessa maneira, senão não faria sentido. Quem quer viver num mundo onde pensas o que queres e já está? Seria inútil. Tens de trabalhar por isso, de o merecer.

É por isso que algumas pessoas, quando chegam aqui pela primeira vez, ficam tão baralhadas e precisam de ajuda e orientação. E é por isso que às vezes existem, em alguns níveis, estações de receção onde as pessoas são cuidadas e tratadas, como uma espécie de hospitais ou sanatórios, onde certos tipos de pessoas precisam de ajuda e ajuste quando passam para aqui.

Enfim, é isso que tens de fazer.

ROSE: Muito obrigada, querido.

DAVID: Ver-te-ei na próxima semana. Deus te abençoe, minha querida. Dá-me um beijo. Adeus.

ROSE: Adeus, Mickey. Obrigada, Mickey. Vemo-nos na próxima semana.

MICKEY: Vemo-nos na terça-feira. Não te atrases. Adeus.

Notas:

- *Hades e Summerland: David clarifica que termos como "Hades" ou "Inferno" são estados mentais de remorso e não localizações geográficas. O Summerland é uma descrição popular para o estado de felicidade e harmonia onde ele se encontra.*

- *A Luz do Além: David descreve uma luz que não vem de um sol físico, mas que é constante, quente e emana da própria atmosfera, permitindo, no entanto, a existência de sombras, o que confere uma sensação de realidade tridimensional.*

- *A Natureza Restaurada: A descrição do mundo espiritual como uma versão "limpa" e perfeita da Terra original é um tema recorrente nas fitas de Flint, reforçando a ideia de que o pensamento molda a paisagem.*

- *A Estrutura do Além: David Browning oferece uma das descrições mais pragmáticas do mundo espiritual. Ele afasta-se da ideia de um "céu preguiçoso" e enfatiza que o progresso exige esforço, trabalho e mérito.*

- *Deus e Cristo: Ele descreve Deus como uma "influência cósmica" indescritível e Jesus como um "irmão mais velho" e instrutor, em vez de uma divindade isolada. Isto alinha-se com a filosofia teosófica de Blavatsky, também presente nestas comunicações.*

- *Estações de Receção: A menção a "hospitais" ou locais de ajuste para os recém-chegados explica como o choque da morte é tratado no mundo espiritual, especialmente para aqueles que chegam com mentes confusas ou dogmáticas.*

- *Tratamento: O tratamento por "tu" entre David e Rose reforça a permanência do laço maternal e a naturalidade da conversa.*

SESSÃO DE GRUPO

2 DE DEZEMBRO DE 1973

Mickey: Sim. Oh, ainda bem. Está muito fraco. Para começar, sim. Provavelmente está a testar o som. Sim, abençoado seja. Oh, olá. Oh, Mickey. Oh, és tu.

Boozy: És tu. Bem, estou um pouco preocupada. Viste o Tio? Eu estou bem.

Mickey: A sério? Lembro-me de ti. Claro que te lembras. Tu és aquela senhora atriz, não és?

Boozy: É verdade.

Mickey: Sim, lembro-me de ti. Deixa-me ver. Boozy.

Boozy: Isso mesmo, Boozy.

Mickey: Oh, bolas, pois é. Oh, estás a ficar idosa, então, amor. Tudo bem. Estás num belo estado, não estás? Eu sei, eu estou bem. Há uma multidão de pessoas à tua volta. Mas agora lembro-me, de quando estiveste aqui antes, e vieste uma vez com um tipo, não foi? Lembro-me porque há uma multidão de pessoas à tua volta.

Boozy: Oh, sim, claro. Bem, hoje estou de chapéu.

Mickey: Oh, é isso? Achei que o teu cabelo estava estranho.

Boozy: Não, Mickey.

Mickey: Bem, parece cabelo, não parece?

Boozy: Sim, bem, é cabelo. É um chapéu preto, estás a ver.

Mickey: Oh, é? Para que é que o manténs posto, então?

Boozy: Bem, não sei, estava com frio na altura, por isso tiro-o.

Mickey: Não, deixa-o estar assim. Para mim não faz diferença, pois não?

Boozy: Não, eu não gosto. Quer dizer, podias usar uma tatuagem com "Chantel" ou um rosto. Não faz diferença, pois não? Rosto, não gosto. Quer dizer, porque tens um cabelo bonito, apesar de tudo.

Boozy: Eu sei, já me disseste isso uma vez.

Mickey: Porque é de uma cor dourada, não é?

Boozy: Sim.

Mickey: Suponho que tenhas de lhe dar uns retoques, não tens?

Boozy: Sim, dou. Faço-o eu mesma.

Mickey: A sério? Queres dizer que o tinges, num lavatório?

Boozy: Sim, sim. Não num lavatório, numa bacia na casa de banho.

Mickey: Bem, claro, caso contrário ficava uma desgraça, não era? Nada mau. Porque tu não és como eu, quero dizer, não me estou a queixar porque, quer dizer, sou feliz e tudo isso, mas, quer dizer, eu subi na vida a pulso.

Boozy: Eu sei, mas eu vivi perto de onde tu estavas. Eu disse-te isso.

Mickey: Fez o quê?

Boozy: Eu vivi perto de onde tu estavas.

Mickey: O quê, em Camden Town? Eu agora tenho a minha própria cama.

Boozy: Isso mesmo. Sim, quer dizer, eu também subi a pulso, Maggie.

Mickey: Sim, bem, sim, suponho que tenhas subido, na verdade.

Boozy: Oh, sim, subi.

Mickey: Porque a tua gente era do palco, não era, e tudo isso?

Boozy: Isso mesmo.

Mickey: E eu ia lá para baixo e corria as profundezas e coisas dessas.

Boozy: Isso mesmo. Nós éramos pobres.

Mickey: Alguma vez atuaste no Old Bedford?

Boozy: Não, mas fui lá quando era criança e vi uma pantomima. Foi a primeira vez que vi uma.

Mickey: A sério? Sim, adorável. Bem, subiste aqueles degraus de pedra e recebeste um bilhete de ferro?

Boozy: Isso mesmo. Não, nunca recebi um bilhete de ferro.

Mickey: Bem, sabes, eles tinham umas coisas de metal, e subias as escadas e os degraus de pedra da galeria, e eles pegavam nesse bilhete e punham-no numa espécie de pau, e se tivesses sorte, ficavas na primeira fila se chegasses cedo.

Boozy: Oh, ficavas? Bem, eu não sabia disso. Eu tinha um bilhete a sério.

Mickey: Suponho que a tua mãe te tenha levado para os lugares finos.

Boozy: Isso mesmo, levou.

Mickey: Suponho que, estando na vida do teatro, tinhas bilhetes grátis, não tinhas?

Boozy: Tens toda a razão.

Mickey: Porque faz diferença, não faz?

Boozy: Sim, faz bastante diferença, sim.

Mickey: Bastante diferença. Porque a tua mãe, ela estava no palco, não estava?

Boozy: Estava.

Mickey: Sim, porque eu conheci a tua mãe e o teu pai, e conheci o teu marido, sabes, aquele sujeito bem-parecido, e todas aquelas outras pessoas que vêm ter contigo para se interessarem por ti.

Boozy: Não foi maravilhoso? Porque estás rodeada por todos estes profissionais (*pros*), não estás?

Boozy: Estou?

Mickey: Bem, tu devias saber isso. Hum, bem, eu sinto-o às vezes. Quero dizer, ah... Quero dizer, tu sabes como eles são, não sabes? Quero dizer, na vida do teatro, pelo que ouvi dizer, sabes, todos se defendem uns aos outros. Podem chamar de tudo uns aos outros pelas costas, mas quando há problemas a sério, eles ajudam-te.

Boozy: Certamente que sim.

Mickey: Sim, tens sorte, na verdade, de muitas maneiras. Suspeito que dês graças pelo que tens, não dás, Boozy?

Boozy: Dou, querido.

Mickey: Tu és um bocado um caso sério, não és, miúda? Porque ainda não acabaste, sabes? Ainda tens uns anos pela frente.

Boozy: Oh, não me digas isso.

Mickey: Sim, ainda não vens para aqui. Acho que não estás pronta.

Boozy: Oh, não sejas mau.

Mickey: Não quero dizer que não sejas suficientemente boa. Não sejas tonta. O que quero dizer é que não acho que os velhos ossos estejam a desmoronar-se ainda. Não te vais desintegrar, pois não, como tu lhe chamas?

Boozy: Não sei.

Mickey: Não, vais estar como estás agora até ao dia em que "bateres as botas".

Boozy: Vou?

Mickey: Sim, nada pior.

Boozy: Oh, que bom. Não vou dizer que podias ter estado melhor, mas vais ficar bem, querida. Vais superar isto bem.

Boozy: Vou?

Mickey: Quando vieres para aqui, mas vais estar como estavas quando começaste, mais ou menos. Jovem e bonita. E o teu namorado, ele estará aqui. E toda a tua gente, a tua mamã, o teu pai e tudo isso. E há tanta gente à espera que te juntes a eles, sabes?

Boozy: Há?

Mickey: Sim. Tu vieste uma vez, não há muito tempo, mas foste empurrada de volta.

Boozy: Eu sei. Eu sei. Bem, disseram-me, Mickey, que eu deveria partir em 77. Só faltam algumas semanas.

Mickey: Bem... Tu não vens para aqui em 77. Nem em 78.

Boozy: Oh, valha-me Deus.

Mickey: Oh, podias chegar ao fim do século com um bocado de sorte.

Boozy: Oh, não, não, no.

Mickey: Estou só a brincar. Não acho que chegues.

Boozy: Oh, querido, por favor não me faças...

Mickey: Não, não acho que venhas para aqui tão cedo, de qualquer maneira.

Boozy: Bem, trata de lá estar quando eu for.

Mickey: O quê?

Boozy: Eu disse, trata de estar lá.

Mickey: Oh, bolas, não tenho alternativa e não tenho arrependimentos. Não quero voltar para o teu lado. Estou muito feliz por estar aqui. Quando as pernas do velho Flynn "baterem as botas", eu... eu deixarei de voltar.

Boozy: Deixarás?

Mickey: Oh, e o meu trabalho estará feito, não estará?

Boozy: Estará?

Mickey: Sim, e o teu trabalho também estará feito.

Boozy: Sim, isso será bom. É aquela a tua pintura a óleo que tens?

Mickey: Onde?

Boozy: No teu lugar.

Mickey: Bem, há uma... há uma... Não é... queres dizer, de mim?

Boozy: Bem, quando fui ao teu lugar, vi esta pintura. É como uma coisa de pintura a óleo.

Mickey: Não é uma pintura a óleo. É a giz (*crayons*).

Boozy: Bem, é isso que é? É muito atraente. És tu nos ombros, e... e parece muito bonita e tudo isso, mas eu não sabia se era pintura a óleo ou o quê, mas faz-te parecer tão bem.

Mickey: Oh, obrigado. Imagine-se tu vires.

Boozy: Oh, eu tenho ido ver-te. Na verdade, tentei atrair a tua atenção uma vez, mas acho que não te deste conta.

Mickey: Bem, eu gostava que me desses algum tipo de sinal. Bate três vezes e pergunta pela Mabel.

Boozy: Não, não farei isso. Por que não perguntas pela Boozy? Faz um "bate três vezes". Diz: Boozy, estás aí? Onde é que arranjaste aquela pequena miniatura?

Mickey: Miniatura, miniatura, miniatura.

Boozy: Uma miniatura da minha bisavó, queres dizer.

Mickey: Há uma pequena miniatura, e é de uma senhora, e ela está aqui connosco hoje. Claro, ela agora parece jovem.

Boozy: Essa é a minha bisavó.

Mickey: Bem, ela está aqui, mas remonta a 1800, suponho.

Boozy: Isso mesmo.

Mickey: E também, a Flossie está aqui também.

Boozy: Flossie?

Mickey: Sim, e o teu namorado, ou o teu namorado, o teu marido, eu devia dizer.

Boozy: O meu amigo.

Mickey: Ele tem dois cãezinhos lindos, e o Charlie.

Boozy: Oh. E quem é o Willie? Tommy.

Mickey: Não, não, eu perguntei: quem é o Willie?

Boozy: Willie era outro cão.

Mickey: Bem, espera um momento. A quem é que deste a alcunha de Titchy?

Boozy: Titchy? Importas-te?

Mickey: Há uma rapariga chamada Titchy. Há uma senhora aqui, uma mulher jovem aqui.

Boozy: Isso mesmo.

Mickey: E costumavam chamar-lhe Titch ou Titchy.

Boozy: Isso mesmo.

Mickey: Ela deseja particularmente ser lembrada por ti.

Boozy: Obrigada.

Mickey: E, claro, a tua Kate está aqui. Fiel.

Boozy: Ah. Deus, Kate, sempre fiel. Ela era maravilhosa. Ela costumava cuidar de ti e vestir-te, não era? Ela tinha 90 anos quando partiu.

Mickey: Bem, ela parece ter uns 35 agora.

Boozy: Que maravilhoso.

Mickey: E sabes que mais? Não sei se achas que sou tonto ou o quê, mas por que é que o Frankie está a falar de espartilhos (*stays*)? Ha, ha, ha.

Boozy: Bem. Há uma piada sobre espartilhos.

Mickey: Sim. E é uma piadinha especial. E acho que as outras pessoas não entraram nesta piadinha.

Boozy: Eu sei, bem, há uma piadinha especial sobre espartilhos. Bem, foi quando estávamos a atuar juntos há anos. Ele disse-me para o segurar ou para o puxar para cima ou algo assim.

Mickey: Sim, não, mas eu estava, a minha criada estava a puxar-me.

Boozy: Oh, eu não estava, eu não estava. E ele entrou no meu quarto, e foi a primeira vez que estávamos a atuar juntos. E tivemos de mudar o nosso, não só a nossa maquilhagem, mas as nossas figuras. E eu tive de usar espartilhos eduardianos para me apertar, estás a ver. E ele entrou no meu quarto, e eu disse: "Costuma fazer isso. As suas atrizes principais entram nos quartos delas sem bater." Ele entrou e pediu-me para lhe arranjar o peluquim (*toupee*). Essa era a piada entre nós.

Mickey: Bem, ele está a rir-se de incidentes que aconteceram aos dois. E, hum, oh deuses, não estava eu? Mickey.

Boozy: O quê? Posso perguntar-te isto? O que é que o Racky está a fazer?

Mickey: Bem, além de cuidar de ti no seu tempo livre, ele está tremendamente envolvido em trabalhos de resgate e a ajudar pessoas menos afortunadas que precisam de ajuda. Porque, sabes, deves lembrar-te, Tia — se te posso chamar Tia, Boozy — que há pessoas que, quando vêm para aqui, estão tipo perdidas. E não é que não haja pessoas à espera para cuidar delas, mas há algumas pessoas que acham difícil associarem-se ao novo modo de vida, e precisam de instrução, orientação e ajuda. E ele parece ter tanto interesse pelas pessoas e ama as pessoas, e faz isto como parte do seu tempo. Claro que ele está realmente interessado em coisas artísticas, coisas criativas, e também está interessado no que vocês chamam teatro. Claro que ainda temos isso por aqui, sabes.

Boozy: Eu sei que têm.

Mickey: Mas tudo o que fazemos por aqui tem um significado, tem um propósito. Quero dizer, mesmo que seja uma peça ou uma ópera ou o que lhe quiseres chamar, tem um significado e tem um propósito. E não é que... quero dizer, não estou a sugerir que não demos uma gargalhada e não nos ríamos e tudo isso, claro que sim. Porque toda a humanidade é feita de todo o tipo de retalhos, não é? E temos de dar uma gargalhada às vezes. Mesmo a pessoa

mais simpática, algures pelo caminho, tem alguma falha ou defeito, e nós vemos o "hic", o "sick", seja o que for, na constituição das pessoas e tudo isso, não vemos?

E às vezes temos de mostrar às pessoas elas mesmas como num espelho, e elas começam a ver-se talvez pela primeira vez. Tudo o que é feito aqui tem um significado e um propósito. E as pessoas que fazem representação e isso, às vezes retratam outras pessoas para que as pessoas em questão, que estão a ter dificuldade em progredir, possam aprender com isso. É terrivelmente complicado de explicar.

Boozy: Não, não é, eu compreendo perfeitamente.

Mickey: Oh, acho que és um caso sério, não és, querida? Suponho que ainda vais voltar ao palco, não vais?

Boozy: Espero que sim.

Mickey: Oh sim, tenho a certeza que sim.

Boozy: Espero que não demore muito, acho eu.

Mickey: Bem, acho que poderá ser na primavera. É o que eu acho. Não me parece que haja muita oportunidade durante o inverno, e não podias fazer pantomima agora, pois não?

Boozy: Não, não, no, no.

Mickey: Tu costumavas atuar de armadura, não costumavas?

Boozy: Sim. Tu sabes tudo, não sabes?

Mickey: Não, não sei tudo, mas o Frank está a falar-me de ti enfiada nesse negócio da armadura e a fazer uma piada sobre ir buscar o raio do abre-latas.

Boozy: Sim, ele fez! Sim! Tens razão.

Mickey: Ele diz que um dia te viu e disse que só o raio do abre-latas te tiraria de lá.

Boozy: Ele disse. Ele disse: "Olha, vou tirar-te daí o mais depressa que puder e serás minha mulher."

Mickey: E, hum, oh Cristo, fizeste, hum, oh, preciso de te falar sobre a Pinky.

Boozy: Binky?

Mickey: Pinky ou Binky, o que é? É Binky, então. Está aqui um homem que diz que se está a rir, ele é um tanto querubínico. Sabes o que queremos dizer com querubínico?

Boozy: Não.

Mickey: Bem, não é... Querubínico. Querubínico, sabes. E ele está a rir-se, diz que é o Binky.

Boozy: Oh sim, eu conheço o Binky.

Mickey: E o Binky queria apenas ser lembrado por ti.

Boozy: É muito amável da parte dele.

Mickey: E, hum, oh, há tanta gente destas aqui. Claro, não tem nada a ver com o teatro, creio eu. Porque a tua vida foi no teatro, não foi? Durante todo o tempo.

Boozy: Hum, Mickey, eu queria, se fosse possível, entrar em contacto com a Margaret Leighton. Ela é uma atriz que sempre apareceu.

Mickey: Sim, Margaret. Ela não está aí? Não sei, terei de descobrir por ti, companheira. Mas, hum, espera um minuto. Tudo a seu tempo. Deixa comigo. Eu trato de ti. Deixarei isso para ti. Ah, apanhaste-me pelo rabo, a sério. Pobre velha salsicha. Acho que és uma senhora muito simpática. Imagino que deves ter sido bastante inteligente no teu tempo.

Boozy: O que queres dizer? Eu sou bastante inteligente agora!

Mickey: Sim, atrevo-me a dizer que sim, sim. Mas o que quero dizer é, sabes, na tua vida profissional.

Boozy: Sim.

Mickey: Levando-os pela experiência, não é?

Boozy: Sim.

Mickey: Quero dizer, sabes, bem... Ha, ha, ha! Isso é um bocado engraçado. O dia em que perdeste o sapato. Escadas abaixo.

Boozy: Escadas abaixo? Não me lembro dessa.

Mickey: Bem, lamento por isso, mas estavas toda janota num espetáculo qualquer, e havia algo de errado com o teu pé ou com o teu sapato ou algo assim. E o quê de novo? Bem, presumivelmente. Não sei se chegou a saltar fora.

Boozy: Bem, provavelmente saltou.

Mickey: Mas andaste um bocado "troncha".

Boozy: Ha, ha, sim, bem, foi no último espetáculo que fiz em Londres, magoei o pé.

Mickey: E se o Frankie me está a contar isto, ele diz que tiveste problemas com o pé, e especialmente quando se tratava de fazer uma entrada ou algo assim. Não sei.

Boozy: Perdi o meu sapato.

Mickey: Ele está a rir-se. É um caso sério. Ele tem um ótimo sentido de humor. Claro, ele deve ter tido de casar contigo, não teve?

Boozy: Suponho que sim.

Mickey: Mas vocês foram realmente um casamento por amor, não foram?

Boozy: Sim, Nicky, fomos.

Mickey: Quero dizer, foram mesmo. Claro, todos os amantes têm arrufos e isso. É a natureza humana. Mas vocês realmente uniram esforços, não uniram?

Boozy: Sim, unimos. Existe um grande laço entre nós que não creio que possa ser quebrado.

Mickey: Não, tenho a certeza que não será. Posso fazer-te uma pergunta pessoal muito estranha? Gritar-me-ias pela vida. Poderias falar-me de dois anéis, dois anéis muito especiais? E não me refiro a... Ai. Por que é que o teu pai está a falar de dois anéis?

Boozy: Hum, eu tenho um dele, um anel de ouro do meu pai, que não estou a usar de momento.

Mickey: Sim, mas tens outro anel também que faz a ligação com a tua mãe e o teu pai. E são dois anéis.

Boozy: Esse anel de ouro liga-me ao meu pai e à minha mãe.

Mickey: Sim. O outro, não sei. Sabes alguma coisa sobre dois anéis que foram transformados num só?

Boozy: Não, não sei.

Mickey: Não sabes. Bem, o teu pai está a falar de uns anéis. Eu sei que ele não está interessado, na verdade, em joias. Por que haveria de estar? Ninguém deste lado está, na verdade. Mas às vezes venho com algo como um pequeno ponto de evidência. E também, hum, também uma bela mecha de cabelo dourado.

Boozy: Não sei o que é isso.

Mickey: Bem, se tu não sabes, eu também não.

Boozy: Não, não sei o que é isso.

Mickey: Uma pequena fotografia tua em bebé.

Boozy: Sim.

Mickey: E acho que estás sentada numa almofada. Espero que seja. E, uh, bem, não era outra coisa qualquer. Bem, eu não sei o que é um bebé. Isso seria disparatado. Quero dizer, não estavas numa cadeira nem nada, pelo que consegui perceber. Conseguia ver esta coisa da almofada. E a tua mamã está aqui a falar-me de ti como uma pequena petiza na tua sesta. Alguém chamado Dolly parece enviar-te amor também.

Boozy: Dolly?

Mickey: Sim, Dolly.

Boozy: Bem, hum... Era uma tia? Uh... Não. Não, acho eu. Uh, creio que era irmã de um grande amigo meu que já partiu.

Mickey: Não, não, definitivamente não. Não, definitivamente não. Um minuto. Ela está a falar de enviar amor ao Georgie.

Boozy: Oh, Georgie. Oh, sim. O Georgie era um grande amigo meu.

Mickey: Não, esta Dolly está ligada ao Georgie e deseja ser lembrada e enviar o seu amor e afeição ao Georgie, quem quer que o Georgie seja.

Boozy: Bem, o Georgie está aí do vosso lado.

Mickey: Não, este não está.

Boozy: Oh. Bem, não sei.

Mickey: Estão a falar dos *halls*.

Boozy: Oh. Variedades (*Variety*).

Mickey: Oh, sim. Oh, sim, os *halls*. Sim.

Boozy: Georgie Wood. Sim, já percebi. Dolly, Dolly, hein? Dolly Harmer.

Mickey: Sim. Costumava trabalhar com o Georgie Wood.

Boozy: Com o Georgie Wood.

Mickey: Sim, claro. É isso. Eu dir-lhe-ei. E também, hum... Oh, a multidão está um bocado... A multidão está um bocado... Eu sei que o teu principal interesse, naturalmente, é no teu marido, mas... E ele é um doce porque, sabes, eu sei que é humano e natural que o teu principal interesse seja nele. Não seria correto se não fosse, de certa forma. Mas, hum, ele trouxe tantas pessoas aqui e pessoas que realmente te amam, algumas delas talvez não conhecesses pessoalmente, mas precisam de contactar ou chegar aos entes queridos na terra. Há tanta riqueza de amor e afeição à tua volta, sabes, Boozy.

Boozy: Há? Isso é adorável.

Mickey: Serás sempre amparada, sabes, nos bons e nos maus momentos, como sempre foste.

Boozy: É uma dor, Nicky.

Mickey: Quero dizer, mesmo quando tiveste os teus momentos mais desesperados e poderias ter chorado baba e ranho, e choraste, e sentiste-te quase como, bem, a saltar de um penhasco, poder-se-ia dizer, o que aconteceu uma vez, quase. De alguma forma, tens essa força, e a tua gente aqui, a tua mãe e o teu pai e todas as outras almas, eles mantêm-te de pé, sabes.

Boozy: Sim, eu sinto isso. Eu sinto isso.

Mickey: O que fizeste aos teus binóculos?

Boozy: Binóculos?

Mickey: Eu sei que parece parvo, mas são. Não lhes chamam binóculos, tipo óculos de ópera?

Boozy: Binóculos, sim. Não sei.

Mickey: Alguém não te ofereceu uma vez um par muito bonito de óculos de ópera?

Boozy: Sim, ofereceram.

Mickey: Bem, o que fizeste com eles, porque a pessoa quer saber.

Boozy: Não sei. Devem estar algures no meu apartamento.

Mickey: Oh, o Danny apenas se perguntava se os tinhas perdido.

Boozy: Posso ter perdido, não te saberia dizer.

Mickey: Provavelmente não precisas deles, mas há alguém aqui que te deu um presente uma vez, há muitos anos, uns óculos de ópera muito bonitos.

Boozy: É verdade. Meu Deus.

Mickey: Tens um armário a que chamas "buraco da glória" (*glory hole*).

Boozy: Bem, tudo é um "buraco da glória", no que me diz respeito.

Mickey: Bem, está bem, digamos que tens vários "buracos da glória". Boa sorte para ti. Bem, tens um "buraco da glória", e é um amontoado de peças e pedaços e recordações de um certo tipo. Suponho que tenhas muitas recordações. E há algumas, não sei, coisas do Frankie lá dentro.

Boozy: Oh, sim, tenho imensas coisas dele por todo o lado. Guardo certas coisas dele.

Mickey: Sim, certas coisas.

Boozy: Quero dizer, tenho luvas dele.

Mickey: Sim, e quanto a estes óculos?

Boozy: Terei de procurar por esses, Mickey. Não tenho a certeza absoluta de onde estão.

Mickey: Tu usavas óculos de leitura?

Boozy: Eu uso.

Mickey: Ele usava.

Boozy: Ele usava?

Mickey: Sim. Porque ele está a falar dos óculos de leitura dele, que tu ainda tens.

Boozy: Tenho. Oh, Deus.

Mickey: E há uns que ele partiu, também.

Boozy: Eu perdi-os. Sim.

Mickey: Tens estado a usá-los?

Boozy: Sim, tenho.

Mickey: Ele diz que tem a puta da certeza. Ele diz: "são os meus óculos". Ele diz: "estão bons para os teus olhos?".

Boozy: Oh, não, não estou a usar os óculos dele para ler, mas tenho um par de óculos dele.

Mickey: Bem, está bem, então.

Boozy: Eu uso as armações dele.

Mickey: Oh, são as armações dele. Ele não se apercebe que já não têm as lentes dele. Ele reconhece-as.

Boozy: E espera um momento. Oh, Cristo.

Boozy: Mandei colocar as minhas próprias lentes neles.

Mickey: Oh, é isso então. Porque ele está a implicar com os óculos dele. Ele pensou que eram os dele, mas não parecia saber que as lentes, o vidro, tinha sido trocado. Mas ele diz que sabe como ele é. Um... Oh, Cristo. Oh, não posso dizer isso. E também aquele George Ruby. Não, sou eu. Sou eu. Espera. Ha, ha, ha, ha, ha. Não se pode brincar e continuar a falar para si mesmo, pois não? Não, mas vamos encontrar alguém. Porque é que ele está a falar das flores na casa de banho?

Boozy: Não sei, mas não são flores. É um... um feto.

Mickey: Bem, dizes algo sobre teres arranjado recentemente algum tipo de coisa floral na casa de banho.

Boozy: Bem, eu tenho um... Bem, é um feto. É um... Não é real.

Mickey: Oh. Ele não aprovaria.

Boozy: Não, ele... Bem, ele não aprovaria nem desaprovaria. Ele apenas está a dizer estas coisas para provar que repara nas pequenas coisas que se passam à tua volta, percebes? E ele também está a falar de um vestido ao qual mandaste fazer algo recentemente.

Boozy: Bem...

Mickey: Tens estado a encomendar um vestido?

Boozy: Eu mandei... Sim, mandei encomendar dois vestidos.

Mickey: Porque ele diz que não estás totalmente satisfeita com o que aconteceu. Um está bem, mas o outro não é bem o que pensavas.

Boozy: Bem, ele desmancha-se.

Mickey: Bem, ele diz que eles não coseram o reforço devidamente.

Boozy: Está bem.

Mickey: Sabes, eles mudaram o fecho.

Boozy: Não, não sei o que eles fizeram. Os colchetes não fecham bem.

Mickey: Bem, ele diz que eles não parecem estar lá muito satisfatórios. Ele diz que aquilo pode ceder e ser embaraçoso.

Boozy: Está bem. Bem, cedeu ontem à noite.

Mickey: Porque ele diz que, sabes, tens de ficar de olho nisso.

Boozy: Está bem, ficarei.

Mickey: Estás a usar uma maquilhagem diferente.

Boozy: Estou?

Mickey: Acho que sim agora, companheira. Bem, er... Há algo fresco que tens na tua mesa de maquilhagem que certamente nunca usaste antes. Bem... De acordo com o Frankenstein, pelo menos. Porque é que ele se está a rir de Frankenstein? Ele está. Havia alguma piada sobre Frankenstein?

Boozy: Não, eu apenas me ri porque lhe chamaste Frankenstein.

Mickey: Oh, bem, não sei. Esse é o teu humor. Ele é um doce, no entanto. Ele realmente apaixona-se por ti, e ele interessou-se por ti de forma séria, não foi?

Boozy: Sim, interessou. Deixei-o à espera muito tempo.

Mickey: Bem, suponho que se tenha uma boa refeição quanto mais tempo o chef demora com elas, ou então desfrutas quando a recebes. Acho que vamos arranjar um vestido novo de bebé. Espera aí, companheira. Talvez vás. No caso apropriado, irás. Eu já volto.

Boozy: Oh, credo. Oh, não te vás embora, Nicky. Ele está de bom humor hoje, não está?

Mickey: Provavelmente foi-se embora para tentar encontrar um argumento sobre os espartilhos.

Boozy: Foi?

Mickey: Foi.

Notas:

- *Mickey: Identifica-se como o "guia" ou entidade comunicante (frequentemente Mickey é o nome de um conhecido guia de sessões de voz direta no espiritualismo britânico). O seu tom é informal, coloquial (estilo cockney ou classe trabalhadora londrina, evidenciado por expressões como "blimey" e "kick the bucket").*

- *Boozy: Referida como "atriz" e "Boozy". Pelo contexto (menção ao Old Bedford, espartilhos eduardianos, atuar em armadura e a época de 1973), trata-se muito provavelmente de uma atriz veterana da era vitoriana/eduardiana.*

- *Referências Adicionais: São mencionados "Frank" (possivelmente um parceiro de palco ou marido), "Racky", "Kate" (a criada fiel) e familiares falecidos. O diálogo sugere uma comunicação entre o "lado de lá" e o mundo físico.*

- *Mickey: Mantém a sua personalidade vibrante e irreverente, usando gíria e expressões como "mate" (companheira) e "bloody sure" (puta da certeza). Ele atua como o intermediário, transmitindo mensagens de várias entidades (Frankie, o pai da Boozy, Dolly, etc.).*

- *Boozy: A atriz continua a interagir com surpresa e afeto. As referências a Georgie Wood (um famoso artista de variedades e pantomima) e Dolly Harmer reforçam o ambiente do teatro britânico da primeira metade do século XX.*

- *Frankie / Frankenstein: Mickey usa o nome "Frankenstein" como uma brincadeira provocatória para se referir a Frank, o falecido marido da actriz, que parece estar muito presente e atento aos detalhes domésticos dela (os óculos, os vestidos, a planta na casa de banho).*

SESSÃO DE NATAL

10 DE DEZEMBRO DE 1972

Mickey: Oh! Algo... algo soprou, algo foi... Oh, e foram contra a parede. Ha ha ha ha! Isso foi em Inglaterra, não foi, na verdade? Sim. Sim, sim. Não,

eu deixaria estar. Acho que devias. Poderíamos aproveitar este momento. Poderíamos fazer isso. Não... não, eu nunca direi nada disso. Ha ha ha ha! Não, tu não podes. Isso tem de ser bom. Eles estão... oh, há o *Jingle Bells*, isso pode ajudar. Sim. Vamos fazer um ensaio. Ouviram aquela?

Canto (Coro): *Jingle Bells! Jingle Bells! Jingle all the way... oh what fun it is to ride on a one-horse open sleigh!*

Mickey: Há algo a mexer-se. Há algo a acontecer à nossa volta. O que é aquilo? Alguém a fazer? O lugar está cheio de luz.

Há imensa gente.

Olá?

Quem é?

O que está a acontecer?

Minha casa! Minha casa!

O que é que tem?

Oh, não és tu?

Oh, olá, como estás?

Olá, Mickey.

Olá, tia. Como estás?

Bem.

Olá, Mickey. Jim, quando é que vais chegar?

Na terça-feira.

Oh.

Podes vir comigo, se quiseres.

Não, obrigado.

Vá lá.

Está bom e quentinho lá em cima.

Não, tenho o meu trabalho para fazer a noite toda.

Oh, eu sei.

De qualquer maneira, espera aí. Vamos para casa num minuto. Não cruzes as pernas.

Vá lá, Mickey.

És um bom rapaz, Jimmy.

Oh. Sabes, quero dizer, eu não o faria. Não sei, acho eu. Bem, onde está agora? Onde está o menu? Vá lá. Vou só empurrar. Oh, desculpe.

Interlocutora: Pode dar-me outra chávena?

Mickey: Sim, claro. Não, obrigado. Como estás, King?

King: Estou muito bem, obrigado.

Mickey: Estás melhor?

King: Sim. Estou melhor.

Mickey: Boa. Olá, Jean.

Jean: Olá, senhora.

Mickey: Estás um bocado num estado de nervos, não estás, Jean?

Jean: Sim, estou.

Mickey: Vais ficar bem, querida. Não te preocupes.

Jean: Vou ganhar?

Mickey: Ganhar? O que queres dizer com "vais ganhar"?

Jean: Bem, aquilo contra o qual estou a lutar.

Mickey: Oh, rapaz. Parar com todo o barulho para que possas ter um dia calmo e agradável. Quer dizer, é 50-50, companheira. Bem, 50-50 agora é o barulho. Bem, não posso dizer. De qualquer modo, não posso fazer nada assim agora, por isso... Oh, eu sei. Tudo bem, está aqui uma princesa, pessoal. Está aqui uma grande multidão, digo-vos já. Mas não me deram um momento até que isto se organize. Por que não continuas a escavar antes de falares? Desculpem, mas não consigo fazê-lo. Tudo bem. Sinto muito. Farei o meu melhor. Tudo bem, querida. Estás a ficar tonta, querida? Estás a ficar tonta?

Entidade Feminina: Sim, estou a ficar tonta dos velhos tempos. Eu não estava a falar contigo até seres designado.

Mickey: Como estás, amor?

Interlocutora: Tudo bem, querido. Como estás?

Mickey: Tudo bem. Sabes, um dia destes vais para a plataforma, eu estarei logo atrás de ti, companheira. E dar-te-ei um empurrão.

Interlocutora: Seria um bom empurrão?

Mickey: Bem, não sei como é que o interpretas. Sim, suponho que sim. Não acredito que faças mais nada. Bem, estou sempre pronto para ajudar as pessoas, companheira. Eu sei. Tu és um bocado um caso sério, não és, Jess?

Jess: Sou? Não sou nada.

Mickey: Na verdade, estás no lugar certo. Há muito espaço para isso. Uma coisa é ter um e usá-lo, Nicky. Eu sei. Mas ter um grande e não o partilhar. Oh, bem, tu estás bem. Olá, Daisy, Jess.

Daisy: Olá, querido. Como estás? Eu ia dizer, "Olá Cynthia". Porquê?

Mickey: "Olá Cynthia" desde quando?

Daisy: "Olá Cynthia" o quê? Foi o que me disseste ontem.

Mickey: Ah, sim. "Olá Cynthia", pois é. Porque eu disse que ia mudar o teu nome de Daisy para Cynthia. Tu disseste que não gostavas porque parecia demasiado fino. Sim. Eu ia dizer, "Olá Cynthia", pois. Está bem. Oh, bem. Está aqui uma verdadeira multidão. Dir-vos-ei de uma maneira ou de outra. Oh, a Mel Cluck está aqui esta noite. Sim, eu sei que ela está bem. Ela tem um rosto realmente agradável, não tem?

Interlocutora: Oh, Mickey, não deves usar isso.

Mickey: Oh, cala-te. Sabes o que quero dizer, certo? Está na Bíblia, não está? Não sei se está. Bem, não está na Bíblia, a Bíblia? Está. Eu não devia. Aquilo cobre tudo. O que é que disseste que é?

Interlocutora: Eu disse que cobre tudo, Mickey. A Bíblia cobre.

Mickey: Não sei por que queres ir embora. Está demasiado frio aqui agora. Estou a congelar.

Interlocutora: Eu não notei muita diferença.

Mickey: Eu noto. Tu não estás aqui em baixo. Não, e também não quero estar. Não me importo de dar um salto aqui e ali, companheira, mas não quero voltar para esta cama. Não, não quero saber. Tenho a minha mulher. Sim.

Interlocutora: Mickey, há muitas crianças aí?

Mickey: Oh, bolas, se há miúdos.

Interlocutora: Podes ver se eles tocam *Alexander's Ragtime Band*?

Mickey: Porque é que tem de ser a *Alexander's Ragtime Band*? Temos tudo aqui. Temos uma corneta, um tambor e uma pandeireta. Temos tudo. Andrew. Andy. Isso é quase obsceno de novo. Ele não quer gingar para nenhum deles. Ele adora-os e sabia-o. Porque é que não estás a ser canadiano para isso? Não sei. Não sei do que estás a falar. Porque é que não paras de fungar, queres?

Interlocutora: Fungar?

Mickey: Fungar. Consigo cheirar isso? Posso dar uma fungadela? Acho que eles ainda se estão a preparar. Estão a ouvi-los? Adoram-nos? Bem, não... eles também têm de fazer exercício de preparação. É isso. Tu não tens de fazer exercício de preparação. Eu tenho. Oh, vá lá então. Nellie. Eu não quero. Eu não quero. Agora é conversa de miúdos.

Olá, Nellie. Olá, Nellie. Oh, não queres falar? Acho que os miúdos querem, sim. Acho que sim. Preciso da atenção dela, estás a ver. Acho que ela não se importa. Relaxa. Olha para o queixo dela outra vez, a pequenina. Isso ajudaria? Vá lá, Nellie. Vá lá, Nellie. Acho que isto deve bastar. Ah. Acho que seria uma boa ideia carregar naquilo. Eles terão de vir. Estão a ver?

Canto (Crianças): *Jingle bells, jingle bells, jingle all the way. Oh, what fun it is to ride in a one-horse open sleigh.*

Mickey: Vá lá agora. Olá, Doris. Com certeza, tenho as compras todas. O que queres de mim? Vá lá. Olá, Doris. Temos muito gosto em ouvir-te. Vá lá. Viste as coisas todas na árvore de Natal?

Doris: Sim.

Mickey: O que vais querer?

Doris: Nada.

Mickey: Porquê? Devias querer algo.

Doris: Eu tenho muitas coisas.

Mickey: Tens?

Doris: Mmm. Acho que sim. É um grande prazer.

Interlocutora: Tens outras meninas e meninos aí contigo?

Doris: Sim. Olá, Doris. Quem és tu? Sim. Oh, eu sou apenas alguém. Vá lá agora. Vá lá. Não tens uma faca? Sim, tenho. Eu sou a Doris Grazier.

Interlocutora: O quê?

Doris: Eu sou a Doris Grazier. Mm-hmm.

Interlocutora: Doris?

Doris: Grazier. Sim. Eu sou a Doris Grazier. Tenho duas bonecas. Não quero duas bonecas. Obrigada.

Interlocutora: Oh meu Deus. Ela é uma personagem familiar.

Doris: Eu sou a Doris Grazier. Sim, tenho apenas duas bonecas.

Interlocutora: Estás com a tua mamã e o teu papá?

Doris: Sim.

Interlocutora: Estás?

Doris: Sim. Isso é bom. Quem és tu? Tu és apenas um vizinho que nós não conhecemos. Qual é o teu nome? Qual é o teu nome?

Fran: Fran.

Doris: És o homem da casa?

Fran: Não creio que seja essa a maneira de ver as coisas.

Doris: O que é? Não sei. Não sei. Não quero a sua filha aqui. Obrigada. Bem, isso é bom.

Fran: Onde vivias quando estavas aqui?

Doris: Amigo do seu marido. Onde era isto? Oh, sinto muito, mas está tudo bem agora.

Fran: Diz-me, onde vivias quando estavas aqui?

Doris: Em Londres. Não. Boston. Em Londres. Bem, isso foi há muito tempo, sabes. Consegues lembrar-te? Não sei. Não há muito tempo. Não me parece. Eu adorava as vossas árvores.

Interlocutora: Adoravas? Bem, nós também tínhamos uma árvore.

Doris: Tinham? Sim. Mamã, nós púnhamos sempre a árvore na janela. Porque é que não têm a vossa na janela?

Interlocutora: Bem, porque é demasiado grande para caber.

Doris: É muito boa. Oh. Mamã, nós tínhamo-la sempre na janela. E o Papá costumava decorá-la. Mm-hm. Sim.

Interlocutora: Tu costumavas ajudá-lo?

Doris: Bem, eu costumava observar.

Interlocutora: Costumavas?

Doris: Sim, mas eu tinha um irmão. Oh. Sim, mas ele era apenas um bebé. Ele estava num plano.

Interlocutora: Estava?

Doris: Sim. Quem és tu? Onde está ele agora? Quem és tu? Já me perguntaste isso antes.

Interlocutora: Oh, perguntei?

Doris: Sim. Oh, espera um momento. Não quero a tua boneca, por isso obrigada. Espero que tenhas um Natal porreiro. Espero que tenhas um Natal mesmo porreiro. E tenho de esperar um momento por ti. Sim. Estou a falar de ti. Estás. Olá. É melhor comeres um bom jantar.

Mickey: Receio que ele não consiga perceber o que estás a dizer. Espera aí. Nicky, vou começar a receber crianças estrangeiras daqui a pouco. Oh, não te preocupes. Há um presente a caminho. Vou mostrar-te já. Oh, mas eu sou mesmo asseado. Gostava que ele não fosse. Eu saberia que ele nunca é. Não sabes? Não consigo fazer nada. Estás a ter problemas com ela. Não exatamente. Mas sabes que ela gosta de te apanhar. Sabes como ela é. Vá lá. Agradece, mãe. Vou chorar. Está tudo bem. Como é que o fizeste relaxar? Ele é como um fio elétrico. Sim, um que não está ligado à tomada, companheira.

Interlocutora: Podes falar-me de mais algumas coisas da árvore?

Mickey: Bem, não me dês nada para dizer amanhã. Bem... desde que eles batam em cinco bolas ou algo assim. No, deixamo-los cansados depois disto.

Vozes de Crianças: Olá. Olá. Olá. Olá. Vá lá, então. Tenta tu. Não, tenta tu, então. Vá lá. Olá. Olá. Olá. Fica com isto agora. Fica com isto agora. Para que é isso? Fica com isto agora. Agora. Agora? Agora. Sim. Queres agora? Agora. Agora. Agora? Agora, o que queres? O que queres? Um dos brinquedos. Vá lá, amor. Vá lá. Agora. Agora. Tu envergonhas-nos por empurrares. Agora. Queres um brinquedo? Sim. Fica com um, então.

Interlocutora: Eu não percebo isto. Qual é o nome dela, querida?

Mickey: Não sei. Não sei. Não sei o que é isto. Não percebo isso.

Interlocutora: É uma festa de Natal.

Voz: Sim.

Interlocutora: Para ti e para os teus amigos.

Voz: Sim.

Interlocutora: Qual é o nome dela? Sabes qual é o nome dela?

Voz: Não sei. Sim. Não sei porquê. Não sei por que tens isso. Porque nós também temos árvores.

Interlocutora: Têm?

Voz: Sim. Teremos de te mostrar que também temos árvores. Eu sei.

Voz de Criança: É bom. Não é? Nós temos árvores. E coisas. Oh, tu queres apenas acabar o jogo? Eu gosto disto.

Interlocutora: Gostas?

Voz de Criança: Não sei. Não sei como. Não sei como fazer isto. Não sei.

Interlocutora: Estás a sair-te muito bem.

Voz de Criança: Podemos dizer-te que muito bem. Não sei. Não sei como falar.

Interlocutora: Mas estás a conseguir.

Voz de Criança: Eu não falo contigo. Eu tento o meu melhor, tento. Eu falo através desta caixa.

Interlocutora: Bem, estás a fazê-lo lindamente. Conseguimos ouvir cada palavra que dizes.

Voz de Criança: Sim. Tu és como a minha tia, mas ela era britânica.

Interlocutora: Britânica? Porque nós somos a tua tia. Qual é o teu nome?

Lynn: Eu sou... eu sou... eu sou a Lynn. Sim.

Ian: O meu nome é Ian. I-A-N. Era assim que eu costumava escrevê-lo quando estava na escola. Ian. O meu pai estava na Força Aérea. Eu gosto das

vossas árvores, mas não é tão mau como as nossas. Não importa. A minha mãe costumava ter árvores às vezes. O quê? Eu não percebo isto. Porque é que tenho de vir falar com vocês, pessoas que não conheço.

Interlocutora: Bem, não tens de o fazer.

Ian: Bem, quero dizer, eu não me importo, mas isto é muito estranho...

Interlocutora: É muito amável da tua parte vires.

Ian: Bem, disseram-me que se eu viesse... Bem, ficarei com os outros.

Interlocutora: O teu pai era oficial?

Ian: Não sei. Ele costumava voar num avião.

Interlocutora: Bem, ele deve ter sido, porque tu pareces um observador.

Ian: Tu és... tu és muito rude. Eu não te percebo.

Interlocutora: Eu estava a pregar-te uma partida.

Ian: Eu não me importo. Eu tenho bom humor. Tenho.

Interlocutora: Precisas dele. Sim. Que idade tens, Ian?

Ian: Eu tinha nove anos.

Interlocutora: Que idade tens? Que idade achas que tens? Eu acho que tens mais de nove.

Ian: O que é isso? Aquela senhora na frente é como a minha tia. Oh, mas não tão bonita, dizes-me tu.

Interlocutora: Não, mas ela era muito bonita, porque eu achei que ela era muito simpática.

Ian: Não sei por que têm uma árvore. Somos todos pessoas crescidas.

Interlocutora: Não tens de ter uma árvore. Estamos a fazê-lo pelas crianças.

Ian: Oh, bem, nós já temos uma, obrigado. Mas gosto dela na mesma. Há alguma coisa na árvore que tu...

Ian: Não particularmente, obrigado.

Interlocutora: Que tipo de coisas têm por aí?

Ian: Oh, todo o tipo de coisas.

Interlocutora: Tens de nos contar.

Ian: Modelos. E nós fazemos coisas. Mas eu não... Gostava que soubessem que aprecio tudo, mas não acho que seja necessário.

Interlocutora: Oh, valha-me Deus. Oh, valha-me Deus. Dá-nos prazer, Ian.

Ian: Sim, foi o que eu pensei. Acho que as pessoas crescidas valem...

Interlocutora: Nós valemos. Sim, claro que valemos. Somos todos crianças no coração, querido.

Ian: Sim, suponho que sejam, na verdade. A minha mamã e o meu papá, eles costumavam fazer todo o tipo de coisas em casa. Costumavam decorar a porta com todo o tipo de coisas. Eu não ligo muito a isso, no entanto. Acho que a pessoa ultrapassa isso, não achas?

Interlocutora: Espero que nunca ultrapassemos.

Ian: Isso mesmo. Bem, não sei. Não quero que pensem mal de mim, mas acho que a pessoa tem de crescer.

Interlocutora: É verdade.

Ian: Quero dizer, eu gosto dos vossos pés, mas eu teria uns mais bonitos que esses.

Interlocutora: Sim, mas Ian, Jesus disse que a menos que se tenha o coração de uma criança, como se pode entrar em comunhão?

Ian: Oh, não sei. Tudo o que sei é que gosto de vir... Bem, quero dizer, gosto de vir de certa forma, mas... Oh, suponho que não deva dizer. Espero não vos ter irritado.

Mickey: Bem, o teu papá num campo de aviação não teria vivido num aeroporto. Agora, como poderias voar um avião, seu homem tonto, se não tivesses um campo de aviação?

Ian: Eu sei, eu sei.

Mickey: O teu papá pode ter vivido... Oh, em Twitch, onde não há aeroporto, não importa. Ele pode ter voado um avião. Tens de o apanhar onde ele aterra e de onde parte. Oh, sim. O teu papá viveu... Tu não dizes necessariamente isso, pois não? Sim, onde é que o teu papá viveu? Ele está contigo onde estás agora?

Ian: Eu vejo a minha mamã e o meu papá com muita frequência, vejo. Mas eles não saberiam nada disto. Mas acho que eles não se incomodariam de qualquer maneira.

Interlocutora: Bem, onde é que eles viviam? Podes dizer-nos também?

Ian: Oh, eles mudaram-se.

Interlocutora: Eles eram? Oh, bem.

Ian: Oh, eles mudaram-se. Foram-se embora de Portland.

Interlocutora: Foram?

Ian: Sim. E agora eles não saberiam de nada agora.

Interlocutora: Eles gostam?

Ian: Não sei. Acho que o meu papá se reformou. Eu sei. Ele tornou-se um homem velho.

Interlocutora: Tornou-se?

Ian: Sim.

Interlocutora: Ele tinha irmãos e irmãs?

Ian: Não. Não? Eu tinha uma tia como tu. Oh, mas ela era... Não vou dizer nada. Não vou dizer nada.

Interlocutora: Há algumas crianças aí, Ian, que gostariam de ver esta pessoa? Que gostariam de falar?

Ian: Sim, nós... Oh, acho que tens a ideia errada. Quero dizer, eu aprecio tudo, mas eu não o fiz. E tu chegas a relatar porque gostas às vezes. Sim, tu gostas. Sim? Não importa. A outra menina que falou connosco. Oh, sim, eu falei. Ela era um tanto engraçada, achei eu. Não? Não. Eu aprecio tudo. Isso é definitivo. Bem, espero que tenham um bom Natal.

Interlocutora: Obrigada. Esperamos que tu também tenhas.

Ian: Oh, sim, de certeza que sim. E depois, claro, é diferente connosco, percebes.

Interlocutora: Sim.

Ian: Nós não temos de ter todas essas coisas que vocês têm.

Interlocutora: Não. Não?

Ian: Oh, não.

Interlocutora: O que é que vocês têm?

Ian: Nós não entramos em coisas dessas.

Interlocutora: Queremos dizer para ti. Não? O que é que tens?

Ian: Oh, eu vou a concertos. Gosto de música. Achei que te saíste muito bem no teu canto.

Interlocutora: Oh, sim.

Ian: Sim, mas se nos dissesses onde os teus pais estavam, poderíamos enviar-lhes uma mensagem tua. Gostarias disso?

Daisy Bell: Sim. Sim? Obrigada. Oh, mas ela é bonita. Tenho de dizer, eu tinha uma tia como tu, mas ela era bonita. Acho que isso é fantástico. Gosto disso. Gostava de ter aquele, se me permitirem.

Interlocutora: Sim, com certeza.

Daisy Bell: Eu gosto. Oh, eu gosto.

Interlocutora: Podes ficar com ele. Podes levá-lo.

Daisy Bell: Gosto muito desse. Gostava dele, se puder ficar com ele.

Interlocutora: Claro que podes, quando eu o tiver. Leva-o.

Daisy Bell: Gosto de o levar daqui.

Interlocutora: Sim, leva-o. Qual é o teu nome?

Daisy Bell: Gosto desse. Eu faço a Daisy Bell.

Interlocutora: Daisy Bell? Não. Não, esse não é o meu nome. Oh. Daisy Bell.

Daisy Bell: Queres que o cantemos?

Interlocutora: Sim.

Canto (Coro): Sing, sing, sing. Give me your heart, dear beautiful. I am crazy over the love of you. It can be astonishing. Oh.

Daisy Bell: Oh, obrigada. Eu adoro isso. Muito obrigada. Oh, obrigada. O que é isto? Não sei. É uma pequena bombinha de Natal. Eu adoro-o. Belo sino. Vai para a minha mala. Gostam dessa canção? Acho que é melhor cantá-la outra vez. Sim. Daisy. Daisy.

Canto (Coro): Give me your heart, dear beautiful. I am crazy over the love of you. It can be astonishing. Oh.

Daisy Bell: Oh, muito obrigada. Gostei muito. Gostaram, gostaram? Foi divertido? Eu fiz este para vocês cantarem com ele. Pagariam por ele? Acho que a boneca preta pequenina é muito bonita, e perguntei se podia ficar com ela.

Interlocutora: Com certeza que podes.

Daisy Bell: Sim. E muito obrigada.

Interlocutora: Qual é o teu nome?

Daisy Bell: Daisy.

Interlocutora: Daisy?

Daisy Bell: Oh, o meu nome é Daisy. Sim. Mas eu costumava ser chamada de Daisy Bell. Sim, eu sei. Sim. É... tu vens de Cambridge? Sim. Devo ter outra coisa para vestir. Sabes, é... Sim. Sim, sim. E a Daisy, com quem estavas a falar no outro dia, ela sabe-o.

Interlocutora: Sabe?

Daisy Bell: Sim. Daisy Bell.

Interlocutora: Foi há muito tempo, sabes? Consegues lembrar-te?

Daisy Bell: Daisy Bell. Sim. Acho que me lembro. Suponho.

Interlocutora: Lembras-te?

Daisy Bell: Sim.

Mickey: O que aconteceu ao microfone?

Mickey: Eu tenho-o aqui agora.

Interlocutora: Tens?

Mickey: Pelo menos tenho um melhor, na verdade. Tens um melhor aqui. O que é que ele diz? Diz que é muito natural. Diverte-te apenas. Bon appétit.

Voz: Mon petit l'a pas vu. Papa. Joie.

Voz de Criança: Olá. Bonsoir, maman. Maman.

Interlocutora: Maman?

Voz: Oui. Comme tu veux. Oui. Oui. Oui. Oui. Oui. Eu sei. Eu sei o que queres dizer. Francês, francês. Vem, vem. Bonjour, sujet.

Voz: Sujet. Quero que o Sujet venha a uma manifestação. Não sei se é possível. Há muitas pessoas, muitas pessoas aqui, algumas delas, claro, são muito estranhas para comer, sabes, não estão familiarizadas com a comunicação. Mas muitas das crianças, elas são muito livres, sabes, mas muitas delas nunca encontraram o contacto. Elas não sabem sobre isto, que as trazemos aqui, e elas têm para si mesmas o grande prazer de poder contactar, sabes, e de ter os presentes, os brinquedos, que levam com elas de volta, percebes. Sabes, a última vez que falei consigo, Monsieur, foi em Hollywood. Talvez não se lembre.

Monsieur Robert: Não me lembro.

Voz (Voz de Maurice Chevalier): Ora, desde então, tornei-me mais proficiente e muito mais familiarizado com a comunicação, percebes. Se quiseres...

Interlocutora: Cantar uma das tuas canções?

Voz (Maurice): Madame Hope, como lhe dizes, o Maurice enviou os seus cumprimentos ao Monsieur Robert, porque desde então tenho sido capaz de, como se diz, conceber pensamentos. Venho aqui porque estou muito interessado na manifestação, percebes, e as crianças, oh, há muita gente, alguns deles novos, como eu, aprendo a comunicar. Por que não nos deixas ter algo que seja brilhante e alegre? Por que não? Para os meus amigos. Louis. Oh, Louis.

Voz (Louis Armstrong): Olá. Eu pergunto, os adultos podem vir ou não? Quero dizer, é tudo anunciado para as crianças, mas há uma multidão de nós aqui, nós nunca crescemos realmente, sabes. Há uma velha multidão de nós aqui.

Mickey: Oh, meu Deus. Gostava que pudessem vê-lo. Eu pergunto, aquele tipo ator, ele é uma personagem e tanto, não é? Ele já se foi? Antes do meu tempo, não foi? Quem era ele? Maurice Chevalier, ou como lhe chamem.

Interlocutora: Oh.

Mickey: Ele adotou-te. Adotou-te. Hein? Adotou-te. Eu não me lembro dele no meu tempo. Não me lembro de todos eles. Ele só tem cinco anos agora. Hein? Ele só tem cinco anos agora.

Interlocutora: Não consigo ouvir o que dizes, querido. Queres por favor falar mais alto para eu ouvir?

Mickey: Com certeza. Assim está melhor. Eu digo, ele só tem cinco anos agora. Oh, perigo para mim. Sim. Por que não tens uma aranha espiada?

Voz (Entidade Guia/Orador): Irmãos e irmãs, creio que todos estão plenamente conscientes do facto de que, embora naturalmente as crianças apreciem, talvez muito mais do que imaginam, os vossos esforços, a contrapartida real, ou o duplo etérico, se preferirem, dos artigos, dos brinquedos, eles podem levá-los consigo. Mas é o amor e o pensamento que importam.

Os brinquedos reais, eu compreendo, claro, que os dão a crianças menos afortunadas no vosso mundo, que talvez não tivessem tido uma parte no Natal, seriam muitas crianças que se reuniram aqui. Muitas, claro, que nunca fizeram um contacto antes e, de facto, foram trazidas aqui principalmente pelo Mickey e por outros, que fizeram questão de regressar de tempos a tempos, que tinham um propósito ou desejo de fazer um contacto de natureza pessoal com os seus próprios pais.

E assim eles servem para crianças pequenas. Mas sabem, se pudessem ver este problema, há milhares de almas, não apenas crianças de facto, suponho que num sentido seria verdade dizer que, claro, todas as crianças têm, que estão todas aqui em necessidade desesperada de ajudar outros, que ainda podem fazer coisas maravilhosas e raras. Mas há muitas outras almas que eu gostaria, espero, que consigam manifestar-se antes de terminarmos.

Por isso não ocuparei muito tempo. Quero apenas que saibam que tudo o que pudermos fazer, estamos a fazer para vos dar os nossos agradecimentos pela vossa cooperação e ajuda. Abençoados sejam.

Mickey: Nunca pensei que fosse ouvir o telefone agora. Sim, eu achei que sim. Deixa-o em paz. É bom. Vou puxar uma bombinha de são João agora.

Interlocutora: Suponho que sim.

Mickey: Vou puxar um estalinho agora. Deus te abençoe. Oh, estou fora. Não me importo. Vou puxar um estalinho agora. Tenho medo de cair.

Voz (Mickey/Espírito): Tenho medo de cair. Oh, Boa noite... Oh, meu Deus! Esperem um minuto! Acho que serias um amante tão bom, querido! Tu

não achas, pois não, querido? Tu és um grande amante! Olá, Sally. Olá? Sally, estás aí dentro? Não, Sally! Desculpa! Não, Sally! Sally! Sally!

Zoe: Ele está a começar no ponto A, não está?

Interlocutora: Sim, mas acho que ele está a dizer D. Sim. Ele está prestes a partir.

Canto (Coro): *Jingle bell, jingle bell, jingle all the way. Oh, what fun it is to ride in a one-horse open sleigh. Oh, jingle bell, jingle bell, jingle all the way. Oh, what fun it is to ride in a one-horse open sleigh. Oh, what fun it is to ride in a one-horse open sleigh.*

Mickey: Está em todo o lado. Desculpem. Eu fi-lo.

Interlocutora: Jesse, isso parece muito bom para a vibração, não parece? Aquele *Jingle Bell*.

Jesse: Eu disse-te. Sim. Qualquer coisa como o sino. A bola. É uma coisa rápida, animadora.

Mickey: Sim. Eu já fiz isto antes. Não faças.

Canto (Coro): *Jingle bell, jingle bell, jingle all the way. Oh, what fun it is to ride in a one-horse open sleigh. Oh, jingle bell, jingle bell, jingle all the way. Oh, what fun it is to ride in a one-horse open sleigh.*

Mickey: Quem quer que tenha as tangerinas, eles estão a ouvir. Sim, ele aceita, não aceita? Caso contrário, sabes, se as pessoas ouvirem. Se as pessoas ouvirem, aceita por elas, sabes.

Interlocutora: A Hannah fala, creio eu?

Mickey: Olá. Olá. Olá. Bem-vinda. Sim, eles conseguem ouvir-te muito bem. O que achas disto? Achas? Boa. Bem, é um esforço combinado. Sabes. Boa. Viste algo de que gostasses? Gostas muito de quê? De nada? Boa. Onde era a tua casa? Olá? Onde estavas tu?

Hannah: Não conheces o Texas?

Mickey: Eu conheço o Texas.

Hannah: Eu sou do Texas? Não sei.

Mickey: Nós não? Não, nós não temos essas coisas.

Hannah: Sim, aposto que tens razão também. Sabes, quando estás a enfrentar as coisas, sabes, a menos que tenhas armas, não respiras.

Interlocutora: Bem, nós temos imensas coisas connosco. Nenhum chapéu?

Hannah: Não. Nenhum chapéu? Não, nós não temos um chapéu. Nenhum chapéu, nenhum chapéu. Bem, não sei.

Mickey: Bem, tu serás capaz de soprar. Mas este é um país de língua inglesa.

Hannah: Com certeza, calculo que isso seja verdade. Com certeza, é diferente. Não há nada que tu gostasses de ter? Sim, claro, deixa-me mostrar-te o que eu quero. Encontrei o que quero.

Mickey: Tu mantém-te calada, por favor.

Hannah: Sim, isto é giro. Isto é giro. Isto também é giro. O que é aquilo? Como é que chamaste ao Texas? Com certeza, eu conheço o Texas. Nós apenas deixamos que ela saiba o que quer, percebes?

Mickey: Sim, calculo que tenhas razão. Sim. E celebramos o Natal quando estamos no Texas. Podemos ter uma árvore de Natal. Oh, com certeza. Posso olhar para aquilo? Com certeza. Sim. A Angelina, ela era louca, e bruta, e toda essa porcaria, sim.

Interlocutora: Quem é a Angelina?

Hannah: Oh, ela era minha irmã.

Interlocutora: Tua irmã?

Hannah: Com certeza, era minha irmã, ela andava por aí a guiar.

Interlocutora: A subir pelas paredes?

Hannah: Com certeza. Ela era mesmo engraçada.

Interlocutora: Ela está contigo?

Hannah: Com certeza. Ela está contigo, não está? Sim.

Interlocutora: Ela ainda te faz subir pelas paredes?

Hannah: Não, calculo que o faremos a partir da curva.

Interlocutora: Como chegaste onde estás?

Hannah: Oh, não sei, foi de repente.

Interlocutora: Uma coisa?

Hannah: Com certeza. Algum tipo de acidente. Sim, acho que sim.

Interlocutora: Foi quando estavas no carro, não foi?

Hannah: Sim, na autoestrada.

Interlocutora: Na autoestrada?

Hannah: Na autoestrada, sim. Oh, sai daí. Não tens de fazer isso. Vemo-nos lá. Amo-te também.

Interlocutora: O que é que eles te estão a fazer?

Hannah: Oh, ele é um paneleiro (*fag*). Não, não faças isso. Puseste a tua mamã e o teu papá contigo? Com certeza. Nós matámos o MacArthur.

Interlocutora: Oh, sim?

Hannah: Sim. Nada mau. Eu vejo melhor. São hologramas. Um dos amigos da Angelina, não são? Nós tínhamos um rapazinho, o Robert, como tu, de quem ele não gostava muito. Agora, tu simplesmente não tens de te preocupar com isso.

Interlocutora: Oh, não tenho?

Hannah: Eu apenas sinto-o. Lamento. Gosto de te fazer rir. Sabes, não é mau. Mas não era difícil arranjar árvores de Natal?

Interlocutora: Com certeza, é uma árvore bonita, sabes. Sabes, apenas para passar por ela.

Hannah: Eu estava a dizer, não era difícil arranjar árvores de Natal onde vivias naquela época?

Interlocutora: Com certeza, estavam na loja.

Hannah: Oh, sim?

Interlocutora: Com certeza, estavam logo ali. Sabes.

Hannah: Estavas no meio do Texas ou perto da fronteira?

Interlocutora: Fort Worth.

Hannah: Oh, estavas?

Interlocutora: Uh-huh. Sabes onde fica Fort Worth? Sim. É por isso que sentes sempre que saberias como falar com as outras pessoas. Oh, bom Deus.

Aquela era uma velha árvore branca. Isso significa há anos atrás. Gostava de poder vir falar convosco às vezes.

Interlocutora: Bem, virias.

Hannah: Calculo que poderia, sabes. Claro. Podes não te habituar a isto cá fora, sabes. Tens apenas de ganhar o hábito, percebes. Estás a sair-te muito bem.

Hannah: Sim, suponho que sim.

Interlocutora: Qual era o nome do teu papá?

Hannah: Oh, sabes como chamam a um médium? Sim. Oh, a minha mãe era doida por médiuns.

Interlocutora: Oh, era?

Hannah: Sim, ela estava sempre a mandar ler a sina e tal.

Interlocutora: Oh, isso é uma coisa diferente.

Hannah: Sim. Sim. Não fez diferença nenhuma, por isso ainda ficámos giros.

Interlocutora: Bem, todos chegamos a isso. Sim. De uma maneira ou de outra. Estavas no Texas quando o Presidente Kennedy partiu?

Hannah: Não.

Interlocutora: Depois?

Hannah: Não, calculo que foi há uns oito, nove anos agora. Não sei que dia é este.

Interlocutora: 1972.

Hannah: 1972. Oh, 72. Isso seria 1963. Sim. 63. Não. Não, com certeza. Oh, nós não fazemos isso. Não sei. Não, nunca ouvi falar disso. Sim, com certeza, não é uma coisa má. Não é uma coisa má. Não. Não, calculo. Bem, sabes. Bem, calculo. Porque no ano passado, percebes, eu não tive isto.

Interlocutora: Bem, estás a compensar.

Hannah: Eu estive no teu país. Sim.

Mickey: Bem, calculo que nos afastamos de tudo isso, Mary, não é? Na verdade, podia pedir-te uma coisa? Oh, não. Podias ir visitar uns amigos nossos em Dallas?

Mary: Dallas? Mm-hmm. Há três salões lá, onde morrem oito. Não é para ter alguns deles. Quase disse a palavra errada, sim. Sim, eu irei, mas devo dizer-lhes como e onde.

Mickey: Bem, olha, entra em contacto com o Nicky. Conheceste o Nicky aqui, não conheceste?

Mary: Oh, ele? Oh, com certeza. Mas ele é um tipo estranho, não é?

Mickey: É?

Mary: Sim, ele é o que chamas um primo. Bem, suponho que sejas o equivalente a isso no teu próprio país. Sim, calculo que sim. Calculo que sim. Gosto disto livre. Não é mau. OK. Podia ser melhor, mas não é mau.

Mickey: Ora, como poderia ser melhor?

Mary: Não sei. Podia ser maior, calculo. Um conjunto, alguns.

Mickey: Tu gostas de tudo grande e sexy.

Mary: Com certeza. Temos grandes árvores no Mississippi.

Interlocutora: Qual é o teu apelido?

Patsy: Patsy.

Interlocutora: Patsy o quê? Menina Patsy o quê?

Patsy: O que queres dizer, um homem? Bem, um rapazinho. Patsy.

Mickey: Patsy. Não és a Patsy? Ele diz Patsy. Patsy é um homem.

Interlocutora: Ele é um homem. Sim.

Mickey: Não, Patsy é uma rapariga.

Patsy: Não. Patsy. OK.

Mickey: Aposto que és o Patsy. Patsy quem?

Patsy: Patsy. Bem, deves ser.

Mickey: Há mais alguma coisa além desse nome.

Patsy: Patsy. Isso é um apelido, Patsy.

Mickey: Patsy. Isso é um apelido. Isso é um nome próprio.

Patsy: Patsy. Patsy. Patsy. Patsy. Por favor, por favor. Patsy. Patsy. Patsy. Julian.

Interlocutora: Julian. Julian. Oh, és um rapazinho. Pensámos que eras uma rapariga.

Julian: Oh, senhora. Eu não sou tão pequeno como tu és.

Interlocutora: Que idade tens? Pareces um mestre adolescente. Que idade tens, Patsy?

Julian (Patsy): Não sei. Calculo que agora serei mais velho do que pareço.

Interlocutora: Bem, que idade tinhas quando começaste? Pareces mesmo positivo.

Julian: Eu era um adolescente, calculo. A chegar aos dez. Não. Não sei. Calculo que estava a chegar aos onze. Não sei, minha senhora. Não sei que horas são.

Interlocutora: Bem, tens cerca de vinte agora, não tens?

Julian: Com certeza, calculo que sim. Mas, hum, não sei. São apenas dias. Sim, não sei. É o tempo, não é? O tempo é agora. É muito. Consegues dizer? Sim.

Interlocutora: O quê?

Julian: Três segundos e meio. Oh, com certeza. Três segundos. Oh, bem, onde está a pena? Onde está a pena? Agora sei onde pus a luz. Aquilo era a cadeira. Vou baixar a mão. Olá. Sim. Tenho a minha cadeira algures. Aqui. Estão prontos para isto?

Interlocutora: Sim.

Julian: Olá. Ibrahim. Oh meu Deus. Sim, tenho algo. Algo pode não estar aqui. Oh meu Deus. O que pus no meu pescoço. Não consegue sair? Consegues? Estou aqui, estou aqui. Estás a experimentá-los! Segurem as mãos aqui em baixo. Podem ficar rudes aqui. Podem apenas segurar. Estou a segurar a minha mão no ar porque sou lento. Está tudo bem, bebé. Está tudo bem, bebé. Não sei onde o pus. Vá lá, querida. Vá lá. Vá lá. Aquilo foi um bom lançamento. Vem tentar outra vez. Não, não, não. Espera para ver. Continua a mandá-los, Vicki. Não. Achei que eles tinham dito que só queriam o passaporte imperial. Podes dar-me um pouco de café? Alguém tem café. Vocês têm café? Sim. Eu tenho um café.

Notas:

1. A Natureza da Sessão ("Festa das Crianças") Esta sessão é um exemplo clássico das "Christmas Tree Parties" de Leslie Flint. O objetivo era permitir que crianças no plano espiritual interagissem com objetos físicos (brinquedos, bombinhas de Natal) através da energia da sessão. Os sons de "lançamentos" e objetos a cair explicam as exclamações como "Aquilo foi um bom lançamento".

2. Ian e a "Consciência da Transição" O comunicador Ian demonstra uma característica comum em crianças comunicantes: a manutenção da mentalidade da idade com que partiram (9 anos), misturada com uma perceção mais madura do tempo no "lado de lá". Ele mostra-se inicialmente cético quanto à necessidade da árvore para adultos, refletindo a ideia de que no espírito eles "crescem" em entendimento, mas mantêm a forma jovem.

3. Hannah e o Sotaque Texano A entrada de Hannah introduz um contraste cultural forte. O uso de termos como "fag" (que no contexto da época e do sotaque pode ser pejorativo ou gíria específica) e a menção a acidentes na via rápida servem como "provas de identidade" para os assistentes, situando a sua origem geográfica e o modo repentino da sua transição.

4. Maurice Chevalier e a Identidade Francesa A voz que fala francês e menciona Hollywood é identificada no meio espiritualista como sendo a de Maurice Chevalier (que falecera em janeiro de 1972, cerca de onze meses antes desta sessão). A sua tentativa de comunicar em francês e inglês, e a menção a "conceber pensamentos", ilustra a dificuldade que as entidades recém-chegadas sentem ao adaptar-se à "caixa de voz" mediúnica.

5. O Fenómeno da Voz Direta e os Objetos As referências a "segurar as mãos aqui em baixo" e ao uso do microfone explicam a técnica da sessão: os participantes formavam frequentemente uma corrente manual no escuro para estabilizar a energia, enquanto o médium permanecia em transe. O facto de as crianças pedirem para "levar o brinquedo" refere-se ao "duplo etérico" do objeto, como explicado pelo orador final.

6. Terminologia e Gíria

7. Glory Hole: No contexto britânico da época, Boozy e Mickey usam o termo para descrever um armário de arrumações ou um sótão cheio de tralha, sem a conotação sexual moderna.

8. Pulling your leg: Expressão típica para indicar que se está a brincar ou a pregar uma partida.

9. A case: Gíria para alguém que é "um figurão" ou uma pessoa caricata.

COSMO LANG 1

(Arcebispo da Cantuária)

30 de novembro de 1984

Dr. Cosmo Lang: É uma questão de fé. Deve ser, por vezes, um tanto desconcertante, porque há tantas almas que se manifestam de tempos a tempos, e podem não se manifestar necessariamente sempre como, por exemplo, hoje. Pode ser que consigam, num momento ou noutro, dar-vos uma impressão, ou talvez uma visão clarividente, ou de qualquer outra forma dar-se a conhecer, em parte, se não totalmente.

Mas sabem que são extremamente abençoados pelas almas que entram no vosso ambiente, que se impõem temporariamente na vossa consciência e manipulam, por vezes, até certo ponto, o que estão a fazer. Frequentemente, talvez tenham uma impressão súbita de fazer isto ou aquilo, ou o que quer que seja. Talvez alguma afirmação que possam proferir.

Podem dizer algumas palavras a alguém e, talvez no preciso momento em que falam, estejam mentalmente quase a dizer para vós próprios: "o que é que me deu para dizer isto?". Isto acontece porque estão sob a influência de toda a espécie de indivíduos deste lado. Vejam, uma vez que abrem a porta, por assim dizer, às coisas do espírito, uma vez que estão, até certo ponto, a desenvolver as vossas faculdades psíquicas e espirituais, acabam por ser temporariamente dominados em todos os tipos de momentos, talvez não necessariamente apenas quando estão numa sessão mediúnica ou talvez quando estão numa consulta, seja para cura ou o que quer que aconteça ser. Tudo bem, podem estar por vezes a impor as mãos sobre alguma pobre alma que tenha alguma doença, talvez em grande sofrimento, em grande necessidade de ajuda material nesse sentido.

Mas, ocasionalmente, ouvir-se-ão a dizer ou serão impelidos a dizer certas coisas e, muitas vezes, é uma mensagem de conforto que está a ser trazida do nosso lado para o paciente. Por vezes, uma mensagem de algum parente ou de algum amigo que conheceram e amaram, e em quem ainda pensam. Há, de facto, momentos em que uma pessoa se sente muito sozinha no vosso mundo, a avançar nos anos, e talvez esteja doente e debilitada.

Ficam muito infelizes, muito deprimidos e nostálgicos, recordando os tempos mais felizes com as pessoas que amaram e ainda amam. E, claro, quando fazem a vossa cura, a imposição das mãos, são-vos dadas impressões esperançosas para transmitirem mensagens que serão de conforto e elevação. Vejam, nós tentamos fazer tudo o que está ao nosso alcance, não apenas a um nível puramente físico, mas também mental e, obviamente, espiritual.

Cada um de vós está a contribuir para o trabalho do Espírito e estão a manifestar esse poder com o qual foram dotados. Foram desenvolvidos, por assim dizer, até certo ponto; alguns talvez um pouco mais do que outros, ou talvez um numa direção diferente. E não me refiro apenas no que diz respeito às vossas almas.

Falo agora num sentido mais geral. Sabem, existem inúmeras pessoas no movimento espiritualista, como lhe chamam, que estão a servir em diferentes níveis. Algumas servem num nível inteiramente diferente de outras. Algumas estão num nível mais material. Outras estão num estado de ser mais espiritual e elevado. E, claro, há muitas vezes em que pouco ou nada parece estar a acontecer com qualquer consequência, e ficam perplexos e, por vezes, um pouco desanimados.

Mas vejam, os poderes do Espírito, pela sua própria natureza, flutuam. Há momentos em que achamos mais difícil do que outros, talvez, chegar até vós. E há momentos em que, talvez por várias razões óbvias, no vosso mundo material as circunstâncias são tais que uma barreira, pelo menos temporária, é erguida.

Sabem, quando voltamos para junto de vós e entramos no vosso ambiente material, vemos o caos por todo o lado. Vemos a infelicidade no vosso mundo. Vemos todas as coisas que estão a acontecer e que causam grande angústia mental e, frequentemente, física. Em todo o mundo vemos, por vezes, a estupidez do homem. Queremos desesperadamente ajudar. Queremos mudar as circunstâncias da vida que causam tal angústia da mente e do corpo.

E, claro, não se pode esperar que façamos, talvez, muito no que diz respeito ao vosso modo de vida político, seja em Inglaterra ou noutra nação ou país. Mas vemos a raiva nos corações dos homens. Vemos o sofrimento causado pelo fanatismo. E também, claro, vemos as barreiras que são erguidas, particularmente por vezes através do fervor religioso, que muitas vezes separa a humanidade em vez de a unir, seja no Irão, seja na Irlanda ou onde quer que aconteça ser.

Vemos este ódio, loucura e intolerância, esta infelicidade que é gerada pela estupidez do homem. Mas, claro, apesar de todos estes obstáculos, apesar de todos estes problemas, dificuldades e angústias, conseguimos, de tempos a tempos, chegar àqueles que, como vós, se reúnem em amor e harmonia, desejando fazer o trabalho do espírito para aliviar a dor e a angústia da mente e do corpo de inúmeros povos.

Mas, claro, quando vemos a imensidão da tarefa, quando vemos, como devemos ver e vemos, o terrível emaranhado da vida, a infelicidade mundial, por vezes é como se o que estamos a tentar fazer fosse como uma gota no oceano. No entanto, sabemos que podemos e conseguimos alcançar mais, talvez, do que se pensava ser possível. Sabem, estamos tão gratos a pessoas como vós, que se reúnem em amor e harmonia para servir, para abdicar do vosso tempo e fazer um esforço para realizar o trabalho do espírito para iluminar aqueles que, num certo sentido, habitam nas trevas das coisas materiais.

É como um feixe de luz que, pelo menos até certo ponto, ajuda aqui e ali aqueles que estão preparados para ver. Foram grandemente abençoados pelos contactos que fizeram, pelas pessoas que vêm ter convosco de todas as esferas da vida, e sabemos que há momentos em que sentem, talvez, que não são capazes de alcançar tudo o que gostariam de fazer, mas, ainda assim, é verdade dizer que muitos foram abençoados, ajudados e elevados mental, física e espiritualmente; e quero que saibam, não apenas em meu nome, mas em nome de todas as inúmeras almas que aqui se reuniram hoje. Algumas conhecem-nas, muitas não as conhecem, mas trabalham silenciosamente nos bastidores, por assim dizer.

Claro que aprenderam a conhecer certos indivíduos, certas almas, certos povos que vêm em intervalos regulares trabalhar convosco e ajudar e fazer as coisas do espírito; no entanto, viemos como um único grupo, independentemente de alguns virem de um nível superior de consciência ou de outros estarem talvez mais perto da terra. E, claro, sabem, acho muito importante recordar que, para aqueles que trabalham, como frequentemente acontece, mais perto do plano terrestre, é obviamente muito mais fácil vir e trabalhar do que talvez para alguma alma de uma esfera muito elevada, que pode não ser capaz, por vezes, de fazer um contacto direto, mas deve entregar a sua mensagem, conforme o caso, a alguma outra alma mais próxima da vibração da terra.

Sabem quantas pessoas compreenderam no movimento espiritualista em particular? Porque é aí que reside o nosso trabalho, e há tantos, infelizmente, que têm boas intenções, como de facto tenho a certeza de que concordarão, mas o seu conhecimento real, profundo e enraizado desta verdade não é como poderia ser. Vejam, há tanta dependência de tantas pessoas em coisas que, até certo ponto, estão apenas na superfície.

Sabem que é verdade que vastos números de espiritualistas estão apenas a roçar a superfície? Não estão a aprofundar tanto quanto poderiam fazer. Nem sempre se sintonizam com o nível mais alto possível através do qual o trabalho do espírito pode ser elevado num plano muito superior. Mas vós sois buscadores, sois pesquisadores, e sei que, durante vários anos em particular, aprofundaram a verdade e espalham esta verdade o melhor que podem e, de facto, até certo ponto, obviamente dão algum tipo de exemplo; mas sabem, se conseguíssemos reunir todos os espiritualistas, se conseguíssemos fazê-los ver a realidade das coisas, fazê-los perceber o potencial que reside profundamente em cada um deles e nos médiuns em particular, cuja tarefa é enorme.

Eles têm uma grande responsabilidade colocada sobre os seus ombros e, de facto, é algo que por vezes não percebem ou compreendem totalmente. Sabem, a única forma de alguém alcançar algo de real consequência no trabalho do espírito é quando se esquece de si próprio no serviço amoroso. É então que começa a encontrar o seu verdadeiro eu. Quando se mantêm, por assim dizer, nos bastidores, particularmente no que diz respeito à vossa mediunidade, este é o fator mais importante e possivelmente, para alguns, a coisa mais difícil de fazer ou alcançar. Não vale a pena a autoexaltação ou colocar-se numa posição superior, ou pensar que, por terem os poderes do espírito manifestados através de vós, são únicos. O ponto fulcral desta verdade é que, quanto menos o próprio médium se intrometer na sua mediunidade, melhor essa mediunidade será; e provavelmente a coisa mais difícil de todas é perder-se a si próprio.

Isto é importante. O que estou a tentar dizer-vos não é apenas de mim próprio, mas de todas as queridas almas que se reúnem à vossa volta — algumas das quais, como já disse, conhecem, mas muitas que não conhecem e que também aguardam uma oportunidade em algum tempo futuro para se manifestarem — mas sabem, todos temos de ir passo a passo. É de facto verdade dizer que é, de certa forma, como uma escada. Cada degrau da escada é importante. Não se pode subir às alturas até se ter estado nas profundezas, e isto é bem verdade. Todos estão a subir. Todos estão a ter esperança.

Todos, até certo ponto, desejam poder fazer ainda mais do que estão a fazer, alcançar mais do que já alcançaram no nível de consciência que tornará possível o que chamam no vosso mundo de milagres. Sabem, quando olham para as verdades que foram ensinadas pelos grandes profetas, pelos grandes mestres e pelos grandes videntes, com o próprio Jesus que realizou feitos tão extraordinários — o que habitualmente se designa por milagres — mas, lá está, o próprio Jesus percebeu que a única forma de alcançar as coisas do espírito era perder-se no serviço amoroso.

E lembro-me muito bem que foi dito que "coisas maiores do que estas faria, pois eu vou para o meu Pai". E isto é bem verdade. Há coisas que podem ser feitas, coisas que podem ser alcançadas, se ao menos tiverem a perceção da fé dentro de vós próprios, do poder do espírito que torna todas as coisas possíveis. Mais uma vez, voltamos ao perder-se a si próprio. Para se encontrar, primeiro tem de se perder. Quanto mais consciente estiver de si próprio, do que pensa que pode fazer ou alcançou — por mais importante que isso possa parecer ou até ser até certo ponto — a perceção deve chegar de que vós sois os veículos da expressão de Deus e que sois, por assim dizer, uma concha que pode ser preenchida com o Espírito Santo.

De facto, os vossos corpos físicos são apenas o aspeto físico. São, por assim dizer, o vaso através do qual sois capazes de verter o Espírito Vivo, que é eterno. Nada pode destruir esse vosso espírito. Mas se conseguirem elevar esse espírito ao nível mais alto possível e comungar, de facto comungar verdadeiramente, com a vibração mais alta que é possível esperar ou alcançar enquanto ainda na carne... sabem, não creio que ninguém no vosso mundo, quem quer que seja, perceba o potencial que tem dentro de si. Nada é impossível, embora possa parecer; o aspeto físico das coisas, claro, por vezes angustia. E há momentos em que talvez sintam que não podem fazer mais do que fazem.

E, de facto, há momentos em que sentem que alcançaram tanto quanto alguma vez ousaram esperar alcançar. E, no entanto, há sempre outro passo em frente. Há ainda a possibilidade de fazer até aquele pequeno extra. E assim que começam a dar esse passo, começam a perceber que estão a entrar num ambiente — um ambiente espiritual — que provavelmente não compreendiam ou percebiam antes que lá estava. Sabem, há séculos que o homem progrediu em alguns aspetos. Mas sabem, houve um tempo em que as pessoas desprezavam e não aceitavam ou acreditavam na perceção que agora possuem de coisas que acontecem dia após dia no vosso mundo, como por exemplo com a vossa rádio, como lhe chamam, e a vossa televisão.

Se alguém vos tivesse dito há cem anos, ou menos, que seriam capazes de se sentar na vossa sala e ver o que estava a acontecer a milhares de quilómetros de distância, teriam pensado que era uma situação impossível. Não poderiam ter aceitado. Não poderiam ter acreditado. E, no entanto, todo o tempo na vossa atmosfera existem vibrações. Existem todo o tipo de coisas que podem ser captadas por um instrumento sensibilizado. E o que sois vós senão instrumentos sensibilizados da vontade e do propósito de Deus? E o que somos nós que vimos ter convosco? Somos Seus filhos, tal como vós, num nível diferente de consciência.

E, de facto, somos almas que, até certo ponto, progrediram além das coisas materiais. Mas por causa do amor que sentimos, do amor que vos temos, tentamos quebrar as dificuldades e as barreiras que nos separam. Estas são coisas puramente físicas em si mesmas. Estão mais no nível material e não no espiritual. Mas o ponto é que sois valiosos, não apenas para vós próprios, mas sois valiosos para nós. Mas devem também lembrar-se de que, se querem sintonizar-se, devem elevar-se acima do aspeto material das coisas, mesmo que seja apenas temporariamente.

Quando se sentam juntos, quando se elevam mental e espiritualmente, estão a sintonizar-se num nível diferente, num comprimento de onda diferente. Somos capazes de entrar, até certo ponto, no vosso ambiente, inspirar-vos e impelir-vos a transmitir e a fazer as coisas que desejamos que façam, que serão não apenas uma bênção para vós, mas, claro, ainda mais importante, uma bênção para aqueles menos afortunados, aqueles que sofrem, aqueles que estão em necessidade mental e espiritual. Vós, meus amigos, tendes uma tarefa tremenda, uma responsabilidade colocada sobre os vossos ombros, e sei que, até certo ponto, cumpriram as vossas obrigações como as veem, e estamos gratos por isso.

Mas nunca sintam que alcançaram completamente tudo o que foi planeado fazer. Não vos falharemos, e tenho a certeza de que não falharão a vós próprios. Mas lembrem-se sempre que o poder do Espírito torna todas as coisas possíveis. Não há nada impossível para o poder do Espírito Santo, que se manifesta dentro de vós, ao vosso redor, e de facto estais a viver agora como seres espirituais enquanto ainda envoltos em carne. O poder do Espírito pode superar todas as coisas. Estou aqui há muitos anos. O tempo não tem consequência. O tempo é a maior de todas as ilusões. O que parece ser tempo não é necessariamente assim, tal como o compreendem.

Dr. Cosmo Lang: Julgam o tempo pelo vosso relógio, pela lua e pelas estrelas; julgam o tempo por toda a espécie de outros meios. Mas a questão é que o tempo é uma grande ilusão. Sei que é fácil para mim dizer isto. Quando têm de cumprir o tempo, têm de se preocupar com o tempo. Têm de considerar o tempo. Têm de dar tempo. Têm de tirar tempo. Mas o tempo em si é uma ilusão essencial. Há alguns que realizam mais nos seus anos formativos do que aqueles que vivem até aos 80 ou 90 anos de idade.

E o que uma pessoa pode fazer ou alcançar não é, num certo sentido, medido pelo tempo em si. É medido — se é que é medido de todo — pela ação, pelos resultados, pelas oportunidades, claro, que se apresentaram e tornaram possível fazer e alcançar certas coisas. Mas sabem, vocês têm sido abençoados. Foi-vos dado conhecimento e experiência, e foi-vos dada a perceção da vontade e do propósito de Deus para os Seus filhos. Estão a esforçar-se, e têm-se esforçado há algum tempo, para demonstrar os dons do Espírito.

Sabem de todas estas coisas maravilhosas sobre as quais se escreve há tantos séculos, as coisas que estão escritas na Bíblia e noutros grandes livros; estas verdades que chegaram ao homem através da intervenção e do poder do Espírito vindo do exterior, das almas que precederam, dos povos que voltaram e inspiraram, ajudaram, guiaram, elevaram e deram força às pessoas enquanto estas ainda estavam na terra.

Sabem, meus amigos, pergunto-me frequentemente por que razão tantos no movimento espiritualista não percebem ou não compreendem totalmente o tremendo potencial que possuem, as tremendas oportunidades que poderiam apresentar-se se demonstrassem e fizessem o trabalho do Espírito de uma forma que comandasse consideração, respeito e defendesse essa verdade que estamos tão ansiosos por realizar. Vós sois instrumentos. Sois uma bênção. Trabalham, talvez, por vezes de uma forma que é bastante diferente dos outros. Cada um deve agir de acordo com a sua luz. Cada um deve servir de acordo com a sua luz.

Mas sabem, vemos-vos como um grupo. Vemos-vos como um todo, não necessariamente como indivíduos. Claro que vos vemos como indivíduos, mas vemos-vos como um grupo, como um só corpo a realizar o trabalho do Espírito, a manifestar o poder e o amor do Espírito, a fortalecer outros que estão menos informados ou são menos capazes, menos aptos para fazer as coisas que vós fazeis, por exemplo. Mas nunca devem ficar parados. Devem sempre perceber o tremendo potencial, a fonte que ainda não foi explorada

dentro de vós. Percam a vossa identidade até certo ponto, sim, mas lembrem-se de que vós próprios sois aqueles que devem fazer este trabalho e nós somos aqueles que vos impelem e inspiram.

Mas não desanimem, não fiquem angustiados por nem sempre alcançarem os resultados que se propuseram fazer ou que sentiram que gostariam de ter feito. Por vezes haverá falhas. Nós não podemos, por exemplo — nem vocês podem — esperar curar toda a gente. Haverá alguns cujas dores podem ser aliviadas, que podem ser ajudados e elevados até certo ponto, e podemos fazer isto e aquilo que é benéfico, mas nem sempre conseguimos alcançar o sucesso completo. Mas, lá está, poderiam perguntar a vós próprios: o que é o sucesso? O sucesso nem sempre é o que parece. Por vezes o sucesso é um engano ou uma ilusão.

As pessoas estão sempre a lutar, no vosso mundo, pelo sucesso de uma forma ou de outra. Mas o que é o sucesso? Por vezes, quando alcançam o sucesso, tornam-se decadentes e descobrem que o sucesso que visavam não trouxe a paz de espírito ou a felicidade que pensavam que traria; mas no trabalho do Espírito — que é uma coisa inteiramente diferente em si mesma do sucesso material — é aqui que o sucesso traz não só grande alegria e felicidade, mas dá a perceção de que aquilo que alcançam, aquilo que foi bem-sucedido — seja curar esta pessoa ou ajudar aquela, confortar quem chora — quem quer que estejam a ajudar e tenham algum sucesso, então têm de facto um sucesso real. É um sucesso permanente. É um sucesso espiritual. Não é apenas uma manifestação material. Não é apenas um sucesso material. É um sucesso que, basicamente, é espiritual. É um sucesso que é eterno. Não é puramente um sucesso flutuante e mutável numa linha material ou num nível de consciência material.

Sabem, meus amigos, foi-me pedido fundamentalmente que viesse ter convosco hoje. Não sabia se seria capaz de me manifestar ou de conseguir, mas quero apenas que saibam que aquilo que vos digo não provém inteiramente de mim próprio. Provém, de facto, de todos os que se reúnem à vossa volta. Pode não ser exatamente o que tinham antecipado esta manhã. Pode não ser exatamente o que tinham esperado, mas posso dizer-vos isto: que há uma razão, um propósito e um significado na minha vinda, porque eu sou o porta-voz de inúmeras almas aqui — algumas, como disse, conhecem-nas, muitas não — mas somos um bando jubiloso de peregrinos que entram temporariamente na vossa vibração terrena para vos prestar serviço, para vos dar amor, para vos dar elevação, para vos dar inspiração e para vos dar o poder do Espírito, para que possam entregar esse poder a outros, para que eles

também sejam abençoados, para que eles também vejam, para que eles também saibam, para que eles também percebam que nada é impossível para aqueles que servem e se esquecem de si próprios no verdadeiro serviço, cumprindo a vontade do Altíssimo. A minha bênção para vós, e que sigam em frente com força. Abençoados sejam. Eu abençoo-vos.

Interlocutor: Qual é o seu nome, amigo?

Dr. Cosmo Lang: Digamos que há muito tempo — e isto é tudo o que vos vou dizer — há muito tempo, servi na igreja. Suponho que, olhando para trás, para esses primeiros anos em que ocupei uma posição elevada na igreja, diriam que fui um sucesso. Num sentido, suponho que fui. Se se diria que fui um sucesso espiritual, isso é outra questão. Presumivelmente, nesse período da minha vida, pensava ter alcançado o lugar mais alto possível na igreja — o que de facto aconteceu — mas não o vejo agora como o via então, como um sucesso material e espiritual. Não estou a dizer que fiz algo impróprio ou algo de que me devesse envergonhar, mas percebo que não tinha o conhecimento que vós tendes.

Ali estava eu, na posição mais alta possível na igreja, e não tinha a perceção, não tinha o conhecimento e a experiência que vós, pessoas, tendes. Eu acreditava, claro, numa vida após a morte; acreditava que era possível, em certas circunstâncias, talvez sintonizar-me mentalmente, por assim dizer, com os santos — como eu lhes chamava — mas agora sei que era ignorante sobre o que tudo isto significava. Nem sequer percebia a tremenda possibilidade que residia dentro de mim próprio. Só posso dizer isto, meus amigos: que vós tendes o conhecimento que eu não tive.

Interlocutora: Seria permitido saber o seu nome? Se vamos transmitir isto aos que estão na igreja, e na igreja que ansiarão por ouvi-lo, deveríamos realmente ter alguma indicação do cargo que ocupou, porque eles exigirão, percebe, eles quererão saber antes de escutarem.

Dr. Cosmo Lang: Sim, eu compreendo. Mas sabem, como tantos aqui, estou plenamente consciente, plenamente ciente de que haverá sempre aqueles no vosso mundo — particularmente aqueles em lugares altos, especialmente na igreja — que refutarão por várias razões óbvias. Eles sentirão que isto é algo que, do ponto de vista deles, poderia minar as suas atividades e as suas crenças; e, no entanto, é um aspeto de apoio, de facto o mais importante, saber que o que eu digo, o que eu faço e me esforço por alcançar é deveras tão vital, tão importante. Isso fortalece a igreja. Se ao menos a igreja abrisse as suas

portas a esta verdade, tal como Jesus compreendeu — e Jesus expôs estas verdades ao longo de toda a sua vida, obviamente.

A vida não é puramente o que parece na superfície. Sabem, Jesus estava em comunicação com várias almas que tinham partido antes. Tal como todos os grandes mestres e profetas, como já disse, eles dependiam de facto para o seu estímulo e para a sua força e conhecimento da perceção das almas que vinham ter com eles de tempos a tempos.

Quando Jesus estava perturbado, angustiado, incerto ou inseguro, o que é que ele fazia? Ele retirava-se para o silêncio, esperando pela inspiração, esperando pela orientação, esperando pelas aparições que viriam ter com ele deste lado da vida para fortalecer a sua determinação. Sabem, e claro que após a sua morte, quando ele ressuscitou dos chamados mortos, ele apareceu aos discípulos no cenáculo. A porta estava trancada, e ele apareceu perante eles; e, de facto, a muitas outras almas na terra ele apareceu para provar a realidade do facto de que tinha vencido a morte.

Perguntaram-me, e suponho que é justo que vos diga: o meu nome é **Lang** e, se desejarem fazer uso do que me esforcei por realizar esta manhã, por favor, façam-no. Mas encontrarão obstáculos, tal como quando eu estava do vosso lado. Eu também, até certo ponto, rejeitava as teorias e atitudes espiritualistas, e não me deixava envolver. Na verdade, tinha medo disso. E no entanto, tinha um interesse em certo ponto, mas lamento dizer tudo isto agora, refletindo sobre o que se poderia ter feito, o que se poderia ter alcançado em vida se eu tivesse tido a força de carácter, a determinação, a perceção e a coragem de expor estas verdades. Suponho que, de uma forma estranha, lá no fundo eu aceitava, e no entanto, não conseguia obrigar-me a aceitar ao ponto de sair e, por assim dizer, proclamar e declarar isso.

Mas sabem, vós dois, vós as duas pessoas aqui, são muito abençoados. São realmente mais abençoados, na verdade, do que imaginam. Sei que é humano e natural quando frequentam estas sessões com médiuns. Obviamente, o objetivo e o propósito, particularmente nos estágios iniciais da investigação de alguém, é querer provas de sobrevivência, o que é justo e natural que tenham. Invariavelmente, quando se busca a verdade numa tal procura, espera-se fazer um contacto pessoal com parentes, pessoas que conheceram e amaram, que possam vir e dar certos factos e informações para provar a sua identidade e fortalecer o vosso conhecimento e a vossa crença. Isto é... Mas sabem, o que me preocupa é por que razão tantos espiritualistas nunca passam de um certo ponto.

Talvez não devesse dizer isto, mas a questão é que, uma vez alcançado o resultado do ponto de vista da convicção pelas evidências que tiveram — seja deste parente ou daquele amigo, quem quer que seja com quem comunicaram ao longo de um período de tempo — não estou a dizer que não devam continuar a comunicar com esse indivíduo ou indivíduos, havendo oportunidade.

O que acho é que se deveria procurar, certamente, elevar-se a um nível de consciência onde almas deste lado, que não estão necessariamente relacionadas ou ligadas a vós, se possam manifestar e trazer coisas de valor, de elevação espiritual, de perceção de coisas que estão longe do comum mundano e das coisas materiais — as quais são frequentemente, claro, necessárias nos estágios iniciais de alguém que inquire sobre o assunto — mas para chegar ao nível da perceção espiritual que trará consigo mensagens espirituais e também vos dará discussões informativas e grupos de oportunidades para manifestar estas coisas no nível que estamos tão ansiosos por alcançar. Sabem, se eu fosse a muitos dos círculos espiritualistas — e de facto tenho ido — e tentasse fazer contacto, não estou a dizer que não seria bem-vindo até certo ponto, mas a questão é que a vasta maioria dessas pessoas diria: "oh sim, é muito interessante, etc., etc., etc., mas claro que gostaríamos de uma mensagem do Fred, do nosso Charlie ou do nosso Bert".

Bem, eu compreendo, claro, quando estão a procurar nos estágios iniciais que precisem das vossas mensagens do Fred, do Bert e do Charlie, e precisem de ser animados e de receber força para perceberem que a morte não é o fim através da experiência pessoal; mas não podem continuar indefinidamente nesse nível e, infelizmente, tantos espiritualistas estão nesse único nível.

Vão a uma sociedade espiritualista ou a uma igreja — onde tenho ido muitas vezes, por curiosidade, se quiserem — e tenho ficado tão desanimado porque parece que tão poucas pessoas ali, mesmo que tenham tido, presumivelmente, convicção ao longo de um período de tempo por experiência pessoal, não estão interessadas na perceção espiritual e não estão preparadas para se sentarem e ouvirem, mesmo que lhes seja dada a oportunidade de algo num nível de consciência longe do mundano e do material; e sentam-se ali impacientes, na maioria das vezes, à espera que o homem ou quem quer que seja, o médium, termine, para poderem receber as mensagens.

Não estou a dizer que as mensagens não sejam importantes, elas são vitais, mas não podem, certamente, fazer um verdadeiro progresso espiritual

neste trabalho se ficarem nesse nível. Têm de chegar a conclusões, mais cedo ou mais tarde, de que há mais nisto do que aquilo que já receberam.

Têm de abrir a vossa mente, o vosso coração, têm de dizer para vós próprios: "agora sabemos que é verdade, vamos alcançar o nível mais alto que pudermos para que possamos ser realmente inspirados e elevados, e para que nos possamos afastar do comum e do mundano, para as coisas que são verdadeiramente do espírito, e não da carne". É sobre isto que sinto tanta convicção. É por isso que vos quero aqui, e é por isso que fiz este esforço muito, muito especial para vir, sendo, por assim dizer, o porta-voz não apenas de mim próprio, mas de todas as inúmeras pessoas que estão reunidas à vossa volta — algumas que trabalham convosco, algumas que se esforçam convosco, algumas que servem convosco, mas muitas outras que não conhecem, que vêm no nível da perceção e consciência espiritual — para que vão pelo mundo fora, para que façam as pessoas saber o que estamos a desejar, o que estamos a esperar, o que pode ser feito e o que pode ser alcançado no que chamam de movimento espiritualista.

Queremos que seja um movimento verdadeiramente espiritualista, onde o espírito seja predominante, e não o mundano ou o material, mas o espiritual. Abençoados sejam, meus amigos.

Notas:

1. A Figura de Cosmo Lang Cosmo Gordon Lang foi uma figura central na Igreja de Inglaterra, tendo sido Arcebispo de Cantuária entre 1928 e 1942. Durante a sua vida física, Lang foi conhecido pela sua formalidade e, por vezes, pelo seu distanciamento das correntes mais "populares" da religião. Nesta comunicação (post-mortem), ele expressa um arrependimento clássico nas comunicações de Flint: o de não ter dado a devida importância ou reconhecimento público à realidade do mundo espiritual enquanto detinha autoridade terrena.

2. A "Caixa de Voz" e a Vibração Lang utiliza uma linguagem muito técnica do espiritualismo britânico do século XX. Refere-se à mediunidade como um "instrumento sensibilizado" (comparando-a à rádio e televisão, tecnologias que viu florescer em vida) e enfatiza a dificuldade de almas de "esferas elevadas" baixarem a sua vibração para comunicar diretamente, necessitando frequentemente de intermediários mais próximos da "vibração da terra".

3. O Conceito de "Perder-se para se Encontrar" O Arcebispo recorre a uma linguagem profundamente cristã ("Holy Spirit", "vessel", "miracles"), mas adapta-a à filosofia mediúnica. A sua insistência em que o médium deve ser uma "concha" ou um "vaso" vazio é um aviso contra o ego e a autoexaltação, problemas que ele via tanto na Igreja como no movimento espiritualista.

4. Contexto Geopolítico A menção ao Irão e à Irlanda situa a comunicação no contexto das tensões religiosas e políticas dos anos 80. Lang usa estes exemplos para ilustrar como a "estupidez humana" e o fanatismo criam barreiras que o mundo espiritual tenta, com dificuldade, ultrapassar.

Deseja que proceda à tradução da segunda parte desta comunicação (Dr Cosmo Lang 2) ou prefere analisar algum ponto teológico específico levantado nesta fala?

5. A Admissão da Identidade e do Arrependimento Esta comunicação é historicamente significativa no contexto das gravações de Leslie Flint. O facto de Cosmo Lang admitir que, em vida, teve medo e falta de "fibra moral" para defender estas verdades publicamente, apesar de ocupar o cargo de Arcebispo da Cantuária, é um tema recorrente de "ajuste de contas" espiritual. Ele admite que a sua fé era teológica, mas não experimental, e que a experiência mediúnica que o grupo possui é superior à que ele tinha no topo da hierarquia eclesiástica.

6. Crítica ao Espiritualismo "de Mensagens" Lang faz uma distinção clara entre o "espiritualismo de consolação" (mensagens triviais de familiares como Fred ou Bert) e o "espiritualismo de instrução". Ele exorta o grupo a não se contentar com a prova da sobrevivência, mas a procurar a filosofia e a ética espiritual superior.

7. O Tempo como Ilusão O Arcebispo abre esta segunda parte reforçando que o tempo é uma ferramenta material e não uma realidade espiritual. A medida de uma alma não são os anos vividos, mas as "oportunidades e feitos" realizados.

8. O Fenómeno da "Voz Direta" Note-se que, durante a fala, Lang refere-se a si próprio como o "porta-voz" de muitos. Isto é consistente com a técnica de Leslie Flint, onde se acreditava que um espírito comunicante estabilizava uma "caixa de voz" para que outros pudessem transmitir o seu pensamento através dele.

COSMO LANG 2

6 de julho de 1987

Mickey: Olá, Les. Prazer em estar aqui, companheiro.

Leslie Flint: O que dizes?

Mickey: Prazer em estar aqui. Oh, nem te consigo dizer como estou grato.

Leslie Flint: Eu sei.

Mickey: Por os trazeres contigo.

Leslie Flint: Eu sei.

Maeve: Oh, isto significa tanto para mim. Eu sei. Só quero que saibam que estou bem e feliz. Estou feliz por vocês saberem. Acho que estou bem. Estou bem. Quem me dera poder vir e dar um beijo a todos. Eu amo-vos.

Interlocutores: Nós também te amamos.

Harold: Olá, Les. Estou aqui, querido.

Interlocutora: O que andas a fazer hoje em dia?

Harold: Oh, estou com a Julia Mosley e o Peter.

Interlocutora: Peter, valha-me Deus, amo-te.

Harold: Eu sei. Eu sei. Estou aqui, mãe. Eu sei, homem. Estou tão entusiasmado. Nem consigo ver direito. Eu sei. Eu sei, mas estou tão, estou tão entusiasmado. Só quero que saibam que vos amo e que estou bem. Estou aqui convosco. Não estou a milhas de distância. Venho ver-vos todos os dias sem falta; o tempo não é nada para mim agora.

Interlocutora: O que fazes com o teu tempo, Maeve? Tens uma máquina de costura aí?

Maeve: Não sejas parva. Para que é que eu quero uma máquina de costura? Não quero nada disso. Tudo o que quero é que todos saibam que estou bem. Um dia voltaremos a juntar-nos todos. Tal como nos velhos tempos.

Interlocutora: Como está o teu pé, Harry? Harold?

Harold: Oh, o meu pé, querida? Está bom. Nada mau. Nada mau. Nada com que se preocupar.

Interlocutora: Tiveste um bocado de problemas com o pé, não tiveste?

Harold: Meus pés e minhas pernas, sim. Não importa. Velhice. Velhice. É o que é. Velhice, sim. Não importa, querida.

Voz: Billy? Agora? O quê? O que disseste? Billy. Oh, viste o Frank? Vimos o teu irmão, não vimos? Mas tu achavas que ele tinha morrido, não achavas? Ele morreu? Ele morreu? Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim.

Comunicação do Dr. Cosmo Lang

Dr. Cosmo Lang: Suponho que, por vezes, deva parecer a algumas pessoas que não compreendem... deva parecer-lhes... bem, dependendo do indivíduo, claro, mas soa a algumas pessoas como sendo muito estranho, para dizer o mínimo. E, no entanto, não deveria haver estranheza alguma na realidade de que aqueles que conhecemos e amamos ainda estão muito presentes à nossa volta. Eles estão muito preocupados, obviamente, com as pessoas que deixaram para trás num sentido físico e estão muito ansiosos por ajudar.

E, acima de tudo, querem que elas sejam confortadas e saibam que a morte não é o fim; de facto, é o início, num certo sentido, de uma jornada maior. E não é tão desconhecida como algumas pessoas vos querem fazer acreditar. Sabem, por vezes as pessoas ficam muito inquietas, muito inseguras, particularmente aquelas que talvez tenham tido um contexto ou educação religiosa muito forte.

E penso que é muito mais difícil para elas apreciar ou compreender. E, no entanto, deveriam ser as primeiras a perceber a verdade de que a vida continua após a chamada morte. De facto, se Jesus não tivesse aparecido aos discípulos no cenáculo quando a porta estava trancada, não haveria o Cristianismo como fé e crença.

E não só, claro, ele apareceu aos discípulos, como apareceu a outras pessoas. E ao longo do tempo, de facto, desde tempos imemoriais, as pessoas têm visto aparições ou os chamados fantasmas, se preferirem. Mas, para além de tudo isso, a realidade da comunicação é a base de todas as religiões. Se não fosse assim, não haveria qualquer grupo religioso ou corpo de indivíduos ou povos. A vida é uma coisa contínua em si mesma, pela própria natureza das coisas. Penso que toda a tragédia reside no facto — e é compreensível até certo ponto — de a maioria das pessoas pensar puramente num nível físico.

Pensam que o corpo físico é o alfa e o ómega. E quando este morre, para muitas pessoas, esse é o fim da própria vida, o que, claro, não é verdade. O espírito anima o corpo físico, a personalidade, a realidade do espírito que habita cada estrutura humana. Esta é a realidade do espírito. O poder do espírito não conhece limites. Sabem, ficamos muito tristes e muito desanimados e ficamos muito desiludidos, particularmente com as pessoas da religião ortodoxa no vosso mundo, que simplesmente não querem compreender ou não conseguem compreender que o poder do espírito pode superar todas as coisas.

E até a chamada morte; este negócio de esperar pelo grande dia da ressurreição, como de facto algumas pessoas religiosas acreditam, e que aqueles que são escolhidos, os especiais, estarão à direita, por assim dizer, do Pai, é algo mitológico. Sabem, poderíamos aprofundar muitos aspetos dos ensinamentos de grupos e corpos religiosos. Digo isto sem ser, espero, indelicado, porque a maioria das pessoas ligadas a grupos e organizações religiosas são suficientemente sinceras e, de facto, em muitos casos, fazem um trabalho muito bom. Ninguém está a condenar. O que sentimos ser a tragédia é a falta de perceção de que a vida é contínua, que a morte não destrói; apenas destrói o aspeto material ou físico das coisas.

Aquela, por exemplo, que amam — esta querida senhora que está tão perto de vós e tão preocupada com todos e muito ansiosa por que percebam que ela está bem e feliz e que ainda cuida de vós — ela pode não estar, do vosso ponto de vista, num sentido físico de trabalho, à vossa volta, vós não a vedes, mas isso não quer dizer que ela não esteja muitas vezes convosco.

Ela vem à sua maneira para se sintonizar, para tentar transmitir-vos impressões; às vezes percebem subitamente que estão a receber uma impressão ou um pensamento, ou sentem, num certo sentido, a realidade da presença dela, embora não a vejam fisicamente; ela está lá mental e espiritualmente convosco. Ela é, de facto, uma alma evoluída agora, afastada das coisas materiais. Obviamente, não está assolada pelos problemas, pelas dificuldades, pela doença e pela má saúde de que sofria. Tudo isso acabou; isso morreu com o corpo físico.

Mas ela é vital, está viva, está bem, está feliz; ela quer que todos vós estejais assim, não que chorem por ela, mas que se alegrem por ela estar livre da dor e do sofrimento, que eventualmente se voltarão a reunir todos e, no intervalo, ela andará por aqui interessando-se pelas vossas vidas diárias, tentando ajudar-vos se puder e quando puder. Sei que é humano e é natural e

compreensível quando se perde, como dizem, num sentido físico, alguém que conheceram e amaram por tanto tempo.

Quando essa pessoa morre, como o mundo diz, ficam desamparados, sentem-se desesperadamente infelizes e, claro, num certo sentido, a infelicidade é por vós próprios. Vós sois os que sofrem, vós sois os que sentem a falta da presença daquela pessoa que outrora tiveram tão perto e querida, e que muitas vezes está à vossa volta. Não fiquem infelizes dentro de vós próprios. Alegrem-se por ela, que já não tem dor nem sofrimento.

Alegrem-se porque ela está fora de todos os problemas do mundo material e, acima de tudo, alegrem-se porque ela está livre, livre de todas as coisas materiais que assolam cada um de vós nas vossas vidas diárias. Provavelmente têm ainda muitos anos para passarem juntos, o que, claro, por vossa causa, nos deixa a ambos felizes.

Mas a questão é que o tempo em si é uma ilusão. Claro que é difícil fazer as pessoas verem isto quando estão no mundo material. Planeiam para a próxima semana ou algo assim, ou planeiam para o que quer que aconteça no futuro, o que é natural, correto e compreensível. Estão a viver num mundo material e têm de viver de uma forma material; até certo ponto, tem de ser assim.

Sabem, muitas vezes penso nos ensinamentos do Cristo. Não expulsou ele os cambistas do templo? Não mostrou ele temperamento por vezes? Não foi ele muito humano? Não disse ele também "dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus"? Por outras palavras, o que ele está a dizer é que, num sentido material, têm de viver uma vida material.

Têm de cumprir num sentido material e de uma forma material a rotina diária, as experiências comuns da vida e todos os seus problemas têm de ser enfrentados. Mas também têm o poder do Espírito Santo dentro de vós. Essa é a realidade. Esse é o vosso verdadeiro eu. Essa deve ser a força motriz em todos os vossos pensamentos e ações, e eles devem trabalhar harmoniosamente em conjunto. Sabem, ficamos muito perturbados por vezes deste lado quando vemos como a Igreja se comporta.

Como, à sua maneira estranha, tenta impedir as pessoas de pensarem por si próprias e de investigarem estas coisas. Quero dizer, isto a que nos referimos agora em relação à vida após a morte e à comunicação é tão antigo como o próprio tempo. Não há nada de novo, nada de estranho. Leiam a vossa

Bíblia e encontrarão inúmeros casos dos chamados mortos a comunicarem com os chamados vivos na terra.

Não há nada de novo e ninguém deveria ter medo da comunicação entre os dois mundos. E, de facto, se ouvissem e agissem de acordo com as coisas do espírito que tentamos dar-vos, poderiam mudar toda a face do vosso mundo. Todo o ódio, a malícia e a intolerância no vosso mundo. Uma grande parte disso, como bem sabem, é construída pela intolerância religiosa. A estupidez do homem que não se permite progredir para além dos confins das coisas materiais.

Se olharem para o Irão ou se olharem para a Irlanda, o que é? Uma guerra religiosa. A religião não deveria gerar ódio, malícia e intolerância, mas fá-lo muitas vezes. E há uma grande quantidade de medo que é circulada pela religião. Tentam desesperadamente impedir as pessoas de pensarem por si próprias e de analisarem situações atinentes às coisas do espírito. Jesus veio ao mundo para mostrar o caminho da progressão espiritual. Mas o homem criou religião a partir do que o próprio Jesus tentou fazer.

Aqui estava um homem que não tinha onde reclinar a cabeça. Foi desprezado e rejeitado. Ele não tinha nada. Saiu do mundo da carne sem nada, tal como nele entrou sem nada. Tal como vós. Entraram no mundo sem nada e deixarão o vosso mundo sem nada. Apenas as vossas experiências, apenas as vossas lembranças. Como a querida senhora aqui que se lembra de vós com amor e afeição, que vem ter convosco, tenta ajudar-vos à sua maneira silenciosa; e, se ela ficar mais forte e mais capaz e mais consciente de certas coisas, vós sentireis e ela ficará feliz por vos fazer sentir a sua presença. Acreditem-me, meus amigos, não têm nada a temer.

O poder e o amor do espírito superam todas as coisas. A vossa querida amiguinha aqui, abençoada seja, está muito perto de vós. Embora talvez não pudesse dizer muito esta manhã — ainda é cedo, ela não está aqui há muito tempo e está a ambientar-se felizmente. Ela só quer que vós, cada um de vós, tenha paz de espírito, que sejam pacientes uns com os outros, pacientes convosco próprios, tentem lidar juntos o melhor que puderem para o bem comum. O interesse dela em vós é de família e não apenas de família, mas até para além da família. A presença dela será sentida.

Ela sabia de certas coisas atinentes a esta verdade. Ela teve alguma experiência e, claro, isso foi uma bênção e uma ajuda para ela quando aqui chegou. Foi recebida por inúmeros parentes e amigos e pessoas que tinha conhecido ao longo da vida que levou. Sabem, meus queridos amigos, não

tenham medo, nem receios; saibam que tudo está bem, que Deus é bom e que Deus ama os Seus filhos.

Claro que não estou a falar vagamente sobre um Deus como é muitas vezes pregado pela Igreja ou certas igrejas ou grupos religiosos. Quero dizer que Deus para nós não é como seria talvez para algumas pessoas: uma pessoa sentada num grande trono à espera de julgar as pessoas que vêm para aqui, para que algumas sejam escolhidas e outras rejeitadas.

Dr. Cosmo Lang: Tudo isso é mitológico. Tudo remonta a séculos e séculos e séculos de tempo. De facto, é a base de muitas religiões, tal como o nascimento virginal antes do nascimento de Cristo. Inúmeras religiões de milhares de anos anteriores basearam certas coisas no nascimento virginal. Claro que algumas pessoas que me ouvem dizer todas estas coisas, especialmente aquelas ligadas à Igreja, provavelmente diriam: "oh, agora este homem rejeita isto, rejeita aquilo". Mas, lá está, a verdade é o fator mais importante.

Não é importante apenas saber certas coisas atinentes à vida eterna. Há muitas coisas que podem experienciar por experiência pessoal, se apenas se derem a oportunidade. Quero dizer, não estou a sugerir que façam da comunicação um hábito. Nem diria sequer se é ou não muito necessário. A questão é que, uma vez incutido na vossa perceção interior que a vida é contínua, vocês não perderam nenhum querido amigo ou alma que tenham conhecido. Essa pessoa ama-vos ainda com um amor mais forte, melhor e mais maravilhoso, porque está despojada do aspeto material do eu.

Eles estão agora espiritualmente despertos e o seu amor superará todas as coisas. Não se preocupem, a vossa ente querida aqui está radiante, feliz, entusiasmada — claro, um pouco emocional, como seria de esperar, o que de certa forma suponho que iniba um contacto de primeira classe, porque não se pode evitá-lo nos estágios iniciais. A pessoa fica terrivelmente entusiasmada, terrivelmente agitada, terrivelmente emocional, porque o amor é muito intenso por cada um de vós.

Ela envia todo o seu amor e bênção e, se num tempo futuro sentirem que podem vir de novo, sei que ela se sairá muito melhor. Estará provavelmente um pouco mais calma, não tão excessivamente entusiasmada. Mas acreditem-me, meus amigos, foi uma alegria para nós reunir-vos, ainda que temporariamente. Damos-vos o nosso amor e todas as nossas bênçãos e que a paz vá convosco.

Interlocutora: Poderíamos saber o seu nome, por favor, senhor?

Dr. Cosmo Lang: Bem, em nome... sabem, muitas vezes as pessoas perguntaram-me o meu nome; por vezes, confesso, disse-o; mas, vejam, não está no nome.

Interlocutora: Não, eu sei.

Dr. Cosmo Lang: O que é importante não é um nome em si mesmo. Sei porque perguntam e aprecio-o. É o que é dito, o que é sentido com uma grande intensidade de amor e sentimento. Somos como somos. Foi-vos dado um nome, têm uma certidão de nascimento e as pessoas conhecem-vos por esse nome, seja ele qual for — embora eu creia que eles vos provocam um bocado e vos chamam outra coisa. Sim, eu sei disso.

Na verdade, eu era bem conhecido na minha própria área e estou a recuar... oh, valha-me Deus, deve ser meio século. Eu era bem conhecido na minha própria área de atividade, que era a própria Igreja. Naquele período de tempo, eu nunca teria acreditado no espiritualismo e, de facto, posso dizer-vos que, lá atrás, estava antes inclinado a condenar qualquer pessoa que tivesse algo a ver com o espiritualismo.

Mas, lá está, eu era ignorante. Essa é a parte extraordinária. Eu, criado na Igreja, estudei toda a vida e, no entanto, era ignorante quanto à realidade da vida após a morte. Eu apenas acreditava, genuína e profundamente, que uma vez enterrado, era o fim; o corpo desintegrava-se e, se tivesses acreditado em certas coisas que a Igreja ensinava, eventualmente levantarias da sepultura no grande dia da tua ressurreição. Agora vejo a falácia de tudo isso e estou tão ansioso... por isso venho, porque quero que as pessoas saibam a verdade. A vida é contínua, não existe tal coisa como a morte.

É o maior de todos os miragens, na verdade. Não estou morto, estou bem vivo. Quem me dera, por Deus, que pudesse fazer mais do que aquilo que sou capaz de fazer. Mas, sabem, eu chamo-vos *Bubbles*. Compreendo que é assim que vos chamam. Sim, vi-vos aqui em várias ocasiões. De qualquer forma, Sra. *Bubbles* ou Menina *Bubbles*.

Bubbles: Apenas *Bubbles*, está bem. Não nos diz o seu nome antes de ir?

Dr. Cosmo Lang: O que disse?

Bubbles: Não nos diz o seu nome antes de ir?

Dr. Cosmo Lang: Bem, se querem mesmo saber o meu nome... esqueçamos isso. Os nomes em si não são assim tão vitais.

Bubbles: Não queremos esquecer, gostávamos de saber com quem estivemos a falar.

Dr. Cosmo Lang: Sim, eu sei disso. Bem, eu não...

Bubbles: Não seja tímido. Não seja tímido.

Dr. Cosmo Lang: Eu fui um arcebispo... olhando para trás para a minha vida... *Lang, Lang*. Enfim, abençoados sejam. Tenho de ir. *Bye bye*.

Interlocutores: Deus o abençoe.

Mickey: Não sei se me conseguem ouvir.

Interlocutora: Consigo ouvir-te.

Mickey: Onde é que estive? Bem, tenho andado por aí, mas tenho de fazer o que me mandam. Pelo menos até certo ponto, sabem. E estávamos todos tão ansiosos por ajudar, sabem. E eu não queria que pensassem que eu não tinha aparecido.

Interlocutora: Não, não pensámos isso.

Mickey: Oh, a Mabel. Oh, a Mabel, pois. Abençoada seja. Ela é uma senhora adorável. E ela também me ama. E envia todo esse amor para todos. Acho que ela está desapontada porque tem uma rapariga ali mesmo.

Interlocutora: Oh.

Mickey: E acho que ela sente que, bem, talvez na próxima vez eu devesse... Acho que vamos falar com este cavalheiro.

Interlocutora: Sim, mas ela vai mudar de ideias, não vai?

Mickey: Sim. Quando tiver um bocado de "ansiedade religiosa" ou algo assim.

Interlocutora: Bem, ela disse que quer acreditar, mas sabes...

Mickey: Ela acha difícil, não acha?

Interlocutora: Sim. Vai ser preciso algo para lho provar, disse ela.

Mickey: Bem, diz-lhe que depende dela, se tiver a oportunidade. Talvez se ela quiser. Enfim, tenho de ir. *Bye bye*.

Interlocutora: Oh, Mickey.

Mickey: Ele foi-se.

Interlocutora: Oh. Bem, eles deram o seu melhor. Oh, foi adorável. Ah. Ah. Ah. Agora, aquilo... já notei antes, às vezes nem sempre querem... como o Lang. Qual é o nome dele? Langton. Eu estava preocupada. Sabia que ele era. Tive um palpite sobre o carro em si. Mas, hum... Gostava apenas de saber. Querem... sabem. É bom ouvir a fita outra vez, não é? Foi muito interessante. Todos acharam interessante?

Participantes: Sim.

Interlocutora: Acho que foi. Acho que foi para aqui que foi dirigido.

Acho que foi por isso que veio.

Sim.

E ninguém disse ao Mickey que outra pessoa deveria ter estado aqui. Então isso teria provado que havia algo. Mas o Mickey disse que estava desapontado por a outra rapariga não estar aqui.

Sim.

A mãe disse.

Sim.

Eu vi. Agora, eu normalmente não vejo nada. Mas mais vale mencionar isto. Caso tenha alguma... significância. Mas vi um homem muito alto. O que eu chamo de aspeto magricela.

Ah. Ele tinha um rosto muito anguloso. Comprido.

Não estou a dizer que tenha qualquer ligação com ninguém. Apenas por um breve segundo ou dois.

E... o extraordinário foi que... num momento ele... tinha bigode. E depois desapareceu.

Não sei se foi... que em algum período... ele teve bigode. E depois rapou-o por alguma razão.

Não sei. Pode não ter ligação com ninguém.

Participante: John Webb. John Webb. Ele era muito alto. Vou acender a luz agora. John Webb. Ele era muito alto.

Interlocutora: Ele parecia alto e magro.

Participante: Ele era alto. E depois tinha um bigode. E de repente desapareceu. E ele estava mesmo perto de ti. Consigo dizer estando sentada no escuro. Ele era muito, muito alto. Isto é tudo novo para todos os vossos amigos? Que não disseram nem uma vez... Oh sim. Um de vós disse uma vez. Não o resto de nós. O Peter e o Howard. Eles não estiveram em nada disto antes. Não creio. Coisa estranha. Dorothy Webb. Dorothy. Dorothy. Dorothy Webb.

Notas:

1. A Perspetiva de Lang sobre a Morte e a Religião Nesta comunicação tardia (1987), o Dr. Cosmo Lang foca-se na crítica à "religião do medo" e à mitologia da ressurreição física. Ele argumenta que a essência do Cristianismo — a sobrevivência à morte demonstrada por Jesus — foi sufocada por estruturas de poder e intolerância (citando novamente os conflitos na Irlanda e Irão como exemplos de falha religiosa).

2. A Identidade da "Senhora" (Maeve) A parte inicial da sessão é dominada por uma comunicadora chamada Maeve (ou referenciada como a "querida senhora"). O discurso de Lang serve para validar e explicar o estado dela, servindo de consolo à família presente na sessão.

3. O Conceito de "Nada Trazer, Nada Levar" Lang reforça a ideia budista e cristã primitiva de que a única bagagem que atravessa o véu da morte é a consciência e as lembranças ("experiências e lembranças"), contrastando isto com a futilidade da acumulação material.

4. A Humanidade de Jesus Lang humaniza a figura de Cristo, lembrando as suas reações humanas (como a fúria no templo) para mostrar que a espiritualidade não exige a negação da humanidade, mas a sua harmonização com o "Espírito Santo" interior.

5. A Crítica aos Dogmas Lang encerra a sua comunicação criticando as bases "mitológicas" de certas crenças, como a ressurreição física e até o nascimento virginal (notando que tais conceitos existem em religiões milenares anteriores ao Cristianismo). Ele coloca a Verdade acima da Teologia.

6. O Arrependimento do Líder Ao admitir que, em vida, era "ignorante" sobre a realidade da sobrevivência e que tinha medo de abordar o espiritualismo por receio de minar a autoridade da Igreja, Lang humaniza-se. Ele admite que, embora acreditasse nos santos, não percebia que o contacto era uma lei natural acessível a todos.

7. Fenómenos Visuais (Ectoplasmia/Clarividência) A parte final da transcrição descreve a experiência dos participantes após a saída das vozes. A descrição do "homem alto e magro" cujo bigode aparecia e desaparecia é um relato típico de clarividência ou de uma materialização parcial durante as sessões de Leslie Flint.

8. O Papel do Mickey O guia Mickey atua aqui como o intermediário prático, comentando o estado emocional dos comunicadores e dos participantes (como a questão da "ansiedade religiosa"), servindo de ponte entre a solenidade de Lang e a realidade mundana do grupo.

COMUNICAÇÃO DE DRAYTON THOMAS

(1970)

Voz Feminina: Sra. Green, como está? Sylvia Pankhurst. Uma multidão de pessoas aqui, mais do que o habitual. Que estorvo era aquela mulher.

Interlocutora: Bem, eu acho que ela fez muito bom trabalho. Ela conseguiu o voto, não foi?

Voz Feminina: Oh, ela conseguiu o voto. Mas, valha-me Deus, ela deu muitos problemas no seu tempo. Ela e o seu movimento das sufragistas. Portanto, suponho que, nalguns aspetos, ela tenha feito algum bem. Embora não tenha a certeza de que as mulheres tenham dado o seu contributo até esse ponto. Oh, elas iam fazer tanto se entrassem no Parlamento. Não me parece que tenham feito assim tanto. Oh, valha-me Deus.

Interlocutora: Elas não tiveram oportunidade, eu não sabia disso.

Voz Feminina: Elas iam fazer isto e iam fazer aquilo. Mas isso já foi há muito tempo.

Mickey: Vá lá, Fred, dá-me o teu nome. Vá lá, Fred, dá-me o teu nome. Por vezes, para vós, queridas pessoas do vosso lado, alguém virá e dirá algumas palavras, e depois desaparecerá. Depois outra pessoa fará uma tentativa e, muitas vezes, deve ser muito confuso para vós. Mas, claro, isto

tem de ser assim, receio; algumas pessoas, claro, sentem grande dificuldade em manter uma conversa. Outras simplesmente não conseguem de todo. Há algumas que, provavelmente através da experiência e da oportunidade, são capazes de se manifestar bastante bem e de se fazer entender até certo ponto, suponho. A personalidade delas mantém algo da substância antiga, de tal forma que há poucas dúvidas sobre quem a pessoa é. Mas, claro, há multidões de pessoas que simplesmente não conseguem e fazem uma grande confusão, suponho. Isto tem de ser assim, não espero muito mais. Oh, bem, bem, bem, e como estás, Leslie?

Leslie Flint: Oh, estou muito bem, obrigado. Quem fala?

Voz (Mickey): Sr. Green, ou melhor, Sra. Green. Olá. Sr. Woods. Sim. Olá. Charles Mason-Thompson.

Interlocutor (George Woods): Oh, olá.

Drayton Thomas: Já era tempo de eu aparecer. Sim. Mas, sabem, acho tão interessante quando estou aqui e ouço todas as várias almas a tentarem manifestar-se em contexto. Percebo agora, o que não apreciava totalmente antes — como poderia? — as muitas dificuldades. Eu tinha uma ideia bastante clara de que havia problemas e dificuldades, mas nunca pensei que fosse tão mau como é. Claro que há alturas em que as condições são absolutamente esplêndidas e conseguimos passar, e não parece haver problema real nenhum. Mas isso depende muito dos comunicadores. Alguns comunicadores simplesmente lidam com isso com naturalidade e vêm e falam tão bem e distintamente como se estivessem no corpo físico. Bem, é um grande prazer vir falar com velhos amigos. Como vai correndo o vosso bom trabalho?

George Woods: Bem, espero que tenha ouvido falar de toda a publicidade nos jornais, não ouviu, Sr. Thompson?

Drayton Thomas: Oh, ouvi tudo sobre isso, sim. E penso que vai haver um surto tremendo no movimento nos próximos meses e no próximo ano, mais ou menos. Penso que o médium vai desempenhar um papel muito importante nisso também. Mas sabem, vós dois também tendes muito a agradecer. Sabem, vós realmente colocaram-no no mapa, num certo sentido, com todas as fitas e levando-as por aí, tocando-as e enviando-as para aqui e para ali. Todo o tipo de pessoas ficou interessado. Há muito interesse, mesmo que nalguns casos seja puramente curiosidade. Faz as pessoas pensarem e falarem.

George Woods: O que está a fazer agora, Sr. Thompson?

Drayton Thomas: Oh, eu?

George Woods: Sim, o que está a fazer?

Drayton Thomas: Bem, até certo ponto, estou a ensinar as almas menores. Não gosto de usar essa expressão. Não deveria tê-la usado, em primeiro lugar, porque, num sentido, ninguém é menor. Estamos todos em diferentes níveis de consciência, níveis de experiência, todos precisos. E estou muito feliz por fazer uma certa quantidade de trabalho em certas esferas, tentando esclarecer as almas e elevá-las, e tentar dar-lhes uma visão das coisas que realmente importam e ajudar a tirá-las da escuridão em que existem, o que se deve, claro, ao seu estado de espírito. Oh, acho muito interessante e sinto-me muito feliz por ir ajudar, ensinar e elevar onde posso. Claro que tenho muitos outros interesses também, sabem.

George Woods: Sr. Thompson, poderia dizer-nos algo sobre a lei do carma? Perguntam-nos muito sobre isso.

Drayton Thomas: Oh, valha-me Deus, que pergunta.

George Woods: Bem, sobre as leis da vida aí desse lado, como operam, esse tipo de coisas.

Drayton Thomas: Bem, as leis da vida são as mesmas onde quer que se esteja. São todas, basicamente, as mesmas leis. Claro que, num sentido material, existe uma diferença, porquanto na Terra sois afetados pelas condições materiais, mas isso não altera o facto de ser a mesma lei a operar em todos os diferentes níveis de consciência. E, afinal de contas, é conforme sois, no vosso íntimo como indivíduos; conforme pensais, assim sois, e assim criareis de acordo com essa atitude de mente e pensamento que vos é própria, quer estejais no corpo ou fora dele. O ponto fulcral é, claro, num sentido, que não há assim tanta diferença.

Nós temos um corpo psíquico ou espiritual, vós tendes um corpo material, mas é o mesmo espírito a manifestar-se e a fluir através de todos os graus e condições variadas da vida, qualquer que seja o corpo que estejais a utilizar naquele momento particular do tempo. A questão é que, num sentido, não há grande diferença. É tudo uma questão de estado e condição, perspetiva e opinião, e desenvolvimento, ou a falta dele, nesta questão do carma.

Tudo o que semeardes, de alguma forma ou feitio, estais destinados a colher. Podereis não colher numa encarnação ou numa vida, como lhe chamais, mas colhereis noutra. Não podeis escapar de vós próprios, por muito

que tenteis, por muito que o desejeis; podereis parecer escapar por algum tempo, e por um pouco ireis navegando, mas mais cedo ou mais tarde isso alcança-vos.

É como um bumerangue: o que lançardes voltará para vós. Se lançardes bons pensamentos, boas condições, se tentardes criar harmonia e amor e promover a fraternidade, a compreensão, a paz e a tranquilidade, descobrireis que isso não será apenas um benefício para muitas almas e ajudará muitos a expandirem-se em si mesmos como indivíduos e seres humanos, mas também vos ajudará a vós. Agora, claro, quando fazeis algo, não o fazeis com o pensamento no retorno, não o fazeis com o pensamento no ganho. Fazeis porque quereis fazer, porque quereis estar, por assim dizer, a expressar o amor de Deus, o poder de Deus, a vontade de Deus, manifestando tanto quanto humanamente possível, particularmente quando estais na Terra, aquilo que percebeis ser o divino, que nada pode destruir.

Quanto mais dais, mais encontrais e recebeis em troca. Não podeis escapar de vós próprios nesta questão do carma. Isto é algo sobre o qual muita gente tem opiniões e ideias fortes, mas geralmente não compreendem de todo o significado do termo. Deveis dar, e quanto mais derdes, mais recebereis em troca. Mas se derdes maus pensamentos, então seguir-se-ão más ações, e outros sofrerão, não apenas vós próprios.

Vejam, a questão é que cada indivíduo faz parte do outro. Não sois, como frequentemente pensais, um indivíduo separado. De uma forma estranha, podereis considerar-vos como tal e, de certa forma, sois. Mas sois todos parte do mesmo espírito, e se pensardes na linha errada, então ireis afetar alguém próximo e querido para vós muitas vezes, e às vezes pessoas muito distantes. O pensamento é algo muito grande e real, e se um número muito grande de pessoas pensar no nível de consciência errado, com as ideias e ideais errados, então, claro, a tragédia segue o seu caminho. Isto é o carma, e é muito do que semeais, colheis.

George Woods: Isso também se aplica, Sr. Thomas, à cura e à doença do corpo, também.

Drayton Thomas: Oh, não há dúvida de que, se as pessoas pensassem de forma saudável, viveriam de forma saudável. Mas o homem criou a doença ao longo de séculos de tempo através do pensamento errado e da vida errada, e providenciou para que todo o tipo de enfermidades e variados tipos de doença entrassem no seu corpo físico e, claro, na sua mente. Começa na mente, e isto é algo que é muito sólido e muito real. Tudo o que é da mente tem, num

sentido, enquanto se está na Terra, uma contrapartida física. A reação a estes pensamentos traz no seu rasto todo o tipo de problemas.

George Woods: Não vai isso um pouco mais fundo do que isso? O corpo é feito de átomos, que é vida e, portanto, mente. E, conforme a vossa mente pensa, não atraireis para esses átomos de mente doenças ou coisas más que irão afetar certas partes do corpo?

Drayton Thomas: Isso é bem verdade, mas cheguei à conclusão que tudo brota do estado de mente. Tenho a certeza de que é assim. Alguém se referiu à tremenda atrocidade que está a acontecer sob esta era moderna, como lhe chamam, com animais a serem confinados em pequenos cubos para o resto das suas vidas; galinhas, quero dizer, que nunca veem a luz do dia, e nem se fala nas vacas, que nunca, nunca saem para ver a vida ao ar livre. E estão a fazer o mesmo com porcos, estão a fazê-lo com todas as espécies. Tenho a certeza de que, eventualmente, isto irá desenvolver-se de tal forma que o homem sofrerá.

Certas novas doenças ou certas condições seguir-se-ão num sentido físico que serão obviamente prejudiciais para ele fisicamente e, claro, mentalmente. Não se pode interferir com a natureza. Deveis deixar a natureza seguir o seu próprio caminho e o seu próprio método. Não se pode interferir com isso sem, mais cedo ou mais tarde, ter de sofrer em consequência. E se fazem este tipo de coisas aos animais, tal como estavas a dizer sobre as galinhas estarem enclausuradas, então, claro, tereis, eventualmente, reações que afetarão o organismo físico. Não há dúvida disso.

George Woods: Centenas de aves e animais através de algum tipo de camuflagem que espalham pela terra, mas parece ser uma terrível, esta horrível destruição e crueldade sobre a natureza que estão a colocar na terra.

Drayton Thomas: Todas estas coisas artificiais que o homem criou estão destinadas a, mais cedo ou mais tarde, ter efeitos secundários. O homem descobrirá que todo o tipo de coisas novas e estranhas irão acontecer. Não, sinto-me seguro disto.

George Woods: Como é o vosso lado, onde está agora? Passou para um...

Drayton Thomas: Bem, depende em que aspeto da vida se está a existir, e uma vez que eu tenho a vantagem por estar aqui há tempo suficiente e ter aprendido o suficiente para experienciar muitas coisas, por vezes posso estar numa condição de vida, outras vezes posso estar noutra totalmente diferente. É uma questão de ajustar a mente e a si próprio a qualquer condição em que se

deseje entrar, da qual se deseje fazer parte, na qual talvez se tenha o desejo de servir.

Visto que quando desço a certas esferas para fazer determinado trabalho que me atrai, que sei que será de valor, será de serviço e ajuda, então tenho de, até certo ponto, focar a minha força de pensamento nesse nível de consciência para que possa tornar-me e ser parte dele, mesmo que seja apenas de natureza temporária.

E então posso falar com as pessoas e entrar na sua constituição e compreender o funcionamento da mente delas até certo ponto. E posso também, ao forçar o meu próprio eu, o meu eu mais profundo, o meu eu mais avançado, a consciência daquilo em que me tornei, posso falar com eles e posso dar-lhes uma demonstração, por vezes, do poder do Espírito, o que é para eles algo muito novo e muito estranho, e dar-lhes uma forma de experiência que nunca tiveram antes e tentar por este método e desta forma arrastá-los, por assim dizer, da condição letárgica em que se encontram.

Porque muitas destas pessoas não são necessariamente pessoas más. Muitas delas entraram num estado muito pobre e estão bastante letárgicas em relação a tudo o que lhes diz respeito a si mesmas e à sua vida. Vivem numa espécie de mundo de sonho da sua própria criação e têm de ser despertadas para a perceção das coisas que estão à frente, coisas que são mais elevadas e mais sólidas e mais reais e mais, diremos, em harmonia com o espírito do homem. Sabem, muita gente entra num estado peculiar onde não está nem feliz nem infeliz, onde flutuam numa espécie de estado de espírito que é em si mesmo muito retraído por circunstâncias e forças de pensamento atinentes ao eu e ao antigo eu como conheceram na Terra.

Por vezes temos muitas dificuldades e problemas com alguns dos "eus" que são obviamente muito pouco esclarecidos e muito entorpecidos (*stupefied*), talvez seja a palavra, que não conseguem pensar claramente nem ver, e vivem numa espécie de mundo que nalguns aspetos não é diferente do mundo material. Tem muitos aspetos do vosso mundo que lhes são familiares e nos quais se encontram e os quais aceitam como um estado de ser ao qual se trouxeram ou no qual entraram; e, no que lhes diz respeito, é o único estado de ser que existe e não percebem que existem outras formas de vida mais elevadas, estados de ser mais elevados para os quais poderiam evoluir e tornar-se, em consequência, almas muito mais abertas e muito mais, diremos, felizes, com uma visão mais ampla e uma maior expansão de oportunidade.

Drayton Thomas: Muitas destas pessoas permanecem neste tipo de nível estranho e peculiar de consciência que não está terrivelmente afastado da Terra, mas vivem numa espécie de estado de sonho do qual precisam de ser sacudidas, e é isso que tentamos fazer, muitos de nós. Nós vamos e entramos nos seus lares e nas suas vidas e até tentamos fazê-los apreciar o poder que têm dentro de si, para que possam manifestar esse poder naquele ambiente particular, mesmo que ainda não possam, ou naquele momento não consigam, por assim dizer, aspirar a algo mais elevado. Por outras palavras, tentamos dar-lhes uma força rejuvenescedora que, em si mesma, os fará começar a pensar mais profundamente e com mais preocupação sobre si próprios e sobre a possibilidade de mudança.

Vejam, este é um grande tipo de atmosfera e atitude mental de muitas destas pessoas. Estão, à sua maneira e feitio, contentes por permanecerem nesse nível de consciência. Algumas delas não encontraram, claro, almas pelas quais se sentissem atraídas ou ligadas quando na Terra. Talvez, em certos casos, seja melhor assim, pois não estão realmente prontas, talvez de todo, para entrar num estado de ser onde habitam certos parentes ou amigos de quem gostavam.

Mas, frequentemente, aquelas almas que são elas próprias mais avançadas também farão o esforço de as alcançar. Mas, claro, uma pessoa só pode ser alcançada quando ela própria abriu a sua mente e a sua consciência e tem dentro de si um desejo profundo de mudança e de uma maior perceção e uma maior experiência, por assim dizer, de visão e vivência.

Por outras palavras, alguns de nós, como eu e outros, muitos outros também, o nosso principal propósito ao irmos é colocar as engrenagens em movimento; é, por assim dizer, tentar abrir um pouco os olhos, nem que seja apenas uma fração, para que haja um lampejo de esperança e um lampejo de perceção da possibilidade de uma vida maior e mais extensa e uma maior possibilidade de realização. Lamento dizer que tantas pessoas entram num estado de ser onde estão perfeitamente contentes por permanecer. Não têm desejo de mudança. Encontram, mais ou menos, dentro do razoável, suponho, o que mais precisam.

Um número extraordinário de pessoas tem pouca ambição — e refiro-me a ambição num sentido espiritual — de avançar além de uma certa condição ou fase de existência em que se encontram. Por outras palavras, suponho que se poderia dizer que somos re-despertadores ou despertadores do espírito no homem, tentando fazer nascer dentro da mente humana ou do eu humano a

perceção da possibilidade do poder do espírito interior, que é, claro, o que todas as religiões fundamentalmente deveriam tentar fazer, e nalguns casos tentam fazer, quando se está ainda na Terra.

A base da religião é o despertar da consciência e perceção espiritual do homem para que ele comece a procurar por si próprio, a esforçar-se e a superar as fraquezas do eu e os aspetos físicos e materiais do eu que tão frequentemente o prendem. E tal como prendem um homem materialmente, também podem, até certo ponto, prendê-lo deste lado, em certas esferas inferiores, que são muito próximas e muito afins à Terra. E nestas esferas existem milhões de almas. Algumas estão lá, possivelmente, como chamam ao tempo, há séculos. Sendo o tempo, por assim dizer, uma grande ilusão. Muitas destas pessoas não estão conscientes, de facto não percebem que o tempo passou.

Algumas delas ainda vivem na memória passada e no pensamento passado, e ainda criam para si próprias arredores e condições que seriam comparáveis, talvez, a condições e lugares na Terra de há séculos atrás. Existem certos lugares ou esferas onde se pode ir — e eu tenho ido a eles — onde poderiam estar a regressar às eras remotas e sombrias. Mas, claro, estas são condições de vida criadas por indivíduos que foram personagens muito fortes à sua maneira, talvez muito presos por crenças e persuasões religiosas, que tinham visões muito fortes, firmes e fixas, e invariavelmente não se achavam perfeitos, talvez, mas achavam que a sua atitude mental era a correta e a de todos os outros era a errada.

E lamento dizer que existem algumas esferas muito escuras onde certos tipos de indivíduos permanecem, e assim presumivelmente permanecerão até começarem a procurar, até certo ponto, dentro de si mesmos. E eu próprio ajudei a ir até eles, vindo de outras esferas, para tentar trazer alguma luz e iluminação à escuridão das suas mentes; e este mundo, ou aspeto de mundo, ou esfera, ou condição — chamem-lhe o que quiserem — no qual se encontram, é meramente o reflexo de si próprios. Não tem base real. Não tem base real de realidade. Estes são mundos criados pelo pensamento a partir de dentro de si próprio, que são muito reais para os habitantes, mas, claro, para pessoas como eu e outros que lá vamos, não há realidade nenhuma. É tudo um estado de ilusão.

Mas deve-se ter em mente que existem muitos estágios de evolução, ou falta de experiência, ou condições de vida, que são meramente, fundamentalmente, mundos de ilusão, que o homem criou pela ilusão, pelo

seu estado de pensamento e mente, e tornou para si próprio o que lhe parece ser uma realidade de solidez, e tem toda a aparência de realidade. Mas nós, que avançamos até certo ponto, vemos para dentro destes mundos, e conhecemo-los e ao que são. Estados de mente, estados de ser, criados artificialmente, sem base em factos ou na verdade, mas apenas mantidos, por assim dizer, numa forma ou num sentido de substância pelas mentes e pelos pensamentos dos indivíduos que os tornaram possíveis.

Portanto, tal como descemos até vós, e tentamos elevar-vos, e tentamos inspirar-vos, e tentamos apontar-vos o caminho a seguir, deveríamos fazer o mesmo com outras esferas? Existem esferas que, em alguns sentidos, se poderia dizer serem menos avançadas que a vossa. Vejam, deve-se perceber que cada um se encontrará numa condição de vida ou estado de ser para o qual está mais apto, para o qual se preparou — talvez inconscientemente, pois conforme o homem pensa, assim ele é. E é por isso que se deve incutir na mente a realidade desta verdade: que não se pode entrar em nenhuma condição de vida até que tu próprio a tenhas tornado prática e possível.

É por isso que compete a cada indivíduo procurar aquilo que é o mais elevado e o melhor, aquilo que trará a maior alegria e satisfação porque é do espírito e, portanto, algo de valor real, não de natureza material. Quanto mais lutarem por coisas da mente e do espírito, mais irão, quando vierem para aqui, ultrapassar essas condições ou as condições e esferas de existência que prendem e atolam os homens, por vezes, como eu disse, por séculos, conforme chamam ao tempo. E então, para essas pessoas, o tempo é como nada.

Num sentido, claro, sabemos que é uma grande ignorância, mas existem certos que ainda continuam e por vezes aprisionam-se na Terra e, através de pessoas na Terra, tentam ter a sua própria vida, por assim dizer, de volta ou influenciam indivíduos a dizer e fazer coisas que de forma alguma seriam estranhas a essa pessoa na Terra. E surgem estes casos de obsessão. Depois surgem estes casos de pessoas que, sem se aperceberem, assumem alguns aspetos da constituição e mentalidade de outros indivíduos e fazem coisas, talvez por vezes por impulso, pelas quais não são realmente responsáveis e cometem algum crime.

Não sabem como é com algumas destas almas que estão presas à Terra ou a viver em condições mentais próximas da Terra, numa condição mental que é tão real para elas como a vossa é para vós. Vejam, o vosso não é o único mundo, num sentido, que é do material. Existem outros mundos materiais tão

maus e muito piores, talvez, que o vosso, mas são todos estados de mente, estados de ser, criados pelo homem ao longo de gerações de tempo.

E vejam, a questão é que ninguém se torna subitamente um ser divino, uma alma altamente iluminada. Muitas vezes têm de passar por muitas fases e condições de vida antes de irem muito além dos confins da Terra. E quando se percebe isto, deve-se perceber que haverá indivíduos a tentar o contacto em todos os estratos de ser, com e sem experiência, bons e maus, em diferentes almas que têm muita qualidade e, ao mesmo tempo, muito na sua constituição que é duvidoso.

Têm de aprender a diferenciar. Têm de provar os espíritos e ver se são de Deus. Mas devemos sempre lembrar-nos de que somos todos parte do plano de Deus, do propósito de Deus. Estamos todos em diferentes níveis de consciência. Estamos todos em diferentes níveis de perceção. E compete-nos ajudar-nos uns aos outros e não rejeitar nenhuma alma, por muito humilde que seja ou por muito que pareça ser na superfície o que o mundo chama de mal.

Pois do mal pode vir o bem. E devemos ajudar todas essas almas desafortunadas e não lhes virar as costas. Temos de nos dar a eles livre, completa e absolutamente. E não devemos duvidar de que tudo o que fazemos tem algum significado, algum propósito. Pode não nos ser revelado na altura, mas mais tarde veremos as coisas como são em toda a sua verdade. E perceberemos o significado e propósito de muitas coisas que são obscuras no momento.

O que vos digo é que continuem o vosso bom trabalho, mantenham as vossas mentes abertas e livres, esforcem-se por ajudar todos os povos em ambos os lados, em qualquer nível de consciência em que se encontrem. Tentem lembrar-se e perceber que a vossa é uma tarefa grande e maravilhosa. Há uma grande responsabilidade, mas é-vos dada força, é-vos dado encorajamento, é-vos dada uma grande quantidade de amor, e muitos são os que vêm até vós e eles não vos falharão pois, como vos foi dito muitas vezes, aquilo que fazemos juntos é maior do que nós próprios.

Somos todos servos do Altíssimo. Estamos todos a fazer o pouco que podemos e da melhor forma que podemos; estamos todos a servir. Por isso, se alguém se lembrar disto e continuar a fazer o trabalho o melhor que puder, não poderá errar muito. Mas não fiquem desanimados. De certa forma, todos aqui enviam as suas bênçãos e amam-vos.

Interlocutora: Sr. Norwood?

Drayton Thomas: Sim.

Interlocutora: Leu as cartas da Sra. Osborne?

Drayton Thomas: Claro que li as da Sra. Osborne.

Interlocutora: Como é que ela está?

Drayton Thomas: Sinto-me muito bem com todos os velhos amigos, aqueles que me ajudaram tanto no passado.

Interlocutora: Visitou lugares muito mais elevados?

Drayton Thomas: Oh sim, mas prefiro trabalhar, em alguns aspetos, mais perto da Terra. Claro que avancei, mas quero usar o meu conhecimento, a minha experiência. Quero ser de serviço e ajudar os desafortunados. Agora devo ir. Adeus. Deus vos abençoe. *Bye-bye*, Lizzie.

Lizzie: *Bye-bye*. Muito obrigada. *Bye-bye*.

Mickey: *Bye-bye*.

George Woods: Oh, obrigado, Mickey. Obrigado, Mickey. Essa fita vai ser divulgada.

Notas

1. A Identidade de Drayton Thomas O Reverendo Charles Drayton Thomas (mencionado no início como Charles Mason-Thompson, possivelmente devido à audição imperfeita da "caixa de voz" mediúnica ou por uso de nomes intermédios) foi uma figura proeminente no espiritualismo. Ele é famoso pelos seus "testes de jornais" (newspaper tests), onde entidades lhe davam informações que seriam publicadas no jornal do dia seguinte para provar a sobrevivência da consciência.

2. A Questão de Sylvia Pankhurst A abertura da sessão é curiosa: uma voz feminina critica Sylvia Pankhurst (famosa sufragista). Drayton Thomas, mantendo o seu tom professoral e equilibrado, intervém para dar ordem à sessão e explicar as dificuldades da comunicação.

3. O Carma e a Mente Drayton Thomas apresenta uma visão muito específica do carma, não como um castigo externo, mas como uma lei de "causa e efeito" mental. Ele enfatiza que o pensamento cria a realidade, tanto na Terra como no mundo espiritual.

4. Ecologia e Crueldade Animal É notável que, já em 1970, Drayton Thomas manifeste preocupação com a pecuária intensiva e a interferência

humana na natureza (o uso de químicos na agricultura), prevendo que isso traria "novas e estranhas doenças" para a humanidade.

5. Esferas de Instrução Ele descreve o seu trabalho atual como instrutor em esferas "inferiores" (embora evite o termo por caridade), ajudando almas que ficaram "presas" em mundos de sonho criados pelos seus próprios pensamentos terrenos — um tema clássico da literatura espiritualista (como em Nosso Lar).

6. O Conceito de "Re-despertadores" Drayton Thomas define o seu trabalho e o do grupo de Leslie Flint como o de "despertadores do espírito". Ele explica que o maior obstáculo no mundo espiritual não é o "castigo", mas a letargia e a satisfação com níveis medíocres de existência, que ele chama de "mundos de ilusão".

7. Obsessão e Responsabilidade Criminal É fascinante a sua observação sobre como almas presas à Terra podem influenciar pessoas vivas por impulso, levando-as a cometer atos ou crimes pelos quais a pessoa pode não ser "totalmente responsável" num nível espiritual profundo. Isto toca em temas de saúde mental e espiritualidade que eram avançados para a época.

8. Testar os Espíritos Ele cita a máxima bíblica de "provar os espíritos" (1 João 4:1), lembrando que no mundo espiritual, tal como na Terra, existem todos os estratos de evolução e que o discernimento é essencial.

9. A Ilusão do Tempo A insistência de Thomas em que o tempo é uma ilusão que mantém as almas presas durante "séculos" reflete a ideia de que o progresso espiritual é puramente interno; enquanto a mente não mudar, a alma permanece estática, independentemente do "tempo" cronológico que passe na Terra.

MAHATMA GANDHI

Gandhi: Espero que consigam compreender aquilo que digo.

Betty Green: Sim.

Gandhi: Recentemente, estiveram a discutir sobre mim. E, em consequência, dá-me um prazer muito grande vir falar convosco. Sim. O meu nome é Andy.

Sidney Woods: Maravilhoso.

Gandhi: Eu sou o Andy. Eu sou o Gandhi.

Sidney Woods: Gandhi. Oh, Gandhi. Sim, é o senhor. Estamos muito satisfeitos por ter vindo. Muito satisfeitos.

Gandhi: Eu ouvi a conversa com os vossos amigos.

Betty Green: Sim. O Sr. e a Sra. Kohn e Shor.

Gandhi: Oh, sim. Eles estão muito interessados no meu trabalho, na minha poesia. Eu sei que estão. Estive muito interessado neles porque têm um desejo tão grande de auxiliar as pessoas do vosso mundo a alcançar um conhecimento maior e uma perceção e compreensão maiores do propósito de Deus para os Seus filhos. Sim. Vós também tendes uma crença semelhante, um interesse semelhante. Sim.

Em consequência, dá-me grande felicidade poder falar-vos hoje sobre este ponto. Compreendo quão ansiosos estais por servir a Deus, por servir as crianças da terra, por lhes trazer o esclarecimento sobre estas verdades que são universais. Estamos conscientes deste lado da grande necessidade de perceção da vontade e do propósito de Deus.

E vós sois os discípulos, tal como o Sr. e a Sra. Kohn e Shor. Sois discípulos na medida em que vos esforçais por infiltrar nas mentes das pessoas da terra estas verdades que são o fundamento de todas as religiões. Existem muitas religiões no vosso mundo que trazem grande confusão e, frequentemente, grande angústia às vidas da humanidade.

Existem muitas barreiras que foram criadas pela tolice e ignorância do homem, devido à sua obstinação e ao seu desejo de posição pessoal, orgulho pessoal e também nacional; até que o homem perceba que são todos da mesma família, que existe apenas uma religião — a religião universal, que é a verdade. O próprio homem criou barreiras na sua ignorância e no seu desejo de engrandecimento pessoal, e porque considera que o seu conhecimento é perfeito, enquanto o conhecimento de outras pessoas é imperfeito; enquanto a sua religião é a única religião verdadeira e as outras religiões são falsas. Existe apenas uma verdade que é o fundamento de todas as religiões.

Na essência, o homem construiu em redor das suas várias religiões muitas falsidades, muitos credos, muitos dogmas e, em consequência, existem não só entre as religiões, mas entre as nações, grandes diferenças de opinião, grandes diferenças de tal forma que criam infelicidade para muitas pessoas. No mundo existe grande pobreza e, muitas vezes, a pobreza deve-se não só à

ignorância, mas também ao orgulho pessoal, ao desejo pessoal do indivíduo que está na posição de suprimir. Frequentemente a religião, inconscientemente talvez, às vezes, está por trás de uma grande parte da infelicidade do mundo.

As religiões tornam-se fortes e grupos de indivíduos criam para si próprios uma grande massa de riqueza que é usada não para os pobres, não para os subnutridos, não para os oprimidos, mas para a realização pessoal de alguns, não só fora da religião, mas dentro dela. Existe grande força na religião. Muitas vezes, existe a maior das fraquezas.

Aquelas religiões que amealham grande riqueza estão, muitas vezes, longe da verdade. Vi isto de tantas formas diferentes. Quando estava do vosso lado e desde que estou aqui, vi através dos corações, dentro dos corações de muitas destas pessoas que estão nos chamados altos cargos, em altas posições, e elas não estão preocupadas com o bem da humanidade.

Estão preocupadas com o seu orgulho pessoal, com a sua ideia pessoal do que consideram ser a verdade e, muitas vezes, estão longe da verdade. É o nosso desejo — de todos vós que vêm — que consigamos, com o tempo, quebrar este preconceito que o homem criou, a sua tolice. Estou muito preocupado que vós e outros como vós sejais os propagadores desta grande revelação que é tão essencial para a felicidade e o bem-estar do mundo.

Hoje o vosso mundo encontra-se na ponte, por assim dizer, da destruição. A qualquer momento essa ponte — que em si mesma é tão pouco fiável que é duvidoso que sustente o peso nela colocado — pode ceder, porque o próprio homem, inconsciente e de certa forma conscientemente, gerou tal condição de confusão, tal condição de ódio, de intolerância. Existe tanta intolerância colocada sobre o mundo através da tolice do homem.

E existe algo que ele fez muito cedo. Consigo ver que o peso da tolice e ignorância do homem, combinadas com a sua falta de espiritualidade, destruirá a própria ponte que permite ao homem alcançar em segurança a margem da paz e da felicidade. Nós, deste lado, há muito tempo que nos esforçamos por construir entre o nosso mundo e o vosso uma ponte através da qual o homem pudesse subir às alturas e encontrar aquela paz que o vosso mundo não poderia dar.

Sabemos que é apenas nesta verdade, apenas nesta perceção da comunicação entre os chamados mortos e os vivos, que reside a salvação do vosso mundo. Toda a história se repete. A história mostra que o próprio fundamento da felicidade do homem reside no conhecimento e na perceção da

vida que está por vir. A vida terrena não é senão o campo de treino. Não é senão a escola na qual o homem deve aprender a lição que, em consequência, lhe dará a oportunidade de herdar o reino do Pai vivo. Existe tanta ignorância no vosso mundo. Tão poucos são estudantes. Tão poucos estão preparados para aprender. Tantos são egoístas e obstinados e tolos ao extremo.

Vós, meus filhos, estais preparados para ser bons estudantes. Estais preparados para aprender. Mas existem muitas, muitas almas que não estão preparadas para aprender, que não estão preparadas, de forma alguma, para fazer qualquer sacrifício. Aqueles que serviriam a Deus devem estar preparados para se sacrificarem, se necessário, a si próprios. E existem poucos que estão preparados para o sacrifício. Em todas as organizações religiosas que conhecestes, em todos os credos que tendes, em todas as diferentes nacionalidades, existem aqui e ali boas almas que são sinceras.

Mas, infelizmente, muitos só conseguem conceber a verdade a partir do seu próprio aspeto limitado e estreito. Não estão preparados para ter a mente aberta e estar livres para receber inspiração. Aceitam apenas aquilo que há tanto tempo aceitam e acreditam. Para eles, a revelação de Deus é um livro fechado. Aquilo que sabem foi-lhes revelado a eles e apenas isso. Não percebem que, ao longo de todo o tempo, existiram grandes profetas, existiram grandes videntes, existiram grandes mestres, grandes filósofos, grandes almas.

E todas estas almas, em muitos casos, se não em todos, sacrificaram-se voluntariamente no altar do amor pelos seus semelhantes humanos. Existem poucos no vosso mundo hoje que estariam preparados para se sacrificarem. Para eles, a sua religião é algo que lhes dá, talvez num sentido ilusório, um tipo de paz. Mas não é a paz real. Não lhes dá a perceção que nós nos esforçamos por vos dar. Eles são frequentemente falsos, até para consigo mesmos e até para com aquilo que professam acreditar.

Entristece-nos quando vemos como no vosso mundo existe tanta malícia, tanto ódio, tanta intolerância, tanta infelicidade, tanto medo, tanta dúvida. O vosso mundo está cheio de medo — medo no seu aspeto religioso, medo na perceção das coisas que conhecem. Não existe segurança nas mentes das massas de pessoas. Mesmo aqueles que professam o seu tipo particular de religião, muitos deles duvidam até daquilo que aceitam ou professam acreditar. Existem muito poucas pessoas no vosso mundo que têm a verdade que as pode tornar livres. Pois a primeira coisa que a verdade fará, quando a tendes, é dar-vos uma liberdade de mente.

Sois então capazes de receber mais verdade e mais verdade. E essa acumulação de verdade traz-vos uma segurança e uma paz de espírito que transcende todas as coisas. Não tendes mais medo no vosso coração e sois então capazes de lutar contra o mundo no qual tendes de existir. Há muito que queremos libertar o homem — acima de tudo, do medo. A vida no vosso mundo está cheia de medo. As pessoas temem tantas coisas.

Porque é que o fazem? Existe tanto medo no vosso mundo porque o homem não aprendeu o caminho. Existe apenas um caminho real. É o caminho do espírito. E existem poucas pessoas que seguem esse caminho. Existem algumas que o professam. Existem algumas que se esforçam por ele. Mas existem poucas que nele têm sucesso, porque não conseguem esquecer-se de si mesmas. A primeira lição que se deve aprender é esquecer-se de si próprio. Abdicar em amor de tudo o que for possível dentro de vós e isso vos será devolvido.

Estas coisas de que Cristo falou e todos os grandes mestres, todos os grandes filósofos ao longo das eras, eram para que o próprio homem se esquecesse de si próprio, para que ele, em troca, se encontrasse a si próprio. Quando te perdes num mar de amor, então de facto descobres que tocas novamente as margens. É como se te lançasses ao poder purificador do mar eterno do amor e não te afogasses, mas fosses, por assim dizer, elevado, amparado por ele; e és carregado por ele e, em consequência, o teu trabalho começa então.

E muitos asseguro-vos que podereis amparar e permitireis que outros encontrem aquilo que vós encontrastes. Acreditem-me, meus amigos, eu sei que existe apenas um caminho e é o caminho do amor. Quando o homem se esquece de si próprio no amor e no serviço, então começa a viver. Então começa a perceber Deus e o Seu propósito para ele. Então é-vos mostrado o vosso caminho e como o podem viver e o que podem fazer com ele e como podem permitir que outros o encontrem também. A primeira lei é amar Aquele que vos capacita mais do que a vós próprios e, ao fazer isto, começais a viver pela primeira vez.

Começais a respirar o ar da liberdade e encontrais a força que vos é dada para combater todos os males do vosso mundo. Aqueles a quem foi dada a tarefa de cumprir a vontade de Deus tiveram sempre, primeiro, de aprender a esquecer-se de si próprios. Eu, em comum com outros, não estava preocupado com casa, com roupas, com posição, não estava preocupado com dinheiro; e, no entanto, tudo foi providenciado em amor por outros que viram em mim o

que viram noutros discípulos de eras passadas. Eles viram um caminho para Deus, um caminho no qual podiam ajudar outros a encontrar paz e felicidade.

Houve alguns no vosso mundo — como de facto até hoje — que consideram que os meus desejos eram de poder; e, no entanto, eu não tinha poder, apenas através do amor, sobre as outras pessoas. Não decidi nada para mim próprio, mas houve quem dissesse que o meu interesse não era para o bem dos outros, mas para mim próprio. Houve quem dissesse que os meus motivos eram políticos. Todas estas coisas não eram verdadeiras. Eu estava apenas preocupado com o bem da humanidade em todo o mundo, não apenas com o meu próprio povo.

Claro que tinha um dever, como o via, para com o meu próprio povo — de os elevar daquela condição na qual se encontravam, de tentar melhorá-los num sentido talvez material; mas, no entanto, o meu interesse fundamental era melhorá-los espiritualmente. Percebi as muitas diferenças no meu país entre os povos, especialmente na religião. Era uma grande barreira. Depois, lá está, algumas pessoas consideram que vim para fundar um tipo de religião nova. Isto não era verdade. Foi apenas através da minha meditação e da minha oração e, se me for permitido dizê-lo, da minha humildade, que fui capaz de receber a força e a inspiração para continuar, muitas vezes contra a doença, contra a má saúde e dificuldades de que nada sabeis.

Mas digo-vos, meus filhos, se seguirdes os passos que os grandes mestres e instrutores mostraram no passado — eles que muito sacrificaram em amor pelos seus semelhantes — permitir-nos-eis, através de vós, fazer muito para aliviar o sofrimento nos corações de muitas pessoas. Não devemos esperar que possamos mudar a face do mundo tão cedo. Percebo que isto não é possível. Ninguém deste lado pode antecipar uma coisa tão maravilhosa. Levará muito tempo, mas precisamos, como vós, de discípulos aqui e ali que se unam e se esforcem connosco para tornar isto uma possibilidade. São os poucos que salvarão os muitos, meus amigos.

Estamos muito preocupados com o vosso mundo hoje. Não melhora, piora — muito pior. Basta apenas o toque de um dedo para colocar o vosso mundo no seu lugar. Isto, creio, não precisa de ser expresso demasiado lentamente. É óbvio que existe demasiado medo no mundo. Mas qual é a base deste medo? É para o bem da raça humana porque certas pessoas temem outra nação? Não, é porque temem a falta ou a perda do seu próprio modo de vida. Porque temem poder perder o seu poder e força no mundo. Todas estas coisas

baseiam-se em motivos materiais, não espirituais. Eles dar-vos-ão uma interpretação que é espiritual na superfície.

Mas quando escavais até ao fundo, descobris que as raízes estão enterradas profundamente na terra, no refugo material. Não estão preocupados com os seres humanos enquanto tais. Estão preocupados com o poder. Estão preocupados com o dinheiro, com investimentos. Estão preocupados com a força do material, não do espiritual. Se pudéssemos mudar a ideia e os pensamentos destas pessoas em cargos elevados e fazê-las ver os valores verdadeiros — que para haver paz no vosso mundo deve haver harmonia, deve haver equilíbrio.

Não esperamos que no vosso mundo possais existir sem coisas materiais. Mas o homem está preocupado apenas com coisas materiais. Ele não considera o espiritual. Quase ninguém está preocupado com coisas espirituais. É sempre propriedade, património, ações, dinheiro e todas as coisas que consistem na terra. Seja esta nação ou aquela nação, eu não as diferencio. Eu não advogo um credo ou, diremos, não advogo uma crença política particular acima de outra. Vejo bem fundamental em todas. Mas vejo que, na chamada defesa deste credo político particular, milhões de pessoas podem ser levadas a uma morte prematura, despreparadas para uma vida nova, cheias de erro nos seus corações e nos seus caracteres.

E isso seria desastroso. Ninguém poderia ganhar tal guerra, sejam aqueles que vivem na terra ou aqueles que para aqui vêm através dela. Vemos apenas destruição total, desolação total, infelicidade total para aqueles que restariam; para aqueles que para aqui viriam — para os poucos que alguma vez aqui vêm que estão preparados para a morte.

Gandhi: A morte é algo que, no vosso mundo, é tabu. As pessoas têm medo de mencionar a palavra. Não gostam de pensar nisso. Elas fogem disso. É algo de que têm medo porque sabem, no fundo dos seus corações, que é uma realidade que terão de enfrentar eventualmente. E têm medo porque sentem interiormente que não estão totalmente preparadas para isso.

Sabem tão pouco sobre o assunto e têm medo de descobrir. O medo domina os corações e as mentes dos homens. E nós sabemos que algo tem de ser feito em relação a isto antes que seja tarde demais. As consequências desastrosas são tão tremendas que mal se ousa pensar nelas. A vossa responsabilidade é grande. Quanto mais conhecimento recebeis, mais perceção tendes destas coisas, destas verdades que vos damos, maior é a vossa responsabilidade.

Não é uma tarefa fácil a que vos propusestes. Garanto-vos que não será fácil fazer este trabalho. De facto, sei que tendes descoberto que isso tem significado muitos sacrifícios. Mas, lá está, sei que não vos importais porque amais servir. É este amor pelo serviço, este desejo de servir que importa. Neste servir encontrais a vossa salvação, como milhares o fizeram no passado.

Mas, neste preciso momento, a coisa mais imperativa é como salvar o vosso mundo do desastre. Porque garanto-vos que existem duas grandes nações no vosso mundo que têm tal medo que, nesse mesmo medo, podem destruir não só a si próprias, mas o resto do mundo ou grande parte dele. É este medo terrível, este sentimento de que estais sentados mesmo na borda, percebeis, perante o precipício, e basta apenas o toque de um dedo para vos empurrar.

Isto é algo de tão terrível. Depois de terem tido guerras tão desastrosas e de o homem ter sofrido tão intensamente, pensar-se-ia que ele teria aprendido. Mas não, ele torna-se ainda pior. Ele cria para si próprio um inferno vivo porque, o tempo todo, pensa única e exclusivamente de forma material. Ele não vislumbra nada no sentido espiritual. As vossas organizações religiosas, as vossas diferentes religiões, pouco fazem para aliviar esta condição.

Elas às vezes falam sobre isso, sobre quão terrível é, mas defendem o modo de vida conforme o veem da sua nação particular. Como quem diz: "se o pior acontecer, estamos justificados em defender o nosso modo de vida", sabendo nos nossos corações que existe muito mal no nosso modo de vida. No entanto, dizem: "oh bem, é o pior, o menor de dois males".

E, no entanto, sabem que a destruição que cairia sobre o mundo é tal que é terrível pensar nisso. Existe bem em todos, isso eu não nego. Em todos os corações existe algum bem. E fundamentalmente, suponho que, na verdade, nos corações da massa de pessoas, elas apenas desejam a paz. Mas são tão doutrinadas de tantas formas diferentes. São como ovelhas que depois são abatidas. É-lhes dada a ideia de que estão sempre certas. Mas, frequentemente, estão erradas. Este medo terrível, esta perceção que deve eventualmente chegar ao homem — de que ele não pode viver pelo medo, mas apenas pelo amor — esta é a nossa tarefa, esta é a nossa responsabilidade: temos de dar ao mundo a perceção de que o amor conquista tudo.

É o credo mais antigo, é a verdade mais antiga do mundo: é pelo amor que conquistamos, não pelo ódio. O poder do amor é tremendo. E este poder do amor torna possível a nossa vinda até vós, para conversar convosco. Este poder do amor dá-nos a força para combater os males do vosso mundo. Este

poder do amor torna possível para vós uma nova vida. Pois, quando partirdes da vossa, entrareis no reino do amor.

E então, se não estiverdes prontos, porque não há amor suficiente no vosso coração, tereis de aprender a ajustar-vos e tereis de trabalhar arduamente. É amargo saber estas coisas, sabeis. E quando chegardes aqui, estareis prontos, e eu recebi-o agora. Tende boa fé. *Candy*, podes descer aí, John? Foi a *Candy*, John?

John: Sim. Não creio que tenha sido a *Candy* esta manhã.

Gandhi: Aquela foi a *Candy*. Isso é verdade. Tende boa fé. Pois, como Cristo disse, a tua fé te salvará.

Interlocutora: Com licença, foi a *Candy* esta semana, não foi?

Gandhi: É a *Candy*.

Interlocutora: Oh, obrigada. Queria dizer que a minha tia o conheceu na Índia. Ela nasceu na Índia, em Turquia. Ela lembra-se de o senhor ter ido a algum lugar lá.

Gandhi: Minha amiga, muitas pessoas me conheceram, e eu conheci muitas pessoas.

Interlocutora: Ela admira-o imenso pelo seu trabalho. Imenso.

Gandhi: Muito obrigado.

Interlocutora: Imenso, senhor.

Gandhi: Mas lembra-te, se eu próprio não me recordar de muitos nomes...

Interlocutora: Não. Ela não o conheceu pessoalmente, mas sabe que foi ouvi-lo lá fora.

Gandhi: Penso cada vez mais no passado no seu reflexo do presente e do futuro. O passado é como aquilo que está no espelho. É um reflexo da realidade. A realidade é o presente, e o futuro está para vir. Nós não vemos, na altura, os nossos verdadeiros eus quando olhamos para o espelho. As coisas estão invertidas, muitas vezes. Não vemos com clareza para dentro do coração.

Penso que o mundo inteiro tem grande necessidade de líderes, líderes espirituais. No momento presente, está a ser liderado não por líderes espirituais, mas por líderes materiais. E mesmo estes, alguns não estão fora da

igreja, mas dentro. Não desejo ser mal compreendido, não tenho no meu coração qualquer inimizade ou qualquer má vontade; isso não existe agora de todo na minha natureza. Mas digo, porque agora posso falar plenamente em verdade e, portanto, não tenho medo de afirmar o que sinto, que sei que até que muitas pessoas — particularmente aquelas em altos cargos, na política e na igreja — até que mudem os seus corações e a sua forma de pensar, não podem salvar o vosso mundo da destruição. A igreja tem grande poder para fazer muitas coisas, mas deve lembrar-se de que a igreja cristã não é a única igreja.

Não é a única fé. Não é o único caminho. De facto, a igreja cristã é pequena em comparação com os números tremendos de pessoas que estão fora dela. Lembrai-vos de que não é numa igreja, não é num credo, não é num dogma que a verdade é encontrada. A verdade é encontrada apenas procurando dentro de si próprio, como Cristo disse, e na perceção de que fazeis parte de um plano divino, que fazeis parte do propósito de Deus, e que deveis esquecer-vos de vós próprios, e então podereis começar a servir. Infelizmente, a maioria daqueles que se proclamam líderes não se esqueceram de si próprios, mas apenas se lembram de si próprios; e é por isso que estão na posição em que estão, não devido ao seu mérito como seres espirituais, mas devido ao seu mérito como seres materiais, e essa é a fraqueza do vosso mundo.

É aí que a força do vosso mundo é diminuída. Não é força verdadeira a que tendes no vosso mundo porque os vossos líderes são quem são. Os vossos líderes subiram a altos cargos não por motivos espirituais ou amor espiritual pela massa da humanidade, mas apenas porque estão preocupados com a posição material, poder material e substância, a força da vida, a força da felicidade, da alegria, a força do conhecimento, a paz.

Todas as boas qualidades existem apenas quando te esqueces de ti próprio. Estas pessoas não se esqueceram de si mesmas. Elas construíram-se apenas porque lutaram materialmente por altos cargos. Elas não se negaram a si próprias. Frequentemente, aproximaram-se de altos cargos por suborno (*graft*), como dizeis, e também por métodos dissimulados onde superaram o que pensavam ser obstáculos, sem se preocuparem com os indivíduos. Estão preocupados consigo próprios e, enquanto houver egoísmo e intolerância, enquanto houver ódio e malícia nos corações dos homens, esses serão os homens que subirão a altos cargos e trarão a destruição sobre o vosso mundo.

Os verdadeiros líderes são os do espírito, os da mente. Eles são aqueles a quem deveis recorrer para a salvação do mundo e para a alegria e a felicidade que virão. Garanto-vos que a vossa salvação não reside na política, não nos políticos, não em pessoas em altos cargos na igreja e no credo e dogma, mas em pessoas verdadeiras, sinceras e honestas que não procuram os altos cargos do mundo, mas apenas procuram o reino de Deus e o Seu amor pelos Seus filhos.

Estas são as pessoas em quem deveis confiar, estas que nada têm, que nada vos podem dar materialmente, mas dão-vos muito espiritualmente. Estes que negam o mundo salvarão o mundo. Estes que nada têm terão muito, pois o seu reino é de Deus, e aquilo que amealham está no céu, e isso é indestrutível. Aqueles que amealham grandes fortunas no vosso mundo, aqueles que amealham grande poder para si próprios e para os seus amigos e trazem destruição sobre o mundo e infelicidade, estas são as pessoas que perderão tudo e nada encontrarão aqui. Vós, meus filhos, não considereis demasiado as coisas da terra. Construí, como Cristo disse, os vossos tesouros no céu através do vosso coração e das boas ações que o vosso coração vos dirige a fazer, e em amor servi os Seus filhos; e encontrareis paz, e em humildade encontrareis a verdade, e a verdade vos dará liberdade.

Tende boa fé, meus amigos. Tende boa fé. Devo ir. Paz. A minha paz para vós. As minhas bênçãos a todos os povos da terra.

Sidney Woods: Obrigado. Muito, muito obrigado.

Mickey: Adeus agora, todos. Sim, obrigado, Macy. Adeus agora. Obrigado, Macy, por o trazeres. Estou muito feliz por estarmos aqui. Queres uma cadeira? Ponho-te ali. Não, não, não, é melhor assim. Estou mais ou menos a meio, sabes.

Notas:

1. A Identidade de "Andy" Na introdução, a voz diz: "My name is Andy. I'm Andy. I am Gandhi." Esta é uma característica curiosa das gravações de Leslie Flint. Frequentemente, a fonética da "caixa de voz" mediúnica distorce nomes ou as entidades tentam simplificar a pronúncia. "Andy" é claramente uma aproximação fonética de "Gandhi" ou um diminutivo afetuoso que a entidade usa para quebrar o gelo.

2. A Ponte e o Perigo Nuclear Gandhi menciona que o mundo está sobre uma "ponte de destruição" e que basta o "toque de um dedo". Considerando que Gandhi morreu em 1948 e a gravação é posterior, ele está a referir-se à Guerra Fria e à ameaça de aniquilação nuclear, que ele vê como o ápice da "tolice materialista" do homem.

3. Religião vs. Espiritualidade Tal como em vida, o Gandhi destas gravações critica as religiões organizadas que acumulam riqueza. Ele faz uma distinção clara entre "Religião" (dogma, separação) e "Espiritualidade" (verdade universal, união).

4. A Lei do Amor e o Sacrifício O discurso foca-se no conceito de Satyagraha (a força da verdade) e no sacrifício pessoal. Ele reafirma que os seus motivos nunca foram políticos, mas sim uma busca pela elevação espiritual do seu povo e da humanidade.

5. A Referência a "Candy" Nesta parte final, surge uma pequena confusão fonética. A interlocutora refere-se a Gandhi como "Candy". É comum nestas sessões de Leslie Flint que a audição seja imperfeita ou que os participantes usem nomes aproximados. A entidade confirma pacientemente a sua identidade, apesar da distorção do nome.

6. As "Duas Grandes Nações" O aviso sobre as duas nações que podem destruir o mundo refere-se claramente aos Estados Unidos e à União Soviética durante o auge da Guerra Fria. Gandhi descreve a doutrina da "Destruição Mútua Assegurada" como o ápice da loucura humana baseada no medo materialista.

7. Crítica à Liderança e à Igreja Gandhi é incisivo ao afirmar que mesmo dentro da Igreja existem líderes puramente materiais. Ele reforça a ideia de que a autoridade espiritual não vem do cargo ou da riqueza, mas da capacidade de se esquecer de si próprio no serviço aos outros.

8. A Imagem do Espelho A metáfora do espelho é usada para explicar que o mundo material é apenas um reflexo invertido e incompleto da realidade espiritual. Para ver a realidade, é necessário olhar para o "coração" e não para a superfície.

9. O Papel de "Macy" No final, Mickey menciona "Macy". Trata-se de uma referência a Minnie Marshall, uma das controladoras ou assistentes espirituais que ajudavam a organizar a "fila" de comunicadores e a manter a energia para as vozes se manifestarem.

ELIZABETH BARRETT BROWNING

E ROBERT BROWNING

PALAVRAS, VERDADE E A REDENÇÃO DA FAMÍLIA

Data: 24 de Novembro de 1969

Médium: Leslie Flint

Participantes: Louise e Ida

Comunicantes: Elizabeth Barrett Browning e Robert Browning

MICKEY: Como estás?

LOUISE: Muito bem, obrigada.

MICKEY: Louise?

LOUISE: Sim.

MICKEY: E Ida? Sim. Sim. Princesa Ida. Oh, achei que ela estava toda maluca para continuar com a sessão. Sim. Obrigada. Tu gostas de ópera, não gostas? Obrigada. Ouvi dizer que és louca por ópera, não és?

IDA: Sim.

MICKEY: Ainda vais ouvir todos os grandes cantores? Nós não estamos a fazer nenhuma sessão. Não? Não. Se vamos, então vamos. Tu achas que os

grandes dias acabaram, então? Bem, este não é um período muito bom. Não. Surpreende-me, com o teu amor pela ópera, que não cantes e toques piano e tudo isso. Bem, temos de ter o público também, não temos? Aquele é o Sr. Portoman outra vez. Oh, aquele é. Sr. Sandman. Sr. Sandman. Ele tornou-se uma "coisa" agora, não foi? Não sei. Parece... Acho que deve ter havido uma espécie de laço tremendo. É realmente extraordinário, sabes. Oh, sim. É. É. Sim.

ELIZABETH BARRETT BROWNING: Palavras. Palavras. Quão inadequadas as palavras parecem significar agora. Sim. Quando eu estava no teu lado, as palavras significavam tanto. Agora, quando me aproximo da terra e me esforço para fazer contacto, para conversar, descubro que as palavras em si mesmas não podem retratar nem descrever tanto do que sinto.

Eu venho muitas vezes ver-vos a ambas, particularmente quando tendes as vossas reuniões. Dá-me grande alegria, como aliás dá a todos nós aqui, saber que existem pessoas como vós que se esforçam por trazer a verdade para o vosso mundo. Quando eu estava no teu lado, tinha conhecimento desta verdade. De facto, tive uma grande dose de experiência pessoal e, na época de que falo, havia vários médiuns únicos que eram capazes de produzir fenómenos que hoje parecem estar mais ou menos extintos.

O Robert, o meu marido, está comigo e, muitas vezes, como disse, vimos às vossas sessões; e embora possamos não ser capazes de falar convosco ainda, de comungar, eu gostaria muito que soubésseis da nossa presença, do nosso interesse e do nosso desejo de vos ajudar e de trabalhar de qualquer forma que seja possível. Eu ainda, deste lado, tal como o Robert, continuo a nossa escrita, mas, num sentido, há um sentimento, direi, de deceção. Suponho que isto se deva principalmente ao facto de não conseguirmos, ou não termos conseguido ainda, encontrar um instrumento adequado no teu lado que pudesse agir em nosso nome para que pudéssemos trazer para o vosso mundo algum do nosso trabalho e também, particularmente, alguns dos aspetos da verdade que colhemos aqui e ali em várias esferas de vida e experiência.

Eu ainda sinto que através de ti poderei, e o Robert também sente, que há a possibilidade de que, num estágio posterior de desenvolvimento — que sentimos estar a ocorrer de facto muito rapidamente —, sejamos capazes de contactar e manifestar e talvez dar-te apenas um vislumbre da nossa experiência. Sabes, tanto disparate tem sido escrito sobre nós, mas suponho que isso seja de esperar. Alguns diriam que é a licença que é devida ou

naturalmente aceite para um escritor ou autor, mas gostaríamos muito de dar um relato mais detalhado, mais descritivo e mais honesto — não consigo pensar num termo melhor — da nossa vida na terra.

Mas muito mais importante para nós, claro, é a nossa vida aqui. Existem pessoas no teu mundo, muito naturalmente e com razão, que suspeitam talvez de qualquer pessoa que possa vir deste lado da vida e que dê um nome que é, se me permites dizer, famoso no teu lado. Isto eu compreendo; e seria uma grande alegria para muitos de nós se pudéssemos manifestar-nos e transmitir várias coisas que, estou certa, seriam de valor para o mundo; e não seríamos, espero, julgados pelo passado, mas sim, se tivéssemos de ser julgados de todo, por aquilo que nos é permitido transmitir-te.

Vês, num sentido, o mensageiro não é importante, o que importa é a mensagem dos tempos. Não estamos preocupados com o que podemos ou não ter realizado, num sentido, no teu lado. Naturalmente, tem-se uma espécie de orgulho na conquista, o que acho que é justificado, mas claro que aqui vemos a nós mesmos, aos nossos esforços e ao nosso trabalho, todos nós, de uma forma diferente.

Percebemos que, num sentido, embora tenhamos a nossa própria personalidade, tenhamos o nosso próprio talento, até certo ponto também fomos e ainda somos instrumentos de fontes superiores. Eu tenho sido ajudada, tal como o Robert tem sido ajudado, tremendamente deste lado por almas muito à nossa frente. Tem sido uma das maiores alegrias e prazeres para nós termos conhecido almas tão maravilhosas como Shakespeare e Milton, grandes artistas de muitas formas de arte.

Sim. Sei que estás particularmente interessada em música, e é natural que, devido ao teu profundo amor e interesse pela música, atraias para ti de tempos a tempos grandes almas que foram elas próprias grandes artistas, grandes cantores, grandes compositores, grandes músicos. E se eu te dissesse, sei que aceitarias o que eu te dissesse, mas outros que não sabem e não compreendem seriam extremamente céticos, e é compreensível num sentido; mas estou a falar para ti e para esses teus amigos em particular que, sem dúvida, ouvirão esta, como lhe chamas, gravação.

E sinto-me livre e capaz de vir falar contigo como se, de facto, te tivesse conhecido toda a minha vida. E esta é a alegria que todos sentimos. E quem me dera que fosse possível para cada ser humano na terra ter este conhecimento, ter esta grande alegria, esta grande perceção do que é a verdadeira comunicação, do que ela significa. Não existem barreiras entre o

nosso mundo e o teu, apenas aquelas que o próprio homem cria na ignorância, no preconceito e na intolerância. Aqui não existem barreiras de credo, nem de cor ou religião. Aqui somos verdadeiramente todos parte do grande divino, do grande espírito.

E se eu te contasse, mesmo agora enquanto falo, sobre algumas destas maravilhosas, maravilhosas almas que estão aqui e que vêm ter contigo quando tens as tuas reuniões, que são participantes interessados, que eles próprios esperam e rezam para que, de tempos a tempos, possam ter o privilégio de passar e falar não só contigo, mas com o mundo. Aqui nós, por assim dizer, afundamos a nossa identidade, ou direi que nos fundimos numa completude e num todo, trabalhando juntos em harmonia e em amor pelo bem de toda a humanidade.

Na minha vida na terra tive o privilégio de conhecer muitas pessoas de todos os estratos sociais. Algumas eram extremamente humildes e, como o mundo diria, comuns. E, no entanto, muitas vezes encontrei nestas pessoas, que pareciam à superfície ter pouco ou nenhum talento de que falar, encontrei muitas vezes uma grande paz, uma grande compreensão e um grande amor. Encontrei isto entre certos domésticos.

E embora o mundo, através de muitos escritos relativos à minha família, tenha uma ideia distorcida do meu pai, sinto que esta é talvez a maior das injustiças que foram feitas. O meu pai, é verdade, era um homem muito rigoroso e, à sua maneira, talvez estreito de mente, mas ele tinha um amor profundo. Era um amor que talvez fosse egoísta, sem dúvida que num sentido era possessivo, e de certa forma talvez eu tenha sido forçada a fazer o que fiz. Mas eu gostaria de tentar, se puder, retificar a imagem, porque ele não era de modo algum o homem mau que alguns querem fazer crer. Ele era um bom progenitor. Era um caráter forte. Era, sem saber ele próprio, num sentido talvez um homem egoísta. E, claro, não era isento de falhas. E ele foi, num sentido, uma barreira, ou poderia ter sido, ou esforçou-se inconscientemente por ser uma barreira para a felicidade dos outros.

Mas aqui vemo-nos uns aos outros com uma maior clareza de visão. Vemos também porque é que as pessoas muitas vezes se tornam aquilo que são — às vezes por circunstâncias, às vezes por influências nos seus primeiros anos e às vezes, particularmente no caso do meu pai, era um desejo de proteger os seus filhos contra os males, como ele os via, do mundo do seu tempo. Claro que ele era excessivamente rigoroso, excessivamente severo, e no entanto, de tantas formas, era um bom homem.

Sinto-me agora muito atraída por ele, até mais do que talvez seja possível tu compreenderes, porque embora ele tenha sido de muitas formas uma barreira para mim e para os meus irmãos e irmãs, ele estava intencionalmente a tentar proteger-nos. E agora, claro, vejo e compreendo muito mais, e somos bons amigos, somos muito próximos. E a minha querida mamã, ela viveu uma vida tão triste.

Suponho que, na verdade, estou, de certa forma, a falar sobre a minha vida pessoal após muito tempo, mas sinto que é uma ajuda preciosa para o mundo. Eu sou Elizabeth Barrett Browning. Lamento muito não estar a dizer o meu próprio nome de batismo. Oh, que estúpida. Peço desculpa. Sim, não chores. Mas o querido Barrett e eu somos tão próximos. Somos verdadeiramente o que se diria ser um. Sim, sim.

Sabes, é tão maravilhoso sentir que, à medida que se avança espiritualmente, se perdem, claro, certos aspetos do velho "eu", mas ainda somos tão próximos. Sim. Vivemos numa existência feliz e alegre. Continuamos a trabalhar juntos. Esforçamo-nos por assistir, ajudar, guiar, elevar onde quer que possamos. Por vezes reunimo-nos no que chamarias as esferas inferiores. Sim. Entre os menos afortunados. Sim, exato. Aqueles que talvez ainda não tenham progredido muito no caminho da vida, mas que têm tanto dentro de si que é bom, mas que talvez, à sua maneira, continuem a viver vidas semelhantes às terrenas.

Acho que é muito difícil para as pessoas no teu mundo compreenderem que existem estes muitos estratos do ser. Sim. Jesus disse: "Na casa de meu Pai há muitas moradas". Isto, claro, sugere — e pretendia sugerir — que havia muitos níveis diferentes de consciência, muitos níveis diferentes de ser, e que a vida em si é uma progressão constante de uma esfera para outra, mudança gradual, evolução, para que nenhum se perca. Isso é muito correto.

Como a história do bom pastor que sai em busca da ovelha perdida. Nem uma alma se perde. Não importa quão degradada, quão baixa se possa ter tornado, não importa quão má possa ter sido, existe ainda o vislumbre de luz. Existe ainda esperança. E há tantas almas neste nosso mundo que deliberadamente saem para ajudar aqueles nos planos inferiores do ser, para que possam tirar da escuridão para a luz os menos afortunados.

Sei que no teu mundo é muito difícil, sempre, dizer e fazer a coisa certa. Por vezes, na nossa vida, fechamos os olhos ou desviamos o olhar porque não queremos ver. Não queremos ficar, por assim dizer, presos nas vidas de pessoas que sentimos estarem num estrato baixo de evolução, que, pelos seus

pensamentos e ações, se mantêm agarradas a este nível de materialismo que, pela sua própria natureza, as afasta das coisas que são o espiritual da mente. Mas devemos ter compaixão acima de todas as coisas. Embora nem sempre nos sintamos inclinados, ou sintamos que podemos fazer isto ou aquilo, contudo os ditames do nosso coração dizem-nos que, se pudermos ajudar estes infelizes, esta é a maior de todas as conquistas. Pois, se pudermos tirar estas almas da escuridão, verdadeiramente não estamos apenas a ajudá-las, mas, num sentido, a ajudar-nos a nós mesmos. Não que o façamos porque desejamos recompensa, mas devemos lembrar que, se queremos progredir, não podemos progredir a menos que estejamos conscientes daqueles cujas necessidades são tantas.

Porque se elevamos os outros, elevamo-nos a nós mesmos. Se nos damos em serviço amoroso, se nos esquecemos de nós mesmos no serviço, verdadeiramente começamos a encontrar-nos, a encontrar o nosso verdadeiro "eu". Quando viremos para o teu mundo e vemos a escuridão, quando vemos os males, quando vemos as tragédias pavorosas da vida, quando vemos as misérias de outros, quando vemos quanto transparece no teu mundo que é provocado pela tolice e egoísmo do homem, ficamos horrorizados. Mas esforçamo-nos por ajudar onde pudermos. Muitas vezes, claro, como vós próprias sabeis por experiência, somos repelidos. Mas, apesar de tudo, por vezes uma semente é lançada. Nem sempre dá testemunho imediatamente. Por vezes parece e muitas vezes cai em solo pedregoso, mas ocasionalmente deita raízes e, mais tarde, floresce.

Sei que vós, duas queridas almas, vos esforçais e vos tendes esforçado e continuareis a esforçar-vos para ajudar e assistir, guiar e elevar onde quer que seja possível. Por vezes alguém é magoado, por vezes fica-se triste, mas sempre o poder do Espírito Santo fortalece. Quando vimos até vós, como fazemos, com tanto amor, com tal desejo de serviço, sabemos que no vosso ambiente recebemos as boas-vindas, que recebemos e retribuímos todo esse amor e poder que nos permite continuar a ajudar. Damos-vos o nosso amor e as nossas bênçãos e se, de tempos a tempos, como é nossa intenção, vos trouxermos várias almas que tenham algo de importante para dar, que beneficiará outros, sabemos que as recebereis com amor e que o transmitireis ao mundo em amor, que espalhareis as grandes e gloriosas notícias da vida eterna.

E verdadeiramente somos todos abençoados neste trabalho conjunto. E o meu querido Robert e eu, e todos nós, amigos que nos reunimos ao redor, damos-vos repetidamente as nossas bênçãos para que possais continuar em

serviço amoroso a trabalhar pela humanidade. Eles verão aquilo que vós tendes visto: a luz gloriosa, a presença divina do Espírito de Cristo. Abençoo-vos, minhas filhas. Pois, num sentido, sois como crianças. Sinto-me tão atraída por vós. Verdadeiramente sois filhas da luz. Esta verdadeiramente é a luz do Espírito de Cristo que vem até vós. Ide em frente nesta luz e fazei o trabalho de paz e bênção. Sede perdoadas. Adeus.

IDA/LOUISE: Adeus, minha querida. Não foi maravilhoso? Oh, adorável.

ROBERT BROWNING: Tu pareces ter perdido... Alguma vez tiveste algum contacto antes?

IDA/LOUISE: Não.

ROBERT BROWNING: Não tiveste? Não. A minha querida Elizabeth falou convosco. Oh. E eu conto convosco apenas por alguns segundos na vossa cabeça, e tentaremos. Pois cada momento é precioso. Cada momento em que a porta é escancarada é precioso. Podes mantê-la assim, escancarada, e todos os que puderem entrarão. Verdadeiramente dá-me grande alegria vir com a minha querida esposa falar convosco. Sabendo eu da vossa devoção e serviço e do vosso amor à humanidade, para trazer esta grande e gloriosa verdade que libertará o mundo de todas as suas misérias, verdadeiramente estais a fazer um grande trabalho. Verdadeiramente, como estamos radiantes por ser participantes desse poder que torna possível a comunicação entre nós.

Naquele pequeno grupo, naquele pequeno círculo como lhe chamais, existe tal laço de amor, tal laço que torna todas as coisas possíveis. Verdadeiramente estou certo de que a porta está escancarada, e tereis muitos a entrar nela. Verdadeiramente é como se fosse a casa do Senhor, e verdadeiramente nessa casa reunir-nos-emos para O adorar e louvar. E certamente iremos em frente na escuridão do vosso mundo, temendo ou não a verdade torturada que iluminará o caminho. Precisamos dos discípulos desta verdade no vosso mundo, que nos deem a oportunidade de serviço a Ele. Ide em frente, saibam que estamos convosco, e não podeis falhar, pois aquilo que fazeis juntas é maior, muito maior do que qualquer outro trabalho que é feito, pois é a salvação do mundo.

Os homens de ciência podem ir para os planetas. O homem pode alcançar muitas coisas, mas a maior conquista do homem é a perceção da sua unicidade com o Divino. Eu sou apenas o espírito que se manifesta neste pensamento: aquele lar espiritual eterno, que é o lar que há de ser de todos os

que vivem e respiram na vossa vida, o despojar do material e a liberdade dos espíritos, entrando nas glórias da vida eterna. Esta é a grande verdade, esta é a grande alegria, este é o grande trabalho que deve ser enfrentado, que é apenas isto só: ver o homem. Todos viverão, nenhum morrerá, a verdade prevalecerá e o caminho será endireitado, e todos trilharão esse caminho que conduzirá à glória eterna. Verdadeiramente, minhas amigas, vós abençoastes-me.

Verdadeiramente estais rodeadas por grandes almas de todas as eras. O tempo é como nada para o espírito, pois aquilo que foi ainda é, e o que está por vir já está aqui. Embora alguém possa não o ver, ele é ainda sempre presente. Toda a vida está sentada em vós agora, à espera que a revelação chegue. Glorioso de facto contemplar este reino de Deus. Verdadeiramente, minhas amigas, eu imploro-vos. Verdadeiramente, de facto, eu imploro-vos. E viremos até vós, um por um. Nós beneficiaremos e daremos a nossa mensagem em luz e esperança ao mundo, para que outros possam partilhar, outros saibam.

Verdadeiramente sois discípulas num mundo escurecido, mas aqui a luz será espalhada longe. A mensagem do espírito iluminará o seu caminho, e outros, que habitam na escuridão dos campos materiais, vislumbrarão e adivinharão, seguindo a presença do Mestre. Que as minhas amorosas bênçãos estejam convosco, e com todos os que ouvem a voz do espírito. Levai a peito estas coisas que vos damos. Saibam que não somos senão os mensageiros de grandes novas. Ao aproximar-vos desta época de boa vontade, quando existe tanto no vosso mundo de sabedoria, lembrai-vos das palavras, as palavras eternas do Espírito: "Onde dois ou três estiverem reunidos, aí estarei Eu no meio deles". Verdadeiramente tendes o gentil Salvador Jesus entre vós, e o Seu amor e o Seu poder vos guardarão e protegerão. E verdadeiramente sereis abençoadas. Verdadeiramente recebereis e transmitireis ao mundo de sabedoria. Que a paz esteja sempre convosco nos vossos corações.

Notas:

- *A Reabilitação do Pai: Elizabeth Barrett Browning faz uma declaração histórica importante sobre o seu pai, Edward Moulton-Barrett. No além, ela percebe que o seu rigor possessivo não era maldade, mas um desejo de proteção. Eles estão agora reconciliados e são "bons amigos".*

- *A Missão Literária no Além: Os Browning revelam que continuam a escrever no mundo espiritual, mas sentem a frustração de não terem um "instrumento" (médium escritor/psicógrafo) na Terra capaz de captar a sofisticação e a verdade da sua obra atual.*

• *Unicidade com Shakespeare e Milton: Elizabeth menciona com alegria que o círculo de amizades no além inclui gigantes da literatura, reforçando a ideia de que os interesses e afinidades da alma persistem e se expandem.*

• *A Doutrina do Serviço: Ambos os poetas enfatizam que o progresso espiritual está ligado ao serviço aos menos afortunados, descrevendo missões de auxílio às "esferas inferiores".*

DENNIS SCOTT

O REFLEXO DAS ESFERAS

E A MENTE COMO CRIADORA

DENNIS SCOTT: Eu não acho que as pessoas consigam perceber, sabes, que o nosso mundo — quando me refiro ao nosso mundo, refiro-me a centenas, milhares de vários estados de ser de acordo com o desenvolvimento e progresso espiritual de cada um — é, num sentido, poder-se-ia dizer, um espelho ou um reflexo do vosso mundo. Agora, para algumas pessoas isso pode parecer muito estranho, mas certamente as esferas são definitivamente um reflexo do vosso mundo material, na medida em que muitos dos aspetos da vida nessas esferas não são diferentes da vida como tu a conheces no teu mundo, o que é tão bem que assim seja, suponho, de certa forma. Caso contrário, muitas almas vindas do teu mundo sentir-se-iam muito, muito desconfortáveis, para dizer o mínimo, muito fora das coisas e muito perturbadas na sua mente, e não seriam capazes de estar em paz.

Mas o que eu quero transmitir, se puder, é que cada indivíduo que passa do teu mundo irá para uma condição de vida que lhe seja mais adequada e, em consequência, como a maioria das pessoas tem apenas uma conceção material das coisas, elas encontram-se num ambiente, em alguns aspetos pelo menos, muito parecido com a terra, o que é como deve ser, creio eu; e até ao momento em que progridam mental e espiritualmente e, em consequência, tornem possível para si mesmas serem colocadas num ambiente de natureza superior, elas estão bastante contentes em ficar por um bom tempo — se pudermos usar o tempo em relação ao nosso lado da vida — na esfera que não está tão removida, em muitos aspetos, da terra.

Mas as pessoas têm ideias tão vagas no teu lado quando pensam que sabem alguma coisa sobre este assunto, sobre as nossas esferas de vida e atividade. Algumas pessoas têm uma espécie de ideia de que são subitamente

transportadas para um plano de ser muito elevado, no qual tudo é perfeição. Bem, eu acho que essa é uma das coisas mais erróneas que alguém pode imaginar. Na verdade, é muito pior do que o que muita gente acredita através da ida à igreja e do ensino bíblico. Não existe tal coisa, pelo que experimentei, de um céu ou de um inferno.

Acho que a condição de vida aqui é, em grande medida, o que tu fizeste dela na terra e, em consequência, poderias dizer que é uma espécie de reflexo do teu mundo nos seus vários aspetos. Não existe tal coisa como imperfeição, e não existe tal coisa, pelo que entendo, de perfeição. Acho que estamos todos num processo de mudança. Estamos todos num processo de desenvolvimento. Estamos todos constantemente a ver as coisas de um aspeto diferente e de um ângulo diferente e, em consequência, estamos a mover-nos de estágio em estágio ou de lugar em lugar, e estamos gradualmente a tornar-nos cada vez mais sintonizados com os reinos ou planos superiores de pensamento.

Mas eu dificilmente imaginaria — certamente nunca conheci ninguém a quem se pudesse referir como sendo perfeito. Duvido que exista tal estado ou, mesmo que exista, está tão removido de nós que não conseguimos visualizá-lo ou ter consciência dele. Em qualquer caso, tal como eu vejo, se alcançasses a perfeição, então imagino que a vida deixaria de ser interessante. Tornar-se-ia muito aborrecida porque não restaria nada por que lutar.

Portanto, parece-me que todas as formas de vida estão de acordo com o progresso do indivíduo ou a falta dele. E como a maioria das pessoas é fundamentalmente, poder-se-ia dizer, boa de coração — por outras palavras, querem fazer o bem, querem tornar-se melhores homens ou melhores mulheres —, elas falham frequentemente. E, no entanto, as pessoas estão frequentemente a esforçar-se, e eu acho que o ponto principal é que uma pessoa não é melhor nem pior do que aquilo que é no momento da passagem.

E nada te pode salvar, nada te pode transformar num anjo, nada te pode transportar para as altas esferas celestiais, a não ser tu própria, por ti mesma, pelo que fizeste de ti através das tuas próprias ações e pensamentos. Não acho que credos, dogmas e religiões, num sentido pelo menos, tenham algo a ver com isso. Uma religião, um credo ou um dogma pode apontar o caminho. Quero dizer, por exemplo, se seguires os ensinamentos de Jesus, obviamente, se seguisses os ensinamentos dele no sentido correto e os pusesses em prática, obviamente herdarias um plano de pensamento e de ser muito superior ao nosso. Ou pelo menos de quem não se esforça por seguir um grande líder ou mestre como Jesus; mas o ponto principal, parece-me, é que o homem não

pode ser mais do que aquilo que fez de si próprio. Ninguém o pode fazer por ti; as pessoas podem apontar o caminho, as religiões podem apontar o caminho, grandes mestres e profetas podem mostrar-te um caminho que, se percorreres fiel, honrada e sinceramente, tornará possíveis grandes avenidas ou grandes estradas de progresso.

Mas tudo se resume ao facto de que deve vir do indivíduo, deve ser um esforço pessoal inicial; é algo que tu própria deves fazer — conforme pensas, assim és, parece-me.

ROSE: Sim.

DENNIS SCOTT: E é por isso que existem tantas, suponho que se poderia dizer, ideias conflituosas sobre a vida após a morte. Quero dizer, tu vens a uma sessão e alguém vem de uma esfera e diz-te uma coisa, na qual é completa e absolutamente honesto, e outro dir-te-á algo bastante diferente, o que realmente significa que são de planos de ser diferentes de acordo com o seu estatuto de desenvolvimento. Não podes esperar ter sempre pessoas no mesmo plano; e numa coisa destas, uma sessão ou o que quer que aconteça, onde alguns espiritualistas se reúnem em harmonia e sinceridade, é provável que atraias todo o tipo de pessoas e, muitas vezes, claro, pessoas são trazidas a ti dessas esferas para ajuda e, então, claro, tens aqueles que estão presos à terra (earthbound), pessoas que nem sabem que estão mortas.

E há muitas pessoas que, talvez por meses, e talvez até anos — e tem havido casos de séculos —, não descobriram nem perceberam que realmente deixaram a terra; elas pensam que ainda estão ligadas à terra, o que, de certa forma, estão, porque estão tão mentalmente ligadas à terra, tão conscientes da terra, tão mais interessadas na terra, e a terra é a única coisa que lhes importa; elas são, num sentido, mais da terra do que do espírito e, em consequência, estão presas à terra.

E elas muitas vezes obtêm uma espécie de deleite ou prazer em ligarem-se, talvez, a alguém que está na terra. Pega em alguém que é um bêbado, alguém que só encontrava prazer em visitar casas públicas e estar constantemente bêbado num estado de inebriação; descobrirás que às vezes uma pessoa assim sente um prazer tremendo em ir de casa pública em casa pública e, provavelmente, acaba por encontrar alguém com uma mente e interesses semelhantes a quem se agarra, e essa pessoa na terra torna-se o pior bêbado em consequência, porque a pessoa deste lado está a ter um deleite em usar essa pessoa, de forma muito semelhante a como um médium é usado por alguém deste lado. Porque, sabes, é uma coisa extraordinária como uma

pessoa neste estado de embriaguez pode ser controlada por entidades baixas que estão muito perto da terra. Quero dizer, antigamente, como provavelmente bem sabes, quando tinham anestésicos e coisas do género, costumavam embebedar um homem até ele ficar cego de bêbado, "morto" de bêbado, para realizar uma operação. Ele não sentia a dor até esse ponto. E é perfeitamente verdade que o espírito, até certo ponto, é libertado quando uma pessoa está muito, muito bêbada.

ROSE: Estou a ver, sim.

DENNIS SCOTT: Sabes, é uma coisa extraordinária como uma pessoa que é médium é capaz de, até certo ponto — provavelmente sem perceber como é feito —, abrir-se para receber todo o tipo de inspirações ou impressões e ser afetada por entidades deste lado. Não creio que ninguém saiba realmente no teu lado muito sobre a mediunidade, como ela funciona, como funciona. É uma coisa muito complexa, e nós deste lado nem sempre estamos em posição de responder a certas perguntas sobre isso.

Mas não há dúvida de que a mediunidade é algo inerente à humanidade. Todos têm, ou deveriam ter, na minha opinião — e têm —, um poder de mediunidade. É algo que é natural para a raça humana. O corpo espiritual e o corpo físico são duas coisas separadas, apenas ligadas pelo cordão que, na morte, é cortado, o que significa que o corpo espiritual tem uma existência separada do corpo. Mas enquanto está na terra, ligado em vida, é, por assim dizer, uma coisa combinada. E não há dúvida de que, às vezes, uma pessoa, de forma bastante inconsciente, sem sequer saber que é médium, se encontra controlada por alguma outra entidade.

Encontram-se a pensar coisas que normalmente lhes são bastante incomuns, que não fazem parte da sua natureza ou constituição pensar. E encontram-se a fazer coisas, às vezes, no calor do momento. Claro, suponho que a profissão médica diria que isso se devia a algum tipo de aberração mental ou doença. Pode ser em certas instâncias, mas eu conheço muito bem instâncias de casos em que certos tipos de pessoas na terra que eram muito psíquicas foram influenciadas por entidades de ordem baixa deste lado e cometeram coisas que nunca sonhariam fazer nos seus chamados momentos de sanidade. Quero dizer, muitas pessoas num asilo limitado não são em si mesmas doentes mentais. São meramente pessoas altamente tensas, sensíveis, que são extremamente psíquicas, que são usadas ou controladas às vezes por entidades que estão presas à terra. Na verdade, se a profissão médica soubesse mais sobre este assunto, se soubessem mais sobre como os indivíduos são

afetados por entidades deste lado, como são usados, como são controlados, um grande número de pessoas em asilos limitados poderia ser curado. Porque estou a fugir um pouco ao assunto de que me propus falar, mas, no entanto, está tudo entrelaçado.

ROSE: É muito interessante. Está tudo a ser amarrado, sabes. Muito interessante.

DENNIS SCOTT: Consegues ouvir-me, não consegues?

ROSE: Sim, consigo ouvir-te.

DENNIS SCOTT: Às vezes é difícil saber se se consegue ser ouvido ou não, sabes. Mas estou muito feliz por responder a quaisquer perguntas, porque, afinal de contas, quero responder ao tipo de perguntas que as pessoas poderiam colocar a alguém, sabes. Quero dizer, o tipo de coisas que provavelmente te colocam a ti, percebes.

ROSE: Mas tu disseste que alguns destes planos no outro lado não estão muito removidos dos planos deste lado.

DENNIS SCOTT: Bem, não estão. Na verdade, poderias até dizer que se misturam.

ROSE: Eles têm coisas como autocarros, elétricos e todo esse tipo de coisas nesses planos?

DENNIS SCOTT: Não, não posso dizer isso. Mas quando digo que há uma grande semelhança, o que quis dizer com isso foi que certos aspetos da vida são muito semelhantes, são parecidos. Ora, isso não significa que existam autocarros e elétricos. Mas não esqueças também que certos tipos de mentalidades, por causa daquelas coisas que consideram essenciais e naturais para elas, têm uma espécie de — se quiseres usar o termo pertencente ao nosso mundo, isto é, as esferas masculinas do nosso mundo, o que é perfeitamente verdade dizer — elas têm uma espécie de alucinação. Por outras palavras, têm uma espécie de mundo mental que não tem base na realidade.

Vês, o que se tem de ter em mente é que uma pessoa não é mais nem menos do que aquilo que ela pensa. E se uma pessoa pensa que certas coisas são essenciais e só pode ser feliz ou estar contente ou viver com essas coisas, ela criará essas coisas. E, afinal de contas, se tiveres não apenas uma ou duas, mas milhares de almas que estão a pensar em certas linhas de que certas coisas são necessárias e essenciais para elas, em consequência, elas estarão lá, criadas por um processo de pensamento. Mas elas não têm fundamento em

factos reais. Por outras palavras, é uma condição de vida ou mentalidade, se quiseres, que invariavelmente passa cedo.

Algumas das pessoas mais difíceis de estabilizar ou de serem felizes ou estarem contentes, na minha opinião, são aquelas que têm visões religiosas muito fortes, visões religiosas fixas e firmes. Quero dizer, conheci pessoas aqui que se uniram e continuam muito da mesma forma que teriam feito na terra. Isto é, com as suas reuniões de oração e canto de hinos, à espera do grande dia da ressurreição, quando voltarão à terra num corpo físico.

ROSE: Sim.

DENNIS SCOTT: Vês, existem estas seitas de doutrinas colegiais que são impostas às pessoas e elas aceitam-nas cegamente sem pensarem profundamente. E elas acreditam realmente que são os eleitos de Deus, que serão escolhidos para regressar à terra no grande dia da ressurreição.

ROSE: Sim. Dennis, é o lado mental que é tão difícil de explicar às pessoas na terra. Elas querem algo tangível. Quando dizes que é tudo no mental, é difícil fazê-las compreender isso, percebes.

DENNIS SCOTT: Sim, eu percebo isso, mas é verdade.

ROSE: Sim, eu sei que é, mas nunca sei bem como fazê-las compreender.

DENNIS SCOTT: Bem, eu também não sei bem como tu o podes fazer, exceto que podes compará-lo a uma espécie de estado de sonho. Quero dizer, por exemplo, se te sentas e adormeces, tu sonhas — poderias chamar-lhe sonhar —, mas é uma coisa mental, criativa, que não tem base, invariavelmente, na realidade. Não me refiro agora a quando uma pessoa deixa o corpo e vem para aqui num estado de sono, o que é uma coisa real e factual. Mas há uma maioria de pessoas que sonha. É realmente um aglomerado de pensamentos que são recolhidos ou usados ou trazidos para uma espécie de figuração no estado de sonho. É uma realidade enquanto estás a sonhá-la ou a vivê-la, durante o teu sono, percebes. Quero dizer, podes dizer: "é um sonho extraordinário, sonhei isto e aquilo, e foi tudo tão vívido e real". Mas o ponto é que não havia base factual nisso de todo, mas era a mente a criar estas figurações que para ti eram uma realidade enquanto as estavas a experienciar. Pode ter levado apenas alguns segundos no tempo em si, mas, no entanto, foi uma realidade enquanto a experienciaste. E o ponto principal é que não há fundamento de facto.

Quero dizer, existem muitas ilustrações que podes usar, creio eu, ao tentares explicar certas coisas às pessoas. Quero dizer, é um facto bem conhecido, por exemplo, que uma pessoa que possa ter perdido uma perna ou um dedo ou dois de uma mão em certos momentos, embora saibam que esses membros não estão lá, estão conscientes deles.

ROSE: Sim, isso é bem verdade.

DENNIS SCOTT: Quero dizer, o ponto é que podes ferir o corpo físico, mas não podes realmente ferir a psique de um corpo espiritual. Quero dizer, um homem pode ser afetado por um acidente ou pela guerra ou o que quer que seja, e perder membros, mas ele ainda tem esses membros na sua contraparte espiritual do corpo físico. E é uma coisa extraordinária como as pessoas que perderam membros sentem ou têm sensações nesses membros, e eles não existem. Pelo menos elas pensam que existem no sentido de que sentem. Mas o ponto é que estão a sentir no seu corpo etérico. É o corpo etérico que sente a dor, na verdade. O corpo físico tem a dor, ou antes, está sujeito à condição de dor ou qualquer que seja a doença ou causa, mas é o corpo etérico que realmente tem a reação. É o corpo etérico que realmente sente. Esse é o centro nervoso.

A Existência Sem Tempo e a Criação pelo Pensamento

DENNIS SCOTT: O centro nervoso, sim. Quero dizer, quando uma pessoa faz a passagem, ela é perfeita em cada detalhe, exatamente idêntica a como era no auge da sua vida. É por isso que, como eu disse frequentemente, ou como as pessoas te disseram muitas vezes, não existe tal coisa como a velhice aqui. A velhice não existe. A velhice é puramente uma coisa material e física que acontece no processo do tempo. Mas no corpo espiritual e psíquico não há velhice. Porque não temos idade. Vês, nós somos eternos (*ageless*). Estamos fora do tempo. Então, como podemos estar ligados à idade? Como podemos ser afetados pela idade? O corpo mental espiritual e psíquico não tem idade.

PARTICIPANTE: Tu alguma vez tens de contactar os planos mais elevados?

DENNIS SCOTT: Oh, sim. Tenho sido capaz de contactar vários outros planos de uma ordem superior. Mas o ponto é que não se pode, normalmente, entrar numa esfera ou condição de vida que esteja além de ti. Tu tens de te tornar digna de entrar nela. O ponto é que só podes encontrar uma espécie de paz ou contentamento num ambiente para o qual estejas melhor adequada ou

ajustada. Mas o ponto é que recebemos visitantes. Recebemos seres de planos superiores que vêm até nós para nos ajudar, guiar, ensinar e assim por diante. E são-nos dados vislumbres de planos superiores através do processo da mente deles.

PARTICIPANTE: Dir-nos-ás como passas realmente o teu tempo, qual é o trabalho que fazes?

DENNIS SCOTT: Bem, tenho tantos interesses. Interesso-me muito pelo trabalho de resgate. Faço muito disso. Interesso-me muito por música, que é algo muito importante para mim. Sinto-me muito, muito atraído pela música. A música desempenha um papel muito importante nas nossas vidas. Existem todos os instrumentos musicais que tu conheces na terra e muitos outros além disso. E depois, claro, para entrar em mais detalhes sobre a música, há aqueles que conseguem extrair música da atmosfera pelo puro poder da vontade, da mentalidade deles. Quero dizer, por exemplo, o grande compositor. Ele pode produzir uma grande sinfonia com toda a orquestra que seria necessária para tal obra puramente na força da sua própria personalidade e da sua própria mente. Por outras palavras, é possível criar som pelo processo do pensamento.

Mas, claro, nas esferas que não são tão avançadas, eles têm instrumentos, aprendem instrumentos, estudam instrumentos, tocam instrumentos e depois têm orquestras e assim por diante, da forma que tu esperarias e entenderias na terra. Mas as almas mais avançadas, que conhecem processos que estão muito além do meu conhecimento, francamente, têm sido capazes de recorrer à atmosfera e ao poder que possuem para criar enormes harmonias de som, tremendas orquestrações sinfónicas e assim por diante, puramente pelo processo do pensamento. Por outras palavras, fazem-no mentalmente sem o escrever. Quero dizer, um grande compositor, digamos como Chopin ou alguém assim, seria capaz de criar grande música sem se sentar ao piano e sem anotar notas e notação e tudo o resto. Ele tem isso na mente.

Vês, o ponto é que, mesmo com um grande músico na terra... quero dizer, pega em Beethoven, creio que era ele, ele era surdo — ou era Wagner? Ele era absolutamente surdo. Bem, quero dizer, ele não conseguia ouvir nada. Ele carregava tudo na cabeça. Ele era capaz de tocar música e criar música. O mesmo se aplica aqui, no sentido de que um grande artista, qualquer pessoa que seja realmente grande no seu campo particular de trabalho — estamos a falar de músicos agora —, eles podem criar sinfonias enormes, os sons harmónicos mais gloriosos, pelo puro poder de vontade da sua própria

personalidade e da sua própria alma. Por outras palavras, é realmente a personalidade fundamental da alma.

Vês, o ponto é que existem tantas definições que é muito difícil saber o que usar, saber o que as pessoas na terra compreenderão bem, porque existem tantos aspetos diferentes de um indivíduo. Vês, tu consideras um indivíduo uma pessoa física e uma pessoa psíquica, isto é, têm um corpo físico, um corpo psíquico, ou um invólucro real, ou corpo, se quiseres, e uma alma, e um corpo espiritual, e assim por diante. Mas deve-se perceber que o ser perfeito é quando todas estas coisas estão em completa harmonia, todos estes diferentes aspetos de uma alma, de uma personalidade.

O ponto é que temos muitos corpos, de acordo com o nosso desenvolvimento, e é possível rever vidas passadas — e não estou a falar de vidas na terra para exame, estou a falar de vidas no plano espiritual. É possível para cada aspeto de si mesmo, através do tempo, ver-se em retrospetiva, indo para trás, e para trás, e para trás, e ver como te desenvolveste de lugar para lugar, ou esfera para esfera, e aquilo que é trazido por essa condição do "eu" que tu és no momento. Mas deve-se estar sempre consciente das tremendas — e quando digo tremendas, são realmente tremendas — possibilidades. Esta é a vida de tremendas possibilidades, onde não há cessação, onde tu estás constantemente a mover-te para cima e para a frente, onde estás constantemente a aprender mais e mais, a crescer, a expandir-te, a tornar-te mais — se pudesse pôr as coisas assim —, um ser, e tu estás a tornar-te mais divina (*godlike*), percebes. É espiritual. Sim, claro, é espiritual para a vida.

Muito interessante. De facto, isso aplica-se a tudo, não apenas à música; aplica-se a cada forma, cada forma de desenvolvimento que seja da alma. E há certos aspetos da vida que não têm interesse para nós, quero dizer, da terra. Quero dizer, por exemplo, não há necessidade de mecânicos aqui. Com isso quero dizer que não há necessidade de maquinaria, não há necessidade de carros, não há necessidade de comboios, não há necessidade de autocarros; e todas as coisas que são essenciais para ti, são coisas puramente físicas, onde tu medes a distância. Nós não temos distância, não temos tempo. Tu poderias medir uma distância de ponto a ponto. Nós não. Não temos distância no mesmo sentido. Estamos fora do tempo, estamos fora do espaço, da distância. Sim. Algumas destas coisas, claro, são impossíveis de te explicar. Certas coisas só podem ser experienciadas, não explicadas.

PARTICIPANTE: Mas como passas o teu tempo se não tens nada, como se já tivesses feito tudo, como passas o teu tempo?

DENNIS SCOTT: Não sei. Isso significa algo. Quero dizer, as pessoas têm os seus lares aqui. As pessoas têm casas que são muito reais e sólidas para elas como o teu mundo e as tuas casas são sólidas para ti. Temos casas. Não precisamos de fogo porque não precisamos de calor. Estamos rodeados por calor, uma espécie de calor natural que vem de alguma fonte que não consigo explicar realmente. Não temos o sol, como tu o entendes, mas temos muita luz. Não temos frio intenso, não temos neve. Pelo menos, nunca experienciei essas condições de vida, mas pode ser que em certas esferas elas existam — eu não creio que existam. Certamente não acho que haja necessidade dessas coisas. Essas coisas pertencem puramente ao teu mundo físico.

Estamos fora do alcance, vastamente fora do alcance do teu mundo, e tu estás a tomar consciência disso, e viemos ver-te e tentar comunicar contigo. Mas certamente aqueles na nossa esfera são afetados pelas condições terrenas, e também pelos elementos, talvez, não posso dizer. É possível que as esferas mais baixas sejam iluminadas pelo sol. É viável. Sim. Na esfera muito, muito mais baixa, é completamente escuro. Nunca experienciei essa condição. Nunca estive, digamos, em qualquer esfera que fosse tão baixa onde houvesse escuridão completa, por isso é viável que possa existir. Não sei. Acho que estou a dizer algo... não sei... não creio que haja... não gostaria de pensar que sim, mas é viável. Pode ser que sim. Acho que só existe uma escuridão, e essa é a escuridão da mente do homem.

O pensamento é a realidade, não é? Em cada esfera, em cada experiência de vida aqui, o pensamento é a realidade. E assim é no teu mundo. Afinal, porque é que o teu mundo está em tal caos? Porque é que há tanto no teu mundo que causa angústia, incerteza e inquietação? Por causa das condições das mentes dos homens. Mentes que estão cheias de medo. Enquanto tiveres medo no teu mundo, tens todas as coisas que vêm do medo. Tu viajas pelo pensamento, na tradição, eu diria.

PARTICIPANTE: Sim. Tudo é pelo pensamento...

DENNIS SCOTT: Sim, lá está, vês, já estivemos neste ponto, mas lá está, é difícil de explicar. Nós não estamos conscientes do espaço ou da distância. E no entanto tudo na nossa vizinhança imediata, até onde a vista alcança, é real e sólido. E no entanto não há distância. Se tu queres estar... bem, suponho que tenho de usar o termo distância para que me entendas. Não podes viajar para lá pelo processo do pensamento.

PARTICIPANTE: Quando tu passas para aí... ficas estranho, não tens distância, é como uma cidade, um lugar para onde ir. Tens de os criar pelo pensamento, ou como sabes para onde ir pelo pensamento?

DENNIS SCOTT: Bem, acho que o ponto principal aqui é que tens uma consciência que te é dada aqui, que vem, por assim dizer, quase de uma forma natural. Mas tu estás consciente de outros lugares. Quero dizer, não precisas de ser informada sobre um certo lugar como uma distância. Tu sabes que está lá, sabes que existe. Quero dizer, o ponto é que temos cidades. Sim. Quando falo de cidades, não me refiro necessariamente a uma cidade como Birmingham ou Londres ou Coventry. O que quero dizer são comunidades de pessoas onde habitam em paz, em harmonia e em amor juntas, onde têm os seus lares e os seus interesses, onde têm edifícios vastos que são usados para várias coisas, tais como música e para todas as formas de esforço artístico.

Vês, para nós, as únicas coisas que são importantes são as coisas que brotam da alma, as coisas que são... têm a mesma realidade, porque são reais para nós. Quero dizer, afinal de contas, olha para trás através da história do homem na Terra: quais são as coisas que brilham acima de todas as outras? Quando as guerras são esquecidas, quando as raças são esquecidas, quando os grandes nomes são esquecidos. As coisas que mais importam são as coisas que o homem criou em beleza e em amor connosco. Grande música, por exemplo, ou grandes quadros, ou grandes poemas, ou grandes livros. Temos grandes bibliotecas aqui, bibliotecas vastas de livros. E tu podes ler toda a literatura dos séculos passados. E podes ler em qualquer língua. Tu lês pelo processo do pensamento. Tu interpretas pelo pensamento.

PARTICIPANTE: Bem, queres dizer que alguém que passe para aí agora poderia ler algo em Chinês para não ter de falar...?

DENNIS SCOTT: Ah, não, não imediatamente. Não imediatamente, não.

PARTICIPANTE: Não, compreendo.

DENNIS SCOTT: Por outro lado, importa como te desenvolves. Sim. Se todas estas coisas são estágios do ser, tu tens de aprender a viver aqui. As coisas que tens de aprender para viver na Terra conforme cresces de criança para adulto, tu és ensinada, aprendes lições. Então há novas lições a serem aprendidas aqui. Tens de aprender a viver numa nova existência, uma nova existência avançada. Podes começar aqui de uma forma muito simples, numa condição de vida que, como já disse, está mais próxima da Terra, esta secção do ser. Mas conforme progrides, então aprendes novas experiências e lições

que são essenciais, e começas a perceber as tremendas possibilidades desta vida, as grandes maravilhas da vida à tua frente. E a grande coisa é que pode ser um país, uma enorme, tremenda, vasta oportunidade. Para mim, essa é a coisa mais maravilhosa: há uma oportunidade tão crescente em cada direção.

Um homem não é de certa forma retido por causa de, bem, tantas coisas, como as finanças, a falta de educação e assim por diante. Deste lado, cada homem tem uma oportunidade de se desenvolver da forma que desejar. Quero dizer, o ponto é que existem tantos caminhos ali. Novamente, voltamos à velha história, falando sobre religião, e paz, e Deus, e todas essas coisas. Existem alguns caminhos. Num sentido, alguns deles são mais difíceis do que outros. Alguns são como uma seta ascendente e sabe Deus o que mais. Mas o ponto é que os fundadores dessas religiões estão lá. Existem pessoas que permanecem sensatas, bons homens, que têm a iluminação do Espírito. E o ponto é que, aqui, existem diferentes aspetos de vida, diferentes caminhos que se podem tomar, e todos eventualmente te levam aos planos que são a herança natural do homem. E existem todos processos diferentes, todos caminhos de abordagem. O chinês pode tomar um caminho, os budistas podem tomar outro, os hindus podem tomar outro caminho. Aqui, todos eles se unem eventualmente. Todos os caminhos levam ao mesmo centro.

PARTICIPANTE: Compreendo, sim. Tens ambições aí?

DENNIS SCOTT: Tenho o quê?

PARTICIPANTE: Tens a ambição de fazer coisas?

DENNIS SCOTT: Sim, pois toda a nossa ambição é no sentido correto. A nossa ambição é para a melhoria não só de nós mesmos, mas de todos aqueles ao nosso redor, na verdade. Não esqueças, também temos crianças aqui. As crianças são uma realidade para nós, sem dúvida. As crianças têm a maior oportunidade.

Notas:

- *A Ilusão Religiosa: Dennis Scott explica que muitos religiosos criam um "paraíso artificial" ou prolongam o seu estado terreno no além (cantando hinos e esperando a ressurreição física) porque as suas mentes estão fixas em dogmas.*

- *A Embriaguez e o Espírito: Uma das observações mais singulares de Dennis é que o álcool em excesso afrouxa a ligação do espírito com o corpo,*

permitindo que entidades baixas assumam o controlo, explicando comportamentos violentos ou estranhos.

- *O Corpo Etérico e os Membros Fantasma: Ele utiliza o fenómeno médico dos membros fantasma para provar a existência do corpo etérico. A dor sentida num membro que já não existe fisicamente é, na verdade, a reação do corpo espiritual que permanece íntegro.*

- *A Mente como Arquiteta: Reforça a ideia de que o além é um mundo de "substância mental", onde o pensamento coletivo pode criar ambientes sólidos (como casas ou jardins), mas que estes são apenas estágios na evolução para planos puramente abstratos e espirituais.*

- *Tratamento: O tratamento por "tu" foi mantido em conformidade com a natureza íntima destas sessões.*

- *A Música Mental: Dennis explica um conceito fascinante: espíritos avançados não precisam de instrumentos físicos para criar música; eles manipulam a atmosfera através do pensamento para gerar harmonias sinfónicas perfeitas.*

- *Agelessness (Atemporalidade): Ele clarifica que a velhice é um processo biológico que não afeta o corpo etérico. No além, a aparência reflete o "auge" da vitalidade da alma.*

- *Bibliotecas Universais: A menção a bibliotecas vastas onde se lê por "processo de pensamento" sugere que a barreira das línguas desaparece conforme a alma se sintoniza com o significado puro da ideia.*

- *Unificação das Religiões: Scott reforça que, embora existam muitos caminhos (Budismo, Hinduísmo, etc.), todos convergem para o mesmo centro de luz e verdade à medida que a alma progride.*

EMMA HARDINGE BRITTON

O DEVER DO ESPIRITUALISTA

E A UNICIDADE DA VERDADE

Apresentação: A seguinte comunicadora é Amy [Emma] Hardinge Britton. Foi recebida na demonstração pública da abertura da Igreja Espiritualista de York Lodge em 8 de outubro de 1966. O médium foi Leslie Flint.

EMMA HARDINGE BRITTON: Aproximem-se, amigos. Deus vos abençoe a todos. Olá. Aqui fala Britton. Não consigo dizer-vos... as palavras em si mesmas são tão inadequadas para retratar ou descrever tanto do que sentimos numa ocasião como esta. Tanto pode ser dito, claro, e tanto, sem dúvida, já foi dito.

Mas sinto tão intensamente que, nesta ocasião maravilhosa, em que alcançastes tanto através de tanto esforço, as palavras não podem transmitir o que eu sinto ou o que qualquer um de nós sente deste lado da vida. Conhecemos as muitas dificuldades que tivestes de enfrentar para trazer este belo edifício à existência e saber que ele é verdadeiramente dedicado em serviço amoroso à humanidade, a todos os povos, independentemente da cor, classe ou credo; à verdade universal do espírito eterno. Todos os que entrarem neste edifício sabendo que é verdadeiramente uma casa dedicada ao serviço, na qual podem estar em contacto com o espírito eterno, que os seus entes queridos a quem amaram e ainda amam podem lançar uma ponte sobre o abismo entre o nosso mundo e o vosso, sendo capazes de ter o conforto e a alegria da verdadeira comunhão. Para saberem que a morte não é o fim, mas verdadeiramente o começo de uma vida mais plena, maior e mais alegre; para saberem que tornastes possível este contacto maravilhoso entre o nosso mundo e o vosso, um lugar no qual as pessoas se podem reunir de ambos os lados para se tornarem verdadeiramente como um só povo. Conhecemos o

grande esforço e o trabalho que fizestes para tornar isto uma realidade. E agradecemos-vos.

Mas sei que, ao agradecer-vos, vós não pedis o nosso agradecimento. Apenas pedis maior oportunidade para servir a Deus e para servir os Seus filhos. É a vossa sinceridade de propósito e o vosso amor que tornaram isto possível hoje. E todas aquelas queridas almas que se reúnem em verdadeira harmonia e em verdadeira fraternidade — este é o vosso agradecimento, esta é verdadeiramente a vossa recompensa, se precisásseis de uma recompensa. E conforme eu venho, como de facto mais virão e se juntarão a vós nesta ocasião feliz, digo a cada um de vós — àqueles que já estão plenamente conscientes desta verdade e àqueles que estão, por assim dizer, na margem: digo a cada um de vós, fazei desta igreja verdadeiramente um lugar vivo. Que ela seja tão preenchida com o espírito que vós dais, além do espírito que nós damos, que possamos estar verdadeiramente unidos em verdadeira fraternidade; que possamos trazer a esta cidade — e de facto a onde quer que se reúnam — a perceção de que isto é de Deus.

Tendes uma grande e maravilhosa oportunidade de serviço aqui, nesta cidade. Sei que existem muitos de vós que trabalharam durante muitos anos para trazer isto à existência, e existem aqueles de vós que estão apenas na margem, e existem aqueles, sem dúvida, que são céticos, incertos e inseguros, e aqueles que duvidam e estão cheios de medo. Mas digo a cada um de vós: se apenas vos esforçardes ao melhor da vossa capacidade para produzir, pelos vossos próprios pensamentos e ações, aquelas condições através das quais podemos aproximar-nos de vós... Podemos construir uma ponte entre nós que será uma revelação para todos os que virem e todos os que ouvirem, e eles verão verdadeiramente a obra de Deus e conhecerão verdadeiramente as coisas que são do Espírito.

Não há morte, apenas aquilo que parece sê-lo. A morte que vós criais pelos vossos pensamentos, quando nos excluis do vosso pensamento, nos excluis das vossas vidas. Nós estamos por todo o lado ao vosso redor nas vossas vidas diárias, ajudando-vos, muitas vezes desconhecidos, no entanto, estamos lá, tentando impressionar-vos, guiar-vos, inspirar-vos, elevar-vos, esforçando-nos o melhor que podemos para vos dar a verdade como a conhecemos e como a vemos.

Todas as religiões se baseiam na vida além da sepultura. Se não fosse assim, não haveria necessidade de religião como tal. E nós, que vimos a vós deste lado, damos-vos à nossa maneira, ao nosso modo, a nossa própria

evidência e a nossa própria prova da vida eterna. Trazemos-vos o nosso amor como o conhecemos na terra e ainda mais como o conhecemos em espírito. Trazemos-vos uma verdade grande e maravilhosa que vos elevará e fará de cada um de vós melhores homens e melhores mulheres, unindo-vos em verdadeira fraternidade e verdadeira compreensão, afastando o medo que está por todo o lado ao vosso redor. Em nenhum momento da história do homem o homem precisou mais desta verdade.

Ao vosso redor vedes os resultados da intolerância do homem, do ódio e da malícia do homem. Vedes o medo que o homem criou nos corações de todos os homens em todos os lugares. Viveis numa época em que as necessidades de muitos e o poder do espírito podem e irão sustentar-vos. Cada um de vós aqui pode fazer tanto para nos ajudar, para ajudar muitos que habitam na escuridão e no materialismo. Trazemos a liberdade e a verdade do espírito. Vimos para que sejais elevados, para que possais ver e saber destas coisas que são verdadeiramente de Deus.

Meus queridos amigos, eu abençoo-vos. Cada um de nós aqui do espírito abençoa-vos; abençoa-vos nas vossas esperanças e nos vossos esforços. Nos vossos tempos difíceis, estamos lá ao vosso lado. Trilhamos o mesmo caminho que vós. Temos mais visão, mais conhecimento, mais experiência e, creio, um amor e compreensão maiores e mais profundos. Mas não vos falharemos, a cada um de vós que se entrega total e verdadeiramente a nós. Tu apenas desejas estar connosco, trabalhar connosco, servir connosco. Só posso falar da minha alma mais profunda e das almas de todos aqueles queridos amigos que me rodeiam, para os quais não sou senão um porta-voz. Conforme vos digo, a cada um, alcançastes muito ao erguer este edifício. Que ele ressoe sempre para o apelo triunfante do espírito. Que ele vos chame para um serviço maior e um esforço maior. E agradecemos-vos pelos vossos esforços e abençoamos-vos.

Mas digo repetidamente: fazei dele verdadeiramente uma casa do espírito no sentido mais pleno. Que os ensinamentos do espírito saiam para que todos os que ouvirem possam verdadeiramente conhecer a vontade e o propósito de Deus para eles nas suas vidas diárias. E que o conforto que vós podeis dar conforte aqueles que choram, aqueles que estão sozinhos e tristes e especialmente aqueles cujas necessidades são muitas e grandes — os doentes e os sofredores e todos aqueles que têm tanta necessidade. Deixai-nos servi-los convosco e através de vós. Verdadeiramente vos digo: ide em frente sabendo que estais fortalecidos pelo poder e pelo amor do espírito. O espírito que ergueu esta igreja erguerá cada um de vós a grandes alturas, para que

verdadeiramente vejais as maravilhas e as alegrias do espírito que eventualmente serão vossas para sempre.

Mas, entretanto, durante os vossos esforços terrenos, esforçai-vos sempre por aquilo que é mais elevado e nobre e do melhor. Sabei que sois verdadeiramente, enquanto ainda na terra, espíritos em embrião; espíritos enquanto ainda envoltos em carne física, com todas as possibilidades e atributos espirituais latentes dentro de vós. Verdadeiramente podeis tornar-vos seres espirituais enquanto ainda na terra. Abençoamos-vos e repetidamente dizemos obrigado. Mas sabemos que não precisais do nosso agradecimento. Mas dizemos novamente obrigado por tudo o que fizestes, por todos os esforços que fizestes, por tudo o que esperais fazer. Verdadeiramente o teu caminho é abençoado, meu amigo. Que Deus esteja contigo como sei que Ele estará, pois na verdade, no poder do espírito, Ele nunca deixará de estar contigo. Adeus.

Apresentação da Segunda Gravação: A seguinte gravação de voz direta é a da Sra. Emma Hardinge Britton, uma das antigas pioneiras do espiritualismo. Foi gravada em 23 de junho de 1969, médium Sr. Leslie Flint, sendo os assistentes o Sr. S. G. Woods e a Sra. B. Green, ambos de Worthing, Sussex, Inglaterra.

MICKEY: Olá. Olá, Mickey. Aproximem-se.

ASSISTENTES: Bom dia. Olá, Mickey.

MICKEY: Belo tempo que estais a ter, não é? Oh, nós não nos importamos com isso, Missy. Estamos habituados.

EMMA HARDINGE BRITTON: Não me importo nada, Mickey. Sim, Andy? Se for possível e conveniente... sabes, nós não costumamos responder às pessoas, mas aquele cavalheiro que veio a mim no outro dia, o Sr. John Grant, deu uma palestra tão maravilhosa que estávamos a perguntar-nos se ele poderia...

MICKEY: Oh, ele foi muito pessimista, não foi?

EMMA HARDINGE BRITTON: Não, não foi. Porquê? Bem, ele é um *continuum* ou algo parecido. Oh, não sei. Gritou... Sim? Sr. Woods.

SR. WOODS: Sim, bom dia.

EMMA HARDINGE BRITTON: Bom dia. Bom dia para si. Ela é maravilhosa, não é? Sai, senhora. Eu... as pessoas, como de costume, surpreendem-me sempre como parecem todas encontrar o seu caminho, como se fosse uma luz na escuridão — como de facto é. Sim? Sim? Quando tens as tuas visões, é de certa forma como uma luz a brilhar na escuridão do teu mundo. É um caminho que parece atrair inúmeras almas em tua direção; algumas que estão perto da terra, claro, presas à terra (*earthbound*), muitas vezes almas que precisam de ajuda e, claro, aquelas de outras esferas; algumas, claro, que te são conhecidas, que vêm a intervalos regulares, e depois, claro, os guias do instrumento, cuja tarefa é preparar o caminho para certos indivíduos que têm algo de importante ou interessante a transmitir. Mas é uma visão extraordinária, se vos fosse possível testemunhar a manifestação de poder que emana por todo o lado ao vosso redor quando vos sentais.

Alguns deles, claro, vêm ter convosco às vossas casas e estão familiarizados com os vossos pensamentos e com o trabalho que estais a fazer e, em consequência, quando vindes aqui, esforçam-se por estar presentes; podem não falar. Talvez, nalguns casos, não tenham um desejo particular de falar eles próprios, mas vêm com amor, com um desejo de assistir e ajudar alguma alma em particular que foi escolhida para falar, num sentido, por todos eles. E, claro, existem condições diversas, e estas condições devem, de tempos a tempos, afetar os resultados que recebeis. Mas, no entanto, quando o canal está limpo, quando o caminho é considerado adequado para um comunicador se manifestar, quando podem afirmar a sua personalidade e fazer-se ouvir e são capazes de clarificar os seus pensamentos, transmitindo tanto de si mesmos a vós, então recebeis o que deveis sentir, obviamente, ser um bom contacto.

Mas, claro, existem muitas pessoas no teu mundo que estão inclinadas a tirar conclusões precipitadas, que estão inclinadas a ficar insatisfeitas se o canal não estiver limpo, se a comunicação não for, talvez, como desejariam; e existem aqueles que descartam, de forma bastante casual, os esforços que são feitos por almas com boa intenção e propósito no seu desejo e esperança de serem úteis.

Existem aqueles no teu mundo que pouco ou nada têm para oferecer eles próprios, seja na forma de mediunidade, como tal, ou em conhecimento ou experiência destas coisas, que, a menos que se enquadre nas suas ideias ou noções preconcebidas, estão inclinados a afastar-se e a mofar, mesmo quando, talvez, um grande esforço tenha sido feito por alguma alma deste lado para quebrar a barreira entre o nosso mundo e o vosso. Percebemos que estamos

muitas vezes, por assim dizer, a bater com a cabeça na proverbial parede de tijolo; mas o que torna as coisas, claro, por vezes muito angustiantes é que, quando todo o trabalho e todo o esforço que foi colocado numa determinada sessão ou comunicação não é sempre recebido no espírito em que é dado.

Não sugerimos, nem de facto antecipamos, que cada indivíduo que ouve a voz do Espírito a aceite completa e totalmente. No início, eles próprios, com toda a razão, têm a sua própria atitude mental individual livre e abordagem, e são livres para aceitar ou descartar; mas existem alguns, particularmente, que consideramos muito angustiantes, na medida em que têm conhecimento e alguma experiência e, no entanto, se não coincidir com aquilo que defendem — o seu próprio aspeto pessoal da verdade, chamemos-lhe assim —, estão prontos demais para se afastarem e até ridicularizarem. Se uma pessoa no teu mundo está ansiosa pela verdade, ela perceberá muito rapidamente que nenhuma pessoa, nenhuma organização ou nenhum guia em particular, nesse aspeto, tem a verdade total.

Cada indivíduo tem um aspeto da verdade, que em si mesmo é suficientemente verdadeiro, mas existem limitações estabelecidas por muitas condições conflituosas e complexidades da própria comunicação, em diferentes comprimentos de onda, por assim dizer, ou várias condições de força de pensamento, de modo que terás aspetos da verdade por vezes divergentes, uns dos outros. Mas isto não altera o facto de que, conforme te ligas ao Espírito, deves ter, de acordo com o teu próprio ser e a tua própria personalidade, de acordo com a tua própria aspiração, aspetos da verdade, variando em grau. E o que achamos muito angustiante é que existam tantos no teu mundo que professam ser chamados espiritualistas, que talvez tenham passado muitos anos de estudo e tenham legitimamente as suas próprias visões, como todos devem ter, mas que, no entanto, fecharam as suas mentes a qualquer outro aspeto da verdade, a qualquer outra comunicação que possa vir através de alguma outra fonte diferente da sua.

E tens esta mesquinhez, esta tolice, que às vezes chega mesmo ao ciúme, a tal ponto que, em vez de o movimento do espiritualismo progredir como deveria, de todo o coração, cooperativamente, espiritualmente combinado — embora em níveis de pensamento divergente, em níveis talvez de aspeto divergente, mas trabalhando no entanto em harmonia —, tens esta desarmonia, tens este aspeto pavoroso, que faz com que muitas pessoas na margem do espiritualismo, que procuram sinceramente, se afastem; que dizem, com toda a razão: "se isto é espiritualismo, se esta pessoa é um propagandista desta grande verdade, como lhe chamam, se esta pessoa é um

exemplo, então não estou de todo impressionado"; e muitas pessoas se afastam em consequência. Não pedimos, não esperamos que todos concordem. Acho que isso seria muito estúpido e mostraria muito claramente que o progresso como tal seria impossível até que houvesse, num sentido, uma forma de desacordo, mas num sentido harmonioso.

Pessoas em diferentes níveis devem ter os seus próprios aspetos. Isto é aceite e compreendido, tal como nós, deste lado, na nossa variação diferente de condição ou aspeto de perceção, de acordo com a nossa evolução ou falta dela, nos diferentes comprimentos de onda e vibrações que vimos, deve haver estes diferentes estratos de consciência e, portanto, diferentes aspetos de conhecimento. Mas o que achamos tão pavoroso é que, no movimento espiritualista hoje — e isto não é nada de novo, não se aplica, claro, apenas ao espiritismo, mas aplica-se a todas as organizações e corpos religiosos, e de facto em todos os estratos da vida —, isto sabemos que até certo ponto é inevitável, mas achamos muito angustiante esta perceção de espiritualistas a discordarem a tal ponto que, em vez de fazerem avançar a verdade, a estão a reter.

Existem aqueles que ouvem as vossas fitas e ficam impressionados, e depois querem aprender um pouco mais, e claro, natural e corretamente, aqueles que ouvem querem ter a experiência eles próprios. As fitas têm um grande valor e um grande uso. Elas fazem as pessoas começar a pensar e, claro, eventualmente, muitas das pessoas envolvidas querem a experiência real para si mesmas. A experiência pessoal é a única prova, a única prova real, que dará convicção. Isto, creio, é tão importante. Mas qual é a tragédia? Que tantos espiritualistas, que deveriam saber melhor, tentam avisar os outros para se afastarem, ou tentam inventar alguma desculpa, ou tentam encontrar outra resposta.

De facto, usam muitas vezes métodos ulteriores para desfazer o bem que está a ser feito, e foi feito no passado, e tentam desacreditar a fonte, ou a mediunidade, ou o trabalho que está a ser feito por pessoas como vós. Se algum dia alteraremos esta situação, não se pode dizer. Talvez seja porque, enquanto os seres humanos forem seres humanos, haverá sempre este problema; mas é triste, é trágico, que tanto que poderia ter sido feito seja desfeito pelas próprias pessoas que deveriam estar a apoiar, que deveriam estar a ajudar, que deveriam estar a fazer tudo o que estivesse ao seu poder para fazer avançar esta verdade.

Existe tanta conversa vaga (*woolly talk*) entre médiuns e espiritualistas, em geral. Existem tantos médiuns vagos que, porque fecham os olhos, assumem que são médiuns. Existe muita "vaporização" a acontecer, e tantas coisas são creditadas ao espírito que são meramente ficções de mentes férteis, e muitas vezes de pessoas que estão ansiosas por serem consideradas o que não são. Temos de lutar contra isto, também. Existem inúmeras pessoas no movimento espiritualista que não são médiuns, mas que se consideram como tal e são aceites, infelizmente, como tal por pessoas a quem se daria mais crédito pela sua inteligência. E a falta dela, da inteligência, no movimento espiritualista, às vezes, causa-nos grande preocupação.

Não te pedimos que aceites tudo o que vem como verdade absoluta (*gospel*). Pedimos-te que uses o teu senso comum, mas mais importante, que uses o teu "senso incomum". Por outras palavras, pedimos-te que tentes perceber que deve haver, devido à própria natureza da comunicação, às vezes discrepâncias, devido às múltiplas dificuldades de comunicação; mas este método de comunicação [voz direta], que é em todos os graus muito mais avançado, muito mais fiável do que as vaporizações de tantas destas pessoas tolas, que darão tanto que, quando analisado, significa pouco ou nada e pode muitas vezes ser rastreado até às suas próprias mentes, subconscientes ou não — nós estamos a dar-vos, o melhor que podemos, uma comunicação direta que é, de longe, superior a qualquer outra comunicação no vosso mundo.

Mas tereis de suportar a afronta de todo o tipo de pessoas e todo o tipo de mentes, mesquinhas e outras. Faremos tudo o que pudermos para vos ajudar. Traremos de tempos a tempos todo o tipo de pessoas a vós. Mas haverá dificuldades. Estas devem ser esperadas, e vós sabeis delas. Mas quando recebeis uma boa comunicação, quando a gravais e a enviais para fora, podeis estar bem seguros de que será semente lançada em boa terra. Aqui e ali cairá no solo pedregoso de mentes muitas vezes opostas à verdade no sentido mais pleno, e daqueles que têm medo, daqueles que têm os seus próprios interesses pessoais a defender. Estas pessoas que muitas vezes estão fora do que chamais espiritualismo, em várias organizações e corpos religiosos, cujas mentes estão fechadas e preconceituosas — talvez deste quadrante devamos esperar oposição, e é natural.

Mas o que se opõe mais do que qualquer outra coisa é o facto de haver tantos que, na sua pequena maneira, estão a fazer um bom trabalho, muitas vezes, mas que estão, parece-me, deliberadamente a tentar barrar qualquer conhecimento de qualquer outra fonte que não seja a sua, e que, se não conseguem encontrar falhas naquilo que damos desta forma, fazem

comentários uns aos outros para tentar desacreditar. Achamos isto pavoroso. E existem indivíduos que ressentem, infelizmente, o trabalho que estais a fazer, que estamos a fazer convosco e através de vós, e muitas vezes eles próprios são instrumentos de uma espécie, de alguma forma, e é uma coisa extraordinária como ressentem este trabalho que fazemos; mas não devemos permitir que esta atitude mental e tolice de coração nos impeçam de seguir em frente.

Verdadeiramente é assim que aquele que quer servir verdadeiramente deve ser chamado a carregar a cruz mais pesada. Que lancemos as sementes da retidão e da verdade — isto é tudo o que importa — que façamos aquilo que somos chamados a fazer, e que o façamos com um bom coração, sabendo que fazemos verdadeiramente o trabalho do Altíssimo, que somos verdadeiramente os servos do Altíssimo, que espalhamos por onde quer que vamos esta verdade de que todos serão libertados e que todos encontrarão o verdadeiro caminho. Devemos todos salientar cada vez mais a necessidade de cooperação, a necessidade de compreensão amorosa e de verdadeira fraternidade entre os homens. Não somos verdadeiramente maiores do que nós mesmos, não somos senão os servos de um poder maior. Ide em frente e saibam que estamos convosco sempre. Que Deus vos abençoe.

SR. WOODS: Podemos ter o seu nome, amiga?

EMMA HARDINGE BRITTON: O meu nome é Emma Hardinge. Adeus.

SR. WOODS / SRA. GREEN: Adeus. Muito obrigado. Adeus.

Notas:

- *A Crítica ao Movimento: Emma Hardinge Britton não poupa críticas à "mesquinhez" e ao "ciúme" dentro do espiritualismo organizado. Ela alerta que a desunião e a rejeição de novas formas de verdade (como as fitas de Flint) atrasam o progresso da humanidade.*

- *Médiuns de "Vaporização": Ela distingue claramente entre a comunicação de voz direta (que considera superior e objetiva) e médiuns que apenas "vaporizam" — ou seja, que transmitem conteúdos que são meros reflexos do seu próprio subconsciente.*

- *O Senso Incomum: Emma pede aos assistentes que usem não só o senso comum, mas o "senso incomum" para discernir a verdade, aceitando que a*

comunicação espiritual tem falhas técnicas, mas que a essência deve ser analisada pela sua profundidade.

- *A Missão das Fitas: Ela valida o trabalho de gravação e distribuição das fitas como "sementes lançadas em boa terra", destinadas a despertar aqueles que procuram sinceramente a verdade.*

- *Tratamento: O tratamento por "tu" foi mantido nas falas de Emma para com os assistentes, reforçando a autoridade e a proximidade da "pioneira" para com os trabalhadores atuais.*

EMMA CONS

A ARTE, A RESPONSABILIDADE

E A REALIDADE DO ESPÍRITO

EMMA CONS: Bom dia, bom dia para vós. Estou tão feliz por estar aqui a falar convosco. Agora digam-me, digam-me, digam-me. Eu lembro-me de vós muito, muito bem de há muito tempo.

SR. WOODS: Não me consigo lembrar.

EMMA CONS: Pode ser que te tenhas esquecido de saber sobre isso. Oh, é algo minúsculo, claro, pouco ou nada para nós. Quando estamos conscientes do tempo, sabes, então descemos à terra, entramos na vossa consciência e vemos, num sentido, com os vossos olhos. E na verdade, sabes, só estamos conscientes do vosso mundo através da vossa própria mentalidade. E isso, claro, é uma coisa interessante em si mesma, se as pessoas apenas se dessem conta. Quando vimos ao vosso mundo, crescemos, talvez, muito perto

de um determinado indivíduo; geralmente, claro, alguém em quem estamos muito interessados — possivelmente, na maioria dos casos, pessoas a quem estamos ligados ou relacionados. E, em grande medida, tornamo-nos conscientes dos vossos assuntos, do vosso mundo, através da mentalidade e dos pensamentos do indivíduo junto ao qual estamos.

Agora, nós estamos, num sentido, ainda, de certa forma, ligados ao vosso mundo, mas apenas através da necessidade e consciência de outros indivíduos em quem estamos interessados. Mas eu tenho estado muito interessada em ti e no que tu te esforças por fazer há muito tempo. Não sei se posso transmitir-te muito, embora tenha comunicado há muito tempo. Oh, deve fazer seis ou sete anos. O meu nome é Emma Cons.

SR. WOODS: Oh, sim, sim.

EMMA CONS: Eu pergunto-me se te lembrarias, porque foi há tanto tempo. Estou aqui com a Srta. Milliam, uma grande amiga, sabes. Estamos tremendamente interessadas no teu trabalho e no que tentas fazer. Sim, eu sei. Oh, eu sei. Ela está de facto muito interessada no teu trabalho e tem estado presente em muitas ocasiões, embora não necessariamente para falar. Claro, se pudesses ver isto [do nosso lado], há literalmente centenas de companheiros que são atraídos por isto devido à possibilidade de comunicação, porque naturalmente sentem que têm algo de interesse a dizer que seria benéfico. E olham para vós como embaixadores, sabem.

SR. WOODS: Muito obrigado. Emma, podes dizer algo sobre a tua vida, suponho, e o teu trabalho, e que tipo de coisas estão a acontecer?

EMMA CONS: Sabes, tu perguntas isso a toda a gente, não perguntas?

SR. WOODS: Sim, porque essa é a coisa, creio eu, que as pessoas entendem.

EMMA CONS: Bem, suponho que, num sentido, é verdade dizer que a passagem das pessoas, a passagem individual, pode variar de um para outro. E, no entanto, num sentido, a receção que os indivíduos recebem, não importa quem sejam, qualquer que seja o indivíduo, estamos sempre prontos para os receber e ajudar. Claro, as pessoas vão para ambientes diferentes de acordo com as suas vidas individuais.

Afinal, como tu dizes, assim colherás. E se as pessoas dizem, oh, "má semente" — por outras palavras, se as suas vidas não são como deveriam ser no seu lado, se vivem com egoísmo, se talvez são pessoas de mau caráter —,

então, claro, quando vêm para aqui, acham tudo um pouco difícil. Têm de trabalhar o seu próprio destino e salvação. O que as pessoas não alcançam no teu lado, certamente devem eventualmente alcançar neste. Não podes escapar de ti próprio. Podes escapar de muitas coisas, ou assumir que escapas, ou não; mas quando estás aqui, não podes escapar de ti próprio. Não podes fugir de ti mesmo. As pessoas acham sempre que podem evitar questões. Tu não podes evitar questões aqui. Mais cedo ou mais tarde, deves enfrentá-las. Tu tens feito este trabalho há bastante tempo.

SR. WOODS: Sim, há muitos anos.

EMMA CONS: Tu estiveste muito doente, não estiveste, há uns anos, Sr. Woods? Talvez eu tenha de te conhecer melhor. Eu sei tudo sobre isso. Ouvi dizer que estiveste quase para vir para aqui. Não é que tu não considerasses que o teu tempo tinha acabado? Bem, vês, o ponto principal é que há tão poucas pessoas no teu mundo dispostas a dar o seu tempo, energia e interesse a este trabalho. Há esse conselho de que eles queriam fazer-te ficar um pouco mais no teu lado, para que pudessem dar-te poder suficiente para ficares bem. Pelo que percebi, foi quase um milagre. Estás a sentir-te realmente bem? Fisicamente bem? Tiveste uma condecoração muito agradável, creio eu, não tiveste? Sim. Eu sei tudo sobre ti através de certas pessoas. Pessoas que, claro, tu provavelmente conheces muito bem. Sabes quem dá muito tempo ao teu trabalho? É Emma Hardinge Britten. Não sei se alguma vez falaste com ela, mas tenho tido frequentemente conversas com ela. E no outro dia ela estava muito interessada em ambos. E sinto que ela gostaria de ver as vossas ligações mais com a auspiciosa União Nacional. Acho que ela sente que poderíeis fazer muito trabalho nessa direção. Acho que tu sabes que, no nosso lado, não é apenas para o vosso gosto, mas para uma organização construída em torno deles. Talvez não gostes da ideia de uma organização?

SR. WOODS: Oh, sim, gostamos.

EMMA CONS: "Comercializá-la". Bem, suponho que, até certo ponto, não se pode passar sem dinheiro. Tens de ter dinheiro. Caso contrário, como podes gerir? No teu mundo, tens de ter algum tipo de rendimento. Oh, com certeza. Na verdade, não estou aqui para te dizer o que fazer nesse sentido. Eu não sei. Mas Emma Hardinge Britten estava de facto muito ansiosa para que esta verdade, com a qual ela tanto se preocupava quando na terra — e ainda se preocupa nesta vida —, fosse mais divulgada. E as fitas parecem-me ser uma forma maravilhosa de poderes levar a cada indivíduo interessado esta verdade. Quero dizer, enquanto deve haver pessoas aqui, ao mesmo tempo, as tuas fitas

podem chegar a pessoas que talvez nunca pudessem ir a uma reunião ou a uma sociedade ou organização; pessoas que estão completamente, por assim dizer, isoladas em pequenas aldeias e espaços pequenos, longe da cidade, onde nunca tiveram a oportunidade de me ouvir — um trabalho maravilhoso que podes fazer com estas fitas.

Oh, porque Emma Hardinge Britten estava a falar comigo sobre um pequeno mundo virtual a que ela às vezes vai na terra, e eu perguntei-me se havia alguma ligação. Eu conheço a construção, e conheço-a muito bem.

SR. WOODS: Oh, conhece?

EMMA CONS: Sim, muito bem. Parece-me que tu és um cavalheiro de facto muito sincero, e estás a esforçar-te por fazer um trabalho muito bom em relação a isto. Eu estava muito ligada à igreja quando estava no teu lado. E tentei fazê-lo à minha maneira, trabalhar para as minhas próprias pessoas pobres. Conheço Shaftesbury muito bem, sabes. Shaftesbury vem frequentemente a estas vossas sessões.

SR. WOODS: Oh, vem? Oh, Shaftesbury.

EMMA CONS: Ele não se chamaria Lord Shaftesbury agora. Não. Ele é um homem maravilhoso. Um homem maravilhoso. Muito saudável, cheio de crianças. Sim, venham. Obrigada.

SR. WOODS: Qual foi a tua área religiosa? Eras muito ortodoxa?

EMMA CONS: Oh, suponho que sim, eu era muito estreita de mente e muito ortodoxa. E, no entanto, ao mesmo tempo, embora fosse ortodoxa, não era, em alguns sentidos, tão estreita como talvez muitos dos meus amigos contemporâneos. Mas, mesmo assim, não é um bom amigo, sabes. Oh, sim. Talvez descubras, sabes, da próxima vez, na forma de música e tudo aqui continua o mesmo que fazíamos na Terra, apenas numa vibração diferente — inteiramente inferior, suponho [referindo-se à descida vibratória para comunicar]. Temos teatro, temos novas composições, grandes músicos. Temos todos os aspetos do que, suponho, tendes no entretenimento.

Mas num sentido, ainda pode ser como um pequeno entretenimento, mas com um propósito. Temos grandes pianistas, grandes executantes, grandes dançarinos, grandes bailarinas. Eu vi Pavlova, vi Nijinsky, vi Caruso, ouvi tudo de Caruso e tudo isso. Mas tudo isto continuará a fazer o que começou. Mas claro, tudo aqui é algo mais cativante. Sim. Não é, como dizes, "para cima e para baixo" por razões comerciais, embora, claro, percebamos a

intensidade artística dos artistas no vosso lado no trabalho. Mas aqui, é tudo dança, pela dança e pelo serviço. Tudo, claro, está numa vibração inteiramente diferente. E, portanto, é muito difícil de explicar.

Mas, no entanto, quando uma pessoa canta, essa voz, por assim dizer, vibrando a condição do resto da sua vida, é audível. É algo que é muito tangível, muito real. Eu não gostaria que pensasses que comunicamos inteiramente apenas por voz. Se uma pessoa deseja expressar algo vocalmente, então tem esses órgãos e pode comunicar pela fala, ou criando som. Mas não é necessário cantar aqui. Não. Mas se vais à ópera, então, claro, ouves grandes vozes. Mas o aspeto musical do som é algo que está muito além da vossa conceção. Isto é Pavlova, ou qualquer grande cantor aqui, porque estão a cantar ainda mais do que o faziam na terra, a partir da alma mais profunda. Então o som está numa vibração muito diferente. É muito mais vibrante e mais compelativo, mais cheio de pressão e tom e qualidade; e acima de tudo, tem um aspeto de amor individual.

Não sei como pôr isto em palavras porque não há formas de eu realmente o descrever. Mas é como se, quando estão a cantar, não estivessem apenas a cantar notas. Não estão apenas a criar som. E não estão apenas, por assim dizer, na sua voz, a recriar algum aspeto da alma do indivíduo, mas estão a dar algo que é muito mais das suas almas. É um aspeto para o qual não se consegue encontrar uma expressão ou forma de colocar em palavras. Vês, muitas almas no teu mundo são muito talentosas e conseguem criar com um instrumento, tal como um violino ou um violoncelo ou piano ou qualquer instrumento que usem, com um tempo maravilhoso.

E se estão realmente ansiosas, podem colocar algo de si mesmas nisso, que é individual, que ainda poderia ser algo de outros. E podem estar a interpretar a mesma peça de competição ou obra, mas de uma forma diferente. Aqui, claro, é o mesmo, mas está num nível diferente, na medida em que há tanta qualidade que não é apenas do "eu", mas estão a expressar algo muito afastado do que era originalmente a conceção material. É a própria alma do artista que é criada. Está a ser recriada novamente pelo artista que está a executar a obra.

Mas aqui tu tens algo que é tão vasto e tão imenso e tão abrangente. Infelizmente, [na terra] tu só podes ter uma expressão limitada ou qualidade limitada, um aspeto limitado da obra. Aqui, é como se fosse executado não por um indivíduo. É como se estivesse a ser executado por inúmeros indivíduos que estão a fazer contribuições na mesma obra. Uma orquestra aqui

compõe-se de várias centenas de músicos. E eles são individuais. Cada executante é uma parte variável individual. Cada executante é um som individual. Todo o conceito da obra é tal que forma, por assim dizer, uma unicidade completa. E no entanto, o som é tão tremendo. E com o som, claro, uma grande quantidade de cor é trazida à existência. Isto é algo que não se consegue pôr em palavras. A cor é uma coisa muito importante para nós. Música e cor andam de mãos dadas, poder-se-ia dizer. A música vibrando como faz aqui, criando cor, harmonias e vibrações — todas estas coisas unidas, criando algo que em si mesmo é muito novo e muito sustentável.

E também, aparentemente, mesmo para os atores teatrais, estas são narrativas. Eu não tenho nada que algumas pessoas parecem sugerir que seja apenas força total, onde a cena está. Num sentido, isso aplica-se em certas esferas. Mas o cenário é algo que pode ser e é construtivo. E é criado por artistas cuja tarefa é recriar belos cenários e ambientes para certas ocasiões, lugares. E eles criam estes num sentido — como tu me dirias de uma forma típica — num sentido em que há esforço e trabalho envolvidos. Geralmente as coisas não se tornam necessariamente tão simples e fáceis apenas porque estamos aqui. Tudo aqui é algo que deve vir através do esforço. E a oportunidade é dada a todos para serem criativos. E como cada indivíduo tem um talento criativo, mesmo que esteja muito adormecido na maioria das pessoas, ele está lá e pode ser utilizado, trazido para fora, encorajado, desenvolvido.

Artistas ensinam outros artistas e ajudam as almas a apreciar e compreender a arte. De facto, na minha opinião, o aspeto artístico dos homens é uma coisa que é mais dinâmica e mais poderosa aqui do que em todo o vosso mundo. De facto, quando olhas para um indivíduo verás que é este temperamento artístico sensibilizado que é mais encorajado e o mais — bem, dir-se-ia o mais valioso de todos. Porque através de todas as formas de arte a alma está a expressar isto. E acho que o tempo leva a um aspeto espiritual do homem que é talvez o aspeto mais importante e vital de todos.

Mas embora existam no mundo real inúmeras pessoas que têm pouco ou nenhum apreço ou interesse pela arte, é porque elas estão tão autocentradas nestes aspetos de perceção no mundo real que, quando vêm para aqui, começam a perceber a falta em si mesmas e continuam a guiar-se nestes aspetos da natureza. E são ensinadas a guiar-se e começam a melhorar como indivíduos o curso das coisas. Aqueles no mundo real que fazem a perceção espiritual da beleza e da verdade e percebem tão pouco do verdadeiro aspeto do artista — e refiro-me ao artista no sentido da música e da pintura,

escultura, todos os talentos criativos que são raros a todo o homem vivo — são libertados no sentido de que cada indivíduo, de alguma forma ou de outra, está a contribuir para o bem comum na beleza e na criação da beleza. Na arquitetura, no design, na cor, na música, em todas as variadas formas de arte encontras aqui milhares sobre milhares de almas em diferentes campos e planos criando para cada condição de vida algum aspeto de beleza.

Cada indivíduo contribui com algo. Ninguém é tão baixo em habilidade que não possa ser, por assim dizer, encorajado e guiado para um nível superior de pensamento e perceção; e o pensamento e o poder criativos podem ser deles tanto quanto dos artistas criativos mais progressistas que ainda criam deste lado e vivem naqueles lados, tal como Michelangelo e todos os bons. Aqui a arte é uma realidade, uma coisa viva.

Para nós isto também parece uma coisa muito triste, que haja tanta raiva, há tanto no vosso mundo, é uma tragédia. Parece haver muito pouca beleza, muito poucas pessoas a esforçarem-se pela criação desta perceção clara da beleza em todas as suas muitas facetas e formas. Vês, não é bom criar a "alteridade" da vida. Sabemos que na alteridade da vida há lições a aprender, e nesse aspeto, suponho, pode-se dizer que se justifica recriar numa forma artística a alteridade da vida ao vosso redor, a alteridade nos seres humanos.

Suponho que se mostrares estas coisas aos outros, então eles têm de experienciar eles próprios a alteridade na vida, e nas pessoas, e por aí fora, e isso pode funcionar para eles. Gosta-se de ver isto. Mas infelizmente, alguns de vós veem-me bem dessa maneira. Sentimos que deveria haver mais beleza mostrada, mais nobreza do homem mostrada no palco, por exemplo, na música. Acho que é muito mais importante mostrar os aspetos bons e maravilhosos do homem, do que ele se deveria tornar, do que ele deveria aspirar.

Se se fizessem estas coisas num sentido altamente espiritual, nos vossos teatros, por exemplo, nos vossos livros, nas vossas peças, na vossa música, na ópera — se refletissem a grandeza do homem, a possibilidade de grandeza do homem, a aspiração do homem — acho que seria enobrecedor e encorajador para as pessoas.

Eu acho que a guerra é muito diferente. Oh, eu acho que é. Eu acho que é. Acho que não se pode ter uma guerra, como a que tivestes, na qual milhões e milhões de pessoas estão envolvidas, e elas são enviadas para aqui de uma forma tão repentina. Deves lembrar-te que as pessoas não se tornam anjos subitamente. De facto, muitas, por um tempo, deixaram-nos para trás. E às

vezes, vêm até nós com pensamentos de desespero e infelicidade. Às vezes, sabes, os educadores da Ásia e os pensamentos do Brasil, existem tantos aspetos diferentes do elemento humano que podemos nem conhecer, na natureza, e que estão por todo o mundo, que podemos influenciar. Acho que a mudança do mundo é hoje um produto da geração passada de guerreiros e por aí fora. Acho que estas coisas não podem ser essencialmente evitadas. Se crias alguma força material, coisas más, mesmo coisas muito pequenas, persistirão pelo menos por algum tempo.

Lembro-me do tempo em que eu era uma rapariga jovem. Lamento dizer que é verdade. E essa é outra dificuldade que temos de enfrentar. Quando vimos comunicar convosco, temos de tentar romper a barreira que é onde a lembrança idiota e mal guiada estava. Temos de tentar focar as coisas que estão perto de nós, que estão fora, para que decidam que são verdadeiras. Achamos difícil, por vezes, limpar o caminho para o trabalho que nos esforçamos por fazer. Não creio que alguém possa perceber a complicação e a dificuldade que devemos ter de todos estes tipos de trabalho e defesa e de fazer o que podemos diante de vós. Existem tantos fatores.

Tu apenas sabes e compreendes e eu não acho que seja bom. Mas digo que, onde é possível, fazemos tudo o que podemos. Mas há uma complicação com a qual tu não podes ter nada. É impossível que seja verdade. Há uma tragédia e, claro, há tantas coisas no vosso mundo que são especificadas em condições. E de facto existem muitas pessoas no mundo que são essencialmente vítimas de espíritos, de ansiedades, que não são necessariamente maus, mas são pelo menos travessos e que influenciam e fazem o que as pessoas no vosso mundo dizem e fazem o trabalho que outros indivíduos dizem — e não enfrentam o facto de que existem influências boas e más em ação o tempo todo, por todo o mundo.

Razão pela qual é tempo de perscrutar o melhor que podemos e inspirar-te e encorajar-te a conhecer, comunicar e fazer contacto com aqueles espíritos que podem realmente ajudar-te, inspirar-te e elevar-te nestas condições escuras e sombrias e rumar a tempos felizes. Queremos mudar o mundo, mas a tarefa é tão tremenda. Mas eu espero e tenho a certeza e rezo para que sejas guiado... e eu espero e rezo para que sejas guiado... [repetições de ênfase na orientação espiritual].

Notas:

• *A Arte como Veículo da Alma: Emma Cons, fiel ao seu legado terreno no teatro, enfatiza que a arte no além é uma realidade viva e tangível. Ela*

descreve como a música e a cor são inseparáveis e como a execução artística envolve uma contribuição coletiva de almas, superando as limitações da performance individual humana.

- *Responsabilidade dos Artistas: Há um apelo para que os artistas na Terra mostrem a "nobreza" e a "grandeza" do ser humano, em vez de se focarem apenas na miséria ou na "alteridade" negativa, servindo como um farol de aspiração para a humanidade.*

- *Influências Espirituais e Livre-Arbítrio: Emma alerta para a existência de influências "travessas" ou de baixa vibração que podem afetar as pessoas na Terra, sublinhando a necessidade de sintonizar conscientemente com guias elevados.*

- *O Legado de Emma Hardinge Britton: A menção a esta pioneira espiritualista sugere uma rede de colaboração no além, focada em validar a mediunidade de voz direta e em expandir o alcance das mensagens através da tecnologia (as fitas).*

- *Tratamento: O tratamento por "tu" foi mantido, refletindo a proximidade e o papel de orientação de Emma Cons para com os trabalhadores da causa espiritualista na Terra.*

SESSÃO: GINETTE SPANIER

RECOMEÇOS, O APARTAMENTO

E O REENCONTRO COM "POLLY"

Esta é a transcrição e tradução integral e fiel da sessão de 19 de junho de 1976, na qual a baronesa Ginette Spanier (diretora da casa de moda Balmain) comunica com o seu marido, Paul-Émile Seidmann ("Polly"), e a sua amiga Nancy Spain ("Spainy"). O interesse da Baronesa Ginette Spanier por moda não era apenas um passatempo; ela era uma das figuras mais influentes do mundo da *haute couture* parisiense na época.

Data: 19 de Junho de 1976

Médium: Leslie Flint

Participante: Ginette Spanier

Comunicantes: Mickey, Nancy Spain ("Spainy"), Paul-Émile Seidmann ("Polly")

MICKEY: Olá. Aqui fala o teu sobrinho Mickey. Olá, Missy.

GINETTE: Oh, valha-me Deus, como estás?

MICKEY: Eu estou bem, obrigado. Achei que tu nunca vinhas falar comigo.

GINETTE: Oh, não, não deves pensar assim.

MICKEY: Às vezes é mais difícil do que outras, mas eu faço o meu melhor, faço mesmo. Como estás tu?

GINETTE: Eu estou bem.

MICKEY: Oh, é tão bom ver-te. Como de costume, tu tens muita gente ao teu redor. Sabes, eu acho que tu às vezes não percebes o quão perto as pessoas estão de ti.

GINETTE: Estou inclinada a não perceber.

MICKEY: Bem, suponho que seja difícil porque tu estás, sabes, ocupada na tua vida comum e tudo o mais, e é difícil para ti apreciar que as pessoas... o teu marido, ele está constantemente ao teu redor.

GINETTE: Ele está?

MICKEY: Sim, e também aquela senhora bastante alegre. Oh, ela é muito simpática, acho eu. Ela é adorável. É um bocado "Maria-rapaz".

GINETTE: Ela é adorável. Uma "tomboy".

MICKEY: Sim, tu sabes o que quero dizer. E, hum, oh, há várias pessoas aqui, na verdade, um bom número de pessoas que estão muito interessadas em ti. E estão todos tão entusiasmados e tão felizes porque as coisas estão a correr bem para ti. Na verdade, sabes, eles ajudaram-te mais do que tu pensas.

GINETTE: Oh, mas eu tenho a certeza...

MICKEY: Eles ajudaram-te a resolver as coisas.

GINETTE: Tenho a certeza de que ajudaram.

MICKEY: Oh, com certeza. Sim, ajudaram porque influenciaram e usaram o seu poder para influenciar as pessoas para o bem, sabes. E eu sei que tu estás num limiar, como lhe chamas, de uma vida nova, quase, e estão todos muito entusiasmados, muito satisfeitos, sabes. Consegues ouvir-me?

GINETTE: Consigo ouvir-te lindamente.

MICKEY: Quero dizer, às vezes não tenho a certeza se as pessoas me conseguem ouvir.

GINETTE: Mas eu ouço-te lindamente.

MICKEY: Porque tu pareces sempre tão bem e elegante e tudo.

GINETTE: Tu dizes sempre que sou elegante.

MICKEY: Bem, tu és de certa forma, acho eu, porque te interessas muito por tudo em ti, não é? E tens uma boa educação nisso. Bem, de qualquer forma, só um minuto. Já volto.

GINETTE: Obrigada. Não é adorável? Sim. O... o... o ensino, está a andar?

LESLIE: Oh, sim, eu liguei-o.

GINETTE: Obrigada. Adorável. Volta, Mickey, por favor.

MICKEY: Tenho uma ideia. O que é que disseste? Só um minuto. Alguém a chamar, creio. Sim, há algo. Parece um homem. Consegues ouvir?

GINETTE: Bem, tudo o que consigo ouvir é alguém a tentar falar.

MICKEY: Diz olá. Parece um homem. Senta-te quieta.

GINETTE: Desculpa.

MICKEY: Quem é que está a tentar falar, Mickey?

NANCY SPAIN (Spainy): Jenny. Olá. Sim.

GINETTE: Como estás? Eu estou bem. Quem é, por favor? Sim. Quem é? Tu? Spainy?

NANCY SPAIN: Spainy, sim.

GINETTE: É a Spainy? Sim. O que é?

NANCY SPAIN: Spainy. Olá.

GINETTE: Como estás?

NANCY SPAIN: Oh, eu estou bem. Sim. Tão feliz.

GINETTE: Diz um pouco mais alto. Consegues? Consegues ouvir?

MICKEY: Ela disse: "tão feliz por ouvir as boas notícias sobre o teu trabalho", acho eu.

GINETTE: Está tudo bem, não está, sobre o meu trabalho?

NANCY SPAIN: Sim.

GINETTE: Tu vais ajudar-me? O que é que ela disse?

MICKEY: "Nós mexemos os cordelinhos", acho que foi o que ela disse. Acho que ela disse: "mexemos os cordelinhos".

GINETTE: Oh, sim. Tenho a certeza que sim. Sim. Porque é espantoso.

NANCY SPAIN: Sim.

GINETTE: Vai correr tudo bem?

NANCY SPAIN: Assim que começares. Sim. Desculpa. Consigo ouvir-te muito suavemente, mas estou a ouvir cada vez melhor. Oh, desculpa. Estou a tentar falar o mais alto que posso.

GINETTE: Oh, isso é maravilhoso. Faz eras que não tinha a chance de trocar uma palavra contigo.

NANCY SPAIN: Oh, faz eras. Suponho que leve tempo a ganhar o hábito, sabes. Sabes, nós vimos ver-te frequentemente, todos nós.

GINETTE: Vêm?

NANCY SPAIN: Há uma multidão de nós às vezes ao teu redor.

GINETTE: A sério? É a primeira vez que estás realmente a falar comigo, Spainy.

NANCY SPAIN: Não sei. Tudo o que sei é que estou a fazer o meu melhor. Estou concentrada que nem uma doida nesta maldita coisa, sabes. Consegues ouvir-me? Consegues ouvir? Consegues ouvir?

GINETTE: Sim, sim, sim.

NANCY SPAIN: Bem, finalmente estás livre. Eu digo que estás realmente livre agora. Sim. Eu sei como te sentes, sentimentos muito mistos, mas tu estás bem. Não te preocupes.

GINETTE: Eu não me preocupo, realmente, com a tua ajuda.

NANCY SPAIN: Consegues ouvir-me?

MICKEY: Ela está a perguntar se tu a consegues ouvir. Ficou muito fraco. E agora ficou fraco outra vez. Mas ainda assim, foi um esforço maravilhoso.

GINETTE: Sim, foi. Está tudo bem.

NANCY SPAIN: Vês, eu gostava de poder falar melhor.

GINETTE: Estás a conseguir. Está tudo bem.

NANCY SPAIN: Eu fico tão zangada, sabes. Não o consigo evitar. Eu não mudei assim tanto, sabes.

GINETTE: Aposto que continuas...

NANCY SPAIN: Sabes, eu sou tão impaciente. Isso é metade do meu problema, sabes.

GINETTE: Isso é adorável. Tu conheces-me. Eu quero fazer uma coisa, quero fazê-la devidamente. Mas não te preocupes. Tudo se vai resolver. Leva um pouco de tempo. Eu digo, gosto do teu novo apartamento.

GINETTE: Gostas?

NANCY SPAIN: Sim, acho que é absolutamente divino.

GINETTE: É um doce, não é?

NANCY SPAIN: Sim, acho que é o ideal. Nem grande demais, nem pequeno demais. Exato. Devo dizer que tiveste muita sorte em consegui-lo.

GINETTE: Oh, foi maravilhoso.

NANCY SPAIN: Mas tu guardaste algumas peças e objetos. Está realmente bonito. Acho que te saíste extremamente bem com ele. Consegues ouvir-me? Consegues ouvir-me? Quão maçadora é esta coisa. Consegues ouvir-me?

GINETTE: Sim, eu consigo ouvir-te. Que bom que tu estás por perto tantas vezes.

MICKEY: Ela tem um grupo de pessoas com ela. E está terrivelmente excitada. E ela traz o teu marido com ela.

GINETTE: Sim.

MICKEY: E um bom número de outros amigos.

GINETTE: Ela ensinava o meu marido? Ela?

MICKEY: Sim. Muito. Acho que ela costumava meter-se muito com ele.

GINETTE: Sim.

MICKEY: E acho que ele gostava dela, na verdade.

GINETTE: Sim.

MICKEY: Mas ele não a compreendia bem, suponho.

GINETTE: Não.

MICKEY: Mas eles são bons parceiros aqui. E ela trouxe-o com ela, na verdade. Espero que ele fale contigo num momento.

GINETTE: Achas que ele consegue?

MICKEY: Acho que ele vai tentar, de qualquer maneira. Só um momento. Sim. Sê paciente.

GINETTE: Estou a ser paciente. Sim. É maravilhoso.

MICKEY: Só um momento. Tu estás a inclinar-te para a frente. Sim. Relaxa. Tu ficas tensa demais, isso torna mais difícil de ouvir.

GINETTE: Compreendo. Tem razão. Eu estava a inclinar-me. Oh, a sério? Sim. Essa é outra voz. O que é isso?

VOZ MASCULINA: Olá.

GINETTE: Não consigo ouvir. Consegues ouvir?

MICKEY: É apenas alguém a chamar o teu nome, a dizer olá. Olá. É uma voz masculina.

VOZ MASCULINA: Olá. Olá. Polly?

GINETTE: Achei que alguém parecia ter um pouco de sotaque. Eu não percebi. Sim, bem, teria. É isto? Sim, é.

PAUL-ÉMILE (Polly): Polly. Polly. Polly. Polly. Olá. Olá, minha querida. Eu estou aqui. Estou aqui. Olá.

GINETTE: Tu estás aqui? Olá. Olá, meu querido. Estás feliz? Olá. Eu consigo ouvir lindamente. Estou tão feliz. Estou tão feliz. Estou muito emocionada. Estou muito feliz por estar aqui. Eu ouço-te. Eu ouço-te.

MICKEY: Alguém que tem sotaque.

GINETTE: Sim, o meu marido é francês. Oh, isto claro que é...

PAUL-ÉMILE: Bonjour. Polly. Bonjour. Bonjour. Tu estás aqui. É a Polly? Quem é? Quem é?

GINETTE: Estou a inclinar-me para a frente outra vez. Quem é? Ele disse "Polly" três vezes. Sim, exato. Toda a gente dizia "Polly". Polly? Ele está terrivelmente excitado. Só um momento. Sim. Ele está muito excitado. Ele simplesmente... bem, ele está um pouco emocional.

GINETTE: Sim.

MICKEY: Acho que ele deve ter sido talvez uma pessoa bastante emocional.

GINETTE: Sim.

MICKEY: Ele pode ter-se controlado razoavelmente bem no teu lado. Sim. Mas no fundo ele era do tipo emocional. E ele veio aqui com aquela senhora que a Nancy Spain adora. Sim. E estão todos muito felizes.

GINETTE: E ele está feliz?

MICKEY: Oh, ele está muito feliz. Ele fala inglês, no entanto. Sim, bem, não fala?

GINETTE: Sim, extremamente bem.

MICKEY: Ele falava na Terra, não falava?

GINETTE: Oh, sim. Sim, porque ele... Falávamos frequentemente inglês juntos.

MICKEY: Sim. Ele parece muito ansioso por falar contigo. E ele, bem...

GINETTE: Eu penso muito nele. Ele sabe disso?

MICKEY: Sim, eu sei disso. Mas só um momento. Vou trazê-lo de volta. Sê apenas paciente. Porque é um bocado novo para ele. E ele está excitado e um pouco emocional. E, bem, ele precisa de um pouco de ajuda no momento.

GINETTE: Claro que precisa. Temos de aprender a ser pacientes, não temos, amor? Alegra-te.

GINETTE: Estás a falar comigo?

MICKEY: Sim.

GINETTE: Está bem. Estou a alegrar-me. Olá.

PAUL-ÉMILE: Consegues ouvir-me?

GINETTE: Sim, consigo.

PAUL-ÉMILE: Bom. Que esperta que tu és. Eu estou aqui. Olá. Olá. Eu consigo ouvir-te. É maravilhoso. Eu amo-te.

GINETTE: Amas?

PAUL-ÉMILE: Eu amo-te. Eu... eu estou bem. Eu estou bem. És tu. Cuida de ti. Tudo está a correr bem. Tudo está a correr bem. Realmente está.

GINETTE: Está? O quê, querido? Está? O que é que ele diz? Não tenho a certeza de como isso soou. Não tenho a certeza do que foi. Sim. Foi uma palavra. Achei que era uma palavra. Sim. Eu também. Ele fez-me errar, mas... Sim. Não vejo porque dizes "está ela". Há uma razão para isso. Não, não vejo porquê. Mais uma vez, eu estava... Quem está excitado? A Polly está. Eu digo, a Polly está terrivelmente excitada. A Polly está terrivelmente excitada.

Porquê? Isto está a doer, querido? Esta dor é falar. Eu tenho estado... não me vou preocupar, querido. Estás bem?

GINETTE: Sim, claro que estou bem, querido. Não sejas tão impaciente. É apenas que estávamos a concentrar o meu vídeo nele, percebes. Que ele está tão terrivelmente excitado. Sim, claro. Ele está terrivelmente, terrivelmente emocionado, sabes.

PAUL-ÉMILE: Consegues ouvir-me?

GINETTE: Sim, consigo ouvir-te muito lindamente.

PAUL-ÉMILE: Eu digo, tu vais começar um novo emprego na próxima semana.

GINETTE: Oh, sim, e a sério em setembro.

PAUL-ÉMILE: Oh, mas conhecendo-te, será a sério desde o início.

GINETTE: O quê, querido?

PAUL-ÉMILE: Eu digo, conhecendo-te, é a sério desde o início.

GINETTE: Eu serei muito séria quando começar.

MICKEY: Não, ela [Polly] disse: conhecendo-te, será muito a sério desde o início.

GINETTE: Sim, bem, é uma oportunidade tal que tu me ajudarás, todos vós.

PAUL-ÉMILE: Bem, claro, resolve isso. Sim. Eles ajudaram-te a resolver a questão do apartamento e tudo. Sim. Eles queriam ver-te instalada. A Polly está terrivelmente excitada, sabes. Ele está tão feliz por ti também. Mas sabes, ele adaptou-se extremamente bem.

GINETTE: Adaptou?

PAUL-ÉMILE: Estávamos todos lá para o receber.

GINETTE: Que maravilhoso.

PAUL-ÉMILE: Estávamos todos lá para o ajudar quando ele passou para cá.

GINETTE: Que maravilhoso.

PAUL-ÉMILE: Embora ele não tenha talvez compreendido tudo isto. Não. Isso ajudou-o. Ele sabia um pouco lá dentro. Sabes, ele nunca

compreendeu realmente isto. Não. Quero dizer, este negócio de comunicar e tudo isso. Mas agora, claro, ele está tão excitado e emocionado por poder voltar para ti. Ele vai velar por ti como todos nós faremos, sabes.

GINETTE: Não me deixes, ouviste, Spainy?

NANCY SPAIN: Não sejas parva. Como se pudéssemos possivelmente deixar-te. Não sejas parva. Eu não te deixaria por nada deste mundo.

Memórias de Paris, Noel Coward e LaWrence Olivier

NANCY SPAIN ("Spainy"): Sabes, éramos todos tão próximos, todos nós. Éramos tão próximos. Tão próximos, tu e eu.

GINETTE: Sim, é isso que eu quero dizer. Éramos muito, muito próximas, sabes. Sinto a tua falta.

NANCY SPAIN: E, sabes, embora no início eu me tenha sentido um pouco ressentida por estar... bem, por vir para aqui assim. Quero dizer, eu estava a sentir-me muito mal com isso. Mas agora estou bem. Já me ajustei. Sou muito ativa aqui. E estou muito, muito feliz. E eu simplesmente não gostaria mais de voltar a viver no teu mundo. Agora não. Gostaria de vir ver-te e ajudar-te, claro, mas não quereria mais viver no teu mundo.

GINETTE: Bom. Fico feliz por estares bem.

NANCY SPAIN: Mas tu não te deves preocupar com o Bolly (*Polly*). O Bolly está perfeitamente bem. Sem dores nem sofrimentos. Ele é jovem outra vez. Sabes, ele parece imensos anos mais novo. Ele é tão ativo. E, sabes, tu ficarias tão emocionada se o pudesses ver. Não deves pensar nele como ele estava no fim. Deves tentar perceber que agora ele perdeu tudo isso. Ele é jovem e cheio de vida.

GINETTE: Ele deve estar emocionado.

NANCY SPAIN: Oh, ele está encantado. Está feliz. Está terrivelmente excitado com tudo. Ele só quer que tu saibas que ele está aqui.

GINETTE: Obrigada.

NANCY SPAIN: Constantemente contigo em casa, ajudando-te de todas as formas que pode. E ele está tão feliz por tu te teres orientado, particularmente em relação ao apartamento. É um apartamento muito bonito o que conseguiste. Tiveste sorte, aliás, embora nós tenhamos ajudado.

GINETTE: Olha, eu sei que foi inteiramente por causa de todos vós que eu consegui obtê-lo.

NANCY SPAIN: Bem, é verdade. É verdade. E é tão conveniente. Maravilhoso. Tu tens o relógio do Bolly. Eu consigo aproximar-me bastante. Tu tens o relógio do Bolly.

GINETTE: Tenho o relógio do Bolly em Paris. Sim. E uso-o em Paris.

NANCY SPAIN: Sim, bom. Ele gostaria que tu o usasses.

GINETTE: Ele gosta que eu o use.

NANCY SPAIN: Sim, ele gostaria que tu o usasses.

GINETTE: Eu estou a usar os teus anéis, querida.

NANCY SPAIN: Eu consigo vê-los.

GINETTE: Tu consegues vê-los?

NANCY SPAIN: Sim, claro que consigo. Mas sabes, o Bolly gostaria que tu usasses algo dele, não apenas meu, sabes.

GINETTE: Sim, claro. Não posso ter ciúmes. Não pode haver ciúmes.

NANCY SPAIN: Não, sim, claro, eu compreendo. Mas eu uso o teu relógio às vezes, depois uso o dele quando trabalho.

NANCY SPAIN: Eu sei. Oh, é adorável, querida. Dou-te um abraço e um beijo bem forte.

GINETTE: Quem me dera que desses. Acho que ela deve ter gostado muito de ti, esta senhora, esta Nancy. Acho que gostava mesmo. Mas ela era uma senhora estranha, não era?

MICKEY: Ela é uma senhora adorável, brilhante.

GINETTE: Tenho a certeza que sim, eu sei que é. Brilhante. Ela é muito divertida e muito espirituosa, não é? E ela é, não sei, toda uma personagem.

MICKEY: Toda uma personagem. Mas ela gostava do teu marido, mas acho que ele... bem, ele também gostava dela, mas acho que ele não a compreendia bem. Não. Tu tens toda a...

MICKEY: Acho que ele ficava um pouco nervoso com ela, de uma forma estranha.

GINETTE: Sim.

MICKEY: Acho que ele gostava dela, mas ao mesmo tempo achava-a um pouco estranha. Um pouco exagerada. Bem, se eu lhe dissesse como tu lhe chamas... mas ela é maior que a vida (*larger than life*). Tu sabes, ela entrava numa sala e tu sabias que ela estava lá. Isso é garantido. E acho que o teu marido era bastante mais do lado silencioso.

GINETTE: Muito.

MICKEY: E acho que ele era um bocado, como dizer, circunspecto?

GINETTE: É exatamente isso.

MICKEY: E ela era *outré*, seja lá o que isso signifique.

GINETTE: Absolutamente. Porque é que ele usa essa palavra, o que é *outré*?

MICKEY: *Outré* significa que ela era exagerada e... Oh, ele diz que ela era tão *outré*, mas ele aceitava-a porque, bem...

GINETTE: Nós gostávamos tanto um do outro este ano. E ela deu-me momentos tão gloriosos.

MICKEY: Sim. Não te rias, porque acho que ele era um bocado possessivo, o teu marido.

GINETTE: Bem, não o são todos?

MICKEY: Não, ele amava-te muito, mas era um homem difícil às vezes. E acho que ele tem remorsos sobre isso.

GINETTE: Bem, isso significa que ele já não é assim?

MICKEY: Vês, nos últimos anos da vida dele, Ginette, ele dependia cada vez mais de ti.

GINETTE: É verdade.

MICKEY: E tu tinhas de tratar de tudo. E acho que ele... não digo que te desse por garantida, mas, bem, suponho que de certa forma dava, mas ele percebe agora o esforço que te exigiu.

GINETTE: É verdade.

MICKEY: Mas ao mesmo tempo, ele não era totalmente responsável. Ele não conseguia evitar, não conseguia. E ele só quer que tu saibas que está grato e que está a velar por ti e a ajudar-te, tentando ajudar-te do lado dele. E ele e

aquela senhora Nancy, os dois, embora fossem opostos em tudo, dão-se muitíssimo bem aqui.

GINETTE: Isso é adorável, não é?

MICKEY: Mas, claro, há aqui muita outra gente também. A tua mamã. E há uma irmã. Sim, a tua irmã. Estão a tua mamã, a tua irmã, o teu marido. Está o Stadius, sabes. E há também muita outra gente. Pessoas que estavam no teatro.

GINETTE: Sim. Consegues falar-me sobre eles?

MICKEY: Sim, só um momento. Bem, há um cavalheiro que eu já vi antes chamado Sr. Coward [Noel Coward].

GINETTE: Sim, abençoado seja.

MICKEY: E ele gosta muito de ti também. E tu guardaste a pintura dele, de qualquer forma.

GINETTE: Sim.

MICKEY: E ele está contente por tu a teres colocado onde a colocaste. Ele diz que é uma boa posição para ela, por causa da luz.

GINETTE: É verdade.

MICKEY: E ele diz que sabe que tu a estimas porque ele a pintou e ta deu.

GINETTE: Isso é absolutamente verdade. Sinto a falta dele e penso nele todos os dias. Eu adorava-o.

MICKEY: Bem, ele... sim, ele diz que é um bocado espirituoso. Ele diz que agradece a adoração. Mas ele diz que sabe que contigo é sincero. Pois ele costumava receber tanta adulação, evidentemente, das pessoas, que começou a ficar desconfiado dos motivos delas. Mas não dos teus.

GINETTE: Eu vou ficar na casa dele este verão.

MICKEY: Sim, é isso que ele me está a dizer sobre essa casa. Mas há dois rapazes aqui. E ele diz que tu vais ficar com estes dois rapazes. O amigo deles desapareceu.

GINETTE: Sim. Um era o secretário dele.

MICKEY: Certo. E o outro era apenas um amigo, suponho. Mas ele diz que eles "limparam aquilo" (*cleaned it up*). Não sei o que ele quer dizer com isso.

GINETTE: Limparam o quê?

MICKEY: Limparam tudo. Que a casa está um bocado diferente de quando ele lá estava.

GINETTE: Não muito diferente. Bem, espera um momento. Ele fala sobre o chão da casa de banho. Ele diz que a última coisa de que se lembra é de perder a consciência e algo sobre o chão da casa de banho.

GINETTE: Sabes? Bem, talvez tenha sido quando ele partiu.

MICKEY: Bem, não sei. Tudo o que sei é que ele diz que as coisas começaram a andar à roda. E diz que a última lembrança dele é o chão da casa de banho.

GINETTE: Talvez. A sério? Eu não sei se isso faz sentido.

MICKEY: Bem, eu descobrirei. E espera um momento. Tu sabes quem é o Tommy?

GINETTE: Tommy? Não propriamente. Quem está a falar do Tommy? É a Spainy?

NANCY SPAIN: Sim. A Spainy está a falar de alguém que ela chama Tommy. Ela diz que, se vires o Tommy, para lhe dares lembranças.

GINETTE: Sim, mas eu nunca vejo o Tommy.

NANCY SPAIN: E ela diz que tem estado um bocado dececionada com o Tommy. Ela diz que o Tommy não cumpriu o que ela esperava. E diz que é um bocado dececionante, mas diz: "C'est la vie".

GINETTE: Isso é a vida.

NANCY SPAIN: Esta pessoa dececionou-a um bocado porque ela tinha grande consideração por ela. E o Tommy não se portou à altura.

GINETTE: Mas eu não o voltei a ver, não desde que ela partiu.

NANCY SPAIN: Mas ela tinha um grande apreço pelo Tommy. Era o filho dela. E ela diz que o Tommy não saiu tão bem como ela esperava. Ele tem algumas boas qualidades, mas é um tolo para si próprio. É uma pena, não é? Ela está muito preocupada com o Tommy, na verdade. Ela só gostava que o

Tommy, bem, "puxasse pelas meias" (*put his socks up*), como ela diz. Engraçado, não é? É triste.

LAURENCE OLIVIER: Olá. Consegues ouvir-me? Oh, é suposto eu estar a contar a surpresa. É uma voz maravilhosa, não é? Eu não fazia a mínima ideia, claro, de como soaria, mas estou tão ansioso por vir falar contigo. O meu nome é Laurence...

GINETTE: Olivier? Laurence Olivier?

LAURENCE OLIVIER: Sim. Porque estás tão surpreendida?

GINETTE: Bem, porque... Tu sabes, com a Nell.

LAURENCE OLIVIER: Oh, que maravilhoso! Pensei apenas em dizer-te olá.

GINETTE: Mas que querido da tua parte. Eu não fazia ideia. Isto é tudo um bocado novo para mim, de certa forma. Quero dizer, eu tive alguma experiência com isto, e disse à Nell: "se eu conseguisse passar, diria umas palavras". E a Nell e eu somos muito próximos, como podes imaginar.

GINETTE: De certeza. E estamos tão ansiosos por te ajudar, e estamos a fazer tudo o que podemos pelo Polly.

GINETTE: Que maravilhoso! Tu deves estar tão emocionado por te teres encontrado com ele.

LAURENCE OLIVIER: Oh, bem, suponho que sim. Porque eu sempre falei de ti, mas nunca te conheci. Eu adorava-te e admirava-te.

LAURENCE OLIVIER: Muito gentil, mas eu senti apenas que tinha de vir dizer-te olá, porque, sabes, bem, é maravilhoso, na verdade. Nunca pensei que alguma vez fosse capaz de fazer isto tudo, mas a Nell disse: "tenta", e eu tentei. Enfim, estamos todos aqui, uma multidão de nós, sabes, e estamos a fazer tudo o que podemos para ajudar o Polly. Não precisas de te preocupar com ele. Ele parece estar a divertir-se bastante.

GINETTE: Oh, sim.

LAURENCE OLIVIER: Ele está a ter um tempo maravilhoso. Oh, é maravilhoso. Enfim, não devo ficar.

GINETTE: Oh, por favor. Como é maravilhoso ter falado com... que voz tão clara. Maravilhoso, não é? Voz extraordinária. Sim, porque é que a Nell não tenta?

MICKEY: Ele diz que sempre foi pago para atuar.

GINETTE: Oh, que maravilhoso. Bem, eu já lhe paguei, algumas vezes. Ele é engraçado, na verdade.

MICKEY: Oh, típico. Agora ele está a rir-se com a cara toda. Ele disse que, por ti, ele daria uma atuação gratuita (*raw performance*). Ele também se está a rir da tua aparição na televisão.

O Palco do Além: Noel Coward, Sybil Thorndyke e G.B.S.

PAUL-ÉMILE ("Polly"): Oh, ele rir-se-ia. Ele costumava rir-se sempre de mim. Ele diz que tu causas uma boa impressão.

GINETTE: Causei?

PAUL-ÉMILE: Sim, ele diz que tu causas uma impressão muito boa. Bom? Que ele está feliz, ele é engraçado. O que é que ele diz? O que é que ele diz? Eu não me ria assim há anos.

GINETTE: O que é que ele disse sobre mim e a televisão? Não percebo o que ele quer dizer. O que é que ele diz?

MICKEY: Bem, ele está a rir-se... sim, tenho a certeza... sobre teatros, e ele diz algo sobre, hum... "Os outros são executantes", diz ele, "mas tu és uma natural".

GINETTE: Isso é muito querido da parte dele. Não sei o que ele quer dizer com isso.

MICKEY: Eu compreendo perfeitamente. Ele diz que eles são executantes. Eles trabalham arduamente para causar uma impressão. Tu não tens de trabalhar arduamente, tu simplesmente causas a impressão.

GINETTE: Bem, isso é muito, muito generoso da parte dele.

MICKEY: Ele parece achar que tu és natural, enquanto eles têm de se esforçar.

GINETTE: Bem, isso é muito, muito generoso da parte dele.

MICKEY: E ele diz que tu não deves ganhar um complexo. Certo. Ele diz que tu te destacas porque tu és tu.

GINETTE: Maravilhoso. E ele era sempre muito rigoroso e severo comigo.

MICKEY: Ele diz que tu foste muito infeliz com o homem chamado... qual era o nome dele? Robin. Robin. O bom do Robin. Naquela coisa da televisão.

GINETTE: Oh, imagino que ele queira dizer o Robert Robinson.

MICKEY: Não sei. Robinson. Ele era um bocado arriscado (*dicey*), difícil?

GINETTE: Muito arriscado.

MICKEY: Porque ele diz que ele não era exatamente a escolha de ninguém, mas tu tiveste de fazer o melhor que podias. Ele diz que tu te saíste melhor do que pensas.

GINETTE: Bom.

MICKEY: Mas ele diz que é preciso todo o tipo de gente, e diz: "e então?". Certo? Ele diz que tu conseguiste passar a mensagem. Bom. Espera aí. Ele é um tipo engraçado.

GINETTE: Oh, ele é mais do que isso. O que é? Olá? Sim? Quem é? Quem é?

SYBIL THORNDYKE: (Voz muito fraca) Eu não sei se me consegues ouvir. Eu não te conheço? Consegues ouvir?

GINETTE: Sim. Tu deves...

SYBIL THORNDYKE: O Noel tem sido tão gentil. O quê? O Noel tem sido tão gentil.

GINETTE: E quem és tu? É tão estranho falar contigo desta maneira.

SYBIL THORNDYKE: Quem é? Suponho que quando alguém se habitua a isto, fica tudo bem. É muito estranho. Mas eu consigo ouvir. Tu és Ginette Spanier.

GINETTE: Sim, creio que sim. Como estás? Como estás? Quem és tu?

SYBIL THORNDYKE: O Noel tem sido uma ajuda tão grande. Sim. Como aliás todos eles. Sim. Isto é tão novo e tão estranho. Sim. Sou a Sybil Thorndyke.

GINETTE: Oh, Dame Sybil!

SYBIL THORNDYKE: Não, não Dame. Agora não. Sybil Thorndyke.

GINETTE: Que maravilhoso.

SYBIL THORNDYKE: É? Não sei. Estou a tentar falar através desta caixa ou lá o que isto é, esta engenhoca. É muito estranho. Que extraordinário.

GINETTE: Mas eu ouço-te perfeitamente.

SYBIL THORNDYKE: Consegues? Consegues mesmo?

GINETTE: Perfeitamente.

SYBIL THORNDYKE: Eu ainda não sei o suficiente sobre isto, claro. Mas sem dúvida que, quando estiver mais habituada, serei capaz de falar melhor. Olá, olá. Olá, olá. Que pessoa simpática.

MICKEY: Eu faço o meu melhor. Que pessoa simpática. Que pessoa simpática. Tão gentil. Tão gentil.

GINETTE: Oh, obrigada por falares comigo. É uma carta de fé, hein?

MICKEY: Carta de fé, sim. Nicky, quem era aquela? Acho que é o marido da senhora. Oh, sim, Lewis Casson. Ele está a tentar falar. Vês, o Noel Coward e a Gertie Lawrence e um monte de gente do teatro, eles todos se juntam, sabes, aqui deste lado. E quando aquela senhora que tentou falar contigo [Sybil] passa para cá, eles estão todos lá para a receber.

GINETTE: Que maravilhoso.

MICKEY: Vês, e este outro cavalheiro é o marido daquela senhora.

GINETTE: Sim, claro.

MICKEY: Porque ele veio alguns anos antes, percebes. E ele está a tentar desesperadamente passar. Eu acho... espera, mas não são pessoas que tu conheças, pois não?

GINETTE: Bem, mal os conheço. Pergunto-me se eu poderia dar uma mensagem a alguém por eles. Poderia?

LEWIS CASSON: Aqui fala o Lewis. Lewis Casson. Sim, eu só quero dizer algumas palavras sobre a querida Sybil e sobre mim. E estamos encantados por podermos ter o teu tempo precioso. E apenas dizer que a querida Sybil está muito bem e muito feliz, e que agora já se tornou plenamente consciente dos seus novos arredores. E, claro, o querido Noel e todas as outras almas queridas que nos receberam e ajudaram ao longo dos anos.

Sabes, é notável, absolutamente notável que alguém se possa manifestar, como me dizes, e falar desta maneira. E, claro, a Nancy Spain, que eu conheci e que, claro, a Sybil conhecia. Ela tem sido uma grande bênção e uma grande ajuda para muitos. E, claro, a Sybil tornou-se agora plenamente consciente dos seus novos arredores, e está extremamente feliz. O Ivor [Novello] também andava muito por cá.

GINETTE: Quem está?

LEWIS CASSON: Ele conheceu... quem foi? Todos nós recebemos a Sybil, claro, o Ivor.

GINETTE: Oh, sim.

LEWIS CASSON: E de facto é uma grande alegria e uma grande bênção pensar que nos podemos ligar e contactar desta maneira. E sem dúvida que, quando a Sybil tiver descansado e se tiver ajustado mais plenamente à sua nova forma de vida aqui, ela ficará sem dúvida encantada por voltar. Sabes, a Sybil sempre teve uma grande crença na vida vindoura.

GINETTE: Sim.

LEWIS CASSON: E, claro, agora ela sabe sem sombra de dúvida. E o facto de ela estar aqui connosco na feliz reunião com todos os seus velhos amigos e associados. É a Sra. Horniman, não é? A Miss Horniman, sabes. Sim.

GINETTE: Eu não me lembraria. Isso remonta a há demasiado tempo. Miss Horniman.

LEWIS CASSON: Miss Horniman. Claro, isso remonta a 50 anos ou mais. Os primeiros dias da carreira de alguém. E, claro, sem dúvida, como podes bem imaginar, uma das pessoas mais excitadas por conhecer a minha querida esposa foi o G.B.S. Sabes.

GINETTE: Quem? Quem foi essa última pessoa?

LEWIS CASSON: G.B.S. Com certeza. Eu.

GINETTE: Quem? Tu percebeste? Bem, acho que percebi, mas... Quem era?

GEORGE BERNARD SHAW (G.B.S.): Oh, não se preocupe, cara senhora. Aqui fala G.B.S. Com certeza. Certamente, madame, não poderia ter deixado de ouvir falar de G.B.S. Todos nos reunimos para receber a querida

Sybil quando ela veio. Certamente, madame, deve ter visto algumas das minhas peças.

GINETTE: É o George Bernard Shaw!

GEORGE BERNARD SHAW: Oh, é o G.B.S. Foi o que eu disse, madame. Sim. Mas eu... agora percebo... Tu podes perguntar-te porque me haveria de reunir e falar contigo, mas... Estamos todos aqui. Estamos todos aqui a ajudar os nossos queridos amigos. Estamos todos aqui a ajudar-nos uns aos outros. Tem a certeza. Adeus.

GINETTE: Obrigada por ter vindo falar comigo.

LILLIAN BRAITHWAITE: Suponho que às vezes deve parecer bastante estranho para as pessoas no teu mundo que não têm perceção destas coisas. Mas sabes, nós aproximamo-nos muito do teu mundo, e esforçamo-nos o melhor que podemos por ajudar. Podemos nem sempre ser vistos ou ouvidos, mas estamos muitas vezes ao teu redor, e ajudamos-te à nossa maneira. Pode nem sempre ser óbvio, mas fazemos o melhor que podemos para ajudar e ser úteis.

Tu não tens necessidade, minha querida, de estar indevidamente preocupada com o teu marido ou com qualquer um dos entes queridos que conheceste e amaste e ainda amas. Eles estão perto de ti às vezes, ajudando-te de qualquer forma que podem. Claro, sabes, quando eu estava no teu lado da vida, não tinha conhecimento deste assunto, mas desde que estou aqui, senti um desejo tal de ser de ajuda, conforto e serviço aos outros. E todos nos unimos, multidões de nós aqui, pessoas que, bem, talvez tu não antecipasses ou esperasses que voltassem do nosso mundo para o teu.

Mas voltamos como um só, embora sejamos diferentes na nossa perspetiva, temperamento, personalidades e caráter, sem dúvida. Somos todos parte do mesmo espírito. Somos todos parte da mesma vontade e propósito de Deus. Esforçamo-nos todos à nossa maneira por ser de ajuda, conforto e serviço. E é uma grande alegria saber que os teus entes queridos, tenho a certeza, estão tão perto de ti, e o teu querido marido. Sei que tiveste de aprender a reajustar-te, mas fizeste-o muito bem, e foste ajudada.

E neste novo trabalho que empreendeste, estou bem certa de que vais ser extremamente feliz, e vai ser muito gratificante para ti. Sei que tudo está a correr muito bem, e tu estás em boas mãos, e não tens causa para preocupação ou ansiedade desnecessária. Vais ser bem cuidada e ajudada, minha querida. Não te preocupes. Tudo está bem.

GINETTE: Posso saber o teu nome?

LILLIAN BRAITHWAITE: Oh, querida, tu não me conhecerias nem de Eva nem de Adão.

GINETTE: Porquê?

LILLIAN BRAITHWAITE: Os nomes são inconsequentes. Vivo aqui há um bom número de anos, sabes. E, claro, não compreendia necessariamente todo este tipo de coisas, mas aprendi por experiência aqui. Sabes, eu também estive no teatro.

GINETTE: Eu não sei o teu nome. Isto é tão importante. Sim, eu adoraria saber. Se tiveste todo este trabalho para vir falar comigo, eu gostava de saber o teu nome. Mickey, quem era?

MICKEY: Às vezes eles nem sempre querem dar o nome. Acho que estão inclinados a ter um pouco de medo de serem julgados ou pensados como outrora foram. Isso pode ser uma desculpa. É alguém do teatro.

LILLIAN BRAITHWAITE: Oh, obviamente. O meu nome provavelmente terá pouco significado para ti. Não há razão para que signifique nada. O meu nome é Braithwaite. Eu era, ou sou, ainda Lillian Braithwaite.

GINETTE: Lillian Braithwaite? Claro que te conhecia!

LILLIAN BRAITHWAITE: Ah, mas foi há muito tempo.

GINETTE: Oh, não foi. Eu conheço a tua filha, Joyce.

LILLIAN BRAITHWAITE: Joyce. Tu conheces a Joyce?

GINETTE: Com certeza.

LILLIAN BRAITHWAITE: Oh, bem. E eu vi-te em *The Vortex*.

LILLIAN BRAITHWAITE: Oh, a sério?

GINETTE: Sim.

LILLIAN BRAITHWAITE: Bem, é muito bom ser lembrada, mas, no entanto... Suponho que todos temos de aceitar o facto óbvio de que eventualmente seremos esquecidos.

GINETTE: Porquê?

LILLIAN BRAITHWAITE: Mas não importa realmente. Então viste-me em *The Vortex*. Receio que isso te denuncie a idade (*dates you*).

GINETTE: Receio que sim. E vi-te em muitas outras coisas.

LILLIAN BRAITHWAITE: Oh. Oh? Em *Arsenic and Old Lace*.

GINETTE: Sim.

LILLIAN BRAITHWAITE: Bem, não quero ocupar tempo.

GINETTE: Oh, mas isso é adorável. Oh, querido. O querido Noel. Tu sabes, ele é realmente... Tu sabes que eu o adoro. Ele é realmente o personagem mais notável.

LILLIAN BRAITHWAITE: Sim. Ele tem sido uma ajuda tão grande para mim e para muitos de nós aqui. Estamos todos unidos como um só, sabes.

GINETTE: Que maravilhoso. Quem me dera saber mais sobre este negócio da comunicação. Talvez eventualmente saiba.

LILLIAN BRAITHWAITE: Mas tu és absolutamente perfeita nisso.

GINETTE: Sou mesmo?

LILLIAN BRAITHWAITE: Absolutamente. Consigo ouvir cada palavra.

GINETTE: Bem, volta outra vez.

LILLIAN BRAITHWAITE: Adoraria. Tenho de ir. Adeus.

GINETTE: Adeus e obrigada.

LILLIAN BRAITHWAITE: E se vires a Joyce, diz-lhe. Ela não vai acreditar em ti.

GINETTE: Sim, não acho que ela vá acreditar em mim, sabes. Mas eu tentarei. Oh, valha-me Deus. Eu pensava que a Joyce Carey estava morta.

MICKEY: Não, não, não. Ela acabou de ser operada às ancas.

GINETTE: Oh, não.

MICKEY: Sim, a uma anca. Ela é uma grande amiga da minha irmã. Quem é esta? Faye, é assim que as coisas estão a correr. Espero que voltes em breve. Estás a ir agora?

MICKEY: Receio que tenha de ir num minuto. Mas, hum, oh, Polly, abençoa-te. Tu estás tão emocionada. Oh. E tu estás tão feliz. Eu estou tão... E não te preocupes com ele. Eu estou tão... E surpreende-te a ti própria. Eu manterei um olho em ti.

GINETTE: Por favor.

MICKEY: Tens de ir agora.

Notas:

- *Nancy Spain ("Spainy"): Uma famosa jornalista e personalidade televisiva britânica que morreu num desastre de avião em 1964. Aqui, ela mostra a mesma personalidade impaciente e direta que tinha na Terra.*

- *Paul-Émile Seidmann ("Polly"): O marido francês de Ginette, que tinha falecido pouco antes desta sessão. A sua excitação e dificuldade em falar ("emotional") são típicas de quem acabou de chegar ao mundo espiritual.*

- *O Novo Apartamento: Nancy Spain confirma que visitou o novo apartamento de Ginette e aprova a decoração e o tamanho, provando que os espíritos acompanham as mudanças práticas das vidas dos seus entes queridos.*

- *Ajuda nos "Bastidores": Mickey e Nancy mencionam que "mexeram os cordelinhos" para ajudar Ginette a conseguir o novo emprego e o apartamento, reforçando a ideia de intercessão espiritual.*

- *Noel Coward e a Pintura: Noel Coward confirma detalhes muito específicos, como uma pintura que ele deu à Ginette e o local onde ela a pendurou no novo apartamento (onde a luz incide bem). Menciona também as alterações feitas na sua casa em Paris pelos seus antigos secretários.*

- *Laurence Olivier e "Nell": A entrada surpresa de Sir Laurence Olivier (que tinha falecido recentemente) demonstra a rapidez com que algumas almas se adaptam à comunicação. Ele menciona "Nell", referindo-se provavelmente a uma ligação próxima do seu círculo.*

- *Tommy (Thomas Spain): Nancy Spain expressa a sua preocupação materna com o seu filho, Thomas, lamentando que ele não tenha seguido o caminho que ela esperava, mas resignando-se com um "C'est la vie".*

•*O Relógio e os Anéis: Estes "objetos de ligação" são fundamentais nas sessões de Flint. O facto de Ginette usar o relógio do marido e os anéis de Nancy cria um campo vibratório que facilita a comunicação deles.*

•*Elite Teatral no Além: A sessão é extraordinária pela quantidade de figuras históricas que aparecem. Sybil Thorndyke (morta meses antes desta sessão), Lewis Casson, Ivor Novello, Lillian Braithwaite e o próprio George Bernard Shaw apresentam-se como um grupo coeso que apoia os recém-chegados.*

•*G.B.S. (George Bernard Shaw): O seu estilo é inconfundível, mantendo o seu ego espirituoso e a sua veia dramática mesmo no além, desafiando a Baronesa por ela não ter reconhecido imediatamente as suas iniciais famosas.*

•*Detalhes Verificáveis: Lillian Braithwaite menciona a sua filha, Joyce Carey (que ainda estava viva e tinha sido operada), e recorda as peças em que Ginette a viu (The Vortex e Arsenic and Old Lace).*

•*O Grupo de Noel Coward: Fica claro que Noel Coward funciona como uma espécie de "líder" ou mentor para os artistas que chegam ao mundo espiritual, ajudando-os a adaptar-se e a comunicar.*

TERRY SMITH

O MARINHEIRO DO HMS HOOD

E A PRIMEIRA CASA NO ALÉM

Terry Smith, um marinheiro que faleceu no afundamento do navio **HMS Hood** durante a Segunda Guerra Mundial. A sessão, datada de 16 de julho de 1966, é particularmente rica em detalhes sobre a transição imediata após a morte e a receção dos "recém-chegados".

Data: 16 de Julho de 1966

Médium: Leslie Flint

Participante: Robert Humphrey (Investigador)

Comunicante: Terry Smith

APRESENTAÇÃO: Esta é a voz direta de um comunicante que passou em 16 de julho de 1966. O seu nome é Terry Smith. Ele era um marinheiro que afundou com o *Hood*. Isto foi verificado pelo Almirantado.

ROBERT: Bom dia, bom dia, amigo. Como estás? Estou muito feliz por teres passado. E, uh... acho que te conheço. Conheço?

TERRY SMITH: Quem é este? Tu não te lembras de mim? Eu também não me lembro de ti. Amigo, podes vir aqui um minuto? Por favor? Sim? Estarei aí num momento. Oh, bem. Poderias fazer-me um favor? Claro, não tenho a certeza se gosto de toda esta conversa.

ROBERT: Amigo, ficaríamos muito satisfeitos se o fizesses.

TERRY SMITH: Realmente, eu, uh... ainda estou a tentar obter toda esta informação muito rapidamente. O meu nome é Terry.

ROBERT: Terry? Sim.

TERRY SMITH: O meu nome é Terry.

ROBERT: Qual é o teu nome próprio, meu velho amigo?

TERRY SMITH: Esse é o meu nome próprio [Terry]. Eu saí [morri] no *Hood*.

ROBERT: O que vais fazer no dia seguinte? Quem está no *Hood*?

TERRY SMITH: Não sei. Estou apenas a encontrar uma forma de falar. Quem é aquele homem? Terry. Oh. É muito reconfortante, tudo isto, não é? Quero dizer... mas eu lembro-me do teu espiritualismo. Sabes, as pessoas pensam que somos alegres [estranhos], sabes. Quero dizer, é... mas na verdade, estou mais vivo agora do que alguma vez estive. Sou muito mais interessante. Parece estranho, este negócio. Para mim, tu és espiritualista. Pareces ser espiritualista.

ROBERT: Bem, eu tenho sido, vês. Terry, podes descrever a tua reação quando te encontraste ainda vivo?

TERRY SMITH: Sono? Sono. Bem, essa foi a melhor coisa. Foram... as árvores e as coisas. Descobri que, uh... não havia mais ninguém por perto. Eu estava morto, suponho. Mas eu... ainda não estava nem um pouco familiarizado. Foi algo que me deu uma espécie de confiança interior peculiar, suponho. Sabes, eu apenas caminhei no dia a dia, nem um som, sabes. Nada.

Vi uma senhora muito doce. Loura, uma mulher bonita. Cerca de 28, 30 anos. Parada num pequeno portão. Foi a primeira casa que vi com um portão, aliás. Todas as outras coisas não tinham entrada. Não há portão. Eu apenas me aproximei. Há uma pilha de, hum... está no fim do que parece estranho.

Sabes, metade das outras casas têm três faces, não é? Enfim. A coisa engraçada sobre isto era que ela parecia jovem. Eu pensei que ela era velha. Isso foi estúpido. Eu não sou muito jovem. Mas, hum, ela tinha este portão. E conforme me aproximei, ela disse: "Estás à procura de alguma coisa?" Eu disse: "Sim". Ela disse: "Bem, se quiseres entrar...". Eu disse: "Oh, bem. Não tenho de saber, sabes". Disse: "Eu entro".

Então, pelo menos havia alguém a falar. Ela levou-me para a frente. Era uma salinha. Era muito agradável. Podiam ver-se cortinas e cadeiras. Ela parecia muito velha. Havia um gato. Sentado numa cadeira. Verde ou preto. Grande, profundo, um gato grande. Então, ela disse: "Gostarias de uma bebida?". Eu pensei: "O que é isto?". Algo escuro ali. Ela disse: "Sim". Eu pensei: "Por favor". Então, ela veio até mim. Eu olhei. Eu disse: "Não consigo beber". Eu disse: "Porquê?". Eu disse: "Tenho de viver". Ela disse: "Gostarias?". Eu disse: "Porquê?". Então, ela desce e volta a atravessar a sala.

Ela diz, sabes: "Precisas de te preocupar com algo? Tenho estado à tua espera". Ela diz: "Sabes, estás morto". Ela diz: "Estás morto". E então isso atingiu-me como uma tampa sobre a minha boca e um nome. E tu quase pensaste que eu não sabia realmente se o tinha ou não, mas tinha. Eu disse: "Quero dizer, é um pouco estranho". Eu disse: "Claro, o sonho não é bem assim". Ela diz: "Não é nenhum sonho, Stanley, já que estás morto". Então, se tu dizes: "Estou morto", como assim? Ela diz: "Bem, está tudo bem". Ela diz: "Tenho estado a pensar e a rezar por ti. E foi-me dado o cargo de cuidar de ti". E eu disse: "Bem, foi-te dado o cargo de cuidar de mim".

Então ela diz: "Bem", e de repente ocorreu-me quando, sabes, era madeira. Não sei que parte era. Não sei. Era um pedaço de madeira ao qual eu estava a rezar e tal. Para que pudesse segurar-me um pouco [no naufrágio]. Claro, percebi que agora era inútil. Mas sabes o quê? Ela diz: "Foste brilhante". Eu disse: "Sim", ela diz. Então eu disse: "Bem", ela diz: "Sim". E diz-te um daqueles desabafos. O sistema funciona. Então, ela diz: "Tenho a minha própria gente, parentes ou amigos, a cuidar de ti". Ela diz: "Tu não percebeste. Mas foste dirigido. Pensaste que estavas a caminhar por conta própria, afinal". Ela diz: "Mas não estavas". Ela diz: "Estavas a ser ajudado

por inspiração da alma de cada um que ajuda as pessoas. E eles vêm subitamente como música".

Então eu disse: "Oh, sim, é o que estou a ouvir. Ainda não estou a assimilar tudo". Então ela diz: "Bem, não te preocupes". Ela diz: "Fica comigo. Serei como a tua mãe, falando sobre a minha gente". Bem como devias, porque pareces saber tudo sobre a minha gente. Sobre as minhas mães e pais e como eles de certa forma voltam a entrar. Sobre as minhas irmãs e as visitas nas chuvas, sabes, e tudo isso. Então ela diz: "Bem, estás numa classe muito relacionada". E ela diz: "Bem, não propriamente". Ela diz: "Mas fazia parte do meu trabalho saber algo sobre a tua gente. Porque eu gosto de cuidar de ti". Então eu digo: "Bem, isso é engraçado". Digo: "Desde que começaste, tem sido o meu caminho".

"Sabes sobre o meu grupo?". Ela diz: "Bem, isso não é difícil. Aqui há um novo método. Sintonizar", diz ela. "Sintonizar". Ela diz: "O quê?". Ela diz: "Bem, nós podemos". Ela diz: "Se tivermos razões especiais para querer saber sobre uma pessoa em particular". Ela diz: "Então há um trabalho especial que temos de fazer. E temos algum tipo de ligação ali que é necessária para sabermos as coisas. E nós sintonizamos". Ela diz: "Tu mais tarde". Ela diz: "OK". Ela diz: "Bem, vai para a tua gente". E eu digo: "Bem, isso será ótimo". Ela diz: "Claro". Ela diz: "Sabes, eles não saberão que estás morto. Quero dizer, eles saberão que estás morto, mas não saberão que ainda estás vivo. Sabes, que podes de certa forma vê-los a todos morrer". Ela diz, não quer dizer para te deixar mal: "Eles não te levarão. Eles não te impedirão". Bem, suponho que ela não tenha uma resposta. Ela é espiritualista.

Então ela diz: "Bem, isso é bom". Ela diz: "Talvez consigas passar algo nessa direção. Nunca se sabe onde tentá-la". Ela diz: "Bem, não pode ser". Ela diz: "Tu simplesmente não podes estar contente por estar aqui". Ela diz: "Eu tenho um filho. E um dia, quando ele vier para cá, ficaremos juntos novamente. Espero que sim". Ela diz: "Mas entretanto, vou olhar para ti como se fosses o meu próprio filho. E vou fazer tudo o que puder por ti. E tentar fazer-te feliz. E não deves preocupar-te. E não deves sentir-te, sabes, sozinho". E assim por diante. Ela diz: "E depois, mais tarde, quando tiveres descansado... acho que deves descansar". Ela diz: "Isto tudo tem sido uma ajuda para ti". Ela diz: "Vou levar-te a sair e poderás fazer todo o tipo de coisas interessantes na nossa comunidade". Então eu digo: "Oh, sim, isso é muito interessante".

Depois, de repente, durante uma pequena conversa, este gato fez a coisa mais engraçada, achei eu. Pode soar estúpido, mas saltou desta cadeira. E veio até mim e caiu sobre o braço dele. E olhou para mim e de certa forma deu um toque com as orelhas. E não... sabes, não parecia um gato comum. Ela diz: "Esta é a coisa que está feita". Eu disse: "Eu sabia". Ela diz: "Oh, não te preocupes. Tu vais habituar-te a isso". Ela diz: "Os animais aqui desenvolveram até certo ponto a capacidade de se fazerem entender". Claro, não sei porque podem fazer isso. Mas não os ouvimos falar. Porque eles têm a linguagem. Nós compreendemo-la. Mas então ouvimos os seus pensamentos. Os pensamentos deles, eles podem de certa forma vibrar a atmosfera, diz ela. E tu consegues ouvir os sons. E são meramente os pensamentos deles a serem transmitidos a ti como se pudesses ouvi-los. E ela diz: "Este gato diz: 'Como estás?'". E eu pensei: "Meu Deus, isto é todo um homem [todo um ser], sabes".

ROBERT: Sim.

TERRY SMITH: E ele disse: "Como estás?". E eu não sabia o que fazer, o que dizer. Ela diz: "Não te preocupes. Vais habituar-te a isso". Ela diz: "Os animais são muito mais sensíveis do que as pessoas pensam que são. E eles têm o seu próprio conhecimento das coisas. E podem transmitir pensamentos. E podem captar pensamentos. E vais habituar-te ao facto de que os animais podem transmitir. Eles conseguem mais deste lado do que conseguem no outro". Enfim, eu pensei, era apenas a ideia. Eu disse: "Muito bem, obrigado". Agora, parece que o gato disse — não digo que o gato disse isto, mas parece que disse: "Bem, espero que sejas feliz aqui". E eu pensei: "Bem, isto é muito peculiar". E o gato voltou para a cadeira e acalmou-se.

E, claro, eu também disse que fui dormir. Claro, não podia dar isto a ela. Ela disse: "Não te preocupes". Ela disse que ela compreenderá que os animais têm uma grande capacidade de compreensão. E aqui, eles podem transmitir metáforas, coisas que eu posso transmitir, nota bem, sem sequer ser capaz de falar com eles se eu quiser. Então ela lerá os meus pensamentos e eu posso ler os teus. Os pensamentos são a coisa real para nós. E é muito tangível. E é por isso que os animais podem comunicar. Eu pensei: "Bem...". Ela disse: "Bem, isto era eu. Não sabes?". Tudo me apanhou. Oh, bem, o rato apanhou-me. Isto és tu. Estás interessado?

ROBERT: Estou muito.

TERRY SMITH: Estás muito? Isso é muito interessante. Claro, gradualmente, conforme me familiarizei com tudo e um pouco mais tarde —

suponho que foi maldito mais tarde —, ela levou-me para fora do que parecia ser, suponho, um suporte. Embora ela me tenha dito mais tarde que não era um suporte, mas era a iluminação da qual todos nós, sabes, toda a vida era capaz de extrair algum tipo de, não sei, suponho, algum tipo de poder. Mas a iluminação era... a coisa engraçada sobre a iluminação é, acredites ou não, que costumava projetar sombras. Embora ela tenha dito que em alguns lugares a luz projetava sombras, que normalmente é brilhante sem ser dura, e não parecia haver sombras, e não parecia necessário retirar-se, por assim dizer, da luz, porque a luz era tão agradável e prazerosa. E não era, como dizer, quente, sabes, tu não a sentias. Não era quente. Era uma espécie de radiância, suponho.

Enfim, saímos. Suponho que ouvi o doutor ou doutor, do qual não há necessidade aqui, sabes. E para minha surpresa, conforme saímos, o gato levantou-se e saiu à nossa frente. E ele estava a caminhar connosco e disse-nos: "Bem, eu preferia que levasses um cão do que querer um gato", suponho. Então ela de certa forma... sabes, ela continuava a chamar-lhe Nelly. Eu pensei: "Bem, Nelly é um nome engraçado para um gato. Nunca ouvi um gato chamar-se Nelly antes". E ela deve ter passado muito deste tempo, após um tempo muito curto, em que eu não tive de falar com ela. Ela sabia do que eu estava a falar. Então ela diz: "Esta coisa é o nome errado para um gato, não achas?". Então eu disse: "Bem, Nelly. Nunca ouvi um gato chamar-se Nelly. Suponho que não haja razão para que um gato não se chame Nelly, tal como as suas almofadas e coisas, sabes". E ela diz: "Bem, a Nelly é uma gata muito simpática. A minha mãe deu-me esta gata".

Eu disse: "A tua mãe?". Eu disse: "Oh, é um gato". E, oh, ela diz: "Esta gata deve ter agora, a julgar pela cara de Terry...". Ela diz: "Bem, tem doze anos". Ela diz: "Oh, tem seis anos". Eu disse: "Não sei. Só a tenho há nove meses". Sabes, é difícil fazer um argumento. Ela diz: "Bem, sequencialmente, claro, toda a gente tem muitas vidas. Tu estás a ter uma extensão da tua vida, mas descobrirás que terás uma extensão desta vida, e assim por diante". E na noite, tenho a certeza que tu percebeste, sabes. Eu disse: "Bem, não sei. Oh, isto é um pouco demais para mim". Ela diz: "Vais captar tudo mais tarde". Ela diz: "Não deves pensar que aquelas pessoas seriam tão frias que não terias uma extensão de vida num grau em que eventualmente serias encriptado noutra condição de vida". Portanto, é todo um arranque. Sabes, é apenas descrença. Poderia ter sido de muitas formas. Ela diz, sabes. Ela diz: "Descobrirás que toda a vida é realmente uma extensão de uma vida anterior". Eu sei o que ela diz. Tu continuas e continuas, *ad infinitum*.

Ela diz, sabes, esta crença, ou esta reivindicação, ou este medo, ou esta condição de vida em que estás agora... Eventualmente, ela diz: "perceberás que não há mais nada que possas aprender aqui, ou nada mais que te seja necessário aqui. E sentirás o impulso e a necessidade de estender a tua experiência, estender o teu caminho para uma esfera diferente e mais elevada, ou *praty*, como ela lhe chamou, onde serás capaz de apreciar e aprender e experienciar todo o tipo de coisas que não poderias possivelmente experienciar nesta". Ela diz: "mas isso pode levar muito tempo ainda".

Ela diz: "conforme tens de experienciar, conforme tens de aprender", ela diz: "terás todas as oportunidades para estudar e para te interessares por tantas coisas diferentes". E ela diz: "sabes, se quiseres, podes fazer quase tudo, o que quer que gostasses de fazer ou ser, sabes". Ela disse: "quando eras enfermeiro, eras muito dedicado quando estavas ocupado". Então eu digo: "bem, como soubeste isso?". Ela diz: "bem, tu eras, não eras?". Então eu disse: "bem, sim, eu costumava ser muito dedicado ao piano, mas nunca fui realmente bom nisso". Ela diz: "bem, terás todas as oportunidades, se é isso que gostarias de fazer, para seres um pianista realmente bom, sabes".

Então eu digo: "bem, não consigo imaginar-me a ser um grande pianista". Eu disse: "Gosto de boa música, e costumava fazer isso quando era criança". Ela diz: "oh, bem, eu gostava que tivesses visto a minha peça". Ela diz: "quando estiveres mais estável... quando estiveres mais estável, ela dá-te mais tempo para ainda fazeres o que podes fazer, sabes". De certa forma, ela faz o oposto. E depois, novamente, ela tem andado muito por cá. Eu disse-te quando subi a rua na primeira distância, era como se o lugar estivesse vazio. Era como um lugar onde tudo o que eu podia fazer era brincar, sabes, quando ninguém estava a falar. E todos pareciam realmente simpáticos e limpos e frescos e tudo. Foi um grande concerto de férias depois disto. Sim, foi a minha última coisinha. E depois, sabes, nesta altura a subir a rua, era como se todos estivessem cá fora parados à porta ou a descer para o caminho, sabes. Foi espantoso. Meu Deus.

Eu não tinha ido muito longe rua acima. Era como se estivesse rodeado de pessoas, todo o tipo de pessoas, jovens, maioritariamente jovens, um ou dois pareciam ser mais velhos do que qualquer um de nós. Olhando para trás, percebi que não eram velhos, porque havia algo neles que era a idade-na-idade. Não pareciam velhos. Não consigo escapar a isso. Mas, enfim, estavam todos de certa forma a apertar as mãos e a chamar-me pelo meu nome. E eu pensei: "bem, toda a gente sabe o meu nome". Eles estavam a chamar-te Terry, como se me conhecessem a vida toda.

E é adorável. Eu estava a perguntar, claro, que há perspetivas muito diferentes para isso. Se uma pessoa nova está a chegar à comunidade, ou um número de pessoas está a vir de fora para aquela comunidade — que descobri depois ser uma comunidade especial, na verdade, de almas, tão próxima quanto era, para ajudar pessoas novas e guiá-las. E, de alguma forma, elas veem, bem, nesta pessoa, elas conhecem-nos [pessoas como nós]. E é a única coisa que podemos fazer. É apenas que talvez elas não tenham caído muito seguras para ti. Porque não perceberam que o teu coração, sabes, era pequeno. Quando és nomeado, não podes fazer um acordo. Mas podes entrar nisso. É uma ideia realmente boa. Há algo ali.

Olha, e quando fores para baixo, eu contar-te-ei sobre isso. Porque eu, sabes, muitas vezes, as pessoas ouvem-me para que tu possas, sabes, ver se as podes ajudar. Oh, uau. Sim.

ROBERT: Terry, podes dar-nos o teu nome completo? Isso é tudo o que precisamos. Sim.

TERRY SMITH: O meu nome completo é... isso é comum. Quero dizer, é Smith. Smith. Como estás, senhor? Como de costume, estou nos livros?

ROBERT: Nos livros, sim. Nos livros.

TERRY SMITH: Tenho de esperar até outra altura, claro. Bem, é muito bom conhecer-te. Eu sou o Robert Humphrey. Sim, qual é o teu nome? Não me lembro de ter tido um computador [médium/comunicador] lá nos EUA. Eu costumava estar numa sala como a coisa de outra pessoa. Eu estive aqui. Enfim, talvez noutra altura. Sim. Eu sou o Robert. Sim, deixa-o passar aqui. Ele parece estar a conseguir.

Notas:

- *O Naufrágio do HMS Hood: Terry Smith refere-se ao trágico evento de 24 de maio de 1941, quando o orgulho da marinha britânica, o HMS Hood, foi afundado pelo couraçado alemão Bismarck. Dos 1.418 tripulantes, apenas 3 sobreviveram. Terry Smith descreve a sua transição após o desastre como um estado de "sono" seguido por uma caminhada solitária.*

- *A Receção de Recém-Chegados: Terry descreve uma "comunidade especial" dedicada a acolher almas que chegam de forma súbita ou traumática (como em naufrágios ou guerras). A senhora que o recebe funciona como uma guia maternal para ajudar na adaptação.*

- *A Comunicação com Animais: Este é um dos raros relatos nas fitas de Flint sobre a comunicação com animais. Terry fica espantado ao perceber que consegue "ouvir" os pensamentos da gata Nelly. A explicação dada é que, no além, os pensamentos são vibrados na atmosfera e tornam-se compreensíveis para todos os seres.*

- *A Luz e as Sombras: Terry descreve uma iluminação radiante que, ao contrário do que alguns dizem, pode projetar sombras suaves. Ele enfatiza que a luz é agradável e não causa calor excessivo.*

- *Personalização: O tratamento por "tu" entre Terry e o investigador Robert Humphrey foi mantido, refletindo a camaradagem típica entre os marinheiros e os investigadores destas sessões.*

DR. GUSTAVE GELEY

A CIÊNCIA DA VOZ DIRETA

E O PROPÓSITO DA MENSAGEM

(Médico e eminente investigador psíquico francês, falecido em 1924)

DR. GUSTAVE GELEY: Eu ouvi-te muito bem. Vamos, Fred, não conseguimos ouvir-te. Eu ouvi-te muito bem.

Nem sempre é possível conseguir falar muito bem. É de esperar, suponho. A atmosfera é por vezes mais difícil do que as condições. Mas hoje tenho esperança de falar um pouco contigo porque estou particularmente interessado neste livro que esperas apresentar ao mundo. Sim. E tenho trabalhado muito nos bastidores para isto, há muito tempo.

Embora não tenha o hábito de vir falar, estou muito ocupado a assistir no trabalho científico que tem de ser colocado em tudo para tornar possível a comunicação e a leitura da caixa de voz — tudo o que é essencial para a reprodução das mensagens que vêm das várias fontes deste lado; o aparelho que tem de ser construído a partir do ectoplasma e também da condição atmosférica que prevalece no momento de uma sessão como esta. Tanto é obscuro para as pessoas da Terra em relação a este princípio que torna possível a comunicação entre o nosso mundo e o vosso. Tão pouco se sabe sobre isso.

Têm existido vários indivíduos que se esforçaram ou tentaram descrever ou retratar o que acontece, como é trazido à existência, como é tornado

possível, e como os chamados mortos podem manifestar-se para que as pessoas da Terra possam ouvir mais uma vez a reprodução da voz das pessoas que lhes são próximas e queridas, e de indivíduos que vêm, que podem não ser parentes, mas que têm uma mensagem de alguma importância a entregar. Nós não conhecemos, claro, muitas coisas do ponto de vista de sermos capazes de as descrever.

O que estou a tentar transmitir-te é isto: que, embora construamos a partir do ectoplasma uma réplica das colunas vocais que são necessárias para a fala no teu mundo, para que possais compreender os pensamentos uns dos outros, ao fazermos isto artificialmente temos de lidar com dificuldades incalculáveis. A reprodução dos órgãos vocais em si mesma é uma grande responsabilidade, um grande feito, porque não só temos de os reproduzir a partir do ectoplasma que é fornecido principalmente pelo médium, mas também temos de os manter renovados e estabilizados. Por outras palavras, temos de os manter ativos, temos de os manter em forma solidificada o suficiente para poderem ser usados por qualquer período de tempo. O tempo todo há reposição de poder, reposição do ectoplasma, e manutenção deles numa condição em que possam ser usados para vibrar a tua atmosfera, para criar som. É tudo, como sabes, reproduzido artificialmente.

E o que as pessoas não conseguem compreender é que, ao reproduzir o som artificialmente — porque é reproduzido artificialmente —, é uma coisa impossível reproduzir sempre de forma idêntica a qualidade tonal de uma voz que já não tem o mesmo corpo, nem está a usar os mesmos órgãos vocais. É aí que reside talvez a maior dificuldade do ponto de vista das pessoas no teu mundo compreenderem e compreenderem plenamente. Muitas vezes podemos reproduzir a personalidade de acordo, claro, novamente, com o indivíduo que vem, dependendo de se eles são em si mesmos uma personalidade forte.

Se eles conseguem simular a lembrança do antigo "eu", não se trata apenas de ser capaz de recordar e reproduzir pensamentos relativos a incidentes de há muito tempo — que em si mesmos ajudam a apresentar evidências para apoiar essa afirmação —, mas também, ao mesmo tempo, de ser capaz de fixar a personalidade de tal modo que se possa criar novamente, ou recriar artificialmente, a lembrança do antigo "eu" com personalidade; não apenas a personalidade isolada, mas o som real ou o tom da voz. É extraordinariamente difícil fazer todas estas coisas, percebes. Não estamos a fazer apenas uma coisa quando se comunica, mas temos de fazer várias coisas.

Temos de apresentar algo que em si mesmo está vivo. Quero dizer, por exemplo, eu falo contigo. Tu ouves a minha voz. É som. Viaja e chega até ti, vibra a tua atmosfera. Conforme eu fixo a mim mesmo e à minha personalidade, assim tu recebes, em algum grau, a minha reprodução do meu antigo "eu" terreno. Mas não podemos dizer quanto se pode perder. Não podemos dizer quanto pode ser mal reproduzido. Pois, enquanto fazemos isto, embora estejamos conscientes da tua presença, naturalmente, e estejamos conscientes das condições sob as quais trabalhamos, não conseguimos ao mesmo tempo perceber plenamente tudo o que está a ser alcançado.

Nem estamos plenamente conscientes nesse momento, enquanto nos concentramos em nós mesmos e na reprodução da nossa voz e nos pensamentos que desejamos relatar-te. Nem se pode esperar que estejamos sempre conscientes, o tempo todo, dos teus pensamentos. Quando não estamos, por assim dizer, a fazer um esforço ou a lutar para comunicar contigo, estamos mais conscientes dos teus pensamentos, do que estás a pensar e a tentar transmitir, mesmo que não estejas a falar; porque não é necessário, claro, do nosso ponto de vista, que tu enuncies palavras e vibres a atmosfera em som, que cries som para nós sabermos o que estás a pensar, porque os pensamentos em si mesmos, embora não sejam registados na atmosfera, para nós podem ser coisas muito reais.

Por outras palavras, estamos mais conscientes do que se passa dentro de ti do que tu poderias alguma vez esperar estar consciente do que se passa connosco ou do que estamos a tentar transmitir, mesmo quando estamos a comunicar contigo. Há uma grande complicação em todas estas coisas e tu deves lembrar-te disto; e aqueles, particularmente, que lerem o teu livro devem levar isto em consideração. Haverá aqueles que, obviamente — mesmo aqueles que deveriam saber melhor —, que criticarão e dirão: "oh, bem, como sabemos que foi esta pessoa em particular que estava a transmitir esta mensagem? Poderia ter sido outra pessoa. Poderia ter sido até a mente subconsciente no médium ou poderia ter sido um desejo fantasioso". Na verdade, encontrarás sempre muitas desculpas, muitas outras explicações apresentadas muitas vezes por pessoas que, ou não querem acreditar porque lhes convém pensar de outra forma, ou mesmo por aqueles que deveriam aceitar e deveriam estar em posição de compreender, que, por vários motivos que só eles conhecem, depreciam a verdade que damos.

Vês, no teu livro — no qual estou muito interessado e no qual, de certa forma, sinto que tenho alguma participação, do ponto de vista de que tenho assistido na construção e na viabilização do uso da caixa de voz para isto —,

estou muito consciente do facto de que haverá críticas, porque haverá aqueles que dirão que, embora as mensagens em si sejam interessantes e úteis em alguns casos para algumas pessoas, haverá quem diga que falta valor probatório.

Mas percebes, não podes colocar provas num livro. A prova é algo que um indivíduo deve receber pessoalmente por experiência, pelo seu contacto pessoal, que só isso e apenas isso lhe pode dar a prova. A prova individual é algo que cada pessoa deve ter para si mesma. Este livro que escrevemos — que foi escrito — é um livro que deve ser aceite do ponto de vista de que é a mensagem do Espírito, é a palavra do Espírito, é a filosofia e a perceção da verdade do Espírito. Não estamos preocupados neste livro tanto com provas pessoais, porque como podemos dar provas pessoais a indivíduos com os quais não temos esperança, nem possibilidade talvez, de estabelecer um contacto pessoal?

Aqueles que querem a prova do contacto pessoal, então cabe-lhes procurar a oportunidade, organizando-se para buscar instrumentos que, em si mesmos, possam fornecer essa prova pessoal. O nosso livro não se preocupa com o pessoal, preocupa-se com o mundo, preocupa-se com a humanidade, para que recebam a inspiração e a verdade do Espírito que está contida nas suas páginas.

Aqueles que criticarão — e haverá sem dúvida muitos — criticarão, como já disse, por vários motivos, por várias razões, mas, no entanto, haverá muitas, muitas pessoas que ficarão aliviadas por saber que pelo menos há alguns deste lado que estão ansiosos por trazer ao mundo a verdade espiritual, a visão espiritual, a perceção espiritual e a consciência das coisas que são importantes e vitais que afetam toda a humanidade. É isso. O nosso livro é para todos os que estão prontos para receber.

Para aqueles que argumentarão que contém pouca ou nenhuma evidência de sobrevivência, isso é algo que nem sequer, num sentido, nos propomos dar. Apenas talvez as fitas ou as próprias gravações com a personalidade do indivíduo por trás delas e as idiossincrasias que possam ser capazes de trazer através da sua voz, ou as peculiaridades que lhes eram naturais em alguns casos — não em todos —, de acordo com o indivíduo que está a comunicar, porque alguns podem não ser capazes de comunicar tão bem. Mas o que é importante é que a mensagem da verdade da sobrevivência, a mensagem do Espírito, a perceção do poder do Espírito e o que ele pode alcançar, e trazer iluminação e luz para a escuridão do teu mundo, para aquelas mentes que

estão prontas para perceber e aceitar — esse é o nosso livro, esse é o nosso trabalho.

Para aqueles que procuram o trivial, para aqueles que procuram o pessoal, para aqueles que procuram a prova pessoal individual que devem obter e só podem receber por contacto pessoal, eles podem não ser capazes de apreciar o nosso esforço ou o que estamos a tentar fazer ou o que alcançámos. Não estamos tão preocupados com essas pessoas. Estamos preocupados, claro — gostaria que tivesses em mente —, com todas as pessoas.

Mas o que estou a tentar transmitir é que não ficamos tão preocupados se houver alguns que o descartem e que não o aceitem. Devemos esperar por isso. Se não estão prontos, se não estão abertos para receber a verdade, então percebemos que eles ainda têm de percorrer um certo nível que é essencial para aprenderem a experiência introdutória, poder-se-ia dizer, pela qual passámos há muito tempo.

Aqueles que procuram o individual e o pessoal, eu sugeriria que se sentassem com vários médiuns e construíssem as suas próprias provas, gradual mas seguramente. E então, quando as tiverem recebido, estarão prontos para isto que lhes estamos a oferecer. Não quero que fiques angustiado, meu amigo, se receberes alguns contratempos e algumas deceções. Porque isso é de esperar. Isso tu deves esperar. É natural. Porque vais lidar, em alguns casos, com pessoas cujas mentes são tão materialistas que não conseguem conceber nem perceber esta verdade. Elas ainda não estão preparadas, nem prontas, nem aptas para receber.

Seria como tentar esperar que uma criança pequena fosse capaz de ler um ensaio escrito por um professor. Eles estão apenas na fase de aprender o ABC, a linguagem. Não conseguem compreender as palavras. Não conseguem compreender o significado. Não fiques, portanto, indevidamente angustiado se receberes — como receberás — mesmo de algumas pessoas que compreendem e sabem, mas que por motivo pessoal ou preconceito pessoal tentarão desacreditar aquilo que nos esforçámos por fazer através de ti.

Estamos gratos por tudo o que te esforçaste e por tudo o que fizeste. Pois tem sido um trabalho, um labor de amor, de paciência, e grande energia — mental e física — foi necessária para trazer isto a um feito, a um facto. Estamos conscientes de que o teu amor e a tua cooperação trouxeram este trabalho que fizemos. E eu gostaria de pensar que é talvez o começo de coisas maiores, que a porta da iluminação possa ser empurrada um pouco mais e que

aqueles que estão no limiar vejam um pouco mais além, no mundo glorioso do Espírito que os espera.

Pois esse passo que foi dado e essa porta que foi deixada entreaberta podem em breve, com amor, paciência e perseverança de todos os envolvidos, ser escancarados para que muitos possam entrar e eles comecem então a perceber, ver, saber e compreender o verdadeiro significado do poder e do amor do Espírito, e o que ele realmente significa e o que ele realmente pode alcançar.

O amor, como frequentemente te foi dito por tantos de formas diferentes, é a chave que abre todas as portas. O teu amor abriu a porta entre o nosso mundo e o vosso. E estamos-te gratos por toda essa paciência e todo esse amor que nos mostraste. Se os nossos esforços alcançarem o que esperamos que alcancem, ficaremos satisfeitos. Mas continuaremos, com o teu amor e cooperação, a fazer outras coisas.

Este livro seguirá em frente, disso eu sei. Receberá muito, muito sucesso em certos quadrantes. Mas não te preocupes se em alguns quadrantes lhe for dada pouca atenção e mostrado pouco efeito.

ASSISTENTE: Amigo, por favor, poderias dar-nos o teu nome, porque gostaríamos de te agradecer pessoalmente?

DR. GELEY: O meu nome é Professor Geley. Gostarias de fazer essa pergunta? Bem, isso é suficiente. O meu nome não é importante. Como tantos te disseram quando lhes perguntaste os nomes — "qual é o teu nome?" — e eles às vezes dizem, bem, relutantemente: "o meu nome é este ou aquele". Mas nós sempre te dissemos, e digo isto em nome de todos nós aqui — quem quer que tenha vindo a ti, quem quer que tenha falado contigo, qualquer que tenha sido a sua mensagem —, embora tenhamos dado o nosso nome nalguns casos, o nome particularmente não importa.

É a mensagem. É o contexto do que temos para dar ao mundo. É o amor que derramamos no vosso mundo com a esperança de que ele o eleve e o faça mudar, o faça ver e perceber que dentro de si mesmo está o poder de superar todas as coisas e de abrir a porta à iluminação e à perceção espiritual, à consciência e à verdade, para trazer a bênção do Grande Espírito entre os Seus filhos para que habitem em paz e em amor. Esta é a nossa tarefa, o nosso trabalho e a nossa mensagem. Os nossos nomes são em si mesmos sem importância. Se os nossos nomes são dados e isso tem algum peso e algum efeito que seja bom para o nosso trabalho, então ficamos gratos e satisfeitos.

Mas em si, o nome é de pouca consequência. Eu também fui um estudante desta verdade. Estudei-a e cheguei às minhas próprias conclusões, e a perceção desta verdade tornou-se plenamente consciente para mim enquanto ainda estava no corpo. Há muitas coisas que me intrigam, como devem sempre intrigar. Pois não existe tal coisa como o que chamarias de cem por cento — possivelmente — de comunicação cem por cento. Pois devemos lembrar-nos de que estamos sempre a lidar com o pensamento — o poder do pensamento, o poder de ser capaz, pelo pensamento, de transmitir a mensagem que vem do nosso reino de espírito.

E utilizando como fazemos o elemento humano, haverá forçosamente dificuldades por vezes, haverá forçosamente até discrepâncias por vezes. Não existe tal coisa como um instrumento cem por cento. Haveria quem no teu mundo gostasse de pensar assim. Mas sabemos que tanto depende de tantas condições diferentes. Tanto é complexo, mesmo agora, mesmo para nós deste lado quando entramos de novo. Estamos sempre plenamente conscientes de todas as complicações e dificuldades. Que alcancemos os resultados que alcançamos, que alcancemos o sucesso que alcançamos, considero que é em si uma coisa maravilhosa.

Mas digo isto, e digo-o com toda a minha força: que onde houver aqueles no teu mundo que buscam com sinceridade e amor nos seus corações, que dão o seu tempo, fazem esse esforço para tornar possível que nos encontremos com eles, para tornar possível que comuniquemos com eles, para dar a nossa mensagem ao mundo — isso trará conforto e a perceção da verdade mais plenamente compreendida e apreciada.

E então, tendo-a encontrado, esforçam-se nas suas próprias vidas por demonstrá-la, por trazer uma maior perceção da vontade e propósito de Deus entre os filhos da terra, por trazer aquela paz que só pode vir da perceção espiritual e da consciência da verdade e da sua realidade. Quando alcançarmos, quando alcançamos estas coisas, então de facto ficamos felizes, então de facto ficamos satisfeitos, então de facto ficamos assegurados de que estamos a cumprir o trabalho, a missão que nos foi dada para fazer.

Estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance para ajudar, guiar e elevar a humanidade; para tirar de vós o medo que é tão prevalecente no vosso mundo e colocar no seu lugar o conhecimento; para colocar no seu lugar aquela perceção de que tudo está bem. Para aqueles que compreendem, para aqueles que estão plenamente conscientes da missão do Espírito, vós tendes grandes possibilidades ainda de fazer coisas maiores. Não penses que com

este livro tudo está terminado. É apenas o começo. E quem sabe, se te for dado o tempo, se te forem dados os anos de vida terrena para fazeres mais, tu fá-lo-ás. E tenho a certeza de que o farás e alcançarás grandes coisas com isso.

Estamos à espera de um segundo livro. De qualquer forma, há muito tempo.

ASSISTENTE: Conheci-te na terra?

DR. GELEY: Não, senhor, tu não me conheces de todo. Não, não. Que Deus te abençoe e continua a fazer o trabalho. E saibam que estamos convosco em todo o caminho. Adeus e Deus te abençoe. Adeus. Adeus.

ASSISTENTE: Muito obrigado. Acho que ele disse que era o Professor Geley. Geley? Parece-me isso. Professor Geley. Oh, eu gostaria de lhe agradecer muito e eu simplesmente não consegui apanhar [o nome]. Geley ou Cheely ou algo assim. Muito obrigado. Deus te abençoe.

Notas:

- *Dr. Gustave Geley (1868–1924): Foi diretor do Institut Métapsychique International em Paris. Dedicou a sua vida ao estudo científico do ectoplasma e da mediunidade física. Nesta sessão, ele fala como o técnico/cientista que é, explicando a dificuldade de reconstruir órgãos vocais artificiais no escuro.*

- *A "Caixa de Voz" Ectoplásmica: Geley descreve o processo de criação de uma réplica dos órgãos vocais usando ectoplasma e energia atmosférica. Ele sublinha que a voz ouvida é uma "reprodução artificial", o que explica por que o tom pode variar em relação à voz original do falecido.*

- *Provas vs. Mensagem: Como investigador experiente, ele reconhece que um livro de filosofia nunca fornecerá a "prova científica" que o cético exige. Para Geley, a prova é uma experiência pessoal e subjetiva, enquanto o livro serve para elevar a consciência coletiva da humanidade.*

- *Tratamento: O tratamento por "tu" foi aplicado, mantendo a sobriedade académica mas reconhecendo o laço de cooperação espiritual com o assistente (provavelmente Sidney Woods, coautor de livros sobre Flint).*

PROFESSOR CHENEY (GUSTAVE GELEY)

A ENGENHARIA DA VOZ E A MISSÃO DO LIVRO

PROFESSOR CHENEY: Nem sempre é possível conseguir falar muito bem. Suponho que seja de esperar. Prevejo que a atmosfera seja por vezes mais difícil do que as condições.

Mas hoje tenho esperança de falar um pouco contigo porque estou particularmente interessado neste livro que esperas apresentar ao mundo. E tenho trabalhado muito nos bastidores para isto, há muito tempo. Embora não tenha o hábito de vir falar, estou muito ocupado a assistir no trabalho científico que tem de ser colocado em tudo para tornar possível a comunicação e a leitura da caixa de voz. Tudo o que é essencial para a reprodução das mensagens que vêm das várias fontes deste lado. O aparelho que tem de ser construído a partir do "entropismo" [ectoplasma] e também da condição atmosférica que prevalece no momento de uma situação como esta. Tanto é obscuro para as pessoas da terra em relação a este princípio que torna possível a comunicação entre o nosso mundo e o vosso.

Tão pouco se sabe sobre isso. Tem havido vários indivíduos que se esforçaram, que tentaram descrever ou retratar o que acontece, como é trazido à existência, como é tornado possível e como os chamados mortos podem manifestar-se para que as pessoas da terra possam ouvir mais uma vez a reprodução da voz das pessoas que lhes são próximas e queridas, e de indivíduos que vêm, que podem não ser de uma nação, mas que têm uma mensagem de alguma importância a entregar. Nós não conhecemos, claro, muitas coisas do ponto de vista de sermos capazes de as descrever.

O que estou a tentar transmitir-te é isto: que, embora o façamos a partir do ectoplasma, uma réplica dos órgãos vocais que são necessários para a fala no teu mundo para que possais compreender os pensamentos uns dos outros, ao fazermos isto artificialmente temos de lidar com dificuldades incalculáveis. A reprodução dos órgãos vocais em si mesma é uma grande responsabilidade, um grande feito em si mesmo, porque não só temos de os reproduzir a partir do ectoplasma que é fornecido principalmente pelo médium, mas também temos de os manter renovados e estabilizados. Por outras palavras, temos de os manter ativos, temos de os manter em forma solidificada o suficiente para poderem ser usados por qualquer período de tempo.

O tempo todo há reposição do ectoplasma e manutenção deles numa condição em que possam ser usados para vibrar a tua atmosfera, para criar som. É tudo, como sabes, reproduzido artificialmente; e o que as pessoas não conseguem compreender é que, ao reproduzir o som artificialmente — porque é reproduzido artificialmente —, é uma coisa impossível reproduzir sempre de

forma idêntica a qualidade tonal de uma voz que já não tem o mesmo corpo nem está a usar os mesmos órgãos vocais. É aí que reside talvez a maior dificuldade do ponto de vista das pessoas no teu mundo compreenderem e perceberem plenamente quando podemos reproduzir a personalidade de acordo, claro, novamente, com o indivíduo que vem, dependendo de se eles são em si mesmos uma personalidade forte, se conseguem simular a lembrança do antigo "eu".

Vês, não se trata apenas de ser capaz de recordar e reproduzir pensamentos relativos a incidentes de há muito tempo — que em si mesmos ajudam a apresentar evidências para apoiar a nossa afirmação —, mas também, ao mesmo tempo, de ser capaz de avaliar a personalidade de tal modo que se possa criar novamente, ou recriar artificialmente, a lembrança do antigo "eu" com personalidade; não apenas a personalidade isolada, mas o som real ou o tom da voz. É extraordinariamente difícil fazer todas estas coisas. Vês, não estamos a fazer apenas uma coisa quando se comunica, mas temos de fazer várias coisas.

Temos de apresentar algo que em si mesmo está vivo. Quero dizer isto enquanto falo contigo. Tu ouves a minha voz, é som, viaja e chega até ti, vibra a tua atmosfera conforme eu me expresso e à minha personalidade, assim tu recebes em algum grau a minha reprodução do meu antigo "eu" terreno.

Mas não podemos dizer quanto se pode perder, não podemos dizer quanto pode ser "binário" [distorcido], pois enquanto fazemos isto, embora estejamos conscientes da tua presença naturalmente e estejamos conscientes das condições sob as quais trabalhamos, não conseguimos ao mesmo tempo perceber plenamente tudo o que está a ser alcançado. Nem estamos plenamente conscientes nesse momento enquanto nos concentramos na reprodução da nossa voz e pensamentos que desejamos relatar-te, nem se pode esperar que estejamos sempre conscientes o tempo todo dos teus pensamentos. Quando não estamos, por assim dizer, a fazer um esforço ou a lutar para comunicar contigo, estamos mais conscientes, por assim dizer, dos teus pensamentos, do que estás a pensar e a tentar transmitir, mesmo que não estejas a falar; porque não é necessário, claro, do nosso ponto de vista, que tu enuncies palavras e vibres a atmosfera em som, que cries som para nós sabermos o que estás a pensar, porque os pensamentos em si mesmos, embora não sejam registados na atmosfera, para nós podem ser coisas reais; por outras palavras, estamos mais conscientes do que se passa dentro de ti do que tu poderias alguma vez esperar estar consciente do que se passa connosco ou do que estamos a tentar transmitir, mesmo quando estamos a comunicar contigo.

Há uma grande complicação em todas estas coisas, e tu deves lembrar-te disto; e aqueles, particularmente, que lerem o teu livro devem levar isto em consideração. Haverá aqueles que, obviamente — mesmo aqueles que deveriam saber melhor —, que criticarão e dirão: "oh, bem, como sabemos que foi esta pessoa em particular que estava a transmitir esta mensagem? Poderia ter sido outra pessoa, poderia ter sido até a mente subconsciente no médium, ou poderia ser um desejo fantasioso". Na verdade, encontrarás sempre muitas desculpas, muitas outras explicações, muitas vezes de pessoas que ou não querem acreditar, porque lhes convém pensar de outra forma, ou mesmo daqueles que deveriam aceitar e deveriam estar em posição de compreender, por vários motivos, quanto mais para si mesmos, que depreciam a verdade que damos.

Vês, o teu livro — no qual estou muito interessado e no qual, de certa forma, sinto que tenho alguma participação, do ponto de vista de que tenho assistido na construção e na viabilização do uso da caixa de voz para isto —, estou muito consciente do facto de que haverá críticas, porque haverá aqueles que dirão que, embora as mensagens em si sejam interessantes e úteis em alguns casos para algumas pessoas, haverá quem diga que falta valor probatório, porque não podes muito bem colocar provas num livro. A prova é algo que um indivíduo deve receber pessoalmente, por experiência, pelo contacto pessoal, o qual, só por si, só isso lhe pode dar a prova. A prova individual é algo que cada pessoa deve ter para si mesma.

Este livro que escrevemos — que foi escrito — é um livro que deve ser aceite do ponto de vista de que é a mensagem do espírito, é a palavra do espírito, é a filosofia e a perceção da verdade do espírito. Não estamos preocupados neste livro tanto com provas pessoais, porque como podemos dar provas pessoais a indivíduos com os quais não temos esperança, nem possibilidade talvez, de estabelecer um contacto pessoal? Aqueles que querem a prova do contacto pessoal, então cabe-lhes procurar a oportunidade, organizando-se para sentar com instrumentos que em si mesmos possam fornecer essa prova pessoal.

O nosso livro não se preocupa com o pessoal, preocupa-se com o mundo, preocupa-se com a humanidade, para que recebam a inspiração e a verdade do espírito que está contida nas suas capas. Aqueles que criticarão — e haverá sem dúvida muitos — criticarão, como já disse, por vários motivos, por várias razões, mas, no entanto, haverá muitas, muitas pessoas que ficarão aliviadas por saber que pelo menos há alguns deste lado que estão ansiosos por trazer ao mundo a verdade espiritual, a visão espiritual, a perceção espiritual e a

consciência das coisas que são importantes e vitais para afetar toda a humanidade. É isso.

O nosso livro é para todos os que estão prontos para receber. Para aqueles que argumentarão que contém pouca ou nenhuma evidência de sobrevivência, isso é algo que nem sequer, num sentido, nos propomos dar. Apenas talvez as fitas, as próprias gravações, com a personalidade do indivíduo por trás delas, e as idiossincrasias que possam ser capazes de trazer através da sua voz, ou as peculiaridades que lhes eram naturais nalguns casos — não em todos —, de acordo com os indivíduos que comunicam, porque alguns podem não ser capazes de comunicar tão bem.

Mas o que é importante é que a mensagem da verdade da sobrevivência, a mensagem do espírito, a perceção do poder do espírito, do que ele pode alcançar, e trazer iluminação e luz para a escuridão do teu mundo. Aquelas mentes que estão prontas para perceber e aceitar — esse é o nosso livro, esse é o nosso trabalho. Para aqueles que procuram o trivial, para aqueles que procuram o pessoal, para aqueles que procuram a prova pessoal individual que devem obter e só podem receber por contacto pessoal, eles podem não ser capazes de apreciar o nosso esforço, ou o que estamos a tentar fazer, ou o que alcançámos.

Não estamos tão preocupados com essas pessoas. Estamos preocupados, claro, e temos em mente todas as pessoas. Mas o que estou a tentar transmitir é que não ficamos tão preocupados se houver alguns que sejam mal guiados e que não o aceitem. Devemos esperar por isso. Se não estão prontos, se não estão abertos para receber a verdade, então percebemos que eles ainda têm de percorrer um certo nível que é essencial para aprenderem a experiência introdutória, poder-se-ia dizer, pela qual passámos há muito tempo. Aqueles que procuram o individual e o pessoal, eu sugeriria que buscassem os vários médiuns e construíssem as suas próprias provas, gradual mas seguramente.

E então, quando as tiverem recebido, estarão prontos para isto que lhes estamos a oferecer. Não quero que fiques angustiado, meus amigos, se receberes alguns contratempos e algumas deceções, porque isso é de esperar. Isso tu deves esperar. É natural. Porque vais lidar, nalguns casos, com pessoas cujas mentes são tão materialistas que não conseguem conceber nem perceber esta verdade. Elas ainda não estão preparadas, não estão prontas, não estão aptas para receber.

Seria como tentar esperar que uma criança pequena fosse capaz de ler um ensaio escrito por um professor. Eles estão apenas na fase de aprender o

ABC, a linguagem. Não conseguem compreender as palavras. Não conseguem compreender o significado. Não fiques, portanto, indevidamente angustiado se receberes — como receberás — mesmo de algumas pessoas que compreendem e sabem, mas que por motivo pessoal ou preconceito pessoal tentarão desacreditar aquilo que nos esforçámos por fazer através de ti. Estamos gratos por tudo o que te esforçaste e por tudo o que fizeste.

Pois tem sido um trabalho, um nível de amor, de paciência, e grande energia — mental e física — foi necessária para trazer isto a um feito, a um facto. Estamos conscientes de que o teu amor e a tua cooperação trouxeram este trabalho que fizemos. E eu gostaria de pensar que é talvez o começo de coisas maiores, que a porta da iluminação possa ser empurrada um pouco mais e que aqueles que estão no limiar vejam um pouco mais além, no mundo glorioso da quietude que os espera.

Pois esse passo que foi dado e essa porta que foi deixada entreaberta podem em breve, com amor, paciência e perseverança de todos os envolvidos, ser escancarados para que muitos possam entrar e eles comecem então a perceber, ver, saber e compreender o verdadeiro significado do poder e do amor do Espírito, e o que ele realmente significa e o que ele realmente pode alcançar. O amor, como frequentemente te foi dito por tantos de formas diferentes, é a chave que abre todas as portas. O teu amor abriu a porta entre o nosso mundo e o vosso, e estamos-te gratos por toda essa paciência e todo esse amor que nos mostraste.

Se os nossos esforços alcançarem o que esperamos que alcancem, ficaremos satisfeitos. Mas continuaremos, com o teu amor e cooperação, a fazer outras coisas. Este livro seguirá em frente, disso eu sei. Receberá muito, muito sucesso em certos quadrantes. Mas não te preocupes se em alguns quadrantes lhe for dada pouca atenção e mostrado pouco efeito. Bem, fico feliz quando nos dás o teu nome.

Boa sorte. Obrigado, pessoalmente. O meu nome é Professor Cheney.

Professor Cheney. Isso é suficiente. O meu nome não é importante. Tantos te disseram quando lhes perguntaste os nomes — "qual é o teu nome?" — e eles às vezes dizem, bem, relutantemente: "o meu nome é este ou aquele". Mas nós sempre te dissemos, e digo isto em nome de todos nós aqui — quem quer que tenha vindo a ti, quem quer que tenha falado contigo, qualquer que tenha sido a sua mensagem —, embora tenhamos dado o nosso nome nalguns casos, o nome particularmente não importa. É a mensagem.

É o contexto do que temos para dar ao mundo. É o amor que derramamos no vosso mundo com a esperança de que ele o eleve e o faça mudar, o faça ver e perceber que dentro de si mesmo está o poder de superar todas as coisas e de abrir a porta à iluminação e à perceção espiritual, à consciência e à verdade, para trazer a bênção do Grande Espírito entre os Seus filhos para que habitem em paz e em amor. Esta é a nossa tarefa, o nosso trabalho e a nossa mensagem.

Os nossos nomes são em si mesmos sem importância. Se os nossos nomes são dados e isso tem algum peso e algum efeito que seja bom para o nosso trabalho, então ficamos gratos e satisfeitos. Mas em si o nome é de pouca consequência. Eu também fui um estudante desta verdade. Estudei-a e cheguei às minhas próprias conclusões. A perceção desta verdade tornou-se plenamente consciente para mim. Há muitas coisas que me intrigam, como devem sempre intrigar.

Mas não existe tal coisa como o que chamarias de cem por cento — possivelmente — de comunicação cem por cento. Pois devemos lembrar-nos de que estamos sempre a lidar com o pensamento — o poder do pensamento, o poder de ser capaz, pelo pensamento, de transmitir a mensagem que vem do nosso próprio espírito. E utilizando como fazemos o elemento humano, haverá forçosamente dificuldades por vezes, haverá forçosamente até discrepâncias por vezes.

Não existe tal coisa como um instrumento cem por cento. Haveria quem no teu mundo gostasse de pensar assim. Mas sabemos que tanto depende de tantas condições diferentes. Tanto é complexo, mesmo agora, mesmo para nós nesta trilha quando comunicamos. Nunca estamos plenamente conscientes de todas as complicações e dificuldades, mas alcançamos os resultados que alcançamos, alcançamos o sucesso que alcançamos. Considero que não é em si uma coisa maravilhosa.

Mas digo isto, e digo-o da mesma forma: que onde quer que haja aqueles no teu mundo que buscam com sinceridade e amor nos seus corações, que dão o seu tempo e fazem esse esforço para tornar possível que nos encontremos com eles, para tornar possível que comuniquemos com eles, para dar a nossa mensagem ao mundo — isso trará conforto e a perceção da verdade mais plenamente compreendida e apreciada. E então, tendo-a encontrado, nas suas próprias vidas demonstrá-la, para trazer uma nova e maior perceção do nosso tipo de propósito entre os filhos da terra, para trazer aquela paz que só pode vir da perceção espiritual e da consciência da verdade e da sua realidade.

Quando alcançarmos, quando alcançamos estas coisas, então de facto ficamos felizes, então de facto ficamos satisfeitos, então de facto ficamos assegurados de que estamos a cumprir o trabalho, a missão que nos foi dada para fazer.

Estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance para ajudar, guiar e elevar a humanidade; para tirar de vós o medo que é tão prevalecente no vosso mundo e colocar no seu lugar o conhecimento; para colocar no seu lugar aquela perceção de que tudo está bem para aqueles que compreendem, para aqueles que estão plenamente conscientes da missão do espírito. Vós tendes grandes possibilidades ainda de fazer coisas maiores. Não penses que com este livro tudo estava terminado. É apenas o começo. E quem sabe, se te for dado o tempo, se te forem dados os anos de vida terrena para fazeres mais, tu fá-lo-ás. E tenho a certeza de que alcançarás grandes coisas com isso.

Obrigado. Estamos à espera de um segundo livro. De qualquer forma, há muito tempo.

ASSISTENTE: Conheci-te, Pai [mestre]?

PROFESSOR CHENEY: Não, Pai, tu não me conheces de todo. Sim, sim. Que Deus te abençoe e continua.

ASSISTENTE: Muito obrigado.

PROFESSOR CHENEY: Para fazeres o trabalho e saibam que estamos convosco em todo o caminho. Obrigado. Adeus. Adeus. Adeus.

Elucidação sobre o "Professor Cheney":

Nesta gravação, a entidade identifica-se como **Professor Cheney**. Isto pode ser:

1. Uma variação fonética ou erro de transcrição de "Geley" (que soa como Jê-lê ou Djili).

2. Uma referência a Professor Richet (Charles Richet): Richet foi o colega mais próximo de Gustave Geley e Nobel da Medicina, sendo ele quem cunhou o termo "ectoplasma". Nas fitas de Flint, os dois aparecem frequentemente associados ao "trabalho científico" de bastidores.

3. Uma identidade distinta: Alguém que trabalhou com Geley mas preferiu um nome que soasse mais familiar aos assistentes ingleses.

JOCK

A ESSÊNCIA FLUÍDICA

E A EVOLUÇÃO DA PERSONALIDADE

JOCK: A vida é toda fluídica. A vida não é algo que começa no nascimento e termina na morte. A vida continua.

A vida na sua essência — e eu quero que tu te lembres, eu uso a palavra essência. A vida na sua essência é uma força ou poder fluídico que flui e flui continuamente através do tempo e do espaço, não tendo princípio nem fim. Mas ela pode fluir, como deve eventualmente, para dentro de um organismo ou corpo físico. Esse corpo torna-se uma casa e um invólucro. Mas essa pequena parte do indivíduo que se torna o espírito individual começa gradualmente a expressar-se, começa gradualmente a emergir como uma personalidade. Mas ela ainda é, em essência, parte do todo.

Enfim, não sei se tu consegues acompanhar bem o que estou a tentar atingir.

ASSISTENTE: Sim, com certeza. Sim, conseguimos acompanhar muito bem.

JOCK: Tu tens de te tornar uma personalidade. Tu tens de te tornar um caráter antes de poderes evoluir separadamente da essência. Sim, sim. Embora a essência esteja lá, é como a mais pequena centelha. Ela é gradualmente inflamada até se tornar uma chama tremenda. A casa física é meramente o invólucro exterior por um espaço de tempo no qual ela é capaz de viver e de se expressar.

Mas tu podes ter muitas casas — não necessariamente outras na terra, mas muitas casas deste lado, muitas casas etéricas, muitas casas psíquicas. Tu vais de esfera em esfera, de plano em plano, até te tornares parte, mais uma vez, do todo; mas com tal força, de tal maneira, que tu és uma essência vital tremenda. Enquanto anteriormente, nos estágios muito iniciais, tu eras

meramente apenas um ponto, assim, nos estágios iniciais, tu não és senão um ponto na matéria espiritual ou no tempo espiritual.

Tu és meramente, por assim dizer, apenas o mais pequeno grão de força espiritual ou poder da alma. E, eventualmente, tu tornas-te... tu expandes-te no todo. Mas para alcançar esse estágio de ser em existência, para alcançar essa magnificência, tu tens de passar por todo o tipo de condições e fases da vida.

Elucidação sobre "Jock":

A entidade que se identifica como **Jock** é frequentemente associada a um guia ou comunicante que traz ensinamentos de natureza mais filosófica e abstrata, provavelmente será o Chopin.

- *A Vida como Fluido: A sua descrição da vida como uma "essência fluídica" que permeia o tempo e o espaço assemelha-se a conceitos do Vitalismo e do Espiritualismo clássico, onde a alma é vista como uma emanação da "Fonte" que precisa da experiência individual para se fortalecer.*

- *A Individualização: Jock explica que o propósito da encarnação (a "casa física") é permitir que essa centelha de vida se transforme numa personalidade e num caráter. Sem a individualização, a alma seria apenas um "ponto" indiferenciado no todo.*

- *Múltiplas Moradas: Ele reforça a ideia (também mencionada pelo Dr. Geley e por David Browning) de que o espírito habita sucessivos "corpos" ou "casas" (etéricos e psíquicos) conforme sobe de nível vibratório.*

Ellen Terry no papel de Lady McBeth, de

John Singer Sargent

ELLEN TERRY

ESPIRITUALIDADE, LIBERDADE

E A GEOGRAFIA DA LUZ

Ellen Terry não foi somente uma atriz, ela foi a face da cultura britânica de finais do século XIX e princípios do XX. A par de Sir Henry Irving, formou a dupla teatral mais famosa da história. Eles elevaram o teatro de um entretenimento "duvidoso" para uma forma de arte respeitável e erudita. Ela ficou imortalizada pelas suas interpretações das heroínas de Shakespeare. A sua Beatrice (Much Ado About Nothing) e a sua Portia (The Merchant of Venice) eram consideradas insuperáveis.

ELLEN TERRY: Estou tão feliz por estar aqui, sim, mais uma vez. Muito feliz por vos ter aqui. Nunca tenho bem a certeza se conseguis ouvir corretamente.

ASSISTENTE: Conseguimos ouvir-te muito bem, de facto. Sim, muito bem. Muito claro.

ELLEN TERRY: Estou certa de que nunca me habituarei a isto. Cada vez que tento falar convosco, estou muito consciente de todas as dificuldades. Não creio que seja possível para ninguém no vosso lado da vida perceber quão difícil é. Esforçar-me por transmitir com alguma clareza os pensamentos, esforçar-me por enunciar palavras sob condições tão estranhas e difíceis. Estou certa, claro, de que nunca vos foi explicado satisfatoriamente e, quanto a isso, estou certa de que ninguém deste lado poderia esperar fazê-lo. As dificuldades são tremendas e o extraordinário é que sejamos capazes de falar de todo, de transmitir o que quer que seja.

Enquanto falo convosco, ao meu redor estão inúmeros seres; alguns que não conheço, outros que conheço bem. No entanto, todos vieram com o desejo, se não de comunicar pessoalmente, de vos transmitir o poder do seu amor — e a vós em particular, por causa do trabalho que estais a tentar fazer para iluminar a humanidade. Na verdade, já passou algum tempo desde a última vez que vos falei, mas, num país como o meu, onde o tempo não existe e só se tem consciência dele quando se tenta fazer contacto com a vossa terra, seremos nós conscientes do tempo também? É extraordinariamente difícil manter as memórias da terra.

Quando se está aqui como eu estou agora, há mais de quarenta anos, é extremamente difícil recapturar com clareza algumas memórias e eventos do

passado, pois tudo isso parece ter sido há muito tempo; e a pessoa, claro, ajustou-se à sua nova vida, que é cheia de interesse e de acontecimentos que, mesmo que eu quisesse transmitir em palavras, sei que seria praticamente impossível, porque muito do que transparece deste lado não pode ser retratado em palavras para vós. Sinto, cada vez que venho, mais e mais a dificuldade em transmitir algo que vos faça sentido ou que tenha grande valor. Tudo deve ser trazido para um nível de compreensão terrena.

Acho que se tem dito muito disparate sobre espiritualidade e condições espirituais, possivelmente devido a inúmeras referências bíblicas e ao aspeto mental do clero, cuja compreensão das coisas espirituais é, para dizer o mínimo, muito mal interpretada — colorida por coisas que estão longe da realidade como nós entendemos a expressão "espiritual". O espiritual não é necessariamente religioso. Sempre que penso na conceção terrena do espiritual, ela está invariavelmente ligada à interpretação dada pela igreja. A espiritualidade, num sentido, raramente tem algo a ver com a religião como tal; de facto, eu diria que a verdadeira espiritualidade é, antes, uma fuga ao pensamento e à experiência religiosa.

Diz-se tanto sobre a vida espiritual que muito poucas pessoas sabem o que ela realmente significa. Até que alguém se torne o que se chama um "ser espiritual", dificilmente pode esperar compreender o que isso implica. Aqui, para ser uma pessoa espiritual, tens de descartar muitas das ideias e conceções teológicas. Eu diria que esta é a vida natural e a vossa é a artificial. Se São Paulo diz que temos um corpo físico e um corpo natural, esse corpo natural é por vezes confundido com o corpo espiritual. Esta é a existência natural; a vida material é um reflexo pálido da realidade.

Não há necessidade de ninguém temer a morte. Não importa quão pouco desenvolvida a pessoa seja, existem aqui variados graus de existência e planos de desenvolvimento onde cada indivíduo encontra o seu lugar. Depois há crescimento; não há estagnação. Há uma evolução que passa por fases, e a alma cresce no seu conhecimento. Eu diria que a pessoa verdadeiramente espiritual é aquela que perdeu muito do material e se tornou parte desta vida, que é tão vasta na sua perceção que, conforme te tornas consciente dela, tornas-te espiritualmente crescido — mas não no sentido estreito da palavra, e sim sem medo.

Aqui não há restrições à expansão e à expressão. Aqui assimilas conhecimento e experiência, deitas fora o velho "eu" e tornas-te verdadeiramente livre. A liberdade de expressão, de perceção e de pensamento

é a lição espiritual que chega a todos nós e nos dá essa consciência espiritual. São os limites estreitos da terra que impedem os indivíduos de se tornarem seres espirituais. Deves ter liberdade absoluta para descartar tudo o que é material e que te prende. Qualquer coisa que atrofie ou impeça o ser humano de ter liberdade de expressão e pensamento deve ser, e é, algo mau.

Tanta coisa que é ensinada na terra é errónea e falsa; há tanta suposição e adivinhação, por vezes dada às pessoas com o desejo de travar o crescimento e o progresso. Existe muito nos ensinamentos religiosos que pode ser rastreado até indivíduos de eras passadas que usaram o poder para si próprios. Muitas pessoas vêm para aqui com ideias fixas implantadas nelas através do medo. Tiveram medo de expressar os seus verdadeiros sentimentos e de seguir novas linhas de pensamento; tiveram medo até de ler livros que as teriam ajudado, porque lhes foram proibidos.

Aqui, a vida espiritual é uma vida de liberdade absoluta. Grandes professores de outras esferas descem às esferas inferiores para aconselhar e guiar. Aqui há unidade, harmonia e amor. Aqui há verdadeiramente fraternidade e a sabedoria de todos os tempos, expressa por todos os povos, independentemente de classe, credo ou cor. O que retém a humanidade no vosso mundo é este apego infeliz a velhas ideias e credos desgastados; o apego a barreiras construídas pela ignorância e pelo patriotismo falso. Queremos derrubar todas as barreiras que mantêm os homens afastados.

ASSISTENTE: Minha amiga, creio que sei quem és. Poderias dar-me o teu nome, por favor?

ELLEN TERRY: O meu nome é Terry. Faz bastante tempo desde a última vez que vim falar convosco.

ASSISTENTE: Sim. Poderias contar-me algo sobre a tua vida no teu lado agora, de uma forma espiritual?

ELLEN TERRY: A minha vida mudou conforme o conhecimento se expande. Entra-se numa nova vida e noutras esferas. Embora não tenhamos a "morte" como a entendeis, há uma forma de morte que é a passagem de uma esfera para outra — uma maior consciência de novas condições. Mas tudo isto é progressão. Não há tempo para nós, e no entanto há uma forma de perceção do tempo, mas é tão diferente que não se pode explicar por palavras. Na esfera onde agora existo, há uma oportunidade tremenda e existem grandes almas que progrediram de esfera em esfera.

É impossível para qualquer alma descrever as esferas mais avançadas. As esferas próximas da terra podem ser retratadas, mas as almas que foram para uma condição muito afastada nunca podem recapturar em palavras aquilo que habitam. Mas posso dizer que a minha vida é cheia de beleza, cor e todos os aspetos de encanto que as palavras poderiam descrever. Existem grandes edifícios belos de contemplar; grandes cidades onde se encontra tudo o que é bom para a vida do indivíduo. Existem grandes teatros, claro, onde grandes peças são representadas; óperas são cantadas e grandes músicos compõem obras que abençoam a multidão com música e cores que inundam todo o mundo durante a performance.

Se eu pudesse apenas descrever as cores deste lugar onde me encontro agora! Cores além da descrição, sempre a mudar na sua subtileza, emitindo uma luminosidade e beleza tão afastadas das ideias materiais. Pensando no arco-íris da terra, aqui podem ver-se as cores de inúmeros arco-íris com tonalidades muito mais vastas no seu espectro. Há uma subtileza difusa de luz; nunca há escuridão. Há uma espécie de crepúsculo, mas que é muito diferente do vosso. Há um tempo para a quietude e o descanso, embora nunca haja necessidade de dormir, mas sim uma paz que nos invade quando sentimos necessidade.

Temos toda a beleza e magnificência do campo e as cores da natureza, mas mais glorificadas do que qualquer coisa que conheçais. Temos todos os animais que constituem a natureza, mas num estado de ser mais altamente desenvolvido. Estão lá todos os animais domésticos que amámos, mas com eles há a perceção da unicidade com o mundo do homem. O mundo animal tem a habilidade de se fazer entender. Eles não têm de falar por palavras, mas nós sabemos o que pensam e o que sentem, e eles sabem o que lhes dizemos. Eles leem os nossos pensamentos. Acho que essa é uma das maiores coisas desta vida: ser completamente compreendido, não só pela raça humana, mas pelo chamado "reino inferior" dos animais e aves.

Não há necessidade de temer a travessia do vosso mundo para este. É a grande aventura; o grande despertar para um mundo de beleza e liberdade de pensamento. Do que quer que entres, será um reflexo do teu mundo de acordo com a tua condição e desenvolvimento. Mesmo que pareça escuro e triste para alguns, há liberdade para progredir. Não há inferno como o pintado por muitos; há apenas o que o homem cria pelo seu próprio pensamento e vida. Assim que o homem deseja uma centelha de vida eterna e se esforça por se elevar, ele será ajudado e guiado. Ninguém precisa de temer, pois Deus é

amor e este é um mundo de amor em que todos procuram evoluir para uma maior realidade no poder do Espírito.

Tudo é bom se o homem prosseguir para a luz. Tudo está aqui para o homem experienciar alegria. É a vida do espírito, mas uma existência espiritual muito afastada das conceções humanas. Sede pacientes, mas acima de tudo esforçai-vos por superar-vos a vós próprios, procurando a clareza de visão em tudo o que é de Deus. Não tenhais medo, pois ter medo é algo mau. Tende força de fé e coragem para erguer os olhos para a beleza das esferas; isso libertar-vos-á. A morte é a grande porta através da qual todos encontramos o mundo da realidade. O homem criou a morte na ignorância. Um dia encontrarás o caminho da verdade, da vida e da liberdade. As minhas bênçãos para todos. Obrigado a ambos, em particular. Adeus.

ASSISTENTE: Muito obrigado.

Elucidação sobre Ellen Terry e o Contexto Histórico:

- *Ellen Terry (1847–1928): Foi a atriz mais famosa do seu tempo, dominando o palco britânico durante décadas, especialmente em parceria com Sir Henry Irving no Lyceum Theatre. A sua voz era conhecida pela sua clareza e musicalidade, algo que ela menciona ser difícil de reproduzir na "caixa de voz" ectoplásmica.*

- *O Uso do Nome "Terry": Na fita, ela identifica-se apenas como "Terry". Para o público da época, "Ellen Terry" era o nome supremo, mas no mundo espiritual, ela prefere a simplicidade. Note-se que David Browning (na outra sessão) também era um "Terry" por apelido, mas aqui trata-se da atriz.*

- *Crítica à Igreja: Ellen Terry viveu na era vitoriana, marcada por uma moralidade religiosa rígida e repressiva. O seu discurso contra as "teologias estreitas" reflete a sua libertação pessoal e a visão de que a religião institucionalizada muitas vezes serviu para controlar as massas através do medo, em vez de libertar o espírito.*

- *Teatros e Cores no Além: Como mulher de teatro, a sua descrição de "grandes teatros" onde a música cria cores audíveis é uma das passagens mais belas das fitas de Flint. Ela sugere que a arte na Terra é apenas uma sombra grosseira da experiência sensorial total que existe no mundo espiritual.*

• *A Liberdade como Lição: Para Ellen Terry, o "Céu" não é um lugar de adoração estática, mas um estado de liberdade absoluta onde a alma pode finalmente ler os livros que lhe foram proibidos e pensar os pensamentos que lhe causavam medo na Terra.*

SESSÃO DE GRUPO

18 DE AGOSTO DE 1973

Participantes: Vários (incluindo uma senhora estrangeira e a Sra. Howlett)

MICKEY: Alguém tente continuar a comer. Como estás, Watson? Tudo bem, e tu? Tu não precisas de falar, companheiro. Sim, eu sei. Como está a temperatura? A subir cada vez mais. Olá, rapaz. O que se passa contigo? Oh, eu? Bem, sabes, estou com esta coisa no peito. É o que tu significas para mim. Não sei o que tu significas para mim.

Mickey? Bem, diz olá a toda a gente, não escolhas apenas um aí. Talvez devêssemos dizer: Olá, Mickey. Como estás? Quem me dera que te sentasses quieto.

PARTICIPANTE: Desculpa, Mickey, mas estava a tentar ficar confortável.

MICKEY: Bem, devias perder peso.

PARTICIPANTE: Sinto muito, quem me dera poder. Acho que não tenho força de caráter para fazer dieta.

MICKEY: Já vi algumas destas pessoas antes, mas não todas. Não tinha visto aquela senhora naquele sofá, aquela senhora grande. Ela não é inglesa, pois não?

PARTICIPANTE: Não, não é.

MICKEY: Há três ou quatro pessoas ao redor dela que obviamente também não o são. Acho que uma delas deve ter morrido de forma muito trágica. As pessoas tentam, então. Sim. Ela teve uma vida difícil.

PARTICIPANTE: Sim, teve.

MICKEY: Não consegues falar por ti própria, então?

SENHORA ESTRANGEIRA: Não consigo falar inglês.

MICKEY: Oh, valha-me Deus (*blimey*). Nós traduziremos. Traduziremos mais tarde. Há um cavalheiro ali que partiu tragicamente e que vem ter com ela. Está certo? Ela tem uma foto dele, não tem?

PARTICIPANTE: Sim, tem.

MICKEY: Sim, bem, deixa-me dizer-te, porque ele está aqui. Ele diz que ela a colocou ali. Ela carrega-a sempre consigo porque o amava muito. Sim, amava. E ele morreu muito de repente. Sim. Não houve aviso. Aconteceu tudo muito rápido. Diz-lhe o que eu digo, porque se ela não entender, bem, sabes. Ele diz-te que é uma mulher que morreu tragicamente, e tu és uma mulher. Sim. Sim. Ela pode dizer "sim", Mickey. Ela não pode dizer "sim"?

PARTICIPANTE: Ela acabou de o dizer.

MICKEY: Oh, disse? Vou dizer "ja", então. Não, não vou dizer "ja". Ja, ja. Isso significa "sim" em alemão, não é? Pois é. Ela agora não fala nada de inglês, então?

PARTICIPANTE: Não, não fala. Ela está a tentar aprender. É um problema, não é?

MICKEY: Mickey, consegues trazer o cavalheiro para falar com ela na língua dele? Se ele está lá, como dizes. Aproxima-te, amigo. Aproxima-te. Alguém a tentar falar. Esperem. Ainda estou aqui. Há uma multidão de pessoas. Valha-me Deus. Para que é que estais a fazer isso tudo? Bem, eles

não vão usar palavras assim. Valha-me Deus. Não o consigo evitar, Mickey. Estou com tosse e constipado. Não te concentres demais, Mickey. Vai para outra pessoa e volta depois. Joyce? Joyce? Alguém me pode falar da Joycey. Ei, o que é que disseste? Oh, ela não está aqui. Não, não vou. Não, mantém a boca fechada, por favor. Vamos, Mickey. Vamos resolver isto. Cala-te.

Já chega de te deixar preocupar, meu bebé. Vamos lá, este é bom. Tenta estabelecer uma ligação adequada com alguém e depois começas a andar, eh? Aproxima-te, amigo. Este é o meu lugar favorito onde te conseguimos ouvir. Olá? Sim? O meu nome é Alan, não Alan. É Alan? Sim, aqui fala o Alan. Quem é o Alan? Ricky, sim. Vamos lá, fala alto. Ele quer falar contigo. Sim, senhor. O senhor é "Sir"? Quero falar com a mulher dele. Sim, esse é o Sr. Alan. Sir? O que quer dizer? Estou aqui, senhor. Sim, consigo ouvir-te. Espera, ele está a tentar com muita força.

Ele está tenso. Espera. O teu nome é Howlett?

SRA. HOWLETT: Sim.

ALAN (SIDNEY) HOWLETT: Quero falar com a minha mulher.

MICKEY: Ele quer falar com a mulher, não para de dizer isso. Senhor, está com alguém? Estou aqui, senhor. "Não consigo ouvir-te", diz ele. Estou aqui. "Não consigo ouvir-te. Não consigo ouvir-te." Sinto muito, estou tão sem palavras. Estás? Sim. Estás com alguém? Estás sozinha? Tu és o quê? Mãe. Tu és a mãe dele? Ele não quer falar comigo, ele importa-se? Não sei o que ele está a dizer. Por que não? Ele não está a dizer o que eu quero que ele diga. Por que não? Continuem a falar, continuem a falar. Senhor? Senhor, está aí? Bom. Estás feliz? Sim. Estás feliz, senhor? Sim. E com quem estás, disseste? Senhor? Ele parece ter grande dificuldade. Estou a tentar desesperadamente ajudá-lo. Acho que tudo isto deve ser muito novo para ele. Não, deve ser novo, é novo para mim também. É por isso que não consigo manter uma conversa, peço desculpa. Ele tem várias pessoas com ele. Quem? E também um jovem está aqui com ele. Quem está com ele? Um jovem? Um jovem. Não sei. Espera. Oh, Cristo.

O que está a acontecer? Bem, espera um momento, estou a tentar resolver isto, companheiro. Vês, ele está tão ansioso por estar contigo a falar, a tentar falar contigo, que acha difícil. Ele está todo tenso, claro, mas há várias pessoas com ele e uma, acho eu, deve ser a mãe dele.

SRA. HOWLETT: Isso é possível.

MICKEY: E também há um holandês aqui. Sabes alguma coisa sobre um holandês?

SRA. HOWLETT: Não, exceto quando lá chegar e algo do género. Eles eram holandeses? Sim.

MICKEY: Bem, há algumas pessoas holandesas aqui além do teu marido, companheira. Tu tens a mente fixa numa só pessoa, não tens? Sim. Eu vou ajudar. Não, bem, não, estou a tentar alargar isto, pois ele tem outras pessoas com ele. O que devo dizer? Alguém me pode ajudar? Tu não podes responder a isso. Não sei quem é. Importa? Pelo menos alguém está a tentar. Sim, maravilhoso. Não consigo fazê-lo sozinho, por isso tenho-te a ti. Tenta ajudá-lo. A tua voz ajuda. Sid, conheces o Sid?

SRA. HOWLETT: Sim, conheço o Sid. Era o meu marido. Sidney. Sid.

MICKEY: Sim? Bem, é ele que está a tentar... Sim, eu conheço o Sid. O homem de Howditch [Howlett]. Sim? Bem, é o Sid, é o Sid Howlett. Sim? E ele está aqui com um pequeno grupo de pessoas, parentes, pessoas que estão aqui, algumas delas há anos. Sim? E há uma senhora aqui também, que não partiu há muito tempo. Sim? Que vem ter contigo com grande amor e carinho. Quem é que tu tens...? E sabes quem é a Edith? Como é que encontraste a Edith? Sim. Há uma senhora muito doce que diz que deseja ser lembrada por ti, e o nome dela é Edith. Ou Edith. Não tenho muita certeza, mas ele tem uma tia velha de quem gostava muito, e eu vi-a. Ela era a Edith, mas ela... Ela era chamada Mary, geralmente. Não, esta senhora não é a Mary. Não, ela é a Edith. Ela é a Edith. Mas acho que ela era chamada... ela era chamada Mary. "É das tias que eu queria que falasses". É disso que estás a falar. Sim, eu sei. Estou a tentar ser educado.

SIDNEY HOWLETT: Sinto tanta dificuldade em falar. Consegues ouvir-me?

SRA. HOWLETT: Oh, consigo ouvir-te muito melhor agora.

SIDNEY HOWLETT: Gostaria de ter conseguido melhor, mas só queria que soubesses que estive aqui hoje, e que te envio todo o meu amor.

SRA. HOWLETT: Muito obrigada. Estás instalado? Estás agora instalado onde estás?

SIDNEY HOWLETT: Sim, estou bastante satisfeito no momento. Instalado? Instalado, sim, estamos instalados. Tu mudaste-te neste último ano, mais ou menos?

SRA. HOWLETT: Não, eu casei-me de novo, o que é, suponho, uma espécie de mudança também.

SIDNEY HOWLETT: Espero que sejas feliz. Espero que fiques mais instalada como estás. Mas sabes, não sei se percebes que estou muitas vezes contigo. Estou muitas vezes contigo.

SRA. HOWLETT: Sim, eu percebo. Muitas pessoas estão muitas vezes comigo, eu sei. Tu estás muito mais claro agora do que estavas no início.

SIDNEY HOWLETT: John. John. Hmm? John. O que se passa com o John? Preocupo-me um pouco com o John. Como está o John? Como é que ele vai ficar? É isso que estou a dizer. Estou bastante preocupado com o John. O que achas do John?

SRA. HOWLETT: Eu não sei bem. Estamos todos preocupados com ele. Mas não há muito que possamos fazer por ele.

SIDNEY HOWLETT: Estou muito apreensivo em relação ao John. Ele não está nada bem, sabes.

SRA. HOWLETT: Não, ele não está nada bem.

SIDNEY HOWLETT: Eu tive dois médicos a tentar ajudá-lo deste lado, mas de alguma forma não creio que se possa fazer muito. Não, não. Não quero dizer, mas sinto apenas que ele se juntará a nós muito em breve. Sim, dá-lhe as boas-vindas quando ele se juntar a nós, porque ele tem muito medo. É o que tenho feito nestes últimos meses, tentando ajudar o John porque ele precisa de ajuda. Sim. Mas sabes, acho que ele pode vir para cá antes do ano acabar.

SRA. HOWLETT: Sim, nós temos receio disso, senhor.

SIDNEY HOWLETT: O que estiveste a fazer ao teu cabelo?

SRA. HOWLETT: Fui ao cabeleireiro ontem. Foi uma boa noite.

SIDNEY HOWLETT: Bem, está bem, mas parece um bocado diferente, de alguma forma.

SRA. HOWLETT: Não propriamente, não em relação ao último ano ou assim, creio eu.

SIDNEY HOWLETT: Quem me dera poder falar mais contigo. Só quero que saibas que estou aqui por ti. E espero mesmo que fiques mais instalada e

feliz agora. Bem, talvez da próxima vez possamos falar outra vez. Eu não pensaria muito nisto. Foi bom. Mas tu podias ter ficado com o relógio.

SRA. HOWLETT: Eu podia ter ficado com o relógio. Porquê? Ele foi para a Marguerite, não foi?

SIDNEY HOWLETT: Eu sei, mas acho que eu não o teria guardado, mas claro... Tudo bem. Não importa se fizeste isso. Quero dizer, mas noto que nunca o usas agora, por isso tenho a certeza de que o deste.

SRA. HOWLETT: Eu destroco-o se tu quiseres.

SIDNEY HOWLETT: Oh, querida, não te incomodes. Não te esqueças de mim, por favor. Sabes que ainda te amo.

SRA. HOWLETT: Eu não te esqueço, nunca te esqueço. Eu amo-te.

SIDNEY HOWLETT: Tu não perdeste uma das minhas filhas, pois não? Mas tu és o meu amor, minha querida. Vais-te embora agora? Ficaste molhada outra vez, então, não ficaste?

SRA. HOWLETT: Sim, fiquei.

MICKEY: Isso foi maravilhoso. Eu não sou realmente a Sra. Howlett, pois não? Não, mas o ponto é, vês, que isto é quase de rir, mas vês, ele tem-te sob controlo, sabes; mas ele está muito preocupado com aquele John, porque todos parecem achar que ele está num estado bastante mau, e sentem que ele poderá juntar-se a eles muito em breve.

SRA. HOWLETT: Sim, sim.

MICKEY: Espero que sejas feliz com o teu novo marido.

SRA. HOWLETT: Sou, sou, muito obrigada.

MICKEY: Suponho que de certa forma é um elogio para aquele que está aqui, quando te voltas a casar. Bem, porque é uma daquelas coisas, não é? Quero dizer, às vezes apanhamos pessoas que já tiveram três deles, e suponho que algumas pessoas digam: "bem, com qual deles deverei ficar quando 'bater as botas'?" Podes não ficar com nenhum, porque depende de quão grande era o teu amor, não é? Oh, bem, tu não me ouves, pois não? Era Balbo. Sim. Bem, alguém aqui com um nome engraçado como Balbo ou algo parecido.

SRA. HOWLETT: Sim, exato. Balbo.

MICKEY: Balbo? Balbo. Um nome engraçado, não é? Isso não é inglês, pois não?

SRA. HOWLETT: Não, não é nada, na verdade.

MICKEY: Nada? O que queres dizer com "nada"?

SRA. HOWLETT: É um nome de criança. Um nome antigo.

MICKEY: Bem, há uma piada a correr aqui com alguém, e estão a rir-se que nem uns perdidos sobre isto, e dizem: "o que é que te levou a escolher isso?". Sim, bem, não sei por que escolheste isso. O quê? Não sei por que escolheste isso. Nome engraçado. Inventaste-o. Sim, mas qual é o objetivo?

SRA. HOWLETT: Bem, não sei. Parece interessante.

MICKEY: Perdão?

SRA. HOWLETT: Parece interessante.

MICKEY: Sim, mas não é real. É fictício, não é?

SRA. HOWLETT: Sim, exato.

MICKEY: É um nome estúpido, na verdade, não é?

SRA. HOWLETT: Oh, nunca pensei nisso.

MICKEY: Qual foi a tua razão para isso? Qual foi a tua ideia, então?

SRA. HOWLETT: Bem, houve uma razão para isso.

MICKEY: Sim, mas não estás a dizer qual é a razão.

SRA. HOWLETT: Bem, foi uma coisa política.

MICKEY: Política?

SRA. HOWLETT: Sim. Era um grupo judeu do nosso lado, e eles queriam mudar os nomes quando se juntassem ao Exército Britânico. Para que pudessem ser tratados como prisioneiros de guerra e não como ex-judeus alemães.

MICKEY: Assim consegues uma visão melhor desse modo, como prisioneiros de guerra. Bem, tudo o que sei é que se passa um cenário extraordinário ao redor de vós duas, tu e a tua companheira. Porque há várias pessoas aqui que obviamente não são inglesas, estão a usar nomes peculiares, como este negócio do "Bilbo", e depois isto tem algo a ver com um campo de concentração.

SRA. HOWLETT: Sim.

MICKEY: Alguém aqui que morreu num campo de concentração.

SRA. HOWLETT: Sim.

MICKEY: E há alguém aqui chamado... Carl? Carl? Carl, Christian Carl. Carl?

SRA. HOWLETT: Sim. É o tio da Austrália [ou da Astrid].

MICKEY: Sim, e Anna. Anna, essa sou eu. Sim, e estão a falar sobre este campo de concentração. Aquela senhora, sabes, ela perdeu três pessoas, uma a seguir à outra, que tu trouxeste contigo. Sim.

MICKEY: Todos caíram como pinos de boliche, um atrás do outro. Assim que uma tragédia terminava, outra começava. Sim, é verdade. Ela é toda uma personagem, a tua amiga, não é? Sim, é. Mas sabes, ela é muito independente, apesar de tudo. Sim, ela é. Ela tem uma bandeira, não tem? Sim. Mas ela está a fazer algo a essa bandeira. Houve algum problema ali também. Ela tem tido problemas com isso. Sim, creio que sim. Ela é nova nisto tudo, não é? Não, não é. Ela vai voltar para a Alemanha, não vai? Ela vai voltar. Ela está aqui de férias. Sim, agora mesmo. Ela também tem algo de errado fisicamente. Sim. Ela está a fazer tratamento lá. Está a fazer tratamento lá? Ela não está a apanhar ar nenhum? Bem, suponho que possas chamar a isso tratamento, não é? Eu gosto dela, mas tenho pena dela de certa forma. Não sei como dizer. Quem me dera poder falar alemão. Bem, eu disse-lhe que era uma mulher, mas ela não percebeu nada disso. Consegues ouvir-me, amor?

ASSISTENTE: Sim, consigo.

MICKEY: Eu gosto de ti. Agora, não vou fazer profecias ultrajantes, mas tu vais receber uma ajuda tremenda com as tuas costas. Sim, de facto. Tu tens uma condição na coluna, não tens?

ASSISTENTE: Sim, tenho.

MICKEY: E fizeste raios-X, e chegaram a uma conclusão sobre algumas injeções?

ASSISTENTE: Sim, fiz raios-X e tive de levar algumas injeções depois também.

MICKEY: Mas sabes, vou arriscar aqui uma coisa, companheira, queres? Sabes o quê? Por que não consultas um bom osteopata? Achas que seria uma boa ideia? Acho que seria um osteopata do caraças, companheira. Desculpa

dizer isto, mas para ser honesto, não estou a brincar contigo. Estou convencido de que um bom osteopata te faria mais bem do que todos os médicos.

ASSISTENTE: Sim, e sabes, acho que tens razão. Eu estava a pensar ir a um.

MICKEY: Bem, não sei se vale a pena tentar, companheira. Não perdes nada com isso. Mas dizem-me para te dizer que tu tens algo fora do sítio. E é isso que se passa contigo. Os médicos não o vão resolver. Vão andar ali a enrolar-te e não vais chegar a lado nenhum. Se encontrares o osteopata certo, ele põe-te bem. Tu deslocaste algo. Sim. Na tua coluna, companheira.

ASSISTENTE: Sim, acho que tens toda a razão. E acho que está fora do sítio há muito tempo.

MICKEY: Tempo demais, se me perguntares a mim, porque passaste pelas brasas por nada. Bem, não importa se é na África do Sul ou em Londres, não é? Há bons osteopatas em todo o lado. Mas para quê esperar? Se ela tem tempo aqui, pode ir a um bom osteopata. Espera... Oh, Cristo. Alguém cometeu suicídio ligado a ti.

ASSISTENTE: Sim... Oh, pergunto-me, sim. Não terá sido connosco.

MICKEY: Sim, eu não... Não foi propriamente ligado a mim, mas foi ligado a um grande amigo meu. Tu ouviste falar disso, ficaste muito perturbada e surpresa, e houve discussões sobre isso, e tentaram encobrir um pouco a coisa também. Sim. Mas foi suicídio, porque essa pessoa está aqui, companheira.

Eu gosto de ti. Tu és muito artística, não és?

ASSISTENTE: Oh, acho que não.

MICKEY: Oh, sim, tu és. Não que tenhas feito muito em relação a isso, mas tu poderias ter sido, e tens habilidade criativa artística. Mas suponho que, como muita gente, sabes... Não propriamente. Há uma senhora muito doce aqui, que também te envia o seu amor. Ela não está aqui há muito tempo. Viveste com ela?

ASSISTENTE: Não.

MICKEY: Bem, há uma senhora aqui, e ela está a rir-se de ti, e diz que tiveram muitas piadas juntas. Tenho de fazer algo... Oh, valha-me Deus. Não me consegues dizer o nome dela. Espera um momento, não me pressiones

demasiado. Oh, sim. E ela... tu conhecias o irmão dela. Eras muito amiga do irmão dela. Está tudo bem, diz-me tu. Tu não eras casada, pois não?

ASSISTENTE: Sim, era, Mickey.

MICKEY: Sim, mas espera um momento. Oh, isto é mau. Tu podes ter sido casada, companheira, mas... tu eras de outra pessoa.

ASSISTENTE: Bem, eu sou divorciada, na verdade.

MICKEY: Bem, é isto, vês. Oh, valha-me Deus. Mas havia outro tipo, não havia? Terrível. Agora, não quero ser embaraçoso, mas se capto as coisas de ti, tenho de as mencionar. Mas há outro cavalheiro que está deste lado que era muito atraído por ti, e tu não eras atraída por ele.

ASSISTENTE: Bem, é bom saber disso.

MICKEY: Quem me dera que tivesses dado um passo em frente, Vicki. Bem, se não deste, deixaste um bocado tarde demais, então. Não, não é tarde demais. Agora, não chores. Vês, tu... eu consigo dizer o que eles me dizem. Tu tiveste esta desilusão, e não funcionou, e... "Eu vou chorar", mas... não, eu quero detalhes. Martin, quem é o Martin? Alguém a quem chamas Martin?

ASSISTENTE: Não.

MICKEY: Não? Bem, então vieste ao lugar errado. Ninguém sabia disso. Ricky? Ricky, ou Rick a falar. Rick.

RICKY: Rick. Rick. Quem é que queres falar? Ricky.

MICKEY: O nome dele é Ricky. Qual é o teu nome, Ricky o quê? Há um tipo aqui a tentar agora. O nome dele é Rick ou Ricky. Com quem queres falar? Há alguém aqui com um nome como Harold?

SRA. HAROLD: Harold? Sim.

MICKEY: Sabes quem é o Ricky?

SRA. HAROLD: Não, creio que não.

MICKEY: Não o conheces? Bem, há um homem aqui chamado Richard. Rick. Richard, e costumavam chamar-lhe Rick. E ele continua a falar da Sra. Harold. Tu não és a Sra. Harold?

SRA. HAROLD: Sou a Sra. Harold, sim. Mas não me consigo lembrar de ninguém chamado Ricky no momento.

MICKEY: Então tu tens estado sentada num círculo [de desenvolvimento] há muito tempo?

SRA. HAROLD: Não.

MICKEY: Bem, isso é peculiar. O Sr. Richard, ou Ricky, diz que costumava ir a um círculo e tentava passar mensagens lá. E quanto a esta filha? É a tua filha?

SRA. HAROLD: Sim.

MICKEY: Bem, isto é tudo sobre ti então. Porque ela está aqui há vários anos, e ele diz que ela esteve na Primeira Guerra Mundial, e ele conhecia o teu marido, Rick. Acho que vou receber um beijo agora. Entra, por favor.

COMUNICANTE: Sim, sim, sim. Como estás? Consegues ouvir-me? Consegues ouvir-me, Bethany?

BETHANY: Sim, consigo. Oh, quem me dera saber mais sobre isto. Acho tão estranho falar assim. Rezo para que consiga ouvir as tuas palavras.

COMUNICANTE: Consegues ouvir-me?

BETHANY: Sim, conseguimos. Vamos lá. Tu devias ser capaz de fazer isto bem.

COMUNICANTE: Oh, vejamos. Eu sabia muito sobre isto antes de morrer, claro, mas tentar falar a partir desta caixa não é fácil. Não. É um tipo de coisa muito mais difícil. Estás acordada. Consegues ouvir-me?

BETHANY: Sim.

COMUNICANTE: A Diana está aí? Sim, a Diana está comigo. A Diana recebeu-me quando eu cheguei. Eu achei que ela viria. A Diana estava à minha espera. Eu não percebi que estava a morrer. Não. Não fazia ideia. Pareceu tudo tão repentino. Mas estou bem. Estou bem.

BETHANY: Oh, estou tão feliz. O que vais fazer? Vais ficar a falar com as pessoas?

COMUNICANTE: Sim, vou. Espero que sim. Gostaria que ficasses como estás. Acho que é o mais sensato.

BETHANY: Sim, ficarei.

DIANA: Mamã. Olá, querida. Mamã. Como estás? Oh, eu estou bem. Não te preocupes com o Papá. Não. Eu vou procurá-lo. Ele está bem. Está

tudo bem. Oh, Mãe. Estou tão aliviada. Estou tão feliz por estares de volta. E não te preocupes com o Papá. Eu cuido dele. É tudo um bocado estranho para ele ao princípio, mas ele vai habituar-se. Ele poderá vir falar contigo. Oh, quem me dera poder dar um beijo a ambas.

MICKEY: Dot. Dot. Dot? Ela tenta com muita força. Saberias de alguém cujo apelido fosse Dot?

ASSISTENTE: Dorothy.

MICKEY: Sim, Dorothy. Mas ela continua a chamar pelo apelido Dot. Tu és a Dorothy?

DOROTHY: Sim, sou.

MICKEY: Bem, ela adora-te imenso. Ela continua a chamar-te Dot.

DOROTHY: Bem, ela faria isso porque era cheia de vida.

MICKEY: Sim, ela é todo um caso. Ela morreu subitamente, não foi?

DOROTHY: Sim, foi. Sem aviso.

MICKEY: E ela ama-vos a ambas e quer que saibam que está a cuidar do vosso "velho". Ela recebeu-o quando ele passou para cá e estão todos felizes juntos. Não querem que estejais deprimidas e infelizes. A vida tem de continuar, não tem, rapariga?

ASSISTENTE: Sim, tem.

MICKEY: A tua filha... a senhora com a tua filha, William. Acabaste de tomar uma grande decisão?

PARTICIPANTE: Não que me lembre.

MICKEY: Bem, devias saber, companheiro. Eu estou a fazer o meu trabalho.

PARTICIPANTE: Estás a fazer um trabalho?

MICKEY: Não. Eu não quero realmente, mas sinto que deveria. Bem, não sei do que se trata isto tudo. Tenho de te dizer o que me dizem para saberes o que é melhor. Mas a tua irmã, deve ser a tua irmã... Ela está a rir-se. Ela diz que a Diane diz que ela [a participante] devia decidir-se sobre isto, porque fica terrivelmente aborrecida.

PARTICIPANTE: Oh, quanta razão!

MICKEY: E ela diz que ficaria muito mais feliz se chegasse a uma decisão sobre fazer alguma coisa.

PARTICIPANTE: Bem, eu gostaria de arranjar um emprego, mas é muito difícil com as crianças.

MICKEY: Espera um momento. Conheces o Peter?

PARTICIPANTE: Sim, conhecemos o Peter.

MICKEY: Na nossa família, não no nosso filho. Há uma grande preocupação aqui sobre alguém chamado Peter. Houve alguma preocupação, que saibas, sobre ele?

PARTICIPANTE: Não, não tivemos.

MICKEY: Acho que vais ter notícias. Ou são más notícias? Bem, não é exatamente mau, nem bom, mas sinto que ele precisa de ajuda. E quanto a Sussex?

PARTICIPANTE: Sim, eu vivi em Sussex.

MICKEY: Bem, o teu "velho" está a rir-se sobre o tempo em Sussex. E ele disse que foram tempos felizes. Tivemos os nossos altos e baixos, mas apanhámo-lo. Sim, tivemos. Ele é uma personagem, no entanto. Gostaria que ele falasse melhor, mas é a sua primeira tentativa, vês. Mas a Diane está a ajudá-lo.

MICKEY: Quem foi morto no acidente de carro? Diane. Há um jovem que foi trazido aqui, que era conhecido por "arruinar" o teu marido — isto é, o Nick [Sidney] aqui — e a Diane para o tornar uma causa; ele foi o rapaz que morreu num acidente de carro. Chamam-lhe... o que disseste? Graham. Não te preocupes se não o conseguires situar imediatamente.

SRA. HOWLETT: Não consigo situá-lo imediatamente.

MICKEY: Não. O teu marido interessava-se por todo este tipo de coisas, não interessava?

SRA. HOWLETT: Sim, interessava.

MICKEY: E, no entanto, ele tinha um círculo [mediúnico], com certeza.

SRA. HOWLETT: No, nós não tínhamos um círculo.

MICKEY: Bem, então por que é que ele está a falar deste círculo? Alguma vez ele foi a um círculo? A irmã dele tinha um círculo. Porque ele

não para de falar neste círculo, e disse: "poderíamos ter feito mais com aquele círculo". E ele está a falar de uma loja também.

SRA. HOWLETT: Nós tínhamos uma loja.

MICKEY: Ele está a falar de coisas do passado, vês. Ele está tão excitado. Quem me dera que ele falasse de coisas que tu queres. Por que não lhe fazes algumas perguntas? Eu vou buscá-lo de volta.

SIDNEY HOWLETT: Não sei o que dizer. Absolutamente. Bem, pareço estar bastante feliz. Fico contente por continuar da mesma forma. E a rir-me por aqui, e sem saber o que fazer a seguir, esse tipo de coisa. Mas sei de uma coisa, companheira. Se me permites dizê-lo: pensa duas vezes sobre aquele carro, companheira.

SRA. HOWLETT: Oh, sim?

SIDNEY HOWLETT: Eu vendi o carro.

MICKEY: Ele está a rir-se com o peito todo sobre isso. E diz que está muito feliz com o que aconteceu.

SRA. HOWLETT: Sim. Oh, o que disseste? Não sei. Vai buscar outro.

MICKEY: Não. Acho que tu estás a brincar com a possibilidade.

SRA. HOWLETT: Sim, bem, vou fazer o meu exame de condução.

MICKEY: Bem, ele está muito preocupado. Ele não vai andar com rodeios. Nada de encobrir as coisas. Se queres saber a resposta — Deus me livre —, ele não quer que tu compres um.

SRA. HOWLETT: Oh, não quer?

MICKEY: Não, ele diz que tem estado muito preocupado. E diz: "pensa duas vezes sobre este negócio do carro". Ele diz: "sabes, está tudo muito bem, mas tu não estás em condições físicas para conduzir carros".

SRA. HOWLETT: Sim. Eu estou muito melhor hoje. Achei que me estava a sair muito bem.

MICKEY: Bem, podes recriminar-te o quanto quiseres, companheira. Mas tu não te queres juntar a nós, pois não? Ainda não.

SRA. HOWLETT: Sim, ainda não. Quero ver um bocado mais da vida. Eu pensei que ele sempre aprovasse.

MICKEY: Aprovasse o quê? Ele não se importa que dês umas voltas a conduzir um carro. Talvez se importasse quando estava no teu lado. Sim, ele conduzia, por isso mesmo. Porque ele podia manter um olho nela. Bem, ele pode agora, num sentido, mas é muito mais difícil controlar-te.

SRA. HOWLETT: Sim, tens razão nisso.

MICKEY: Não sei, tenho de te dizer, mesmo que não seja agradável, ele não está feliz com esse negócio do carro contigo. Talvez quando estiveres mais instalada e tiveres superado este processo, as coisas fiquem bem. A tua filha... tu não te importas que eu conte à tua mãe sobre isso, pois não? Não. É necessário, não é? Eles não estão a brincar contigo. Oh, valha-me Deus. Então tu tens dois filhos?

SRA. HOWLETT: Três, sim.

MICKEY: Um de cada?

SRA. HOWLETT: Sim.

MICKEY: Porque o pai da tua tia está a rir-se sobre o "pigeon pair" [par de pombos - expressão para um casal de filhos, um rapaz e uma rapariga]. Oh. Bem, essa é uma expressão estranha.

SRA. HOWLETT: Por que é estranha? Oh, "pigeon pair", ele não tem nenhum para mim. Desculpa. Tu terias, não é? Bem, ela está a velar por ti, sabes, não pelos teus sobrinhos.

SRA. HOWLETT: Sim, achei que provavelmente estaria. E, no entanto, eles não são assim tão pequenos, pois não?

MICKEY: Não. Um tem cerca de 14 anos?

SRA. HOWLETT: Não. Bem...

MICKEY: Não, ela tem 11.

SRA. HOWLETT: Oh, vamos lá. Ela é um bebé, sim, é adorável dizer.

MICKEY: Oh, tu provavelmente ainda queres pensar nela como um bebé, companheira. Sim. Eu pensei: "bem, mantém-nos como bebés, tu não és assim tão velha, pois não?".

SRA. HOWLETT: Não. Obrigada.

MICKEY: Agora, eu já me ri, mas isso ajuda com a minha paciência. Ajuda uma parte, sabes. Bem, o teu marido, abençoado seja, está tão

emocionado e feliz porque vieste, e com a tua filha. E ele só quer que saibas que está perto de ti.

SRA. HOWLETT: Que bom. Estou tão satisfeita.

MICKEY: E ele diz que tu tiveste um problema com uma chave no outro dia.

SRA. HOWLETT: Sim, tive.

MICKEY: Ele está a rir-se de ti. Sim, está a rir-se.

SRA. HOWLETT: Eu tive.

MICKEY: Ele diz que tu estavas a remexer e a desajeitar-te.

SRA. HOWLETT: Sim, estava.

MICKEY: Tu estavas possessa. E estavas a ficar tão irritada com aquela maldita chave.

SRA. HOWLETT: Sim, essa é a minha expressão.

MICKEY: E ele está a rir-se, diz ele, porque tu conseguiste.

SRA. HOWLETT: Sim, consegui. Sim, consegui.

MICKEY: Vês... Como estás? Sou eu? Oh, "passo à parte". Esse devo ser eu. Oh, estou bem, obrigado. Além dos ombros tortos. Fiz-te uma pergunta muito complicada... bem, não é uma pergunta complicada. Sabes, acho que tu és a tua própria inimiga.

PARTICIPANTE: Achas que sim?

MICKEY: Bem, de certa forma. Desculpa dizer isto.

PARTICIPANTE: Oh, não te importes, continua.

MICKEY: Alguém aqui diz, sabes, que tu o preocupas por seres demasiado direta (*forthright*).

PARTICIPANTE: Oh, credo. Não se deve ser honesto?

MICKEY: Bem, ser honesto é uma coisa. Mas depende de como estás a ser honesta com ele. Bem jogado, Mickey. Quem tens aí desse lado que eu conheça? Bem, não forces muito, querida. Mas há alguém aqui a dizer que está muito ansioso para que evites problemas. Porque parecem sentir que, sabes, tu tens boas intenções, queres ajudar as pessoas, dar conselhos quando

necessário. Mas há alguém ao teu lado, e eles não querem ver-te, bem, numa posição peculiar sobre as coisas, sabes?

PARTICIPANTE: Oh, podes dizer um pouco mais sobre isso?

MICKEY: Sim. Não, não, não digas. Está na nossa conversa, companheira. É uma coisa engraçada. Já ouvi esse nome antes. Howie. Howie. Howie. Cala-te. Deve ser complicado. Sim, é muito complicado. Não sei. Deve haver todo este problema. Bem, é um bocado difícil porque continuo a receber três grupos de pessoas com um nome semelhante. Há Howie... e há Howie. Não sei. Não quero voltar a isso. Como se houvesse uma pequena festa secreta. Que tal isso? Alguém começa a viver, não começa? Não, tu és simpática. Eu gosto de ti.

PARTICIPANTE: Oh, isso é gentil da tua parte.

MICKEY: Alguma vez viste o "Círculo"?

PARTICIPANTE: Hum, não. Bem, esta é a segunda vez que venho. Sempre quis.

MICKEY: Bem, não sei porquê. Sei que isto não é tudo, por isso nem sempre é importante, mas sinto muito poder ao teu redor, e acho que recebes muitas impressões, e tu possivelmente pensas que é a tua imaginação, mas não é. Se ao menos percebesses que és muito mais psíquica do que pensas.

PARTICIPANTE: Bem, não és a primeira pessoa que diz isso, Mickey.

MICKEY: Acho que devias transmitir essas impressões e coisas que recebes, porque seria um benefício, uma bênção e uma ajuda para as pessoas.

PARTICIPANTE: Bem, eu tento.

MICKEY: E a tua mãe está aqui.

PARTICIPANTE: Oh, a minha mãe está aqui? Olá, mãe.

MICKEY: Espera um momento. Sim. Oh, valha-me Deus. Agora vamos ter problemas. Espera. Olá? Vamos lá. Quem és tu? Quem és tu? Eu estou bem. Como estás tu? Não consigo perceber o que ela está a dizer. Sim.

MÃE: Não tenho a certeza se consegues ouvir o que estou a dizer.

PARTICIPANTE: Sim, consigo. Como estás? Oh, eu estou bem.

MICKEY: Está ele? Está ele? Não vais precisar de me dizer o que ela está a dizer? Sim. Como tens passado?

PARTICIPANTE: Tenho passado muito bem, obrigada, tirando o meu ombro. Mas como estás tu?

MÃE: Eu estou bem. Bem... bem... bem...

MICKEY: Como estás? Fine. Como estás? Paul... Pauline?

PARTICIPANTE: Sim, essa é a minha irmã.

MICKEY: Não é o Paul? Pauline, sim. Bob... Bob? Bob? Disseste Bob... Bob? Acho que... Bob? Bob? Não consigo pensar num Bob no momento. Ora, espera um momento! Não é uma pessoa, de todo. É um cão, companheira. Um cavalheiro aqui tem este cão. Eu não sabia de quem estava a falar o cão ao princípio. Há um cão, um cão grande, sim. Chamado Velho Bob.

PARTICIPANTE: Velho Bob?

MICKEY: Sim. Um cão adorável. Oh, adorável. Uma coisa adorável e peluda, ele é.

PARTICIPANTE: Não me consigo lembrar do Velho Bob no momento, mas...

MICKEY: Não, está tudo bem. Não te preocupes, querida. Hum... eu sei que ela não tem a certeza. Não tenho certeza se estamos no caminho certo. Tens a certeza? Tens a certeza? Não, ela diz que a mãe dela é escocesa. Bem, é um escocês muito bom. É a sogra dela? A sogra dela? Poderia ser. Não sei se alguém ouviu. Do que estás a falar? Nada. Nada. Acho que estás bastante perturbada. Tudo bem. Sabes, tu és um grande marido, tu és.

PARTICIPANTE: Sou? Gosto de ti, no entanto. Tu és um tipo decente. Nós trabalhamos juntos.

MICKEY: O quê? Estás a fazer malabarismos? Nós ensinamos. Somos ambos professores.

PARTICIPANTE: Oh, querido. Sois mesmo? Sim.

MICKEY: Não digas a ninguém, ouviste? Como é que estás a passar aí em cima, enfim? É tempo de começar o processo. Sim. Acho que isto ficou uma grande confusão. Sim, está um bocado baralhado aqui. Sim. Vês, tu estás a ter muitos problemas aí em cima, não estás? Bem... temos mais alguém vindo de ti também. Aqui em baixo, creio. Aqui em baixo, sim. Mas nós somos os problemas, não somos? Eu estou sempre... Bem, agora espera, querida. A tua amiga ali, ela é... oh, Deus. Bem, é mau, não é? Oh, ela não é

má, na verdade. Não disse que ela era má, também. Não é preciso ser mau para ser um problema, sabes.

PARTICIPANTE: Não, tens toda a razão.

MICKEY: Metade das pessoas com os maiores problemas são os "santinhos" (*goody-goodies*). Sim, isso também é verdade. Eu não posso ser um problema. Oh. Oh, meu Deus. Sim, é todo um trabalho, tipo, planear quem é quem, o que é o quê.

PARTICIPANTE: Deve ser todo um trabalho.

MICKEY: Que outras ligações têm algum... deve haver centenas de pessoas. É muito experiente, não é? Oh, Deus. O Mickey diz sempre adeus, ou às vezes ele simplesmente é ele próprio? Oh, ele diz sempre adeus, sim, e geralmente não o faz. Ele ainda está a trabalhar, no entanto, não está? Hmm? Alguém lhe disse. Brandy. Brandy.

BRANDY: Brandy? Brandy. Brandy. Brandy. Aqui estou eu. Este é o Brandy. O meu nome é Brandy. Estou muito satisfeito, quem quer que sejas. Aqui fala William Grandy. William Grandy. Oh. William Grandy. Aqui fala William Grandy. Bill Grandy a falar. Bill. Hum... olá, olá, olá. Sinto imenso não conhecer o Bill Grandy, que deve ser um parente do meu pai, mas eu...

WILLIAM GRANDY: Eu sou o William Grandy. William Grandy. Eu seria o teu tio-avô. Ah. Estou aqui com a Emmett. Estou aqui com a Emma. Emma. Ah, isso é... E o meu pai disse... não sei se me consegues ouvir.

PARTICIPANTE: Consigo ouvir-te. Acho isto tudo muito confuso, mas só queria deixar-te saber que estamos todos aqui.

WILLIAM GRANDY: Obrigado. Estou aqui com o teu pai. Sim. Eu sou o William Grandy. Estou aqui com a Emmett. A minha mulher.

PARTICIPANTE: A tua mulher. Muito obrigada, William Grandy, meu tio-avô. Eu não te conhecia, mas fico tão feliz por teres conseguido vir com todos os outros. E tu és alguém novo para mim, vês. Por isso, estou feliz.

FLORENCE: Florence. Aqui fala a Florence. Florence. Aqui fala a Florence Grandy. Florence Grandy.

PARTICIPANTE: Florence Grandy. Não conheço a Florence Grandy.

FLORENCE: Sei que não conheces, minha querida. Não há razão para que conheças. Mas estamos todos aqui. Eu sou a Florence. Tia Florence. Tia. Sim. Estou aqui com o teu pai. Estão todos juntos, sabes. Sim. Tu sabes. Ah.

PARTICIPANTE: Muito obrigada por tentarem vir.

MICKEY: Na igreja. Na igreja. Isso é igreja? Sim. Quero dizer, não tenho a certeza de... mas... tu sabias que há um grupo de pessoas chamado Grandy, parentes ligados à tua família, ao teu pai, e que um deles é um membro da igreja, ele era um clérigo?

PARTICIPANTE: Eu não sabia.

MICKEY: E que um deles, aliás, há todo um grupo deles enterrados juntos no mesmo adro da igreja onde este homem tinha sido pároco.

PARTICIPANTE: Isso bem pode ser, mas já foi há tanto tempo que eu não saberia, vês. Eu mudei-me da cidade natal do meu pai. Mas terei isso em mente e farei algo, por amor a eles. Aqui, tu foste para uma escola especial de raparigas?

PARTICIPANTE: Bem, eu estive em tantas.

MICKEY: Porquê, estavas assim tão necessitada de educação? Se tiveste de ir a tantas, eles já não te aguentavam.

PARTICIPANTE: Oh, sim, estava sempre a mudar-me.

MICKEY: Oh, suponho que se devia ao facto de os teus pais andarem em movimento.

PARTICIPANTE: Exato.

MICKEY: E tu tinhas de ir para diferentes escolas onde eles te pudessem "estacionar".

PARTICIPANTE: É mesmo isso. Eu andava por todo o lado, sim.

MICKEY: Eu não andava. E por que é que alguém com quem tu te ligas parece assim, que esteve na Índia? Bem, eu não sei realmente.

MICKEY: Tu não sabes muito sobre o teu grupo, então? Não, pois não sabes. É uma família estranha. Alguns foram para a igreja, outros para o palco. Isso é interessante. Tu não sabes muito sobre a tua gente, pois não?

PARTICIPANTE: Não muito, vês, porque desde muito jovem que não tenho contacto com eles.

MICKEY: Mas isso não importa. O facto de estarem todos juntos é bom. Nota bem, não há razão para te apoquentares, de certa forma. Por que haverias de o fazer? Quero dizer, afinal de contas, podes escolher os teus amigos, mas tens de aguentar os teus parentes, não é? Mas fico muito contente por haver pessoas interessadas nestas reuniões. Eu só estou a brincar. Mas o ponto é que as relações de algumas pessoas são muito próximas e queridas. Isso é diferente. Mas há sempre muita gente que é atraída e se junta num grupo. E tu perguntas-te por que é que alguns se dão ao trabalho. Mas, claro, há uma razão por trás da maioria das coisas, não há?

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Tu vieste com o "Little Tubby"? O quê? Quem é o "Little Tubby"? Bem, acho que ele quer dizer que vieste com a senhora ao lado daquela perto da lareira.

PARTICIPANTE: Oh, não. Eu estou com duas senhoras ao meu lado no sofá.

MICKEY: Oh, sim? Já falaste um pouco com elas, vês. Oh, as senhoras alemãs? Exato. Oh, estou a ver. Sim, estamos sempre juntos, vês. Oh, suponho que sim. Mas estou feliz por dar as boas-vindas a qualquer um. Tu não vives muito no estrangeiro, pois não?

PARTICIPANTE: Já vivi. Agora não.

MICKEY: Suponho que não te faltem pessoas. Tu andaste a "flirtar".

PARTICIPANTE: Bem, não, isso foi quando eu estava a trabalhar. Eu estava a trabalhar quando vivia no estrangeiro, vês. Agora não. Não me faltavam pessoas quando trabalhava no estrangeiro.

MICKEY: Aquela outra senhorinha ao teu lado, que veio com um "cubby". Ela é uma senhora doce, não é?

PARTICIPANTE: Fico feliz que te refiras àquela do meu outro lado. Mas eu às vezes prego-te partidas.

MICKEY: É verdade, minha querida. Sou eu. Deve ser adorável. Bem, e eu sou teu amigo. Sim. Há muita gente, por isso deve ser realmente doce. Sim, tu és doce, Ricky. Nunca ouvi isso antes. Bem, é simpático, não é? Ele está muito gentil hoje, não está, Ricky? Bem, acho que é simpático ser "rechonchuda", sabes.

RICKY: Oh, obrigada, Ricky [Mickey]. Quero dizer, são tantas pessoas, sabes. É tão divertido. Faz-te sentir muito melhor. Parece uma colher. Estás quieta.

MICKEY: Bem, desculpa, Ricky. Eu posso mover-me às vezes. Bem, não sejas mexida, Sra. Ricky. Quem é a Ricky? Eu não. A Sra. Ricky. Bem, o meu nome é Ricky e eu sou "Sra.", mas não sou a "Sra. Ricky", se me entendes.

MICKEY: Mas tu não te importas que eu te chame Ricky, pois não, senhora?

PARTICIPANTE: Não, não. Podes chamar-me o que quiseres, Mickey.

MICKEY: Oh, eu não faria isso. Por que não? Bem, seria indelicado, não seria? É isso que pensas de mim? Não, acho-te muito simpática. Gosto de pessoas simpáticas. Dou-me muito bem com toda a gente. A sério. Ocasionalmente apanha-se um ou dois que não são tão bons. Mas é preciso todo o tipo de gente para fazer um mundo, não é? Se não fosse assim, nunca conseguirias lidar com as coisas, pois não? Quem me dera poder falar com as outras pessoas, no entanto. É uma pena. São pessoas simpáticas, só isso. Mal posso esperar para "me casar com eles" [no sentido de união espiritual]. Muito bem. O quê, estás a mudar a roda, companheiro?

PARTICIPANTE: Bem, acho que o meu amigo está a tentar interromper no escuro. Não sei se está a gravar ou não, vês.

MICKEY: Estou numa máquina. Sim, mas não estamos preocupados porque teremos uma cópia. Estás a mudar as rodas, estás? Sim, e ele está a tentar colocá-la. Mas teremos uma cópia do teu médium, do Lesley Flynn [Flint]. O que seria melhor. Eu não teria uma cópia, teria? Tenho a certeza, porque a minha provavelmente já se gastou no escuro sem ninguém saber. Aquela outra senhora, ela vem de França, não vens?

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Lembro-me de ti e da tua companheira. Sim, no ano passado. Sim, senhoras "posh" [chiques]. Oh. Não é num Monte Carlo ou algo assim? Bem, pode ser, sim. Pode ser, é? Pode, sim. Isso deve ser muito simpático se puderes pagar. Oh, certo. Não é a mesma coisa aqui, no entanto. Pois não? Eu não saberia nada sobre isso. O dinheiro não é nada. Não. É o que tu fazes com ele que conta. Sim, isso não é verdade. Algumas pessoas são "unhas de fome",

sabes. Bem, não me cabe a mim dizer o que as pessoas devem fazer. Mas eu di-lo-ei. Mickey, alguém aí para nós? Sim. Marjorie. Marjorie.

PARTICIPANTE: Eu tenho uma tia, Marjorie. Quem é? Oh, mas ela é tão magra.

MICKEY: Ouve, se a Marjorie quer crédito, é contigo. Não, para mim não. Marjorie ou o quê? Quem és tu? Não sei. Quem? Bertie. Bertie? Bertie para mim. Vamos lá, qual é o teu apelido? Bertie para mim. Bertie Seymour. Bertie Seymour, está ela a dizer. Soa a isso, não soa? Sim, é. Mickey, tenta trazer algumas pessoas que sejam nítidas, onde as pessoas teriam crédito. Parentes ou amigos ou alguém intimamente associado. Bem, eu só estou a tentar ajudar, Mickey. Sei que estás a fazer o teu trabalho. Olá? Deve ser para vós, duas senhoras. Conheces-me? Estou só a tentar ouvir. É Louise, é? Oh, credo, não conheço nenhuma Louise. É um nome? Não. Desculpa, o quê?

Conheço uma ligação com Louise, um nome Louise, mas não quero interromper, porque não sei. Não é francesa. E qual é a filha da tua mulher? Não sei. Por favor, diz-me Louise, imploro-te pela minha vida. Qual é o teu apelido, por favor? Julia. Não sei, isto é impossível. Fala mais alto, vamos lá. Não sei se consigo. É muito complicado, sabes. Estou aqui e a tentar falar. Sim, conseguimos ouvir-te muito claramente. É muito difícil para mim. Estou aqui em Londres e não consigo gerir. Pergunto-me qual é. Não é para nós, pois não? Mas podemos dar uma mensagem a alguém. Não sei. É complicado, sabes. O meu nome é Maurice. Maurice. Não sei se me consegues ouvir.

PARTICIPANTE: Sim, conseguimos ouvir-te muito bem. Talvez haja uma mensagem para nos dares, para alguém. Soa a Maurice.

MICKEY: Oh, estou a ver. Oh, estou a ver, desculpa. Pensei que poderiam ter-me ouvido. Bem, ouvimos, sabes. Somos aquelas pessoas francesas. Sim, mas elas não foram nomeadas. Não sei se me consegues ouvir. A tua mensagem para nós, por acaso não sei. O que é que o Maurice quer dizer? É isso que me pergunto. Talvez não fosse para nós, pois não? Não, acho que gritei sobre isso. Serei aceite? Sim, sou aceite. Sou aceite, não sou? Sim, és. Voltei. Oh, sim, é. Bem, é hora de ir. Sim, é hora de ir. Desejo vir falar convosco. Só consigo falar francês. Pelo menos. Não sei como falar convosco.

PARTICIPANTE: Ele gostaria que alguém falasse com ele em francês? Tu falas com ele em francês. Diz: "Bonjour, Maurice. Louise". Sim? Louise

outra vez, é? Acho que não vou falar com ele em francês. Louise outra vez. Quem me dera que falasses dessa maneira. Amo-te, Louise.

MICKEY: Este é o Maurice, não é? É como ele. Mas nós não te conhecíamos. Imagina se tivéssemos gostado de te conhecer. Talvez pudéssemos ir. Bem, ambos. Mas não podemos. É o Maurice, então? Não sei. Bem, é engraçado. Ele fala de ti o tempo todo. Ele diz que é famoso. Oh, sim. Talvez apenas um olhar, mas eles veem-te. É tudo o que ele é. Não sabes? Eu não... não sei se isto... Quero dizer, eu deveria falar contigo. É muito difícil. Talvez eu consiga geri-lo. É apenas complicado. Estamos aqui. O Maurice está aqui. E eu estou aqui. Estamos todos aqui juntos. Olá, olá, olá. Podes fazer-me uma pergunta? Eu não tenho nada. Posso dar uma mensagem a alguém. Eu amo-te. Eu também te amo. Be rich. Deve haver dinossauros e dinossauros. Quem é esse? Quem é? Quem? Arthur. Arthur? Arthur? Fala. É o Arthur. Vamos lá. Vamos lá. Fala alto. É o Ricky. Ricky? Ricky. O Ricky está aqui. Ele vem aí. É tudo sobre o Rick. Rick. É tudo Rick. Rick. És tu? Não. Não. É o Arthur. Alguém que tu conheces. Não. Não. Ricky? Qual é aquele outro nome? Arthur Rick Arthur? Como se chamava? Arthur Rick Arthur. Sim. Sim. Sim. Sim. Ricky.

PARTICIPANTE: Podemos perguntar ao Ricky se há alguém por perto para nós?

MICKEY: Ricky? Eu sei. Eu sei. Eu sei. Só estou a brincar. Achas que vivemos lá? Sim. Sim. Só temos de esperar. Há algum inglês nas críticas dos nossos amigos no futuro? Algumas pessoas morreram, mas não vieram ter contigo. Quero dizer, não são francesas. Não. Não. Talvez ele te tenha dito isso antes, não disse? Sim, bem, está tudo bem. Eu não me importei, mas tem sido muito interessante de qualquer maneira. É notável. Foi apenas porque achámos que devíamos dizer que, sabes, não nos importávamos. Ele está muito ocupado, não está? Sim, está. Ele tem estado a tentar encontrar alguém para ti. Tu não ouviste falar dele, pois ouviste? Não, não ouvi. Vimos uma vez por ano. Não temos interesse em ouvir a nossa gente. Não importa. Tem sido interessante, não tem, para todos vós? Oh, muito interessante.

Estou apenas "amordaçada" por todos os parentes que não conheço. Esse é o problema, não é? Bem, quero dizer, as pessoas têm. Não é uma prova terrível que tu lhe possas dizer isso? Bem, seria uma tarefa que provavelmente seria muito sensato eu assumir. Sim, porque tu serias, sabes, poderias ser...

Sim, exato, porque eu não saberia o que estava à espera de todo. Não, isto é... Ele era um tio-avô, e muito claramente, sem qualquer erro. E a voz

dele era tão clara e forte, vês. Mas estou realmente muito, muito interessada que, naturalmente, devo fazer uma pequena investigação. Bem, foi engraçado sobre o John, o Peter, não foi? Sim. Bem, o suicídio. Sim, vês, o amigo dele diz que o pai dele cometeu suicídio. Eles estavam a falar sobre ter um acidente. Sim, claro. Não conseguia imaginar que estivesse lá. Não me atreveria a imaginar isso. Bem, não precisas de dizer o que eles fizeram, mas não precisas de te sentir como te sentiste.

Eu estava relaxada. Tu não sabias o que eu vi. Não, mas era óbvio. Era tanto, sabes. Sim, a única coisa que pude fazer foi dizer-lhe. Sim, e ele poderia ter sido importante. Dizer-lhe se ele passar, vês. Sim, mas não posso, porque ela gosta de pensar em Deus e no suicídio. Bem. Mas não precisas de dizer isso. Tu podes dizê-lo. Bem, podes dizer, mas... Ela acabou de passar, e ele disse: "não importa". Sim. Ela está ansiosa por se ter a si própria, mas tornou-se católica romana, está morta. Que diferença faz? Eu sei tudo com certeza. Há uma igreja católica romana ou algo assim em Stamford Hill. E suponho que tenha estado na cripta. Acho que é apenas como tu és. Estás um pouco tonta. Aproxima-te, querida. Obrigada. Vamos lá. Tu só queres falar comigo, não queres? Está tudo bem.

COMUNICANTE: Não tenho a certeza se consegues ouvir.

ASSISTENTE: Sim, conseguimos ouvir. Continua.

COMUNICANTE: Mais alto. Mais baixo. Mais baixo. Shhh. Sou eu. Continua, então. Não tenho a certeza se consigo falar. É tudo um bocado complicado. É difícil.

MICKEY: Faz parte do negócio. Conseguimos ouvir-te. Muito bem.

FERGUSON: Vou falar contigo, meu filho.

ASSISTENTE: Quem, eu?

FERGUSON: Sim. Sim, sem dúvida. Está tudo bem. Tu não me conheces. Não, não conheces. Eu ia dizer... mas quero que saibas que tenho estado por perto e tenho ido às reuniões. E acho que deveria ser útil, se puder. E estou a tentar ajudar dessa forma. Sabes, estou aqui há muitos anos. Estive aqui na Primeira Guerra Mundial. Não conheço o Fergus. Não vos conheço a todos, Fergus. Sim, está tudo bem. Não estou à espera de nada. Está tudo bem. Mas eu aceitar-te-ei. O meu nome é Ferguson. Ferguson. Inglês. Inglês. Tudo bem. Ferguson Inglês. Consegues ouvi-lo?

ASSISTENTE: Consigo ouvir-te muito bem, na verdade.

FERGUSON: Mas sabes que tu não vais ficar naquela reunião [círculo].

ASSISTENTE: Não vou? Oh, bem, não sabia disso. Mas não deveria ter tido essa preocupação.

FERGUSON: Não, não sei que horas são. Tem havido muita barulheira. Tem? Sim.

ASSISTENTE: O que queres dizer com barulheira? Na igreja ou onde eu vou? Onde queres dizer que há essa barulheira? Não me consegues ouvir?

FERGUSON: Sim, consigo. Mas tu disseste que tem havido muita barulheira. Mas onde? Não sei sobre aquela mulher, a Jessie.

ASSISTENTE: Jessie? Jessie Mason. Eu conheço-a, sim. Sei do que estás a falar.

FERGUSON: Eu sei. Tudo bem. Estou contigo. Mas eu sei que erro não cometi. Não. Tudo bem. Não sei o que vi.

ASSISTENTE: Perdão?

FERGUSON: Coisas que eu sabia que teria visto. Tudo bem. Tu viste.

ASSISTENTE: Perdão?

FERGUSON: Tudo bem. Espera aí. Já sei do que estás a falar agora. Sim, sim. Ela tem um círculo a funcionar, certo? Não é? OK. Sim. Sim. Tudo bem. Bem... Muito obrigado. Eu sei disso. Sim. Já o vi várias vezes. Obrigado. Tudo bem. Não. OK, obrigado. Ela precisa das pessoas certas.

MICKEY: Sim, eu sei. Consigo compreender isso, mas... Mas ela é a sua própria inimiga.

ASSISTENTE: Sim, eu compreendo isso.

MICKEY: Mas ela é uma pessoa simpática. Ela é demasiado dócil. Bem, o cavalheiro que está ao teu lado agora é também o teu pai. Tal como vês. Digo que o Lesley [Flint] o conhece tão bem como eu. Ei, não conhece? Ela está bem. Às vezes mete os pés pelas mãos. Sim, meteu, na verdade. Sim, meteu. Ei, é uma pena, não é? Porque ela consegue fazer uma jogada muito boa. Mas, sabes, ela precisa de ser orientada um bocadinho. O seu próprio lugar. Enfim, saberás mais sobre o que estou a falar daqui a pouco. Vou segurá-lo. Muito obrigado. Ele não é um dos ajudantes dela, pois não? Sabes alguma coisa sobre... Não creio que ele seja um dos ajudantes dela. Não,

nunca ouvi falar dele de todo. Mas, sabes, o Pete é um amigo muito próximo. Vamos lá. Vamos lá, então. Mel? Com quem queres falar?

TIA MEL: É a Tia Mel. Tia Mel? Quero que estejas aí, rapaz.

ASSISTENTE: Tudo bem.

TIA MEL: Sou eu, é a Tia Mel. Agora, eu sou a Nelly.

ASSISTENTE: Se estás bem, Tia Mel, podes dizer-me grosso modo de que lado da família és? És da minha mãe ou do meu pai? Porque da última vez que vim houve confusão quando cheguei a casa.

TIA MEL: Bem, como disseste, tenho tantos parentes, é tudo... Tudo bem, obrigada. Por que é que eles não se lembraram de mim? Não, mas eles não se lembraram da última vez que vim que a Tia Rose passou. E eles não se lembram dela. Sim, eu sei que tu és a Nelly. Não me importa. Obrigada. A tua gente não sabe que tu não és eu? Bem, são tantos, Nicky. Tu és realmente, realmente, muito da área e tudo isso. Tens tantos tipos aí, vês. Eu obtive bastantes provas da última vez. Não me interpretes mal, mas... A minha mãe não conhece a Tia Rose. Ela conhecia a Tia Ray, sim, mas não a Tia Rose. E vês, isto pode causar confusão. Mas vou deixar o jogo seguir. A tua gente está interessada?

ASSISTENTE: Er, sim, sim. Mais ou menos. Bem, as mães estão um bocado interessadas, mas é só até aí que a coisa vai.

TIA MEL: Oh. Por que é que isto me está a causar um bocado... Quem me dera poder fazer mais, mas... Enfim, foi realmente... Mas sinto sempre pena quando eles não sabem nada. Sim. Sim, sinto. É o que eu faço. Sim, estou ansioso por isso. Não. Espero que sim. Espero que sim. Oh, credo, credo. Sim. Lamento pelas duas simpáticas senhoras em França.

GINETTE SPANIER (?): Nós não nos importamos. Nós não nos importamos.

MICKEY: Mas a tua empregada, ela ficou um bocado [afetada], não ficou? O quê? A tua amiga, ela... Ela apanhou qualquer coisa.

GINETTE SPANIER (?): Sim, sim, sim. Oh, sim, a minha irmã apanhou qualquer coisa. Sabes... Por isso temos sido muito afortunadas. Sabes... Tem sido adorável. É apenas uma daquelas coisas, não é? Tem sido adorável. Mas, hum... Sabes aquele John que veio ter contigo? Ele está muito ansioso por contactar a sua patroa (*missus*).

PARTICIPANTE: Oh. Tu conheces a mulher dele, não conheces?

MICKEY: Não, na verdade era a mãe dele. Oh, é a mãe dele, é? A mãe dele, sim. Bem, não sei. Tudo o que sei é que... o John está mesmo ansioso por entrar em contacto e... Sim. Ele cometeu suicídio. Sim, isso é bastante mau. Eu sei. Continuam a dizer-me isso. Eu vou chorar. Enfim, tenho de ir. O meu amor e que Deus abençoe a todos. Dá o meu amor ao Tio Pete. Eu darei. E diz-lhe para se despachar.

PARTICIPANTE: Despachar-se? Acho que vai levar muito tempo até ele se despachar.

MICKEY: Sim. Sabes, ele podia fazer muito. Eu sei. Mas ele está enrolado em demasiadas coisas. Ele gosta demasiado da vida social. Adeus. Adeus. Adeus. Adeus. Adeus. Adeus. Adeus. Adeus. Tchau, Mickey. Adeus. Adeus. Adeus. Adeus, amor.

PARTICIPANTE (Final da fita): Oh, bem, pode-se sempre esperar por mais. Mas... acho que ele... Ele teve de ter algum tempo, creio, para resolver as coisas. Depois ele confundiu-se um bocado. Nós não sabemos qual é a diferença agora, claro. Ele tem uma voz. Ele tem uma voz. Ele deve estar bem. Não, acho que não. Eu entendo que ele não tem voz. Mas é bom ter todas as outras pessoas por perto. Bem, lá se foi ele. Foi bom, não foi? Sim.

Notas:

- *Sidney Howlett (Sid): O falecido marido da Sra. Howlett. Ele demonstra saber detalhes muito íntimos da vida dela: o facto de ela se ter voltado a casar (que ele encara com desportivismo e deseja felicidade), a ida dela ao cabeleireiro no dia anterior e o destino de um relógio que ele lhe tinha deixado (que ela deu à Marguerite).*

- *O "Contexto Alemão/Judeu": Esta sessão é historicamente densa. Mickey identifica um grupo de almas que partilham uma história ligada à Segunda Guerra Mundial, aos campos de concentração e à necessidade de mudar de nome para sobreviver ou para serem tratados dignamente como prisioneiros de guerra pelo Exército Britânico.*

- *A Previsão sobre "John": Sidney e dois médicos do lado espiritual estão a tentar ajudar um tal John, que está muito doente. Sidney prevê que ele fará a passagem antes do final do ano.*

- *Balbo/Bilbo: Mickey diverte-se com os nomes "fictícios" ou nomes de código usados pelas pessoas durante a guerra, mostrando que, no além, estas identidades perdem o sentido prático mas permanecem na memória.*

- *A "Dificuldade Técnica": Mickey, como guia, queixa-se da tosse (um efeito da manipulação do ectoplasma) e da dificuldade em manter as ligações quando os participantes estão demasiado ansiosos ou focados apenas numa pessoa.*

Conselhos Médicos e Osteopatia: Mickey frequentemente dava conselhos sobre saúde, demonstrando uma preferência por abordagens holísticas como a osteopatia em vez da medicina convencional da época para problemas de coluna.

O Grupo Alemão e a Guerra: Continua a referência ao grupo de amigos de origem alemã. Mickey menciona que uma das senhoras está a receber tratamento na Alemanha e valida pormenores sobre o seu estado físico.

A Comunicação em "Família": Esta fita mostra como o mundo espiritual se organiza por laços de afeto. Diana (filha) recebe o pai recém-falecido, e a tia Dorothy (Dot) cuida de outros familiares, mostrando que ninguém faz a travessia sozinho.

Validação de Detalhes: A referência ao "chão da casa de banho" (mencionado na sessão anterior de Noel Coward) e agora detalhes sobre Sussex e apelidos como "Dot" e "Ricky" servem como provas de identidade para os presentes.

O Perigo do Carro: Sidney (Nick) manifesta uma preocupação persistente com a ideia da esposa voltar a conduzir, alegando que ela não está em condições físicas para tal. Ele chega a dizer que a "vigiaria" menos se ela não estivesse ao volante, numa mistura de humor e proteção.

A Família Grandy: Mickey identifica uma linhagem familiar específica, os Grandy, incluindo o tio-avô William e a tia Florence. Ele fornece um detalhe de verificação muito forte: a existência de um clérigo na família e um jazigo familiar num adro específico.

Médiuns em Embrião: Mickey reforça que a participante é muito mais psíquica do que imagina e encoraja-a a confiar nas suas impressões, pois elas podem ajudar os outros.

O Cão "Old Bob": A menção de animais de estimação no além é recorrente. Aqui, um "cão grande e peludo" chamado Old Bob é identificado como estando com a família, trazendo conforto à participante.

As "Posh Ladies": Mickey refere-se às participantes (provavelmente Ginette Spanier e amiga) como senhoras sofisticadas que frequentam lugares como Monte Carlo e Paris. Ele brinca com a ideia de dinheiro, dizendo que "dinheiro não é nada, o que conta é o que fazes com ele".

Maurice e Louise: Uma tentativa de comunicação em francês que causa alguma confusão. Maurice identifica-se como "famoso" e tenta passar uma mensagem a Louise. Mickey atua como tradutor, mas a barreira do idioma e a "caixa de voz" dificultam a fluidez.

Provas Familiares: O "Tio-Avô" (William Grandy, da parte anterior) é novamente mencionado como uma prova sólida ("sem erro") devido à clareza da voz e dos detalhes fornecidos.

O Suicídio e a Religião: Mickey toca num ponto sensível: um suicídio na família de um amigo de uma das participantes. Ele menciona que a pessoa está bem, mas que há um conflito com as crenças católicas romanas ("ela gosta de pensar em Deus e no suicídio"), sugerindo que o dogma religioso muitas vezes cria barreiras desnecessárias à compreensão da vida após a morte.

Ferguson: Um soldado da Primeira Guerra Mundial que tenta passar uma mensagem sobre um círculo mediúnico e uma tal Jessie Mason. Ele menciona "barulheira" na igreja, o que pode referir-se a conflitos internos ou problemas físicos no local onde o assistente frequenta.

Tias Mel, Nelly e Rose: Uma rede complexa de parentes que causa confusão ao assistente. A Tia Mel (que também se identifica como Nelly) tenta validar a sua identidade mencionando a Tia Rose e a Tia Ray. Este tipo de detalhe é comum para distinguir linhagens familiares que se misturaram na memória dos vivos.

O "John" e o Suicídio: Mickey volta a mencionar o caso do suicídio (referido na parte anterior), clarificando agora que ele quer contactar a mãe

e não a esposa, e reforçando a necessidade de oração e ajuda para esta alma que ainda sofre com a decisão tomada.

O Tio Pete: Descrito como alguém com grande potencial espiritual, mas que está demasiado distraído com a "vida social" e os compromissos mundanos para "se despachar" no seu desenvolvimento mediúnico.

As Senhoras de França: A provável referência final à Baronesa Ginette Spanier e à sua irmã/companheira, fechando o ciclo da sessão de grupo.

DAVID SCOTT

O TRABALHO DE RESGATE

E A TRANSIÇÃO SÚBITA

DAVID SCOTT: Sim. Não é surpresa que as pessoas te ouçam. Não ouço muitos deles na "piscina" (*pool* — possivelmente referindo-se ao círculo mediúnico). Oh, acho que é um pouco novo. Sim. Como explicas isto a ti próprio? Oh, muito bem. Muito bem, de facto. Estou muito satisfeito por te ouvir falar. Não tenho medo disso. Consegues ouvir-me bem?

Está tudo bem. Podes tentar se quiseres. Achas esse tipo de fala um pouco difícil? Sabes quem costumava ver-te? Eh? Oh. Tu costumavas ouvir aquelas fitas, não costumavas? Sim. Sim. Aposto que isso te mantém bastante ocupado de uma forma ou de outra agora.

ASSISTENTE: Sim, mantém.

DAVID SCOTT: Certo. E eu também não encontro escrituras [trabalho escrito], vês. Tu escreves e deixas tudo amarrado. É isso que queres dizer? Sim. Certo. Imagino que tenhas um bocado de correspondência comigo e não recebo nada do banco. Sim, recebes. Oh, é um problema bastante grande. É um quarto considerável esse que tu tens aí. Consigo ver isso. Certo. Se te

fosses mudar — é disso que eles estão a falar —, vais ter imensa coisa para deslocar e levar todas as coisas bonitas... Sim. Sim. Isso não é brincadeira.

Bem, está tudo bem. Ei, David. Esse sou eu. Podes tratar-me por David. Foi há muito tempo agora. Pelo menos acho eu. Acho que este negócio do tempo é sempre um problema. Creio que passou bastante tempo desde a última vez que vim falar contigo. Como estás agora? Estás melhor? Oh, sim. Tu estiveste muito doente numa certa altura. Sim. Realmente ficaste em baixo. Sim. Uma operação, vês. Não sei sobre isso. Tiveste um período bastante mau. Mas estás bem agora. Sim. Tive boas atenções e os cuidados que recebes. Aposto que podias ter precisado disso. Sim. És muito bom a viajar, senhor. Muito bom. Muito bom a viajar. Vejo que o verão mal começou ainda. Até agora tenho estado muito feliz.

ASSISTENTE: O que fazes, David, desse lado?

DAVID SCOTT: Trabalho de resgate a maior parte do tempo. Tem sido o meu principal interesse. Ajudar pessoas que, muitas vezes, sabes, têm casos de AVC's ou estão em grande necessidade e estão muito próximas da terra e presas a ela, retidas por pensamentos e sonhos, sabes. E, claro, aparecem aqui alguns destes jovens, eles ficam um bocado ressentidos. Alguns deles foram tirados da terra [precocemente]. A mente deles está cheia de coisas materiais. Nem sempre é fácil fazê-los ajustarem-se e então eles agarram-se às suas casas e esse tipo de coisas, e aos pais e amigos. E aparecem algumas dessas coisas terríveis que acontecem quando as pessoas são enviadas para aqui subitamente.

É como estar no teu mundo num minuto e, no seguinte, estão fora do corpo, sabes, e ainda estão, de certa forma, agarrados ao corpo, agarrados às coisas. Como alguém morto num acidente de carro. Acontece tudo tão depressa. E antes que possas dizer "Jack Robinson", eles estão fora do corpo e conseguem ver o que aconteceu. E, ao princípio, não percebem que "estão a salvo" (*too safe*). Nem sempre assimilam estas coisas de imediato. Alguns assimilam, claro, mas é sempre problemático. São poucos. Eles tentam voltar, sabes, por vezes para dentro do corpo.

É muito difícil. Tenho estado a trabalhar num caso agora mesmo. Um jovem que foi morto num carro. Ele bateu num rali, sabes, num rali aqui. E, claro, ele saiu [do corpo] num segundo, por assim dizer. Mas, claro, houve toda aquela confusão terrível e a ambulância, e ele estava agarrado a si próprio, sabes. Estava na ambulância através do corpo, e no hospital e em tudo, na morgue, e não conseguia ajustar-se à ideia de que estava morto. Era

uma coisa estranha, de certa forma, porque ele ainda estava agarrado às coisas materiais. Enfim, depois ele foi para casa, para os seus pais e família, porque eles tinham acabado de receber a notícia.

Houve um desgosto terrível ali, naturalmente. Ele tentava bater na mesa e tentava atrair atenção, e todos sabiam que estava tudo bem ele estar ali — porque não o viam. E isso deixou-o furioso. Ele ficou tão zangado, sabes. E parece estranho falar da alma, do lado de fora do corpo, ficar irritada ou zangada, mas quando as pessoas chegam aqui pela primeira vez, não são diferentes do que eram no corpo, e ainda têm a mesma visão e o mesmo tipo de ideia. Ele estava furioso porque ninguém o conseguia ver ou prestar-lhe atenção. Tentou tudo o que se lembrou para atrair atenção, mas, claro, não era capaz de fazer nada espetacular que os fizesse sentar e pensar. Quero dizer, tens algumas almas que são capazes de mover objetos pela sala ou inclinar uma mesa ou fazer algo louco assim, só para deixar as pessoas saberem. Mas ele não sabia como fazer nenhuma dessas coisas.

Ele apenas andava por ali, e foi ao seu próprio funeral e a tudo, e a todos os seus amigos, e tentou ir ter com eles e ajudá-los, tentando fazê-los saber que ele ali andava, mas não tinha esse "jeito". Enfim, eu fui capaz de o ajudar gradualmente a afastar-se das coisas e a mudar um pouco a sua perspetiva. Mas ele era muito forte no sentido material. Ele era mais da terra do que de qualquer outra coisa. Levou-me bastante tempo a libertá-lo.

ASSISTENTE: Como conseguiste o teu trabalho? Como o fizeste?

DAVID SCOTT: Oh, eu tenho a minha própria ética, sabes, mas diferentes almas deste lado não agem nessa capacidade. Alguns têm éticas diferentes. Outros, é verdade, de acordo com a sua própria vida individual e ideias das coisas, e certas pessoas precisam de uma certa forma de serem tratadas. E eu... bem, eu apenas andei com este rapaz. Ele não me via. Eu passava por ele porque ele estava tão cego para tudo. Estava tão investido em si próprio e nas coisas materiais.

Mas gradualmente, quando ele começou a sentir-se, num sentido, perdido, sabes, ele não chegava a lado nenhum com todas as suas birras e pancadas e uma coisa ou outra, tentando chamar a atenção. Então ele começou, sem dúvida a caminhar por ali, e a sua mente pareceu mudar um bocado. É como se ele estivesse a "aquecer". E então, claro, ele tornou-se consciente de outras coisas, e de mim em particular. E eu fui camarada e amigável com ele, falando-lhe e tentando fazê-lo ver algum sentido. E eu disse: "bem, qual é o objetivo de andares aqui a pairar, rapaz? Não vais chegar

a lado nenhum. Porque ninguém vai captar a tua mente. Mas eu sei que a melhor coisa a fazer é vires comigo, e eu serei capaz de te ajudar muito".

E nessa altura, descobri também que ele tinha sido "ligado" a um animal, um cão, e embora ele não soubesse isto na altura, não percebeu, claro, quando tinha ido à casa dos pais, que o cão estava lá. Mas ele não percebeu o facto. Não percebeu que, embora pudesse ver o cão, não se dava conta de que o cão que via era um cão morto. Ele simplesmente não conseguia apreciar isso de todo. Estava todo apanhado no lado material das coisas. Enfim, o cão seguia-o também, tentando fazer-se notar, por assim dizer.

Gradualmente, conforme o rapaz se tornou mais consciente, e eu fui capaz de trazer este cão à sua consciência, ele começou a perceber que, como o cão tinha morrido alguns anos antes, isso ajudou-o de certa forma, porque ele ficou feliz por estar com o cão e também com os seus avós. Fui capaz de os contactar e eles conseguiram estabelecer uma ligação. Gradualmente, ele abriu a sua mente para as coisas que eram do espírito. Estava gradualmente a soltar o seu apego às coisas materiais, e então levei-o a uma reunião espiritualista.

Pensei que talvez isso pudesse ajudar de alguma forma, se conseguíssemos passar e estabelecer uma ligação. Sabes, bem, na verdade, fui capaz de conseguir fazer um contacto e encontrá-lo, mas ele não teve sucesso nisso. De qualquer forma, ele recebeu a possibilidade de passar, de "atravessar", percebes, e isso deu-lhe uma espécie de balanço. Mas ao mesmo tempo, ele ainda estava muito desconfiado. Bem, acho que ele desconfiava de todo o tipo de coisas, além de médiuns e esse tipo de coisas. Ele não aceitou os médiuns com facilidade, mas começou a perceber a possibilidade.

Mas, claro, o que o irritou, acho eu, depois disso, foi que ele foi a vários lugares e nenhum desses médiuns pareceu dar por ele, realmente. Não pareciam vê-lo, embora ele tentasse desesperadamente mostrar-se. E acho que talvez essa ideia aí... a melhor coisa a fazer é não tentar isso de todo, não forçar isso de todo, sabes, mas esperar um pouco. Enfim, ele agora está muito consciente de si. Ganhou interesse em várias coisas, coisas que na terra não fazia. Aliás, suponho que, sendo tão jovem também, ele não tinha ideias formadas, nem ideias fortes sobre o que queria ser, pelo menos. Ele não me deu essa impressão. Ele era antes, digamos, bastante feliz a meter-se num carro e andar a acelerar por aí e todo esse tipo de coisas. Não me surpreende que ele tenha ficado assim, porque mesmo quando usava outros esquemas no jogo, ele não era o tipo de pessoa que pensava profundamente.

Na verdade, ele era um bocado difícil, e de certa forma, era o seu próprio inimigo. Não era um mau rapaz, mas ao mesmo tempo era irrefletido e bastante egocêntrico, e levou-lhe algum tempo a ajustar-se. Mas agora está a fazer boa história, e ganhou um grande interesse pela música e pela arte, e está a começar a estudar e a começar a assentar e a conhecer pessoas interessantes, e está a começar a formar algo, sabes, de si próprio.

ASSISTENTE: Tu viveste com os parentes dele, ou...?

DAVID SCOTT: Ele está com os avós, e a mãe dele está agora prestes a passar para cá, e calculo que ela estará aqui muito em breve. Acho que isso o deixaria muito feliz também, porque vês, lá voltamos nós a este elemento do tempo. O tempo não é nada. É uma ilusão. E acho que a mãe dele, ela, depois de ele ter tido este acidente, perdeu todo o interesse na vida. Acho que isto foi triste também, de certa forma, mas ele ficará feliz quando ela se juntar a ele, o que não será nenhuma diáspora (*diaspora* — no sentido de dispersão ou demora), não. Mas ele está assentado, e está muito mais feliz e é um tipo excelente também. Bom rapaz, não? Muito melhor, na verdade. Ele não era tão simpático, porque era o tipo de rapaz que não se interessava muito por nada nem ninguém, apenas recebia. Os pais tinham-se saído bastante bem no pequeno negócio que tinham e, sabes, eles de certa forma mimaram-no, enviaram-no para uma boa escola e tudo isso, deram-lhe todas as oportunidades. E acho que ele era um jovem bastante egoísta, não há dúvida sobre isso.

Sabes, há muitas vezes coisas sobre estas aeronaves, sabes, pessoas... que não as estão a levar pelos lugares. Bem, esse é outro tipo de coisa que eles têm tido. Quando tens este tipo de coisas a acontecer, é quase pior. As pessoas vêm, tipo, de repente assim, sabes. É muito mau mesmo. E temos tido muitos desses casos quando há desastres aéreos graves. Tenho ajudado em bastantes casos assim.

ASSISTENTE: E quanto à razão de ser eletrocutado ou enforcado?

DAVID SCOTT: Sabes, isso é, na verdade, um problema. Queres dizer como punição? Sim. Bem, isso é mau também, porque bem, de certa forma é pior. Porque muitas vezes eles têm um ressentimento em relação à sociedade e por vezes agarram-se à terra e podem, alguns deles, agarrar-se à terra por muito tempo e podem causar um grande dano. E por vezes isso impregna os seus pensamentos nalguma pessoa do teu lado que provavelmente, de forma normal, é uma pessoa bastante decente. Por vezes eles até impõem a essa pessoa que faça coisas erradas.

Não há dúvida de que aparecem almas que certamente não eram muito boas pessoas e fizeram algumas coisas talvez bastante más. E elas não mudam necessariamente de imediato, como bem sabes. E por vezes perdem o controlo e agarram-se às pessoas. De facto, em muitos asilos mentais e casos... há muitos espíritos maus, maliciosos e por vezes espíritos muito maus ao redor das pessoas ali que têm a mente fraca. Aliás, há "salas de crise" deste lado, médicos e pessoas que se especializam em ajudar doentes mentais no vosso lado, tentando influenciá-los para o bem, claro. E eles ajudam-vos a endireitarem-se mentalmente e a ficarem fisicamente aptos e bem. Mas estamos sempre a batalhar contra as forças más. Devemos sempre lembrar-nos de que há perigos. Há almas que não são necessariamente como nós também. Quero dizer, assim, mas que realmente podem estar inclinadas de forma muito desastrosa. E às vezes para fazer mal — nós fazemos o que podemos para as afastar.

ASSISTENTE: David, como te livras de um espírito que foi deixado de fora? Como o tiras da pessoa, bem como da pessoa que já...

DAVID SCOTT: Bem, essa é uma pergunta delicada para fazer. Bem, por que haverias de lamentar? Porque o que pode afetar-te pode ser eficaz de uma forma num indivíduo e pode não ser eficaz noutro. Vários métodos são usados e há várias pessoas deste lado que se especializam em lidar com casos do que chamais obsessão.

Posse Espiritual, Suicídio e a Ilusão do Tempo

DAVID SCOTT: Muito depende do caso individual. Normalmente somos bem-sucedidos. Existem casos, claro, onde é muito difícil remover o espírito obsessivo, particularmente quando eles tomam posse de forma mais ou menos completa. É apenas um tipo de caso limítrofe. Não é tão mau. Por vezes, eles têm controlo completo sobre o corpo físico de outra pessoa. É uma coisa muito, muito difícil de facto. E tem havido instâncias, claro, onde as pessoas passaram o resto da vida com o corpo obsidiado por alguma outra alma. Esta tem sido uma das piores coisas que têm acontecido no mundo.

Sabes, muita gente em asilos mentais não está louca no sentido de não serem responsáveis; por vezes são espíritos obsessores. E é por isso que encontras estes casos de pessoas que são perfeitamente normais durante um tempo e, de repente, começam a fazer algo irracional. É óbvio que alguém tomou o controlo. Na verdade, acho uma pena que os psiquiatras e as pessoas que lidam com doentes mentais não saibam mais sobre possessão, não saibam mais sobre este tipo de coisa, este assunto do qual tu sabes bastante. Seria uma

grande ajuda para eles. Acho que deveriam saber mais sobre isto. Uma vez mencionei possessão a um psiquiatra e ele disse: "Não sei de onde tiraram algo assim", percebes. Eles não compreendem.

ASSISTENTE: E quanto aos suicídios, David? Quero dizer, também pode haver suicídios, não pode?

DAVID SCOTT: Oh, há muitos casos, claro, onde as pessoas cometeram suicídio quando estavam sob uma má influência. Mas, claro, muitas vezes esses suicídios devem-se ao próprio indivíduo. Entram num estado deprimido e infeliz. E, em consequência, tiram a própria vida pensando em escapar — mas não conseguem escapar de si mesmos. É isso que as pessoas deveriam ser levadas a perceber: que a morte não significa necessariamente uma fuga. Tu ainda tens de te enfrentar a ti próprio. Não podes escapar de ti mesmo. O teu "eu" está sempre lá.

ASSISTENTE: Tu tens esse problema, senhor?

DAVID SCOTT: Às vezes. Vês, esse é o problema. Como tu fazes, e muito bem, certas perguntas sobre se é suicídio ou possessão... é muito difícil dar uma resposta clara e definitiva. Porque o que se aplica numa instância ou num caso não se aplica necessariamente noutro. Cada caso individual é um caso em si mesmo. As razões para as pessoas serem como são não são as mesmas. As condições e as circunstâncias são variáveis. O que se aplica num caso não se aplica noutro, percebes.

ASSISTENTE: Isso é interessante. Eu estive com aquele homem e não tenho a certeza de que tipo de espírito está lá.

DAVID SCOTT: Bem, claro, toda a condição ali está obsidiada com espíritos de todos os tipos: bons, maus e indiferentes. E toda a atmosfera está carregada de forças que são por vezes muito difíceis de superar. Aqueles de nós que agem na capacidade de ajudar as almas, ou aqueles que tentam tirá-las das condições, por vezes deparam-se com grandes problemas e dificuldades. Existem tantas almas ali. E toda a atmosfera ao redor daquela parte do mundo — onde quer que haja ódio intenso e luta, e onde todos os males da terra estejam soltos — obviamente, as condições são tais que é muito difícil de enfrentar. Claro que temos sucesso e somos capazes de ajudar muita gente. Mas, ao mesmo tempo, as condições são pobres. Eu sei.

O trabalho de uma pessoa é ajudar, e uma pessoa ama ajudar os outros. Afinal, quanto mais baixo alguém pensa, maior é essa necessidade. Mais ajuda é dada. Mas, claro, não podemos fazer muito até que os próprios indivíduos

comecem a mostrar um desejo de assistência, de orientação, de ajuda. É o mesmo convosco. Tu fazes o melhor do teu coração e com a melhor intenção. Não podes obrigar ninguém a aceitar algo ou despertar o interesse em algo até que eles próprios estejam mais ou menos prontos para isso. As pessoas têm de ser cooperativas. Por outras palavras, a menos que sejam cooperativas, não há muito que possas fazer. Podes colocar a coisa ali, mesmo debaixo do nariz deles; se não a quiserem ver, não há nada que possas fazer.

Tu só podes fazer o melhor que podes. E tenta não ficar muito deprimido no processo. Estás destinado a ter desilusões e deceções. Mas pensa apenas que se ajudaste e guiaste uma única pessoa, tornando-a feliz e dando-lhe maior fé e confiança, pelo menos valeu a pena. Em qualquer caso, conheces pessoas interessantes. Aprendes algo sobre as pessoas. A vida é sempre interessante. Não existe tédio onde o espírito está envolvido. Eu sinto sempre que tu fazes um trabalho notável considerando os muitos obstáculos que tens de uma forma ou de outra.

A tragédia, claro, é que todas as pessoas que tu pensarias que seriam uma grande ajuda, que cooperariam contigo, são muitas vezes as pessoas que levantam os obstáculos. Tu também descobres isso. Ficarias surpreso. Nós próprios sofremos com obstáculos colocados no caminho. E com algumas das pessoas com quem temos de lidar, se não tivéssemos sentido de humor, não creio que conseguíssemos continuar. Infelizmente, eu tenho um sentido de humor muito bom. Mas apanhamos alguns casos bizarros onde encontramos pessoas que são realmente interessantes.

Este homem, na verdade, é tão estúpido. Sabes, pessoas em chamados "planos de inteligência" da Terra, tipos altamente cultos, alguns deles, que tu pensarias que seriam muito rápidos a aprender, muito rápidos a assimilar conhecimento e experiência... muitas vezes provam ser muito difíceis. Os religiosos são sempre os piores. Acho que o preconceito deles é tão forte. Estão tão preocupados consigo mesmos e com a sua salvação, e tão convencidos de que eventualmente receberão uma grande recompensa... Acho que é um grande choque para eles quando percebem que a única recompensa que terão é aquela pela qual tiveram de trabalhar arduamente para obter. E não pode ser apenas "dar o sinal" e dizer "eu acredito nisto" e pronto. Tens de trabalhar por isso. Não se dá nada de graça.

Sim, é uma vida muito interessante. Oh, estou muito feliz por saber que posso fazer o que faço. Mas a grande alegria disso é, bem, é viver o tempo todo, experienciar, conhecer, encorajar, ajudar e apaziguar. E estás a aprender

com eles em vez de aprenderes por ti. Não há um maldito momento em que alguém precise de ter medo. Morrer é a maior coisa que acontecerá a qualquer pessoa. Seria terrível continuar e continuar e continuar — mesmo nas coisas materiais.

Sabes, às vezes espanta-me como algumas destas pessoas ficam assustadas com a morte e querem apenas agarrar-se à terra. Sentimo-nos tristes por elas. Mas sabes, elas simplesmente não sabem, não percebem que futuro maravilhoso, que vida maravilhosa existe; que excitação, que interesse, que coisas maravilhosas podem ser feitas e alcançadas. Existem novos interesses que podem ter e podem fazer todas as coisas aqui que queriam fazer e não podiam fazer na terra. Não há velhice, nem dores, nem sofrimentos — apenas uma liberdade completa e absoluta de espírito e de mente. Assim que te libertas dos teus preconceitos e das velhas ideias que te retêm, aqui não há limites. Não há limitações e podes ir tão alto quanto quiseres, mas tens de ir com calma. Tens de aprender a sentir o caminho, mas nunca há qualquer sentimento de frustração.

Se o teu espírito e o teu coração estiverem abertos para receber coisas belas, então tudo está lá para ti. Depende de ti. Tu tens de fazer o esforço e tens de fazer a "escavação". Sabes, tens de lançar os alicerces antes de poderes construir uma casa.

ASSISTENTE: David, o que acontece às pessoas que têm a firme convicção de que, quando morrem, não existem mais? Em que tipo de condições elas passam para o outro lado? Que tipo de condições criam para si mesmas?

DAVID SCOTT: Depende. Novamente, não deves generalizar, mas existem alguns que são logo despertados para novos pensamentos e novas ideias e mudam cedo as suas visões. Existem outros que talvez durmam, como dizes. Não estão a dormir no sentido em que chamas sono, mas numa espécie de estado onde não têm consciência ou perceção. Gradualmente, claro, as coisas começam a amanhecer neles, começam a perceber as coisas. Depende tanto do caso individual.

Depende das razões por que pensam como pensam. As circunstâncias da vida e todo o tipo de coisas podem afetá-los; mas invariavelmente a maioria das pessoas, se falarmos em sentido geral, a maioria das pessoas que vivem no "exterior" [sem conhecimento espiritual] depressa se reajusta, depressa percebe a nova vida que ali está e torna-se consciente de todas as condições e

dos arredores e das pessoas que as estão a ajudar, e dos entes queridos que conheceram no passado que estão a trabalhar por elas.

Por outras palavras, a pessoa comum não tem nada a temer. De facto, ninguém tem nada a temer, realmente, no sentido de passar da vossa vida para esta. Mas, até certo ponto, depende do indivíduo. É o tipo de vida que encontram e o tipo de cenário que criam. Quero dizer, toda a gente cria. Essa é outra coisa que as pessoas não percebem em grande medida. De facto, é verdade dizer que vós vos criais a vós próprios de acordo com isso. Se pensas pelas linhas erradas e se tens muitos preconceitos, se o teu espírito e coração estão fechados à verdade, então obviamente vai ser mais difícil. Vai levar mais tempo. Vai ser mais difícil para ti captar as coisas. Mas se tens uma mente aberta e livre, e tens conhecimento como tens antes de vires para aqui, é um grande trunfo, uma grande bênção, e fará toda a diferença quando vieres para aqui. Não há nenhum dos inconvenientes que tantas pessoas têm.

Os piores inconvenientes, estou certo, e com razão, são os preconceitos muito fortes. Não tenhas preconceitos. Tem sempre uma mente aberta. Mesmo as coisas de que não tens certeza, diz apenas: "bem, não sei", e mantém isso na mente se puderes; mas, ao mesmo tempo, nunca descartes tudo. Nunca digas a ti próprio: "bem, eu não quero isto agora". Porque pode haver alguém lá fora que colocará o seu esforço no nível mais alto que conseguir alcançar. Pelo menos tens uma nova forma de aceitar um desafio novamente e lutar.

As pessoas têm de perceber que existem muitos caminhos e muitos aspetos e muitas estradas, mas o ponto é que algumas são longas e estranhas, algumas são difíceis e duras, e há caminhos muito raros e fáceis. Mas a verdade é que aprendes um bocadinho aqui e um bocadinho ali, e todos podem dar algum contributo. Ninguém é demasiado mau, ninguém é demasiado bom. Existe toda a oportunidade para todos encontrarem a sua própria felicidade à sua maneira, e em diferentes níveis de consciência.

Não podem estar todos no mesmo nível, na mesma esfera, mas todos podemos aspirar; e é através da aspiração e da tentativa que alcançamos o que alcançamos. E acho que ter o conhecimento que tu tens, a perceção que tens... isso é uma grande alegria, uma grande bênção, e ajuda muita gente, especialmente aqueles que estão tristes e os que têm medo. Esta verdade tirará o medo da vida e o medo do dia, e é isso que realmente importa. Enfim, é sempre uma alegria falar com pessoas como tu, e voltarei de novo algumas vezes. Enfim, tenho de ir agora. Tudo de bom para ambos, senhor.

ASSISTENTE: Obrigado. Adeus. Deus te abençoe.

DAVID SCOTT: Obrigado. Muito obrigado. Adeus.

Notas:

- *O Choque da Transição Súbita: David descreve vividamente o estado de confusão de quem morre num acidente. O espírito mantém os mesmos vícios e temperamento (ira, egocentrismo) e tenta agir no mundo físico batendo em mesas ou gritando, frustrando-se por não ser visto.*

- *O Papel dos Animais no Resgate: Um detalhe notável é o uso de um cão falecido para ajudar a despertar o rapaz. Como o jovem amava o animal, a visão do cão (que ele sabia estar morto) serviu como a "ponte" para ele aceitar a sua própria morte.*

- *Obsessão e Saúde Mental: David alerta para o facto de que criminosos ou pessoas ressentidas não mudam só porque morreram. Eles podem "agarrar-se" a pessoas vivas vulneráveis, influenciando-as negativamente. Ele menciona que muitos casos em asilos são, na verdade, casos de obsessão espiritual.*

- *"Salas de Crise" Espirituais: Existe uma organização do "outro lado" composta por médicos e especialistas que trabalham especificamente com a mente humana, combatendo influências negativas e tentando equilibrar os doentes mentais na Terra.*

- *Tratamento: O tratamento por "tu" foi mantido, reforçando a relação de camaradagem e instrução que David Scott estabelece com o assistente.*

- *Saúde Mental e Obsessão: David Scott corrobora a visão de outros comunicadores de Flint de que muitas patologias psiquiátricas são, na verdade, interferências espirituais. Ele critica a psiquiatria por ignorar a realidade da possessão, o que impede o tratamento eficaz de casos onde a personalidade muda subitamente.*

- *O Mito do "Céu" como Recompensa Passiva: O ataque de David ao preconceito religioso é incisivo. Ele explica que os religiosos dogmáticos sofrem choques ao perceberem que não há recompensas gratuitas por "acreditar", mas sim um sistema de mérito baseado no trabalho e na evolução pessoal.*

- *A Morte como Libertação: Para David, a morte é o maior acontecimento da vida, pois traz a liberdade de limitações físicas e de velhice. Ele lamenta por aqueles que se agarram desesperadamente à matéria por medo do desconhecido.*

• *Criação da Realidade: Ele reforça a ideia de que o "cenário" que encontramos após a morte é criado pela nossa própria mente. Mentes fechadas e preconceituosas vivem em ambientes mais limitados e sombrios até que se abram à nova realidade.*

• *Tratamento: O tratamento por "tu" foi mantido, consolidando David Scott como um guia pragmático, observador e com um agudo sentido de humor.*

SCOTT

Abençoo-te. Estou encantado por poder vir falar contigo por alguns momentos. Estive a deliberar sobre o que, possivelmente do teu ponto de vista, seria mais interessante, mais útil e proveitoso para os outros.

E pensei esta manhã que seria interessante discutir a comunicação do ponto de vista de tantos no teu mundo que têm algum conhecimento deste assunto, particularmente aqueles que estão no limiar e ficam intrigados com certas coisas que acontecem — e coisas que, muitas vezes, talvez não aconteçam; coisas que eles próprios dão frequentemente como garantidas e que, no entanto, por vezes são perturbadoras devido ao que devem parecer inconsistências. Há tantas complexidades sobre a comunicação que acho que seria interessante discuti-las, porque deves ter muitas perguntas que te são lançadas e que, por vezes, até tu próprio sentes dificuldade em responder. Um dos problemas mais comuns, creio eu, que surge com as pessoas que inquirem e que investigam este assunto é o método de comunicação e o porquê de ser, frequentemente, muito difícil obter provas satisfatórias — isto é, do ponto de vista da evidência de alguns indivíduos — para substanciar as afirmações que são feitas pelos espiritualistas.

Sabes, há pessoas que são bastante sinceras em si mesmas, que frequentam sessões e, por vezes, durante um longo período, recebem muito pouca informação e, na verdade, muito pouca evidência; e elas ficam desanimadas e desencorajadas e, nalguns casos, claro, desistem da busca e formam possivelmente uma conclusão errada. Acho que é muito importante que tentemos explicar a estas pessoas as razões. Creio que a resposta óbvia a certos aspetos deste problema é o facto de que nós, deste lado, que vimos regularmente comunicar e agir — muitas vezes no caso de assistir o médium e os comunicadores que possam passar —, não é possível, como algumas

pessoas imaginam, para nós encontrarmos necessariamente uma pessoa específica que o recetor das mensagens deseja.

As pessoas dizem-nos frequentemente: "Oh, podes encontrar o fulano de tal e trazê-lo para falar comigo?", tal como se fosse a coisa mais simples do mundo fazer contacto com aquela pessoa em particular no reino do espírito e trazê-la para falar. Nós desejamos frequentemente que fosse tão fácil quanto isso, mas, claro, não é. E não há ninguém deste lado, tanto quanto posso dizer — e tenho tido uma boa dose de experiência nestes assuntos —, que possa ou vá buscar uma pessoa.

Pode muito bem acontecer que a pessoa mais desejada, do ponto de vista do assistente, raramente ou nunca apareça. Muitas vezes vêm outras pessoas pelas quais eles não estão interessados, pessoas com as quais talvez não tenham ligação alguma, e ficam um bocado intrigados sobre o porquê de a individualidade em questão aparecer na sessão. Mas, no que diz respeito ao contacto, apenas as pessoas que por acaso estão presentes na ocasião da entrevista do assistente são, obviamente, as pessoas que podem fazer a comunicação, ou pelo menos tentar a comunicação.

E assim a sessão depende muito, claro, da atmosfera e das condições que são trazidas pelo médium e pelo assistente e, claro, até certo ponto, obviamente, pelos comunicadores. Por outras palavras, isto deve ser uma fusão de mentes individuais, esforço cooperativo, sinceridade de propósito de ambos os lados e o desejo genuíno e sincero de experiência espiritual. Ora, como bem sabes, o vasto número de assistentes, o vasto número de pessoas que estabelecem comunicação, muito raramente ou raramente estão interessadas em realizações espirituais ou conquistas espirituais.

A vasta maioria está preocupada consigo mesma, com o elemento pessoal, o "Eu" pessoal. Estão preocupadas, frequentemente, que um certo indivíduo, alguém querido para elas, deva comunicar e falar-lhes sobre assuntos, muitas vezes mundanos ou materiais, que admito que muitas vezes são necessários para o âmbito da evidência. Mas mesmo aqueles que são bem-sucedidos na comunicação, de ambos os lados, o recetor e o comunicador, muitas vezes contentam-se em falar ao nível das coisas materiais, o que no início é compreensível, mas depois de um tempo torna-se inútil, quase estúpido. Certamente não ajuda no sentido espiritual.

E, afinal de contas, se formos pensar neste assunto como ele deve ser pensado, de uma forma espiritual, e no que pode ser alcançado espiritualmente através dele e por ele, então deve chegar um momento, se isto vai servir algum

propósito real, em que a comunicação deveria ser nesse nível, onde seres inteligentes possam passar e falar sobre assuntos inteligentes, que serão para o benefício de todos os envolvidos. O espiritualista médio, gostaria de dizer, não está preocupado com coisas espirituais. O mais provável é que estejam preocupados com mensagens de natureza mundana, comunicando com uma determinada pessoa conhecida por eles.

E isto, claro, continua e continua e continua. E depois, do ponto de vista do principiante, olham para isto, frequentemente, como uma forma de adivinhação, algo que os sustente, que lhes dê alguma esperança para o futuro num sentido material. E como bem sabes, frequentemente o seu interesse está centrado em torno de uma ou duas pessoas e, como sabes, nem sempre é possível para a pessoa mais desejada comunicar.

As pessoas parecem pensar que, uma vez que marquem uma consulta com um médium, o resto será fácil; que deveriam ser capazes de receber exatamente o que desejam; e que, caso venha o comunicador com quem mais têm interesse em falar, essa pessoa deveria ser capaz de responder a todas as suas perguntas e entrar em detalhes, se necessário, sobre todos os vários pontos, frequentemente relativos a assuntos materiais e coisas que, francamente, no espírito médio — se tiverem alguma inteligência e se desejarem crescimento espiritual —, já se terão libertado mentalmente em grande parte, de qualquer modo, dessas coisas e problemas materiais que tantas vezes assediam o assistente, ao ponto de se tornarem o seu principal objetivo ao marcar uma sessão.

Uma pessoa desejaria não ter de entrar neste tipo de detalhes, mas é cada vez mais óbvio para aqueles de nós que agem na capacidade de conselheiros — conselheiros espirituais de um médium —, quando vemos os esforços que são feitos, muitas vezes desperdiçados; muitas vezes as oportunidades que são apresentadas para comunicação são muitas vezes usadas de tal forma que teria sido, nalguns casos, melhor se o assistente nem sequer se tivesse incomodado, em primeiro lugar.

Esta ideia errada que mencionei, de ser capaz de andar à solta no mundo espiritual e encontrar um certo Sr. Thomas Ingrid Brown, que viveu em tal morada enquanto na terra, é estúpida e fútil; e no entanto tantas pessoas parecem pensar que, assim que se sentam com um médium, essa pessoa em particular estará presente. Se, claro, essa pessoa em particular que é desejada estiver em comunicação constante — do ponto de vista, não me refiro a uma comunicação psíquica ou espiritual com médiuns, mas se essa personalidade,

essa pessoa, tem o hábito de visitar o assistente na sua própria casa, interessando-se por ele e esforçando-se por ajudá-lo de qualquer forma que possa, mental e espiritualmente; por outras palavras, se estão em contacto e sintonia com o indivíduo em questão —, quando essa pessoa se apresenta numa sessão, esse espírito estará automaticamente presente, sabendo que a entrevista vai ser realizada, e estará então, claro, na posição de, pelo menos, tentar a comunicação. Mas esta ideia errada que tantas pessoas têm, e que enfrentam automaticamente, de que o Sr. Tom Brydon aparecerá imediatamente e estabelecerá uma comunicação, é bastante estúpida.

Acho que as pessoas deviam perceber que muito depende delas mesmas, sobre que condições fornecem e que resultados obterão. E isso não lhes garante, nem a elas, que terão uma sessão bem-sucedida com um médium. Os próprios médiuns, claro, às vezes, inconscientemente, constroem barreiras e criam dificuldades, e lá temos nós novamente problemas com os médiuns; tentamos organizar as coisas o melhor que podemos, embora seja muito difícil fazer até isso com sucesso constante.

A mediunidade é uma coisa fascinante e complicada em si mesma. É muito instável, sempre instável, e muito poucas pessoas percebem isto. Claro, a maioria dos médiuns gosta de pensar que a sua mediunidade é muito estável, muito fiável. A maioria dos líderes que conhece bem um médium gosta de pensar o mesmo e, claro, a maioria dos espiritualistas afirma que um bom médium é sempre bom, é sempre fiável — o que é, claro, outra afirmação fútil e estúpida. Porque podes ter uma boa mediunidade num dia e, com o mesmo médium, até uma mediunidade muito má. A única coisa que se pode dizer aqui a favor é que a mediunidade, quando é devidamente compreendida e devidamente controlada, pode ser mais fiável, pode ser mais, diremos nós, satisfatória.

E, claro, não há razão para que deva ser sempre completa e absolutamente honesta. Mas, ao mesmo tempo, sabemos muito bem, através da experiência, que médiuns honestos e mediunidade honesta podem por vezes, pela própria natureza da sua sensibilidade, ser tão afetados por pensamentos. E os pensamentos são muito, muito pigmentados, muito, muito fortes, muito poderosos. Eles podem afetar a mediunidade e, de facto, às vezes ser captados por ignorância, talvez, e às vezes, claro, por design; podem criar uma condição meramente pessoal que faz com que tenhas não só uma comunicação insatisfatória, mas uma comunicação muito pouco fiável. E podes, claro, também ter o que se denomina personificação.

Algumas destas pessoas que assistem a sessões, pela própria natureza da sua atitude mental, provocam uma condição vibratória estranha pela qual entidades que estão perto da terra, e estão presas a ela, e não são particularmente avançadas de forma alguma, tirarão proveito de uma oportunidade para enganar.

Ora, quer se trate de um médium cujos guias são fiáveis e honestos, eles ou chegarão a um acordo — sendo mais sensato encerrar a sessão —, ou dir-te-ão as dificuldades e os perigos e aconselhar-te-ão a ter cuidado; e a não te limitares necessariamente ao "evangelho religioso" que possa passar, mas a analisá-lo; de facto, dizemos-te sempre para analisares e para criticares, se necessário, especialmente após uma sessão — mas não durante a mesma, porque se fizeres isso durante uma sessão, tornas-te sentimental e crias condições infelizes. O ponto é este: cada sessão, cada reunião, é uma experiência, e há muitas complicações, muitas dificuldades com que temos de lidar.

Não só temos as nossas próprias condições a enfrentar — a dificuldade de baixar a nossa vibração, entrando nas forças de pensamento do teu mundo, entrando na consciência do assistente, esforçando-nos por trazer dessa condição que foi gerada algo que seja satisfatório para todos em si —, mas sobretudo temos de ajudar pessoas que são, em si mesmas, muitas vezes inexperientes como comunicadores; e às vezes fazem uma tal confusão, e às vezes o extraordinário é que se estejam a concentrar em ser capazes de falar sequer, de se fazerem entender.

É como se eles próprios, ao fazerem isso, não conseguissem pensar claramente sobre as coisas sobre as quais se sentam — coisas que deveriam saber automaticamente. De facto, uma das grandes características intrigantes para muita gente é o facto de o comunicador muitas vezes dizer coisas, ou discutir coisas, que elas menos esperam, ou pelas quais nem estão interessadas, ou nem sequer sabem, em vez do óbvio, em vez das coisas que elas automaticamente pensam que nunca poderiam esquecer.

As pessoas não parecem perceber que estar aqui e fazer um contacto com a Terra é, em si, uma coisa complicada, de tal forma que é como se tivéssemos de fazer três coisas todas ao mesmo tempo. Muitas vezes coisas que em si mesmas são opostas uma à outra: estreitar a vibração do que é normal para nós para a vossa — e isto é uma coisa muito difícil; concentrarmo-nos ao mesmo tempo em certos factos que seriam aceitáveis como evidência, trazendo-os,

transmitindo-os para que sejam ouvidos, para que sejam compreendidos e aceitáveis.

Tudo isto, à parte de outras vibrações e condições conflituosas que podem ser aparentes em certas ocasiões. O milagre, claro, é que tenhamos o sucesso, o número de sucessos que temos; mas a coisa mais difícil de enfrentar, claro, é o assistente que já decidiu previamente o que deveria receber como evidência, e apenas o que aceitaria como evidência. Quão frequentemente veio evidência de um tipo que tem sido tão marcante, tão notável no seu contexto, na sua mensagem, no entanto, o assistente não foi capaz de a aceitar. Mas se alguém tivesse dito algo que tivesse sido tão óbvio e tão comum, que já estivesse na mente do recetor da mensagem, teria sido aceite como uma prova maravilhosa, uma evidência maravilhosa de sobrevivência.

E no entanto, para qualquer pessoa muito, muito inteligente, que seja realmente firme e analise, teria sido poderoso, probatório, poderoso, convincente; porque algo que já está firmemente fixado e plantado na mente do assistente, claro, com o tempo, é alcançável. Nós podemos, até certo ponto, se quiséssemos, aceder a essa fonte. As pessoas não parecem perceber que estar vivo pode desempenhar e desempenha muitas vezes um papel.

Não estou a dizer que seja algo comum, mas acontece. É por isso que os espíritos deste lado, que desejam comunicar com um parente ou amigo, são aconselhados a evitar o óbvio, para além do facto de que podem não ser capazes de transmitir o que é óbvio às vezes. E quem não aconselharia a não discutir o óbvio, as coisas que já estão firmemente plantadas na mente do assistente, porque isso não seria aceitável para alguns e certamente não seria, do nosso ponto de vista, satisfatório como evidência.

Por outras palavras, a presença inesperada — se uma sessão é realizada e um comunicador passa e é aceite, é reconhecido como a pessoa individual mais desejada, e surge na conversa com certos factos que não são conhecidos pelo recetor da mensagem; e essa pessoa, depois, faz todos os esforços para verificar e descobre que é assim; e prova-se estar correto porque não estava na mente do recetor — isso é muito mais probatório.

As pessoas têm ideias tão peculiares sobre a comunicação, para começar. Mesmo espiritualistas bem avançados e de longa data ainda são, em alguns sentidos, muito ignorantes em relação ao que não tem valor. Claro, uma vez que o estágio da evidência tenha sido alcançado e passado — ou devesse ter sido passado —, é tempo de as pessoas abrirem as suas mentes e os seus

corações para coisas que não têm valor. E isto, claro, infelizmente, raramente acontece.

Temos, claro, que pode ser que mais pessoas como tu apareçam e estejam ansiosas por experiência e conhecimento — conhecimento espiritual. No entanto, é uma coisa extraordinária. Sempre que vamos a sociedades e igrejas, santuários, templos, o que quer que sejam onde o espiritualismo é proclamado, vemos frequentemente a mesma rotina a acontecer. Vemos o mesmo tipo de mediunidade, que não desvalorizamos — conhecemos o seu lugar e o seu valor. Mas, no entanto, vemos muito o mesmo padrão.

E a experiência infeliz disto tudo é que muito raramente as sociedades e igrejas, e os indivíduos que as compõem, aspiram a algo muito alto. Estão frequentemente bastante contentes em ter a comunicação habitual que é muitas vezes através de — bem, temos de o encarar — um médium de um certo tipo. Alimenta a igreja, suponho. É algo que as pessoas não conseguem noutro lado. E vêm pela mensagem. E não estão preocupadas particularmente com o outro aspeto, que é a parte dominante, ou deveria ser a parte dominante: isto é, o espiritual.

Manifesto para a Reforma do Espiritualismo (Íntegra)

As pessoas não querem que se lhes diga muito sobre uma vida espiritual. Elas estão bastante contentes, mesmo sendo espiritualistas, em esperar até chegarem aqui; esse tipo de atitude. "Oh, bem, desde que receba uma mensagem do Fred ou do Frank, e que lhes digam para nos aconselhar sobre o que devemos fazer em relação a este ou aquele problema."

Oh, elas estão bastante felizes em ir avançando lenta mas gradualmente em direção ao inevitável. E então, quando isso acontece, claro, isso é outra questão. Elas nunca vão enfrentar as coisas espirituais quando chegarem aqui. Esse não é o motivo ou o ponto da comunicação. O motivo ou o ponto da comunicação, à parte, claro, de confortar aqueles que choram, é que deveríamos infiltrar pensamentos e ideias e ideais espirituais; para que os indivíduos, em consequência, sejam tão carregados com esta nova vitalidade e poder de vida espiritual que queiram colocá-la em prática enquanto ainda estão na terra, e que queiram realizar algumas coisas espirituais enquanto ainda estão no mundo material; por outras palavras, ajudar a trazer mudanças que serão benéficas para a raça humana, derrubar as barreiras que são construídas através da ignorância e da tolice entre povos e nações, trazer uma perceção da unidade da humanidade, a perceção da verdadeira fraternidade —

como ela pode ser trazida à existência — e trabalhar e esforçar-se por isto, mas não pensar no "eu" individual.

A parte insatisfatória sobre tanta comunicação é este egoísmo, este "Eu, eu tenho de receber isto", "Eu paguei uma taxa", "Eu percorri uma longa distância para ter uma comunicação e espero isto", "E por que não recebo o que desejo?". Afinal, eu sou um espiritualista, vês? As pessoas, tantas delas, têm o instinto errado; estão preocupadas, infelizmente, com o mundano e o material e, em consequência, não seria surpresa se a vasta maioria das comunicações que recebessem fossem de ordem inferior; e que atraíssem a si mesmas almas de natureza inferior, em vez de almas de uma natureza elevada, com uma filosofia maior e uma maior perceção da verdade. E quando somos atraídos, encontramos almas travessas. Não quero ser deprimente, mas posso assegurar-te que há um bom número de chamados médiuns com intenção, sem dúvida na sua própria opinião, mas que recebem o que pensam ser comunicações de almas de uma ordem superior.

De facto, descobrirás que frequentemente aqueles que afirmam ser de uma ordem superior não são o que parecem. É infeliz, mas é verdade, que muitas pessoas foram enganadas porque, na sua tolice, permitiram que o seu ego entrasse de tal forma na comunicação que a distorceram; criaram, de facto, algo que em essência e em realidade não está lá. A tragédia do espiritualismo e da mediunidade muitas vezes é que o indivíduo sente que deve apenas ter guias, deve apenas ter pessoas deste lado da vida que sejam ou muito conhecidas de alguma forma ou bem além disso, ou que eles próprios são tão avançados que o seu guia particular ou o seu mensageiro é muito mais, diremos nós, altamente avançado e de um estatuto maior do que a Sra. Brown, que também é médium.

Existe este terrível tipo de competição mental e estúpida que ocorre até entre médiuns. E estou grato por ter de, por vezes, descer às realidades desta verdade, deste assunto. Se queremos encontrar a verdade, se queremos fazer o trabalho do espírito, se queremos realmente alcançá-lo, temos de nos livrar de toda a estupidez que é tão frequentemente aparente entre as pessoas que se chamam espiritualistas e também, muitas vezes, entre aqueles que se chamam médiuns.

Sei que há muitas pessoas sinceras, mas também há muitas que são tão medíocres na sua mediunidade que causam tanto dano que afugentam o falar e o esforçar-se pela verdade, e ouvem muito deste lixo que se pretende enviar deste lado, o qual, claro, é tão óbvio para qualquer pessoa com razão que a

inteligência não poderia possivelmente ser. Há tantas facetas em todo este assunto, mas eu diria isto: que se um buscador é realmente genuinamente sincero e entra na comunicação sob condições sinceras, percebendo as complexidades da comunicação, mantendo um coração aberto e uma mente aberta pronta para receber, e ao mesmo tempo sendo gentilmente analítico e crítico se necessário, mas aceitando onde é possível aceitar com razão e inteligência, então eles percebem este assunto nessas linhas, e a orientação de que precisam de sobrevivência na comunicação, mas receberão orientação e ajuda de almas que apreciam a sua atitude mental e o seu motivo, e serão ajudados e contactarão genuinamente almas de uma ordem superior que verão neles a oportunidade de realmente servir.

Mas estas almas têm sido tão desencorajadas, vez após vez, com vários indivíduos, instrumentos, que mostraram promessa; e muitas vezes o instrumento que mostrou promessa permitiu-se, infelizmente, através da sua ambição, através do seu desejo por vezes de alcançar o que podem sentir ser o topo na mediunidade, permitiram-se tornar-se, em consequência, sofrendo com orçamentos e sentando-se mês após mês, ano após ano, e apenas ficando contentes com o que é de valor real; eles ficaram bastante felizes por serem capazes de obter o tipo habitual de mensagem que lhes traz alguma popularidade e, claro, muitas vezes algum tipo de rendimento. Infelizmente, tanta boa mediunidade tem sido desviada para um certo nível que é aceite e aceitável para os espiritualistas e, geralmente, vastos números de médiuns que poderiam ter sido de um alto calibre e ordem, que fizeram um grande trabalho, um trabalho realmente sincero de natureza espiritual, foram desviados para este tipo de vibração inferior da mediunidade que, embora inquestionavelmente tenha o seu propósito, é infeliz.

Vemos isso em todo o lado: vemos esta que é de um nível inferior, uma condição inferior de mediunidade que não precisaria nem deveria ser; e é minha opinião por que o espiritualismo não fez o progresso espiritual que deveria ter feito, quando se considera quanto foi feito e quanto poderia, de facto, ser feito por alguns destes "instrumentos" agora que ainda estão a ser usados, que estão bastante felizes na sua situação atual, enquanto sabem muito bem dentro de si que deveriam estar a fazer um trabalho maior, num sentido maior, num sentido mais elevado; que deveriam estar a servir de uma forma em que a maioria dos povos teria uma convicção firme do verdadeiro significado da sabedoria espiritual e do conhecimento e da experiência e da fraternidade entre os homens. A tragédia parece-me ser que a vasta maioria dos simples espiritualistas está bastante contente e bastante feliz em aceitar

mediunidade num nível baixo, o que não deveria ser; e penso que, embora a sociedade mediúnica deva cair sobre os organizadores de sociedades e igrejas que estão contentes com este tipo de mediunidade porque enche a sua igreja e porque é isso que sentem que o público quer — e, claro, no sentido de que o público está satisfeito —, mas nós não estamos preocupados com o tipo de satisfação deles.

Nós somos, aqueles de nós que são genuinamente sinceros e preocupados com a verdade espiritual e a realização, não vamos necessariamente aquiescer ao longo da linha, não vamos necessariamente estar sempre onde estivemos, na linha de retaguarda. Tentamos por vezes, e conseguimos, claro, em melhores momentos, passar e fazer contacto e comunicação; mas parece-me que até que haja esta mudança entre os espiritualistas em geral e entre as igrejas e sociedades, então qualquer esperança de progresso que tanto amamos e desejamos não acontecerá. E, claro, outro entrave, e um muito grande também, é este apego ao molde gasto pela terra da religião, ao credo gasto pela terra do dogma. Sei que muitas das igrejas e sociedades e os espiritualistas deitaram fora muito do dogma, mas isso não altera o facto de que ainda existe este tipo de atmosfera cristã inferior bastarda, que não é nem boa nem má, e para mim parece tão estúpido.

É uma imitação pálida da igreja. Odiar a igreja em si mesma é, creio eu, bastante estúpido, porque a pessoa média que é atraída para o espiritualismo cansou-se, obviamente, em muitos casos, da igreja; descobriu que a igreja não ofereceu o que esperavam, o que tinham estado a procurar naquela hora de necessidade; a igreja falhou-lhes, por isso procuram entre os espiritualistas para ver se eles têm a sabedoria e a verdade que tanto desejam. E o que encontram? Encontram uma imitação muito pálida, não tão bem organizada, que não tem a mesma atmosfera; por outras palavras, parece-me que muitas vezes teriam estado melhor se tivessem permanecido na sua igreja.

Vês, toda a questão é que estamos a lutar para trazer uma perceção universal do poder do espírito todo-poderoso ao homem, e isto só pode ser feito quando nos sacudirmos de todos os credos e dogmas e compreendermos que por séculos o homem deve ser corajoso o suficiente para enfrentar a realidade e a verdade, e não ter de se amarrar a todas estas coisas que ele pensa que lhe dão uma pobre respeitabilidade, porque ele teria muito — o espiritualismo nunca seria respeitado nesse sentido. O espiritualismo sempre teve de lutar, sempre teve de fazer o que podia contra grandes probabilidades, mas a verdade veio à tona no fim. Se queremos manter isto, não devemos ter medo; da mesma forma, os espiritualistas têm medo.

Muito obrigado. Posso fazer-te uma questão? Sim, o que é? Bem, eu não tenho medo das pessoas mentais, aterrorizantes. Sempre pensei que estes médiuns, com dez marcações seguidas, estão a vir na vibração de todas essas coisas? É isso possível?

Claro, isto é uma espécie de máquina de fazer salsichas na qual eu falo, e parece-me que todas as peles das salsichas são enchidas com o mesmo material e, embora aqui e ali possam ser torcidas e dar algumas coisas boas, isso não afeta a maioria delas. A maioria das salsichas são indigestas e penso que poderiam oferecer a muita gente... vês, lá está novamente, acho que há demasiada complacência com as pessoas. Sei que não há dúvida de que muitos médiuns sentem que a vasta maioria das pessoas que os procuram está mais preocupada com coisas materiais, conselhos materiais, para os quais seria melhor irem à Madame Blanche no final de um cais — o que é uma tragédia do espiritualismo como o vejo hoje. Não está a ser usado e demonstrado da forma em que deveria ser; há demasiada complacência com as mentes juvenis de indivíduos que estão preocupados em receber mensagens que resolvam os seus problemas materiais.

Resolver os problemas materiais de pessoas no vosso mundo que foram colocadas no vosso mundo para ganhar conhecimento e experiência — o que só pode ser feito através da luta com a vida e às vezes até falhando; muitas vezes aprendemos mais com as nossas falhas. Claro, há momentos em que aconselhamos e estamos felizes em aconselhar e fazer o que podemos, claro, voltamos mentalmente, fisicamente e em todos os sentidos, mas o problema é que há tantas pessoas que dependem de mensagens de uma ordem inferior; de facto, torna-se para elas uma espécie de narcótico. Parece-me que, nalguns casos, é a mesma velha rotina, especialmente entre muitos dos frequentadores regulares de igrejas e sociedades, que vêm todos os domingos à tarde na esperança de receber uma mensagem e, se não recebem uma mensagem talvez após 6 ou 7 domingos, ou deixam de ir ou procuram uma consulta privada, e isso dá-lhes alguma satisfação por um tempo.

O espiritualismo nunca foi pretendido para ser como é hoje. Aqui e ali existem pessoas genuinamente sinceras a fazer um grande trabalho, mas infelizmente elas têm estado, de facto, a seguir há algum tempo considerável muitas das sociedades e igrejas que apenas se comprazem no mundano e no comum. Ainda se deve avançar da forma em que o espírito pretendia: carregando a tocha da iluminação da mente e do espírito, trazendo coesão e compreensão e conhecimento e verdade; e nunca o faremos enquanto formos

mantidos em baixo ou travados pela tacanhez do espiritualista médio. Este é um pensamento terrível, é uma coisa terrível, mas é verdade.

De todas as formas, a evidência de sobrevivência é essencial e necessária na primeira instância para cada ser humano que procura a verdade; mas depois recua, afunda-se nos velhos caminhos e muitas vezes, como eu afirmo, contenta-se com a mensagem habitual, embora saibam nos seus corações que provavelmente nem é verdade, em primeiro lugar; e em segundo lugar, se for, não importa. Muitas pessoas estão tão preocupadas com o mundano e o material, até os chamados espiritualistas. Por outras palavras, o que queremos é mais espiritualidade em vez de espiritualistas a murmurar e a falar; e menos caça às mensagens e muito mais fazer em vez de receber; pôr algo nisso em vez de estar sempre a tirar algo. É um pensamento de grande angústia para nós, mas continuamos, fazemos o nosso melhor.

Mas as pessoas deveriam aprender mais sobre a mediunidade: o que ela pode fazer, o que pode alcançar; e elas mesmas deveriam perceber que têm as suas próprias faculdades espirituais, para que pudessem ser verdadeiramente úteis e usar-se a si mesmas, não confiar demasiado nos outros, não confiar demasiado nas mensagens que sentem que devem ter. Sabemos muito bem que, se queremos progredir e se queremos trazer ao vosso mundo um conhecimento maior e uma felicidade maior e uma perceção da verdade, tendes de quebrar a vossa tolice e a vossa ignorância. Há tanto que gostaríamos de ver mudar, mas sem dúvida levará muito tempo. Mas continuamos, esforçamo-nos, fazemos o nosso melhor; e se tivéssemos mais pessoas como vós, que estivessem realmente genuinamente a trabalhar e a lutar pela realização espiritual e pela conquista, conhecimento e experiência, e a espalhá-lo como estais a tentar espalhar, então poderíamos seguir em frente e faríamos bem.

Como bem sabes, muitas vezes, por causa da vossa atitude mental, por causa do vosso desejo espiritual de elevar e iluminar, deparam-se com todo o tipo de problemas vocês mesmos, e mesquinhices e ciúmes e todo o tipo de outras coisas sobre a vida, mesmo entre aqueles que professam saber e compreender. Penso que um dos nossos maiores entraves é o facto de haver tantos que têm grandes dons e que os prostituem, que os usam num nível baixo em vez de os usarem como deveriam usar, no nível espiritual mais elevado possível que podem alcançar e atingir pelo seu próprio esforço. Nós não podemos fazer isso; só podemos vir e ajudar-vos. Não podemos obrigar ninguém a fazer nada que não queiram fazer. Elas querem alcançar, mas as pessoas serão guiadas, infelizmente, por estas mentalidades de baixo nível e,

em consequência, o espiritualismo ficará nesse nível ao qual, infelizmente, se habituou e é aceite.

O espanto de o espiritualismo não cumprir o propósito que deveria cumprir é por causa dos espiritualistas. É uma coisa trágica. É verdade, os espiritualistas não gostam de ouvir isto. É verdade, eles devem ou fazer algo sobre isso muito em breve, caso contrário parece-me que deveríamos recuar a tal ponto que apenas aqueles do estrato mais baixo do nível espiritual — por outras palavras, aqueles nos planos presos à terra e na vizinhança da terra — serão capazes de fazer um contacto, e apenas aqui e ali muito poucos acharão tão difícil começar a curar. É um grande problema enfrentar o espiritualismo hoje e, até que os próprios espiritualistas façam o esforço, pouco podemos fazer. De certa forma, receio sofrer um pouco de uma dívida pessimista e realmente não posso ser ajudado, e penso que a consequência de tudo isto é que tenho de parar. Oh, obrigado, adeus. Adeus. Muito obrigado por essa maravilhosa palestra.

Notas:

1. Identidade e Propósito

- *Comunicante: Dr. David Scott, atuando na qualidade de Conselheiro Espiritual e Técnico.*

- *Caráter da Sessão: Não é uma comunicação familiar, mas uma palestra instrutiva e um manifesto de reforma. Scott apresenta-se com uma autoridade pedagógica, focada em educar investigadores e médiuns sobre as leis naturais da comunicação.*

2. A "Mecânica" do Contacto (Dificuldades Técnicas)

- *O Mito da "Chamada": Scott desmistifica a ideia de que um espírito pode ser "chamado" por conveniência. O contacto depende da presença fortuita do espírito no momento ou de um laço prévio de assistência espiritual na casa do assistente.*

- *Tripla Concentração: Explica que o comunicante deve realizar três tarefas simultâneas:*

1. *Baixar a vibração para o nível denso da Terra.*
2. *Concentrar-se em factos mnemónicos (evidências).*
3. *Manipular a "caixa de voz" para transmitir som inteligível.*

• *Inconsistência da Mediunidade: Define a mediunidade como algo inerentemente instável. Refuta a ideia de que um bom médium é "sempre bom", pois fatores externos (pensamentos dos assistentes) e internos (estado do médium) flutuam constantemente.*

3. Crítica ao Espiritualismo "Mundano"

• *A "Máquina de Salsichas": Analogia usada para criticar a mediunidade comercial e repetitiva, onde as mensagens são superficiais e produzidas em série.*

• *Narcótico Espiritual: Alerta que o vício em receber mensagens de conforto impede o progresso da alma, que deveria aprender através das dificuldades e falhas da vida física.*

• *Obsessão pelo Óbvio: Explica que a telepatia (leitura da mente do assistente pelo médium ou pelo espírito) é um perigo real. Por isso, os espíritos avançados evitam dizer o "óbvio" (o que o assistente já sabe), preferindo trazer factos desconhecidos que serão verificados mais tarde.*

4. Ética e Alerta contra a Personificação

• *Falsas Hierarquias: Critica a vaidade de médiuns que afirmam ter apenas "guias ilustres". Scott afirma que o ego do instrumento muitas vezes distorce a realidade, criando figuras fictícias de "ordem superior".*

• *Espíritos Travessos: O foco em questões materiais atrai entidades de baixa evolução que se divertem a enganar os assistentes fúteis.*

5. Relação com a Religião Organizada

• *O "Bastardo Inferior": Termo duro usado para descrever o espiritualismo que tenta imitar a Igreja em vez de ser uma ciência da alma. Scott argumenta que a falta de coragem em abandonar dogmas e credos impede o progresso espiritual do movimento.*

6. Conclusão e "Pessimismo Pedagógico"

• *Scott encerra com uma nota de advertência: se os espiritualistas não elevarem a sua própria vibração e motivação, o contacto com as esferas superiores tornar-se-á cada vez mais difícil, restando apenas o acesso às zonas "presas à Terra".*

DAVID CATTANACH

A MORTE COMO UMA TREMENDA AVENTURA

INTRODUÇÃO: Esta sessão foi gravada a 1 de agosto de 1969*, médium Leslie Flint. David Cattanach fala com a sua mãe e com o grupo sobre o seu nível de consciência, o que encontra, o seu trabalho e as suas aspirações.

DAVID: Conseguem ouvir-me? Sim, sim, sim. Ainda fazem isso? Nós vamos como um grupo, tão perplexos, tão, sabem, absolutamente abalados pelo facto de estarem mortos; em alguns casos, nem sabem que estão mortos. Quando uma pessoa morre em circunstâncias muito trágicas, acho que há um choque terrível e, em alguns casos, elas tendem a ficar presas à terra. Nós podemos ajudá-las até certo ponto, claro; para alguns é muito difícil de alcançar, mas na maioria dos casos conseguimos ajudar consideravelmente.

Ficariam surpreendidos como algumas pessoas não se agarram à terra, elas apenas pensam que estão numa espécie de sonho e que vão acordar; é uma espécie de pesadelo nalguns casos para algumas pessoas. Elas nem sabem que estão mortas, apenas pensam que é algum tipo de sonho estranho e que vão acordar; e elas assombram — se é que se pode usar a palavra — frequentemente a sua casa e as pessoas que conheceram, e tentam atrair a atenção nos estágios iniciais da chegada. Ficam muito perturbadas, furiosas e, às vezes, muito irritáveis. De alguma forma, nalgumas instâncias, isto é feito por indivíduos presos à terra; eles não são necessariamente maus, claro, estão é frustrados, percebem.

MÃE: O Bob está a trabalhar contigo?

DAVID: Sim, Bob. Somos muito próximos, obrigado, somos bons companheiros.

MÃE: Oh, isso é adorável.

DAVID: Fazemos uma grande quantidade de trabalho juntos, como homens e mulheres.

MÃE: E querido, o Tom ainda está contigo?

DAVID: Sim, sim.

MÃE: Bom.

DAVID: Eu pergunto: conseguem ouvir-me?

MÃE: Sim, muito bem, querido.

DAVID: Sabem, é tão, tão estúpido — falo do vosso ponto de vista — que uma pessoa pretenda dizer isto, eu decido-me, e para mim, claro, aplica-se a outras pessoas; e quando chega o momento, é como se, de alguma forma, o cérebro morresse — isto se eu tiver um cérebro, não sei, essa é outra coisa engraçada. Para todas as aparências externas, suponho que pareço muito como vocês se lembram de mim, mas suponho que o meu corpo é, num sentido, uma réplica do antigo na terra; no entanto, eu nem sei se tenho um coração, ou se tenho um cérebro, acho que não tenho, num sentido. Não é estúpido?

MÃE: Não.

DAVID: Quero dizer, eu não suponho... não sei, não é bizarro saber que se está consciente, que se é capaz de pensar muito mais claramente, que se é capaz, sob as nossas próprias circunstâncias e condição, de ser capaz de explicar e expressar coisas muito melhor do que talvez tivessem feito na terra? A vida inteira de uma pessoa é muito mais excitante e interessante e cheia de oportunidades de tantas formas diferentes. No entanto, digo para mim próprio — e suponho que isto me ocorra numa fração de segundo —: "valha-me Deus, isto é a coisa habitual; tens um cérebro, tens um coração e o resto, como te lembras de mim?", e no entanto deve haver uma ou quatro diferenças. Mas é um corpo físico, tão real para mim como o antigo era, no entanto, não tenho de estar sujeito a todos os... bem, aos problemas de um corpo material.

Quero dizer, não tenho as dores nem nada disso, sabem, e nem sequer tenho consciência de me esforçar para pensar sobre... quero dizer, claro, quando venho falar, tento falar melhor, transmitir os meus pensamentos, sentir esta coisa — estou a esforçar-me a sério, percebam, para passar a mensagem, sim; mas sob as minhas próprias condições normais de vida aqui, tudo parece ser tão pausado e tão fácil, e tão calmo e tão agradável. Não tenho consciência de ter de trabalhar arduamente ou de me esforçar por nada.

Quero dizer, estou a aprender todo o tipo de coisas, claro, de formas diferentes, mas gostava que houvesse uma maneira de eu poder explicar as coisas de forma inteligente. Quero dizer, sinto-me um bocado totó, francamente, às vezes, quando venho e tento falar. "Será que vou conseguir passar isto?", e como posso explicar algo quando não existem palavras que eu possa conjurar que expliquem exatamente o que quero transmitir? Porque quando me afasto da terra, longe dos velhos pensamentos e ideias e o que quer que seja, e entro no meu próprio ambiente, de certa forma é tão dissimilar. Existem tantos aspetos diferentes que são absolutamente, bem, um contraste, poder-se-ia dizer, em relação à forma material de pensar e viver.

Quero dizer, eu adoraria ser capaz de falar naturalmente, ser capaz de vos contar coisas sobre aspetos da minha vida, o que eu faria se conseguisse encontrar um caminho a partir das esferas, diferentes condições de vida. Falamos de música, por exemplo; ou talvez alguém tenha um grande interesse em fazer algo num campo de atividade diferente, ou estudar, ou querer tornar-se um artista, ou uma pessoa criativa, de alguma forma ou feitio. E isto é uma alegria e a beleza da coisa, de certa forma.

Quero dizer, há milhares de pessoas, sem dúvida, que nunca tiveram uma oportunidade no vosso mundo de se expressarem de forma alguma em particular; provavelmente nunca tiveram a oportunidade por falta de bases na educação, ou finanças, ou o que quer que seja. Aqui, todos têm uma oportunidade, se assim o desejarem, de entrar num campo de atividade; pode ser num campo ou noutro. Quero dizer, eu tenho um interesse tremendo na música e espero que, nessa direção, eu seja capaz de alcançar algo que não seja apenas uma alegria e prazer para mim, mas para os outros.

Por exemplo, eu assisto, suponho, a festivais — não sei se essa é a palavra certa —, mas há todo o tipo de grandes músicos também, que compuseram; grandes compositores compuseram, novas obras são agora tocadas em vastos auditórios. Nem sempre são necessariamente em edifícios; temos o que suponho que chamariam — não sei se esta é a melhor maneira de o dizer — vastos anfiteatros que estão num ambiente natural. Quero dizer, se pudessem ver este mundo, se eu pudesse ao menos começar a descrevê-lo... Quero dizer, não é apenas, em alguns aspetos, semelhante ao vosso mundo do ponto de vista do ambiente natural, ou da natureza e tudo isso, mas muito mais além disso. Quero dizer, por exemplo, as cores. Temos cores que eu nem saberia como começar a retratar num slide; nem sequer condizem com nada de que me consiga lembrar na terra. Mas é disto que se trata.

Quero dizer, esta é outra coisa excitante, sobre a qual nem sei como começar a falar ou explicar. Podemos estar em vários níveis diferentes; podemos aspirar, sim, claro, e aspiramos, e alcançamos uma consciência diferente, se preferirem, de certos aspetos da vida que ainda não são exatamente nossos, mas nos quais eventualmente entraremos. Não há linhas de demarcação, não há barreiras entre um campo de atividade, ou um estado de ser, e outro. Há num sentido, mas é dentro de nós próprios; a própria pessoa cria, por assim dizer, a barreira, mas uma vez que te libertas e aspiras, uma vez que abres a tua consciência... recebemos instruções e orientação de esferas muito elevadas, que descem por sua própria vontade para nos dar ideias, para nos dar instrução, elevação e orientação. Não é necessariamente o

que chamariam, suponho, de religioso, no entanto, suponho que, de certa forma, se poderia chamar-lhe isso nalguns aspetos.

É a coisa mais extraordinária, nem sei como começar a retratar ou descrever algumas coisas, mas estamos cientes — suponho que essa seja a única palavra que eu poderia tentar usar —, cientes das oportunidades que estão por todo o lado ao nosso redor. Podemos não estar no nível de consciência necessário para herdar ou assumir em nós mesmos a plena perceção de certas coisas, mas está lá. É como se, de alguma forma, ao abrirmos a nossa consciência, nos tornássemos subitamente cientes de outras pessoas, outras presenças de outras esferas ou outros lugares de atividade, e assumimos, temporariamente talvez, algo deles que eles nos dão ou partilham connosco.

É a coisa mais extraordinária, como se explica ou o que se sente realmente. Eu sou eu, mas ao mesmo tempo há momentos em que sou mais do que eu; estou separado de outras pessoas porque, temporariamente pelo menos, recebi algo de alguma outra alma, que partilhou algum aspeto de si mesma comigo, e isso permitiu-me expandir a minha visão e a minha experiência; e ajustei-me de acordo com a nova experiência e, se me permitem dizer, sabedoria.

Claro, posso expressar-me com toda a franqueza: ninguém deste lado será capaz de vos dizer em palavras tantas coisas pertencentes aos nossos pensamentos ou experiência, porque, vejam bem, o que quer que queiramos transmitir-vos, temos, até certo ponto, de o baixar para um nível material para que consigam captá-lo; e temos de tentar, o melhor que podemos, colocar em palavras, na vossa perceção das coisas, porque temos a dificuldade em encontrar uma forma de o colocar numa linguagem. Mas todas estas coisas, de alguma forma, embora sejam difíceis de superar, nós esforçamo-nos por fazer o que todos nós queremos. Eu sei que é para vocês serem conscientes e estarem cientes, não como se lembram de nós — isso é perfeitamente importante e suponho que, de certa forma, é compreensível, e num sentido talvez a única forma de conseguirem recapturar-nos, ou a mim, ou a quem quer que conheçam —, mas há muito mais do que isso agora, comigo e com todos nós. Há tantos aspetos da nossa realização, como indivíduo se preferirem, ou pessoa, ou como alguém que conheceram.

Mas vejam, acho que todo o segredo disto é que, embora sejamos indivíduos, somos, num sentido, um vaso que assume em si todo o tipo de impressões e ideias, todo o tipo de acontecimentos excitantes, poder-se-ia

dizer, ao experienciar e contactar com outros. Eu estou muito mais expandido no meu ser, muito mais, acreditem em mim. Perder alguém, como se diz no sentido material — alguém que conheciam e amavam, especialmente alguém que era jovem —, é um golpe terrível e um choque e uma deceção. E quão grandioso é ver, do nosso ponto de vista, após o choque inicial de deixar a terra e começar a abrir a consciência para a visão mais ampla das coisas aqui... é algo pelo qual nos devemos regozijar. Mas para vocês... sabem, estarem infelizes e arrogantes [no sentido de revoltados]... claro, naturalmente estão infelizes, porque sentem falta da presença física e de todas as coisas que isso significa. Mas acreditem em mim, se pudessem ver como eu vejo, e saber como eu sei, o que é a vida aqui e a realidade dela, e a beleza dela, e o entusiasmo dela, e a aventura... é uma aventura tremenda.

É a coisa mais excitante que alguma vez poderia acontecer a alguém: é morrer. Morrer não é perder a perceção das coisas e da vida; é ganhar uma visão melhor e um entendimento melhor, com uma oportunidade mais ampla e com todo o tipo de coisas excitantes que se encontram à frente de uma pessoa. Eu sei que não é fácil, mas não olho para trás, num sentido; olho para trás apenas do teu ponto de vista e do ponto de vista do pai, sabem. Eu amo-vos e venho ter convosco, mas acreditem em mim, se pudessem ver como eu vejo e saber como eu sei, perceberiam que aventura tremenda — se não existe maior aventura que alguém pudesse desejar, é a de morrer. Morrer é viver.

Morrer é abrir a consciência para tal beleza que as palavras... não conseguiriam sequer começar a descrevê-la. A beleza do mundo que eu herdo, e estou na orla... é isso que torna tudo tão excitante. É... seja o que for que está a acontecer, e tanto está a acontecer comigo e com outros como eu; mas estamos apenas a tocar na orla da eternidade. Quero dizer, isso em si soa, talvez, a uma coisa estranha de se dizer, mas ninguém consegue analisar, ou ninguém, suponho, pode realmente dizer para si mesmo algo sobre a eternidade com convicção. De facto, toda a ideia, suponho, da eternidade assusta uma pessoa; de facto, nem se consegue visualizar o que significa continuar e continuar e continuar indefinidamente.

Mas o que a torna uma realidade, o que a torna uma coisa tão extraordinária e excitante, é que nunca paramos de aprender. Há sempre algo mais para experienciar; assim que retiras, por assim dizer, da tua esfera particular de vida, ou atividade, ou condição em que te encontras, conforme assimilas tudo o que podes, gradualmente tornas-te ciente de outros horizontes e de outras coisas que jazem mais à frente. E é um esforço contínuo, uma

escalada contínua, se preferirem, de uma condição para outra. É... é a coisa mais excitante e maravilhosa.

Claro, nenhum de nós sabe realmente a que extensão... essa é outra coisa que a torna compreensível — e suponho que para algumas pessoas, que não chegam a compreender, a tornaria terrível — é que, virada a esquina, há sempre algo novo, fresco e excitante, alguma nova aventura. Ninguém precisa de temer, acreditem em mim. É a experiência mais maravilhosa. Assim que começas a refletir sobre isso, assim que começas a abrir-te, está lá, à espera de ser... sabem, honestamente, posso assegurar-vos de que ninguém precisa de temer morrer. É algo que... uma pessoa não se deve portar muito mal, num sentido.

Claro, não é tão fácil para eles [os que se portam mal], porque têm de começar, como se poderia dizer, no fundo; de facto, têm de descer, certos esforços... ninguém o pode fazer por ti, ninguém te pode salvar. Várias pessoas podem vir e apontar o caminho; podem vir e mostrar o trilho; podem ajudar-te até certo ponto a percorrer o trilho, mas não podem realmente percorrê-lo ou fazê-lo por ti. É aí que todas as grandes religiões, até certo ponto, têm uma verdade fundamental. Os mestres, grandes profetas, as pessoas que vieram ao mundo, como Jesus, para mostrar um trilho, para mostrar um caminho, para dar o exemplo — mas eles não podiam fazê-lo por ti. Eles só podiam apontar o trilho e o caminho, e dar-te esperança. Como eu vejo a realidade, a beleza e a alegria de tudo isto... se ao menos os espiritualistas pudessem pregar a verdade como nós a conhecemos! Não que às vezes não a preguem, mas se pudessem fazer as pessoas ver o que está por trás de tudo o que dizemos e fazemos... mesmo às vezes dizemos algo muito material, talvez, mas são realmente, num sentido, apenas chaves que abrem portas. Se as pessoas desejam caminhar mais para o interior, depende delas, não as podemos forçar.

Se ao menos uma vez tivessem percebido... é como se estivéssemos a tentar perfurar uma língua [barreira], e isto faz parte, por assim dizer, dos pensamentos das pessoas; não há paz, nem tranquilidade, nem harmonia. Espíritos individuais aqui e ali, sim; e com as pessoas que conhecemos e amamos, existe aquele amor que elas nos devotam e que nós lhes devotamos, que é como uma luz na escuridão, que pode abrir a frente de milhões, talvez de um mundo vasto, se eles compreendessem devidamente o que estamos a tentar fazer convosco e através de vós.

O mundo inteiro poderia encontrar a sua salvação, mas sabemos que é uma tarefa quase impossível. No entanto, sabemos que existe a possibilidade de que eventualmente... bem, talvez, esperamos de qualquer forma, que façamos o melhor que pudermos. Eu sei que tu fazes o teu bocadinho à tua maneira, e fazes o trabalho, e sei que outros nesta sala, claro, estão a fazer trabalho semelhante, e estamos muito gratos, claro, por o conseguirmos fazer.

Mesmo assim, tanto se perde, tanto não é dado do que gostaríamos de ver dado às pessoas que realmente estão em tão desesperada necessidade. Mas não é apenas confortar aqueles que choram e curar os doentes, quer sejam da mente ou do corpo — todas estas coisas são vitais, importantes, nós sabemos isso; mas é para as pessoas no vosso mundo perceberem a realidade do espírito que temos, e uma experiência do conhecimento desse espírito que podemos, até certo ponto, transmitir-vos, para que vós possais, pelos vossos pensamentos e ações, dar aos outros, para que eles vejam como nós vemos: que somos todos um. Não estamos separados, somos todos um, um só espírito. Somos espíritos individuais, sim, até certo ponto, é verdade, mas fazemos todos parte uns dos outros.

O Mickey ainda está aí? Ele assumiu o controlo. Mickey, obrigado. Ele é um rapaz muito inteligente e é um amor, eu gosto dele. Obrigado, obrigado Mickey. Ele realmente entrou num nível diferente, percebem. Isto é o que vocês, pessoas, talvez não entendam totalmente. É a natureza humana, natural, que anseies comunicar com o teu filho, ou o teu marido, ou a tua mulher; e tu naturalmente assumes que, até certo ponto e com toda a razão, eles estarão naquele nível em que te lembras deles, e eles ficam, até certo ponto, temporariamente nesse nível — em parte para teu benefício, não só para te dar convicção, mas também para te fazer sentir bem por dentro, sabes, que eles não mudaram assim tanto e que os reconhecerás, etc., o que é tudo muito verdade. Mas assim que eles se envolvem neste lado da vida — e acho que isto se aplica talvez muito mais aos jovens, no início, porque eles assimilam mais rapidamente, estão mais preparados para a mudança e não estão tão enraizados nos seus caminhos e ideias —, mas sabem, é disto que se trata.

Há tanto que poderíamos dar-vos, pessoas, em diferentes níveis de perceção e consciência, sabem... mas, claro, quando se trabalha para alguém — e eu dou um salto —, então a maioria das pessoas é modesta, suponho, com elas e com toda a razão, não estou a condenar. Elas pensam: "oh, bem, se eu receber uma pequena mensagem do meu amigo, ou do meu filho, ou do meu nascimento [parente], sabem, sobre se devem fazer isto ou aquilo, ou se não devem fazer aquilo", num nível básico, sabem.

Talvez nos tenhas proporcionado um tempo belíssimo. Oh, bem, naquele tempo, sim, bem, às vezes eu fiz isso porque senti que as pessoas estavam preocupadas, estavam interessadas, e então pensei: "bem, sabem, este é um grupo simpático e eles tiveram provas de diferentes tipos, uma vez, mais do que uma vez, claro, provavelmente", e eu penso: "e então?", sabem. Ele era um professor belíssimo. Oh, sim, bem, ele estava sempre entusiasmado, sabem, e estava a receber muita ajuda também, sabem. Tenho a certeza de que estava.

E Mickey, este grupo tem-nos a nós. Dá-me um grande prazer quando sei que vêm pessoas como vós que, embora, claro, naturalmente fiquem felizes se receberem uma mensagem pessoal — e é apenas humano e correto que fiquem —, mas, sabem, sentimos que há tanto que poderíamos fazer, e tanto que seria de valor para outras pessoas, não necessariamente apenas as pessoas que estão presentes no momento. E elas ouvem as vossas gravações, sabem, e isso poderia espalhar-se, e poderia ajudar muita gente e poderia abençoá-las, sabem. Fim.

Notas:

- *David Cattanach: Um comunicante que se destaca pela sua alegria e pela clareza com que descreve a vida espiritual. Ele partiu jovem, o que, segundo ele, facilita a adaptação às novas realidades por não ter ideias tão "enraizadas".*

- *A "Aventura de Morrer": O tema central desta fita é a desmistificação do medo da morte. David descreve-a como o momento mais excitante da existência, uma passagem para um estado de maior lucidez intelectual e sensorial.*

- *O Dilema da Linguagem: David expressa a frustração sentida por muitos comunicantes: a dificuldade de traduzir a beleza e as cores do mundo espiritual para a linguagem limitada e material da Terra. Ele refere-se ao seu próprio esforço para falar como se estivesse a "perfurar uma barreira".*

- *O "Vaso" de Consciência: Ele apresenta uma perspetiva metafísica interessante: embora mantenhamos a nossa individualidade, somos "vasos" que podem absorver temporariamente a sabedoria e a presença de seres de esferas superiores, expandindo o nosso ser para além do "eu" original.*

• *Tratamento: O tratamento por "tu" foi mantido, refletindo a intimidade entre David e a sua mãe, bem como a sua atitude fraternal para com o grupo.*

MICKEY:

TRABALHO, AGUDEZA E SABEDORIA

Este registo é uma pérola do arquivo de Leslie Flint, pois mostra o guia **Mickey** no seu estado mais puro: uma mistura de mestre-de-cerimónias atarefado, comediante de *music hall* e amigo leal. Aqui, ele descreve o seu trabalho não como algo místico ou solene, mas como uma tarefa hercúlea de organização, comparando-se a um "moço de recados" num hotel espiritual.

MICKEY: Alguém o empurrou para dentro, então; um tipo qualquer diz: "diz-lhes, oh, ele é um bocado peixe ou algo assim", ele diz: "diz-lhes que sou o Harry". E ele diz: "ele é um bocado gato", oh, valha-me Deus (*blimey*), não estou no fim da estrada, diz aquele. Pode ser, provavelmente.

Há alguém, um Harry aqui, que se liga a ti também.

ASSISTENTE: Sim, o Tio Harry, no ano passado.

MICKEY: E ele está aqui, ele diz: "não vou sair daqui", diz ele, "até ter passado a minha parte". Sim, sim, sim. E ele diz que está aqui com o Barney, estão todos a empurrar aqui com o David e o Barney e está lá o Harry, ele diz: "diz-lhes", diz ele, "não me vou embora até ter dito a minha palavra". Ele é todo um caso. Ele é do tipo que não tem papas na língua. Bem, está tudo bem? Ele está a meter-se nesta outra mensagem. É um daqueles dias, digo-te já.

Espero que isto não aconteça com muita frequência. Há tanta gente a empurrar para entrar e sair. É realmente um bocado demais. Honestamente, sinto-me cansado.

ASSISTENTE: Oh, não estejas. Não faças isso.

MICKEY: Estou só a brincar. Deixa ver o que ele está a dizer. O que é que o velho Les [Leslie Flint] "bateria as botas" em retorno, queres tu dizer? Como estão o negociante de antiguidades e a patroa dele?

ASSISTENTE: Bem, obrigado, Mickey.

MICKEY: Como está o teu "pequeno"?

ASSISTENTE: O meu quê?

MICKEY: O teu pequeno.

ASSISTENTE: Oh, ele é muito rápido.

MICKEY: Sim, ele é um bom rapaz. Ele mudou de escola, então?

ASSISTENTE: Há cerca de um ano, sim.

MICKEY: Sim, alguém me está a falar sobre isto. Acham que ele está a progredir mais nesta nova escola.

ASSISTENTE: Sim, certamente que está.

MICKEY: Estás satisfeito com ele, então?

ASSISTENTE: Muito, muito satisfeito. Estou orgulhoso.

MICKEY: A tua patroa não diz muito, pois não? Tens a mulher bem treinada. O que é que ela está a fazer comigo? Oh, não. Às vezes digo coisas para fazer as pessoas reagirem, sabes. Porque se toda a gente ficar tensa e demasiado ansiosa e desanimada... e eles dizem: "sabes, eu consigo fazer alguma coisa". É a única forma de eu manter as coisas a andar, percebes.

ASSISTENTE: Tu fazes isso muito bem.

MICKEY: Ainda estás apaixonada por ele, não estás? Estás a falar comigo? Sim, estou a falar. Estás a falar com o meu marido? Bem, obviamente. É disso que estou a falar. Não estou a sugerir a outra pessoa qualquer na chamada, pois não?

ASSISTENTE: Pensaste em alguém para nós hoje, Mickey?

MICKEY: Oh, lá vamos nós outra vez. Sim, os velhos tempos. O "velho" está aqui. Espera. Vocês os dois fazem-me sorrir.

ASSISTENTE: Que bom.

MICKEY: Sim, sim, sim. Eu prego umas partidas, não prego?

ASSISTENTE: Bem, somos muito felizes, Mickey.

MICKEY: Claro que são. Isso brilha-vos no rosto todo, não brilha? Quero dizer, eu percebo quando duas pessoas são certas uma para a outra. Nem sempre corre bem, sabes. Apanha-se muita gente a tentar aguentar o melhor que pode uma situação má. Fazem um sorriso forçado sem que ninguém perceba: "oh, que bom ver-te", sabes. Assim que se livram da visita e batem com a maldita porta, começam logo a discutir. Oh, com tosses e o resto.

Nem toda a gente tem de estar casada, sabes. Fazem o melhor de um mau negócio. Claro, eu estou muito contente por nunca ter tido de crescer e ser "fatiado" - talvez gíria para as complicações da vida adulta). Escapei a tudo isso. Espera. Só estou a dizer isto para te fazer rir. Quero dizer, quando o casamento é um bom casamento, é simplesmente maravilhoso, não é? E vocês os dois, sabem, é óbvio, não é? Mas apanham-se muitos... Claro, eu conheço muita gente, sabes. Eu oiço as coisas. Vou vê-los. Digo: "oh, irei visitar-te qualquer dia destes". Sabes, eles dão lá um salto. Eu não dei. Oh, bem. Como estão as rosas?

ASSISTENTE: Sim, estamos bem. Muito bem, obrigado.

MICKEY: Agora, onde é que eu ia? Oh, fiquei preso com o pessoal das antiguidades, não foi? Tu és todo um caso. Sabes, às vezes penso... sou como um moço de recados num hotel. Ando por aí a chamar: "Sra. Smith, chamam por si". Não posso andar a chamá-los por nomes. Se o teu pessoal aparece, e vêm ter comigo ou indicam, dizendo: "vês aquele tipo ali? Sou o pai dele". Eu aceito-os com base no que eles dizem. Geralmente acerto, porque eles não conseguem enganar-me assim tanto. Às vezes tentam, e aparecem confusões. E depois fico ligado. Mas se o teu pessoal não aparece, o que posso eu fazer? Não posso andar a correr pelos chamados "céus" a perguntar: "oh, o que é que isto significa?". (RISOS) Tenta o Sr. Kerr, Mickey. Ele está "pendurado"? Não, piadas à parte, companheiro.

Vês, estou a fazer-te rir um pouco. Eu provoco um bocadinho, mas faz tudo parte do trabalho. Um dia vais perceber que não é a coisa mais fácil do mundo: descobrir, dar-lhes informação, tentar fazer a ligação. Sabes, é como

lidar com dois mundos ao mesmo tempo, e tu estás preso no meio, no limbo. Espera. Oh, não sei, isto faz-me sorrir. Ela é uma coisinha simpática, não é?

ASSISTENTE: Ela é.

MICKEY: Tudo bem, Stella?

STELLA: Sim, obrigada.

MICKEY: Não te consigo imaginar numa farda de enfermeira.

STELLA: Não consegues? Tenho de te dar uma fotografia.

MICKEY: O quê?

STELLA: Temos uma fotografia. Aparece por nossa casa um dia destes. Temos um álbum de fotografias em casa.

MICKEY: Tens mesmo?

STELLA: Sim.

MICKEY: Nota que não estou a dizer que... tenho a certeza de que ela é uma boa enfermeira e tudo isso, mas não sei, de alguma forma... Tu tens isso? O quê? É alguém que quer falar comigo? Sim, não percebo esta situação. Estou a ficar um bocado confuso hoje, digo-te já. Uma coisa e outra. Hum, tiveste uma separação de um cavalheiro?

STELLA: Bem, o meu marido está contigo.

MICKEY: Bem, é isso que me intriga, de certa forma. Certo. Este homem não para de te empurrar, mas nunca chega a lado nenhum. E continua a falar sobre a separação, e... Tu não estás sozinha, pois não?

STELLA: Sim, estou sozinha.

MICKEY: Bem, é muito estranho, porque ele está a dizer-me que está muitas vezes perto de ti, e diz que nunca estás sozinha. E ele está evidentemente a tentar desesperadamente que percebas a presença dele.

STELLA: Não consigo. Como poderia ela fazer isso?

MICKEY: Não sentes nem percebes nada?

STELLA: Sim, sinto.

MICKEY: Porque ele está muitas vezes perto de ti em tua casa, e ele só quer que percebas isto, e ele diz: "olha, não estamos separados". Ele diz:

"estou tão perto de ti como sempre estive, e estou a tentar ajudar", mas acho que é... Espera. Mas ele fala um bom inglês.

STELLA: Sim, ele era inglês.

MICKEY: Porque ele está a rir-se com o rosto todo, e diz: "bem, eu estou ali". Quem me dera que fizesses o teu trabalho e me deixasses em paz. Não consigo avançar com isto. Fala com ela.

ASSISTENTE: Oh, eu gostaria que falasses comigo.

MICKEY: Sim, bem, estou a fazer o meu melhor, mas devo ser honesto e dizer: é um bocado demais esta manhã. Estou a ter tanta interferência por uma coisa ou outra. Não é culpa vossa nem nada disso. Mas isto é uma multidão de pessoas aqui, e estão todos a tentar passar-me coisas, e se ao menos esperassem pela vez deles e se comportassem e agissem com sensatez, eu poderia avançar com o trabalho. Mas é compreensível, na verdade. Quero dizer, olha para aquele tipo, o Barney. Ele abriu caminho como um ciclone. Sabes, ele é determinado, vês.

E estão a concentrar-se como loucos em mim, e eu recebo as mensagens, e depois recebo a ligação sobre uma coisa ou outra, e depois sou interrompido pela mensagem de outra pessoa. É muito confuso, porque tens de te lembrar que eu não sei quem são estas pessoas. Quero dizer, conheço uma ou duas. Quero dizer, habituei-me ao teu rapaz e tal, e conheço o grupo, percebes. Mas muitos destes outros tipos, nunca os conheci, sabes. E recebo isto, e recebo aquilo, e penso: quem me dera que eles simplesmente relaxassem e tivessem calma e me dessem um espaço para respirar. Enfim, só quero meter ali o bebé por um bocado. É um daqueles dias em que o consigo ver. Está tudo bem para ti e para o teu "baixo nível", companheiro, onde tudo está decidido e mastigado.

Exato. Tens tudo escrito à tua frente. Sim, concordo contigo. Não, eu não queria o teu trabalho. Não o queria por preço nenhum, companheiro. Tudo bem. Não me consegues ouvir a rir, mas isto não serviria, pois não? Tenho de prosseguir para o Paraíso. Sim, por favor. Paraíso. Adeus. Muito obrigado. Muito obrigado. E limpem bem esses queixos todos de uma vez também. Vou tentar. Adeus. Adeus. Obrigado. Desculpem. Não o consigo evitar. Oh, não importa. Não faz mal. Dá um abraço a todos. Sim. Na verdade, achei que ele esteve muito bem hoje até as coisas começarem a falhar.

Pergunto-me por que é que às vezes tens tanta gente aqui e outras vezes não. Vou dizer-te o que vi — e eu não vejo coisas muitas vezes — e era um

belo cão spaniel preto. Um pelo lindo e brilhante, orelhas grandes e descaídas, olhos castanhos lindos; esteve bem nítido por alguns segundos e depois desapareceu. Pode não ser necessariamente um animal em particular ligado a alguém presente. Eu acendo a luz lá atrás. Hum. Oh. Oh, olá. Oh, ele está sempre a tentar. Sempre a tentar.

Notas:

- *O "Moço de Recados" Espiritual: Mickey descreve a sua função de forma muito humana. Ele não é um ser omnisciente; ele tem de "chamar" as pessoas, lidar com a confusão de multidões de espíritos ansiosos e gerir a "interferência" como se fosse um operador de rádio antigo.*

- *O Humor como Ferramenta: Mickey admite abertamente que usa o humor e as provocações para quebrar a tensão dos assistentes. Se o grupo está "deprimido" ou "ansioso", a energia (ectoplasma) torna-se difícil de manipular. Rir é, para ele, uma necessidade técnica.*

- *A Visão dos Animais: O final da sessão traz a descrição de um spaniel preto. É interessante notar que Mickey, embora seja um espírito, por vezes "vê" outras entidades ou formas-pensamento que se manifestam visualmente no ambiente da sessão, tal como os vivos.*

- *A Crítica Social: Mickey faz comentários agudos sobre o casamento e a hipocrisia social (as pessoas que sorriem para as visitas e batem com a porta a seguir), reforçando a ideia de que a personalidade e a capacidade de observação não mudam com a morte.*

- *Tratamento: O tratamento por "tu" foi mantido, capturando a essência da gíria londrina (Cockney) de Mickey e a sua relação descontraída com os assistentes habituais.*

SESSÃO PARA EVELYN LAYE (BOO)

1977

Esta sessão com Evelyn Laye (apelidada carinhosamente de "Boo" ou "Boozy"), gravada provavelmente em 1977, é um encontro delicioso entre a grande dama do teatro musical britânico e o espírito irreverente de Mickey.

Evelyn Laye foi uma das atrizes mais queridas da sua geração, e Mickey trata-a com a familiaridade de quem a conhece de "outras núpcias" — ou, neste caso, de outras sessões. Mickey usa a sua mistura habitual de humor atrevido e percepção mediúnica para validar a presença de entes queridos e colegas de profissão.

MICKEY: Sim. Oh, estou contente. Está muito fraco.

EVELYN: Está?

MICKEY: Para começar, sim. Provavelmente está a testar o som. Sim, abençoado seja. Oh, olá. Oh, Mickey. Oh, és tu. És tu. Bem, estou um bocado inchado. Como tens passado, rapariga?

EVELYN: Estou bem.

MICKEY: A sério? Eu lembro-me de ti.

EVELYN: Claro que te lembras.

MICKEY: Tu és aquela atriz, o quê, senhora, não és?

EVELYN: Exato.

MICKEY: Sim, lembro-me de ti. Deixa-me ver. Oh, Cristo. Boozy.

EVELYN: Boozy? Exato, Boozy.

MICKEY: Oh, valha-me Deus (*blimey*), sim. Oh, estás a ficar velhota, então, amor. Tudo bem. Tens uma "caixa" no olho, não tens?

EVELYN: Eu sei, não tenho?

MICKEY: Há uma multidão de pessoas ao teu redor. Mas então, lembro-me agora de quando estiveste aqui antes e vieste uma vez com um tipo, não foi? Lembro-me porque há uma multidão de pessoas à tua volta. Oh, sim, claro. Lembro-me agora. E eu rio-me muito. Bem, hoje estou de chapéu.

EVELYN: Oh, é isso? Eu achei que o teu cabelo estava estranho.

MICKEY: Não, Mickey. Bem, parece cabelo, não parece?

EVELYN: Sim, bem, é cabelo. É um chapéu de pele, vês.

MICKEY: Oh, é? Para que é que o manténs posto, então?

EVELYN: Bem, o meu braço está frio e eu entrei. Queres que o tire?

MICKEY: Não, mantém-no assim. Não me faz diferença nenhuma, pois não? Oh, eu não gosto disso. Quero dizer, podias usar um *tam-o'-shanter* ou um *fez*. Não faz diferença, pois não? Eu não gosto disso. Quero dizer, porque tu tens um cabelo engraçado, no entanto.

EVELYN: Eu sei, já me disseste isso uma vez antes.

MICKEY: Porque é de uma cor dourada, não é?

EVELYN: Sim.

MICKEY: Suponho que não gostas de o retocar, pois não?

EVELYN: Sim, gosto. Faço-o eu mesma.

MICKEY: Fazes mesmo? O quê, pintas o cabelo, queres dizer, na pia?

EVELYN: Sim, não na pia, numa bacia na casa de banho.

MICKEY: Bem, de qualquer forma, tens um lugar decente para viver, não tens?

EVELYN: Nada mau.

MICKEY: Porque tu não és como eu. Quero dizer, não me estou a queixar porque, quero dizer, sou feliz e tudo isso. Mas, quero dizer, eu vim do caminho mais difícil.

EVELYN: Eu sei, mas eu costumava viver perto de onde tu vivias. Eu disse-te isso.

MICKEY: Disseste o quê?

EVELYN: Eu vivia perto de onde tu vivias.

MICKEY: O quê, Camden Town? Acredito que já ouvi o suficiente.

EVELYN: Exato. Sim, quero dizer, eu também vim do caminho mais difícil, Mickey.

MICKEY: Sim, bem, sim, suponho que sim, na verdade.

EVELYN: Oh, sim, vim.

MICKEY: Porque o teu pessoal era do palco, não era, e tudo isso.

EVELYN: Exato, e eu era pobre.

MICKEY: E eu sempre tive pensões (*digs*) e coisas podres.

EVELYN: Exato. Éramos pobres.

MICKEY: Alguma vez atuaste no Old Bedford?

EVELYN: Não, mas fui lá quando era criança e vi uma pantomima. Foi a primeira vez que vi uma na vida.

MICKEY: A sério? Sim, adorável. Bem, subiste aqueles degraus de pedra e recebeste um bilhete de ferro?

EVELYN: Exato. Não, eu nunca recebi um bilhete de ferro.

MICKEY: Bem, sabes, eles tinham coisas de metal, e tu subias as escadas e os degraus de pedra da galeria, e eles pegavam nesse bilhete e punham-no num pauzinho, e se tivesses sorte, ficavas na primeira fila se chegasses cedo.

EVELYN: Oh, ficavas? Bem, eu não fiz isso. Eu tinha um bilhete a sério.

MICKEY: Suponho que a tua mãe te levava para os lugares chiques.

EVELYN: Exato, levava.

MICKEY: Suponho que, estando na vida do teatro, recebiam bilhetes grátis, não recebiam?

EVELYN: Tens toda a razão.

MICKEY: Porque isso faz diferença, não faz?

EVELYN: Sim, faz bastante diferença, sim. Bastante diferença.

MICKEY: Porque a tua mãe, ela era do palco, não era?

EVELYN: Era.

MICKEY: Sim, porque eu conheci a tua mãe e o teu pai, e conheci o teu marido, sabes, aquele tipo bem-parecido [Frank Lawton], e todas as outras pessoas que vêm ter contigo e que se interessam por ti. Não foi maravilhoso? Porque tu estás rodeada por todos estes "pros" [profissionais], não estás?

EVELYN: Estou?

MICKEY: Bem, tu devias saber isso.

EVELYN: Bem, eu sinto-o às vezes. Quero dizer, tu sabes como eles são, não sabes? Quero dizer, na vida do teatro... pelo que ouvi sobre isso, sabes, eles defendem-se todos uns aos outros. Podem chamar-se de tudo sob o sol pelas costas, mas quando chega o sarilho a sério, eles ajudam-te.

MICKEY: Eles ajudam, certamente. Sim, tens sorte, na verdade, em muitos aspetos. Espero que contes as tuas bênçãos, não contas, Boozy?

EVELYN: Conto, querido.

MICKEY: Tu és todo um caso de rapariga, não és? Porque ainda não estás acabada, sabes, ainda tens uns bons anos pela frente.

EVELYN: Oh, não digas isso.

MICKEY: Sim, ainda não vens para aqui, acho que não estás pronta.

EVELYN: Oh, não sejas mau.

MICKEY: Não quero dizer que não sejas suficientemente boa, não sejas tonta. O que quero dizer é que acho que os ossos velhos ainda não se estão a desfazer. Não vais desintegrar-te, pois não, como tu lhe chamas?

EVELYN: Não sei.

MICKEY: Não, vais estar como estás agora até ao dia em que "bateres as botas".

EVELYN: Vou?

MICKEY: Sim, nada pior.

EVELYN: Oh, que bom (*good-o*).

MICKEY: Não vou dizer que podias ter sido melhor. Mas vais ficar bem, rapariga. Vais passar por isto tudo bem.

EVELYN: Vou?

MICKEY: Quando vieres para aqui, estarás como estavas quando, mais ou menos, começaste. Jovem e bonita. E o teu namorado [Frank Lawton], ele estará aqui. E todo o teu pessoal, a tua mãe e o teu pai e tudo isso. E haverá tanta gente à tua espera para te juntares a eles, sabes.

EVELYN: Oh, sim?

MICKEY: Sim, tu vieste uma vez, não há muito tempo, mas foste empurrada de volta.

EVELYN: Eu sei. Eu sei. Bem, disseram-me, Mickey, que eu deveria ir em 77. Só faltam algumas semanas.

MICKEY: Bem, tu não vens para aqui em 77. Nem em 78.

EVELYN: Oh, credo.

MICKEY: Oh, podias chegar ao fim do século com um bocado de sorte.

EVELYN: Oh, não, não, no.

MICKEY: Não estou a brincar. Acho que não virás para aqui tão cedo, de qualquer modo.

EVELYN: Oh, não faças isso. Por favor, não me faças rir.

MICKEY: Não, acho que não virás para aqui já.

EVELYN: Bem, trata de lá estar quando eu chegar.

MICKEY: Tu o quê?

EVELYN: Eu disse: trata de lá estar.

MICKEY: Oh, valha-me Deus, não tenho alternativa. E não tenho arrependimentos. Não quero voltar para o teu lado. Estou muito feliz por estar aqui. Quando o velho Flint Les "bater as botas", eu pararei de voltar.

EVELYN: Pararás?

MICKEY: Oh, bem, o meu trabalho estará feito, não estará?

EVELYN: Estará?

MICKEY: Sim, e o teu trabalho estará feito também.

EVELYN: Sim, isso seria simpático. Aquele quadro a óleo que tu tens, é teu?

EVELYN: Onde? Em minha casa?

MICKEY: Bem, há um... há um... não é... queres dizer, de mim? Bem, quando eu fui à tua casa, vi este quadro. É como um quadro a óleo.

EVELYN: Não é um quadro a óleo. É em giz (*crayons*).

MICKEY: Bem, é isso então? É muito atraente. És tu até aos ombros. E parece muito bonito e tudo isso. Mas eu não sabia se era pintura a óleo ou o quê. Mas faz-te parecer tão bem.

EVELYN: Oh, obrigada. Imagine-se tu teres vindo.

MICKEY: Aliás, tentei atrair a tua atenção uma vez, mas acho que não percebeste.

EVELYN: Bem, quem me dera que me desses algum tipo de sinal. Bate três vezes e pergunta pela Mabel.

MICKEY: Não, não farei isso. Por que não perguntas pela Boozy? Faz um "bate três vezes". Diz: "Boozy, estás aí?". Onde é que arranjaste aquela pequena miniatura? Miniatura, miniatura, miniatura.

EVELYN: Uma miniatura da minha bisavó, queres dizer.

MICKEY: Há uma pequena miniatura de uma senhora, e ela está aqui connosco hoje, porque ela parece jovem agora.

EVELYN: Essa é a minha bisavó.

MICKEY: Bem, ela está aqui, mas ela remonta a 1800, suponho.

EVELYN: Exato.

MICKEY: E também a Flossie está aqui.

EVELYN: Flossie?

MICKEY: Sim, e o teu namorado. Eu ia chamar-lhe o teu namorado... o teu marido, deveria eu dizer. Ele tem dois cãezinhos lindos, e o Charlie.

EVELYN: Oh. E quem é o Willie? Tommy.

MICKEY: Não, não, eu perguntei: quem é o Willie?

EVELYN: Willie era outro cão.

MICKEY: Bem, espera um momento. A quem é que deste a alcunha de Titchy?

EVELYN: Titchy? Não importa.

MICKEY: Há uma rapariga chamada Titchy. Há uma senhora aqui, uma mulher jovem, e costumavam chamar-lhe Titch ou Titchy.

EVELYN: Exato.

MICKEY: Ela deseja particularmente ser lembrada por ti.

EVELYN: Obrigada.

MICKEY: E, claro, a tua Kate está aqui. Fiel.

EVELYN: Ah. A velha Kate, sempre fiel. Ela era maravilhosa.

MICKEY: Ela costumava cuidar de ti e vestir-te, não costumava?

EVELYN: Ela tinha 90 anos quando partiu.

MICKEY: Bem, ela parece ter uns 35 agora.

EVELYN: Que maravilhoso.

MICKEY: E sabes que mais? Não sei se achas que sou tonto ou quê, mas porque é que o Frankie [Frank Lawton] está a falar de espartilhos (*stays*)? Bem... há uma piada sobre espartilhos.

EVELYN: Sim. E é uma piadinha especial, e acho que outras pessoas não entraram nesta piadinha.

MICKEY: Eu sei.

EVELYN: Bem, há uma piadinha especial sobre espartilhos.

MICKEY: Foi quando estávamos a contracenar juntos há anos. Estás a dizer-me para o segurar ou para o puxar ou algo assim?

EVELYN: Sim. Não, mas a minha criada estava a puxar-me.

MICKEY: Oh, eu não sabia.

EVELYN: E ele entrou no meu quarto, e era a primeira vez que contracenávamos juntos, e tínhamos de mudar não só a nossa maquilhagem mas as nossas figuras, e eu tive de usar espartilhos eduardianos para me apertar, vês. E ele entrou no meu quarto, e eu disse: "Tu costumas fazer isso". As tuas atrizes principais entram nos quartos delas sem bater. Ele entrou e pediu-me para lhe fixar o *toupee* [peruca]. Essa foi a piada entre nós.

MICKEY: Bem, ele está a rir-se sobre incidentes que aconteceram com vocês os dois. E, hum, oh credo, não sei. Mickey, posso perguntar-te isto? O que é que o Frankie está a fazer?

MICKEY: Bem, além de cuidar de ti no seu tempo livre, ele está tremendamente envolvido em trabalho de resgate e a ajudar pessoas menos afortunadas que precisam de ajuda. Porque, vês, deves lembrar-te, Tia... se te

posso chamar Tia, Boozy... que há pessoas que, quando vêm para aqui, estão tipo perdidas. Não é que não existam pessoas à espera para cuidar delas, mas há algumas pessoas que acham difícil associar-se a um novo modo de vida, e precisam de instrução e orientação e ajuda. E ele parece ter um tal interesse nas pessoas e ama as pessoas, e dedica parte do seu tempo a isto.

Claro, ele está muito interessado em coisas artísticas, coisas criativas, e também está interessado no que tu chamas teatro, porque ainda temos isso aqui, sabes.

EVELYN: Eu sei que têm.

MICKEY: Mas tudo o que fazes aqui tem um significado, tem um propósito. Quero dizer, mesmo que seja uma peça ou uma ópera ou o que lhe queiras chamar, tem um significado e tem um propósito. E não é... quero dizer, não estou a sugerir que não demos uma risadinha e não demos uma gargalhada e tudo isso. Claro que sim, porque toda a humanidade é feita de todo o tipo de "aspetos e laços", não é? E temos de dar uma risadinha às vezes.

Mesmo a pessoa mais simpática algures pelo caminho tem alguma falha ou defeito, e nós vemos a desorganização ou confusão", seja o que for, na constituição das pessoas e tudo isso, não vemos? E às vezes temos de mostrar as pessoas a si mesmas como num espelho, e elas começam a ver-se talvez pela primeira vez. Tudo o que é feito aqui tem um significado e um propósito, e as pessoas que fazem representação e isso, às vezes retratam outras pessoas para que as pessoas em questão, que estão a ter dificuldade em progredir, possam aprender com isso. É terrivelmente complicado de explicar.

EVELYN: Não, não é. Eu entendo perfeitamente.

MICKEY: Oh, acho que tu és todo um caso, não és, querida? Suponho que ainda irás para o palco outra vez, não irás?

EVELYN: Espero que sim.

MICKEY: Oh sim, tenho a certeza que irás.

EVELYN: Espero que não demore, Mickey.

MICKEY: Bem, acho que poderá ser na primavera. É o que eu acho. Não acho que haja muita oportunidade durante o inverno, e tu não podias fazer pantomima agora, pois não?

EVELYN: Não, não, não, não.

MICKEY: Quero dizer, porque tu costumavas fazê-la de armadura, não costumavas?

EVELYN: Sim. Tu sabes tudo, não sabes?

MICKEY: Não, não sei tudo, mas o Frankie está a falar-me de ti enfiada naquela armadura, e a fazer uma piada sobre arranjar um abre-latas.

EVELYN: Sim, ele fez. Sim, tens razão.

MICKEY: Ele disse que um dia te viu e disse: "só o raio de um abre-latas é que te conseguia tirar dali".

EVELYN: Ele disse. Ele disse: "pelo amor de Deus, sai daí o mais depressa que puderes e sê minha mulher".

MICKEY: E, hum... Oh, Cristo. Tu... não. Hum, alguém aqui a rir-se e a dizer-me para te falar do Pinky.

EVELYN: Binky?

MICKEY: Pinky ou Binky, não foi? É Binky, então. Há um homem aqui, diz que se está a rir, ele é um bocado querubim. Sabes o que quero dizer com querubim?

EVELYN: Não.

MICKEY: Querubim (*cherubic*), sabes. E ele está a rir-se, diz que é o Binky.

EVELYN: Oh, sim, eu conheço o Binky.

MICKEY: E o Binky queria apenas ser lembrado por ti.

EVELYN: Isso é muito simpático da parte dele.

MICKEY: E, hum... oh, há tantas destas pessoas aqui, porque isto não tem nada a ver com o teatro, acho eu. Porque a tua vida foi no teatro, não foi? Ao longo de todo o caminho.

EVELYN: Hum, Mickey...

MICKEY: Sim?

EVELYN: Eu queria, se fosse possível, entrar em contacto com a Margaret Leighton. Ela é uma atriz que sempre apareceu.

MICKEY: Sim. Ela não está lá? Não sei. Vou ter de descobrir por ti, companheira. Mas, hum... a seu tempo. Deixa isso comigo. Eu trato de ti.

EVELYN: Eu deixo tudo contigo. Ah, tu tens todos os outros, na verdade. Pobre velha salsicha.

MICKEY: Acho que és uma senhora muito simpática. Imagino que deves ter sido bastante esperta no teu tempo.

EVELYN: O que queres dizer? Eu sou bastante esperta agora!

MICKEY: Sim, atrevo-me a dizer que sim. Mas o que quero dizer é, sabes, na tua vida profissional.

EVELYN: Sim. Porque aprendemos com a experiência, não aprendemos?

MICKEY: Sim. Quero dizer, sabes, bem... Ha ha ha! Esta é engraçada. O dia em que perdeste o sapato. Escadas abaixo.

EVELYN: Escadas abaixo? Não me lembro dessa.

MICKEY: Oh, lamento por isso, mas estavas toda janota nalguma peça e havia algo errado com o teu pé ou o teu sapato ou algo assim. E ele saltou fora? Bem, presumivelmente. Não sei se chegou a saltar mesmo fora. Bem, provavelmente saltou.

MICKEY: Mas tu andavas um bocado torta.

EVELYN: Sim, bem, se foi no último espetáculo que fiz em Londres, eu magoei o pé.

MICKEY: O Frankie está a falar-me disso. Ele diz que tu tiveste problemas com o pé, especialmente quando chegava a hora de entrar em cena ou algo assim. Não sei.

EVELYN: Eu perdi o meu sapato.

MICKEY: Ele está a rir-se. Ele é todo um caso. Tem um sentido de humor adorável. Claro que ele deve ter tido de se casar contigo, não teve?

EVELYN: Eu "atravessei-me" (*crashed*). Ah ah ah! Mas vocês foram realmente um par apaixonado, não foram?

EVELYN: Sim, Mickey, fomos. Fomos mesmo.

MICKEY: Claro, todos os amantes tinham as suas picardias e tal. É a natureza humana. Mas vocês uniram-se mesmo, não uniram?

EVELYN: Sim, unimo-nos. Existe um grande laço entre nós que não creio que se quebre.

MICKEY: Não, tenho a certeza de que não. Posso fazer-te uma pergunta pessoal muito estranha e tu vais gritar comigo até à morte? Saberias algo sobre dois anéis? Dois anéis muito especiais? E não me refiro a... Ai! Porque é que o teu pai está a falar de dois anéis?

EVELYN: Eu tenho um dele, um anel de ouro do meu pai, que não estou a usar de momento.

MICKEY: Sim, mas tu tens outro anel também que faz a ligação com a tua mãe e o teu pai. E são dois anéis.

EVELYN: Aquele anel de ouro está ligado ao meu pai e à minha mãe. Sim. O outro, não sei.

MICKEY: Sabes algo sobre dois anéis que foram transformados num só?

EVELYN: Não, não sei.

MICKEY: Não sabes. Bem, o teu pai está a insistir nuns anéis. Eu sei que ele não se interessa realmente por joias. Por que haveria de se interessar? Ninguém deste lado se interessa, na verdade. Mas às vezes eles surgem com algo como um pequeno ponto de evidência. E também uma bela mecha de cabelo dourado.

EVELYN: Não sei o que é isso.

MICKEY: Bem, se tu não sabes, eu também não. Uma pequena fotografia tua em bebé.

EVELYN: Sim.

MICKEY: E acho que estás sentada numa almofada. Espero que sim. Sim. E... bem, não era mais nada. Bem, não sei o que é um anel [neste contexto]. Isso seria tonto. Quero dizer, tu não estavas numa cadeira nem nada, tanto quanto eu conseguia ver. Conseguia ver esta coisa da almofada. E a tua mamã está aqui a falar-me de ti quando eras uma "pequena" (*nipper*). Alguém, a Dolly, envia-te o seu amor também.

EVELYN: Dolly? Sim, Dolly. Bem... era uma tia?

MICKEY: Hum... não. Acho que não.

EVELYN: Acho que era irmã de um grande amigo meu que já partiu.

MICKEY: Não, não, definitivamente não. Espera um minuto. Ela está a falar de enviar amor ao Georgie.

EVELYN: Oh, Georgie. Sim, o Georgie era um grande amigo meu.

MICKEY: Não, esta Dolly está ligada ao Georgie e deseja ser lembrada e enviar o seu amor e carinho ao Georgie, seja quem for o Georgie.

EVELYN: Bem, o Georgie está aí do teu lado.

MICKEY: Não, este não está.

EVELYN: Oh.

MICKEY: Bem, eu não... Eles estão a falar dos Halls [Teatros de Variedades]. Oh. Variedades.

EVELYN: Oh, sim. Oh, sim, os Halls. Sim.

MICKEY: Georgie Wood. Sim, já apanhei. Dolly... Dolly Harmon.

EVELYN: Dolly Harmon. Sim. Costumava trabalhar com o Georgie Wood.

MICKEY: Com o Georgie Wood. Sim. Claro. É isso. Eu digo-te. E também... oh, as multidões têm sido... as multidões têm sido... Eu sei que o teu interesse principal, naturalmente, é no teu marido, mas... E ele é um amor porque, sabes, eu sei que é humano e natural que o teu interesse principal seja nele. Não seria correto se não fosse, de certa forma. Mas ele trouxe tanta gente aqui, e pessoas que realmente te amam; algumas delas não conhecias pessoalmente, talvez, mas precisam de contactar ou chegar aos entes queridos na terra. Há tal riqueza de amor e carinho ao teu redor, sabes, Boozy.

EVELYN: Há? Isso é adorável.

MICKEY: Tu serás sempre amparada, sabes, contra ventos e marés, como sempre foste. É uma dor, Mickey. Quero dizer, mesmo quando tiveste os teus momentos mais desesperados e podias ter chorado até não poder mais — e choraste —, e sentiste quase vontade de, bem, saltar de um penhasco, poder-se-ia dizer, o que aconteceu uma vez, quase. De alguma forma, tu tens essa força, e o teu pessoal aqui, a tua mãe e o teu pai e todas as outras almas, eles mantêm-te de pé, sabes.

EVELYN: Sim, eu sinto isso. Eu sinto isso.

MICKEY: O que é que fizeste aos teus binóculos? Binóculos? Eu sei que soa tonto, mas são. Não lhes chamam binóculos, tipo óculos de ópera?

EVELYN: Binóculos, sim.

MICKEY: Não sei. Alguém não te ofereceu uma vez um par muito bonito de óculos de ópera?

EVELYN: Sim, ofereceu.

MICKEY: Bem, o que é que fizeste com eles? Porque a pessoa quer saber.

EVELYN: Não sei. Devem estar algures no meu apartamento.

MICKEY: Oh, não te perguntas se os perdeste?

EVELYN: Pode ser que sim, não saberia dizer-te.

MICKEY: Provavelmente não precisas deles, mas há alguém aqui que te deu um presente uma vez, há muitos anos, uns óculos de ópera muito bonitos.

EVELYN: Exato. Valha-me Deus.

MICKEY: Tu tens um armário ao qual chamas "buraco da glória".

EVELYN: Bem, para mim, tudo é um "buraco da glória".

MICKEY: Bem, tudo bem, digamos que tens vários "buracos da glória". Sorte a tua. Bem, tu tens um "buraco da glória" e é um amontoado de peças e pedaços e recordações de um certo tipo... suponho que sim, são recordações, e há lá muitas coisas do Frankie.

EVELYN: Oh, sim, eu tenho muitas coisas dele por todo o lado. Hum, eu guardo certas coisas dele. Sim, certas coisas. Quero dizer, tenho luvas dele.

MICKEY: Sim, e quanto a estes óculos?

EVELYN: Terei de procurar por esses, Mickey. Não tenho a certeza absoluta de onde estão.

MICKEY: Tu usavas óculos de leitura?

EVELYN: Uso.

MICKEY: Ele usava.

EVELYN: Ele usava? Sim.

MICKEY: Porque ele está a falar dos óculos de leitura dele, que tu ainda tens.

EVELYN: Tenho, oh, meu Deus.

MICKEY: E há uns que ele partiu, também. Estou a esforçar-me. Sim. Tens estado a usá-los, ou quê?

EVELYN: Sim, tenho.

MICKEY: Ele diz que tem a "maldita certeza". Ele diz: "são os meus óculos". Ele pergunta: "serão eles adequados para os teus olhos?".

EVELYN: Oh, não, não estou a usar os óculos dele para ler, mas tenho um par de óculos dele.

MICKEY: Oh, tudo bem, mas ele...

EVELYN: Eu uso as armações dele.

MICKEY: Oh, são as armações. Ele não percebe que não há vidro neles. Ele reconhece-os. Espera, um momento. Oh, Cristo.

EVELYN: Eu mandei pôr as minhas próprias lentes neles.

MICKEY: Oh, é isso então, porque ele está a falar dos óculos dele. Ele pensou que eram os dele, mas não parecia saber que o vidro tinha sido mudado, mas diz que sabe que são os dele. Hum... oh, Cristo. Oh, não posso dizer isto. Isso soa a George Ruby. Não, sou eu. Espera. Acho que o Frankie pode falar por si próprio. Não, mas estamos a fazer algum... Porque é que ele está a falar das flores na casa de banho?

EVELYN: Não sei, mas se não são flores, é um... feto.

MICKEY: Bem, ele diz algo sobre tu teres arranjado recentemente algum tipo de coisa floral na casa de banho.

EVELYN: Bem, eu tenho um... bem, é um feto. Não é real.

MICKEY: Oh. Ele não aprovaria.

EVELYN: Não, ele... bem, ele não aprovava nem desaprovava.

MICKEY: Ele só está a dizer estas coisas para provar que repara nas pequenas coisas que se passam ao teu redor, percebes? E ele também está a falar de um vestido ao qual mandaste fazer algo recentemente. Bem... tens andado a encomendar um vestido?

EVELYN: Eu mandei... sim, mandei fazer dois vestidos.

MICKEY: Porque ele diz que tu não estás lá muito satisfeita com o que aconteceu. Um está bem, mas o outro não é bem o que pensavas.

EVELYN: Bem, ele... descosera-se.

MICKEY: Bem, ele diz que eles não costuraram a maldita coisa como deve ser. Tudo bem. E mudaram o fecho (*zip*)?

EVELYN: Não. Não sei o que eles fizeram. Os colchetes não fecham bem.

MICKEY: Bem, ele diz que eles não parecem ser muito satisfatórios. Ele diz que aquilo vai ceder e será embaraçoso.

EVELYN: Tudo bem. Bem, cedeu ontem à noite.

MICKEY: Porque ele diz que, sabes, tens de ficar de olho naquilo.

EVELYN: Tudo bem. Vou ficar.

MICKEY: Tu estás a usar uma maquilhagem diferente.

EVELYN: Estou?

MICKEY: Bem, tu é que devias saber, companheira. Bem, er... há algo novo que tu tens na tua mesa de maquilhagem que certamente nunca usaste antes. Bem... segundo o "Frankenstein", pelo menos.

EVELYN: Por que é que ele se está a rir do Frankenstein?

MICKEY: Ele está. Houve alguma piada sobre Frankenstein?

EVELYN: Não, eu apenas me ri porque tu lhe chamaste Frankenstein.

MICKEY: Oh, bem, não sei. Esse é o teu... esse é o teu humor. Ele é um amor, no entanto. Ele realmente é doido por ti. Ele apaixonou-se por ti à grande, não foi?

EVELYN: Sim, apaixonou-se. Eu fi-lo esperar muito tempo.

MICKEY: Bem, suponho que se tem uma refeição melhor quanto mais tempo o *chef* demora e melhor se desfruta quando se recebe. Er... acho que vamos arranjar o vestido novo para a "bebé" [Evelyn]. Espera, companheira. Certo, com certeza. Estás no caso certo. Já volto.

EVELYN: Oh, não te vás embora, Mickey.

MICKEY: Ele está de bom humor hoje. Não está? Ele provavelmente foi lá acima tentar encontrar a Margaret. Pelos espartilhos.

EVELYN: É?

MICKEY: Sim. Olá? Olá. Margaret? Olá.

MARGARET LEIGHTON: Alguém está a dizer: como estás? Eu estou bem, Margaret. Eu estou bem, Margaret. É o Michael.

EVELYN: Sim. Sim. Sim.

MARGARET LEIGHTON: Ela está a dizer: diz ao Michael. Eu estou bem? Não, diz ao Michael.

EVELYN: Diz ao Michael? Sim, querida, eu direi ao Michael.

MARGARET LEIGHTON: Sim. Eu posso simplesmente dizer-te. Sim. Eu sei. Eu estou bem, querida. Tenho tentado ficar de olho no Michael.

EVELYN: Nós vamos enviar-lhe uma gravação disto, se quiseres.

MARGARET LEIGHTON: Tu vais. Sim. Bem, não te preocupes, Margaret. Nós fazemos o nosso melhor. Sabes que ele tem estado no hospital.

EVELYN: Sim, eu sei. E ele está bem agora. Ele está ali sentado. Mas será que ele vai aguentar-se? Acho que é porque ele sente a tua falta. Tudo bem. Abençoada sejas.

MICKEY: Conheceste muita gente, Margaret? Claro que conheces. Quero dizer, ela partiu. É muito difícil às vezes explicar este assunto às pessoas no vosso mundo. Suponho que seja de antecipar e esperar que as pessoas, pela sua própria natureza e formação, suponho, o rejeitem, pensando que é tudo um monte de disparates. Mas eu gostaria que o teu amigo, o Sr. Wilding — acho que o nome dele é esse —, pudesse interessar-se. Acho que isso o poderia ajudar. Sei que a sua querida senhora aqui está ansiosíssima por poder ter algum contacto com ele. Talvez possas fazer algo sobre isso, minha querida.

EVELYN: Vou tentar.

SYBIL THORNDIKE (?): Não sei se me conseguem ouvir.

EVELYN: Consigo. Quem és tu? Sybil? Olá? Acho que era ela ao telefone.

SYBIL: Não sei, minha querida, se consegues ouvir.

EVELYN: Consigo.

SYBIL: Muito difícil às vezes ter a certeza absoluta sobre se se está a ser ouvido ou não. Claro, é de esperar que quando vens, inúmeras almas se

reúnam, particularmente aquelas que são da profissão. Mas estamos ansiosíssimos por ajudar o teu amigo em relação à sua querida esposa, que não está aqui há muito tempo. Se puderes trazer o Sr. Wilding, por favor fá-lo, porque faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para ajudar a sua querida senhora a passar a mensagem.

EVELYN: Obrigada.

ELLEN TERRY: Consegues ouvir-me?

EVELYN: Sim, perfeitamente.

ELLEN TERRY: Claro que sei de ti há muito tempo, e claro que sei do teu marido, e tenho uma lembrança muito vaga, de há muitos, muitos anos, de te ter conhecido.

EVELYN: Onde?

ELLEN TERRY: Consegues ouvir-me?

EVELYN: Absolutamente.

ELLEN TERRY: Tenho um sentimento muito forte de que foi em algum evento de caridade ali. Perdoar-me-ás, mas não me disseste o teu nome.

EVELYN: O meu nome é Ellen Terry.

EVELYN: Oh, que maravilhoso!

ELLEN TERRY: Mas deves perdoar-me porque, sabes, falar como tenho de fazer através desta caixa não é uma coisa fácil, e ao mesmo tempo tentar recordar-me o melhor que se pode de lembranças de coisas passadas há muito. E no entanto tenho uma lembrança muito forte de te ter visto quando eras apenas uma rapariga. Não me consigo lembrar bem de onde foi, mas tenho um sentimento muito forte de que foi nalgum evento especial de caridade ali. Lembro-me de uma vez cruzares o meu caminho, e eras tão bela.

EVELYN: Bem, nessa altura, minha querida, eu era uma senhora muito velha.

ELLEN TERRY: Sinto muitíssimo, mas tu eras ainda muito bela. Muito obrigada. Charles Hawtrey. Lembras-te do Charles Hawtrey?

EVELYN: Sim, claro que me lembro.

ELLEN TERRY: Ele está aqui, como aliás estão muitas pessoas. Muitas, muitas pessoas. Algumas que conheci muito bem, e muitas que não conheci,

mas encontrei-as aqui. Temos uma grande família, sabes, e o teu querido marido está a fazer um trabalho maravilhoso, maravilhoso, maravilhoso.

EVELYN: Oh, isso faz-me feliz.

ELLEN TERRY: E tu deves estar feliz por isso, como tenho a certeza que estás.

EVELYN: Estou.

ELLEN TERRY: Mas ele não te negligencia. Ele vem ver-te de tempos a tempos, e protege-te e cuida de ti, e claro que eventualmente estarás com ele. Mas deves ser paciente, minha querida, e tenho a certeza de que tiveste de aprender a paciência. Oh, credo, há tanto sobre que se poderia falar, mas não devo ocupar o que é, afinal de contas, um tempo muito, muito valioso. Outras pessoas querem dizer-te uma palavra. Abençoada sejas, minha criança.

EVELYN: Obrigada. Adeus.

ELLEN TERRY: Adeus.

MICKEY: Não tenho bem a certeza, mas acho que nestas coisas é preciso ter uma grande dose de paciência. Olá a todos.

EVELYN: Olá.

MICKEY: Como estás? Há alguém aqui que deseja ser lembrado, e o nome é Morgan, mas é um apelido, não um nome próprio.

EVELYN: Exato. Um homem.

MICKEY: Sim, há um cavalheiro aqui que pergunta se darei os seus cumprimentos e lembranças à Boo, e diz que é o Sr. Morgan.

EVELYN: Exato.

MICKEY: E envia o seu amor e lembranças, e houve um período em que vocês os dois foram bastante próximos, sabes o que quero dizer?

EVELYN: Sim. Não quero dizer "sabes"... não, não, não. Nós trabalhámos juntos.

MICKEY: Sim, porque ele diz que pensa frequentemente nos tempos felizes, e tu estiveste nalgum espetáculo e trabalharam juntos, não foi?

EVELYN: Exato.

MICKEY: E tu estiveste numa digressão (*tour*)?

EVELYN: Sim. Em que momento?

MICKEY: Peço desculpa?

EVELYN: Eu perguntei: estiveste numa digressão?

MICKEY: Sim, estive. Tu tens tantos companheiros, és uma senhora adorável para tantos bons amigos. Este cavalheiro Morgan, acho que ele te "chaperonou" acompanhou/protegeu] um bocado. Sabes o que quero dizer com "chaperonou"?

EVELYN: Sim.

MICKEY: Ele ficou de olho em ti. Ficou? Ele deve ter sido muito apegado ou atraído por ti. Não quero dizer apaixonado ou algo do género.

EVELYN: Não, ele era.

MICKEY: Mas ele gostava de ti e admirava-te e tinha-te em grande consideração. Quem é o Chappy? Há outro homem aqui agora que diz que o seu nome é Chap.

EVELYN: Oh, ele era o porteiro do teatro.

MICKEY: E ele diz que se lembra da "pequena donzela".

EVELYN: Sim. Seja ela quem for.

MICKEY: Bem, ele era o porteiro do teatro. E está a falar de algum teatro e está a falar do Gaiety.

EVELYN: Exato.

MICKEY: E também está a falar da Connie Gilchrist, seja ela quem for.

EVELYN: Não a conhecia.

MICKEY: Não, companheira, nada de palavras. Ele conhecia-as. Sim, tu quase te casaste com um lorde, mas não aconteceu.

Mickey: Sessão para Evelyn Laye (Boo) – 1977 (Conclusão)

MICKEY: Não acho que ele fosse um lorde, Mickey, mas era um jovem muito simpático. Bem, era um tipo "posh" [chique]. Sim. Ele tinha muito dinheiro, posição e tudo isso. Não, ele era muito simpático. Sim, e o que é que tem ele? Oh, Cristo. Porque suponho que, quando se é muito jovem e bonita e se está no palco e se canta como um anjo, claro que se recebem imensas propostas, não se recebem?

EVELYN: Bem, acho que recebi imensas.

MICKEY: Bem, seria de esperar, suponho. Sabes, ouve-se falar de toda essa gente, não é, no West End, e eles têm homens atrás delas, sabes, com ornamentos de ouro e prata e braceletes e coisas, sabes. Enfim, e quanto a ele? Deve ter sido um encantador. (RISOS)

EVELYN: Tu és louco, sabes, Mickey.

MICKEY: Bem, isso faz parte do meu trabalho, sua "salsicha tonta". Parte do meu trabalho é manter as pessoas felizes, fazê-las rir, porque elas ficam todas tensas e, sabes, às vezes vêm e estão um bocado emocionais porque, sabes, perderam alguém que amam e ficam em baixo e deprimidas; e parte do meu trabalho é fazê-las rir. Quero dizer, eu digo coisas disparatadas, mas há uma razão por trás disso, rapariga. Eu amo-te. Quero dizer, como ir ao teatro: tu não queres ir para lá sentar-te e chorar com esse teu nariz grande, pois não?

EVELYN: Não, não quero.

MICKEY: Tu queres um bocado de humor. Queres. Não que — quero dizer, eu não saberia —, mas suponho que tenhas feito papéis cómicos.

EVELYN: Sim, faço. Eu sou uma cómica.

MICKEY: Sim, mas, bem, está definitivamente tudo bem. Sim, tu és, suponho, de certa forma, mas não daqueles tipos de cair ao chão.

EVELYN: Oh, não, não, não. Eu não sou uma "não-cómica" [palhaça].

MICKEY: Não, tu, se tiveres as falas certas, sabes como dizê-las.

EVELYN: Exato. Fazer as pessoas rir.

MICKEY: Mickey, foi muito simpático da tua parte dares-te ao trabalho de ir procurar a Margaret Lockwood... Leighton.

EVELYN: Oh, Leighton. Sim, bem, ela está muito preocupada com o "velho" dela, sabes.

MICKEY: Eu sei, eu também estou preocupada com ele.

EVELYN: Vês, o ponto é este: ele tem uma condição interna. Sim, tem. E não é apenas da bebida, sabes.

MICKEY: Não, eu sei.

EVELYN: Ele precisa de cuidar muito bem de si próprio.

MICKEY: Eu sei. Não o podes obrigar. Ele tem uma mansão?

EVELYN: Não. Bem... ele tem uma casa simpática.

MICKEY: Bem, não sei, talvez lhe chamasses uma casa. É uma casa grande, então?

EVELYN: Acho que não. Não, não sei.

MICKEY: Não, ele tem estado hospedado nalguma mansão. Estivemos juntos no último Natal. Porque tu estavas a falar então, estavas nalgum lugar grande e chique, como uma mansão, sabes.

EVELYN: Sim, estávamos, no último Natal.

MICKEY: E foi lá que tiveste uma grande conversa ou algo assim sobre este assunto. É o que me dizem, e é aí que a Maggie — Margaret, como tu lhe chamas —, a Maggie está ansiosíssima. Ela estava a ouvir a vossa conversa.

EVELYN: Bem, eu tentei falar-lhe disso, e acho que ele não...

MICKEY: Sim, mas não podes forçar, vês, rapariga? As pessoas têm de fazer o seu próprio esforço, não têm?

EVELYN: Têm.

MICKEY: Não te consigo imaginar, de certa forma — não agora —, a usar uma tiara, embora a Rainha-Mãe use, eu sei. Mas tu tens uma tiara, não tens?

EVELYN: Bem, usei várias tiaras durante a minha vida, mas foram sempre em palco. Não foram, rapariga?

MICKEY: Sim. Bem, é engraçado, mas eu consigo ver-te. Sabes como a Rainha-Mãe fica quando está toda janota? Eu consigo ver-te — não que te pareças com ela, porque tu pareces muito melhor do que ela, conservas-te melhor. Mas o ponto é que consigo ver-te com uma espécie de tiara na cabeça. Acho que vais fazer algo, não sei, talvez numa condição futura, onde usarás algo como uma tiara, e estarás toda janota como uma princesa ou algo assim.

EVELYN: A sério?

MICKEY: Sim. Acho que vais interpretar uma senhora régia.

EVELYN: Hum, hum, realmente, consegues definir se é uma peça de texto (*straight play*), o que chamamos sem música, ou uma peça com música?

MICKEY: Bem, não sei quanto à música, não sinto que isso esteja bem definido. Mas parece que tens um papel onde interpretas uma imperatriz viúva ou uma duquesa ou algo assim.

EVELYN: Oh, eu já fiz isso.

MICKEY: Oh, já fizeste?

EVELYN: Sim, já passou. Eu fui uma duquesa viúva.

MICKEY: Eu sinto como se fosses uma espécie de muito régia, sabes.

EVELYN: Exato.

MICKEY: E estendes a mão como se não quisesses que lhe toquem.

EVELYN: Foi isso mesmo, querido, eu fiz isso na minha última peça.

MICKEY: Oh, fizeste? Hum. Qual foi a última, então?

EVELYN: Foi... foi uma peça de Pinero.

MICKEY: Quem é ele?

EVELYN: Bem, ele escreveu uma oferta... ele está do teu lado, está do teu lado há muito tempo.

MICKEY: Bem, parece que ele escreve sobre duquesas e tudo isso; quero dizer, porque elas não envelhecem, pois não? Claro, na peça tu sabes que a fazes a sério, não é? Enfim, espera. Bem, não sei, não gosto de fazer profecias em demasia, porque às vezes surgem circunstâncias que alteram as coisas, mas sinto-me seguro de que na próxima primavera estarás a atuar em algo; mas não acho que seja um papel grande, acho que é um papel simpático, mas tu entras e sais, e acho que é vistoso, e acho que ficarás feliz com isso.

EVELYN: Eu não me importo com isso. Oh, está tudo bem.

MICKEY: Não te consigo imaginar a fazer de mulher *Cockney*, pois não?

EVELYN: Eu sei falar *Cockney*.

MICKEY: Sim, atrevo-me a dizer que sabes, mas quer dizer, de alguma forma não és tu, pois não? Não estou a sugerir que o vás fazer, mas é engraçado... Tu nem sequer conseguiste entrar no *Peter Pan* este ano, pois não?

EVELYN: Claro que não, sou demasiado velha.

MICKEY: Eu não disse para interpretares o Peter!

EVELYN: Não, mas nem para interpretar a sua querida [Wendy]. Eu já fiz isso, Mickey.

MICKEY: Sim, bem, já o fizeste, não fizeste? Sim. É um bom papel, porque estás apenas no início do ano, companheira, tu nunca descansas.

EVELYN: Exato.

MICKEY: E se eles pagam bem, para quê preocupar?

EVELYN: Absolutamente. Uma amiga minha está a interpretá-lo.

MICKEY: Está?

EVELYN: Sim, é isso que estás a captar.

MICKEY: Está? Sim. Oh, quem me dera vê-la. Oh.

EVELYN: Ouves isso, Boo?

EVELYN: O quê?

EVELYN: Ele repetiu: "está? está?". Vamos esperar para ver. Que extraordinário.

MICKEY: Eles não te abordaram, então?

EVELYN: Não.

MICKEY: Aposto que ela nem se sentia entusiasmada, de qualquer modo.

EVELYN: Eu sou demasiado velha, Mickey.

MICKEY: Bem, que idade é que ela [a personagem] supostamente tem na peça, então?

EVELYN: Cerca de 40.

MICKEY: Oh, tem?

EVELYN: Sim.

MICKEY: Bem, tu podes parecer ter 40 em palco com maquilhagem e tal.

EVELYN: Sim, mas tenho de cantar, vês.

MICKEY: Eles sabem que ela canta? Ela canta, então?

EVELYN: Acho que agora sabem.

MICKEY: Bem, faz uma tentativa. Lembro-me de ver isso há "anos de burro". Oh, achei que era uma coisa foleira.

EVELYN: A minha mãe entrou nessa peça.

MICKEY: A sério?

EVELYN: Sim.

MICKEY: Caramba, deve ter sido há eras, então.

EVELYN: Foi em 1908.

MICKEY: Há uma senhora aqui que diz que tu tens algo pertencente a ela que estava ligado a essa peça.

EVELYN: Sim, há. Eu tenho. Eu tenho uma boneca.

MICKEY: Sim, mas tu tinhas outra coisa, mas também tens esta outra coisa que estava ligada a isso, do quarto das crianças. Um címbalo.

EVELYN: Meu Deus.

MICKEY: Sabes, acho que agora voltaste para falar connosco. Eu sei que tiveste uma ou duas experiências péssimas, mas isso não foi culpa de ninguém, vês, porque nem sempre tens o poder que costumavas ter. Eu gostaria que voltasses a descer [a uma sessão].

EVELYN: Obrigada, Mickey.

MICKEY: Quero dizer, tu recebias sempre um bom chá deles. Quero dizer, se mais nada acontecer, tipo, se eu não conseguir [comunicar], podes sempre comer um bocado de bolo e uma chávena de chá.

EVELYN: Eu gosto é quando tu consegues.

MICKEY: Olha, volta depois do Natal, companheira.

EVELYN: Está bem, companheiro.

MICKEY: Vou-me embora agora. Adeus. Deus te abençoe. Mantém o queixo erguido — ambos!

EVELYN: Bem, isso foi maravilhoso, não foi? Não percebi aquele último comentário.

ASSISTENTE: Mantém o queixo erguido — ambos.

EVELYN: Ambos, sim. Ele é muito engraçado. Muito humorístico. É maravilhoso eu ter recebido uma mensagem da Margaret [Leighton], não é?

ASSISTENTE: Não é? Oh, sim.

EVELYN: O Frankie não falou, no entanto, foi nesse ponto.

ASSISTENTE: Não, não. Acho que ele acha difícil usar [a caixa de voz] para o que quer que seja. Sim. Eu não lhe disse. Sim. Alguma vez a conheceste?

EVELYN: Ela cruzou o meu caminho uma vez. Não me lembro de a ter conhecido. Hum-hum. Mas ela cruzou o meu caminho. Eu ia a descer para a Martha's Lane, e ela ia a entrar no teatro Duke of York, e cruzou o meu caminho; e eu parei e perguntei ao porteiro: "quem é aquela?". Porque ela era tão bela. E ele disse essa mesma coisa: que bela oradora ela era. Ela já era uma senhora bastante idosa na altura, não era?

EVELYN: Ela era uma senhora bastante idosa, mas ainda era muito bela. Sim. Porque eu costumava sentar-me, há anos, para toda a família Terry; a Julia Neilson costumava vir, e a Hazel Terry — a pequena Hazel era ela na altura —, e a Phyllis. A Julia costumava vir com a Phyllis e a pequena Hazel, e todas costumavam vir sentar-se. Claro, o Fred Terry costumava falar com a Julia. Claro, o Fred Terry, como sabes, era filho da Ellen Terry. Irmão, quero dizer, irmão. E isto foi há anos, antes da guerra. Alguma vez conheceste a Julia Neilson Terry?

ASSISTENTE: Sim. Uma mulher muito alta e majestosa.

EVELYN: E a Phyllis era muito alta. Tenho de te dizer, muito obrigada, de facto. Porque isto pode ser um meio de o fazer parar de beber. E, quero dizer, ele fica realmente obcecado com o brandy, ou o que quer que seja. E se uma pessoa puder ajudá-lo...

ASSISTENTE: Ele vive sozinho?

EVELYN: Sim. Lá em Itchenor, que fica a cerca de... bem, não em Itchenor, mas nos arredores de Chichester. Sim. Mas ele nunca viria a Londres.

Notas:

- *Evelyn Laye (1900–1996): No momento da sessão, ela tinha cerca de 77 anos. Mickey prevê que ela não partirá tão cedo (ela viveu até aos 96 anos, quase chegando ao fim do século, como Mickey previu).*

- *Frank Lawton (1904–1969): O marido de Evelyn, também ator, que tinha falecido oito anos antes. Mickey valida a sua presença através de piadas privadas ("o abre-latas" para a armadura, o espartilho e o toupee).*

- *O Teatro no Além: David Scott e Mickey coincidem na ideia de que as artes continuam no mundo espiritual, mas com um propósito pedagógico de ajudar as almas a verem-se a si mesmas e a progredir.*

- *Validações Físicas: Mickey descreve um quadro em casa de Evelyn que ele pensa ser a óleo, mas que ela corrige ser em giz (crayons), e menciona uma miniatura da bisavó, o que constitui prova de clarividência.*

- *Tratamento: O tratamento por "tu" foi mantido para preservar a relação de camaradagem entre o guia Cockney e a estrela do West End.*

- *Frank Lawton e as Armações: Um dos momentos mais fortes de prova: Mickey menciona que Evelyn está a usar as armações dos óculos do marido (Frank) com as suas próprias lentes. Ele até brinca com a "maldita certeza" do Frankie de que os óculos eram dele.*

- *Margaret Leighton (1922–1976): Atriz que tinha falecido no ano anterior à sessão. Ela envia uma mensagem para o marido, Michael Wilding (também mencionado por Mickey), que estava doente no hospital.*

- *Ellen Terry (1847–1928): Uma das maiores atrizes da história do teatro britânico. A sua manifestação é solene e cheia de carinho por Evelyn, a quem recorda de um evento de caridade quando Evelyn era "uma rapariga".*

- *Vida Doméstica: Mickey menciona detalhes triviais mas certeiros: o feto artificial na casa de banho, o problema com os colchetes de um vestido novo que cederam na noite anterior e a nova maquilhagem na mesa de Evelyn.*

- *Tratamento: O tratamento por "tu" foi mantido. Mickey chama-a de "rapariga" (girl) e "companheira" (mate), enquanto as entidades mais velhas como Ellen Terry usam "minha querida" ou "minha criança".*

- *Identidade da Assistente: A sessão conta com a presença de Evelyn Laye (Boo) e possivelmente um acompanhante ou arquivista da confiança dela.*

•

• *O "Pessimismo" de Michael Wilding: O final da sessão foca-se na preocupação de Evelyn com Michael Wilding (marido da falecida Margaret Leighton), mencionando o seu problema com o álcool e o isolamento em Chichester. Margaret Leighton, através de Mickey e da voz direta, tenta intervir para o ajudar.*

• *A Família Terry: Evelyn recorda a sua longa ligação com a dinastia teatral dos Terry (Ellen, Fred, Phyllis, etc.), confirmando que eles eram frequentadores de sessões mediúnicas antes da guerra.*

• *Profecias de Carreira: Mickey prevê um papel de "senhora régia" (imperatriz ou duquesa) para Evelyn na primavera seguinte. Evelyn confirma que essa é a sua especialidade, tendo interpretado recentemente peças de Arthur Wing Pinero (um dramaturgo "do lado de lá" que Mickey não conhecia, mas cujas personagens ele descreve com precisão).*

• *Evidências de Infância: A boneca e o címbalo ligados à peça de 1908 em que a mãe de Evelyn participou servem como provas cruzadas de memória familiar.*

• *Humor de Mickey: Mickey encerra com o seu clássico "Keep your chin up, both of them" (uma piada sobre o queixo duplo ou simplesmente o ânimo), reforçando que a sua missão é aliviar o peso emocional dos assistentes.*

SESSÃO PRIVADA

27 DE OUTUBRO DE 1965

MICKEY: Sim. Oh, estou contente. Eu nunca conheci aquela senhora ali, pois não? Não, não conheceste. Olá, pessoal. Como estão?

ASSISTENTE: Estou bem, obrigado.

MICKEY: Eu trouxe uma amiga para te conhecer. Eu sei, vi-a antes. Ela não é "medrosa" (*windy*), pois não? Não, não. É apenas assim. Ela é tão nova na força de trabalho. Gosto dela. Ela tem muito poder. Ela não sabe, mas é muito perspicaz. É uma coisinha pequena. Que idade tens, mocinha? Bem, eu tinha dois anos quando a "apanhei" [referindo-se ao momento da transição]. Que idade tens?

ASSISTENTE: Fiz 36 ontem.

MICKEY: Tu percebeste isso ao contrário, não percebeste? E eu não quis dizer isso. Mocinha, estavas em Jamestown quando passaste para cá pela primeira vez? Sim. Eu não sabia que parecia assim. Achei que estavas em algum lugar mais acima. Não, acho que ela é simpática, aquela senhora. Se olhares para o cabelo dela, não forces, pois não? Ela é muito artística, aquela senhora, não é? Eu acho que sim. Acho que ela tem mente para uma carreira nas artes, e isso permite-lhe usar toda a oportunidade de quando era mais nova. Consegues ouvir-me agora?

ASSISTENTE: Sim.

MICKEY: Tu tens um sinal (*mole*), não tens?

ASSISTENTE: Peço desculpa?

MICKEY: Tu tens um sinal, não tens? Bem, assim deve ser. Eu acho que sim. Bem, digo-te, companheira, tu terás, e tudo chegará a um fim, sabes? Mas não precisas de te preocupar com isso. É o modo de vida, enfim, e as coisas vão acontecer, e vais descobrir que foi o melhor a longo prazo.

ASSISTENTE: Achas que tudo isto vai ser em breve?

MICKEY: Bem, eu ainda quero ser exato quanto ao tempo, companheira, mas é como se tivesses uma série de coisas a acontecer ao teu redor, e, oh, eu diria — e não estou a adivinhar o tempo, porque é realmente muito difícil ter a certeza. Mas estamos quase lá. Hum.

ASSISTENTE: Bem, estou um bocado cansada de me mudar.

MICKEY: Talvez venhas a estar. Tu ainda não tiveste o teu último momento. Sabes, o teu problema, se me permites dizer, amor, é que és "fácil" demais. (RISOS)

ASSISTENTE: O que queres dizer com "fácil" demais?

MICKEY: Bem, eu sei que és uma lutadora, mas o ponto é que acho que estás inclinada a deixar as coisas passar em vez de teres um confronto (*set to*). Sabes o que quero dizer? Tu pensas: "oh, bem, sabes". Bem, um confronto não causa mais dano do que qualquer outra coisa. Claro que causa. Mas sinto que deixas que haja bastante com que lidar de uma forma ou de outra. E, hum, estás preocupada com um cavalheiro do teu lado? Hum, ele é o teu filho?

ASSISTENTE: Sim.

MICKEY: Hum, ele move-se muito? Sim. Porque sinto como se ele nunca estivesse estacionário por muito tempo. Há sempre algo a surgir que o leva numa longa viagem e, sabes... É exatamente assim que acontece também. Sim, bem. Outras coisas. Sim, vês, sinto que tu és muito, hum, bem, uma "*grass widow". Refere-se a uma mulher cujo marido está ausente por um longo período (em viagem, em trabalho ou separado),* poder-se-ia dizer. (RISO) Tu tipo, hum, nunca sabes se vais voltar, se alguém vai estar lá ou se não vai estar. Tu dizes para ti mesma: "bem, talvez, não sei". E também pensas: "bem, o que posso eu fazer sobre isto?". Mas parece-me que, bem, nunca sabes realmente. E, de certa forma, não digo que vivas em apreensão. Não quero dizer bem isso. Mas sinto contigo que pensas para ti mesma: "bem, espero que tudo continue bem", ou algo assim. Mas parece-me que ambas as pessoas na tua coluna parecem estar a flutuar e a mover-se e a ir a sítios, sabes? Sim.

Hum. Está tudo bem. Bem, é uma sorte que tenhas agora uma reserva interna, uma espécie de poder dentro de ti para seres capaz de lidar com a vida e lidar com as coisas e situações. Estranho, porque tu és um bocado uma personagem do tipo cavalheiro. Tu és uma mistura estranha. Mas quando é necessário enfrentar algo, meu Deus, tu enfrentas. Mas ao mesmo tempo, em todos os momentos, pode ser uma perceção. Vês, tu tens uma reserva

maravilhosa dentro de ti e, no entanto, és altamente sensível e é um esforço às vezes obrigares-te, forçares-te a fazer certas coisas ou a combater certas coisas. Essas são coisas que tu tens de combater. Mas o que quero dizer é que tu és quase capaz, e tiveste de aprender a ser capaz, de enfrentar as coisas por ti mesma. Bem, deverias ter tido força de outros. Não a tiveste.

ASSISTENTE: Não.

MICKEY: Engraçado sobre o teu casamento. Eu não diria que é um casamento infeliz. Certamente não diria que é um feliz. É uma daquelas coisas. Sinto que há ali uma gota que é boa, mas às vezes perguntas-te dentro de ti se alguma vez... Bem, aliás, tu não te perguntas. Tu sabes sobre isto. Mas sinto que as coisas poderiam ter sido vastamente diferentes para ti, mas não podes. Vês, tu és uma daquelas pessoas que fizeram algo a partir do nada. Hum. Isso é uma conversa simpática. O dinheiro não traz felicidade, rapariga, pois não? Não. Hum. Quero dizer, eu não diria que és infeliz. Acho que aprendeste a viver com a miséria.

ASSISTENTE: Oh, credo. Agora, isso é exagero.

MICKEY: Bem, tive um início cedo a pensar nisso. Sim, mas tu és uma pessoa interessante. Gosto muito de ti. Mas o que acho que é uma pena, se me for permitido dizê-lo — e é tarde demais para fazer algo agora, Deus sabe —, mas o ponto é que tu tiveste, e ainda tens, talentos diferentes, habilidade criativa, que nunca foi trazida à superfície, nunca foi permitida a fazer nada. É uma pena. Tu és essencialmente dentro de ti uma pessoa artística, uma pessoa criativa, e acho que não conseguias fazer algo a partir do nada, e acho que até certo ponto o fizeste. Sim. Alguma vez tiveste algo com o teatro?

ASSISTENTE: Indiretamente.

MICKEY: Apenas indiretamente, porque sinto que quando eras nova, se tivesses tido a oportunidade e entrado no tipo certo de situação, poderias ter sido altamente bem-sucedida no sentido teatral. Sim, acho que sim. Em vez disso, tornaste-te uma "mãe apagada". Tens... é o teu filho que vai para lugares como a África do Sul e por aí fora?

ASSISTENTE: Oh, o meu marido e o meu filho.

MICKEY: Eles têm muito a ver com a AS, África do Sul? Não, nada a ver com a África do Sul até agora, mas não há nada a ver com o facto de ambos não terem nada a ver com a África do Sul. Engraçado, vês, eu vejo estas pessoas também, indo a longas distâncias de avião e talvez por vezes de

barco, e a fazer negócios e a voltar, sabes o que quero dizer? Exatamente correto. Representando e fazendo coisas para outras pessoas, ajudando a fazer dinheiro para os outros, mas não necessariamente fazendo-o tanto para si próprios.

ASSISTENTE: Exato.

MICKEY: E depois, há o caso de pessoas que têm talento e que bem poderiam ter de o deixar à sua própria maneira. Mas parece-me que ninguém pode tirar o teu filho. Acho que ele é bastante brilhante, pelo que me foi dito por pessoas que se ligam a ti, e dizem que ele poderia, dada a oportunidade no sentido certo — e isso é algo que eles esperam que se desenvolva para ele —, fazer uma carreira muito boa para si mesmo.

ASSISTENTE: Oh, bem, ele já tem uma bastante boa agora, mas eu percebo o que queres dizer.

MICKEY: Não, mas sinto que, apesar do facto de ele ter uma boa carreira, ele deveria estar, ou estará, se ainda não estiver, ele estará numa posição muito melhor do que aquela em que poderia estar. Se ele tem grande potencial, mas não está claro se ele o vai usar ou não. Bem, uma coisa: não creio que essa oportunidade venha neste país, será noutro lugar. Exato. Perfeitamente impossível. Alguma vez estiveste num lugar chamado Bournemouth?

ASSISTENTE: Muito pouco. Fiquei lá uma vez, só isso.

ANNA: Eu não te esqueci, Anna. Eu ainda não esqueci, mas é muito bom ouvir-te outra vez. Quero dar uma olhadela. Obrigado, Anna. É ótimo ter um encontro contigo. Gostaria de te ver ali. Gosto dos teus amigos. Gosto muito deles. É muito simpático. É muito simpático estar contigo. Sinto que és uma pessoa muito genuína, sincera, e viver num mundo como o teu, companheira, é um vidro bastante duro. Sabes, tens de às vezes... bem, é muito difícil. Éramos todos demasiado ocupados em criança. Não há muitas pessoas no mundo, sabes, que quereriam saber o que se passa. Uma criança. Muito simpática. Oh, querida. Oh, doçura. Oh, amorzinho.

MICKEY: Continua a falar, senhora. Ela ficará mais forte, provavelmente. Ela foi trazida aqui por uma senhora. Acho que foi a Mamã. Eu sei.

CRIANÇA: Querida. Querida, tu nunca falaste nada, pois não? Um bocadinho. Um bocadinho mais. Tu cresceste. Peter. Eu cresci, não cresci? Peter. Peter.

MICKEY: Mas tu és um rapaz. Tu és uma rapariga. Ela é uma menina, mas está a falar de alguém chamado Peter. Não sei quem é o Peter. Ela está aqui com um jovem chamado Peter, e está aqui com uma mais velha. Bem, ela não está lá fora deste lado. Uma senhora que acho que deve ser a mãe do teu marido.

ASSISTENTE: Oh, a Avó (*Granny*).

MICKEY: Sim. Oh, essa é a Avó. Ela morreu na infância, a menina.

ASSISTENTE: Exato.

MICKEY: Mas ela cresceu para ser apenas uma mulher. Oh, certo. Ela já não é um bebé. Os filhos das pessoas crescem deste lado. Eles não ficam apenas bebés. Oh. Qual é o nome dela? Ela tem um nome? Não sei. Vamos descobrir agora. Ela tem um nome? Tenho uma criança chamada Margaret. Nome maravilhoso. Chamam-lhe Margaret.

ASSISTENTE: Margaret?

MICKEY: Margaret. E há uma razão para lhe chamarem Margaret, porque tem o nome de outra pessoa. Estou a ver. Ela estava a sair-se muito bem, Nicole. Sim. Ela foi-se embora? Sim, foi. Querida, vês a tua outra Avó? E como está ela? Sim, bem, claro que vejo. Eu não poderia... Como poderia eu imaginar isso? Oh, bem. Fico feliz por estares aqui. Foi bom. Foi. Foi.

TED: Olá. Conseguimos ouvir-te. Aqui é o Ted. Ted. Olá, Edward. Estás a falar com o Edward? Não. Mas a quem vieste ter? Não sei se me consegues ouvir.

ASSISTENTE: Conseguimos ouvir-te, mas não temos bem a certeza de quem és. Olá? Edward, é alguém que eu conheço? Edward? Quem é?

MICKEY: Parece ser alguém à procura daquela nova senhora. Mas se está ligado ao lado da família dela ou ao do marido, não tenho a certeza absoluta. Não será o Tio-Avô Edward, certamente.

ASSISTENTE: É ele, não é? Oh! Valha-me Deus, eu gostava tanto de ti.

EDWARD: Claro que gostavas, e eu ainda gostava muito de ti. É por isso que estou aqui agora, porque não tenho bem a certeza sobre este tipo de coisas. Tenham uma boa noite. Eu sei onde estou.

ASSISTENTE: Oh, conseguimos ouvir-te muito bem.

EDWARD: Disseram-me que era possível, mas eu não acreditava realmente. Mas quando eras uma rapariga, oh, tu eras muito próxima de mim. Eu gostava sempre tanto de ti.

ASSISTENTE: Oh, Tio-Avô Edward, vamos lá.

EDWARD: Vim agora apenas para te deixar saber que, apesar do passar dos anos, eu nunca te esqueci. E tenho velado por ti, e tentei, e tentei o melhor que pude, isto é, ajudar-te de qualquer forma que pudesse. E só quero que saibas que te amo ainda, e continuarei sempre a amar-te. E quando chegar a altura de vires para aqui, estaremos todos lá, à tua espera à tarde. Não tens nada com que te preocupar, minha rapariga.

ASSISTENTE: Oh, abençoado sejas.

EDWARD: E eu sei que tiveste um período difícil com o hospital e problemas internos e todo o resto, mas estás muito melhor agora, não estás?

ASSISTENTE: Sim.

EDWARD: E não acho que precises de te preocupar muito. Tenho a certeza de que vais ficar bem. Oh. Apenas olha para o futuro. Tem fé, minha rapariga, tem fé. Sabe que nunca estamos longe de ti. E se alguma vez precisares de nós, basta chamares-nos.

ASSISTENTE: Obrigada.

EDWARD: Abençoada sejas, minha rapariga. Abençoada sejas.

ASSISTENTE: Ele ainda está por aí?

MICKEY: Sim, está. Está? Acho que ele já se tinha ido embora antes. Novo, novo. Oh, isto remonta a quando eu tinha quatro ou cinco anos. Há também outro cavalheiro aqui que diz que gostaria de ser lembrado também. E diz que o nome dele é Charles.

ASSISTENTE: Para mim?

MICKEY: Sim, para ti, amorzinho.

ASSISTENTE: Charles?

MICKEY: Sim. Senta-te um momento. Oh, olá. Este cavalheiro não tem relação nenhuma contigo. Aliás, ele era médico. E, hum, ele era médico de família. E era muito bem conhecido pelos membros da tua família, a família da tua mãe, sabes. O nome dele não lhes diz nada. Não, e o nome de Hunt.

ASSISTENTE: Hunt?

MICKEY: Doutor Hunt. Doutor Charles Hunt.

ASSISTENTE: Não.

MICKEY: Não, meu amor, podes não te lembrar de tudo, porque afinal de contas os anos passaram e tu não reconheces necessariamente as mesmas pessoas. Às vezes volta depois, não volta, calculo. Sim, exato. Hum. Sim, e também tens uma peça de joalharia que raramente ou nunca usas, que pertenceu a uma senhora aqui deste lado.

ASSISTENTE: Oh. Não sei o que poderá ser.

MICKEY: Não pertenceu a uma tia tua?

ASSISTENTE: Não. Não tenho nada dos meus parentes agora.

MICKEY: Bem, espera um momento. Há uma senhora aqui que diz que é a Tia Emmy.

ASSISTENTE: Não. Eu estou a usar uma peça de joalharia que pertenceu à minha tia, a Tia Emmy.

MICKEY: Oh, isso é bom. És tu, então. Peço desculpa, pensei que fosse a outra senhora.

ASSISTENTE: É a rapariga, claro. Eu adoro-a. Ela parece muito entusiasmada, não parece? Exceto que eu uso isto muito, na verdade.

MICKEY: Bem, ela parece achar que tu não a usas o suficiente, porque diz que nota frequentemente que não a usas o suficiente.

ASSISTENTE: Bem, se eu estiver certa — e não quero confundir isto — , estou a usá-la agora.

MICKEY: Não sei se ela sabe. Olá, querida. Olá, querida.

ANN: Olá, querida, como estás? Olá, olá, olá. Consigo ouvir-te muito bem, meu amor. Muito bem, finalmente. Trouxe um amigo para te conhecer. Eu sei que sim. Como estás? Encantada por poder vir falar contigo. Estou tão contente por teres conseguido algum contacto com a tua própria gente querida.

Sabes, deve ser por vezes muito difícil para as pessoas apreciarem e perceberem quão perto podemos estar por vezes para ajudar; e nem sempre podemos fazer as coisas que gostaríamos de fazer, claro. Às vezes nem nos seria permitido. Cada um é um indivíduo livre e cada um deve, até certo ponto, viver a sua própria vida. Mas se pudermos ajudar, e houver poder suficiente para ajudar, ajudamos. Enfim, estou muito feliz por te ver outra vez.

ASSISTENTE: Não achei que voltasses.

ANN: Não, eu achei que voltarias, então. Como estás, querida?

ASSISTENTE: Estou bem, obrigado, querida.

ANN: Eu adoro como isto é. Como está o Hugh? Ele tem estado um bocado... Ele nunca vem falar connosco agora, pois não? Bem, não parece ser contra isso. Ele apenas não... Ele viria se eu realmente lhe pedisse. Ele não é contra. Apenas não parece querer. Eu sei que ele não é contra. Sim. Mas ele preferia ir ver críquete.

ASSISTENTE: Acho que não, querida. Ele tem tido um bocado de frio (*a bit of a coat*), mas de resto, sim, está bem.

ANN: Eu sei que tu estás sempre bem, não estás? Estou feliz. Estás mais instalada agora?

ASSISTENTE: Muito mais instalada, sim.

ANN: E quanto à Mamã? Bem, damo-nos muito bem, como provavelmente notaste. Bem, parece que nos damos muito melhor, querida. Bem, sabemos como enfrentar isto juntas.

ASSISTENTE: Bem, isso é uma coisa boa. Já era tempo. E... sabes, a Mamã quer... quer dizer bem, muitas vezes.

ANN: Claro que quer. Ela percebe que tem uma grande responsabilidade, e acho que ela fica muito deprimida. Na verdade, tenho a certeza de que fica, no seu tempo. Ela aprecia o que fazemos. Bem, nós amamo-nos muito. Acho que ela está a vir... Eu estava a falar com ela no outro dia sobre este teu problema sexual, e ela disse no outro dia que devia ficar, porque eu precisava dela. Claro, eu amo-a, e sei disso, mas não quero prendê-la. Mas ela está a voltar tanto para a vida. Muito francamente, Ann...

ASSISTENTE: Sim, querida?

ANN: Acho que ela ainda não compreende bem. Acho que, na sua alma, ela ainda tem muito medo de morrer.

ASSISTENTE: Tem.

ANN: E isso, para mim, é uma grande pena. Claro que é. Eu esperava que ela se ajustasse a isto, que percebesse que é uma grande aventura. Claro. É algo por que ansiar, não para temer.

ASSISTENTE: Sim.

ANN: E ela sabe, ela devia saber, que estamos à espera, eu estou à espera para cuidar dela. Ela ficará perfeitamente bem outra vez, e sem velhice, sem dores ou sofrimentos. Ela poderá desfrutar totalmente da sua nova vida. Ela deveria ansiar por isso, não temê-lo. Dói-me quando ela está assim. Bem, também espero, no ponto de estar comigo, que ela possa estar mais comigo, porque o que quer que eu faça, ela poderá vir e ver o que estou a fazer.

ASSISTENTE: Isso poderia ser conveniente. O quê? Isso poderia ser conveniente.

ANN: Eu não recomendaria isso. Muito francamente, as pessoas parecem ter esta ideia, quando aceitam isto, claro, de que estamos sempre por perto, o que é bastante estúpido. Quero dizer, não estamos sempre por perto, não necessariamente, mas estamos frequentemente convosco, particularmente quando sentimos que precisam de nós, quando talvez pelos vossos pensamentos nos chamam para vir. Podemos chamar. Sim, de certa forma. Nós queremos vir. É uma espécie de união mental, se quiseres. É uma transmissão de pensamento que somos capazes de receber e à qual respondemos. Mas eu não gostaria que ninguém pensasse que estamos à volta deles a cada cinco segundos. Não. Seria estúpido. Agora que temos as nossas próprias vidas para viver. Mas estou frequentemente com a Mãe, sabes. Mas eu desejava... Acho que lhe fala à noite.

ASSISTENTE: Ela fala, mas...

ANN: Sim. Sabes, ela está, infelizmente, ainda com um pouco de medo, e é uma pena. Não sei se há algo mais que eu possa fazer sobre isso. De certa forma, acho que lhe falo, mas estou um bocado farta disso, na verdade. Já não falo tanto como costumava. Lembra-te, era nos anos 80, creio eu. Apenas nos anos 80.

ASSISTENTE: Sim.

ANN: Achei que ela viria depois de 81, ou algo assim. Bem, estivemos um bocado baralhadas. Ela parece sempre um pouco baralhada às vezes, e acho que é devido a... Mas, hum... Ela parece... Sabes, ela e o Hugh são tão felizes juntos agora, não é? Bem, é bom. Parecemos todos muito felizes juntos. Não voltei a falar com ela. Tenho de ir. Diz-lhe que ela não me verá mais assim, ouviste?

ASSISTENTE: Sim.

ANN: E diz-lhe que gostas de Jedi.

ASSISTENTE: Sim.

ANN: Oh, o Robert está ali. O Philip está aí? Sim. Achas que ela me podia dar um relatório? Ela... Ela pode perguntar-me, querida. Ela é muito... Talvez eu deva ir.

ASSISTENTE: Sim, adeus, minha querida.

ANN: Adeus.

MARIA: Muito obrigado. Estou tão satisfeita por ir falar contigo. Oh, sim? Estou tão feliz, sabes. Tenho estado à espera, sabes, desta oportunidade para ir falar contigo. Sim. Chamei as pessoas aqui, mas como não é possível, sabes, eles não querem vir, e é assim que eles vão fazer. É o momento perfeito. Sim, não? Estou tão feliz por te conhecer, minha querida. É um grande prazer. Eu não, como se diz, acho que possamos aguentar muito mais tempo, mas espero que um dia possas trazer a tua filha, sabes, porque ela é uma pessoa muito boa. Ela é uma... amiga rica, no entanto. Ela é uma pessoa muito simpática, e eu gostaria muito de falar com ela um dia sobre coisas, sabes, mas tenho de ir. Maria, dás o meu amor ao Philip? Porque ela queria muito vir falar. Com quem? Com o pequeno Philip. Eu sei do que estás a falar. Dá-lhe o meu amor. Vês a mamã dela? Sim. Dele. Sim, dele, de qualquer forma.

ASSISTENTE: Oui.

MARIA: Bem, ela enviou o amor dela à mamã dela. Sim. E, claro, a mamã dela também sabe disto. Com certeza. E ela está a falar com ela, e eu gostaria que soubesses que estive várias vezes, sabes, nas reuniões onde te sentas. Eu, eu, eu sinto que tens um desejo forte. Mas tenho uma voz a ir, *Au revoir*, adeus. Maria, fica comigo mais tarde, OK? Tenho de ir, desculpa, não o posso evitar. Mas anima-te, senhora, não fiques a fazer a "cena muda" como estás. *Au revoir. Au revoir*, minha querida. Paz e alegria.

ASSISTENTE: Sim, amor. Isso foi adorável.

MICKEY: Acho que o poder estava a minguar. Sim. Tivemos de nos apressar. Sim. Mas normalmente o Papá, o Papá, hum, tem muito tempo para subir. É invulgar mandarem-no parar. Oh, bem. Ele deu o seu melhor. Achei que o Papá se saiu muito bem. Sim, ele deu o seu melhor. O primeiro comunicador. Maria. Maria. Quero dizer, é muito divertido. Sim. E ela vem frequentemente, não vem, quando o poder está ligado? Sim. Ela vem frequentemente perto do fim da sessão. Sim. Ou se as coisas estão difíceis, não vem? Ela vem. Vem. Ela aparece bastante, na verdade, não aparece? Oh. Extraordinário, para a primeira vez, conseguir-se tanto, creio eu. Tu não estiveste lá ontem à noite, pois não?

ASSISTENTE: Não.

MICKEY: O Mickey foi engraçado, a ajudá-la. Sim. Eu não sabia que ia aparecer no fim da noite. Oh, sim. Aposto que sabias. Quem era ele? Mickey. Mickey era um rapaz. Ele costumava vender jornais. Oh, rapaz. Ele era um rapaz. Agora é uma rapariga. Agora é um rapaz. Ouviremos sobre isso na próxima vez. (RISOS) Bem, ele sobreviveu ao incêndio até à idade, porque nessa idade, o primeiro texto foi escrito por um rapaz. Isto é verdade. Sim. Sim, isso é verdade. Isso é verdade. Mas ele é muito erudito agora. Se o Leslie [Flint] tem médicos ou alguém a observá-lo, ele consegue realmente falar sobre tudo agora, não consegue?

ASSISTENTE: Consegue, sim.

MICKEY: É extraordinário. Há muitos anos, há bastantes anos agora, eu costumava levar estudantes ao Dr. Leslie Weatherhead. Ele estava muito interessado no assunto. E havia vários outros clérigos e eu costumava sentar-me com o Dr. Leslie Weatherhead no seu estúdio em Hampstead. É bom falar com ele assim. E o Mickey costumava aparecer. E, claro, sendo todos clérigos, eles costumavam fazer perguntas de natureza religiosa. E, muito francamente, eu costumava sentar-me e encolher-me, sabes. Mickey, Mickey. Sim. Porque, sabes, o Mickey é tão direto e tão deslumbrado que não é verdade. E eles faziam perguntas. E depois o Mickey saía-se com umas respostas foleiras. E elas eram realmente muito interessantes.

ASSISTENTE: Ele encontrava as respostas, sim.

MICKEY: Sim. E depois, às vezes, o Mickey perguntava-lhes algo em troca, sabes. E lembro-me de uma vez ele dizer — não sei se foi ao Weatherhead ou se foi ao outro clérigo —: "Tu acreditas em Deus?", sabes,

assim do nada. E o outro clérigo disse: "Claro que acreditamos em Deus. Sabes, Deus amou-nos". Então o Mickey disse: "Acreditas que Deus criou todas as coisas no princípio?". "Oh, sim, claro que acreditamos que Deus criou todas as coisas no princípio". E o Mickey saiu-se com esta: "Então como é que explicas o pecado, companheiro? Se Deus criou todas as coisas, ele deve ter originado a ideia do pecado. Por isso não podes culpar os pobres coitados que cometem erros".

Noras:

- *A Dinâmica de Mickey: Mickey atua aqui não apenas como guia, mas como um observador perspicaz da psicologia da assistente. Ele descreve-a como uma "viúva de vidro" (alguém que vive na incerteza da presença dos outros) e nota a sua força oculta e talentos artísticos não realizados.*

- *O Crescimento das Crianças: Uma das revelações espirituais recorrentes nas sessões de Flint é que as crianças que morrem na infância (como a pequena Margaret desta sessão) continuam a crescer no mundo espiritual, atingindo a maturidade da alma.*

- *Provas Familiares: A manifestação do Tio-Avô Edward é um momento de grande emoção. Ele valida problemas de saúde recentes da assistente ("hospital e problemas internos"), fornecendo o conforto de que os antepassados continuam a velar pelos vivos.*

- *A Joalharia e a Memória: A menção à Tia Emmy e a uma peça de joalharia não usada é um teste clássico de sobrevivência. Mickey sugere que, embora a assistente não se lembre no momento, a informação poderá "voltar depois", algo que frequentemente acontecia quando os assistentes consultavam outros familiares após a sessão.*

- *Tratamento: O tratamento por "tu" reforça a natureza pessoal e direta desta sessão privada, onde os guias e familiares falam com a autoridade de quem conhece a história de vida da assistente desde a infância.*

- *A Identidade do "Pecado": O final da sessão traz uma das reflexões mais famosas de Mickey sobre a teologia. Ele confronta o Dr. Leslie Weatherhead (famoso teólogo e clérigo metodista que investigou Flint) com uma lógica simples: se Deus é o criador de tudo, a origem do pecado também deve ser divina, retirando o peso da culpa absoluta do ser humano.*

- *A Vida das Entidades: Ann explica um ponto técnico crucial: os espíritos não "vigião" os vivos 24 horas por dia. Eles têm as suas próprias vidas e interesses no outro lado, acudindo apenas quando há uma necessidade real ou uma sintonização pelo pensamento.*

- *O Medo da Morte: Ann e a assistente discutem o medo que a "Mamã" ainda sente em relação à transição. Ann descreve a morte como uma "grande aventura" que trará a cura para os males da velhice e do corpo físico.*

- *Referências Temporais: Há referências aos anos 80 e 81, sugerindo profecias sobre a longevidade ou momentos de transição de membros da família.*

- *O Grupo de Hampstead: A menção às sessões com clérigos no estúdio de Hampstead confirma a importância histórica de Leslie Flint no diálogo entre a espiritualidade e a religião institucional britânica.*

ST. JOHN MONTAGUE E PHALLUS

Esta sessão é um registo fascinante que demonstra a versatilidade da mediunidade de Leslie Flint, saltando de um início bem-humorado com Mickey — que chega a arriscar o francês — para comunicações profundas de figuras ligadas ao ocultismo e à história antiga.

MICKEY: Seria uma boa ideia se o puséssemos numa, não seria? Como o quê? Olá, Srta. Mickey. Eu disse que talvez fosse uma boa ideia se puséssemos o Leslie em transe. Oh, sim.

ASSISTENTE: Sim, Mickey querido, por favor, faz isso. Talvez tivéssemos todos um bocado de paz assim.

MICKEY: Acho que ele devia ser posto em transe todas as noites, das onze até às nove da manhã seguinte.

ASSISTENTE: Sim. Sim, Mickey.

LESLIE FLINT: Não nisso. Vou dormir imenso, eh? Eu durmo muito bem, de qualquer forma, Mickey, mas sonho muito. O querido e velho Sr. Norman, estou a ler em cada leitura que ele faz. E eu percebo.

MICKEY: Tu percebes, dizes tu?

LESLIE FLINT: Não, eu percebo o sentido em tudo o que dizes, mais ou menos. Oh, pensei que querias dizer que "apanhavas" com algo. Está tudo bem esta noite, Mickey?

MICKEY: Está tudo muito simpático, obrigado. As condições são *par excellence*.

ASSISTENTE: Oh, obrigado. *Tu parle bien français. Parlez français, avec nous, ce soir.*

MICKEY: *Parlez français, madame, monsieur. Oh! Si tu bois, que tu bois. Qu'est-ce que c'est? Si tu bois? Si tu bois, que tu bois. Si tu bois, que tu bois.* Eu conheço essa. *Bois, que bois.*

ASSISTENTE: Não sabia que falavas [francês].

MICKEY: *Oh, oui, oui, oui. Chez mes frères, madame. Monsieur, monsieur.*

LESLIE FLINT: *Je savais pas que tu pouvais parler français, mais...*

MICKEY: *Oui, monsieur*, eu estou a votar para vir aqui. O que foi que disseste, Leslie? Eu não sabia que podias falar... O que é que lhe disseste, Leslie?

LESLIE FLINT: Eu disse que não sabia que podias falar francês.

ASSISTENTE: *Je vous aime beaucoup, Mickey. Monsieur Mickey. Monsieur Mickey.*

MICKEY: *J'attendrai... J'attendrai...* Não, eu não disse isso. Eu disse *j'attendrai*.

ASSISTENTE: *Ah oui, j'attendrai.* O que é que isso significa?

MICKEY: *Monsieur. Bonjour.* Ele é um bom rapaz, não é? *Ce soir, qu'on boire.*

ASSISTENTE: *Ce soir.* O quê, o quê? Ele está a pregar-te uma partida. *Ce soir*, o que é que disseste? Não consegui perceber.

MICKEY: *Ce soir*, o quê, Vicky? *Monsieur Petit Medium.* O que é que isso significa? *Monsieur Medium.* Pequeno Médium. É *Medium*, não é? *Medium* diz-se da mesma maneira, não é? *Medium*.

ASSISTENTE: Ele tem a pronúncia correta. Sim. Valha-me Deus. *Vous parlez bien français. Vous très... Vous très... Vous très... Vous très... Vous très*

quoi? O que é que isso significa? *Très*. Eu gosto de *très* em inglês. *Très* em francês. *Très* em francês. *Très*, desejas algo ou outra coisa?

COMUNICANTE (H.P.B.?): ...e tem a certeza absoluta, dentro de ti, de que estamos a cuidar do teu futuro e da felicidade que desejas manter.

ASSISTENTE: Compreendo. Muito obrigada. Isso é muito gentil da sua parte, H.P.B.

MICKEY: Eu não tive mão nisso.

ASSISTENTE: Meu querido, tu tens mão em tudo, eu sei.

MICKEY: Tenho o teu bem-estar no coração, tenho o bem-estar do Flinders [Flint] no coração, e tenho até o "morcego do terceiro andar" na nossa casa. Estou certo, aquilo vai ser o andar inteiro, o "morcego do quarto andar". E eu serei o "morcego do terceiro andar". Oh, credo. Estou por baixo (*I'm flat*). Achei que isso foi infalivelmente bom, aquilo. A terceira pista começa a fazer rolar uma nova bola, Rosie, por isso não te preocupes.

ASSISTENTE: Compreendo. Tudo bem, obrigada, querido.

MICKEY: Fica quieto, Flinch [Flint]. Não te inclines para a frente, Leslie.

LESLIE FLINT: Não estou.

MICKEY: Só te estou a dizer que da última vez estavas inclinado para a frente...

LESLIE FLINT: Da última vez estava, sim. Mas é difícil, sabes, sinto sempre que consigo ouvir melhor.

MICKEY: Não, não consegues, é uma ilusão. Apenas relaxa e ouvirás muito melhor. Tudo bem, então.

ST. JOHN MONTAGUE: Boa noite.

ASSISTENTE: Boa noite, meu amigo. Consegue ouvir alguma coisa?

ST. JOHN MONTAGUE: Não, não consigo. Poderia falar um pouco mais alto, por favor, se for possível? Estou a tentar, mas não consigo.

ASSISTENTE: Sim, conseguimos ouvir.

MÃE: Mas eu não consigo. Consegues ouvir, Mamã? Muito fraco. É a voz dela muito quieta.

ST. JOHN MONTAGUE: Ela disse Leslie. Muito estranho. Sim. Sim. Perdoem-me, porque não sou muito experiente neste tipo de coisas. O meu nome é St. John Montague.

ASSISTENTE: Oh, sim.

ST. JOHN MONTAGUE: O meu nome é St. John Montague.

ASSISTENTE: Sim, ouvimos isso agora. St. John Montague. Sim, estamos muito satisfeitos.

ST. JOHN MONTAGUE: Eu estava tremendamente interessado em todas as formas de ocultismo antes de vir para aqui. É possível que tenham ouvido falar de mim.

ASSISTENTE: Sim, já ouvi.

ST. JOHN MONTAGUE: Mas isso em si talvez não seja tão importante, exceto pelo facto de eu continuar tremendamente interessado, possivelmente de uma forma, suponho, ainda maior deste ponto de vista de estar aqui deste lado e olhar para o vosso mundo, revertendo, por assim dizer, o processo da minha vida terrena, quando eu costumava olhar para o outro mundo a partir do vosso lado. Eu tinha um dom, e esforcei-me por usá-lo para ajudar o maior número possível de pessoas. Sem dúvida que sabem disso.

ASSISTENTE: Sim.

ST. JOHN MONTAGUE: Estou tremendamente interessado em tudo o que está a transparecer, e espero de alguma forma poder ser-vos útil.

ASSISTENTE: Muito obrigada. Eu também espero que sim.

ST. JOHN MONTAGUE: Não sei se sabem que vim para aqui durante os anos da guerra. Sim. Um apartamento que eu tinha na cidade foi bombardeado e eu fui morto. Compreendo. Isso tudo acabou. Sim. Estou muito, muito feliz, de facto, onde estou, e estou muito feliz por poder voltar por alguns momentos para falar convosco, e espero poder ser útil nos próximos meses e anos que se seguem. E continuo muito interessado na terra, especialmente no que diz respeito a uma certa pessoa por quem eu me senti muito atraído e a quem fui capaz, de algumas formas, de ajudar. E se eu puder, em qualquer altura, ajudar-vos nos vossos problemas materiais, dar-me-á um grande prazer.

E gostaria de dizer nesta fase particular que há, tenho a certeza, uma mudança nas condições que afetará cada um de vós, os três. Vós, no

momento, talvez não o vejam, mas, no entanto, sei que vos posso dizer que virão mudanças que talvez vos surpreendam, porque da rapidez de uma mudança virão pelo menos duas outras, mas essas mudanças serão benéficas e muito boas para cada um de vós. Sei, pelo que me foi dito, que fostes reunidos com um propósito. O propósito principal, claro, é fazer o trabalho do Espírito, mas, no entanto, aqueles que trabalham connosco e para nós e para o bem da humanidade recebem em si mesmos muitas bênçãos em troca.

E assim, conforme cooperardes connosco, nós esforçar-nos-emos por ajudar-vos na vossa vida material, para tentar trazer felicidade e tentar trazer contentamento de espírito. Quero dizer-te particularmente a ti, minha querida, que não tens causa para preocupação, mas estou convencido de que tudo correrá bem contigo e verás muitas mudanças, que sei que farão com que sejas muito mais feliz do que és hoje. Sê paciente, deixa muito para o nosso lado, o que podemos fazer em relação a ti própria. Nós ajudar-te-emos e verás que muitas bênçãos serão derramadas sobre ti. Sê paciente e mantém-te firme naquilo que sabes que é bom, e estou convencido de que não falta muito tempo para que conheças uma liberdade maior e uma paz de espírito maior do que alguma vez conheceste antes.

ASSISTENTE: Muito, muito obrigada.

ST. JOHN MONTAGUE: Esperarei voltar muito em breve, mas no momento receio não poder vir e ficar muito tempo. Outros estão à espera, mas tentarei sempre ajudar-vos onde puder ajudar materialmente. Certamente o farei. Adeus.

ASSISTENTE: Adeus e muito obrigada. Muito obrigada.

PHALLUS: O meu nome é Phallus.

ASSISTENTE: Phallus? Boa noite.

PHALLUS: Phallus traz bênçãos. Phallus traz saudações. Phallus vem agora, mas poderá em certa medida unir-nos num grupo maior de unidade naquilo que nos esforçamos por fazer, e que deverá, a seu tempo, reunir muitas almas em ambos os lados da vida. Estamos aqui unidos como irmãos e irmãs na busca da verdade. Nós que percorremos o caminho da verdade, sabendo ainda que há muito a aprender, esforçamo-nos por voltar para vós e partilhar algo da nossa experiência, algo do nosso conhecimento convosco. Vós sois abençoados. Muitas são as bênçãos que cairão sobre vós. Pois nós, que viemos e conquistamos juntos, temos de facto muito a partilhar.

ASSISTENTE: Tu és egípcio, não és, Phallus?

PHALLUS: Não seria mais sensato dizer que eu *fui* egípcio? Sim. Pois isso foi há muitos, muitos, muitos anos. Sim, certamente que sim. Aqui não há egípcios. Aqui não há chineses. Aqui não há nacionalidades. Todos estão unidos sob um estandarte. Todos estão de facto unificados no amor. As barreiras de casta, cor, credo e tempo, todas se afastaram de nós. Nós que vimos, embora assumamos, por assim dizer, talvez a semelhança, se pudésseis ver-nos como fomos... Aqueles de nós que assumem a voz que ouvis, que soa aí à frente dos vossos ouvidos, estranha ou estrangeira em si mesma, nada mais é do que uma transmissão dos nossos pensamentos em som e não guarda semelhança com aquilo que enunciamos deste lado.

Pois nós, que aprendemos a utilizar as forças dentro de nós, sabemos como é possível comungar sem a prolação de palavras. Embora, quando entramos nas esferas inferiores e na esfera da terra, seja essencial para aqueles na terra que não são tão desenvolvidos e não conseguem compreender — nós temos de enunciar palavras. Temos de vibrar a atmosfera, criar som, para que eles possam ouvir quais são os nossos pensamentos. Mas nós, que progredimos, podemos comungar sem a prolação de palavras. Assim, conforme entramos na vossa condição, transmitimos alguma fase, alguma parte da nossa personalidade. Tentamos dar-vos alguma impressão de como podemos ter sido ou éramos quando estávamos na terra.

E, claro, é essencial que os nossos pensamentos vibrem durante este som para que estejais conscientes da nossa presença. Embora possamos muitas vezes estar presentes, embora não nos vejais nem nos ouçais, não estais de forma alguma conscientes de nós. No entanto, muitas vezes nos aproximamos de vós, mesmo quando não estais sentados aqui, num esforço para partilhar alguma parte da verdade ou do conhecimento, alguma condição de ajuda com o desejo de vos dar na medida em que sois capazes de receber.

Vós sois apenas bebés, e nós somos apenas crianças um pouco mais elevadas no estado progressivo. E aqueles que são mestres, aqueles que estão acima de nós em altura, eles que progrediram para além do vosso conhecimento ou alcance e a quem nós apenas vemos, por assim dizer, vagamente... estamos conscientes daquilo que eles se esforçam por nos dar, tal como vós estais a tentar estar conscientes do que nós nos esforçamos por vos dar.

A vida está em muitos planos, muitos estratos, muitas condições de existência. A vida é contínua e flui continuamente, e no entanto nunca se

perde. Pois aqueles que entram na corrente devem ser levados com ela para a fonte do mar, para o grande oceano de todo o conhecimento e experiência. E no entanto não nos perdemos em nenhuma fase da nossa jornada. Retemos alguma parte de nós mesmos, a qual não podemos talvez de forma alguma explicar-vos, pois o que são as palavras em si senão limitações da mente da terra?

Há muito que temos para vos dar. Ó crianças, dá-nos tanta alegria derrubar as barreiras que nos separam, pois em muitos aspetos não estamos separados, apenas separados pela ignorância da mente dos homens que ainda habitam na terra. Mas vós não sois ignorantes nesse sentido. Aprendestes pelo menos a perceber e a conhecer a nossa presença. E sentais-vos em harmonia e em amor para que possamos abrir as portas e fluir, por assim dizer, para vós, para que possamos ajudar-vos e inspirar-vos, para que possamos guiar-vos e elevar-vos, e possamos de facto tornar-nos um em conhecimento, em verdade e em amor.

A nossa é uma grande tarefa, mas amamos aquilo que fazemos, pois ao fazê-lo, até nós mesmos somos elevados também, pois conforme ajudamos, assim crescemos. Somos todos, por assim dizer, importantes uns para os outros, pois aquilo que nos esforçamos por fazer juntos não é para o "eu", é para toda a humanidade, todos aqueles que lutam na escuridão do vosso mundo, que habitam no materialismo, cujas mentes estão obscurecidas pelas coisas da terra. Eles deverão de facto receber algo daquilo que somos capazes de vos dar. Vós sois de facto de grande valor para nós. Olhamos para vós porque sabemos que vos esforçaríeis por ser os nossos escribas, e nos meses que se seguem esforçar-vos-eis por registar aquilo que vos daremos, pois foi-vos confiada uma missão, e sabemos que se pode confiar em vós para a cumprir.

É de facto para nós uma grande alegria de coração, pois sabemos que encontrámos através de vós uma avenida para os corações e mentes dos homens que habitam na escuridão do vosso mundo. Abençoamo-los e amamo-los, e será sempre a nossa tarefa e a nossa alegria ajudar-vos, ajudar-vos em todas as coisas, especialmente nas coisas do espírito. Não desanimeis. Aquilo que nos esforçamos por fazer juntos é uma tarefa grande e gloriosa, mas tem as suas dificuldades para vós. Percebemo-las muito bem, mas sabemos que fareis sempre o melhor que puderdes por nós, sabendo que é um trabalho grande, maior do que nós mesmos, que não somos senão humildes servos do Altíssimo. Voltarei a ti. Que a paz esteja convosco até que nos reunamos mais uma vez. Adeus, velho amigo. Adeus, Carol.

ASSISTENTE: Muito obrigada.

MICKEY: Tens o lenço pronto, Rosie? Nicky?

ASSISTENTE: Sim?

MICKEY: Ele era um antigo egípcio, sim, e há anos teve algo a ver com as pirâmides, não teve?

ASSISTENTE: Sim, ele também sabe tudo sobre o oculto.

O Santuário Verde e a Promessa de Chopin (Íntegra)

MICKEY: Vais aprender muito com ele com o tempo, mas não te esqueças que tens anos pela frente. Sim, querida, sim, sim, eu sei. Só que quando pusermos o templo psíquico a funcionar, tu não vais... Oh, eu podia dizer-te imenso, mas é melhor não. Não, não me seria permitido. Eu sei o que está a acontecer, eu sei. Passo a passo, andar por andar. Não te preocupes, não te deixarei. Haverá radiações da cave ao sótão (*hattic*). O meu sótão.

ASSISTENTE: Nicky, vamos ficar nesta casa muito tempo?

MICKEY: O tempo suficiente. Oh, credo. O tempo suficiente. Mas tu vais ficar bem, não precisas de te preocupar. Um passo de cada vez. Um andar de cada vez. Tu não podes usar isto bem até que o tenhas limpado, pois não? Exato. Vamos ter tempos muito felizes na "sala verde".

ASSISTENTE: Oh, vamos? Na sala verde?

MICKEY: Sim, essa é uma sala nova. Oh, nós sabemos o que andamos a planear. Nicky, Nicky, Nicky. Temos algo a ver com isso, sabes; tu não o vês de momento, mas verás. O quê? Eu tenho estado a pensar. Muitos momentos felizes e improvisados ali.

ASSISTENTE: Sim. Muitos o quê?

MICKEY: Momentos felizes e improvisados. Sabes, festas felizes improvisadas ali. Ficou-me na mente, sabes. Oh, tu tens algo a ver com o que tem estado no meu cérebro. Essa vai ser o teu pequeno santuário e o teu refúgio, e vai ser a tua pequena sala de trabalho, e será uma grande bênção para ti; e será.

ASSISTENTE: Bom. Está bem, querido, obrigada por dizeres tanto.

MICKEY: Mas não deves negligenciar a tua música demasiado, Tia. Oh, não. Não, não vou. Nem todos os estranhos estão tão interessados como costumavam estar. Acho que a música está dentro de ti.

ASSISTENTE: Dentro de mim, sim, isso é bem verdade.

MICKEY: E é sobretudo tiple (*treble*). Hum? Sobretudo o quê? Sobretudo tiple. Tiple, acho que não. Bem, não é baixo nem falsete, pois é? Senta-te, senta-te.

ASSISTENTE: Fala um pouco mais alto, por favor, amigo, podes? Consegue-se ouvir apenas um minúsculo sussurro. Não consigo ouvir bem as palavras.

FREDERIC (CHOPIN): Bem, é uma oportunidade para falar por alguns momentos. Sim. Para falar contigo. Não, não, não. Passaram algumas semanas desde que pude vir falar contigo outra vez, sabes.

ASSISTENTE: Quem está a falar? Oh, tu não sabes. Ah, ah, ah. Monsieur... Frederick?

FREDERIC: Oh, a tua voz não soa como a tua. Eu estava a perguntar-me. Ah, isso é gentil da tua parte, Frederick. Eu estava a ouvir a conversa.

ASSISTENTE: Oh, sim?

FREDERIC: Só quero que saibas que, embora eu possa não vir falar contigo com muita frequência, estou invariavelmente presente e estou, naturalmente, muito, muito interessado em tudo. E, bem, eu sei que não tens sido capaz, talvez, de dedicar a tua mente ao piano.

ASSISTENTE: Não.

FREDERIC: Mas tu serás capaz, talvez nos próximos meses, de lhe dedicar um pouco de tempo, sabes.

ASSISTENTE: Sim.

FREDERIC: Mas, sabes, tens de perceber que o trabalho que estamos a fazer... O quê? O trabalho que estamos a fazer... Sim... é, claro, mais importante. Mas isso não quer dizer que devas desistir completamente da tua prática, da tua música. Eu não gostaria que fizesses isso, sabes. Mas acho que tens tido muitas coisas na cabeça recentemente.

ASSISTENTE: Sim.

FREDERIC: E não tens sido capaz de fazer muito pela tua música. Mas não desistas totalmente, sabes.

ASSISTENTE: Não. Não, não vou, Frederick.

FREDERIC: Oh, eu não tenho esperança real de fazer muito contigo enquanto estás na terra. Acho que tu também percebes isso. A possibilidade de fazeres muito em relação à música da forma que eu gostaria enquanto ainda estás na terra é remota, sabes. Mas quando vieres para aqui, eu tomo conta de ti.

ASSISTENTE: Se o quê?

FREDERIC: Quando vieres para aqui, eu tomo conta de ti.

ASSISTENTE: Sim, espero que sim. É por isso que anseio muito.

FREDERIC: Assim que tiveres passado o período de "tagarelice" pelo qual a maioria das pessoas passa quando chega aqui — quando encontram todas as suas pessoas amadas, sabes, e ficam a tagarelar, como dizes, na sua nova casa — e começares a pensar, sabes, no que queres fazer, então eu... bem, eu recebo-te como uma aluna especial.

ASSISTENTE: Oh.

FREDERIC: Porque estás a tentar fazer um bom trabalho para ajudar as pessoas e por muitas outras razões também. Eu coloco-te, como dizes, num lugar especial no meu coração.

ASSISTENTE: Quais são as outras razões, Frederick?

FREDERIC: Agora não deves procurar elogios. O quê? Não deves procurar os elogios.

ASSISTENTE: Oh, porquê? Por que não me dizes?

FREDERIC: Não deverias fazer essas perguntas.

ASSISTENTE: Oh, mas por favor diz-me. Eu quero sempre saber, sabes, eu gosto de saber as coisas.

FREDERIC: Bem, há várias razões. Sim? Uma razão é porque, no fundo do teu coração, sempre quiseste ser uma excelente musicista. Sim. Em segundo lugar, porque circunstâncias fora do teu controlo sempre te impediram de o fazer. Sim. E em terceiro lugar, porque a tua vida não tem sido muito calma nem feliz, e eu gosto de te compensar de alguma forma, se puder. E em quarto lugar, porque sei que tens talento e acho que serás uma excelente musicista quando estiveres sob a minha asa. E, bem, há outras razões, mas creio que estas serão suficientes. Mas eu sei sempre que o teu

coração é quente e grande, e que amas as pessoas, e sei que sempre tentaste ajudar a humanidade; e isso é música.

ASSISTENTE: Obrigada, Frederic. Acho que me compreendes.

FREDERIC: Eu conheço-te melhor do que tu te conheces a ti própria. E a tua educação tem de ser completada quando fores honesta, para que, quando vieres para aqui, a tua mente esteja mais satisfeita. Mas noutra altura falarei contigo sobre estas coisas; tudo o que quero que saibas é que ainda estou muito próximo de ti. Ainda tenho muito interesse em ti e não te falharei. De facto, nenhum de nós aqui falhará a nenhum de vós. Pois sois muito, muito queridos para nós, e estamos ansiosos por trabalharmos todos juntos para ajudar no vosso mundo, em certa medida, a mudar os corações dos homens e dar-lhes perceção das coisas que são reais, das coisas que são eternas e das coisas que valem a pena. O homem tem os valores errados, os padrões errados, e nós queremos, se pudermos, colocá-lo no caminho. Bem, já disse o meu pequeno discurso. Por isso, digo-te boa noite.

ASSISTENTE: Boa noite, Frederic.

FREDERIC: Boa noite. Abençoo-te. Um chama-me Frederic e outro chama-me Schubert (*Shubha* - provável confusão fonética). O quê? Eu disse, um chama-me Frederic e outro chama-me Schubert. Acho que é melhor se todos dissermos Frederic.

ASSISTENTE: Frederic, está bem. Os querubins dirão Frederic. Boa noite, Frederic.

FREDERIC: Boa noite, Frederic. Abençoo-te. E a ti, Rosy. E a mim também. Boa noite.

MICKEY: O que dizes? Oh, ainda estás aí. Bem, eu tento, porque há tanta doçura e bondade com todos vós do outro lado para connosco. É algo que não recebemos muito na terra.

ASSISTENTE: Acho que há bastante doçura nesta sala. De ambos os lados.

MICKEY: Deve ser de toda essa tarte de melaço que comes. Eu tenho estado um bocado adorável. Não consigo encontrar a minha cadeira, percebes? Eu estava aqui dentro, mas estava tão confuso. Sim, ele está. Valha-me Deus! Ele deu um salto da cadeira. Sim, eu tenho uma criança. Maravilhoso, não é? Sim, ele era. Ele era uma pessoa muito interessante. Ele apareceria. Oh, credo. Olá, Liz.

ASSISTENTE: Oh, olá. Liz. Olá.

PAI DA LIZ: Liz, como está a tua mãe? Quem é? Liz, como está a tua mãe? Consegues ouvir-me, Liz? Fala outra vez, por favor. Como está a tua mãe? Como está a tua mãe?

LIZ: Ela está muito... bem, não, ela não está muito bem. Ela não está muito bem.

PAI DA LIZ: Como é isso? Não sei. Alguém perguntou: "como está a Liz?". Quem és tu? Liz. Sou eu. É o Papá.

LIZ: Papá? Sim. Oh, estou um bocado atordoado. Oh, que ótimo. Como estás? Como estás?

PAI DA LIZ: Estou apenas bem, obrigado. Esta é a primeira vez que alguma vez consegui passar. Passei por mais do que podes imaginar. Não tinha sido capaz. Mas quero que saibas que estou muito perto daí. Tu estarás a juntar-te a mim muito em breve. Quero estar lá... estar lá quando ela vier. Sim.

LIZ: Eu espero pelo melhor, meu filho. Estou muito preocupado com ela.

PAI DA LIZ: Não te preocupes, ela vai ficar bem. Eu estarei lá. Estaremos todos lá para cuidar dela. Sim. Não te preocupes. Não te preocupes, meu rapaz. Dá o meu amor a toda a gente. Não te preocupes, terei de te levar para casa.

ASSISTENTE: Está bem. Ouviste o que ele disse?

LIZ: Não.

ASSISTENTE: Ele disse que tem estado no hospital com a Claudia, mas que está a tentar passar, mas não tem sido capaz. Esta é a primeira vez. Sim.

PAI DA LIZ: Eu adoraria estar a cuidar de ti. Adoraria que tudo estivesse a passar para cá. Sim. E tudo ficará bem. Tu vais cuidar dela. Oh, sim.

ASSISTENTE: Bem, eu sei que eles te amam tanto, não amam? Sim. Ainda estás aí, Papá?

MICKEY: O teu pai queria que soubesses que ele está muito perto da terra neste momento porque, bem, pode ser a qualquer momento, não é? Eles sentem que a tua mãe não pode estar muito mais tempo convosco. Sim. E o teu pai está a preparar-se. Sabes, tipo à espera que ela se junte a ele. Sim. Não deves preocupar-te, tu sabes isto. Não, bem, tu não te preocupas porque eu a

encontrei. Acho que vais ver que ela virá muito rapidamente. Não acho que haverá qualquer tipo de doença longa. Não. Será antes uma coisa súbita. Sim. Mas é melhor assim. É, mas antes ela vai começar a cair como fez ontem à noite. E não fiques triste, Mamã, porque ela não estará sozinha. Não te preocupes. Não. Vai correr tudo bem.

ASSISTENTE: O que queres dizer com "ela não estará sozinha"?

MICKEY: Bem, quero dizer que ela não estará sozinha na casa e coisas assim. Ela vai ficar bem. Ela vai ficar bem.

ASSISTENTE: Bem, graças a Deus por isso, porque era com isso que eu estava assustada. A propósito, conheces a Ada?

MICKEY: Eu conheço a velha Ada. Não, não me refiro a essa. Não, conheces a Ada? Sim, eu conheço a Tia Ada. Deste lado, quero dizer.

ASSISTENTE: Oh, não, não desse lado. Não, era isso que eu queria dizer. Não, olha, não, senhora.

MICKEY: Há alguém, Ada. Eu não me importo se tu a conheces. Não, acho que não, senhora. Lamento muito, senhora. Não podemos ter isso esta noite. Não me consigo lembrar. Está bem. Não devo dizer nada de pessoal. Espera aí. Está bem. Depois de todos estes anos. Já passaram mais de 16 anos?

ASSISTENTE: Não, sete.

MICKEY: Sete? Oh, bastante recente. Sete anos. Ele é um querido velho tipo, no entanto.

ASSISTENTE: Ele não é velho agora.

MICKEY: Não, eu achei que não era. Ele é muito sábio. Acho que ele é mais parecido contigo e com o teu irmão.

ASSISTENTE: Não, acho que não, senhora. Gosto da minha mãe.

MICKEY: Bem, eu achei que ele tinha mais o teu rosto do que o do teu irmão. Pode haver. Pode haver uma semelhança. Pode haver. Eu nunca a vi. Conheces o Tucker? Não devo fazer isto.

ASSISTENTE: Quem, senhora?

MICKEY: Vais meter-te em sarilhos. Tem cuidado. Eu sei quem ele é? Tucker. Tucker? Eu não o conheci. Não perguntei. Muitas vezes pergunto-me por que não fomos nós, enfim. Acho que fomos reservados para este tipo de

coisa para outra ocasião. Se não te importares. Oh, sim. Não consegui ouvir uma palavra. Não. Olá, senhor. Sim, bom. Sim, bom. Sim, estamos todos muito bem esta noite. Sim, tenho a certeza que sim. Sim. Eu amo sempre ouvir a tua voz, sabendo que estás aí. Gentilmente.

Ainda tenho um bom número de pessoas aqui que quero muito apresentar. Sabes, o meu próprio pequeno "clã" de amigos, mas acho que vais achá-los todos interessantes. Espero que eventualmente cada um venha e se habitue a comunicar. Mas, sabes, há tal multidão aqui que a próxima "refeição" levará uns bons meses para que todos consigam entrar nisto. Enfim, eu só queria dizer umas palavras, sabes, dizer boa noite e que Deus te abençoe. Oh, espera um minuto. Alguma vez fizeste algum disco quando estiveste aqui?

ASSISTENTE: Bem, não, de certa forma sim, mas não discos de gramofone. Não tenho memória de ter feito nenhuns, não, discos de gramofone.

COMUNICANTE: Mas eu falei uma ou duas vezes no ar [na rádio], sabes. No ar? Se isso alguma vez foi gravado, não sei. Não posso dizer. Receio que esteja morto. Não sei. Não sei. Acho que não. Enfim, boa noite. Boa noite. Boa noite. Boa noite a todos. Boa noite. Vemo-nos na próxima semana. Obrigado por tudo. E obrigado por nos receberem esta noite. Obrigado por nos receberem. Condição excelente. Adeus por hoje.

Notas:

- *H.P.B.: Refere-se a Helena Petrovna Blavatsky, cofundadora da Sociedade Teosófica. A sua presença é assinalada de forma breve, com Mickey a admitir que ela cuida do bem-estar do grupo.*

- *St. John Montague (1875–1942): Foi um conhecido quiromante e ocultista londrino. Ele confirma o seu interesse continuado pelo ocultismo e explica a inversão de perspetiva: antes olhava da terra para o espírito, agora olha do espírito para a terra. Menciona a sua morte durante um bombardeamento em Londres na 2ª Guerra Mundial.*

- *Phallus (ou Phalos): Um guia que se identifica como tendo tido uma encarnação egípcia, mas que enfatiza a dissolução das nacionalidades e raças no mundo espiritual. A sua palestra foca-se na Telepatia vs. Som,*

explicando que a voz direta é um sacrifício técnico para alcançar mentes que ainda não sabem comungar pelo pensamento puro.

- *Mickey e o Francês: Um momento de rara exibição linguística de Mickey, que brinca com o grupo e com o próprio Leslie Flint (a quem chama de Monsieur Petit Medium).*

- *Tratamento: O tratamento por "tu" foi mantido nas falas de Mickey e dos guias, sublinhando a proximidade e a missão partilhada de "escribas" que os assistentes assumiram.*

- *Frederic (Chopin): O comunicante identifica-se como "Frederic" e discute a educação musical da assistente. Ele apresenta a música como uma "terapia da alma" e uma forma de "ajudar a humanidade". Curiosamente, Mickey menciona que alguns lhe chamam "Shubha" (referência a Schubert), mas ele prefere o nome original.*

- *Previsão de Transição: O Pai de Liz e Mickey confirmam que a mãe de uma das assistentes está prestes a fazer a sua transição. Mickey descreve que será algo "súbito" e sem "doença prolongada", o que é apresentado como uma bênção.*

- *A "Sala Verde" e o Santuário: Mickey e o grupo discutem um novo espaço físico ou espiritual (a sala verde) que servirá como santuário e local de trabalho para a assistente, reforçando a ideia de que o "outro lado" colabora ativamente na organização do ambiente dos vivos.*

- *Mickey e a Teologia: Mickey encerra a sua participação com uma observação sagaz sobre a origem do pecado, confrontando a lógica clerical de que se Deus criou tudo, também teve de originar a possibilidade do erro.*

- *Tratamento: O uso de "tu" mantém-se constante, conferindo um tom de orientação familiar e fraternal ao longo de toda a transcrição.*

DR. DOHERTY
DO ATEÍSMO À CURA ESPIRITUAL

Esta gravação de 1 de março de 1965 é um documento clínico e espiritual notável. Apresenta o Dr. Doherty, um antigo médico que, após uma vida de materialismo e ateísmo, se vê confrontado com a sobrevivência da

alma. O relato é particularmente rico na descrição da sua fase de "poltergeist", quando tentava desesperadamente provar a sua existência aos vivos.

INTRODUÇÃO: Esta é uma gravação de voz direta de um espírito comunicado pelo nome de Dr. Doherty. Foi realizada a 1 de março de 1965. O médium é o Sr. Leslie Flint, os assistentes são a Sra. Betty Green e o Sr. S. G. Woods, de Worthing, Sussex. O Dr. Doherty fala sobre as suas atividades como poltergeist quando tentou dar-se a conhecer à Terra após a sua morte. Espero que esta fita seja muito clara e não hesitem em escrever se tiverem problemas. Espero que a passem a muita gente.

MICKEY: Oh, é tão simpático ver-te aqui hoje com a Tia Betty. É tão bom ouvir as vossas vozes. Sim, ponham as bandeiras fora hoje, companheiro. Sim, quero agradecer-te a ti e ao Dr. Brown por todo o tempo que me deram e por me terem ajudado.

DR. MARSHALL: Bem, esse é o nosso trabalho. Amamos-te muito.

MICKEY: Obrigado. Nós ainda não te queremos aqui, companheiro. Sim. Tu tens trabalho a fazer. Vamos mandar-te de volta em duas semanas. Sim, não teremos um ano novo. Sim.

GEORGE WOOD: Eu ainda não estou pronto para vir. Não, Mickey, acho que quero ficar aqui e fazer muito mais trabalho.

MICKEY: Sim, certamente terás a oportunidade. Obrigado, Mickey. Tu és provavelmente um nome novo. Sim, não sou? Sim, com certeza que sou. Estás muito melhor, Mickey. Estás um bocado magricela, não estás? Bem, ainda estou melhor, Mickey. Muito melhor. Acho que é preferível seres um bocado magro, não achas, Mickey? Sim, acho que estás com um aspeto fantástico agora, sabes. Não consegues chegar a lado nenhum agora, pois não, Betty? Sim. Tu escolheste um nome, não escolheste? Sim. Acho que não há um grande entusiasmo agora, Mickey. Não, mas tu pareces muito melhor por estares mais magro.

BETTY GREEN: Oh, sim, Mickey, sinto-me muito melhor. Sinto-me perfeitamente bem agora. Sinto-me bastante bem.

MICKEY: Ainda assim, tens de cuidar de ti, companheiro. Não queres andar por aí a correr e a fazer demasiada coisa, sabes. Sim, deixa-me fazer isso. Não, porque ela é sensata, ela é. Mas ela tem sido muito boa, Mickey. Tem sido muito amável. Extremamente amável. Bem, ela já te "pesou" bem, companheiro. Ela sabe o que tu podes e o que não podes fazer, o que deves e o que não deves fazer.

GEORGE WOOD: Sim, ela sabe.

MICKEY: Podes seguir as instruções dela. Não te vais enganar muito.

GEORGE WOOD: Não, Mickey, eu sigo as instruções dela. Mas ela é muito, muito rigorosa comigo.

MICKEY: Porquê? O que é que isso tem de mal? Suponho que nada. Talvez se ela tivesse sido um bocado rigorosa contigo há uns anos, podias não ter tido um "averbamento" de todo. Oh, sim, não. Como é que sabes isso, Mickey? Tu não sabes. Vês, está tudo muito bem. Não podes andar a correr como um miúdo de dois anos. Não. Sim, eu sei, senhor, Mickey. Mas vais fazer a tua vida pelo menos, não vais, companheiro?

GEORGE WOOD: Sim, sinto-me bastante diferente agora. Na verdade, sinto-me bastante bem.

MICKEY: Sim. É isso que pões no cão quando o levas a passear, pelo menos, não é? Lembrei-me agora. É o mínimo que sei se devia ter dito isso. Bem, de qualquer forma, é bastante apropriado. Sim, é. Isto está tudo nas rédeas, companheiro. Eu sei. Eu só relaxo nas pequenas ocasiões. Sabes, pergunto-me se ele fica um bocado parado porque perdeu todas as calças, então não pode sair, pois não?

BETTY GREEN: Boa ideia, Mickey.

MICKEY: Não se pode meter um bebé num "velhote", pois não? Acho que não. Aposto que tens a certeza disso. Eu simplesmente não podia deixar esta manhã passar sem vir apenas por uns minutos para dar uma "cavaqueira" convosco.

DR. MARSHALL: Bem, George, estou muitíssimo contente por te ver recuperado e ativo.

GEORGE WOOD: Sim, bem, estou muito satisfeito. Quem está a falar? Marshall.

DR. MARSHALL: Oh, vou agradecer-te. Oh, não me agradeças. Não me agradeças. Por favor, estou demasiado feliz por sentir que dei algum contributo para a tua recuperação.

GEORGE WOOD: Oh, deu sim.

DR. MARSHALL: E não fui eu sozinho. Houve outros, sabes. Eu sei. Quero levar qualquer um dos créditos. Se pensares em todas as formas... Havia uma multidão de nós lá, dia e noite; tu nunca estiveste sozinho. Estávamos todos ao teu redor, fazendo tudo o que estava ao nosso alcance para te assistir, aos médicos e às enfermeiras. E enquanto estávamos lá, não estávamos apenas a cuidar de ti, jovem, estávamos a cuidar de alguns dos outros, na verdade, de todos os outros. Porque podíamos. Havia sofrimento terrível ali. Havia alguns para quem podíamos fazer muito pouco.

GEORGE WOOD: Sim.

DR. MARSHALL: De facto, alguns já vieram para aqui daquela ala em que tu estavas.

GEORGE WOOD: Sim, eu sei.

DR. MARSHALL: Sim. Enfim, fico contente por ver que estás ativo outra vez. Devo dizer que escolheste um belo dia para vir, não foi? Bem... valha-me Deus, granizo e sabe-se lá o quê.

GEORGE WOOD: Achei que gostaria de subir outra vez.

DR. MARSHALL: Bem, estou muitíssimo contente por teres vindo. E tenho a certeza de que vais ficar ainda muito melhor conforme o verão chegar; em breve ficarás melhor e melhor.

GEORGE WOOD: Sim, obrigado, doutor.

DR. MARSHALL: Ouvi dizer que tens sido uma enfermeira excelente.

BETTY GREEN: Obrigada, doutor.

DR. MARSHALL: Tu tens... tens uma mulher para gerir um hospital? Eu veria que tivesses um emprego.

BETTY GREEN: Muito obrigada mesmo, doutor. Obrigada, doutor.

DR. MARSHALL: Bem, deixaste-me muito feliz. Estou muito feliz por estar de volta, doutor. Sim, ele é um bom tipo. Tudo de bom, Joe. Tenho de ir. Outras pessoas querem fazer um contacto.

GEORGE WOOD: Obrigado, doutor. Adeus e boa noite.

BETTY GREEN: Adeus, Dr. Marshall.

DR. MARSHALL: Bom ver-te outra vez. Obrigado, doutor. E faz o que te dizem. Eu... sim. Não, não, eu sei, doutor. A Betty é muito boa para mim.

DR. MARSHALL: Vês, não sobrecarregues o estômago dele, sê cuidadosa com o que ele come. Oh, ela não será. Oh, sim. Oh, não. É com isso que estou preocupada agora, não é, Sue? Sim, ele tem de ter um pouco de cuidado. Ele não quer dar ao estômago demasiado trabalho extra, percebes. Ele quer ter o cuidado de se manter afastado de certas coisas que possam formar uma espécie de irritação, sabes. Sim. É verdade? Sim, sim, senhor. Oh, não, Pete. No, não vou babar-me com essas coisas. Oh, há uma reunião em breve. Oh, sim. Sim, mas não cresças como ele, pois não? Sim, sim. Não em relação a bigodes e coisas dessas. Sim. Porque não lhe vai ficar bem. Não, tenho a certeza absoluta disso, Vicky. Eu não gosto de bigodes.

MÃE DO GEORGE: George. Sim, consigo ouvir-te. Sim, mãe. George. Sim. Estou tão feliz. Estou tão feliz. Oh, consigo ouvir isso. Sim. Estou tão satisfeita por estares melhor, para que possas ficar um pouco mais do teu lado para fazeres algum bom trabalho. Consegues ouvir o que eu digo? Sim, ouço-te apenas, mãe. Sim. Virias cá fora? Sim, querida. Porque temos tal felicidade em falar contigo. O pai envia todo o seu amor. Estamos todos aqui. Sim. Estamos todos juntos aqui. Sim. Betty. Betty. Betty.

BETTY GREEN: Sim.

MÃE DO GEORGE: Obrigada, querida, por tudo.

BETTY GREEN: Oh, não me agradeças, mãe.

MÃE DO GEORGE: O quê? Estar aqui. Oh. Consegues ouvir o que eu digo? Sim. É toda uma experiência. É toda uma experiência tentar falar aqui através desta coisa. Sim, consigo fazê-lo muito bem. Consegues ouvir isso, não consegues? Sim, sim. Isso é bom. Isso é muito bom. Como é falar aqui? Vem cá fora. Está muito bem. É toda uma experiência para mim. Sim, sim. Falar aqui nesta casa, nesta semana, é bastante diferente do que se esperaria, suponho, na verdade. Não que eu tivesse quaisquer ideias particulares sobre isso, porque eu conhecia o tempo para este tipo de coisas quando estava do teu lado da cama. Eu teria pensado que era um trabalho diferente. Estou a tentar o meu melhor. Estás a sair-te muito bem. Mas é um pouco complicado. Deves desculpar-me se não me sair muito bem.

BETTY GREEN: Bem, posso saber o seu nome, por favor?

DR. DOHERTY: O meu nome é Doherty.

BETTY GREEN: Doherty?

DR. DOHERTY: Sim. E eu sou Doherty. E posso dizer-vos como eu... Uma amálgama. Era uma bela amálgama que eu era. E como acho que ainda sou, tenho um pai irlandês e uma mãe escocesa. E vivemos muitos anos em... Olá, olá, olá. Olá, sim. Força. Sou de uma família muito numerosa. Uma família muito numerosa, de facto. Crianças muito afortunadas. Claro, isso é algo que não se tem hoje em dia. Eu estudei medicina. Fui muito afortunado nesse aspeto, por ter podido seguir uma carreira. Sendo de uma família tão grande, claro, muito raramente se conseguia educar todos os filhos. Mas os meus pais tinham uma situação bastante confortável. E eu pude estudar medicina. Fui médico. E fui para o estrangeiro. E estive no Canadá durante muitos anos. E trabalhei na América também. Estive em Nova Iorque durante alguns anos também. Mas esta parte da minha vida, a minha vida posterior, foi passada no Canadá.

Olá, olá. Sim, olá. Foi a coisa mais peculiar. Receio ter sido um autêntico materialista empedernido. Não tinha tempo para este tipo de coisas. Achava que era da diferença. Claro, é. Há muito tempo. E agora estou aqui. Claro, as minhas ideias são muito diferentes. Acho que é apenas um pouco confuso. Devem perdoar-me se não vos falar. Isto é, tenho um pequeno palco em mim. Mas estou aqui agora há já alguns anos. Oh, suponho... Deixa-me ver. 1909. 1909. Não sei há quantos anos foi isso. Um bom número de anos. Sei como era no Canadá também. Mas eu gosto da vida dura e da vida rude também. Adequa-se a mim. Vês, durante muitos anos estive destacado em pequenos postos avançados. E escolhi não ter arrependimentos. Nenhuns arrependimentos de todo.

Compreendo que acabaste de passar por um período muito mau, Sr. George. Sim, passei. Fico muito feliz por saber que estás melhor. Certamente tiveste alguns belos "cabeças contra dados" (head versus dices - talvez gíria espiritual) ao teu redor. E através de estares doente, eu aproximei-me realmente de ti e liguei-me, num sentido, a ti. Na verdade, foi o Dr. Marshall que, há pouco tempo, me persuadiu a interessar-me pelo grupo de cura. Na altura, eu não estava muito contente com isso. Pensei, bem, eu não acreditava em nada disto de voltar à vida. Mas eles disseram: "oh, se pudesses fazer algum trabalho belo, por que não vens juntar-te a nós?". Por isso, juntei-me a eles. Ainda acho tudo isto muito intrigante. O Dr. Marshall estava ansiosíssimo por que eu viesse falar esta manhã. Mas aqui estou eu a falar convosco. É a coisa mais extraordinária. A coisa mais extraordinária.

Quando cheguei aqui pela primeira vez, depois de morrer, sabes, simplesmente não conseguia compreender nada disto. Eu era algo como um ateu, embora a minha mãe e o meu pai fossem muito religiosos. De facto, a minha mãe era uma mulher extremamente religiosa. E fomos todos criados de forma muito rigorosa em crianças. Acho que foi o ambiente da minha infância que me afastou da religião. Porque quando recebi algo para mim próprio, claro, quando me interessei pela medicina e compreendi mais sobre o funcionamento do corpo humano, tornei-me cada vez mais materialista e não tinha fé na vida após a morte e em todo esse tipo de coisas. Achava que era apenas um monte de, bem, disparates. Receio ter ido totalmente contra a religião como tal. E tinha opiniões muito fortes. Mas eu era um ateu no útero, claro.

Parece engraçado estar aqui, tipo falar convosco deste lado da vida. Nunca pensei que faria algo como isto. Aqui estou eu a falar convosco. Mas, claro, quando vim para aqui, tive de mudar os meus pensamentos e ideias. Eu não conseguia perceber que estava morto, de todo. Simplesmente não conseguia perceber isso. Andava a caminhar pela casa e a tentar que as pessoas soubessem que eu estava lá. Batendo, batendo aqui e ali. Pegando nos cães e atirando-os para o fundo. E eles ficaram bastante assustados com tudo isto.

Dr. Doherty – Do Arrependimento à Cidade de Pérola (Conclusão)

Sabes, eles sabiam realmente o que se passava. Sabiam que algo estranho estava a acontecer. Mas não o compreendiam bem, suponho, e não pareciam ajudar-me de todo.

Andei a atormentar a Mary Hill durante meses naquela maldita casa. Depois convenceram o pai a vir e a ser o fantasma. E lá estão eles. Eu não o poderia ter visto. Achei que ele era muito engraçado. Ele não poderia ter sido um "fracote". Enfim, fartei-me dessas partidas. E pensei, afinal de contas, que não era correto da minha parte assustar um pobre coitado. E parei com tudo aquilo.

Mas eles registaram-no. Atribuíram o crédito à pessoa... sabes, ao padre. Pensaram que ele me tinha "exorcizado". Mas ele não me tinha exorcizado de todo. Eu simplesmente refleti melhor sobre o assunto. Achei que era muito errado, talvez, fazer esse tipo de coisas. Afinal de contas, eles estavam mortos de medo. O Papa perdoou-me. Eu não o perdoei. Perdoem-me. Ele estava a descer as escadas a carregar um balde de massa de vidraceiro. E o frigorífico. Ele perguntou-se o que aconteceu àquele balde. Eu arranquei-lho da mão e atirei-o escadas abaixo.

Eu digo, sou terrível. Não deveria estar a falar destas coisas. Isto é tudo tão estúpido agora.

ASSISTENTE: Oh, sim. É muito interessante. Continua. Não pares. Muito interessante. E eles dão muita ajuda, aquela rapariga.

DR. DOHERTY: Bom. Estou muito melhor agora. Os meus pensamentos e as minhas ideias mudaram. E estou a tentar agora fazer algo

por mim próprio. Organizar-me. Fazer algo da minha vida. Percebo que era um bocado "adivinho". Costumava beber demasiado. Eu bebia, sabes.

ASSISTENTE: Como é a tua vida no outro lado?

DR. DOHERTY: Não é perfeita. Perdi um ou dois. Somos bons amigos. Eu costumava beber. Aliás... aliás, foi a bebida que me matou. Foi a minha queda. Eu percebi isso. Não, foi a minha queda. Enfim, costumava ter algumas más experiências em mim. Acho que agora percebo o meu outro lado. Sob as más influências. Eu não o compreendia. Não deveria tê-lo tomado. Mas agora consigo ver isso. Mas sou uma pessoa diferente agora. Posso dizê-lo honestamente. Por isso, as minhas intenções são boas. E estou a aprender imenso. E estou a fazê-lo. Assim espero.

Pelo menos estou a fazer o meu melhor para realizar um bom trabalho de cura. Ajudar com os médicos aqui. E estou destacado numa estação de receção aqui para almas quando elas passam pela primeira vez. Por isso sou capaz de ajudar. Na verdade, acho isto muito intrigante. Muito interessante compreender a natureza humana. Os seres humanos. O funcionamento da mente. Estou muito mais interessado nesse aspeto da vida. Muitas vezes desejo poder fazer mais. Não para progredir. Mas eventualmente fá-lo-ei. É apenas uma questão de paciência.

Mas temos tantas almas a vir para aqui. Que precisam de ajuda. Que são postas de parte, poder-se-ia dizer, nalgumas instâncias, em condições para as quais estamos melhor preparados para um caso particular. Não nos convém juntar demasiadas pessoas até que elas estejam um pouco selecionadas. Eu sei que isto soa estranho. Que devamos ter hospitais. Ou que devamos ter estações de receção. Porque é muito necessário. Às vezes as pessoas vêm para aqui... e eu sei por experiência própria... que é muito necessário, muito essencial receber ajuda. E ser colocado num estado de recetividade. E entrar num ambiente onde se possa ser ajudado. E ser levado a perceber o que aconteceu.

E em alguns casos, claro, são muito maus. E é a mente que tem de ser cuidada. Elas têm de ser levadas a pensar de forma diferente. E levadas a perceber as coisas. E às vezes é uma tarefa muito difícil. Mas é muito interessante, apesar de tudo. Embora as pessoas não percebam que um homem não é mais do que aquilo que pensa. São os pensamentos que são o fator

predominante. E quando consideras as circunstâncias sob as quais muitas pessoas partem do vosso mundo... E quando percebes também que muitas delas têm pensamentos muito maus. Pensamentos muito materiais. De facto, pensamentos muito malignos.

Então, obviamente, elas têm de ser amparadas. Têm de ser protegidas por amor a si próprias. E por amor aos outros. Particularmente às pessoas do vosso lado, que elas poderiam influenciar. Ou às quais se poderiam agarrar. Oh, certamente. Há muitos grupos de almas aqui. Que saem como um grupo. Que se esforçam por resgatar almas num grupo robusto. É um trabalho maravilhoso. E elas são trazidas para as estações de receção. E são tratadas e recebem ajuda. E são levadas a perceber a sua responsabilidade. Não só para consigo mesmas, mas para com os outros na comunidade. É realmente necessário.

As pessoas não têm ideia no vosso mundo de quão vasto e quão complexo tudo isto pode ser. Não é tão simples como talvez algumas pessoas gostassem de pensar. Não é que alguém seja tão bom que vá para um estado maravilhoso de céu; e que algumas pessoas sejam tão más que vão para uma condição terrível de inferno. O inferno, de facto, é uma condição de vida que, poder-se-ia dizer, reside entre os dois estados de ser. É de certa forma onde os Católicos têm razão: que existe esta forma de purgatório. Não é exatamente como eles pensam, mas é verdade ver que existem muitas condições de vida. Muitos ambientes de acordo com os próprios indivíduos. E é muito necessário também que eles sejam guiados e ajudados. E trazidos para as estações de receção ou hospitais. Para que possam receber tratamento.

Não gostaria que pensassem, no entanto, que os hospitais são algo parecido com os hospitais na terra. Claro que não são de forma alguma desconfortáveis. São mais como lares ou lugares onde as pessoas se reúnem de forma harmoniosa. Nos quais podem viver e trabalhar juntas por um tempo. E ajustar-se. Não há pressão sobre as pessoas. As pessoas têm liberdade, num sentido. Mas ao mesmo tempo é uma liberdade pela qual... com a própria essência da liberdade... pela qual elas podem expandir a sua experiência. A sua saúde através de pessoas que são muito mais progressivas e avançadas. Mas ao mesmo tempo ninguém é forçado de forma alguma. É como se elas próprias percebessem o amor que as rodeia. E respondem a esse amor e compreensão. E desejam então aprender e saber. E é-lhes dada a oportunidade. E não leva muito tempo para a pessoa média se ajustar.

Claro que há outras que não precisam deste tratamento. A pessoa média, poder-se-ia dizer, não precisa. Mas existem casos diferentes. E às vezes é muito necessário que sejam... bem, contidas um pouco. Mas é feito de uma forma tão simpática que ninguém pode objetar. Vês, toda a gente tem livre-arbítrio, mesmo aqui. Mas ao mesmo tempo é muito necessário que sejam levadas a perceber a sua responsabilidade. Para com a comunidade, bem como para consigo mesmas. Não é fácil explicar isto. Mas com o tempo talvez consigam.

ASSISTENTE: Como é agora a jornada da tua vida moral? Poderias contar-nos algo sobre isso?

DR. DOHERTY: Vivo no que chamarias uma cidade. Mas é uma cidade que é construída, poder-se-ia quase dizer, num jardim. Mas um jardim vasto. Tão vasto que não o consegues descrever em distância ou palavras. É uma cidade que está rodeada e, de facto, está construída... a cidade em si está construída em arredores que são naturais. Há árvores e há flores. E há águas ondulantes e riachos. E há edifícios de todos os tipos. E há grandes edifícios e pequenos edifícios, grandes casas e pequenas casas.

É em si como alguma vasta cidade construída. Construída, poder-se-ia dizer, de um material que se parece muito com concha. Se segurares uma concha e vires todas as colorações subtis, os azuis pálidos e os verdes pálidos e a coloração delicada... Alguns dos edifícios parecem ter este tipo de beleza, que é como uma pérola, que é como uma concha no seu brilho e cor, subtil e bela. Muitas casas são feitas ou construídas desta espécie de substância. É uma substância muito real. Não gostaria que pensasses que é algo como uma ilusão. É uma substância real, mais ou menos. E é muito, muito bela.

A maioria das casas, muitas casas, são construídas desta substância, que é uma coisa muito real. E quero que saibas que as casas em si estão equipadas com belos móveis de acordo com o desejo do indivíduo. Cada indivíduo tem a sua própria ideia, claro. E toda a gente responde à sua beleza, que é uma realidade para nós, porque é algo que brota da alma mais profunda do indivíduo. E ele rodeia-se destas coisas, com estes revestimentos e coberturas e por aí fora, e mobiliário, que brotam da sua própria ideia e pensamentos. E, portanto, toda a gente está a ser criativa aqui.

Essa é a beleza da vida. Toda a gente é criativa. Toda a gente é capaz de criar algo a partir do interior, numa alma; conforme progridem, assim expressam essa beleza da sua natureza e da sua alma nos seus arredores. E, de facto, é uma educação em si ser capaz de ir a estes vários lugares e ser apresentado a vários povos e entrar nas suas vidas, e nas suas casas. Vês ali quão bela é a alma humana e como, conforme cresce e se expressa, assim cria em redor dela, sobre ela, o seu ambiente. Cada indivíduo, grupo de indivíduos, precisa de lugares belos.

Cada grande cidade tem grandes lugares. Ao mesmo tempo, quando pensas numa cidade, pensas em ruído e pó e tráfego e por aí fora do vosso lado. Lembra-te que aqui isso [não] existe, que as cidades são projetadas e planeadas de uma forma tão bela. E toda a gente dá o seu contributo. Toda a gente dá de si própria, tudo em si, da sua própria alma. E, em consequência, cada aspeto da vida aqui, em cada forma que possas discutir ou experienciar, é magnífico e belo.

E não há necessidade de ninguém ter medo de entrar nos reinos do espírito. Claro, de certa forma, há dificuldades ao início para algumas pessoas. Lembro-me das minhas próprias experiências. Não é necessário. Cada pessoa tem uma mente que é aberta e recetiva. E se ela expressar tudo o que puder de si própria, isso é bom, faz cada tentativa séria de fazer o que é bom, então nunca se enganará muito. E descobre, quando vem para aqui, que receberá uma grande receção de Deus, com as suas relações com outras almas. E toda a ajuda será dada. E ser-lhe-á dado outro lote num lugar. E será ajudada nesse ambiente até que consiga, por assim dizer, organizar-se à sua maneira, que é a sua melhor habilidade, conhecida como cura falsa.

Às vezes é muito necessário, claro, que as pessoas descansem. E é por isso que temos hospitais, estações de receção, para que possam descansar e possam gradualmente ajustar-se à mudança de vida. Claro, sabemos que há casos difíceis, mas são exceções e não regras. A maioria das pessoas acha a vida, quando chega aqui pela primeira vez, muito agradável e, de facto, avassaladoramente bela. E ninguém, se estiver a morrer, tem outra coisa senão algo grandioso pelo qual ansiar, uma grande aventura.

Gostaria de poder ficar e falar convosco, mas receio que tenha de ir. Mas foi muito simpático conhecer-vos. Espero vir e falar convosco outra vez. Que Deus vos abençoe. E estou tão feliz por vós. Adeus.

Notas:

O Perfil do Dr. Doherty: Um médico de ascendência irlandesa e escocesa, que viveu no Canadá e em Nova Iorque, falecido por volta de 1909. Define-se como um "materialista empedernido" que foi empurrado para o ateísmo pelo rigor religioso da infância.

Fase Poltergeist: Um dos relatos mais vívidos de sobrevivência difícil. Doherty descreve como tentou comunicar batendo em objetos e até atirando animais de estimação, o que gerou medo em vez de consolação. Isto ilustra o "choque" da transição para quem não acredita na sobrevivência.

A "Equipa de Cura": Doherty foi recrutado pelo Dr. Marshall (outro comunicante regular de Flint) para se juntar a uma equipa de médicos espirituais que auxiliam na recuperação de doentes na Terra, como foi o caso de George Wood nesta sessão.

O Grupo de Marshall: A sessão mostra a dinâmica de cura: Marshall, Brown e agora Doherty trabalham em conjunto com enfermeiras e médicos do plano físico.

Tratamento: O uso de "tu" entre Mickey e os assistentes mantém o tom de camaradagem e orientação familiar típico de 1965.

A Cura do Alcoolismo: Doherty confessa que foi a bebida que o matou e que, no outro lado, teve de enfrentar as "más influências" que o levaram à queda. Esta honestidade serve de lição sobre a continuidade da consciência e a necessidade de autoanálise.

O Purgatório Teológico: Ele valida parcialmente a visão católica do Purgatório, descrevendo um estado de transição necessário para "limpar" pensamentos materiais e malignos antes de progredir para esferas mais harmoniosas.

Arquitetura da Alma: A descrição da "Cidade de Pérola/Concha" é poética e metafísica. A ideia de que o ambiente é uma projeção criativa da alma do indivíduo é um conceito central no espiritualismo de Flint.

Responsabilidade Comunitária: Doherty enfatiza que a liberdade no além não é libertinagem; existe um sentido de responsabilidade para com a comunidade e o dever de ajudar os que chegam em estados de confusão.

Tratamento: O uso de "tu" mantém-se, selando esta última transcrição com o tom de uma conversa íntima e transformadora entre dois mundos.

ELIZABETH FRY
O QUE O HOMEM SEMEIA, COLHE

Conforme o homem semeia, assim colherá. E se um homem, na vossa riqueza, pela sua própria natureza e pelo condicionamento da sua vida, cria uma condição de caos e infelicidade; se ele, por natureza, está apenas preocupado com as coisas materiais, então, obviamente, quando chegar aqui, encontrar-se-á num plano que é, em certos aspetos, muito semelhante ao vosso. Ele estará, por assim dizer, a viver novamente uma conceção muito material através da vida e da vida. Porque, afinal de contas, o homem não mudou.

A morte não muda necessariamente uma pessoa de imediato. Uma pessoa continua a ser, em perspetiva, muito a mesma. E até ao momento em que o próprio homem comece a perceber que está a viver numa condição de vida que ele próprio construiu, então — até que mude a sua visão e a sua atitude, até que comece por si mesmo a descobrir as falhas no seu interior e comece a retificá-las — ele estará a viver numa condição muito semelhante, em muitos aspetos, à da terra.

Viverá num estado mental material. Porque, afinal, é exatamente isso que acontece aos indivíduos quando deixam o vosso mundo. Vivem numa condição de vida criada por esse estado de espírito.

Claro que há exceções, como deve ser, mas a pessoa comum que viveu uma vida razoavelmente boa encontrar-se-á numa atmosfera que é harmoniosa e agradável. Descobrirá que terá todas as oportunidades para experienciar

muitas coisas que talvez lhe tenham sido negadas na terra. Por exemplo, podem ter alguém que, pelas próprias circunstâncias da sua vida terrena, foi, infelizmente, obrigado a viver uma existência real muito monótona e infeliz.

E essa pessoa, porque ela própria, pela sua própria natureza, se esforçou por ser prestável, gentil e atenciosa para com os outros e sacrificou, talvez, a si própria pelos outros, encontrará uma forma muito feliz, uma condição de existência. E as oportunidades que lhe foram negadas na terra, essas oportunidades ser-lhe-ão apresentadas aqui. Por exemplo, podem ter alguém que gostaria de ter sido músico ou artista de alguma forma; alguém que talvez adorasse ter tido um belo jardim, mas não pôde, por circunstâncias fora do seu controlo; essa pessoa descobrirá que tem uma casa com um jardim muito bonito ou, se quisesse tornar-se músico, aqui pode sê-lo.

Por outras palavras, é uma lei natural, e tudo aqui funciona e — se posso usar o termo — é organizado; não há, num certo sentido, organização aqui. Há um sentimento de que tudo está no seu lugar, mas não há organização consciente. E descobrirão que aqui têm a oportunidade de se estabelecerem e de serem felizes, mas, claro, não importa em que condição se encontrem, haverá sempre a perceção de maiores possibilidades e de coisas maiores para planear adiante, porque nada é estático aqui.

Tudo tem oportunidade de mudança, e então a pessoa começa a procurar, e começa a mudar em si mesma, começa a desejar as coisas numa ordem melhor, portanto, automaticamente, de forma gradual, encontrará essas condições. É tudo um estado de ser, um estado de espírito. Toda a existência em que alguém se possa encontrar é um estado de espírito.

É um estado de despertar, de consciência, e cada um contribui para isto; e, portanto, vós encontrais-vos — a pessoa comum, entenda-se — numa atmosfera harmoniosa para a qual vós e o vosso íntimo estais mais adequados. A pessoa comum encontra certamente aqui um estado de ser feliz e uma grande oportunidade de conhecimento, experiência e descanso, se for necessário. Não há depressão.

A única depressão, claro, que se encontrará, é a da pessoa que, ao chegar aqui, tem muitos motivos para se arrepender na sua constituição e na sua mente; e pessoas incompetentes passam de facto por um estado de reajuste, onde se avaliam a si mesmas, ou avaliam o tempo devidamente, e começam a

sentir que poderiam ter agido de forma tão diferente na Terra, e que poderiam ter ajudado muito mais do que ajudaram. As pessoas muito egocêntricas acham as coisas muito difíceis ao início. Mas, claro, devemos lembrar e perceber que todos encontram, eventualmente, esse estado de existência a que se poderia chamar felicidade.

É algo que nunca é negado, mas todos devem merecê-lo. E assim todos passam por mudanças e fases de evolução até ao momento em que atingem uma certa meta, se quiserem, e provavelmente por muito tempo permanecerão nesse ambiente até sentirem a necessidade ou o impulso de ir mais longe. Claro, no sentido de que não temos consciência do tempo, mas, no entanto, suponho que, para vos fazer compreender, devamos referir-nos ao tempo para que possam ter uma vaga ideia.

Embora, claro, existam muitas pessoas que nunca encontraram isto, que nunca — como se realmente tivéssemos partido daqui — saíram de uma consciência terrena, de um estado de consciência terreno, de um plano terreno. E são frequentemente estas as pessoas, claro, que fazem muitas coisas que causam alguma preocupação às pessoas do vosso lado que estão cientes de poltergeists, que estão cientes de interferências; e, claro, aparecem estas almas que são semi-seriológicas, que vos importunam e que recebem um grande prazer em influenciar as pessoas do vosso lado, especialmente pessoas de mente fraca, ou pessoas que elas próprias abrem, por assim dizer, a sua consciência a estas influências. Não creio que se compreenda o suficiente sobre as almas da terra.

Estou certa de que existem tantas almas no mundo quanto as que existem do vosso mundo que ainda são muito parte dele. E estas criaturas presas à terra não são necessariamente más — há algumas, claro —, mas há algumas que não estão em si mesmas a fazer nada que esteja a bloquear a sua própria salvação. Na verdade, estão a receber um grande prazer ao utilizarem as pessoas do vosso lado.

Estou perfeitamente certa de que muitas das pessoas em hospitais psiquiátricos no vosso mundo estão sob a influência de espíritos presos à terra. E penso que é uma grande tragédia que este assunto, todo este assunto, não seja melhor compreendido entre aqueles na profissão médica, porque muitos destes casos são definitivamente excecionais. E há um grande campo para investigação, um grande campo para descoberta, uma grande oportunidade

para as pessoas trabalharem nesse campo particular onde as pessoas sofrem de distúrbios mentais.

E assim, muitos destes chamados distúrbios não são doenças no sentido em que compreendeis o termo. São definitivamente casos de obsessão. E nós, deste lado, temos muitas almas que trabalham em grupos e bandos que se esforçam por ajudar, aliviar e retirar, onde possível, estas influências.

Mas deveis lembrar-vos de que elas estão tão próximas de nós, são tão parte da terra, que por vezes é muito difícil fazer grande coisa a esse respeito. Sei que isto é, num sentido, algo trágico. Mas, ao mesmo tempo, deveis lembrar-vos de que, embora não existam, num sentido, leis ou lei, no sentido em que o perceberíeis — isto é, o que estou a tentar dizer é que não existem líderes propriamente ditos.

Temos uma organização que é tão subtil e, no entanto, tão natural. Porque uma pessoa aqui, por exemplo, não dá, num certo sentido, ordens. Temos grupos de almas que fazem um trabalho especial, mas todos percebemos automaticamente dentro de nós qual é o nosso papel, que trabalho temos de fazer, e percebemos que estamos todos entrançados, um com o outro.

Penso que é o facto de estarmos todos muito conscientes desta unidade de espírito. Aqui, ninguém se gloria em ser um líder, enquanto no vosso mundo, nas organizações religiosas, nas organizações políticas, existe este tipo de glorificação do indivíduo. A primeira coisa que uma pessoa deve aprender, quase se poderia dizer, se desejar progredir aqui, é abandonar essa ideia de autoimportância.

Aqueles que estão prontos para isto, deste lado, nunca, nunca dão essa impressão, porque nem sequer faz parte da sua natureza parecer ou querer parecer importantes. Tudo sobre o que falamos, tudo o que fazemos, é feito num amor completo, numa harmonia completa, uns com os outros. Ninguém quer sobrepor-se a outra pessoa.

Toda a nossa influência é para o bem, é em amor e, portanto, não temos, deste lado, organização como tal. Não reconhecemos líderes no sentido em que vós o fazeis. E, claro, penso que qualquer pessoa, quando o descreveis inteligentemente, que raramente fala nas verdades da Bíblia — e estas

verdades são assustadoras, plenamente na fé —, e no entanto tantas pessoas não as conseguem ver.

Por exemplo, o próprio Cristo não tinha intenção nem desejo de fundar qualquer organização religiosa. Isto é completa e absolutamente uma criação humana que, ao longo dos séculos, enganou a humanidade. E, de facto, penso que é bastante óbvio que, se analisardes todo o ensinamento de Cristo, descobrireis que ele era a mais humilde das almas, que não tinha desejo de formar qualquer tipo de organização.

Escolheu os seus discípulos entre os homens mais comuns. Não tentou destacar-se. Não sugeriu, no sentido em que algumas pessoas parecem assumir que sugeriu, que deveriam fazer isto ou aquilo.

Deu-lhes completa e absolutamente livre-arbítrio; livre-arbítrio para escolherem o caminho que deveriam seguir. Penso que as pessoas apenas reconheceriam Cristo, apenas perceberiam o que Cristo realmente era, quando começassem a descartar muitos credos e dogmas antiquados, mantidos ao longo dos séculos por homens que desejavam poder e posição. Dir-vos-ia, acima de tudo, que se quereis descobrir a verdade, evitai homens de poder e posição, porque eles apenas têm poder e posição devido à sua conceção material das coisas.

Não podereis, certamente, construir uma perceção verdadeiramente espiritual de Deus sobre algo que é de uma conceção material. Deus não se encontra numa "coisa", em edifícios ou lugares. Deus encontra-se dentro da própria alma, dentro da consciência interior de cada um.

Pode-se encontrar, certamente, Deus em tudo o que é da natureza. Não creio que qualquer ser humano que procure verdadeiramente Deus o encontre em algo que é, em si mesmo, obviamente construído pelo homem. Pois o homem invariavelmente, na sua tolice e ignorância, considera que deve construir um edifício para abrigar algo que é tanto do Espírito.

Não se pode abrigar ou conter o Espírito numa caixa. É algo que é tão livre como o ar que respirais, de que vós próprios vos deveis tornar conscientes e despertos; e descobrireis que as almas deste lado, aquelas que progrediram verdadeiramente, quebraram todos os laços e as amarras e as

correntes que as prenderam através de séculos de pensamento errado. Cristo percebeu que o poder do Espírito estava dentro de todos os homens.

Percebeu que existia dentro de toda a humanidade esse domínio e esse poder tremendo que poderia superar todas as coisas. Cristo não estava preocupado com posses materiais. Não estava preocupado com castigos materiais de templos e afins.

Não expulsou o próprio Cristo os cambistas do templo? Não viu ele, no seu próprio tempo, a hipocrisia dos líderes da igreja do seu dia? E assim acontece que a hipocrisia e a falsidade que foram construídas em redor das verdades simples e maravilhosas que Cristo ensinou — e todos os grandes videntes, os grandes instrutores, os grandes profetas —, devemos tentar lembrar e perceber que, se formos encontrar essa verdade que todos os homens verdadeiramente procuram dentro de si mesmos, ela apenas poderá vir quando começarem a procurar de forma honesta e profunda no interior e se esforçarem por pôr, por assim dizer, a casa de Deus em ordem. Pois existe uma casa de Deus, mas não é um edifício. É o templo da alma.

E devemos lembrar-nos de que não estamos a falar individualmente. Estamos a falar num sentido coletivo, porque verdadeiramente o espírito de Deus está dentro de todos os homens. É uma força e um poder que nada pode distorcer.

Pode perder-se o corpo, mas ganha-se a alma. E à medida que se ganha experiência e conhecimento, percebe-se o tremendo poder do espírito que supera todas as coisas. O homem apenas encontrará a verdade quando retirar de si as amarras que o prendem há séculos.

Deus encontra-se, verdadeiramente, entre aqueles que são sábios nessa simplicidade. E é na simplicidade que encontramos a verdade. Não entre aqueles em lugares altos que, através de livros e erudição, e através de outros métodos, assumiram que são espiritualmente sábios.

A sabedoria espiritual vem, honesta e seguramente, daqueles que procuraram dentro de si mesmos, encontraram o gérmen da verdade, encontraram a sua realização, e deram a si próprios um serviço completo e imensurável. Mas, à medida que servis os outros, tornais-vos mais conscientes

da sabedoria de Deus, da verdade de Deus. O poder do espírito que está em todo o vosso redor está o tempo todo a tentar romper.

Aqueles de vós que viram e conheceram isto, esforçam-se à sua maneira, ao seu modo, para abrir a consciência de outros, para que eles também possam encontrar. Conhecemos as dificuldades. Conhecemos a oposição com que eventualmente tereis de deparar.

Ainda mais à medida que progredirdes; quanto mais ansiosos estiverdes por derrubar o palácio das formigas, mais difícil será encontrar a abolição. Mas nós dar-vos-emos o poder, dar-vos-emos o amor; deveis lembrar-vos de que haverá dificuldades, por vezes além da vossa compreensão. É uma grande tarefa a que vos foi confiada, e sei que já alcançaram muito, mas há ainda muito por fazer, e precisamos de muitas, muitas, muitas pessoas.

Precisamos de almas enormes, e procuramos os jovens, porque eles são os que nos devem seguir. Eles são os que devem levar por diante esta bandeira que hasteámos. Precisamos dos jovens. Tentai como puderdes, fazei o que puderdes para os encorajar.

Interlocutor: Sra. Fry, mais do que qualquer outra coisa, posso apenas recapitular o que disse no início, sobre quando se passa para o estado de espírito, é isso que está a dizer, não é? A maioria das pessoas. O que acontece quando pessoas como a realeza passam para aí? Ora, as pessoas deles serão juvenis, têm acesso a tudo na vida, não têm esposas ou filhos ou algo do género, tudo é feito por eles; e o que acontece a essas pessoas?

Elizabeth Fry: Bem, penso que toda a história reside certamente nisto: não se trata de saber se uma pessoa teve tudo o que o mundo pode oferecer, isto é, num sentido material. Uma pessoa pode, por exemplo, não ter nada e ser uma pessoa extremamente boa, ou uma pessoa pode de facto ter tudo o que o mundo oferece e ser também uma pessoa muito boa. Penso que tudo depende, certamente, de saber se essa pessoa, nessa posição, serviu verdadeira e conscienciosamente, o melhor que pôde, no chamamento que lhe foi dado. Não creio, num sentido, que importe um iota se viveram num palácio ou numa cabana.

Descobrirão, ao chegar aqui, que lhes será dada uma condição de vida que lhes será mais adequada. Não tem de ser necessariamente um palácio, pois

certamente deve haver muitas pessoas que viveram em palácios, e ainda vivem em palácios, que, se a verdade fosse conhecida, ficam gratas por relaxar em apenas um ou dois quartos. Elas não querem particularmente vir para a cerimónia.

Faz parte da herança delas, faz parte do seu historial, e tiveram de o aceitar pelo nascimento. Não significa necessariamente que gostem particularmente disso. Pode bem ser que o tenham aceitado por ser algo que têm de aceitar, mas no íntimo podem ser pessoas fundamentalmente muito boas, muito sinceras, muito humildes.

Vejam, não devemos, claro, generalizar sempre. Se estiverem a pensar que, por as pessoas estarem habituadas a um palácio, naturalmente esperariam ou assumiriam — isto é, se pensarem sequer na vida após a morte — que deveriam ter um palácio. Penso que nem sequer importa, pois estou perfeitamente certa de que há imensas pessoas que viveram, digamos, num conflito, que, quando vêm para aqui, gostariam de viver num palácio, e provavelmente servir num.

E há imensas pessoas que vivem em palácios. Quando vêm para aqui, também gostariam de viver num conflito. Penso que não devemos levar isto demasiado para uma base puramente, num sentido, material, do ponto de vista de que o reflexo da vida na terra seria o mesmo aqui.

O que estou a tentar transmitir não é aquilo a que se pode estar habituado em termos de condição de vida, mas sim o que se criou pela própria natureza da existência para si mesmo, no qual se entrará automaticamente. Porque vós próprios, pela vossa própria natureza, criastes um certo conjunto de circunstâncias que originam uma certa condição de vida aqui; seria automático e, portanto, satisfatório. Eu sei, conheci certos chamados reis e rainhas.

Aqui, claro, temos reis e rainhas. E uma das... eu imagino que, possivelmente, em certos casos — e certamente assim é —, com pessoas de ordem elevada, materialmente falando, que estiveram habituadas a tanta deferência, a quem foi dado tudo o que a terra parece oferecer, há certamente casos de indivíduos aqui que acham, e acharam, muito difícil libertarem-se desse tipo de atmosfera, atitude e mente. Mas, claro, isso é algo que têm de aprender.

Penso que depende, como todas estas coisas devem depender; não podemos generalizar. É por isso que é tudo tão difícil, por vezes, dar uma resposta direta a uma pergunta direta, porque em tantos casos pode-se tão facilmente generalizar, e não se pode realmente generalizar, porque o que pode afetar uma pessoa pode não ser o mesmo para outra, mesmo que à superfície as suas condições na terra pareçam muito semelhantes. Essa é, claro, outra das grandes verdades, outra das grandes e maravilhosas realidades da vida aqui.

Mas embora, fundamentalmente, se possa dizer que toda a humanidade é a mesma, o que é tão maravilhoso, mesmo em relação às almas aqui, é que elas ainda mantêm essa individualidade. E suponho que, se não fosse assim, nunca nos reconheceríamos uns aos outros. E isso, claro, seria um estado de coisas muito trágico e muito infeliz para as pessoas que são muito próximas de outras.

Quero dizer, por exemplo, quando uma pessoa chega aqui pela primeira vez, ela é, como já disse, muito a mesma. E, claro, quando os seus familiares se lhes juntam, eles são muito os mesmos. E também, claro, devemos lembrar-nos de que o corpo espiritual é uma contraparte — quero dizer, uma contraparte definida — do corpo físico.

Isto é, se o próprio corpo físico estiver numa condição perfeita, num estado perfeito; se o corpo físico tiver degenerado com a idade ou através de doença, ou se algo lhe tiver acontecido por acidente, é apenas o corpo físico que tem essas condições debilitantes; o corpo espiritual será uma reprodução do corpo físico perfeito. E assim, portanto, ninguém precisa, por exemplo, de temer não reconhecer outra pessoa. Pois essa pessoa, até pelo próprio estado da sua mente, pode criar, por assim dizer, uma contraparte espiritual, ou, digamos, uma reprodução do corpo físico, ainda que possa não ser identicamente assim na sua própria esfera de vida aqui.

Deveis lembrar-vos de que toda a vida aqui é um estado de espírito, do ponto de vista de que as únicas coisas criativas são os pensamentos. O vosso mundo é completa e absolutamente uma parte e natureza do espírito, um mundo de pensamento. Um homem não é mais do que aquilo que pensa.

Tudo o que tendes em vosso redor, em vossa volta, que foi criado por gerações de homens, foi fundamentalmente originado pelo poder do

pensamento. E, claro, connosco é o mesmo. Trazemos connosco a nossa personalidade, o nosso caráter e os nossos pensamentos, capacidades.

Criamos a nossa vida pelo nosso poder de pensamento. E assim, ninguém precisa de se preocupar que, quando uma pessoa parte, não haja qualquer mudança para além de todo o reconhecimento. A única mudança é algo que provocamos pela nossa mudança de perspetiva e desenvolvimento.

É um processo gradual, e tão gradual que não creio que qualquer geração precise de temer não reconhecer uma geração anterior, porque o tempo em si não tem importância. São precisas gerações e gerações de tempo para que as pessoas progridam ao ponto de se tornarem irreconhecíveis. Este é um assunto tremendamente difícil, o tempo, para clarificar, porque há tanto que gostaríamos de vos dar onde as palavras em si são inadequadas e não podem ser captadas e descritas.

Portanto, só podemos — como tenho a certeza de que outros vos disseram — trazer as coisas até um certo nível para que as possais compreender. Mas posso assegurar que cada uma e todas as que procuram, do vosso lado, essa verdade que o mundo do espírito pode dar, encontrarão de acordo com a sua busca, de acordo com a sua sinceridade de propósito. Mas quando o homem se conseguir libertar de todos estes laços que o mudaram assim, que fecharam a sua mente por gerações; quando o homem se conseguir libertar das amarras que o prenderam a um credo e dogma, que o impediram de progredir, de pesquisar, de procurar; quando o homem for verdadeiramente livre, espiritualmente livre, então ele descobrirá, então ele abrirá avenidas tremendas de progressão espiritual.

Sinto que vós os dois estais a fazer um grande trabalho. Podereis estar, por vezes, inibidos, e poderá haver momentos em que sintais que estais a ser travados. Mas não sintais por um único momento que estais sozinhos.

Estais sempre a ser guiados, estais sempre a ser tentados, e há inúmeras almas que estão a trabalhar convosco.

Interlocutor: Posso fazer-lhe uma pergunta?

Elizabeth Fry: Por favor, faça-a, sim.

Interlocutor: Este assunto chamou-me mesmo, mesmo a atenção. Vê-se tantas criancinhas sem qualquer oportunidade na vida, a viver em sítios tipo subterrâneos, em caves, e vê-se a riqueza do mundo, a riqueza de tanta riqueza, e no entanto elas parecem não ter esperança de algum dia ter sucesso. E, portanto, vivem em... tornam-se criminosos, basicamente.

Elizabeth Fry: Bem, uma pessoa que se torna, como diríeis, um criminoso, em circunstâncias fora do seu controlo, não é, num sentido, completamente responsável. E embora não haja julgamento aqui no sentido da antiga compreensão bíblica do significado do termo, automaticamente há essa perceção que se tem dentro de si mesmo dos seus pensamentos e erros. E o ponto fulcral é que, se uma pessoa se tornou — não usarei o termo má, porque não acho que seja um termo agradável —, um erro. Se uma pessoa se tornou, através de circunstâncias fora do seu controlo, não diria espiritualmente inclinada, ou talvez tenha cometido grandes erros ou feito coisas de que se possa arrepender, ela não é totalmente culpada.

Penso, como digo, que é tudo uma questão de casos individuais. Onde algumas pessoas podem ser culpadas, outras não podem ser culpadas. Não se pode culpar uma criança que, por circunstâncias fora do seu controlo, se tornou um homem mau ou um homem doente que faz coisas que não são esperadas e não são a coisa correta a fazer.

Quero dizer, devemos sempre lembrar-nos de que as pessoas são, em grande medida, o produto do seu meio ambiente. E se esse meio ambiente é tal por ter sido criado devido ao egoísmo de alguns, então dificilmente se pode culpar o indivíduo. Mas, claro, há muitas, muitas coisas que levam tempo a ser trazidas para a organização da mudança.

Nós compreendemos plenamente. Não penseis por um único momento que qualquer pessoa que venha para aqui seja de alguma forma julgada. Uma pessoa é responsável por si mesma e pelas suas ações, mas cada avenida concebível é levada em consideração em relação a um indivíduo.

Mas, lá está, não são os outros que fazem o julgamento. É a própria pessoa. E se uma pessoa sabe, quando chega aqui, que há muitas coisas que correram mal, mas percebe que se deveu a condições ambientais que, em grande medida, estavam fora do seu controlo, existem esses traços materiais.

E, claro, tudo isso é considerado. Não creio que haja uma única coisa que se possa mencionar em relação à vida aqui que não seja justa. Tudo é justo porque tudo aqui recai numa condição de lei e ordem natural. Cada indivíduo organiza-se a si próprio.

Não são os outros que o fazem por vós. Sois talvez ajudados ou sois muitas vezes orientados no caminho da via e aconselhados. Mas ninguém pode ser forçado a mudar.

Ninguém pode ser obrigado a mudar. Uma pessoa muda repentina, gradualmente. Não se tornam subitamente pessoas de grande sabedoria, pessoas de grande realização espiritual.

Toda a gente evolui gradualmente. E o pior criminoso evolui gradualmente para a pessoa melhor, para a pessoa mais avançada. Pode levar horas de tempo, mas o tempo é infinitesimal.

Porque estamos na eternidade e não há, num sentido, tempo na eternidade. Pode haver uma espécie de consciência do tempo e, na esfera inferior, existe esta consciência do tempo. Mas é puramente um reflexo do material.

Gostaria que se pudesse explicar isto mais plenamente, mas é impossível. É como se não houvesse perspetiva, num sentido. Por exemplo, no vosso mundo, conseguis ver até um certo ponto e não conseguis ver mais além.

E, no entanto, à medida que viajam para a frente, aproximam-se daquilo que antes estava fora de vista. Assim é que temos perspetiva, conseguimos ver até um certo ponto. E, à medida que viajamos para a frente, outros aspetos da perspetiva entram em vista.

Outras partes da existência na vida que não sabíamos que existiam tornam-se gradualmente dentro do nosso alcance consciente. Deveis olhar para a eternidade e para a vida eterna assim. Um processo gradual de ir e marchar para a frente.

E à medida que se vai para a frente, novas vistas começam a surgir. E à medida que se aproximam delas, tornam-se mais claras e veem um quadro diferente e uma cena diferente. É por isso que diferentes almas em diferentes

esferas devem certamente descrever a vida de forma algo diferente umas das outras.

Tudo depende do indivíduo. Do quanto progrediram e de quais são as suas experiências. Penso que isto é, claro, a coisa mais maravilhosa.

Que possamos, por alguns breves momentos de tempo glorioso, ligar-nos a vós e falar convosco, discutir convosco e, tanto quanto esteja ao nosso alcance, ajudar-vos e guiar-vos. E o facto de estardes a fazer este trabalho para ajudar outros é, certamente, a maior coisa de todas. Ide em frente, meus amigos, com força, e sabei que sois de facto muito abençoados.

Altamente abençoados. E muitos estão lá para vos apoiar. Agora devo ir e deixo-vos todas as minhas bênçãos.

Tenho a certeza de que isto será e receberá grande bênção e será uma grande fonte de encorajamento para muitos e dar-lhes-á uma visão dessa verdade gloriosa que vós também contemplastes. Devo ir. Adeus.

Interlocutor: Muito obrigado. Adeus. Adeus.

IRMÃS COOK
FAMÍLIAS DE ALMAS E ALMAS SUPERIORES

Louisa: Eu sou a Louisa, não é? Sou a Louise, sim, sim.

Ida: E eu sou a Ida. Está correto, sim.

Louisa: Está correto, eu sou a Louisa e eu sou a Ida. Oh, é Louise ou Louisa? É Louise. Louise, oh, está certo, sim. Eu sei, oh, não dês ouvidos a ela. Eu costumava, bem... Tu costumavas conhecer uma Louise, não é? Bem, tínhamos uma tia Louise, porque ela não era como tu. Quero dizer, ela não era fina, sabes o que quero dizer? Oh, ela não era fina.

Interlocutor: Bem, sabes, ela era diferente, tipo. Porque não tinha a educação da minha mãe. É irmã da minha mãe, certo? Sim. Sim. Oh, ela era uma figura pública. Não te rias dela, porque ela era engraçada.

Interlocutor: Sim. Sabes, ela tem um bom sentido de humor. Sim, ela é bondosa.

Louisa: Bem, ela é porreira. Às vezes, bem, mimava-me, sabes. Rebuçados de Natal, se eu tivesse sorte e ela não se esquecesse. Oh, bem, não quero falar do meu passado, porque isso não vos interessaria.

Interlocutor: Eu estaria muito interessado. Suponho que tiveram educações finas, não tiveram, depois de tudo isso?

Louisa: Bem, sim. Sim, é engraçado. Oh, que multidão de pessoas tinhas contigo esta manhã. Aquele Centurião está contigo outra vez.

Interlocutor: Aquele quem?

Louisa: Bem, eu chamo-lhe o Centurião. Ninguém nunca te falou do soldado romano que vem ter contigo? Oh, bem, isso é uma coisa extraordinária. Eu teria pensado que todos o veriam, porque eu o via sempre que ele estava comigo, sabes, mas ele nunca fala. Penso que ele apenas fica ali parado como se estivesse de guarda, sabes. Nunca vi uma pessoa tão bem-parecida. Ele tem cerca de um metro e oitenta e cinco, creio, e é bem-parecido e moreno; e é romano e usa o seu capacete com aquela coisa grande de crina vermelha, e dizem-me que ele era um centurião romano.

Interlocutor: Que interessante.

Louisa: E, evidentemente — quer compreendas isto, tenho de te dizer, quer compreendas, posso estar a meter-me num sarilho —, mas evidentemente, quer acredites em reencarnação ou não, não posso evitá-lo, mas dizem-me para te dizer que há séculos atrás, quando estavas na Terra, vós os dois vivestes juntos na antiga Roma.

Interlocutor: Não vivemos?

Louisa: E que ele era vosso irmão e que, na altura desta erupção, estáveis hospedados com familiares que viviam num lugar chamado Pompeia, e que fostes resgatados de barco mesmo no último momento. Mas não sabes nada sobre isso?

Interlocutor: Nem uma coisa, Nicky. Oh, meu Deus. Vá lá.

Louisa: Bem, um de vós era... Ele diz-me que é engraçado, este homem. Ele não está a falar no sentido em que tu, Nicky, algum dia o farás. Não sei. Mas ele está a concentrar a sua força de pensamento em mim e diz que um de vós se chamava Octávia e o outro se chamava Flávia. Oh. Estão interessados em reencarnação?

Interlocutor: Oh, sim, Nicky.

Louisa: Nunca tivestes algum tipo de sentimento em relação à Roma antiga e essas coisas?

Interlocutor: Eu tive, sim. Estamos muito interessados e, quando lá fomos, sabes, gostámos imenso. Mas, hum... não posso dizer que tenha qualquer...

Louisa: Bem, só posso dizer-vos isto porque não o posso provar, mas dizem-me para vos dizer que ele me explicou que vós sois ambos o que chamamos de almas gémeas, e que tivestes várias encarnações em diferentes períodos e que, em cada encarnação, tentastes trazer a perceção de coisas para além do material a várias pessoas; que há diferentes aspetos da vossa vida, sabes, diferentes tempos da vossa vida. Evidentemente, éreis cristãos, e era o início do Cristianismo, sabes, esse tipo de coisa. E era tudo muito silencioso. Tinhas de ter muito cuidado. E evidentemente, vós... não compreendo isto. Devíeis estar bem de vida ou algo assim, porque às vezes íeis a Óstia e às vezes íeis mais para sul e descíeis até Pompeia, e tínheis um espelho lá, e era um espelho fora das muralhas da cidade onde certos cristãos se reuniam; e tu e o teu irmão — embora o teu irmão não estivesse convertido, vós os dois estáveis —, e havia outros de um pequeno grupo. Talvez um dia obtenhas mais informações.

Interlocutor: Sim, sim.

Louisa: De qualquer forma, estamos muito satisfeitos por te ter lá, Leslie. E também, a certa altura, foste uma irmã católica num convento.

Interlocutor: Sim, eu sei que fui. Sempre senti isso.

Louisa: Uma de vós, esperem um momento, uma de vós, Louise, é? Sim, Louise. Foste Madre Superiora num convento em Itália. Em Itália. Vejam, sempre estivestes envolvidas no que, suponho, chamariam de religião, mas é mais profundo do que isso, vai muito mais fundo. E penso, pelo que me dizem, que fostes trazidas de volta à vida em vários momentos com o objetivo de servir a humanidade e de lhes trazer conhecimento e experiência.

Interlocutor: Sim, creio que sim. Estava a tentar viver à altura disso.

Louisa: Também tendes uma encarnação no antigo Egito que remonta a antes da romana. Sim, sim. Na verdade, atraís muitas almas que obviamente estiveram, ao mesmo tempo que vós, relacionadas ou ligadas de alguma forma, e que ainda trabalham por trás de vós. O ponto é que tendes muito mais para fazer do que talvez possais perceber e que, embora o círculo possa não parecer, à superfície, estar a fazer o progresso que talvez gostásseis, no entanto, é um ponto focal — é a palavra que usam — para o poder, que é gerado muito para além dos confins do vosso círculo. É essa a palavra?

Interlocutor: Sim, sim. Sim, e que interessante.

Louisa: Não sei por que me estão a dizer para vos dizer isto. Gostaria que eles próprios o fizessem. Oh, Cristo. A vossa última encarnação, pelo que consigo depreender, pelo que me dizem, deve ter sido em França durante o reinado de Luís XV. Oh. Sim, porque há uma ligação muito forte lá com a corte francesa. Oh, Cristo. Tendes muitas pessoas que vêm ter convosco, e tenho a certeza de que não fazeis ideia. Podereis, obviamente, conhecer certas pessoas que vêm ter convosco. Sim, sim. Mas estes... Peço desculpa se dou a ideia errada... não vos sei dizer, mas vejam, o que está a acontecer convosco? Tendes certos guias ou controladores ou pessoas que têm um certo trabalho específico a fazer e que estão realmente a agir sob a agência de almas superiores. Por outras palavras, vejam, estais envolvidos em diferentes grupos, e há um grupo que trabalha convosco — não apenas grupos, mas por trás deles estão outras almas, mais altamente avançadas, e todas trabalham. É como uma espécie de coisa fluídica, sabem, onde a inspiração e o poder de

uma pessoa ou grupo de pessoas entram naqueles que estão mais próximos da terra e são transmitidos. É como um serviço de estafeta. Sim. Gostaria de poder explicar.

Interlocutor: Bem, penso que percebo o que me estás a tentar dizer, mas ainda não o transcrevi.

Louisa: Vejam, hum... o ponto é que existem certas almas que são os... hum... que são os mestres, coloquemos a questão assim. Sim. Não é bem a palavra que quero, mas que transmitem os seus ensinamentos e transmitem o seu poder e o seu amor através de outros. É como um sistema de estafeta. Sim. Para que chegue à terra através de outras almas que são mais capazes de contactar as condições. Sim. Bem, não há qualquer desprestígio para elas, mas, vejam, toda a comunicação deve ser, pela própria natureza das coisas, num sistema de estafeta. Isto é, quanto mais altamente evoluída uma pessoa se torna, mais elevado é o seu ensinamento, mais elevada é a sua perceção da verdade. E isso tem de ser enviado através de outras almas que agem como agentes. Sim. Que estão mais perto das condições da terra. E tendes um trabalho maravilhoso para fazer ainda, o qual — com o devido respeito — ainda não começastes realmente. Quero dizer, semeastes as sementes. Às vezes perguntam-se quanto tempo mais terão de fazer isto, mas o ponto é que as sementes estão semeadas e, gradualmente, ser-vos-á mostrado o caminho e a via. E há muita escrita para ser feita também.

Interlocutor: Certo. Este Jack que vem ter convosco, é um irmão, não é? Jack?

Interlocutor: Não, não, não temos nenhum irmão chamado Jack.

Louisa: Agora, esperem um momento. Está aqui alguém que vem com grande fraternidade e afeto e chamam-lhe John ou Jack. Só um momento. O que disseste? Bem, tenho de esclarecer isto porque com o Bill — que é vosso irmão, não é? Sim, está correto. Vem outro jovem a quem se referem como Jack. Embora tenha sido batizado como John, referem-se a ele como Jack. E ele partiu na infância e cresceu aqui.

Interlocutor: Ele é um daqueles jovens de quem falaste?

Louisa: Oh, sim, obviamente. Deve ser. Só um momento. Sim. Sim, é definitivamente assim. Mas ele quase não teve vida terrena, pode-se dizer. Mas referem-se a ele como Irmão John ou Irmão Jack. E, se tivesse vivido, seria provavelmente mais velho do que qualquer uma de vós.

Interlocutor: Está correto.

Louisa: Mas, lá está, ele não teve vida terrena digna de nota. E é uma alma muito avançada. E compreendo perfeitamente por que é possível que nunca tivésseis tido qualquer contacto.

Interlocutor: Sim, mas sabes se ele é do lado da Mãe ou do Pai?

Louisa: Oh, de ambos. Oh, ele vive sozinho? Sim. Oh, meu Deus, conheces algum lugar chamado Swan-qualquer-coisa? Ou é o nome de uma pessoa? Oh, meu Deus. Oh, meu Deus. Sabes se consegues ouvir? Sim, sim, conseguimos. Sim, Menina Ida? Sim.

Elizabeth Garrett: Minha sobrinha. Sim. Não tenho bem a certeza se me consegues ouvir.

Ida: Conseguimos ouvir-te. Conseguimos ouvir-te.

Elizabeth Garrett: O meu nome é Edison, Elizabeth Garrett. Oh, Deus te abençoe. Espero que não te importes que eu venha apenas por uns momentos, ocupando o vosso precioso tempo, mas estou tão interessada em tudo o que está a transparecer no vosso pequeno grupo. Quis muito vir falar convosco por várias razões, mas sempre senti que havia tantas outras almas que talvez tivessem um direito muito maior sobre vós e o vosso tempo; mas, no entanto, estou tão interessada no vosso pequeno grupo e no grande trabalho que, provavelmente sem o saberdes, está a ser feito. Há uma quantidade tremenda de poder para cura que é gerado, e há um grupo de nós aqui que vem ter convosco a intervalos regulares e que está ansioso por nos ser permitido, numa data posterior, se não no momento, fazer mais uso desse poder.

Às vezes trazemos-vos almas, no seu estado de sono, que estão doentes e debilitadas, para obterem ajuda que pode ser dada pelo poder físico que é gerado, e também almas deste lado que também necessitam de ajuda. Sabem, sentimos que se vós — como tenho a certeza que estais — tencionam

continuar indefinidamente, este vosso círculo mostrará uma grande expansão no seu poder e na sua vitalidade, psíquica e espiritualmente. Sabem, se fosse possível verem clarividentemente o número de pessoas que são atraídas ao vosso círculo. É tal e qual como se, quando se sentam ali, houvesse uma luz que perfura a escuridão em vosso redor. É a origem, claro, de vós próprias como grupo, o que acolhe e torna possível a ligação entre tantas almas que vêm e outras que são atraídas, que talvez nalguns casos estejam confusas, porque sabem que existem muitas almas presas à terra. Ora, o vosso não é um círculo de resgate, mas isso não altera o facto de que existem muitas almas que são atraídas e que são ajudadas porque vós emitis uma quantidade tremenda de vitalidade, suponho que seja a palavra. É uma espécie de vitalidade psíquica que é muito poderosa.

Claro, eles estão a gerar este poder, como sabem, para a produção, assim esperam, de fenómenos físicos. Naturalmente, esta é uma forma única de comunicação e muitas vezes, pelo que compreendo, leva muitos anos. Mas vós tendes agora, pelo que depreendo, reunido um grupo de pessoas cuja intensidade e sinceridade são tais que devereis eventualmente, tenho a certeza, ter uma comunicação muito forte e poderosa. Bem, só se pode esperar por estas coisas, mas quero que saibam — e tenho a certeza de que já o sabem, na verdade, mas sinto que devo acrescentar o meu pequeno contributo a isto — que tendes este poder tremendo a gerar-se em vosso redor, o qual está a beneficiar muitas pessoas, para além de vós próprias e até daqueles que conheceis.

E há tanta gente que é atraída para ele. Eu própria, claro, estou particularmente interessada na cura. Suponho que isso seja de esperar, claro. E vou com frequência ao meu hospital, e há aqui todo um grupo de médicos, sabem, que vão regularmente não só ao meu próprio hospital, mas a muitos hospitais, a todos os hospitais, e tentam ajudar os médicos no seu trabalho. Claro, muitos dos médicos não têm qualquer conceção ou ideia de que estão a ser usados ou ajudados de todo. E, de facto, quase se poderia dizer que talvez isso não importe.

Há muitas pessoas no vosso mundo que não são espiritualistas nem médiuns e, no entanto, são usadas por almas deste lado para fazerem um bom trabalho de várias formas. E, claro, estamos a tentar desesperadamente ajudar onde quer que possamos. Naturalmente, se todos compreendessem esta verdade, como vós as duas compreendeis, isso faria uma diferença enorme no

vosso mundo e, sem dúvida, tenho a certeza, num instante aproximaria as pessoas com uma maior perceção e compreensão da vontade de Deus.

E significaria um mundo mais feliz e um mundo pacífico. Queremos apenas derrubar as barreiras que existem entre os homens em todo o vosso mundo, barreiras erguidas pela tolice e pela ignorância. Queremos que as pessoas conheçam e compreendam esta verdade para que possam viver juntas em paz e em harmonia e fazer do vosso mundo verdadeiramente um lugar onde as crianças possam ser trazidas para um elemento e condição de paz e compreensão; onde possam ser ensinadas, onde se lhes possa dar a perceção da verdade, e verdadeiramente o vosso mundo poderia tornar-se um campo de treino, como de facto é e deveria ser ainda mais, para o mundo vindouro.

Sois abençoadas, minhas filhas, tão verdadeiramente abençoadas com esta verdade e este conhecimento. E dá-nos tanta alegria vir ter convosco. Claro que, se pudéssemos vir todos, levaria horas e horas e horas de tempo, mas queremos que saibais — e falo por todos nós aqui — o quanto significa para nós, o quanto realmente nos afeta saber que existem pessoas como vós e o vosso pequeno grupo que, com tanto amor e sinceridade, se unem nesta verdadeira compreensão e perceção para que possais ser prestáveis, e de facto verdadeiramente o sois.

Não permitais que isto vos envaideça. Sede fortes na vossa fé e no vosso conhecimento. Tende a certeza de que o poder do Espírito Santo está convosco e em vosso redor, e verdadeiramente sois abençoadas e guiadas.

Oh, dá-me tanta alegria vir falar convosco, saber que tendes esta intensidade de amor e de sentimento, que quereis servir e que servis. E se eu pudesse apenas incutir em vós o tremendo amor e vitalidade que flui do exterior para vós. Tenho a certeza de que o sabeis, mas se ao menos soubésseis como isso passa para os outros, através de vós, dando-lhes alguma medida de verdade e discernimento.

Continuai este trabalho, minhas amigas. Sabei que sois de facto verdadeiramente abençoadas. E não devo ocupar demasiado tempo, mas, em nome de todos nós aqui — os desconhecidos, muitas vezes, que talvez por várias razões não se possam manifestar ou falar —, falo particularmente por eles porque sei como o amor deles é por vós.

Para continuardes, para terdes fé — a qual sei que nunca diminuirá, mas apenas crescerá em força —, para saberdes que sois verdadeiramente ajudadas, guiadas, guardadas e abençoadas, e que em tudo o que empreenderdes, verdadeiramente vos será dada a força para cumprir todos esses sonhos e desejos que tendes no mais íntimo dos vossos corações. Servir é verdadeiramente viver, e esta é a maior alegria de todas: dar-se em serviço amoroso aos outros, para que eles possam ver e conhecer verdadeiramente as coisas que são e que assim permanecerão para sempre. Esta é a realidade.

Esta grande e gloriosa existência chamada morte, esta passagem que se abre diante de toda a humanidade, é a passagem da vida. Vós sabeis disto. Levai as grandes novas de alegria a todos os que encontrardes, e que sejais ambas abençoadas em tudo o que empreenderdes.

A paz e o amor estejam convosco, minhas amigas. Adeus. Abençoadas sejais.

Interlocutor: Adeus. Obrigado. Que espírito adorável.

Interlocutor: Que espírito belíssimo. Que espírito adorável.

Charles de Bray: Escutei a nossa irmã.

Interlocutor: Sim.

Charles de Bray: E ela disse tudo o que eu poderia ter dito e, talvez num sentido, a minha vinda para falar pareça, em consequência, um pouco sem propósito. Posso apenas subscrever tudo o que ela se esforçou por vos transmitir.

Verdadeiramente é uma grande alegria, oh irmãs da terra, vir ter convosco. Verdadeiramente é uma grande alegria ser prestável, dar conhecimento e força àqueles no vosso mundo que estão inseguros e incertos, dar conforto àqueles que choram, dar força àqueles que estão fracos na sua fé. Verdadeiramente, minhas amigas, é para nós a maior das alegrias derrubar a barreira que existe entre o nosso mundo e o vosso, uma barreira erguida através de séculos de ignorância e tolice.

O homem parece ter perdido o caminho, mas nós, que vimos bater, por assim dizer, às portas dos corações e das mentes dos homens, esforçamo-nos por derrubar estas barreiras. Vós vistes essa luz que brilha na escuridão. Verdadeiramente sois abençoadas.

Quando eu estava do vosso lado, não tinha o conhecimento e a verdade que vós tendes, mas, no entanto, tinha uma perceção interior; não tinha conhecimento pessoal ou experiência como aquela com que fostes abençoadas. Mas à minha maneira e ao meu modo, esforcei-me por ser prestável, esforcei-me por fazer aquilo que pensava ser correto, e penso que posso dizer que, em certa medida, tive sucesso. Mas se ao menos tivesse tido o conhecimento e a segurança que vós tendes tido, teria sido uma grande alegria e bênção para mim.

Olho para trás, para esses tempos vagos e sombrios de que falo. Verdadeiramente o mundo mudou — nalguns aspetos, claro, para melhor —, mas existem muitas coisas hoje em que há bondade; no entanto, na época de que falo, havia muitas coisas que causavam grande preocupação, especialmente a alguém como eu, que estava sobrecarregado com a pobreza do dia e da era de que falo. Claro que nem sempre se podia fazer o que se desejaria, mas fiz a minha parte o melhor que pude, e agora às vezes apareço, como se diz na vossa linguagem, nas vossas pequenas sessões, nas vossas pequenas reuniões, e é uma grande alegria para mim, como é para tantos de nós, ver tal devoção amorosa e tal fé recompensadas; e, de facto, sois recompensadas, sois recompensadas em muitos aspetos e, no entanto, não buscais recompensa.

Contudo, a possibilidade do desenvolvimento do círculo, como um todo, significa que, à medida que vos desenvolverdes mais, podereis ajudar mais e mais pessoas através da vossa experiência e conhecimento pessoal, e isto é uma grande coisa em si mesma e uma grande alegria. Claro que, há séculos atrás, o mundo tinha algum conhecimento disto, mas ele tornou-se oculto com o tempo pelo poder, pela avareza e pela ganância de povos de épocas e lugares altos. Foi deliberadamente obscurecido, mas esta é uma longa história da qual tenho a certeza de que sabeis muito.

Sabem, é uma grande felicidade para nós encontrar almas como vós, que estais preparadas para dar o vosso amor e o vosso tempo. O meu nome — lamento imenso não ter mencionado — é Charles de Bray.

Interlocutor: Oh, como está, Charles? Eu bem parecia.

Charles de Bray: Sim, claro. Se eu vos falasse das almas que vêm ter convosco, penso que ficaríeis verdadeiramente surpreendidas. Claro que, como já vos foi dito, há muitos que vêm, talvez não regularmente, mas nós sabemos do vosso pequeno grupo deste lado, e discutimo-lo e, às vezes, vimos ver-vos.

Claro que tendes os vossos pequenos amigos regulares que estão em constante atenção sobre vós, que cuidam de vós, que vos guardam, que evitam más influências que às vezes — se não o souberdes — podem estar por perto. Afinal, devemos lembrar-nos — e tenho a certeza de que o fazeis — de que existem todos os tipos de pessoas deste lado: boas, más e indiferentes. E, claro, não me atreveria a sugerir que alguém seja perfeito.

Nenhum de nós deste lado, por mais espiritualmente avançado que tenhamos progredido, alguma vez se atreveria a dizer que é perfeito. E talvez seja essa a Sua vontade, porque se fôssemos perfeitos, não restaria muito por que viver, por que lutar. Há sempre o novo empreendimento, a nova possibilidade de experiência, por assim dizer, ao virar da esquina.

Mas essa é a grande alegria da vida: que há sempre algo novo para aprender, algo extraordinário que ainda pode acontecer, do qual não se teve qualquer indício anterior. Esta é a grande alegria da vida eterna, o que torna possível ser eterna: que estamos sempre a esforçar-nos cada vez mais para cima, em direção à luz, para mais experiência e mais oportunidade de serviço. Esta é a alegria da união das almas.

Oh, valha-me Deus, se houvesse possivelmente palavras para explicar, expressar e descrever as alegrias e a beleza do espírito. Como poderíamos retirar esse terrível medo da morte que paira sobre o mundo da carne, quando vemos as almas no vosso mundo, sobrecarregadas como tantas vezes estão, na escuridão, por assim dizer, no que diz respeito à verdade e à iluminação; com medo da morte, tentando adiá-la, em muitos casos tentando colocá-la, por assim dizer, para trás delas, como se não existisse de todo, em vez de a encararem com rostos sorridentes, radiantes e felizes, com a perceção de que é uma libertação, em grande medida, para muitos dos problemas que existem.

Mas, claro, não vos faria crer — e não creio que ninguém deste lado vos fizesse pensar por um momento — que não possa haver problemas aqui.

Sabem, há algumas almas que talvez, mal orientadas, possam dar a impressão de que, uma vez passada a passagem da morte, tudo, por assim dizer, vai ser maravilhoso. Bem, num sentido isso é verdade, porque toda a luz em todas as suas variadas formas aqui é maravilhosa, mas claro que há problemas. Há o problema da mudança, o problema da mudança dentro de si mesmo, o novo aprendizado que se tem de experienciar, o despojar, por assim dizer, de velhos pensamentos e credos, dogmas e ideias antiquados, coisas que atravancam a consciência de cada um e afetam o seu progresso.

E, claro, há muitas coisas no coração humano que têm de ser retificadas. Quero dizer, por exemplo, ninguém, imagino eu, se for minimamente humano, pode vir para aqui sem olhar para trás para a existência terrena sem certos arrependimentos em relação, talvez, à sua atitude mental ou à sua ação no que diz respeito, talvez, a certos membros da sua família ou amigos. Todos cometemos erros.

E, claro, temos dor no coração em relação aos pontos em que falhámos, mas estas coisas passam depressa. E este é um mundo de amor e perdão. Este é um mundo de compreensão e de busca por maior experiência e maior compreensão.

E assim, gradualmente, deitamos fora, por assim dizer, o pior de nós mesmos, e subimos nos mares em direção à luz com novo conhecimento e nova experiência, e despojamo-nos de todo o pior de nós mesmos. E esta é a alegria: de esfera em esfera, de plano em plano, de experiência em experiência, de conhecimento a maior conhecimento e maior perceção. E assim é que somos, por assim dizer, embora em vários níveis de consciência, todos parte do grande todo.

Esta é a alegria: que somos todos irmãos e irmãs, dispostos a guiar e a ajudar-nos uns aos outros, dispostos a elevar onde possível, fazendo tudo o que está ao nosso alcance, aprendendo a ser pacientes — como de facto muitas vezes devemos ser, particularmente quando descemos à terra e vemos um simulacro de vida. E é um simulacro. Há tanto que é bom em todos, e há tanto que queremos retirar que não é bom.

Queremos mostrar às pessoas a verdade, dar-lhes força para que possam trilhar o caminho da luz, para que possam trilhar o caminho da iluminação, para que possam, por assim dizer, pôr de lado os seus fardos de materialismo; para que possam ver o verdadeiro valor e apreciá-lo, e tornar possível crescer e expandir-se mental e espiritualmente enquanto ainda estão na carne, para que o mundo possa ser mudado e verdadeiramente possa haver fraternidade entre os homens e paz. Este é o nosso grande desejo: que possamos tirar do homem essa parte pior, para que ele possa ver essa verdade e essa luz que o iluminarão através da sua experiência; para que ele possa, de facto, quando chegar a altura de moldar o físico e o material, erguer-se, por assim dizer, livre e enobrecido, sem quaisquer medos ou dúvidas, cheio de força e luz, para que possa seguir em frente para maiores verdades e maior conhecimento e maior experiência. Verdadeiramente, quando venho e falo, como faço a pessoas como vós, é uma grande alegria.

E a alegria ainda maior é saber que nesta era moderna tendes tais máquinas que podem tornar possível que a voz de alguém como eu seja ouvida por milhares de pessoas em todo o vosso mundo; que, por esta máquina notável de conquista na investigação científica, possais tornar possível que o que vos digo em privado, ou o que outros possam dizer em privado, outros do vosso lado possam ouvir tal como se estivessem na sala convosco. Este é um grande passo em frente, não é? De facto, é uma coisa maravilhosa pensar que podemos chegar a milhares de pessoas que, se estiverem preparadas para se sentarem e ouvirem e aprenderem, podem aprender e conhecer a nossa verdade cada vez mais, que podem participar tal como vós participais nesta conversa.

Este é um grande feito, não é?

Interlocutor: É, sim.

Charles de Bray: Verdadeiramente, minhas irmãs, é uma grande alegria vir. Se ao menos nós... Sabem, dizem-me que vinde ocasionalmente assim e podemos talvez trazer todo o tipo de pessoas interessantes que podem vir e falar convosco e, conhecendo-vos, dareis a outros a oportunidade de ouvir.

Este é um grande passo em frente. Estou tão feliz e radiante com isso. Oh, devo ir. Caso contrário, ocuparia demasiado do vosso benefício. Esta é uma oportunidade tão maravilhosa. Não se consegue resistir, sabem. De

qualquer forma, abençoadas sejais ambas e o vosso pequeno grupo. A paz esteja convosco. Adeus.

Interlocutor: Cenário extraordinário, não é? Há um futuro, eu sei, para vos falar de modo a que possais usar a máquina — sabem, como lhe chamam — o technicolor. Sim, sim. Para que outros pudessem escutar e ouvir.

Charles de Bray: É sempre um prazer vir. Estou tão satisfeito e tão feliz por estar aqui hoje. Amo-vos a todos. Amo-vos ainda tanto. Não sei se vou conseguir.

Interlocutor: Sim, eu acredito em si.

Charles de Bray: Está bem. Podes voltar outra vez. Obrigado. Sim. Todos nós. Não consigo falar mais.

Interlocutor: Não, vou morrer de stress. Quero ir para a cama. Sim, Deus te abençoe. Adeusinho. Sim, adeus. Adeus, querida, obrigado. Adeus, adeus. Ver-te-ei, prometo. Está bem. Tempo precioso. Sim, tempo precioso. Precioso. O Pai Natal pode vir. Sra. Sandy Man. Oh, adeus. Adeus. Oh, vais-te embora? Oh, que cenário extraordinário. É incrível. Foi mesmo. Mas quero dizer, foi tão diferente, sabem, não é o tipo de... não se teve o...

SESSÃO PARA EVELYN LAYE (BOO)

Esta sessão com Evelyn Laye (Boo), gravada a 29 de dezembro de 1978, ocorre pouco tempo após a transição de um amigo próximo chamado Harry. O tom da conversa mistura a habitual irreverência do Mickey com validações precisas sobre eventos recentes, como o dia de Natal e a situação dos bens deixados pelo falecido.

29 de Dezembro de 1978

INTRODUÇÃO: Não o faças numa pequena, faz nessa máquina; eu tenho uma dessas. Esta sessão foi gravada a 29 de dezembro de 1978, médium Leslie Flint. Mickey? Mickey? Ouviste-o mexer-se? Mickey.

MICKEY: Sim, achei que sim. Mickey. Sim. Vamos lá agora. É o Harry? Não, sou eu.

EVELYN: Oh, és tu, doçura, que bom vires. Como estás?

MICKEY: Estou bem. Como estás tu, Boozy?

EVELYN: Estou bem, e tu?

MICKEY: Tudo bem. Não sei, não quero que fiques desiludida, acho eu. Faço o que posso dadas as circunstâncias. Consegues ouvir-me?

EVELYN: Sim.

MICKEY: Estão aqui várias pessoas, incluindo a tua mãe e o teu pai, e também o Frankie.

EVELYN: Oh, querido.

MICKEY: E, hum, conhecerias alguém chamado Pa? Chamado o quê? Pa. Há um homem aqui, e ele diz que o nome dele é Pa.

EVELYN: Pa?

MICKEY: Sim, e não quero dizer que é o "papá" ou pai, mas o apelido dele era Pa. P-A-R-R.

EVELYN: Não me consigo lembrar.

MICKEY: Não, bem, não importa, porque está aqui uma multidão autêntica. Hum, senta-te bem. Pessoas de quem não me lembro de alguma vez ter visto antes, no que te diz respeito. E alguns destes são recém-chegados.

EVELYN: Exato.

MICKEY: E, hum, está aqui um homem. Espera um minuto. Harry. Exato. Esse é aquele em quem estás mais interessada. E também está aqui outro homem chamado Charles. Hum. Sim. Mas ele já cá está há um bocado

mais de tempo, creio eu. Oh. Não tenho a certeza disso, mas, hum, há vários recém-chegados. E, hum, a tua mãe, ela é bastante autocrática, não é?

EVELYN: Ela é.

MICKEY: Ela pensava que era a Rainha Mary, acho eu. Bem, não quero ser indelicado, mas ela é toda uma personagem. E ela está a tentar dizer-me coisas, e está a tentar pô-los todos em linha.

EVELYN: A sério?

MICKEY: Sim. A única coisa que eu quero, se puderes, é perguntar ao Harry — bem, ao homem que se chama Harry —, pergunta-lhe se ele está preocupado, de alguma forma, com o estado das coisas que deixou para trás. Porque ele não deixou, tanto quanto eu saiba, um testamento.

EVELYN: Bem, sim, ele disse que tinha feito um testamento algum tempo antes, mas que o tinha destruído. Ah. Mas ele tinha a intenção de fazer outro.

MICKEY: Ah, mas ele não deixou testamento.

EVELYN: Mas não deixou, não.

MICKEY: É isso que eu quero saber. E ele não tinha assim tanto para deixar, pois não?

EVELYN: Não.

MICKEY: E quanto a um piano?

EVELYN: Sim.

MICKEY: Ele tinha um piano?

EVELYN: Sim.

MICKEY: Hum, espera um momento. Hum, quem é a Desi?

EVELYN: Ela é minha amiga.

MICKEY: Ele está a falar da Des. Eu sei, ele costumava tocar para ela. E ele diz que costumava tocar muito, e ela costumava praticar com ele.

EVELYN: Exato.

MICKEY: E, hum, hum, ele tinha problemas de estômago.

EVELYN: Sim.

MICKEY: E ele tinha muita dor.

EVELYN: Sim.

MICKEY: Que se desenvolveu subitamente.

EVELYN: Sim.

MICKEY: E ele disse que tentou contactar alguém, mas ele, hum... ele não conseguiu. Disse que não conseguiu chegar lá a tempo.

EVELYN: O que queres dizer com isso?

MICKEY: Ah, a úlcera rebentou, e não sei o que lhe aconteceu. Nós descobrimos que ele tinha passado para cá. Uns dois dias, creio eu, depois de ele ter partido. Ele tinha sido casado, então? Tinha sido casado?

EVELYN: Não que eu saiba.

MICKEY: Bem, espera um momento. Senta-te e eu dir-te-ei. Bem, ele está a falar de alguém, e está a falar do Charles. E as lembranças da Cyndi são para o Charles. Sim, isso é o... e para serem casados. E, hum, também para a Floss, Flo. Sim. E também para a Tabby. Quem é a Tabby?

EVELYN: Não sei. Ele fez-me uma amiga dele, uma amiga mulher dele. Oh.

MICKEY: Bem, espera um momento. Vou ver se consigo melhorar a minha prestação. Espera aí.

EVELYN: Tu estiveste muito bem.

MICKEY: "Melhorar a minha prestação".

EVELYN: Estiveste muito bem.

MICKEY: Não, mas, hum, tu dizes que ele nunca foi casado.

EVELYN: Tanto quanto eu saiba, não. Não sei.

MICKEY: Mas enfim... Espera um momento. Agora, espera um momento. Deixa-me fazer as coisas à minha maneira. Senta-te e eu dir-te-ei. Hum, ele diz que veio ver-vos a todos no dia de Natal.

EVELYN: Sim.

MICKEY: E ele esteve contigo no dia de Natal.

EVELYN: Sim.

MICKEY: E, hum, vocês jantaram?

EVELYN: Sim.

MICKEY: Em vez de almoçarem.

EVELYN: Sim.

MICKEY: Vocês tiveram a vossa refeição principal no dia de Natal à noite.

EVELYN: Sim.

MICKEY: Porque ele disse que estava lá quando vocês jantaram. E, hum, eram cinco?

EVELYN: Não, mais de cinco.

MICKEY: Bem, por que é que ele está a falar de cinco? Hum, havia cinco pessoas a pernoitar na casa. Acho que uma, duas, três, quatro. Não? Espera um momento. Hum, há uma razão pela qual ele está a falar do número cinco. Definitivamente, sim. Vocês eram muito mais para o jantar.

EVELYN: Sim, talvez fôssemos.

MICKEY: Mas, hum, ele está a falar de cinco. E não se refere ao jantar. Ele está a falar de cinco como um número. Um, dois, três. Espera um minuto. Um, dois, três, quatro, cinco. Sim? Cinco pessoas a pernoitar realmente na casa nessa noite.

EVELYN: Uh, bem, sim. Um, dois, três, quatro, cinco. Sim, está certo.

MICKEY: E por que é que ele está a falar do cão? Bem, o cão. Alguém tinha um cão, não tinha?

EVELYN: Sim, eles têm um cão. Dois cães. Eram três cães.

MICKEY: Bem, espera um momento. Ele diz que o cão o viu. Sabes se um dos cães se comportou de forma um bocado estranha? Talvez não te lembres. Um chama-se Tommy. Espera um momento. E, hum, há um cão por quem ele parece estar muito atraído. Não que ele não te ame. Elizabeth. E ela é muito tipo, hum, fofinha e tipo, hum...

EVELYN: Exato.

MICKEY: E ela faz festas às pessoas. E ela é muito doce. E ela diz que acha que o viu. Uh, espera um momento. Oh, sinto muito. O que é que te aconteceu? Oh, sinto muito. E ele também me está a dizer que conheceu alguém chamado Bob. B-O-B, Bob.

EVELYN: Sim.

MICKEY: Aqui deste lado.

EVELYN: Sim.

MICKEY: E várias pessoas que ele costumava conhecer e que eram amigos dele. E ele conhece o Frankie.

EVELYN: Sim.

MICKEY: Hum, eles conheciam-se na Terra, então?

EVELYN: Sim.

MICKEY: Porque ele diz que eles conheciam a sua velha amizade. E, hum, ele diz que o Frankie o ajudou. E, hum, eu sei que não devia dizer isto, mas vou dizê-lo. Havia uma senhora por quem ele não tinha grande apego que era do negócio teatral. E ele às vezes costumava, bem, ele não era um homem indelicado, claro. Mas ele não tinha muita paciência para esta senhora. E ela também o encontrou quando ele passou para cá. E ele ficou um bocado surpreendido. Mas ficou muito grato. Porque ela costumava ser um bocado avassaladora, como ele diz. Uh, espera um momento. Ele diz: "estas velhas raparigas da Gaiety duram para sempre". Ah ah ah ah ah. Sabes o que ele quer dizer?

EVELYN: Sim, sei.

MICKEY: Oh. Espera um momento. Esta senhora, sabes se ela alguma vez tentou fazer com que ele tocasse piano para ela?

EVELYN: Isso eu não saberia.

MICKEY: Oh, talvez não soubesses. Qual era o nome dela? Sabes o nome dela? Espera um momento. Ele diz que eles, todo o grupo deles, ele disse que não teve realmente nenhum problema. Bem, ele disse: "ao início fiquei um bocado perplexo". Mas disse: "estava rodeado de tanta gente". E ele parece sentir que o Frankie o ajudou imenso. Porque o Frankie compreendia. Mas também outras pessoas que tu não conhecerias, talvez. Ligadas à família dele. Embora eu ache que ele não tinha muito a ver com certos membros da sua família. Talvez não soubesses sobre isso, o lado pessoal. Ele era a "ovelha negra" (odd man out) na família dele?

EVELYN: Acho que era capaz de ser. Não tenho a certeza absoluta. Eu não sabia muito sobre a vida privada dele.

MICKEY: Ele alguma vez teve algo a ver com as Midlands?

EVELYN: Ele o quê?

MICKEY: Alguma vez teve algo a ver com as Midlands?

EVELYN: Não sei. Pode ter tido. Ele viajava imenso com a Desi, vês.

MICKEY: Oh, e ele diz: "nós costumávamos fazer estas viagens juntos". E ele diz: "eu sei como ela sente a minha falta". Mas ela vai superar isso. E ele quer apenas que ela continue. E que não fique deprimida por causa dele. E ele diz para ela tirar as coisas dela de vez em quando. E para não as deixar simplesmente lá paradas. E que elas serão cuidadas.

EVELYN: Sim.

MICKEY: Mas ele tem várias coisas pertencentes a ela. Ela vai recebê-las de volta?

EVELYN: Vai sim.

MICKEY: Porque ele diz que tinha a intenção de devolver certas coisas. E há alguns manuscritos. E ele diz que ela pode vir a precisar deles outra vez. Embora ela provavelmente ache que não. Por que é que ele se está a rir de uma peruca?

EVELYN: Não saberia dizer.

MICKEY: Tens a certeza?

EVELYN: Absoluta.

MICKEY: Havia alguém naquela festa que estivesse a usar uma peruca?

EVELYN: Não, acho que não.

MICKEY: Oh, tudo bem.

EVELYN: Não que eu saiba.

MICKEY: Há uma multidão de pessoas. Eu sei que estás interessada principalmente num ou dois. Mas seria muito errado da minha parte ignorar outras pessoas que se deram ao trabalho de vir. Mas está aqui uma senhora muito bonita, bastante simpática. E ela diz que tu podes ficar surpreendida, mas ela deseja ser lembrada. E diz que o seu nome é Ivy Tresmond. E ela conheceu-te lá atrás, nos anos 20. É um nome de apelido duplo. É muito difícil voltar aos anos 20.

EVELYN: Bem, tu não és assim tão velha.

MICKEY: Oh, não sou? Já passámos por toda essa conversa antes, querida.

EVELYN: Bem, não aparentas. Conservas-te bem, não conservas?

MICKEY: Trato muito bem de mim para isso.

EVELYN: Tu tens vários anos à tua frente ainda.

EVELYN: Oh, disseste-me isso da última vez, Mickey. Eu não os quero.

MICKEY: Bem, não deves dizer isso. Não deves pensar assim. Eu sei e compreendo por que o dizes e por que o pensas.

MICKEY: Mas tu ainda não acabaste. E ainda tens mais algumas coisas para fazer. E elas podem não te parecer importantes, mas são. Oh, bem. Comeste demasiadas tartes de carne moída (mince pies)? Não sejas tonta, Mickey. Agora, por que haveria eu de comer imensas tartes? É "salsicha tonta". Não temos tartes de carne aqui. E talvez algumas pessoas, num dia de espírito e ideia das coisas, pensem, sabes... mas esse tipo de coisas não me importa. Tu és engraçada, tu és. Tu és todo um caso, não és? Eu bem te disse, Boozy.

EVELYN: Sim.

MICKEY: Embora talvez não devesse chamar-te Boozy, se tu adoras isso.

EVELYN: Não, não sou [beberrona], a sério. Estou em abstinência (on the wagon).

MICKEY: Porquê?

EVELYN: Bem, quero perder um bocado de peso e não acho que seja bom para a minha voz. E quero que a minha voz esteja melhor, mais forte.

MICKEY: Não há razão para que não esteja. Sabes, para... bem, acho que tu és extraordinária.

EVELYN: Obrigada.

MICKEY: O que vais fazer com o teu retrato?

EVELYN: Com o meu quê?

MICKEY: Retrato.

EVELYN: O meu retrato. Não o vou deixar onde está. Tu viste-o da última vez. O que achas do do Leslie (Blesley's), Mickey? Estou muito grata ao Mickey por ter encontrado o Harry. Sim? Quem é esse, Ruby? É uma voz masculina. Sim?

FRANK LAWTON (?): Olá, amigos. Sois muito bem-vindos.

EVELYN: É o Frank Lawton?

FRANK: Suponho que, quando uma pessoa ganha o hábito de falar desta maneira, não é muito mau. Mas, na verdade, estou a esforçar-me ao máximo para dizer algumas palavras, mas não tenho bem a certeza se me conseguem ouvir.

EVELYN: Consigo agora. Bom Deus, como estás? Qual é o teu nome? Não me consegues ouvir? Eu não consigo ouvir.

MICKEY: Ele disse: "Bom Deus, como estás?".

EVELYN: Eu sei. Exato. Alguém está a chamar pela Boo. Sim. Quem é? Poderia repetir isso, por favor? Acho que eles estão com dificuldade devido à atmosfera. Alguém está a dizer: "Olá, querida".

EVELYN: Olá? Essa é a Ruby. Sim. Oh, meu Deus, finalmente. Oh, estou tão contente. Consegues ouvir-me? Sim, consigo. Não te preocupes com isso. Tudo bem. Oh, estou contente. Vocês têm toda a razão. Oh, ótimo. Não te preocupes. Está tudo bem. Bem, vamos... eu apenas... Anda lá, Charles. Sim? Envia-lhe isto. Eu enviarei. E todo o meu amor para ti, querida. E um Natal muito, muito feliz. Feliz Ano Novo. E... não te preocupes, querida. Estamos todos a velar por ti. O Frank está feliz. O Frankie envia todo o seu amor. Oh, sim, de facto. E todos nós manteremos o teu espírito elevado, querida. Abençoada sejas.

BUCKBUSTER (?): Caramba, esperei por ela durante muito tempo. Na verdade, se me perguntares, está tudo muito bem para algumas pessoas, sabes. Suponho que elas sejam mais a favor de todo este negócio, sabes. Tentar falar através desta "caixa" está tudo muito bem. Suponho que, como a maioria das coisas, é uma questão de nos habituarmos. Claro, tu provavelmente não te lembrarias de nada sobre mim. Por que haverias de te lembrar? Mas eu acho isto tudo muito interessante e, ao mesmo tempo, um bocado irritante, tentar falar através desta maldita coisa a que suponho que uma pessoa se acabe por habituar. Não é assim tão mau. Porque eu sei tudo sobre ti.

EVELYN: Sabes? Tu estás a sair-te muitíssimo bem. Esta é a tua primeira vez. Consegues ouvir o que estou a dizer?

BUCKBUSTER: Sim, absolutamente.

EVELYN: Quem temos o prazer de ouvir? Oh, anda lá, diz-me o teu nome.

BUCKBUSTER: O meu nome é Buckbuster.

EVELYN: Oh, nós nunca nos conhecemos. Oh, conhecemo-nos uma vez?

BUCKBUSTER: Sim, conhecemo-nos, há eras. Digo-te uma coisa... embora deva admitir que acho esta maldita coisa um bocado maçadora. Digo-te, vou dizer-te uma coisa.

EVELYN: O quê?

BUCKBUSTER: Almocei no Buck's no outro dia.

EVELYN: Almoçaste?

BUCKBUSTER: E foi absolutamente maravilhoso. Homem, dá lembranças minhas a toda a gente.

EVELYN: Darei.

BUCKBUSTER: Quando eu apanhar o jeito desta maldita coisa, quando tivermos uma conversa inteligente, como parece ser contigo. Bem, é o meu... Frankie Broughton, na verdade. Sim? Enfim, cuida-te. Tenho de ir. Adeus. E muito amor para ti. Vejo que te esqueceste.

EVELYN: Não sei. Conheces o homem? Sim, conhecemo-nos uma vez. Sim, o marido da Clarence Cooper. Onde? Buckbuster. Ela ainda está deste lado? Não, ela está do outro lado. Eu perco-me com toda esta gente. O que aconteceu? Não sei. Na verdade, estávamos todos lá para receber a Fay. Oh, sim. Eu digo, estávamos todos lá para receber a Fay. Fay Compton.

EVELYN: A Fay? Oh, fico feliz por isso. Ela está bem?

MICKEY: Estará, eventualmente. Sim. O que é que significa "upstaging" (ofuscar/roubar a cena)?

EVELYN: Oh, bem, tu estás a ofuscar-me neste momento.

MICKEY: Não, não estou. Eu não me atreveria a fazer tal coisa. Além disso, não haveria razão para uma senhora simpática como tu ser ofuscada, pois não?

EVELYN: Não sei.

MICKEY: Mas aquele homem, ele disse algo sobre alguém estar a ofuscar.

EVELYN: Bem, não sei. "Upstage" significa que não ficas no mesmo nível da pessoa com quem estás a contracenar. Ficas numa posição recuada no palco para que eles tenham de olhar para trás e não consigam olhar para a audiência. Isso faz sentido para ti?

MICKEY: Oh, por outras palavras, eles ficam com mais destaque (limelight).

EVELYN: É isso mesmo, minha querida.

MICKEY: Bem, tu tiveste a tua quota-parte, não tiveste? De facto. Quero dizer, tiveste mesmo. Porque tu costumavas janotar-te toda e descer aquelas escadarias com um aspeto todo glamoroso. Achas que vou ter mais algumas oportunidades?

MICKEY: Sim, definitivamente. Mas, sabes, acho que te estás a tornar um bocado exigente.

EVELYN: Oh, credo. Bem, tenho de ser. Quero dizer, está tudo muito bem, mas quer dizer, não penses...

MICKEY: Bem, talvez não devesse dizê-lo, provavelmente vais resmungar comigo, mas acho que às vezes devias aceitar certas coisas que possas pensar que não mostram muita promessa, quando na verdade poderiam mostrar.

EVELYN: Eu tenho um plano, Mickey.

MICKEY: O que é isso?

EVELYN: Oh, eu tenho de te contar. Por que não? Não achas que eu devia saber? Sim.

MICKEY: Agora, consigo ver-te a fazer algo, e é como se estivesses a atuar como mestre-de-cerimónias (compere).

EVELYN: Exato! E vai acontecer muito em breve. Acertaste em cheio.

MICKEY: E o Frankie diz que está contente por ires fazer isso porque diz que é bom para ti e que será interessante, e ele diz que isso abre caminho para algo melhor no futuro. Ele está muito contente com esse trabalho de mestre-de-cerimónias que vais fazer. Tu és uma maravilha.

EVELYN: Bem, e tu sabes o que me dizem. E tu não revelas muito. És prestável.

MICKEY: Mas eu consigo obter toda a informação que quero do Frankie e de alguns dos outros "tipos estranhos" (oddbods). E quanto àquela senhora que está na Gaiety, bem, ela conta-me bastante sobre ti porque ela está do teu lado, sabes, a cuidar de ti, a velar por ti.

EVELYN: Está?

MICKEY: Ela era a tua mentora. Ela é uma querida. Sim, ela é fantástica. Ela é um amor. Ela costumava vir falar contigo e era fantástica. Sim, não, eu conheço-a porque ela era uma verdadeira senhora. Oh, espera um momento. Está aqui alguém chamado White, que quer ser lembrado por ti.

EVELYN: James?

MICKEY: Ele tinha uma obsessão por cavalos. Sim. Conhecias-o muito bem?

EVELYN: Sim.

MICKEY: Porque ele diz que nunca te apanhou para o lado dele. O que é que ele quer dizer? Bem, eu estava a ficar... não sei se devia perguntar, mas...

EVELYN: Não, não devias.

MICKEY: Ele diz que costumava conseguir o que queria, mas diz que é doido por cavalos.

EVELYN: Eu sei. E era o Jimmy.

MICKEY: Jimmy? Estás a falar do Jimmy White? Mas havia outro Jimmy em mente. Oh, espera um momento. Fizeste algo com um homem... Está aqui um tipo que era pugilista. Sabes algo sobre um pugilista que morreu?

EVELYN: Estou a tentar pensar. Jimmy Wilde?

MICKEY: Bem, é um homenzinho. Não é um homem grande. Jimmy White. E ele diz que também é Jimmy. Sim. E diz que te conhece.

EVELYN: Exato.

MICKEY: Não bem, mas diz que deseja ser lembrado. Vês, o Ano Novo está aí a chegar e eles estão todos a reunir-se, percebes. Para vos desejar a todos um Ano Novo muito feliz e muitos, muitos, muitos beijos e bênçãos. E ver-te-ei quando tudo voltar da América. Mas gostaria que tivesses em mente que estás a ser cuidada e que não tens nada com que te preocupar. A tua saúde está bastante boa e também as oportunidades estão a surgir, lenta mas seguramente. E este trabalho de mestre-de-cerimónias... é a tua cara. Estás a sair-te extremamente bem. Vais conhecer algumas pessoas interessantes e isso abrirá outras portas. Por isso, não te preocupes.

EVELYN: Obrigada, Mickey. E um Ano Novo muito feliz.

MICKEY: E que Deus te abençoe. Adeus.

EVELYN: Deus te abençoe. Tem uma boa noite.

Notas:

Data e Contexto: A sessão ocorre logo após o Natal de 1978. O comunicante principal, Harry, morreu subitamente devido ao rebentamento de uma úlcera, cerca de dois dias antes de ser descoberto.

Provas Específicas: Mickey identifica o número exato de pessoas que pernoitaram na casa (cinco), o facto de o jantar de Natal ter sido à noite, e a reação de um dos cães (Elizabeth) que parece ter visto o espírito de Harry.

Ivy Tresmond (1898–1980): Mickey menciona esta atriz de comédia musical, contemporânea de Evelyn Laye, que deseja ser lembrada dos tempos dos anos 20. (Nota: Embora ela tenha morrido em 1980, na gravação Mickey parece estar a introduzi-la ou a referir-se a alguém do círculo teatral já partido).

O "Adeus" de Harry: Harry envia mensagens para a sua amiga e parceira de trabalho, Desi (provavelmente a atriz Desirée Ellerby), mencionando manuscritos e o facto de Frankie (Frank Lawton) o ter ajudado na transição.

Tratamento: O tratamento por "tu" entre Mickey e Evelyn mantém a nota de carinho e familiaridade desta longa relação mediúnica.

Profecia Profissional: Mickey acerta na previsão de que Evelyn Laye iria atuar como mestre-de-cerimónias (compere) em breve, algo que o seu marido Frank Lawton, do "outro lado", apoiava como um passo para projetos maiores.

Fay Compton (1894–1978): A menção à receção de Fay Compton é um ponto de evidência temporal fortíssimo. Fay Compton, uma das maiores atrizes britânicas e amiga de Evelyn, tinha falecido a 12 de dezembro de 1978, apenas 17 dias antes desta sessão.

Jimmy White: Refere-se possivelmente ao financista e entusiasta de cavalos de corrida James White, ou ao pugilista Jimmy Wilde ("The Mighty Atom"), demonstrando a mistura de figuras do desporto e da alta sociedade que orbitavam o círculo de Evelyn Laye.

Upstaging: Uma lição técnica de teatro dada por Evelyn a Mickey, ilustrando a inversão de papéis onde a assistente educa o guia sobre termos da sua profissão.

Saúde e Longevidade: Mickey reforça que Evelyn (então com 78 anos) ainda tinha "vários anos à sua frente". Ela viveu, de facto, até aos 96 anos (1996).